COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS — F. T. D.

CURSO DE INSTRUÇÃO RELIGIOSA

PARA USO
DOS CATECISMOS DE PERSEVERANÇA, DAS CASAS DE EDUCAÇÃO E PESSOAS DO MUNDO

POR
Monsenhor CAULY
VIGÁRIO GERAL DE REIMS

Honrado com um breve de S. S. o Papa Leão XIII

TOMO II
HISTORIA
da Religião e da Igreja

A obra completa, consta de 4 tomos, independentes um do outro

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
PAULO de AZEVEDO & Cia., Ltda.

166, Rua do Ouvidor — Rio de Janeiro | 292, Rua Líbero Badaró — São Paulo | 655, Rua Rio de Janeiro — Belo Horizonte

Preço dêste volume: Cr $ 30,00

CURSO

DE

INSTRUÇÃO RELIGIOSA

HISTORIA

DA RELIGIÃO E DA IGREJA

IMPRIMA-SE

São Paulo, 11 de fevereiro de 1913.

† DUARTE, *Arceb. Metrop.*

CURSO

DE

INSTRUCÇÃO RELIGIOSA

PARA USO

DOS CATECISMOS DE PERSEVERANÇA,
CASAS DE EDUCAÇAO E FAMILIAS

POR

Monsr CAULY

Obra honorada por un breve de S. S. Leão XIII

E APROVADA

por S. E. o Cardinal Langenieux, arcebispo de Reims

HISTORIA
da Religião e da Igreja

LIVRARIA FRANCISCO ALVES E C^a

166, Rua do Ouvidor
RIO DE JANEIRO

65, Rua de S. Bento
SÃO PAULO

BELLO HORIZONTE, *Rua da Bahia 1055.*

CURSO

DE INSTRUCÇÃO RELIGIOSA

PRIMEIRA PARTE

HISTORIA DA RELIGIÃO

LIÇÃO PRELIMINAR

I. Objecto desta historia. — II. Divisão geral. — III. As fontes da historia sagrada. — IV. O theatro das divinas Escripturas.

I. *Objecto da historia da Religião.* — A Religião, segundo o explica santo Agostinho, une o homem a Deus. A historia da Religião deve portanto ser a narração das communicações de Deus com a humanidade, desde a origem do mundo até a época em que estamos. Deus é um, e a verdade religiosa é uma, como o seu autor. Por isso, ella não muda ; somente póde aperfeiçoar-se, e, na verdade, Deus quiz que realmente ella fosse um progredir continuo ; a palavra de São Paulo, porém, fica sempre verdadeira : « Não ha sinão um unico Senhor, uma unica fé religiosa. » (*Eph.* IV, 5.) Porquanto os historiadores da Religião e da Igreja consideram a creação do homem como sendo o inicio da Religião christã e catholica. De facto, a verdadeira Religião consiste essencialmente em adorar um só Deus, creador do universo

e em accreditar no Redemptor da humanidade. Esta fé, que forma o fundo do christianismo, sempre tem sido a parte principal do culto verdadeiro, e o meio necessario para alcançar a salvação ; ella remonta até a promessa que foi dada a Adão, logo depois do seu peccado. As gerações que precederam a vinda do Salvador, esperavam este Salvador e, pela pratica da Religião que o anunciava, ellas se preparavam ao seu advento ; as que seguiram a Incarnação acreditam no Messias, e só podem ter parte na sua Redempção pela fé nos seus ensinos e a obediencia aos seus preceitos : aí está toda a Religião.

II. *Divisão geral da historia da Religião.* — Todavia, com este titulo : *historia da Religião*, contemplamos mais especialmente os tempos decorridos desde o começo do mundo até Jesus Christo, ou melhor, até o fim completo da sua missão pessoal que coincide com a ruina de Jerusalem e do templo e põe termo á religião mosaica pela dispersão dos Judeus. Os factos religiosos ulteriores formam a *historia da Igreja.* A historia ecclesiastica, com effeito, considera a Igreja na sua origem, e nos dá a conhecer a sua marcha atravez dos seculos, desde a descida do Espirito Santo sobre os Apostolos até os nossos dias.

Quanto á historia da Religião, dividil-a-emos em tres partes, correspondentes ás tres grandes épocas da historia do povo de Deus, e ás tres principaes manifestações da verdade religiosa. Deus, que concebêra desde toda a eternidade, o plano de uma religião digna de sua sabedoria infinita, marcou, como que tres estadios na revelação que della fez ao mundo.

Houve, primeiro, uma *Religião primitiva*, constando das mais puras noções da lei natural e das primeiras revelações que Deus houve por bem fazer a Adão e depois aos patriarcas até Moysés, do anno de 4004

até 1491 (1) (ou 4963 até 1645) antes de Christo : será o objecto de um primeiro estudo, com o titulo de *Religião primitiva* ou *Lei da natureza.*

Depois, no intuito de levar a effeito as suas promessas, de trazer o seu povo na terra de Chanaan, e de escolher uma nação fiel, que havia de guardar os principios da verdadeira Religião, Deus enviou Moysés e lhe transmittiu sua lei. Elle exarou na pedra os dez mandamentos, confiando a Moysés a tarefa de explical-os. O Legislador obedece e escreve para os vindouros a relação das suas communicações com o Altissimo. Os historiadores sacros continuam-lhe o trabalho ; os prophetas ali trazem igualmente os seus ensinos e a este conjunto dá-se o nome de *Religião mosaica*, tambem chamada *Lei escripta*. O estudo della formará uma segunda parte, que abrangerá de Moysés a Jesus Christo, desde 1491 (1645) até a era christã.

Emfim, cumpridos os tempos, e quando o mundo, por quatro mil annos, teve experimentado a sua desgraça e a muita necessidade que tinha de um Salvador, Deus manda á terra seu Filho unico, Nosso Senhor Jesus Christo. E' a luz que deve alumiar todo o homem vindo neste mundo : elle fala, elle nos communica uma Religião inteiramente divina ; elle aperfeiçôa as crenças, a moral, o culto ; deixa ao genero humano o legado immortal desta doutrina sublime que ha de durar até o fim dos seculos : é a *Religião christã* ou *Lei evangelica*. O exame attento e demorado que ella exige, faz o objecto de uma terceira parte, resumindo a vida e os ensinos de Nosso Senhor, proseguindo na investigação historica até a dispersão do povo judeu, facto que terminará a *historia da Religião*. (Do anno 1 até 70 da era christã).

(1) No que respeita a chronologia, para o leitor não ter duvidas ou incertezas, sempre colocaremos junto á data da chronologia vulgar, que segue Bossuet, outra data posta entre parenthesis : é a da chronologia benedictina, geralmente admittida nas Universidades.

Por entre estas peripecias, é a mesma Religião que avança e se desdobra. « Uma mesma luz, diz Bossuet, aparece em toda a parte ; desponta com os patriarcas ; augmenta com Moysés e os prophetas ; Jesus Christo, maior que os patriarcas, mais autorizado que Moysés, mais ilustrado que todos os prophetas, nol-a mostra em toda a sua plenitude. » E' esta Religião que a Igreja recebe das mãos do Filho de Deus, e que ella terá de transmittir até o fim dos tempos, alumiando-a com commentarios e difinições, conforme as necessidades dos differentes tempos.

III. *As fontes da historia sagrada.* — A historia da Religião tem as fontes nos livros sagrados que chamamos a *Escriptura sagrada.* Com este nome, designam-se os escriptos deixados pelos homens inspirados por Deus. Constituem a *Biblia*, ou o livro por excellencia. A Biblia abrange o *Antigo* e o *Novo Testamento.*

O *Antigo Testamento* encerra todos os factos da historia sagrada que se deram desde a creação do homem até Jesus Christo. Vêm narrados nos livros inspirados escriptos antes da vinda do Salvador.

São quarenta e cinco os livros do *Antigo Testamento* e dividem-se em livros *historicos*, que abrangem a historia propriamente dita da verdadeira Religião ; livros *moraes*, que dão os preceitos da moral revelada; livros *propheticos*, que relatam as predições inspiradas por Deus aos homens chamados prophetas.

Os livros *historicos* são : o *Génesis*, o *Éxodo*, o *Levitico*, o *Deuteronomio* e os *Numeros*. Estes cinco livros, obra de Moysés, são comprehendidos sob o nome geral de Pentateuco. Os livros de *Josué* e dos *Juizes* continuam a historia sacra debaixo do successor de Moysés e debaixo dos chefes que, por quatro seculos, governaram a nação em nome do Senhor, 1451-1095

(1645-1080) antes de Christo. Os quatro *livros dos Reis* relatam os successos ocorridos nos reinos de Israel e de Judá, desde o advento de Saul até o cativeiro de Babylonia, 1095 até 598 (1080-588) A. C. Os dois *livros dos Paralipómenos* completam esta historia da realeza. Os dois *livros de Esdras* contam a volta do cativeiro, a reconstrução de Jerusalem e do templo (536-454. A. C.) Os dois *livros dos Machabeus* narram a libertação da Judéa sob as ordens destes principes valorosos que fizeram tremer o rei da Syria, e conseguiram, por algum tempo, restituir á sua nação o antigo prestigio. (167-135. A. C.) Emfim os livros de *Ruth*, de *Job*, de *Tobias*, de *Judíth*, de *Esthér*, são outros tantos episodios interessantes, desligados da narração historica e cuja data se acha no periodo que decorreu entre Moysés e a volta do cativeiro.

Os livros *moraes* ou *sapienciaes* são : o *livro dos Psalmos*, sendo quasi todos de David e alguns de Salomão ; os livros dos *Proverbios*, do *Ecclesiastes* e do *Cantico dos canticos*, atribuidos ao mesmo Salomão ; emfim os livros da *Sabedoria*, compendio de maximas e sentenças de um autor desconhecido, e do *Ecclesiastico* que se julga ser obra de Jesus, filho de Sirach.

Os livros *propheticos* do Antigo Testamento são em numero de dezeseis e trazem o nome dos seus autores. Contam-se quatro *grandes prophetas* e doze *menores*. Os grandes prophetas são : *Isaias*, *Jeremias*, em cujo livro se insere a prophecia de *Baruch*, discipulo e secretario delle, *Ezechiel* e *Daniel*. Os prophetas menores são : *Oseias*, Joel, Amos, Abdias, Jonas, Micheu, Nahum, Sophonias, Habacuc, Zacharias, Aggeu e Malachias. Estes prophetas todos viveram nos tempos decorridos desde a monarchia de Ozias, rei de Judá, até o regresso do cativeiro de Babylonia, succedendo-se de 800 até 454 A. C.

E' portanto destes livros do Antigo Testamento que

tiramos os documentos relativos á historia da Religião antes de Jesus Christo. O que respeita a *Religião primitiva* só se encontra no primeiro livro de Moysés, o *Gênesis*. A noção da *Religião mosaica* acha-se especialmente no *Exodo*, no *Levitico*, e no *Deuteronomio*. Mas os livros *moraes* e *propheticos* a completam vantajosamente no tocante ás regras de proceder correcto e á ideia que o povo de Israel devia conservar acerca do Messias promettido e esperado.

Quanto á *Religião christã*, achamos a um tempo sua origem, sua noção e primeira historia nos livros do *Novo Testamento*.

Em numero de vinte e sete, dividem-se estes livros, como os precedentes, em livros *historicos*, onde vemos escripta a historia de Jesus Christo e da sua doutrina; em livros *moraes*, que contêm a moral evangelica desenvolvida pelos Apostolos; ha mais um livro *prophetico* que traz predições sobre a Igreja e o fim do mundo.

Os livros *historicos* de Novo Testamento são: os quatro *Evangelhos* escriptos por são Matheus, são Marcos, são Lucas e são João. O mais antigo é o de são Matheus, escripto cerca do anno 42 de Jesus Christo; o ultimo composto é o de são João que o escreveu para o fim do primeiro seculo. — Entre os livros historicos, devem-se contar ainda os *Actos dos Apostolos*, livro escripto por são Lucas para o anno 64, em que são referidos os primeiros factos succedidos depois da ascenção do Salvador, os trabalhos e as viagens dos apostolos, especialmente de são Paulo, de quem o escriptor sacro era companheiro fiel.

Os livros moraes do Novo Testamento constam de vinte e uma *Epistolas* ou cartas dirigidas pelos apostolos ás Igrejas que tinham fundado. — Quatorze são de são Paulo e fôram enviadas do anno 52 até 66 de Jesus Christo: uma é dirigida aos Romanos; duas aos Corinthios, uma aos Galatos, uma aos Ephesos,

uma aos Philippenses, uma aos Colossos, duas aos Thessalicos, duas a Timotheu, bispo de Epheso ; uma a Tito, bispo de Creta ; uma a um personagem por nome Philemão ; e a ultima aos Hebreus. — Uma epistola é de são Thiago, composta para todo o mundo catholico. — Duas são de são Pedro, igualmente para toda a christandade. — Tres são de são João : uma devia accompanhar o seu Evangelho, e as duas ou tras são dedicadas a Electa, mãe catholica, e a Caio discipulo do Apostolo. — Emfim a ultima Epistola é de são Jude.

O Novo Testamente só tem um livro *prophetico* : é o *Apocalypse*, ou revelação de são João, escripta por este apostolo, para o anno 94, na ilha de Pathmos, onde Domiciano o tinha exilado. Ali vêm descriptas as lutas e perseguições da Igreja, assim como as scenas do fim do mundo e do ultimo juizo.

Rigorosamente falando, os quatro Evangelhos, completados pela Tradição, são as unicas fontes da historia evangelica. Os Actos dos Apostolos, as Epistolas e o Apocalypse formam antes os primeiros monumentos inspirados da *historia da Igreja.*

IV. *O theatro das divinas Escripturas* — Antes de entrarmos no assumpto da historia sagrada, não será ocioso determos a vista no paiz onde se desenrolam os factos religiosos, e onde se produzem as manifestações successivas da verdade que ha de alumiar todos os povos e todas as intelligencias.

Primeiro a Biblia aponta o centro da Asia como berço do genero humano. A Mesopotamia, situada entre o Tigre e o Euphrates devia ter sido a região do *Paraiso terreal.* Da immensa varzea de Sennaar, do pé da torre de Babel, partiram as familias que povoaram a terra.

Quando Deus escolheu a Abrahão para ser o pae dos crentes, marcou-lhe a residencia na *Terra de*

Chanaan ; é o paiz que foi chamado : *Terra promettida*, desde a vocação de Abrahão até á entrada de Josué e do povo santo nesta herança promettida aos seus antepassados ; *Terra de Israel*, depois da conquista e da divisão entre as doze tribus ; *Reino de Judá e de Israel*, depois do scisma que dividiu o imperio de Salomão. Desde o cativeiro de Babylonia até o tempo de Nosso Senhor, foi denominado *Judéa ;* nas idades christãs, *Terra santa ;* emfim os geographos designam esta mesma região pelo nome de *Palestina*, pelo apelido de uns seus antigos habitantes, os Philisteus.

Limita-se ao norte pelo *Libano* e o *Antilibano*, duas serranias que se desprendem dos montes da Syria e correm parallelas. O Libano faz frente ao Mediterraneo, sem se afastar nunca mais de sete para oito leguas da costa ; o Antilibano tem a leste as planicies de Damasco, terminando, no sul, pelos altos cumes do Grande Hermon.

Do Libano, desligam-se muitas ramificações, uma das quaes atravessa o centro da Judéa com o nome de montes de *Ephraim* e *montes de Judá*, outra forma o Carmelo, cuja extremidade septentrional penetra ao longe no mar. Outros pontos culminantes são o *Thabor*, os picos *Gelboé*, *Garizim*, *Silo*, o *Golgotha* ou Calvario, o monte das Oliveiras, a montanha de *Sião*, a de *Moriah*.

Do Antilibano, baixam os montes de *Galaad*, que ladeiam o Jordão na margem direita. Na fralda destas montanhas, desdobram-se algumas veigas, ora aridas, ora uberrimas.

A Palestina só tem um rio, o Jordão, com triplice nascente no Hermon. Depois de ter atravessado as aguas do Merom e do mar de Galiléa ou lago de Tiberiades, deslisa no lindo valle de Aulon até o mar Morto em que se lança.

O *mar Morto*, ou *lago Asphaltito*, que recebe o Jor-

dão, acha-se a um nivel muito inferior ao do mar Mediterraneo e suas praias apresentam o aspecto de uma terra silenciosa e maldita.

Antes da conquista de Josué, a *Terra promettida* era habitada por sete nações, oriundas todas de Chanaan: os Hetheus, os Jebuseus, os Amorrheus, os Heveus os Phereseus, os Chananeus e os Gergeseus. Estes povos eram idolatras e entregues aos vicios mais hediondos.

Os povos vizinhos da Terra promettida eram : ao norte, os *Pheniceus* ou *Chananeus*, que tinham escapado da conquista, e os *Cœlé-Syrios*, ou Syrios de Damasco ; a leste, os *Ammonitas* e os *Moabitas*, descendentes de Loth, sobrinho de Abrahão ; no meio-dia, os *Madianitas*, descendentes de Abrahão por Madian, filho de Cethura ; os *Idumeus*, descendentes de Esaú ou Edom, irmão de Jacob, e os *Amalecitas* descendentes de Amalec, neto de Esaú ; emfim, no occidente, no litoral, os *Philisteus*, de origem egypcia. Estes povos, em guerra longos annos com os Israelitas, foram por fim dominados ou submettidos ao imposto, pelo povo de Deus.

« Por sua posição geographica no centro do mundo antigo, em meio dos grandes imperios que deviam subjugal-o antes de serem, elles proprios, avassalados por sua vez pelo imperio romano, o povo de Deus occupava uma situação esplendida para fazer irradiar nos outros povos a verdadeira Religião, da qual era elle o guarda providencial e a qual devia conquistar o universo inteiro pelo advento de Messias que delle havia de sair (1). »

(1) Abbade Cantin, Narrações e Quadros de historia sagrada.

I

A RELIGIAO PRIMITIVA

OU LEI DE NATUREZA

4004-1491 (4963-1645) antes de J. C.

NOÇÕES PRELIMINARES

Idéa geral — Divisão deste estudo

A Religião primitiva é a que praticaram nossos primeiros paes e os patriarcas, descendentes delles, desde Adão até Moysés. Chama-se tambem ás vezes *Lei da natureza.* Isto não significa que a Religião primitiva, baseada na consciencia, somente conheceu e ensinou verdades descobertas ou entendidas pela razão humana e deveres prescriptos pela lei natural. Breve havemos de ver o contrario. Não ; mas é porque esta Religião dos primeiros tempos, em que os dogmas e os preceitos positivos são pouco numerosos, parece ser antes a expressão da lei natural que Deus gravou no coração do homem desde o principio e que fica sendo o alicerce de todas as crenças, de todos os deveres.

Temos primeiro que estudar esta Religião primitiva durante um periodo de cerca de mil e quinhentos annos, em que nada ainda havia sido escripto atinente áquillo que o homem deve crer e praticar. A conscien-

cia, o instincto natural das primeiras verdades e dos grandes principios, a tradição fielmente conservada e transmittida : taes eram os meios com cujo auxilio se aprendia e se perpetuava a verdade religiosa nesses primeiros seculos da humanidade.

Os historiadores da Religião, Bossuet primeiro, dividiram em idades differentes os tempos escoados, tendo o especial cuidado, para caracterisar cada época, de escolher a um tempo um homem celebre e um grande acontecimento para melhor despertar a attenção. Assim é que o illustre autor da *Historia universal* divide seu discurso em doze épocas, desde Adão e a creação até Carlos Magno e o estabelecimento do novo imperio. Assim tambem, a historia sagrada vem geralmente dividida em seis épocas, salientando os seis factos magnos da nacionalidade e da religião judaicas. Neste livro, seguir-se-ão estas ultimas divisões, geralmente aceitas. Tres dellas quadram com a duração da Religião primitiva : a primeira, desde a creação até o diluvio, 4004-2348 (ou 4963-3308) A. C ; a segunda do diluvio até a vocação de Abrahão, 2348-1925 (ou 3308-2296) A. C ; a terceira desde a vocação de Abrahão até Moysés, 1925-1491 (ou 2296-1645) A. C. Entretanto, já que tencionamos estudar particularmente a continuidade da Religião, demoraremos mais, nestes tres capitulos, nos nomes e factos historicos que têm, com nosso fim, uma relação mais immediata. Estes acontecimentos levar-nos-ão desde o berço do genero humano até as fraldas do Sinai, isto é, até a aurora da *Lei escripta.*

CAPITULO I

Da Creação até o Diluvio

(PRIMEIRA ÉPOCA)

4004-2348 A. C. (4963-3308)

Principio da historia sagrada — Materias deste capitulo

Na primeira pagina do *Génesis*, deparamos esta palavra : « No começo, Deus creou o céu e a terra. » E' a primeira phrase traçada por Moysés, o mais antigo dos historiadores, o mais sublime dos philosophos, o mais sabio dos legisladores. Sinão, veja-se : nos tempos em que os historiadores profanos nada têm que relatar a não ser fabulas, ou, quando muito, factos confusos e meio esquecidos, a *Biblia*, isto é, sem contestação o livro mais antigo do mundo, lembra-nos o Ser inicial e necessario que tudo fez, lembra-nos sua obra, maravilha de poder e sabedoria : a creação do universo. Presenciamos a origem do homem, a formação da primeira mulher ; ouvimos as condições postas pelo Creador para a existencia perpetua do estado de innocencia e felicidade, a sentença de condemnação pronunciada contra elles, a promessa de salvação e de redempção ; vemos finalmente as primeiras consequencias e o terrivel castigo dos peccados commettidos pela raça decaida.

Neste capitulo, faremos algumas reflexões : 1º sobre a creação em geral, e a do homem em particular ; 2º sobre a queda e os resultados que traz a respeito da Religião; sobre a historia dos primeiros homens: Caim, Abel, Seth e seus descendentes.

ARTIGO I

A creação.

I. Creação em geral. — II. Creação do primeiro homem e da primeira mulher. — III. A Religião no estado de innocencia.

I. *Creação em geral.* — No começo, Deus creou o céu e a terra. A terra estava informe e nua, as trevas cobriam o abysmo, e o espirito de Deus adejava sobre as aguas.

Deus disse : « Que a luz seja ! » e a luz foi. Então, elle separou a luz das trevas, e assim houve o dia e a noite. Este foi o primeiro dia, ou, querendo, a primeira época da creação.

No segundo dia, Deus falou : « Estenda-se o firmamento entre as aguas e as separe. » Assim fez Deus o firmamento, separou as aguas superiores das aguas inferiores, e deu ao firmamento o nome de céu.

No terceiro dia, Deus falou ainda : « Ajuntem-se as aguas que estão debaixo do céu e appareça o elemento arido. » Logo e para sempre, ficaram a *terra* e o *mar* distintos. Em seguida, mandou que a terra produzisse plantas e arvores de todas as especies, que trouxessem sementes e tivessem o poder de reproduzir-se.

No quarto dia, Deus disse : « Haja no céu corpos luminosos para separar o dia da noite, sejam elles signaes que limitem o tempo e as estações, brilhem elles no céu e alumiem a terra.

E assim Deus fez o sol, a lua e as estrellas.

No quinto dia, Deus disse : « Produzam as aguas animaes para viver no mar e povôem-se os ares de aves. » E creou os peixes, maiores e menores, todos os animaes que vivem e nadam no seio das aguas ; creou tambem todas as aves, cada uma segundo a sua especie.

Emfim, no sexto dia, Deus falou : « Produza a terra animaes vivos, cada um segundo a sua especie, animaes domesticos, reptis e bichos selvagens. » E desta forma, creou todas as especies de animaes que deviam habitar a terra.

II. *Creação do primeiro homcem e da primeira mulher* — Preparado estava o palacio ; mas na creação faltava o rei. Até então, uma palavra é quanto Deus quiz empregar para tudo crear ; ora, eis que na tarde deste sexto dia, o Creador, por assim dizer, entrou a reflectir. Adivinha-se que uma cousa maior está para se fazer. Elle disse : « Façamos o homem á nossa imagem e semelhança ; mande elle aos peixes do mar ás aves do céu, aos bichos e a todos os reptis que se movem debaixo do sol. » Então, com o barro da terra, Deus formou o corpo do homem ; bafejou nesta materia ainda inerte um sopro de vida, e o homem levantou-se, alma vivente, e Deus o nomeou *Adão*, que significa : tirado da terra.

Mas, em meio de todos estes seres vivos, o homem estava sozinho, sem creatura alguma da sua especie. « Não é bom que fique assim, disse o Senhor ; façamos ao homem uma companheira que lhe seja semelhante. » E elle mandou a Adão um somno profundo durante o qual lhe tirou uma das costellas para com ella formar a primeira mulher. Ao accordar, Adão contemplando este ser novo exclamou : « Eis aqui o osso de meus ossos, a carne da minha carne. » Eis desta origem maravilhosa, elle deduz o verdadeiro principio do matrimonio christão indissoluvel, o qual une dois seres para formarem um só coração. E Deus, a esta primeira mulher, chamou *Eva*, isto é, mãe dos vivos.

No setimo dia, Deus tinha acabado a sua obra ; então, descansou, e tendo abençoado este dia, elle o santificou. Depois, colocou nossos primeiros paes num lugar de delicias chamado *Eden* ou paraiso terreal.

III. *A Religião no estado de innocencia.* « Não ha cousa alguma mais antiga entre os homens, diz Bossuet, do que a Religião. » Com effeito, si nisto atentarmos, veremos logo apparecer nesta mesma primeira pagina da Biblia, todos os elementes essenciaes e constitutivos da Religião.

Primeiro, revela-se-nos o Ser todo poderoso, eterno e infinito que chamamos Deus ; é o espirito creador e soberano mestre de todas as cousas. Não tem somente arranjado o mundo, delle tem criado a propria materia ; cada planta, cada animal, o homem finalmente, fôram, por sua vez, o objecto de uma creação directa e immediata. Este Ser infinito e eterno, poderoso e sabio, que vem a ser elle, na sua natureza? Não havemos de descortinar a santissima Trindade nesta palavra, resultado do conselho divino. « Façamos o homem á nossa imagem?... » Não será evidente tambem que este Deus é distinto da sua creação, pois elle a faz surgir, não de si mesmo, sinão do nada? Emfim não ha de ser o homem um ente privilegiado por ser criado á semelhança de Deus?

De facto, mostra-se o homem debaixo do seu aspecto verdadeiro : é uma *alma vivente.* Parecido com Deus, elle ha de ter, como o seu autor, a intelligencia, a vontade, a liberdade, a immortalidade.

Entre estes dois seres, o Creador infinito e sua creatura finita e limitada, dotada porém de intelligencia e liberdade, hão de nascer naturalmente relações reciprocas. Por uma parte, o Deus creador está atraído para sua creatura predilecta, pela bondade, pelo amor, pela communicação de sua palavra de verdade ; por outra parte, o homem intelligente volve-se para Deus afim de adoral-o, agradecer-lhe, cantar seus louvores e reconhecer a sua doce autoridade paterna.

Neste primeiro estado de innocencia, extremavase nisso de algum modo, toda a Religião ; já, porém, eis que a estes deveres naturaes, a divina bondade

acrescenta preceitos positivos : a *santificação* do setimo dia, por exemplo, e, pouco depois, a ordem terminante para nossos primeiros paes de não comerem da fruta da arvore da *sciencia do bem e do mal.*

Igualmente, na ordem moral, manifesta-se já a lei do amor e da caridade : estes dois seres intelligentes, Adão e Eva, devem amar-se mutuamente, assim como cada um ama a propria pessôa ; sua união é indissoluvel e não será licito separar o que Deus uniu.

Emfim, na creação de Eva divisaram os santos Padres uma figura prophetica da Igreja, tirada na cruz do lado de Nosso Senhor Jesus Christo, seu divino esposo. O somno de Adão, diz santo Agostinho, representava a morte de Christo, e do lado aberto pela lança do soldado romano, saiu sangue e agua, isto é, os dois sacramentos que constituem a Igreja.

ARTIGO II

A queda do Homem.

O estado de innocencia e seus privilegios. — II. A desobediencia e suas consequencias. — III. Primeira promessa de um Redemptor. — IV. A Religião no estado de decadencia.

I. *Estado de innocencia e seus privilegios.* — Ao sairem das mãos de Deus, Adão e Eva estavam innocentes e puros ; estado esse que se chama de justiça original. Não haviam de soffrer nem de morrer ; o corpo, isento do trabalho e das miserias da vida, devia passar desta existencia terrestre para uma vida sem fim e sempre feliz ; o espirito nada sabia das trevas da ignorancia ; a alma estava inclinada para o bem. Deus não somente presenteára o homem com uma semelhança de natureza comsigo, mas elle o tinha mimoseado ainda com todos os dons da graça : cá na

terra, a sua amizadee communicações eram intimas; no céu, a propria felicidade divina havia de ser o galardão de Adão e Eva e de toda a sua posteridade.

O Senhor, entretanto, usando do seu direito de soberano e de mestre, tinha posto uma condição para a conservação desta ventura terrena e desta felicidade sobrenatural : queria um acto de submissão e dependencia, e elle dissera : « Podeis comer das frutas de todas as arvores do jardim, com excepção da fruta da arvore da sciencia do bem e do mal ; pois, no proprio dia em que della comerdes, caireis nas garras da morte. »

» Deus, diz Bossuet, dá um preceito ao homem para elle saber e sentir que tem um mestre ; um preceito ligado a uma cousa sensivel, porque o homem possuia sentidos ; um preceito facil, pois elle queria que a vida lhe corresse agradavel, emquanto se conservasse innocente ».

II. *A desobediencia e suas consequencias.* — Antes do homem, Deus tinha creado os anjos, puros espiritos destinados a viver sem que fossem, como a nossa alma, unidos aos corpos. Elle, cujas obras todas eram bôas, os creára na santidade, e elles podiam perpetual-a, obedecendo a seu Creador. Os anjos, igualmente, tiveram que passar por uma provação. Alguns — foi a maior parte — permaneceram fieis e foram confirmados para sempre no seu estado de perfeição e de felicidade. São os bons anjos que adoram a Deus no céu, cumprem as suas ordens no universo e zelam pela salvação dos homens. Os outros, com Lucifer na sua frente, cegos pelo orgulho, negaram a Deus o acto de submissão que elle lhes pedia. O Creador todo poderoso os castigou atirando-os do céu para os eternos abysmos do inferno, creado de proposito. São os máus anjos ou demonios, inimigos de Deus por vingança, e tentadores do homem por inveja contra elle.

Devorado de ciumes á vista da ventura do homem e dos seus altos destinos, o demonio fez tenção de perdel-o. Debaixo da forma da serpente, então inoffensiva, chegou-se á mulher; lisongeou seu orgulho e sua independencia, e rematou com a sensualidade a cilada que estava lhe armando. Eva colheu a fruta prohibida e comeu. Levou-a depois a seu marido que della tambem comeu, instigado pelo exemplo da sua companheira. Então, abriram-se-lhes os olhos; foram esconder-se depois de têrem encoberto o corpo com folhagem a vêr si podiam assim occultar a vergonha e o peccado.

Isto era apenas o indicio, o signal da mudança que acabava de produzir-se na sua alma cuja nudez era muito mais triste e mais para lamentar. O Senhor todo poderoso presenciára a desobediencia; sentenceou contra os culpados o devido castigo. Amaldiçôou a serpente, primeiro autor da desgraça; depois, disse a Eva: « Eu multiplicarei tuas magoas e tuas dores, e has de ficar sob o poderio do homem; » falou a Adão: « Maldita será a terre por causa do teu peccado; ha de produzir sarças e espinhos, e tu comerás teu pão com o suor do teu rosto até voltares na terra donde foste tirado; pois tu és pó, e pó te has de tornar. » Deus então expulsou-os do paraiso de delicias.

Foi esta a desobediencia; deixou na alma e no corpo dos nossos primeiros paes sulcos lamentaveis; mas a sentença pronunciada contra os culpados foi tambem a nossa. A alma perdeu a graça, a amizade de Deus, e o direito á bemaventurança eterna que havia de ser sua recompensa; as faculdades foram entibiadas e enfezadas; o espirito ha de conhecer a ignorancia, a vontade propenderá para o mal, o coração será depravado. O proprio corpo tem que soffrer o terrivel abalo da queda; não só é condemnado ao trabalho, ao soffrimento e á morte, mas os sentidos fazem-se cumplices da vontade rebelde e a levam

para o mal. Aqui está, com as suas consequencias, a culpa original que herdamos, nós todos, de nossos primeiros paes.

III. *A primeira promessa de um Redemptor.* — No entanto, Deus, que bem podia abandonar os desgraçados á sua nefanda sorte, não quiz deixal-os sem esperança. Ao lado da justiça que pune, surge a misericordia a perdoar, a prometter salvação. Dirigindo-se á serpente infernal, Deus lhe disse : « Hei de pôr inimizade entre ti e a mulher, entre sua reça e a tua ; ella esmagar-te-á a cabeça, e debalde forcejarás por morder-lhe o calcanhar. » Todos os doutores e interpretes consideraram estas palavras como a promessa de um Redemptor. A semente abençoada, nascida da raça humana será Nosso Senhor Jesus Christo ; unico, elle não peccou em Adão, por ter sido concebido pelo Espirito Santo. Esta mulher mysteriosa, divinamente promettida, que ha de derrubar o imperio do demonio, é a Virgem Maria, preservada da mancha original por causa de sua futura maternidade divina.

Nossos primeiros paes, saindo do paraiso terrestre, levavam esta promessa e esta esperança que passaram para todos os povos da terra com a lembrança da queda. Em todos os paizes conservou-se a memoria da *idade aurea*, fruto do estado de innocencia ; em toda a parte está a serpente mettida na historia da desobediencia ; o papel da mulher é o mesmo em todas as narrações da queda original ; em toda a parte purificam-se as crianças logo depois do seu nascimento, porque se julgam culpadas. Emfim, as nações todas accreditaram num Redemptor que devia reparar o mal e restituir á humanidade seus antigos privilegios.

IV. *A Religião no estado de decadencia.* — Pode-se dizer que a espera de um Salvador e a fé neste Mes-

sias promettido foram, a partir da queda, o fundo da Religião inteira. Era logico; pois, para o homem peccador, não havia mais remedio possivel que não fosse pela mediação do Redemptor que Deus lhe prometteu por uma misericordia completamente gratuita. Logo, todos os exercicios da Religião, todas as praticas do culto e da moral, tiveram que esteiarse nos meritos futuros do Messias e só tinham valor por sua união com elles. A fé no Redemptor é portanto, na verdade, o alicerce da Religião.

O culto, depois da queda, reveste um caracter novo; vem a ser, no mesmo tempo, expiatorio e emblematico, expiatorio, pois o homem culpado não pode mais contentar-se com tributar a Deus uma simples homenagem de adoração, louvor e agradecimento, como era seu dever nos dias da sua innocencia, não ; dora avante, como expiação acrescentará a offerta dos produtos da terra, e já que, segundo explica são Paulo, não ha expiação sem effusão de sangue, ha de offerecer em sacrificio os animaes que vivem ao seu lado. Nisto, o homem confessa que é peccador ; concorda em que não tem mais direito á vida, e para externar esta disposição, derrama o sangue de uma victima em lugar do proprio sangue. Esta é a origem dos sacrificios sangrentos que formavam, em todos os povos, a parte principal do culto publico.

O culto da Religião primitiva, dissemos mais, era emblematico. Com effeito, o sangue das victimas, por si mesmo, não era apto a satisfazer a justiça de Deus. Todavia, o Senhor não queria o sangue do homem, o qual, aliás, não teria valor para elle. Mas elle aceita os sacrificios porque representam e anunciam o unico sacrificio que devia expiar o peccado, isto é, a immolação de Jesus Christo no Calvario.

Esta fé no Redemptor et esta Religião reparadora fôram o consôlo de nossos primeiros paes durante os longos annos de soffrimentos. Adão, nosso pae

segundo a natureza, mereceu assim ser a figura de Jesus Christo, nosso pae segundo a graça ; e Eva, mãe dos vivos, veiu a ser a figura de Maria, a nova mãe de todos os filhos de Deus.

ARTIGO III

Historia dos primeiros homens.

I. Caim et Abel. — II. A piedade de Seth e seus descendentes. — III. Corrupção geral, ameaças de castigo.

I. *Caim e Abel.* — O peccado, uma vez entrado no mundo, causou em pouco tempo estragos medonhos. A' desobediencia de nossos primeiros paes, seguiu-se breve um crime horroroso : pela vez primeira o sangue do homem enxovalhou a terra, por um fratricidio. Adão e Eva tiveram dois filhos, Caim e Abel. Caim lavrara a terra. Abel apascentava rebanhos. Ambos offereciam sacrificios a Deus. Abel, por sua piedade, prendeu sobre si e sobre seus presentes, os olhares de Deus ; uma fé robusta vivificava suas offertas, e, na immolação dos primogenitos do seu rebanho, havia mais generosidade. Caim apresentava a Deus os frutos da terra ; mas elle o fazia sem piedade e com mesquinhez. Deus prezava os dons de Abel e desviava as vistas de Caim. Este deixou nascer no coração uma raiva secreta contra o irmão. « Para que ficares triste assim? lhe disse o Senhor. Si fizeres o bem, não has de receber o premio? E si praticares o mal, não serás punido? A inclinação que te impele, está nas tuas mãos ; querendo, podes soffreal-a. » Nestas palavras, vê-se que o homem é livre, mesmo depois do peccado original ; é por isso que somos responsaveis por nossos actos, bons ou máus.

Caim aferrou-se no odio ; propoz ao irmão um passeio no campo, e, quando estiveram sozinhos, preci-

pitou-se sobre Abel e o matou. A voz de Deus perseguiu o culpado, o remorso entrou-lhe na alma; fugindo da sociedade, Caim construiu uma cidade no oriente do Eden e denominou-a Enoch, como seu primeiro filho.

Este facto mostra-nos, desde a origem, a virtude perseguida pelo vicio ; o justo Abel, morto apezar da sua innocencia, é viva imagem do Justo por excellencia, que havia de morrer sob os golpes de um odio cego e violento, aborrecido e crucificado pelos Judeus, seus irmãos. Caim, amaldiçoado por Deus, errante, vagabundo e fugitivo, symbolisa o povo deicida, espalhado em todos os paizes, objecto de odio por parte de todas as nações.

II. *A piedade de Seth e seus descendentes.* — Os descendentes de Caim foram malvados como o pae, e, para Adão e Eva, tornaram-se uma fonte de novas dôres. Deus os consolou da perda de Abel dando-lhes outro filho por nome Seth, que muito se distinguiu por sua piedade. Teve uma posteridade numerosa que conservou as tradições religiosas e viveu na innocencia e a santidade quasi até o diluvio. A esta raça pertenciam os homens virtuosos chamados *patriarcas*. Moysés fala de dez desde Adão até Noé : Adão, Seth, Enos, Cainan, Malaleel, Jared, Henoch, Mathusalem e Lamech, pae de Noé.

A longevidade destes patriarcas é mencionada pela Biblia, mas a lembrança deste facto conservou-se por igual nas tradições de todos os povos antigos da Chaldéa, do Egypto e até da Grecia. Por esta vida dilatada, Deus tencionava, num intuito providencial, facilitar a conservação, em toda a pureza primitiva, das promessas divinas.

Deus escolhêra pois, servos fieis, na descendencia de Seth, e é para notar que o beneficio da Redempção já produzia seus effeitos, logo no principio do mundo.

Desde Abel até Jesus Christo, sempre Deus teve na terra adoradores verdadeiros a quem elle salvou da corrupção e do erro por effeito da sua graça. Estes justos foram santificados pela fé no Messias promettido e pelas obras que praticavam com o auxilio da sua graça.

III. *Corrupção geral ; ameaças de castigo.* — Os descendentes de Caim formaram uma raça perversa e foram cognominados *filhos dos homens*. Emquanto a familia de Seth viveu separada daquella de Caim, guardou a sua innocencia. Seus descendentes tinham merecido o nome de *filhos de Deus*. Mas depois da morte de Adão, avizinharam-se as duas familias e ligaram-se com casamentos. Ali se originou a perda dos filhos de Deus ; breve estavam eivados dos mesmos vicios que deturpavam a descendencia de Caim. Destas alianças saiu uma raça de *gigantes* cujas abominações irritaram o Senhor. No correr do tempo, a corrupção tornou-se geral. A taes extremos chegaram as desordens, que Deus, de certa maneira, arrependeu-se por ter creado o homem. « Hei de exterminar, disse elle, o homem que tenho creado e tudo quanto está na terra, desde o homem até os animaes. » Mas, na sua justiça, Deus não se esqueceu da misericordia. Lembrou-se de que tinha promettido a Eva um filho que havia de salvar aos homens, e então quiz conservar um herdeiro desta posteridade donde sairia o Salvador esperado.

Em meio da depravação geral, havia um homem justo, da familia de Seth, de nome Noé. O Senhor deu-lhe a conhecer o plano que tinha ideiado de submergir a terra por causa dos crimes dos seus habitantes. » Deus, diz Bossuet, só precisava de si proprio para destruir o que fizera com uma palavra, mas julgou mais conveniente usar das suas creaturas para ellas servirem de instrumento á sua vingança,

e elle lançou mão das aguas para assolar a terra coberta de crimes. » Mandou pois a Noé que construisse uma arca para abrigar-se com a familia delle. Noé acreditou e obedeceu. Por cem annos foi labutando neste trabalho, não deixando de pregar a penitencia. Paciente, por ser eterno, Deus sempre adiava o castigo. Desde Henoch, isto é, durante quasi mil annos, os avisos tinham sido multiplicados ; mas o abuso das graças fatalmente ha de acarretar a punição : desta feita, será terrivel e deixará uma lembrança immoredoura.

CAPITULO II

Do diluvio até a vocação de Abrahão

(SEGUNDA ÉPOCA)

2348-1925 antes de J. C. (3308-2296)

Summario desta época. — Divisão do capitulo.

A segunda época da historia do mundo é assignalada por um grande acontecimento que purifica a terra e a renova. E' este um dos factos que os povos antigos, nas suas tradições, relatam com mais intensidade : os annaes da China nos mostram o primeiro imperador Fohé entretido em fazer escoar as aguas que cobriam as collinas ; os da India lembram o rei Sathyavatra salvo das aguas com os tres filhos. A historia do Egypto e da Chaldéa fala de uma immensa inundação. A memoria do diluvio conservou-se entre os Gregos e os Romanos na fabula de Deucalião. Os proprios Mexicanos e todos os povos da America representaram o diluvio nas suas pinturas ou gravaram-no nos seus hieroglyphos.

Além destes testemunhos historicos, reparemos que o globo traz os signaes de transtornos e submersões que só se podem atribuir a um cataclysmo da qualidade deste descripto por Moysés.

Um seculo após o diluvio começa a confusão das linguas e a dispersão dos povos : é outro successo importante no qual teremos de parar. Neste capitulo, estudaremos portanto : 1º o diluvio e suas consequencias ; 2º Babel e a dispersão dos povos.

ARTIGO I

O diluvio.

I. Narração biblica : ensinos. — II. Revelações e promessas feitas a Noé. — III. Nova phase da historia do mundo e da Religião. — IV. Os descendentes de Noé.

I. *Narração biblica do diluvio : ensinos.* — Estavam ultimados os preparativos ; Noé entrou na arca, elle, a mulher, os tres filhos e as mulheres delles. Mandou entrar tambem sete casaes de todos os animaes puros, dois casaes dos animaes chamados impuros, sete casaes das aves do céu para não perder a especie. Depois ajuntou na arca o passadio indispensavel para o sustento dos homens e dos animaes. E então todas as fontes do grande abysmo romperam-se, as cataractas do céu abriram-se, a chuva caiu durante quarenta dias e quarenta noites, e as aguas subiram quinze cóvados acima dos mais altos pincaros. Tudo pereceu; a arca sozinha, levada de manso pelas aguas, escapava a este desastre assombroso. 2348 (2482). A. C.

Durante cento e cincoenta dias, as aguas cobriram a face da terra. No fim do setimo mez, ellas entraram a baixar, e a arca deteve-se no vertice do monte Ararat, na Armenia.

Tal é o grande cataclysmo que purificou a terra. Não é uma expiação somente : era tambem a figura do baptismo que lava hoje os nossos peccados, como a agua, diz são Pedro, limpou das suas maculas a terra culpada. Noé, salvando a humanidade da destruição, presagiava o futuro Redemptor que purificou do peccado a raça humana em peso e a preservou da morte eterna. A arca era a figura da Igreja fóra da qual não ha salvação. As vagas que tudo aniquilavam, car-

regavam a arca, livrando-a dos cachopos ; assim as tempestades, que deviam assaltar a Igreja, levantariam as almas para Deus e dariam um brilho novo á santificação dos eleitos.

II. *Revelações e promessas feitas a Noé.* — O primeiro acto de Noé, ao sair da arca, foi uma oração e uma homenagem de gratidão. Ergueu um altar e, tomando um casal de todas as aves e animaes puros, elle os offereceu em holocausto, isto é, queimou-os depois de tel-os immolado. Deus, satisfeito com a piedade do seu servo, manifestou-lhe que tinha por agradavel este sacrificio e disse-lhe : « Não lançarei mais a minha maldição na terra por causa dos homens. Não ferirei mais com a morte as creaturas animadas como tenho feito. »

Então Deus abençôou a Noé e a seus filhos dizendo : « Crescei e multiplicai-vos na terra. Alimentai-vos com tudo quanto está vivo e animado ; eu vos deixo todas estas cousas como os legumes e as hervas, porém eu vos prohibo de comer carne de animaes suffocados. » Tinha por fim inspirar o horror do sangue, pois a terra já fôra por demais conspurcada pela effusão do sangue do homem.

Deus ainda disse a Noé : « Hoje, faço aliança comvosco e vossos descendentes por todos o seculos do porvir. » E o signal que deu desta aliança nova, foi o arco-iris que, pela primeira, vez apareceu nas nuvens e cujas côres suaves despertam a esperança.

III. *Nova phase da historia do mundo e da Religião.* — Com o diluvio iniciou-se por assim dizer, uma nova ordem de seculos. Segunda investidura do dominio terrestre está feita a favor de Noé e sua raça; outra aliança celebra-se entre Deus e a humanidade. Mas, conforme repara Bossuet, neste renovo, permanece uma impressão da vingança divina. A natureza perdeu uma parte do seu vigor ; as plantas, o seu viço ;

a vida humana tambem achou-se sensivelmente reduzida, e careceu de uma comida mais substancial : a carne dos animaes.

« Assim tinham de desaparecer e apagar-se aos poucos os restos da primeira instituição ; e a natureza modificada dava aviso ao homem de que Deus, para elle, já não era o mesmo desde que tinha sido irritado por tantos crimes. »

Estas novas condições impostas á humanidade marcam uma nova phase na Religião. Vemos o antigo uso dos sacrificios outra vez posto em vigor por Noé saindo da arca e confirmado solemnemente por Deus que aceita esta offerta das victimas, e abençôa o sacrificador. Nota-se a distinção dos animaes puros, unicos admittidos nos holocaustos. A effusão do sangue da victima inculca a idéa de expiação. Emfim, a lei moral e a lei religiosa recebem ahi seu desenvolvimento em dois preceitos positivos : o primeiro, é a prohibição de tomar o sangue dos animaes no mesmo tempo que a carne, e de alimentar-se com a carne dos animaes chamados impuros ; o segundo é a interdição formal do homicidio, com a sanção de ser o criminoso punido pela effusão do proprio sangue.

IV. *A descendencia de Noé.* — O patriarca Noé transmittiu a seus filhos Sem, Cham e Japhet, o conjunto das verdades e prescripções religiosas, junto com a tradição da promessa divina de um futuro Redemptor. Noé plantou a vinha e descobriu o uso que se podia fazer da uva, espremendo este benefico licor que é o vinho. Elle abençôou os dois filhos que tinham respeitado as suas cans. « Deus, disse elle, multiplique as posses de Japhet, e more debaixo da tenda de Sem ! » Essas palavras propheticas indicaram que Japhet povoaria as regiões longinquas e que elle encontraria a graça do Redemptor sob a tenda de Sem que havia de ser o herdeiro da promessa de salvação

feita a nosso primeiro pae. Mas o patriacra amaldiçôou Cham na pessôa de Chanaan, filho delle, dizendo : « Seja elle, entre seus irmãos, o escravo dos escravos! » A posteridade de Cham veiu a ser a raça negra que ainda parece vergada ao peso desta maldição.

ARTIGO II

A dispersão dos homens.

I. Babel e a confusão das linguas. — II. Formação dos idiomas dos povos. — III. Decadencia e idolatria geral.

I. *Babel e a confusão das linguas.* — Os tres filhos de Noé e seus descendentes habitavam primeiro no mesmo paiz, situado entre o Tigre e o Euphrates: era a planicie de Sennaar, depois Mesopotamia. Quando se tiveram multiplicado a ponto de não poderem mais habitar juntos, disseram entre si : « Edifiquemos uma cidade e uma torre cujo vertice alcance o céu e façamos celebre o nosso nome antes de espalhar-nos por toda a terra. » Deus não gostou da empreza porque era signal de um orgulho balofo. Até então os homens tinham falado uma só e mesma lingua. Para baldar seus projectos de soberba, o Senhor poz a diversidade nas linguas, de maneira que não se entendiam mais uns aos outros. Tiveram que largar o trabalho. O nome de Babel, significando confusão, ficou posto nesta torre cujos destroços têm sido achados. Taes ruinas, trazidas á luz pelos archeologos modernos, vêm nos dar, depois de tantos seculos, uma confirmação da historia de Moysés. Segundo refere o narrador sagrado, os alicerces estão formados de tijolos grudados com betume : monumento eterno, proclamando á face do genero humano, que é o orgulho a fonte da divisão e da perturbação entre os povos. Já que não se comprehendiam mais, os descendentes

de Noé espalharam-se em todos os paizes do mundo. Esto facto se dava cerca de um seculo depois do diluvio, 2247 (2907) antes de Jesus Christo.

II. *Formação dos idiomas e dos povos.* — Dois grandes factos historicos foram o resultado desta confusão de Babel: deu origem a idiomas multiplos, e os homens dispersaram-se para serem os fundadores das varias nações. O nome de Babel ou confusão, dado por Moysés e conservado ao monumento erguido na varzea de Sennaar, nos dá a entender que esta confusão das linguas antes foi instantanea do que progressiva.

O capitulo decimo do Genesis traz o epigraphe : *Genealogia dos filhos de Noé ;* podiam denominal-o igualmente o *Livro das origens do genero humano.* Ali aparecem os nomes dos differentes chefes de familia que foram os paes dos povos antigos. Encontramos os filhos de Sem, Cham e Japhet com as raças primitivas da Asia, da Africa e da Europa.

Importa notar que os homens, ao separarem-se, levaram por toda a parte as tradições dos acontecimentos anteriores : a idade aurea ou estado de innocencia, a queda do homem, o seculo de ferro, isto é, uma época de desordem e desgraça ; a promessa de um Salvador, a audacia e impiedade dos gigantes, o diluvio universal, a salvação de um só homem justo ; e com estas tradições, as do culto devido a Deus, dos sacrificios, da semana e da santificação do setimo dia, dos anjos e dos espiritos máus ; numa palavra, toda a Religião fundamental : crenças e culto, moral natural completada por uma revelação primitiva, e acima de tudo, a idéa de um Deus creador e unico, de um mundo e de um genero humano tirados do nada por sua palavra, conservados por sua bondade, governados por sua sabedoria, castigados por sua justiça, libertados por sua misericordia, e sempre sob o jugo do seu poder.

III. *Decadencia e idolatria geral.* — Porém, ao passo que se iam afastando de seu berço, os homens perdiam as sãs tradições que tinham recebido dos antepassados. « Os filhos teimosos ou malcriados não queriam mais acreditar os seus avós alquebrados. » (Bossuet.) Este defeito é commum a todos os tempos. A soberba dos homens tambem atirava os espiritos para os erros mais grosseiros ; já os homens não queriam mais dar fé sinão no que viam : era a impiedade; não quizeram mais adorar sinão as cousas que podiam contemplar: foi a idolatria. A pouco e pouco, a posteridade de Seme Japhet, soffreu o influxo dos máus exemplos ; como a descendencia de Cham, foi se esquecendo de Deus e das suas promessas. A corrupção, com a idolatria que a gera, tornou-se universal. Deus desconhecido, o culto supremo rebaixado ás creaturas e negado a Deus só ; o fogo, o ar, as estrellas, o sol, a lua, divinisados ; a cegueira levada até tributar a adoração a estatuas de ouro, prata ou madeira, as plantas e os animaes substituindo a divindade : em resumo « tudo feito Deus, afóra o proprio Deus » : ali temos o espectaculo que apresentava o mundo outra vez povoado. Finalmente, o homem foi divinisando as proprias paixões ; abafando o remorso, chegou a commetter, por principio de religião, crimes horrorosos que revoltam a natureza.

« Como o homem parecia então afastado da sua primeira instituição, exclama Bossuet, e a imagem de Deus estragada nelle! »

O mal já tão grande grassava de um modo espantoso. Para que não invadisse o genero humano em peso, o Todo poderoso chamou a Abrahão para elle ser o chefe de uma raça fiel.

CAPITULO III

Da Vocação de Abrahão até Moysés ou a Lei escripta

(TERCEIRA ÉPOCA)

1925-1491 A. C. (2296-1645)

Descortino geral desta época. — Divisão do capitulo.

Com Abrahão começa, propriamente falando, a historia do povo de Deus. Depois da escôlha deste patriarca para ser o pae dos crentes, o Senhor indicou-lhe a terra que promettia aos seus posteros ; renovou a favor delle os antigos oraculos e as promessas precedentes. Mas antes de entrar na posse da Terra promettida, o povo hebreu, por varios seculos, teve que levar uma vida nomade, soffrer o exilio e a servidão. No entanto Deus não se descuidava dos seus intuitos ; conservava, na familia de Abrahão, servos fieis, herdeiros de todas as bençams. Este periodo, que se abre por uma aliança formal com a familia de Abrahão, prosegue pelas historias tão instructivas de Isaac, Jacob e José. Ouvimos ali mais promessas, deparamos outras figuras do Messias ; com José, penetramos no Egypto, onde a honra e a riqueza, e depois a servidão, aguardam os filhos de Jacob e seus descendentes. Emfim, Deus prepara a seu povo um libertador na pessôa de Moysés de quem historiaremos a vida e as obras portentosas até o dia da saida do Egypto.

Este capitulo dividir-se-á em quatro artigos : 1º a vocação de Abrahão ; 2º os patriarcas Isaac e Jacob ; 3º a historia de José ; 4º Moysés e a libertação.

Emquanto o povo de Deus se aparelha no recolhimento para a sua missão importante, estabelecem-se as realezas da historia antiga : é esta a época em que Inacho, o mais antigo rei da Grecia, funda o reino de Argos ; uma colonia que Cécrops trouxe do Egypto, funda as primeiras cidades que hão de formar a monarchia de Athenas. Hellen, filho de Deucalião, dá seu nome á Grecia ; outra colonia de Phenicios, guiados por Cadmus, funda Thebas na Beocia.

ARTIGO I

A vocação de Abrahão.

1491 (1645) antes de J. C.

I. Vocação de Abrahão ; mais promessas. — II. O sacrificio de Melchisedech. — III. A circumcisão ; signal de aliança. — IV. Deus pede a Abrahão o sacrificio do filho Isaac.

I. *Vocação de Abrahão ; mais promessas.* — Abrahão nasceu em Ur, na Chaldéa. Descendia de Sem por Arphaxad, Heber, primeiro antepassado dos Hebreus, e Tharé. Os habitantes desta cidade adoravam o sol. Deus appareceu a Abrahão e disse-lhe : « Sae de tua terra, deixa tua familia e a casa de teu pae, e vem no lugar que vou te mostrar. » Abrahão obedeceu, levando comsigo Sara, sua esposa, Loth seu sobrinho, e todos os empregados e rebanhos. Atravessou o Euphrates e veiu no paiz de Chanaan. » Eis aqui, disse o Senhor, a terra que darei a tua posteridade. » Ali Abrahão ergueu um altar e offereceu um sacrificio. Comtudo Deus lhe predisse que esta promessa só se havia de realisar na quarta geração, depois de longa servidão.

« Todas as gerações serão bemditas em ti e naquelle que ha de nascer de tua raça. » Por esta pala-

vra, Abrahão foi feito pae de todos os crentes e sua posteridade foi escolhida para ser a fonte donde havia de brotar a bençam espalhando-se por toda a terra. Eis aqui o que caracterisa a escôlha e a missão de Abrahão : a conversão dos gentios, isto é, dos pagãos, vem sempre mencionada nas Escripturas como obra distinctiva do Messias.

II. *O sacrificio de Melchisedech.* —Abrahão e Loth, seu sobrinho, possuiam ambos immensos rebanhos. Amiudadas rixas entre os pastores constrangeram-nos a se separarem. Loth veiu morar em Sodoma, no valle do Jordão ; Abrahão elegeu morada na planicie de Mambré occupada mais tarde pela cidade de Hebron. Sodoma, Gomorrha, Adama, Seboim e Segor constituiam as cidades da Pentapole e obedeciam a Chodorlahomor, rei dos Elamitas. Estas cidades, tendo-se rebelado contra seu soberano, este com mais dois reis, seus aliados, conquistou Sodoma, fez ricos despojos e levou prisioneiros a todos os habitantes. Loth e sua familia estavam entre os cativos. Sciente do occorrido, Abrahão armou seus servos em numero de trezentos e dezoito, perseguiu os vencedôres, desbaratou-os, livrou Loth e arrebatou os despojos que os inimigos carregavam.

Como Abrahão regressava desta expedição, Melchisedech, rei de Salem e seu aliado, que era sacerdote do Altissimo, veiu ao encontro delle a felicital-o por sua victoria. Offereceu a Deus, em acção de graças, um sacrificio composto de pão e vinho e abençôou a Abrahão. Em paga, este quiz dar a Melchisedech o dizimo de tudo quanto ganhára do inimigo derrotado. Na pessôa deste rei-pontifice, Abrahão honrava o futuro Messias, padre para a eternidade, segundo a ordem de Melchisedech, como David o prophetisou, e como o explica são Paulo. Melchisedech, com effeito, é uma das mais empolgantes figuras do Messias. Não

tendo geração alguma conhecida neste mundo, elle é rei, é pontifice; apresenta em sacrificio o pão e o vinho, imagens do futuro sacrificio offerecido por Nosso Senhor na vespera da sua morte e diariamente renovado sobre nossos altares catholicos. Abençôa a Abrahão e por elle a todas as nações : depois de seu sacrificio, o Salvador igualmente ha de abençôar e sanctificar todos os povos da terra e será a realisação perfeita de tudo quanto Melchisedech somente symbolisava e annunciava.

III. *A circumcisão, signal da aliança.* — Sara, porém, ainda não dera filhos a Abrahão. O patriarca, de accordo com a autorisação que Deus concedera aos primeiros homens, desposou uma escrava por nome Agar. Della, teve um filho chamado Ismael, que veiu a ser o pae dos Arabes ; Ismael, porém não devia ser o herdeiro da promessa, pois as bençams estavam reservadas para o filho da mulher livre. Deus communicou a Abrahão que Sara lhe daria finalmente o filho desejado cujo nome seria Isaac. Foi então que Deus ordenou que praticasse a *circumcisão*, usasse este mesmo costume para com todos os filhos que nascessem de seu sangue. Abrahão obedeceu ; e sua raça toda permaneceu fiel ao preceito do Senhor.

Daqui a alguns dias, Abrahão teve a honra de receber debaixo da sua tenda, no valle de Mambré, tres anjos que iam em Sodoma e Gomorrha desempenhar as ordens rigorosas da divina justiça. Ali patenteia-se o poder maravilhoso da oração do justo. Abrahão supplicou ; elle teria alcançado a salvação da cidade culpada si em Sodoma houvesse sido possivel encontrar cinco justos. Mas não se achavam nella, e o fogo do céu consumiu as cidades da Pentapole ; no sitio que occupavam encontra-se hoje uma extensa lagoa de betume, chamada mar Morto, apregoando o poder da maldição que cahiu nesta região, um dia opulenta.

Loth e sua familia, comtudo lograram escapar ao desastre.

IV. *Deus pede a Abrahão o sacrificio do filho Isaac.* — Sara, na sua velhice, viu o cumprimento das promessas que os anjos lhe tinham feito : teve um filho. Abrahão o circumcidou e nomeou Isaac.

O menino cresceu ; mas Deus quiz submetter a fé de Abrahão a outra prova mais terrivel. « Toma o filho unico que estremeces, lhe disse elle, e vae na terra de Moriah ; ali, tu me offerecerás este filho em holocausto sobre um monte que hei de mostrar-te. » Abrahão não discutiu ; tomou o filho logo de manhã, levou comsigo dois criados, e dirigiu-se para o lugar que Deus tinha apontado. Isaac carregava nos hombros a lenha do sacrificio. « Meu pae, dizia elle, que é da victima? — A isto, respondia o pae, Deus ha de prover. » Emfim, alcançaram o cume da montanha ; armaram a fogueira. « Filho meu, disse o ancião, a victima, és tu. » E elle colocou o moço sobre o altar ; estava para feril-o. Mas o Senhor deteve-lhe o braço e falou : « Conheço agóra, que temes a Deus, pois para obedecer, não poupaste teu filho unico. » Dando uma volta, Abrahão viu um bode emmaranhado nas brenhas ; elle o sacrificou em holocausto em lugar do filho,.

Em recompensa de tanta fé, ouviu Abrahão, da bocca do Eterno, esta promessa renovada : « Como tu obedeceste á minha voz, abençôar-te-ei e multiplicarei tua raça como as estrellas do céu, como a areia do mar, e em ti serão abençoadas todas as nações da terra. »

O sacrificio que Deus acaba de exigir de Abrahão é uma imagem do sacrificio futuro de Jesus Christo. E' tão parecida a figura com a verdade, que se torna obvio explicar a semelhança. Isaac carrega a lenha do sacrificio ; Jesus ha de carregar a cruz, instru-

mento do seu supplicio. O mesmo monte será o altar de ambos. Isaac consente na propria immolação, Jesus se offerece á morte. Abrahão, não obstante seu affecto, está prompto para ferir a victima innocente; Deus Pae, não obstante seu amor, fere ao Filho, a mesma innocencia. Isaac e Jesus ficam vivos depois do sacrificio. Isaac não está immolado e não ressuscita sinão figuradamente; Jesus dá realmente a vida que recupera na resurreição.

ARTIGO II

Os patriarcas Isaac e Jacob.

I. O casamento de Isaac. — II. Esaú e Jacob: a ultima bençam de Isaac e as promessas divinas são concedidas a Jacob.

I. *O casamento de Isaac.* — Abrahão perdeu a virtuosa esposa Sara e deu-lhe honrosa sepultura no tumulo de Machpelah, que comprou dos filhos de Heth. Sentindo a velhice a aproximar-se, elle resolveu dar ao filho uma esposa escolhida na familia do seu irmão Nachor que morava na Mesopotamia. Confiou este negocio ao antigo servo Eliezer, que partiu com os camelos carregados de presentes. Eliezer fizera o juramento de cumprir as ordens do dono. Chegado na terra de Nachor, elle pára junto de uma fonte em que as moças soiam vir buscar agua, e invoca a Deus, testemunha do seu juramento, para que elle o ajude a conhecer qual é aquella que ha de ser a esposa de seu mestre. Mal acabava a oração, vem para o poço uma moça, carregando uma urna no hombro. Pede-lhe de beber. « Aqui está, meu Senhor, diz ella, tambem vou dar agua aos camelos. » Nesta fala, Eliezer reconheceu a mulher destinada a Isaac. Chamava-se Rebecca, e era neta de Nachor. O pedido foi aceito;

ricos mimos foram o sello da união planejada, e Eliezer poz-se a caminho trazendo comsigo a noiva de Isaac. O santo patriarca Abrahão uniu os dois esposos, em nome de Deus, e esta união feliz, modelo commovente das alianças christãs, mitigou a dor que o pae e o filho sentiam pela morte de Sara. Abrahão morreu em idade provecta e foi sepultado ao lado da esposa querida.

II. *Esaú e Jacob : ultima bençam de Isaac e promessas divinas concedidas a Jacob.* — Rebecca deu a luz a dois filhos : o primeiro recebeu o nome de Esaú, o segundo o de Jacob. Esaú era ruivo e coberto de pelo, e veiu a ser um caçador traquejado. O manso Jacob vivia retirado debaixo da tenda e era o predilecto de Rebecca. Um dia em que Esaú regressava dos campos, prostrado de cansaço e apertado pela fome, elle vendeu a Jacob, por um prato de lentilhas, seu direito de primogenito. Este tornava-se então o chefe da familia, e entrava no gozo das respectivas regalias.

Isaac agora estava velho e cego. Ao sentir-se proximo da morte, pediu a Esaú que mais uma vez lhe desse a provar alguma caça que fizera, antes de receber a bençam paterna. Rebecca ouvíra estas palavras. Ás pressas, mata um cabrito e cozinha-o. Manda Jacob vestir o fato de Esaú e encobre-lhe as mãos e o pescoço com a pelle do cabrito ; Jacob assim se apresentou ao pae e recebeu a bençam : « Meu filho, disse-lhe o patriarca, que Deus te dê o orvalho do céu e os frutos da terra, o trigo e o vinho com abundancia. Sirvam-te os povos, receiem-te as nações. Sê o mestre de teus irmãos, e humilhem-se diante de ti os filhos de tua mãe ! » Era toda a herança do mais velho e as bençams do Senhor que passavam para Jacob.

Para furtar-se á colera de Esaú, a conselho da mãe e segundo o parecer de Isaac, Jacob teve que tomar

o caminho do exilio. De viagem, precisava descançar. Poz uma pedra a modo de travesseiro e adormeceu. Viu então, no sonho, uma escada mysteriosa cujo pé tocava no solo, indo o vertice até alcançar o céu. Anjos de Deus iam subindo e descendo, revelando assim sua missão sublime : elles levavam no céu nossas homenagens, e de lá traziam-nos os beneficios divinos. No topo estava Jeovah, que fez Jacob ouvir esta nova e consoladora promessa : « Sou eu o Senhor, o Deus de Abrahão e de Isaac, teu pae. Eu te darei, a ti e a toda a tua raça, a terra onde dormiste. Tua posteridade será numerosa como o pó da terra e todas as nações serão bemditas *naquelle que ha de sair de ti.* » Estas palavras mostravam, com evidencia, que o Messias promettido sairia da familia de Jacob. Ao despertar, Jacob, reconhecendo que o lugar onde repousára era santo, erigiu em monumento a pedra em que descansára a cabeça ; elle a consagrou ao Senhor derramando oleo nella. Era o preludio da bençam de nossas igrejas e da consagração de nossos altares.

Jacob acolheu-se em Mesopotamia na casa de Laban seu tio, cujas filhas ambas, Rachel e Lia, elle desposou, junto com as escravas dellas, Zelpha e Bala. Destas differentes uniões, elle teve doze filhos, chamados os doze patriarcas que vieram a ser os chefes das doze tribus de Israel : Rubens, Simeão, Levi, Judá, Issachar e Zabulão, filhos de Lia ; Dan e Naphtali, nascidos de Bala, criada de Rachel : Gad e Azer nascidos de Zelpha criada de Lia ; José e Benjamin, filhos de Rachel, a esposa preferida.

Passados vinte annos de desterro, Jacob voltou á sua patria. O proprio Deus tinha preparado, para os dois irmãos, uma reconciliação que foi completa, sincera. Jacob tinha tido o prenuncio deste accordo na luta victoriosa que travou com o anjo. Depois deste combate, o anjo lhe disse : « Dora em diante, vosso

nome não será mais Jacob; chamar-vos-eis *Israel*, ou forte contra Deus. » Dahi vem denominarem-se os descendentes do patriarca *Israelitas*.

ARTIGO III

Historia de José.

I. José vendido por seus irmãos. — II. Estada no Egypto, elevação de José. — III. Jacob com sua familia no Egypto. — IV. Prophecias e morte de Jacob e de José. — V. Duas figuras frisantes do Messias. — VI. A posteridade de Jacob na terra de Mesraim.

I. *José vendido por seus irmãos.* — 1728 (2096) A.C. — José era o filho querido de Jacob. Tudo o fazia digno desta preferencia que não deixou comtudo de excitar a inveja de seus irmãos. O ciume subiu de ponto ainda, quando ouviram a narração de um sonho que José fizera e no qual estava vaticinada a sua futura grandeza : « Nós estavamos num campo, contou elle, occupados a ligar feixes de trigo. O meu ficava em pé emquanto os seus, inclinados em redor do meu, o adoravam. » Outra vez, tinha visto o sol, a lua e as estrellas prestando-lhe a mesma homenagem. « Qual ! deixa de historias, diziam seus irmãos, então julgas que has de ser o nosso rei? Pensas que vamos te adorar? »

Um dia em que os irmãos de José tinham ido todos na região de Dothaim para seus rebanhos pastarem, Jacob, que ficára em casa com o filho estremecido, mandou-o para saber delles. Quando estes o avistaram, ao longe, fizeram proposito de desembaraçar-se delle : alguns queriam matal-o ; Rubens pediu que o atirassem numa cisterna. Mas aconteceu passarem por ali negociantes Ismaelitas. Judá disse aos seus irmãos : « Vamos vender José a estes mercadores, e assim ficarão nossas mãos limpas do sangue delle. »

Com effeito por trinta moedas de prata, fechou-se o negocio ; José tinha de ser levado ao Egypto. Depois, ensopando sua tunica no sangue de um cabrito mandaram-na a Jacob dizendo : « Achamos esta roupa ; não será a de José? » Jacob julgou que uma fera tivesse devorado seu filho ; elle chorou amargamente e não aceitava consolo algum. A morte de Isaac veiu pôr o cumulo á sua dôr.

11. *Estada de José no Egypto ; sua elevação.* — Os Ismaelitas levaram José ao Egypto e venderam-no a Putiphar, ministro do rei Pharaó. Este gostou delle e confiou-lhe a intendencia da sua casa. Deus a abençôou por causa de José. Mas a mulher de Putiphar procura abalar a sua virtude. Para ver-se livre, José foge deixando nas mãos della o manto que ella segurava. Esta mulher perversa usou deste manto para accusar o intendente que Putiphar mandou encerrar no calabouço. Deus que velava pelo joven cativo, communicou-lhe o dom de interpretar os sonhos ; foi o instrumento providencial da sua rehabilitação. José anunciou a um copeiro do rei, prisioneiro tambem, que breve seria solto. Uma vez livre, lembrou-se do antigo companheiro. O proprio Pharaó andava perturbado com um sonho que tivera : sete vaccas gordas, anafadas, saiam do Nilo e pastavam nos pantanos ; sete outras vaccas magras e disformes sairam depois e devoraram as primeiras. Depois, em outro sonho, sete espigas enfezadas e retorcidas, devoraram sete espigas pesadas, cheias, que brotavam da mesma planta. José foi consultado para interpretar esta visão ; elle explicou que Deus reservava ao Egypto sete annos de abundancia aos quaes seguir-se-iam sete annos de esterilidade, e elle animou o rei a escolher um ministro prudente, que armazenasse o trigo nos celeiros do Egypto durante os annos de abundancia ; para remediar aos annos de penuria.

Pharaó entendeu que ninguem podia desempenhar melhor este papel do que José; elle o fez primeiro ministro, deu-lhe intendencia sobre todo o Egypto, e mandou que casasse com a filha do summo sacerdote de Heliopolis, de quem teve dois filhos, Ephraim e Manassés.

III. *Jacob e sua familia no Egypto.* — A fome annunciada por José, foi terrivel no Egypto e em toda a terra. Mais intensa ainda foi ella no paiz de Chanaan onde morava Jacob com seus filhos. Ao saber da abundancia que reinava no Egypto, o patriarca enviou os dez filhos mais velhos a comprar trigo, e não guardou comsigo sinão a Benjamin, por ser muito moço e por medo que lhe succedesse algum desastre.

Os dez filhos de Jacob dirigiram seu pedido ao primeiro ministro que os reconheceu sem custo; porém elle disfarçou, e fez de quem queria tratal-os como espias. Ficou com Simeão como refens e mandou que os outros fossem buscar Benjamin.

De volta na sua terra, ficaram assombrados, quando, nas saccas de trigo, deram com o dinheiro que tinham levado para pagal-o. Jacob negava-se a deixar partir Benjamin; porém a fome ainda apertava, não havia resistir. José recebeu os viajantes com bondade, cumulou de afagos a seu irmãozinho Benjamin e mandou preparar um banquete para seus irmãos sem comtudo dar-se a conhecer. Propositalmente elle os provou de varias maneiras, colocando outra vez todo o dinheiro nas saccas, escondendo seu calice de ouro na sacca de Benjamin. Depois, elle os deixou prender como ladrões e fingiu que queria guardar Benjamin como escravo. Mas ao presenciar a dôr de seus irmãos, elle viu que estavam sinceros e não pôde mais sopitar sua emoção; elle exclamou: « Eu sou José! vive ainda nosso pae? Voltem lá; digam-lhe minha gloria, meu poder; tragam-no aqui junto de mim! »

Ao saber da faustosa noticia, Jacob com tudo quanto possuia deixou a terra de Chanaan. Chegado em Bersabéa, nas fronteiras do Egypto, teve uma visão na qual o Senhor dizia : « Não receies descer ao Egypto com teus filhos : eu mandarei sair dentre vós um grande povo, e eu vos conduzirei outra vez aqui ; José cerrar-te-á os olhos. » O encontro foi em extremo commovente, suave, para o pae e o filho que julgavam perdido. « Posso morrer em paz, agora que tornei a ver teu rosto, » dizia o patriarca. Pharaó deu a Jacob e a seus filhos, como residencia, a terra de Gessen, na margem oriental do Nilo. A familia de Jacob se compunha então de setenta membros, que viveram nesta região a sua vida de pastores.

IV. *Prophecias e morte de Jacob e de José.* — O patriarca Jacob viveu ainda dezesete annos. Quando viu chegar a morte, chamou á José e exigiu delle a promessa, com juramento, que levaria suas cinzas em Machpelah, no tumulo de seus paes ; abençôou os filhos de José, Ephraim e Manassés ; depois, dirigindo-se a cada um dos seus filhos, elle os abençôou anunciando-lhes o seu destino. Quando foi a vez de Judá, que era o quarto por ordem de nascimento, Jacob pronunciou estas notaveis palavras, que encerram uma prophecia solemne : « Judá, teus irmãos louvar-te-ão, os filhos de teu pai prosternar-se-ão diante de ti, e tua mão ha de pesar sobre a cabeça de teus inimigos... O sceptro não sairá de Judá, e ver-se-ão sempre chefes desta raça até chegar Aquelle que deve ser enviado, que é a expectativa das nações. »

Dois são os ensinos que nos revela esta predição admiravel, a respeito do Messias : a primeira é que ha de nascer de Judá. « Este Christo que devia sair de Abrahão, de Isaac e Jacob, como sabiamos, agora tem de ser o fruto da tribu de Judá. Veremos depois que desta mesma tribu, David é escolhido para vir a

ser o pae, para que Jesus — filho de David, autor da familia real, — filho de Judá que fica sempre a cabeça do povo de Deus, — filho de Abrahão com quem fôra celebrada a aliança, e para remontar mais alto ainda, — filho de Sem, abençôado mais que seus irmãos — reunisse, ajuntasse em si mesmo, pela mais bella herança, todos os titulos de distinção e de bençam que tinham jamais existido e saisse do mais puro e mais nobre sangue que houvesse no mundo (1). »

O segundo facto determinado pela prophecia de Jacob, é a época em que deve aparecer o Messias. A tribu de Judá dará reis e chefes ao povo judeu e quando ella não tiver mais o sceptro da autoridade, quando Israel passar solb a dominação estrangeira, então é que ha de vir o Libertador esperado.

Jacob morreu. Fizeram-lhe exequias magnificas e José levou seus despojos no tumulo de seus paes, depois voltou ao Egypto. Seus irmãos o acompanharam e foram vivendo felizes debaixo da proteção delle. José faleceu por sua vez aos cento e dez annos de idade, 1635 A. C. (1770). Antes de morrer, reuniu seus irmãos em redor do seu leito e falou : « Estou para morrer, mas Deus vos visitará ; elle vos conduzirá desta terra para aquella que prometteu de dar a Abrahão, Isaac e Jacob, e então levareis comvosco os meus ossos. » Seu corpo foi embalsamado e foi posto num feretro, ficando no Egypto até o dia em que seus descendentes o levaram em Sichem.

V. *Duas figuras frisantes do Messias.* — Jacob e José, na sua pessôa e na sua vida, apresentam notaveis caracteres de semelhança com o Messias que nasceria da sua raça. Jacob, manso e virtuoso, é alvo das perseguições de seu irmão por causa das bençams que recebeu do pae ; Jesus, a mansidão e a santidade será perseguido pelo odio dos Judeus, seus irmãos,

(1) Bossuet, *Elévations sur les mystères*, 10e semaine, 1re élév.

por ter recebido do Deus, seu pae, a virtude e o poder. Jacob vê sua união abençoada pelo Senhor; Rachel lhe dá filhos que hão de ser paes de um grande povo. Nosso Senhor vê a sua união com a Igreja receber uma bençam muito maior; esta esposa immaculada lhe dá filhos sem numero. Por seus doze filhos, Jacob vem a ser chefe de um povo numeroso; por seus doze apostolos, Jesus Christo conquista o mundo inteiro. Emfim, Jacob vence todas as difficuldades e volta á sua patria, junto de seu pae; assim ao Salvador do mundo vencedor dos seus inimigos, volta no céu, junto de seu pae, trazendo como sequito as almas todas que elle salvou.

Mais frisante ainda é a semelhança de José com o Salvador que elle representa e anuncia. Este filho innocente, predilecto do pae e invejado dos irmãos, não é Jesus, a propria santidade, o bem amado do Pae eterno, odiado por seus irmãos, os Judeus, poi causa de seus meritos e porque elle lhes prediz as suas futuras grandezas! Por trinta moedas de prata, José é vendido a negociantes estrangeiros, assim Jesus será entregue a seus inimigos pelo apostolo Judas; mas tambem, como o patriarca levado ao Egypto, vem a ser o salvador de seus irmãos, assim Nosso Senhor, tendo sido condenmado por sua innocencia, ha de salvar toda a nação de Israel. Da prisão, José passa para o apice da gloria; Jesus Christo passará da cruz e do tumulo para o triumpho da resurreição. Atraiçoado e vendido, José perdôa aos irmãos e os traz na terra onde elle é vice-rei; Nosso Senhor, entregue e supliciado, ora por seus perseguidores, perdôa a seus algozes e promette-lhes um lugar no seu reino com a unica condição do arrependimento. E' deste modo que Deus, entretido com o grande plano que cogitava, parecia, de alguma maneira, experimental-o, delineando de antemão os bosquejos.

VI. *A posteridade de Jacob na terra de Mesraim.* — Depois da morte de José, o numero dos Hebreus avultou rapidamente, e, passado algum tempo, enchia todo o paiz. Então reinava um Pharaó, ou rei, que não conhecera a José e olvidou os serviços relevantes que este tinha prestado á nação. Assustado ao ver esta copia immensa de estrangeiros que não tinham o culto nem os costumes dos Egypcios, elle formou o proposito de opprimil-os. Neste intuito mandou a este povo governadores que os carregaram com penosos trabalhos. O historiador Josephe narra que os Pharaós mandaram os Israelitas construir diques para deter as aguas do Nilo, canaes para dilatar a fertilidade, muralhas para cercar as cidades, e emfim pyramides de uma altura prodigiosa. Os Hebreus, porém, máu grado a oppressão, multiplicavam-se ainda. O Pharaó ordenou de atirar ao Nilo todas as crianças do sexo masculino que nascessem deste povo : esperava assim dar cabo de sua raça.

O povo de Deus permaneceu cerca de duzentos annos no Egypto, depois da morte de Jacob. « Deus, diz Bossuet, queria acostumar os eleitos a confiar na sua promessa, certo de que mais dia, menos dia, sempre se realisaria, e sempre no tempo determinado por sua eterna Providencia. Era preciso dar ao povo escolhido o tempo devido para elle proliferar e tornar-se capaz de povoar o solo que lhe eradestinado e de conquistal-o á força, exterminando seus habitantes, que Deus tinha amaldiçoado. Elle queria que soffressem, no Egypto, um cativeiro duro e insuportavel, para que, uma vez libertados, mercê de prodigios inauditos, amassem seu salvador e celebrassem eternamente as suas misericordias. E' esta a razão das providencias que Deus toma, conforme elle proprio o revelou, para ensinar-nos a temel-o, a adoral-o, a amal-o, a esperal-o com fé e paciencia. »

ARTIGO IV

Moysés e a libertação.

I. Nascimento e vocação de Moysés.—II. As dez pragas do Egypto — III. A primeira Pascoa e a passagem do mar Vermelho. IV. Episodio de Job.

I. *Nascimento e vocação de Moysés.* — No anno de 1571 (1725) antes de Christo, nasceu uma criança na casa de Amram, descendente de Levi. Durante tres mezes, sua mãe Jocabed conseguiu furtal-o a todas as pesquizas dos Egypcios. Porém, desesperada por não poder ocultal-o mais tempo, deixou-o exposto numa cesta de junco, na margem do Nilo. A filha do Pharaó, que viera ali tomarb anho, compadeceu-se do menimo e salvou-lhe a vida. Ella o chamou Moysés, isto é, *salvo das aguas*, adoptou-o e mandou-o educar na côrte real. Instruido em todas as sciencias dos sacerdotes egypcios, Moysés foi crescendo em força e sabedoria. Comtudo, em meio destas honras, melindrava-o a opressão que pesava sobre seus irmãos. Um dia, matou um Egypcio que maltratava um Israelita. Receiando a ira de Pharaó, fugiu para o paiz de Madian. Contava então quarenta annos. Jethro, principe e sacerdote nessa região, entregou-lhe o cuidado de seus rebanhos.

« A idolatria, diz Bossuet, cobria a terra. Tudo era Deus, menos o proprio Deus, e o mundo, que Deus creára para manifestar a sua omnipotencia, parecia ter-se tornado um templo de idolos. Tresmalhou-se o genero humano até adorar suas paixões e seus viciso. Impurezas incriveis foram intromettidas nos sacrificios. A crueldade andava de envolta com ellos. O homem culpado, que considerava a divindade como inimiga, julgou que não poderia datisfazel-a com as victimas ordinarias. Poz-se a derramar o sangue

humano com o dos animaes ; um temor louco levava os paes a immolar seus filhos. No meio de tanta ignorancia, o homem chegou a adorar os mesmos objectos que tinha feito. Pensou que podia prender o espirito divino e encerral-o nas estatuas... Tinha dado a hora em que a verdade, mal conservada na memoria dos homens, havia de obliterar-se si não fosse escripta, e Deus, que aliás tencionava formar seu povo para a virtude por meio de leis mais explicitas e mais numerosas, resolveu dal-as por escripto. Moysés foi destinado a esta missão. »

Um dia, no sopé do monte Horeb, o Senhor lhe appareceu numa sarça ardente e deu-lhe ordens de ir libertar seu povo. Moysés hesitava. Em nome de quem falaria elle com o rei? O libertador carecia de uma delegação legitima. Deus a dará ; e já que sua missão ha de ser restabelecer a verdade no mundo, Deus começa revelando-lhe a noção mais sublime que tenha communicado até agora : « Eu sou Aquelle que é ! Tu dirás aos filhos de Israel : Aquelle que é me mandou para vós. »

Até esta época Deus tinha falado com os patriarcas sem praticar prodigio algum que o desse a conhecer. Mas depois de ter escolhido Moysés para ensinar a Religião que devia perdurar até a vinda do Messias, elle deu um meio duplo para abonar a veracidade da sua delegação : a *prophecia* e o *milagre*.

II. *As dez pragas do Egypto.* — Moysés e seu irmão apresentaram-se diante do rei, e, em nome do Deus de Israel, pediram a licença de levar o seu povo ao deserto para ali offerecerem o sacrificio. O rei indeferiu o pedido. Então Moysés anuncia ao Pharaó os castigos que successivamente hão de affligir o povo egypcio. Dez flagellos, que chamaram as *dez pragas do Egypto,* abateram-se, a pedido de Moysés, sobre a nação rebelde ás ordens de Deus.

1º As aguas do Nilo foram mudadas em sangue.

2º Rãs sem conta sairam do rio e penetraram nas casas dos Egypcios.

3º Nuvens de mosquitos apegaram-se aos homens e aos animaes e os apoquentaram com mordeduras inaturaveis.

4º Enxames de grossas moscas invadiram o palacio do Pharaó e todo o Egypto com excepção da terra de Gessen, causando crueis tormentos.

5º A peste dizimou todos os rebanhos dos Egypcios sem que os dos Hebreus tivessem de soffrer.

6º Ulceras horrendas cobriram homens e animaes.

7º Medonha chuva de pedras de gelo aniquilou todas as colheitas, e matou Egypcios e animaes que estavam nos campos.

8º Uma terrivel aparição de gafanhotos veiu roer a pouca folhagem que a chuva de pedras tinha poupado.

9º Densas trevas envolveram o Egypto por tres dias ; ninguem podia deixar o lugar em que se achava ; só os Hebreus é que estavam alumiados.

Pharaó e seu povo, espantados com estas catastrophes, muitas vezes estiveram para deixar os Israelitas seguir para o deserto ; mas sempre o rigor e a teima prevaleciam. A decima chaga, com que Moysés ameaçou o principe empedernido, foi a exterminação de todos os filhos primogénitos dos Egypcios.

III. *A primeira Pascoa e a passagem do mar Vermelho.* — Antes de infligir este ultimo castigo, Deus mandou a Moysés que dissesse aos Israelitas. « No decimo quarto dia deste mez, os filhos de Israel hão de tomar em cada familia um cordeirinho de um anno, sem mancha ; hão de sacrifical-o ; depois, com o sangue, marcarão suas portas e na mesma noite, comerão a carne assada do cordeiro com pão azymo e hervas amargas. Queimar-se-á o que não houver sido

comido. Far-se-á esta refeição com a cinta amarrada, calçado de viagem nos pés, e, na mão, o bordão de romeiro; pois é a Pascoa, isto é, *a passagem do Senhor*.»

« Nesta mesma noite, proseguiu o Eterno, atravessarei a terra do Egypto, hei de ferir todos os prmogenitos, desde o homem até os animaes, e pouparei unicamente as casas que estiverem marcadas com o sangue do cordeiro. » Emfim, para perpetuar eternamente entre os Hebreus a lembrança deste acontecimento, o Senhor disse mais : « Não perdereis a memoria deste dia ; seu aniversario será sempre uma festa que celebrareis de geração em geração. » Pela manducação do cordeiro pascal e pela instituição da Pascoa, o povo vae inaugurar sua nova existencia.

Os Israelitas cumpriram o que lhes fôra prescripto. No meio da noite, passou o anjo exterminador, e, sem tocar nas casas dos Hebreus, deu a morte a todos os primogenitos dos Egypcios ; houve um immenso grito de dôr. O Pharaó chamou a Moysés e ordenou-lhe de partir com seu povo.

Os filhos de Israel sairam de Rhamessés em numero de seiscentos mil homens capazes de levar armas. Formavam, com as mulheres e as crianças, um povo de um milhão de habitantes que se dirigia para o mar Vermelho, milagrosamente conduzido pelo Senhor; pois uma columna de fogo, de noite, e de dia, uma columna de nevoeiro, norteava sua marcha. No emtanto, os Egypcios sentindo ter deixado sair tanta gente, já andavam no encalço delles para prendel-os. Estes vinham chegando em frente do mar Vermelho, e Pharaó, com seu exercito todo, estava atraz delles. A mandado de Deus, Moysés estendeu a mão sobre as aguas ; ellas então se separaram deixando um caminho enxuto por onde conseguiram passar todos os filhos de Israel. Os Egypcios teimaram em perseguil-os ; mas, quando estiveram mettidos nessa estrada aberta em meio das vagas, Moysés, da outra margem, esten-

deu de novo a mão e as aguas, caindo, afogaram o Pharaó com todo seu exercito. Moysés e seu povo entoaram o cantico da libertação: « Cantemos ao Senhor, pois elle manifestou gloriosamente o seu poder: precipitou no mar o cavalo e o cavaleiro. »

Era isto somente o começo dos prodigios. Para alimentar seu povo no deserto, Deus fez brotar uma fonte de agua doce, mandou ingente copia de calhandras que tombaram no campo, e, no dia immediato, o solo achava-se atapetado com grãozinhos redondos, miudos como pedrinhas de gelo : era o pão que Deus, por quarenta annos, havia de ministrar aos Israelitas. Chamaram-no *maná*. Todas as noites caia em farta quantidade, e tinham que apanhal-o antes do levantar do sol. Em dia de Sabbado, não aparecia o maná. Amassava-se esta substancia ; tinha o gosto da mais pura farinha misturado com oleo e mel. Moysés mandou encher um vaso com este pão maravilhoso e foi conservado na arca de aliança, e depois, no templo, entre as cousas santas de Israel.

Qual o *cordeiro pascal* a figurar Jesus Christo, a victima santa e innocente do sacrificio, offerecida para apagar os peccados do mundo, assim o maná era o presagio da divina Eucharistia, verdadeiro pão de vida descido do Céu.

IV. *Episodio de Job.*— Numa época que não é facil determinar, mas parece que era emquanto a posteridade de Jacob se ia multiplicando no Egypto, vivia na Iduméa um patriarca que ficou celebre. Job era seu nome, e este homem era justo e temente a Deus. Tinha sete filhos, tres filhas e possuia avultados bens. Ora o demonio pediu e alcançou do Senhor a licença de tentar este patriarca fiel. « Pois não, disse o Senhor, consinto em abandonal-o em tuas mãos comquanto respeites sua vida. »

Logo começou a provação : uma tribu de Arabes

lhe arrebata os bois e os jumentos; o fogo do céu reduz a cinzas os seus rebanhos; cavaleiros lhe roubam os tres mil camelos; um vento furioso, soprando do deserto, derruba a casa em que seus filhos estavam reunidos e sepulta-os debaixo dos escombros. Job, recebendo de pancada estas infaustas noticias, não murmura: « O Senhor tinha me dado tudo, disse elle, e tudo me tirou; bemdito seja o nome do Senhor!

Satanaz atacou depois a propria pessôa de Job. Coberto de chagas e de ulceras, deitado num monturo, vilipendiado e amaldiçôado por sua mulher, o patriarca chega a limpar, com uns cacos, o humor fetido que lhe corre das feridas. Tres amigos seus que tinham vindo de longe para consolal-o teimam em ver nestes horrendos soffrimentos um castigo do céu por crimes occultos. Então trava-se entre o homem afflicto e seus amigos um dialogo cheio de ensinamentos.

A primeira questão que vem a terreiro é a da origem do bem e do mal, sua repartição desigual sob o governo de um Deus justo e sabio. Job resolve magistralmente estas difficuldades: esteia-se no peccado de Adão que passou a toda a posteridade; exprime sua fé profunda na resurreição e sua esperança no Redemptor.

« Tomára que estivessem os meus discursos gravados no chumbo com um buril de aço ou esculpidos na pedra com um estylete. Sim, eu bem o sei, meu Redemptor é vivo. Hei de ressuscitar e sair da terra no ultimo dia; ainda terei este mesmo corpo, e verei meu Deus na minha carne; vel-o-ei eu proprio, e não algum outro, e o contemplarei com meus proprios olhos: é esta a esperança que me consola; hei de conserval-a sempre no meu coração. »

Quem terá ensinado estes dogmas profundos a um homem que não pertence ao povo de Israel? E' evidente que taes verdades não se originavam sinão na Revelação primitiva.

Job dobra a cerviz perante os mysteriosos decretos da Providencia. Deus perdôa : elle cura os seus males; devolve-lhe dobrado tudo quanto tem perdido, riquezas e familia.

Job é uma das mais expressivas figuras de Christo. Da mesma maneira, o Justo por excellencia ha de ser despojado de tudo, abandonado pelos seus amigos, todo chagado, dos pés á cabeça, ultrajado pelo povo, blasphemado na cruz ; mas não abrirá a bocca para queixar-se, e, si falar, será para confessar e publicar a sua humilde submissão á vontade de seu Pae. E Deus ha de premiar esta paciencia sublime, devolvendo-lhe, na sua carne ressuscitada, todas as riquezas e todas as glorias. — Por emquanto, Moysés, segundo repara Bossuet, não podia dar aos filhos de Israel saindo do cativeiro e aflictos no deserto, mais util exemplo de coragem e de paciencia do que o do patriarca da Iduméa.

II

A RELIGIÃO MOSAICA

OU LEI ESCRIPTA

1491 (1645) antes de J. C. até o anno 1 da era christã.

NOÇÕES PRELIMINARES

Idéa géral — Divisão deste estudo

Até agora, os homens, para se governar, só tinham a razão natural e as tradições de seus antepassados : Deus, por escripto, não dera nada que pudesse servir de norma. As crenças se perpetuavam pelo ensino dos paes aos filhos, e os principaes deveres da moral estavam baseados na consciencia e na *Lei natural*, já comentada, na verdade, pelo ensino verbal de Deus a nossos primeiros paes e aos patriarcas. Quanto ás ceremonias e ao culto, além do uso dos sacrificios commum a todos os povos, os filhos de Abrahão tinham mais a circumcisão como signal da aliança que Deus tinha formado com esta raça eleita.

O Senhor não quiz por mais tempo deixar entregue á unica memoria dos homens, o mysterio da religião e de sua aliança. Tinha chegado a hora de oppôr um baluarte mais forte á idolatria que grassava no genero humano e i apagando os ultimos vestigios da luz natural. É isto que Deus fez dando a seu povo, por

intermedio de Moysés, uma *lei escripta*, 430 annos depois da vocação de Abrahão, 856 annos depois do diluvio e no mesmo anno em que o povo hebreu saiu do Egypto. Esta data é importantissima : lembra um acontecimento memoravel na historia da Religião e de seu desenvolvimento ; serve tambem para designar todo o tempo que corre desde Moysés até Nosso Senhor, do anno 1491 (1645) A. C. até o começo da era christã.

Demos o bosquejo deste longo periodo : O proprio Deus o abre exarando o *Decalogo* ou os dez mandamentos. Moysés faz os comentarios nos livros de Pentateuco. Elle conduz seu povo até os limites da Terra prometida; morre, porém, sem nella entrar. Josué assume a autoridade e o mando ; a elle compete introduzir a nação de Israel no paiz prometido a seus paes, firmar a conquista, e dividil-a entre as doze tribus.

Depois de Josué, Deus reserva para si a autoridade suprema. Israel não tem outro rei sinão o todo poderoso Jehovah. Todavia, quando os Israelitas caem debaixo do jugo dos povos visinhos, Deus envia chefes para dirigir os exercitos e fazer justiça á nação : são os Juizes. 1434-1095 (1580-1080) A. C.

Mas os Israelitas manifestaram o desejo de serem governados por um rei como os povos visinhos, Samuel ungiu a Saul que veiu a ser o primeiro rei da nação judaica. David lhe succede e prepara os esplendores do reino de Salomão.

Sob o mando de Roboam, successor deste, dez tribus se separam e constituem o reino de Israel que só dura 254 annos, acabando com o cativeiro de Niniva, 721 (718) A. C. O reino de Judá foi mais longo. Entretanto, após uma existencia de 387 annos, acabou igualmente com o cativeiro de Babylonia (606 antes de J. C.). Durante setenta annos, Israel não teve mais nacionalidade, nem templo, nem culto publico.

No entanto a *Lei escrita* se aperfeiçoa e se desen-

volve pelos ensinos dos prophetas. Teremos de lembrar seus importantes oraculos a respeito do Redemptor esperado.

Nunca os Judeus foram mais fieis a Deus do que depois de seu regresso do cativeiro. Não se entregaram mais á idolatria. Da reconstrução do templo a esta parte, emmudecem os oraculos, e não se ouve mais a voz dos prophetas. A nação, durante 450 annos, recolhe-se e prepara-se para a vinda do Salvador, governada pelos summos sacerdotes, debaixo da soberania benevolente dos reis da Persia. Os quatro grandes imperios prophetisados por Daniel succedem-se e, cada um, de modo differente, vae preparando as vias ao Messias prometido. Os Judeus, opprimidos algum tempo pelos reis da Syria, recuperam sua independencia e seu antigo resplendor com os Machabeus. A realeza asmoneense nos leva á intervenção dos Romanos nos negocios da Judéa : esta região é reduzida a provincia romana ; é rei Herodes da Iduméa e o Messias nasce em Belém.

Aí temos os multiplos acontecimentos que enchem o intervalo de cerca de mil e quinhentos annos, chamado a *Lei escrita*.

Os historiadores têm dividido esta longa duração em tres periodos : a primeira, a qual em relação á historia geral do mundo é a *quarta época*, abange desde a promulgação da lei até a dedicação do templo por Salomão, 1490-1003. (1645-991) A. C. ; o segundo periodo ou *quinta época* vae desde Salomão até o cativeiro de Babylonia, 1003-606 (962-606), A. C. ; o terceiro periodo ou *sexta época* da historia consta do tempo decorrido desde o cativeiro de Babylonia até Jesus Christo, do anno 606 antes de Nosso Senhor até o anno 1 da era christã.

Consoante o plano anteriormente exposto : evidenciar acima de tudo a continuidade da Religião, o primeiro capitulo será consagrado a um estudo especial

da lei de Moysés, considerando-se as crenças, a moral e o culto. Depois, seguindo de novo a ordem historica, dar-se-ão, em tres capitulos correspondentes ás tres épocas supra-mencionadas, os factos que mais intimamente se relacionam com o desenvolvimento da verdade religiosa.

Será facil averigual-o, a lei de Moysés ia desbravando o caminho para uma lei mais augusta : a lei do Messias. Por isso quando ha de apparecer este outro propheta maior que Moysés, a religião mosaica terá preenchido seu papel, e o brilho que a tinha cercado, ha de empanar-se, quaes no levantar do sol, as estrellas a sumirem e apagarem-se.

CAPITULO I

A Lei do Sinai

1491 (1645) antes de J. C.

I. A promulgação do Decalogo sobre o Sinai. — II. Moysés recebe a missão de explicar a lei ; divisão deste capitulo.

I. *A promulgação do Decalogo sobre o Sinai.* — Depois de terem atravessado o mar Vermelho, os Israelitas entraram no deserto de Sur. Passados alguns dias, acharam-se na presença dos Amalecitas descendentes de Esaú ; foi preciso travar combate. Moysés subiu ao monte Horeb com o irmão Aarão e o cunhado Hur. Emquanto lutavam os Israelitas na planicie, Moysés orava sobre o monte. Effeito prodigioso da prece! sempre que Moysès ficava de mãos erguidas para o Céu, o povo vencia, mas logo que Moysés fraquejava, Amaleco levava a vantagem. Aarão e Hur ampararam-lhe os braços até de noite, e a victoria foi completa.

Quarenta e seis dias depois da saida do Egypto, os Israelitas chegaram na fralda do Sinai. Moysés ascendeu ao cume e ordenou que o povo se espalhasse em redor, na base. No quadragesimo dia, ao arrebol, o Sinai cobriu-se com uma nuvem densa ; os relampagos coriscavam, o trovão roncava estrondosamente ; ouviu-se então uma voz formidanda que promulgou, nos seguintes termos, o *Decalogo*, alicerce de toda a lei :

I. Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tem tirado da terra do Egypto e da casa de servidão. Não tereis outros deuses sinão eu. Não fareis idolos esculpidos,

nem imagem alguma daquillo que está no céu ou na terra para adoral-os.

II. Não jurareis em vão com o nome do Senhor, vosso Deus ; pois o Senhor não deixará impune aquelle que jurar seu nome em vão.

III. Lembrai-vos de sanctificar o dia do Sabbado. Trabalhareis durante seis dias, fazendo tudo quanto tiverdes de fazer ; mas o setimo é o dia do descanso do Senhor vosso Deus. Não fareis naquelle dia trabalho algum, nem vós, nem vosso filho, nem vossa filha, nem vosso criado, nem vossa criada, nem vossos animaes domesticos, nem o estrangeiro que estiver hospedado comvosco. Pois o Senhor, em seis dias, fez o céu, a terra e o mar, e tudo quanto elles encerram, e no setimo, descansou. Por isso é que elle abençôou e sanctificou o dia do Sabbado.

IV. Honrai vosso pae e vossa mãe, para viverdes muitos annos na terra que Deus vos ha de dar.

V. Não matareis.

VI. Não cometereis o peccado de impureza.

VII. Não furtareis.

VIII. Não desejareis a mulher de vosso proximo.

X. Não cubiçareis a sua casa, nem seu criado, nem sua criada, nem seu boi, nem seu jumento, nem cousa alguma que lhe pertence.

Facil é notar que estes dez preceitos não são mais do que uma nova publicação da lei natural insculpida por Deus, no coração de todos os homens, mas falseada pelas paixões. Deus quiz promulgal-a em meio de um aparato terribilissimo, para tornar bem patente que é elle o mestre, e que o raio está nas suas mãos prestes a ferir os delinquentes. Para perpetual-os, Deus gravou os dez mandamentos em duas taboas de pedra que entregou a Moysés. No entanto, o povo, insoffrido, tinha-se deixado arrastar para a idolatria : seguindo o exemplo do Egypto, fabricára um bezerro de ouro e adorava-o.

Com tal espectaculo, Moysés entrou numa santa ira e despedaçou no rochedo as taboas da lei. Mandou aos filhos da tribu de Levi, que tinham permanecido fieis, que degolassem os mais culpados dentre os Israelitas. Depois penetrou no campo, derrubou o idolo, que reduziu a pó, e deu de beber este pó, como signal de protesto, para que não ficasse vestigio da idolatria.

Cumprido este castigo, Moysés intercedeu por seu povo arrependido. Deus consentiu em perdoar e deu a seu servo duas novas taboas em que tinha gravado os dez mandamentos.

II. *Moysés recebe a missão de explicar a lei ; divisão deste capitulo.* — Alem dos dez preceitos, Deus fizera a Moysés varias comunicações que devia transimitir a seu povo. Podem se considerar como explicação e commentario admiravel do *Decalgo.* O legislador as escrevia na ordem em que as recebia de Deus ; nós as achamos nos diversos livros do Pentateuco. Porém um estudo acurado nos mostra que os livros de Moysés são acima de tudo livros de Religião, embora o legislador tenha inserido nelles, para o povo judaico, leis civis, politicas, e até hygienicas. Com effeito, para a nação de Israel era a Lei tudo. Quanto a nós, importa estudarmos a parte religiosa. Ora, qualquer religião consta de *crenças, moral* e *culto.* Referir-se-á nosso estudo succinto as estas tres divisões nos tres artigos que seguem.

ARTIGO I

As crenças ou dogmas da Religião mosaica.

I. Noção exacta de um Deus unico, espiritual e creador. — II. A alma humana, substancia espiritual e immortal. — III. O dogma do Messias futuro.

I. *Noção exacta de um Deus unico, espiritual e creador.* — Era mister, antes de tudo, acautelar o povo de Israel contra a idolatria, crime de todas as nações visinhas. E' por se ter a idolatria propagado em toda a terra que Deus formula no Sinai esta primeira verdade : « Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tem tirado da terra do Egypto ; não tereis outros deuses sinão eu. » Israel nunca esqueceu por completo este dogma. Porquanto os inimigos dos Judeus lhes prestavam esta homenagem: « Não se encontram idolos em Jacob. » (*Num.* XXIII, 21). Para mais indelevelmente imprimir nos espiritos a unidade de Deus, a lei exige que haja um só templo, um unico lugar de sacrificio e somente um culto ; e para remover todo o perigo de idolatria, não quer que se ponha no templo imagem alguma da divindade.

Mas este Deus unico, quem é? Já Moysés o deu a conhecer ao povo segundo a definição que o proprio Senhor lhe participára : « Elle é Aquelle que é », portanto o Ser por excellencia, invisivel na sua natureza, espirito, razão, intelligencia, fazendo tudo com a sua palavra, patenteando-se unicamente por suas obras, mais visivelmente ainda por seus milagres.

Desejamos por ventura conhecer as perfeições de sua natureza divina? Moysés nos dirá que o Senhor é um poder eterno, infinito, um Deus misericordioso e clemente, justo e bom, severo, mas não inexoravel. E' santo, e a todos os sacrificios, prefere a pureza da alma (*Deut.* VI e X) ; não faz accepção de ninguem ;

attende aos direitos da viuva e do orpham; gosta do estrangeiro e alimenta-o. (*Ib.* x, 12). Estas ultimas palavras nos mostram que o Deus dos Israelitas não é somente um Deus nacional, como alguem pretendeu: é o Deus de todos os povos e de toda a terra.

E de facto, é este Deus unico e soberano que tudo creou e tudo governa. Não narrou Moysés, no começo de seu primeiro livro, o *Genesis*, todos os pormenores da obra creadora? E que é a historia toda, escripta por elle, desde a creação de Adão até a passagem do mar Vermelho e a promulgação da lei, sinão o governo do mundo e da humanidade por sua misericordiosa Providencia?

II. *A alma humana, substancia espiritual e immortal.* — O que differenceia o homem dos mais seres da creação, é sua alma. O Legislador dos Hebreus o lembra e o prova, relatando a origem de nossos primeiros paes; este sopro divino que infunde a vida, é nossa alma, espirito como Deus, menos perfeito do que elle, mas possuindo, em certo gráu os mesmos atributos: a inteligencia, a liberdade, a imortalidade. Quando Moysés afiança que o homem foi creado á imagem de Deus, é evidente que não fala de nosso corpo, pois Deus é o Ser espiritual e invisivel; tratase de nossa alma. Dimanando de um sopro divino, nunca ella poderá julgar-se da mesma natureza que os corpos. Ao propor-lhe um galardão por sua fidelidade e um castigo por seus desmandos, o legislador claramente lhe reconhece a liberdade. Verdade é que esta condição da alma humana, assim como as maravilhas da vida futura, não foram então desenvolvidas. Era no dia do Messias que os arcanos desta luz deslumbrante desvendar-se-iam. Mas os patriarcas viveram na esperança da imortalidade; é o que asseveram todas as tradições judaicas. Verdade é tambem que Deus fala mais a miudo dos premios e dos castigos

terrenos que dos futuros de além tumulo ; mas isto era necessario para lidar com um povo tão material e grosseiro. Porém as mais fagueiras esperanças dos Israelitas eram acharem-se reunidos com seus paes no outro mundo, e acreditavam, como Job, que os corpos ressuscitariam para partilharem, com a alma, a felicidade do céu.

III. *O dogma do Messias futuro.* — Entre as verdades religiosas que fazem parte da crença judaica, occupa proeminente lugar a expectativa de um Libertador ou Messias prometido. Esta fé fôra a fé commum de todos os patriarcas ; Moysés porém, insiste mais ainda nella, no seu comentario da lei. Os filhos de Israel não queriam que Deus lhes falasse, com receio de morrerem. « Elles pediram um medianeiro, disse o Senhor a Moysés ; pois bem, farei surgir, do meio de seus irmãos, um propheta como tu, hei de pôr as minhas palavras na bocca delle, e elle comunicar-lhes-á tudo quanto eu lhes ordenar. Si alguem não quizer atentar no que este propheta anunciar da minha parte, eu tirarei desforra. » (*Deut.* XXXIV, 9).
Lembrando as promessas feitas aos patrarcas, Abrahão, Isaac e Jacob, e acrescentando esta palavra do proprio Deus, Moysés tencionava arraigar na sua nação esta firme esperança. O culto mosaico, aliás como tambem o tabernaculo, o templo, a arca de aliança, os sacrificios, o sacerdocio, as festas, tudo, numa palavra, era a figura de Christo e seu presagio.

ARTIGO II

A Moral na Religião mosaica.

I. Moral individual. — II. Familia e propriedade. — III. Deveres sociaes. — IV. Poderes publicos e leis penaes.

Não se mencionam aqui as outras verdades dogmaticas que compunham a crença judaica. Já foram indicadas ao tratar-se da Religião primitiva. Mas Moysés as conservou para as idades vindouras, escrevendo-as no seu livro do *Genesis*.

I. *Moral individual.* — Durante os dias em que privou a sós com Deus, na montanha, Moysés recebeu uma explicação succinta de cada um dos dez preceitos milagrosamente revelados ao povo. Tres capitulos do Exodo (XX, XXI, XXIV) formam o comentario abreviado da lei, completado depois pelo Legislador no Deuteronomio. Aqui não daremos a explicação do Decalogo, seja o bastante salientarmos as principaes disposições de lei: primeiro, no tocante á moral inidvidual.

O primeiro dever do homem é reconhecer e adorar seu Creador ; é o objecto do primeiro preceito : « Tu não adorarás sinão ao Senhor teu Deus ; e tambem o amarás, com todo o coração, com toda a alma, com todas as tuas forças. » (*Deut.* VI).

O segundo dever é levar uma vida santa e pura, Moysés insiste nisso : « Sede santos, diz o Senhor, porque eu mesmo sou santo. » (*Deut.* IV, 9 ; X, 16 ; Levit. XX, 7). Mas em que ha de consistir esta santidade? Aqui não mingôam pormenores : é preciso amar ao proximo e não nutrir contra elle odio ou desejo de vingança ; ser benevolente para com os estrangeiros e até para com os inimigos, ter caridade para com a

viuva, o pobre, o orpham. Todavia a lei mosaica não atinge as raias da perfeição da caridade, pois mantem a pena do talião : olhos por olhos, dente por dente, vida por vida. A injustiça, a mentira, o falso testemunho, são vicios profligados e condenados. O roubo reparar-se-á pela restituição dupla, quadrupla e mesmo quintupla. (*Ex.* XXIII).

O terceira dever da moral inidividual é o respeito de si proprio e da virtude dos outros : ao Evangelho competia dar a esta lei a suprema perfeição. Sempre Moysés prohibe severamente a seu povo qualquer offensa á virtude ; determina as condições que são a honra do matrimonio ; sentenceia as mais terriveis penas contra o vicio que deshonra, (*Ex.* XXI, XXII ; *Lev.* XIX, XX).

Quanta perfeição já se nos depara nesta moral mosaica, si a comparamos com a dos philosophos mais falados da Grecia e de Roma !

II. *Familia e propriedade.* — A familia tinha como chefe natural o pae cuja autoridade era absoluta na antiguidade. Na lei mosaica, ainda goza de extensos direitos sobre seus filhos, pois podia empenhar sua familia como escrava por algum tempo ; mas Moysés lhe tirou o direito de vida e de morte. (*Deut.* XXI, 18-21). Não havia lei que regulasse a educação ; somente se prescrevia aos paes que dessem aos filhos a instrucção religiosa. (*Deut.* IV, 9-10.) O poder paterno cessava para as moças na época do casamento ; para os moços, permanecia sempre. Só com a morte do pae, podiam os filhos entrar de posse dos bens, e o mais velho tinha uma parte dupla. (*Deut*, XXI, 17.) A revolta dos filhos contra a autoridade paterna era punida severamente, e os actos de violencia castigados com a morte. (*Deut.* XXI, 15.)

A polygamia, como fôra praticada pelos patriarcas, não é absolutamente prohibida na lei judaica ;

porém, o principio da unidade do matrimonio já se vae destacando mais nitido com a obrigação da divisão igual entre todos os filhos. A mulher escrava tornava-se livre e igual do esposo. A perpetuidade da união era a propria condição do matrimonio, e si Moysés autorisou « o livro do divorcio » para a esposa infiel, elle o fez com varias modificações e saudaveis correctivos. (*Deut.* XXII, 13-21.)

A propriedade, em Israel, descansava num alicerce divino. Deus, na realidade, é o unico proprietario; elle dá o usufructo por delegação, e determina as condições de gozo: dahi as instituições do *anno sabbatico* e do *jubileu*. Todos os setimos annos, ficavam as terras sem amanho, e os productos, que o solo desse espontaneamente, pertenciam aos pobres. Passadas sete semanas de annos, isto é, todos os quinquagenarios, havia o *jubileu*; todos os bens alienados eram devolvidos aos antigos donos; si, no intervalo, o Judeu tivesse feito alguma venda, ou perdido a liberdade entregando-se como escravo, com o anno de jubileu recuperava o gozo de seus haveres e de sua liberdade, e suas dividas eram remitidas. (*Lev.* XXV; *Num.* XXVI).

III. *Deveres sociaes.* — Leis a um tempo religiosas e civis, determinavam todos os deveres dos cidadãos entre si e com os estrangeiros. Moysés não se contentou em zelar pela segurança dos individuos, pela paz e ordem nas relações de familia. O povo judaico em peso formava uma sociedade da qual Jehovah era o mestre e o pae. Moysés entretanto deixou que vigorasse o regimem patriarcal e a divisão do povo em tribus, familias e casas. Mas elle exigiu a perfeita igualdade dos cidadãos perante Deus e perante a lei. O ingresso no templo, a aptidão para os mais elevados cargos, o direito a uma justiça igual, são parte essencial da lei mosaica.

As relações dos Israelitas entre si firmam-se na

justiça e a caridade. O Legislador insta em todas as paginas, no dever que tem o magistrado de ser integro e imparcial, e naquelle que tem todo o cidadão de não prejudicar em nada o direito do proximo. Na verdade, a lei mosaica não suprime a escravidão; aprova mesmo duas especies : a dos Hebreus e a dos estrangeiros. Os primeiros são antes criados que escravos; voltam a ser livres, querendo, depois de seis annos, ou, quando menos, no anno de jubileu. Os estrangeiros vinham a ser escravos por compra, por herança, ou como prisioneiros de guerra; mas era prohibido tratal-os com dureza, e elles gozavam de certos privilegios da nação.

Os viajantes e os estrangeiros deviam ser tratados como os indigenas, e Deus queria que os filhos de Israel se lembrassem que elles proprios tinham sido estrangeiros e viajantes no Egypto, Todavia, a lei fazia excepção para os Chananeus, por causa do perigo de corrupção, e tambem para os Moabitas e os Ammonitas, por sua dureza.

O direito de guerra tinha, como os demais, as suas normas na lei de Moysés. O chefe militar só podia aceitar nas fileiras do exercito voluntarios corajosos e livres. Antes de marchar contra o inimigo, cumpria apresentar-lhe offertas de paz. Caso annuisse, tinha que pagar um tributo; do contrario podiam-se matar todos os guerreiros, mas deviam-se respeitar as mulheres, as crianças, os velhos e os rebanhos. O soldado vencedor tinha de purificar-se antes de apertar a mão de um irmão e de um amigo; o proprio codigo militar todo tendia a inspirar o horror do sangue. (*Num.* XXII.)

IV. *Poderes publicos e leis penaes.* — Os mais antigos philosophos da antiguidade, Platão, Aristoteles, Cicero, disseram que o governo mais perfeito é aquelle em que a monarchia, a oligarchia e a democracia

se acham tão felizmente combinadas que nenhum destes regimens prevalece de modo exclusivo e absoluto. Santo Thomaz e os theologos da idade media tinham o mesmo sentimento. Ora foi justamente este governo que Moysés estabeleceu em Israel. Durante varios seculos, debaixo dos Juizes, Deus era o unico soberano. Mas Moysés tinha previsto e legislado a realeza. A Deus assistia a escolha do rei cujo poder era hereditario. Abaixo deste chefe havia um Conselho, mas tarde chamado Sanhedrim, constando de setenta velhos escolhidos entre os mais sabios e os mais virtuosos da nação. Este Conselho representava o elemento oligarchico. Todos os cidadãos eram eleitores e elegiveis, e, por outra parte, o chefe devia convocar a assembléa de povo sempre que se tratava de um interesse nacional; logo a democracia tambem exercia certa influencia.

No ponto de vista religioso, uma grande preponderancia era concedida aos sacerdotes e aos levitas. Achavam-se dispersos por entre as tribus, não recebiam terras na partilha, e cobravam o dizimo das mais tribus. Estas prescripções os mantinham numa dependencia que punha embargos ao desenvolvimento excessivo da sua autoridade; facultava-lhes igualmente os meios de mais cabalmente desempenharem suas funções.

O poder judiciario estava nas mãos dos *escribas* ou doutores, escolhidos em cada cidade entre os homens influentes e conceituados. Reuniam-se nas portas das cidades e muitas vezes eram tomados entre os sacerdotes. Moysés fixou as *leis penaes*. No codigo divino, encontra-se assaz frequente a pena de morte. Para os Judeus, como entre todas as nações civilisadas, o maior crime é o de lesa majestade. Mas no povo de Israel, a soberano é Deus. Por isso é que a pena de morte é o castigo da idolatria, da blasphemia, da violação do Sabbado, da magia, etc. O suplicio, de ordi-

nario, era o apedrejamento pelo povo. A mesma pena merecia o crime de offensa aos paes, os atentados ás leis da natureza e aos costumes publicos, assim como o homicidio voluntario.

A favor do homicidio involuntario, cometido por imprudencia, Moysés, a mandado de Deus, estabelece cidades de refugio em numero de seis, por toda a zona da Terra prometida. O assassino encontrava nellas um asylo inviolavel onde a vingança não o podia alcançar.

Outra pena afflictiva muitas vezes infligida, era a do talião importando em mutilação, multa, restituição de um objecto igual, para aquelle que tinha molestado o proximo, causado algum prejuizo nos seus bens, danificado o que lhe pertencia. Emfim a lei sentenciava o desterro ou interdicção contra os transgressores, ás vezes tambem a flagelação limitada a trinta e nove bordoadas. A prisão não existia na lei mosaica.

ARTIGO III

O culto na lei mosaica.

I. O tabernaculo e a arca de aliança. — II. O sacerdocio. — III Os sacrificios. — IV. Sabbado e festas. — V. Prescripções religiosas particulares.

I. *O tabernaculo e a arca de aliança.* — Na espera do templo, que mais tarde se havia de construir em Jerusalem, o centro do culto, para o povo de Israel, era o *tabernaculo*. Era uma tenda portatil, amparada por quarenta espessas taboas de setim ou acacia. Era de forma rectangular e dividia-se em duas partes separadas por um véu ou cortina de rica fazenda. A parte anterior, na qual se entrava primeiro, era chamada o o *Santo* ou *lugar santo*; a segunda, occulta atraz do

véu, era o *santuario* ou o *Santo dos santos ;* ali é que se depositava a *arca de aliança.*

Na parte do tabernaculo chamada o *Santo*, via-se, de um lado, um castiçal de ouro com sete ramos, destinado a alumiar o tabernaculo ; do outro, uma meza de ouro com doze pães que se renovavam todas as semanas, e chamados *pães de proposição.* No meio desta primeira parte estava um altar de ouro onde se queimava, de dia e de noite, em honra de Deus, um incenso especial composto de vinte e quatro aromas. O altar era denominado *altar dos perfumes.*

Na frente do tabernaculo estava o adro, especie de pateo onde se offereciam os sacrificios e se ajuntava o povo. O adro estava limitado por uma cerca feita com cortinas de linho dependuradas entre columnas de bronze. E' neste recinto que se achava o *altar dos holocaustos*, destinado á imolação das victimas : era de acacia forrado de bronze ; ali o fogo divia arder sem interrupção. Junto do altar estava colocado o *mar de bronze*, vasta bacia donde os sacerdotes tiravam agua para lavar as mãos e os pés antes de se chegarem ao altar, em signal da pureza interior que devia adornar suas almas.

Quando o tabernaculo se erigiu pela primeira vez, Moysés o consagrou com o oleo santo. Da mesma forma consagrou o castiçal, a mesa de ouro, os dois altares e a bacia. Transportava-se o tabernaculo de um pouso para outro, como tambem as tendas portateis dos filhos de Israel. Era, diz S. Paulo, a imagem do céu, santuario cujo architeto não é nenhum homem, sinão o proprio Deus. Era igualmente a imagem de nossas igrejas, lugares escolhidos e santificados para a offerta do verdadeiro sacrificio.

A *arca de aliança*, encerrada no *Santo dos santos*, era um cofre de madeira de setim, interior e exteriormente forrado com laminas de ouro, tendo 1m75 de comprido, 0m80 de largura e de altura. Em redor da parte supe-

rior, reinava uma como corôa de ouro; nos quatro angulos estavam presos quatro aneis de ouro nos quaes se enfiavam varaes de acacia dourada para mais facil transporte de um acampamento para outro. A arca estava coberta com uma meza de ouro chamada *propiciatorio* a cujas extremidades estavam representados dois cherubins de azas soltas. O propiciatorio era, de alguma maneira, o trôno de Deus · ahí manifestava sua presença e dava seus oraculos. Na arca da aliança estavam encerradas as duas tabeas da lei, um vaso contendo o maná do deserto e a vara de Aarão, instrumento de prodigios. Mas a arca de aliança, com seus symbolos e suas respeitaveis memorias, era o presagio de melhor e mais perfeita aliança, a divina eucharistia que havia de pôr, no meio de nós, não mais uma mera imagem, mas sim a realidade da presença de Deus.

II. *O sacerdocio.* — Deus escolheu a tribu de Levi para o desempenho das funções do culto. A ordem sacerdotal constava de tres gruás: o summo sacerdote, os sacerdotes, e os simples levitas.

O sacerdocio foi attribuido á familia de Aarão e o chefe da familia foi summo sacerdote. Aarão, primeiro, foi investido da dignidade de pontifice soberano e Moysés o consagrou com o oleo santo. Ao *summo sacerdote* cabia a administração geral do culto; só elle podia, uma vez por anno, entrar no Santo dos santos. Presidia as festas solenes, e era o arbitro dos negocios importantes que interessavam a Religião. As prerogativas de que gozava, lhe davam no Estado um poder quasi igual ao do soberano. Por causa desta dignidade, trajava vestimentas cujo detalhe tinha sido explicado pelo proprio Deus. Por sobre o vestido de linho, roupa talar commum a todos os sacerdotes, e apertado por uma larga facha, o summo sacerdote trazia outro vestido de jacinto com campainhas que

avisavam da sua chegada, e por cima deste vestido, outra roupa curta, sem mangas, de uma riqueza sem igual, chamada *ephod*. Nos hombros, havia duas onyx trazendo cada um seis nomes das doze tribus de Israel. No peito aparecia o *racional* ou *peitoral*, peça de panno quadrada, cravejada de doze pedras preciosas com os nomes das doze tribus, e mais, bordadas a ouro, as palavras *Urim* e *Thummim*, isto é, *luz* e *perfeição ;* elle consultava o Senhor fitando estes vocabulos mysteriosos. Emfim, na cabeça o, summo sacerdote trazia uma tiara de linho em cuja frente estava uma lamina de ouro em que se lia : *A santidade é do Senhor.*

As funcções principaes dos *sacerdotes* eram offerecer sacrificios, estudar a lei e dar della a explicação ao povo. Só elles tinham ingresso no interior do Santo e serviam no altar ; elles entretinham o fogo perpetuo no altar dos holocaustos, renovavam os pães de proposição, e queimavam os perfumes no altar de ouro. Fóra do tabernaculo, cumpria-lhes julgar da lepra, discernir aquillo que era santo do que era profano, o puro do impuro. Não eram excluidos das funcções judiciarias, nem mesmo militares. Seu traje era o vestido de linho, a cinta e uma tiara de linho.

Os simples *levitas* preenchiam os empregos inferiores; eram os guardas e servos do santuario. No deserto, tinham de carregar o tabernaculo com as differentes peças da cerca do adro. Guardavam o tabernaculo, e mais tarde, tiveram de cantar no templo os louvores do Senhor.

Accrescentemos que o sacerdocio judaico era hereditario na familia de Aarão. Mas é facil ver que esta instituição, já tão admiravel, era o prenuncio de um sacerdocio mais excelente. Aarão era apenas a figura do verdadeiro sacerdote, Nosso Senhor Jesus Christo, cujo sacerdocio eterno não se ha de perpetuar pela hereditariedade, sendo os padres que elles estabele-

cerá, conforme o ensina S. Paulo, meros delegados. Assim tambem, todas as funções e prerogativas dos padres da lei judaica tiravam seu valor dos mysterios que representavam, e seu brilho e sua dignidade da grandeza e da santidade do sacerdocio de Jesus Christo.

III. *Os sacrificios.* — A maior e mais santa das funções sacerdotaes era o sacrificio. Entre os Judeus havia duas especies principaes : os sacrificios sangrentos e os sacrificios não sangrentos. Os primeiros consistiam na imolação de animaes que só podiam ser o cordeiro, a cabra, o boi e a pomba. A victima era conduzida diante do altar ; punha-se a mão nella como que para della tomar posse em nome de Deus, e de alguma sorte carregal-a de todas as iniquidades cometidas ; depois, era estrangulada e queimada total ou parcialmente no altar, conforme a qualidade do sacrificio offerecido. Distinguiam-se, de facto, entre os sacrificios sangrentos : o *holocausto*, o sacrificio *pacifico* e o sacrificio *expiatorio.*

O *holocausto* era assim chamado porque então se queimava inteiramente a victima. Seu fim era reconhecer o soberano dominio de Deus e confessar que ao pé delle a creatura nada é.

O sacrificio pacifico se offerecia em acção de graças por um beneficio alcançado e nomeava-se eucharistico ; ou para pedir uma graça, era então *impetratorio ;* indicava a união intima que deve existir entre Deus e o homem. No sacrificio pacifico, queimava-se parte da victima, reservando-se outra para os sacerdotes, e uma terceira para aquelles que mandavam offerecer o sacrificio.

O sacrificio de expiação era offerecido para implorar o perdão do peccado quer em nome do povo, quer em nome dos individuos. Queimava-se parte da victima, tocando o resto aos sacerdotes somente.

Quanto aos sacrificios *incruentos*, consistiam em offertas de perfumes, flôr de farinha com oleo, bolos, pães não levedados, e tambem libações de vinho. Taes libações sempre acompanhavam os sacrificios sangrentos.

Estes varios sacrificios diziam muito bem qual a nossa situação, quaes os nossos deveres em relação a Deus : creaturas, devemos-lhe a homenagem da adoração ; cumulados de beneficios, precisamos exprimir a nossa gratidão ; sempre em apuros, temos de implorar auxilio ; finalmente, pecadores, cumpre pedirmos perdão. Um dia, achar-se-ão estes quatro fins do sacrificio reunidos na imolação de Jesus Christo no Calvario ; será o unico sacrificio apto a saldar todas as dividas, e a missa será sua renovação e continuação atravez dos seculos. Os antigos sacrificios todos não passavam de sombras e figuras ; só tinham efficacia e virtude por sua significação symbolica ; é por isso que hão de desaparecer todos depois do sacrificio da Cruz, ficando somente a *missa*, mysteriosamente anunciada na oblação de pura farinha e de vinho que acompanhava todos os sacrificios cruentos.

IV. *Sabbado e festas.* — Todos os dias, de manhã e de tarde, offerecia-se a Deus, no tabernaculo e depois no templo, um cordeiro em holocausto com uma offerta e uma libação, como que para symbolisar a perpetuidade do sacrificio. Mas, além deste culto quotidiano, Deus quiz ser honrado de modo especial todos os Sabbados, e em certas festas.

A celebração do Sabbado consistia principalmente na cessação de qualquer obra servil. Aos individuos, não se mandava neste dia nenhuma pratica extraordinaria do culto. Porém, era uso reunirem-se para ouvirem cousas piedosas, e, mais tarde, ajuntaram-se nas synagogas para rezarem, lerem e receberem explicações das sagradas Escripturas. Um holocausto espe-

cial era offerecido pelos padres em dia de Sabbado, entre o sacrificio da manhã e o da tarde. Era o preludio da missa catholica.

Mais, o *começo* (as calendas ou *neomenias*), marcado pela aparição de uma lua nova se celebrava com um holocausto extraordinario, constando de dois touros novos, de um carneiro e de sete cordeiros; imolava-se mais um bode para expiação do pecado. O primeiro dia do setimo mez, que era o principio do anno civil, honrava-se particularmente em memoria da creação do mundo, e guardava-se o descanso do Sabbado que não era obrigatorio nas outras calendas. (*Lev.* XXIII, 24; *Num.* XXIX, 1.) Assim como se santificava o periodo de sete dias, tambem santificava-se o de sete annos. Era o anno sabatico durante o qual a terra descansava; o pagamento das dividas era suspenso, os escravos recuperavam a iberdade. Emfim, decorridos sete vezes sete annos, chegava o anno de *jubileu*. A este anno cabiam todas as prescripções do anno sabatico; e mais, as dividas estavam completamente remitidas e os bens alienados estavam devolvidos aos antigos donos.

além do Sabbado e das neomenias, os Judeus celebravam todos os annos quatro *festas* principaes : da *Pascoa*, de *Pentecostes*, dos *Tabernaculos*, e da *Expiação dos pecados*. 1º A festa da *Pascoa*, a maior de todas, lembrava a saida do Egypto e a *passagem* do anjo exterminador; marcava tambem o inicio da primavera e da ceifa. Celebrava-se no decimo quarto dia da lua de Março; a festa durava sete dias, sendo o repouso de preceito só no primeiro e no ultimo dia. No primeiro dia, imolava-se, em cada familia, o cordeiro pascal; era assado sem se lhe quebrar nenhum osso, espetando-o em dois paus transversaes em forma de cruz, para melhor symbolisar o sacrificio do verdadeiro cordeiro de Deus. Depois, comia-se com pão azymo e hervas amargas. No se-

gundo dia da Pascoa, oferecia-se o primeiro molho de trigo com um cordeiro em holocausto ; era a ceremonia religiosa da abertura da ceifa. (*Lev.* XXIII).

2º A festa *Pentecostes* celebrava-se cincoenta dias depois da Pascoa em comemoração da lei dada no monte Sinai. Esta solenidade chama-se ás vezes festa das *Semanas*, porque se contavam sete semanas entre a Pascoa e Pentecostes ; festa da *Ceifa*, porque seu fim era agradecer a Deus pela colheita que acabava de fazer-se ; festa das Primicias porque, além de varios holocaustos e hostias pacificas, offereciam-se dois pães levedados, como primicias da seára. A festa só durava um dia. (*Lev.* XXIII ; *Num.* XXVIII.)

3º A festa dos *Tabernaculos* tirava o nome de celebrarem-na os Israelitas abrigando-se debaixo de tendas de ramos e folhagens, como lembrança do tempo passado sob a tenda no deserto. Esta solenidade davase no outono ; durava como a da Pascoa, oito dias, sendo tambem o primeiro e o ultimo, dias de descanso. Servia igualmente esta festa para agradecer a Deus as colheitas de vinho, de maneira que vinha a ser a festa da vindima. Celebrava-se com grande regosijo, numerosos sacrificios, cantos e musica. (*Levit.* XXIII ; *Num.* XXIX.)

4º A festa da *Expiação* caia cinco dias antes daquella dos Tabernaculos. Então, era prohibido trabalhar e não se devia comer antes da tarde ; era o dia de grande jejum, o unico prescripto pela lei. O sumo sacerdote, trajando as vestes pontificaes, oficiava só nesta solenidade. Oferecia um touro novo pelo peccado do povo e um carneiro em holocausto. Um dos dois bodes era o *bode emissario.* Depois de o terem carregado com asi niquidades do povo, levavam-no fóra da cidade e o expulsavam para o deserto. E' no dia da Expiação que o summo sacerdote entrava no Santo dos santos, precedido do sangue das victimas. — São Paulo nos faz divisar no grande sacerdote, Jesus

Christo, que entrou no céu com o proprio sangue para realisar nossa redempção ; tambem o bode emissario representava o Salvador carregado com as nossas iniquidades, conduzido fóra da cidade para ser imolado. (*Lev.* XXIII ; *Num.* XXIX.)

V. *Prescripções religiosas particulares.* — Além das leis religiosas respeitando o culto publico, outras havia atinentes aos individuos.

1º A principal era a da *circumcisão*, ordenada por Deus a Abrahão e a seus descendentes, como signal da aliança do Senhor com o seu povo. Dava-se com todas as crianças do sexo masculino oito dias depois do nascimento.

2º A oferta dos primogenitos do homem e dos animaes. Os animaes eram imolados ; os filhos primogenitos, apresentados no templo quarenta dias depois do nascimento, resgatavam-se por uma oferta em dinheiro e uma victima. Estas ofertas ao Senhor deviam lembrar seu dominio soberano sobre todas as creaturas.

3º Certo numero de impurezas legaes, provenientes ora de faltas, ora de circumstancias determinadas, privavam os Hebreus das relações religiosas e civis com seus irmãos, emquanto não tivessem cumprido a ceremonia da *purificação* por um sacrificio ou por ritos expiatorios : o fim destas prescripções era manter a pureza do coração symbolisada por estas purificações exteriores. (*Lev.* XI-XV.)

4º Como pratica de penitencia, o *jejum* era de preceito para os Judeus um unico dia no anno, o da festa da Expiação; jejuavam, porém, voluntariamente nos dias de aflição e de penitencia. Mais, era proibido aos Hebreus comerem a banha e o sangue dos animaes, assim como a carne de certos animaes chamados impuros : o porco, o cavalo, e em geral, todo o animal que morresse de doença ou de desastre. (*Lev.* III, XI, XVII ; *Deut.* XIV.)

5º Os Judeus tinham que oferecer a Deus as primicias dos fiutos da terra e dar o dizimo ou a decima parte das colheitas para o uso dos sacerdotes e o alivio das viuvas e dos orphams.

6º Finalmente, a lei de Moysés autorisava os *votos*, distinguindo duas qualidades : uns consistiam em oferecer a Deus um animal, uma pessôa, um presente ; mas em muitos casos, estes votos podiam ser modificados ; os outros eram uma promessa de abster-se de cousas licitas. (*Lev.* XXVII ; *Num.* XV. A lei permitia ainda o juramento, quer para afirmar a verdade, quer como sanção a uma promessa ; em ambos os casos, o perjurio era severamente proibido.

Estas prescripções todas nos mostram o bosquejo da lei christã com a differenca, entretanto de que a mortificação do coração e da vontade, os sacrificios interiores, e, em geral, o espirito de fé e de caridade em todas as praticas religiosas, hão de aperfeiçoar no christianismo as obras exteriores que parecem ser o limite da legislação mosaica.

CAPITULO II

Desde a promulgação da Lei até à dedicação do templo de Salomão

1491-1003 A. C. (1645-991)

(QUARTA ÉPOCA)

Resumo desta época. — Divisão do capitulo.

Dora avante o povo de Israel terá sua lei escripta. Moysés, iluminado pelo espirito de Deus, tinha previsto tudo: os juizes, e mais tarde os reis, seus successores, nada terão que mudar. « A lei mosaica, diz Bossuet, era um livro perfeito, o qual, junto com a historia do povo de Deus, lhe ensinava a um tempo sua origem, sua religião, sua policia, seus costumes, sua philosophia, tudo quanto serve para nortear a vida, tudo quanto une e forma a sociedade. »

Até a época de Jesus Christo, não teremos que registrar artigos adicionaes que modifiquem esta legislação admiravel. Vamos acompanhar em suas peregrinações no deserto, o povo que Deus elegeu para guardar a verdadeira Religião e preparar as vias ao Christo. Moysés se esmera quarenta annos na formação deste povo : as revoltas, as idolatrias, os castigos, as consolações, se revezam, contribuindo a manter firme a disciplina. O sabio Legislador o conduz até a entrada da Terra prometida ; nella porém, elle não penetra. E' Josué que faz a conquista e divide a Terra santa entre as tribus de Israel. Depois delle, num periodo de quinhentos annos, o proprio Deus é o chefe da nação judaica. Cada cidade escolhe seus

magistrados particulares para manter a ordem e administrar a justiça. Debaixo deste governo dos *Juizes*, o povo de Israel apresenta uma continua alternativa de revoltas contra Deus, castigos da sua justiça, conversão para Deus e para a paz. Contam-se sete servidões e sete libertações effectuadas por personagens a mandado de Deus.

Depois, o povo ficou enjoado com seus juizes, e, como as nações visinhas, quiz ser governado por um rei. Samuel, tendo consultado o Senhor, atendeu a este desejo e derramou o oleo santo na cabeça de Saul que foi o primeiro rei do povo de Deus.

« Depois de Saul, aparece David, o admiravel pegureiro, vencedor do altaneiro Goliath e de todos os inimigos do povo de Deus; grande rei, grande conquistador, grande propheta, digno de cantar as maravilhas da omnipotencia divina, homem; emfim, segundo o coração de Deus, que fez o seu mesmo crime redundar em gloria do seu Creador. »

« A este guerreiro piedoso succedeu seu filho Salomão, sabio, justo, pacifico, cujas mãos limpas de sangue foram julgadas idoneas para edificarem o templo ao Altissimo, 998 (1012) A. C.

Para não perdermos nenhum dos ensinos que nos proporciona a historia deste longo periodo, estudal-o-emos dividido em seis artigos obedecendo aos seguintes titulos : 1º Moysés e a estada dos Israelitas no deserto, 1491-1451 (1645-1605) A. C. ; 2º Josué e o estabelecimento do povo de Deus na Terra prometida, 1451-1434 (1605-1580) A. C. ; 3º o governo dos Juizes 1434-1095 (1580-1080) A. C. ; 4º o reino de Saul 1095-1055 (1080-1040) A. C. ; 5º o reino de David 1040-1001 (1070-1014) A. C. ; emfim o reino de Salomão e a construção do templo, 1001-962 (1014-975) A.C.

Para não interromper a narração, ahi vae a resenha dos grandes factos da historia profana contemporanea daquella época.

Emquanto os Israelitas viajavam no deserto, os Egypcios continuavam estabelecendo colonias na Grecia; Danau fazia-se rei de Argos derrubando os antigos reis oriundos de Inacho.

Com a conquista da Terra prometida, por Josué, corresponde a chegada do Phrygio Pelops, filho de Tantalo, nesta parte da Grecia que tomou seu nome, o Peloponeso. Bel, rei dos Chaldeus, recebia deste povo as honras divinas.

E' durante o governo dos Juizes (1434-1095 A. C.) que, segundo o computo de Herodoto, se deve colocar a fundação do primeiro imperio assyrio por Nino, filho de Bel; elle deu seu nome á capital que veiu a ser Niniva. A antiga a famosa cidade de Tyro faz remontar a sua celebridade a esta época. E' no seculo XIII antes de Nosso Senhor que os historiadores põem os famigerados combates de Hercules e os de Theseu, rei de Athenas. Emfim, é no tempo de Jephté (1187 A. C.) que Semiramis, viuva de Nino, augmentava o imperio dos Assyrios com suas conquistas, e que a imortal cidade de Troia foi reduzida a cinzas pelos Gregos, sob o reinado de Priam, filho de Laomedonte, depois de um sitio de dez annos, cantado nas epopeias de Homero e Virgilio.

ARTIGO I

Moysés e a estada dos Israelitas no deserto.

I. Estada no deserto : revoltas e castigos. — II. Exploração da Terra prometida ; primeiras conquistas. Prophecia de Balaam. — Ultimos annos e morte de Moysés ; como foi a figura do Messias.

I. *Estada no deserto ; revolta e castigos.* — Os Israelitas permaneceram cerca de um anno ao pé de Sinai onde tinham recebids a lei. E' ali que o summo sacerdote Aarão e seus filhos receberam a consagração sa-

cerdotal, e que os levitas tambem se deram ao Senhor. Finda esta ultima ceremonia religiosa, a nuvem luminosa que cobria a arca de aliança, levantou-se e deu o signal da partida. A terra prometida aos patriarcas era, por assim dizer, uma imagem do céu; era preciso conquistal-a pela provação e pela paciencia. Era tambem uma terra santa, e Deus, antes de introduzir nella o seu povo, queria purifical-o, deixal-o expiar suas fraquezas, suas murmurações, suas revoltas. Havia de ser ella uma recompensa, e como somente os eleitos entram no céu, assim Deus levou na herança prometida a seus paes, os unicos Israelitas dignos della.

Apezar dos beneficios não terem sido regateados á nação judaica, muitas vezes, ella se mostrou ingrata e infiel : entretanto, Deus não a abandonou. Mais de uma vez desacoroçôou o propheta. O Senhor lhe concedeu, para partilhar seus cuidados, um conselho de setenta homens, escolhidos entre os antigos de Israel. Sem deixar de ser misericordioso, Deus, para incutir o respeito da sua lei, deu varios exemplos da severidade da sua justiça.

Um dia em que os Israelitas tinham murmurado contra o Eterno, o fogo do céu assolou uma parte do campo. O povo fez queixa por não ter comida que não fosse o maná : o Senhor, durante um mez, deixou cair codornizes a valer ; mas um grande numero de murmuradores foram feridos com uma chaga horrivel, perecendo nos *sepulcros da concupiscencia*. Maria, irmã de Moysés, dirigíra ao irmão uma censura injusta : Deus a puniu com uma lepra horrenda da qual só a oração do propheta a pôde livrar. Nadab e Abiu, ambos filhos de Aarão, colocaram um dia, sobre o altar dos holocaustos, um fogo estranho e profano : uma chama interior os devorou. Aconteceu que um Israelita, numa contenda, foi ouvido a blasphemar o nome do Senhor : por ordem de Deus, o culpado foi levado fóra do campo e apedrejado. » Assim será castigado,

disse o Senhor, quem tiver blasphemado o meu nome ! » Encontraram um homem que, menosprezando a lei, praticava uma obra servil, apanhando lenha em dia de Sabbado ; foi igualmente apedrejado fóra do campo pelo povo em peso, afim de inspirar para sempre o respeito e a obediencia para as leis de Deus.

Coré, Datan e Abirão sentiam ciumes por ser o sacerdocio exclusivamente confiado á familia de Aarão e verberavam a Moysés por ter elle usurpado a autoridade soberana : a terra se entreabriu e os tragou ainda vivos emquanto um fogo vingador saido da terra aniquilava duzentos e cincoenta dos seus apaníguados.

Moysés e Aarão foram, elles proprios, um exemple frisante da severidade do Senhor. Os Israelitas, no deserto, andavam á mingoa de agua ; em vez de bater no rochedo uma só pancada, com confiança, para uma fonte brotar, como já praticára em Horeb, Moysés bateu duas vezes. A agua jorrou, copiosa ; mas Deus, offendido com tal hesitação deMoysés e do irmão delle, declarou que não haviam de entrar na Terra prometida.

O caminho mais curto para alcançar o paiz de Chanaan fôra atravessar a Iduméa. Mas Deus não consentiu nisso, e tiveram que fazer um extenso desvio ; por isso houve outros murmurios por parte dos Israelitas. Desta vez, Deus mandou-lhes cobras venenosas cuja mordedura abrazada dava a morte. O propheta enviou ao céu a sua prece, e o Senhor lhe disse : « Fabricai uma serpente de bronze e erguei-a no campo como um signal : quem lhe dirigir um olhar será curado da sua ferida. » Moysés cumpriu o mandado, e o veneno ficava sem effeito logo que os feridos consideravam o mysterioso signal. Por si mesma, esta serpente de bronze não podia curar ; mas era o symbolo de Jesus Christo pregado na cruz. As serpes abra-

zadas eram a figura dos demonios que nos feriram mortalmente. Jesus Christo só nos pode curar. Elle mesmo quiz interpretar a mysteriosa imagem levantada no deserto : « Assim como Moysés ergueu a serpente, falou elle, assim tambem o Filho do homem deve ser erguido, para que quem nelle acreditar não pereça, mas possua a vida eterna. » Desta maneira serão salvos os que considerarem a cruz com arrependimento e fé na redempção.

11. *Exploração da terra prometida ; primeiras conquistas. Prophecia de Balaam.* — Emquanto os Israelitas acampavam em Hadès, no sul do paiz de Chanaan, Moysés mandou doze espias, um de cada tribu, para reconhecer a Terra prometida. Entre os exploradores estavam Caleb e Josué. De volta, os delegados narraram cousas maravilhosas sobre a fertilidade deste paiz. Dali elles traziam frutas extraordinarias. Mas todos menos Caleb e Josué, falavam com espanto da altura e da coragem dos habitantes. « Era, diziam elles, uma raça de gigantes ao pé de quem os Hebreus não passavam de gafanhotos. » Com estas informações, os Israelitas soltaram gemidos e quizerem eleger um chefe para regressarem ao Egypto. O Senhor, indignado, ameaçou de exterminar a todos. Moysés porém, intercedeu e alcançou o perdão. Comtudo, como castigo desta revolta, todos foram condenados a morrer no deserto. Caleb e Josué, cujo testemunho tinha sido mais exato, foram os unicos que escaparam a essa sentença.

Correram quarenta annos ; a geração que saíra do Egypto ia desaparecendo aos poucos. Depois de muitas marchas e contra-marchas, o povo de Israel, dirigindo-se para o oriente, chegou nos limites do paiz dos Amorrheus. Uma dupla victoria sobre o principe desta tribu e sobre Og, rei de Basan, tornou os Hebreus donos de toda a região aquem do Jordão. Moysés

deu este territorio ás tribus de Rubens, Gad e Manassés.

Tal exito espalhou o desanimo entre os Moabitas, vizinhos do mar Morto. Sentindo-se muito fracos para resistir ao povo de Israel, Balac, rei de Moab e de Madian, valeu-se de outras armas. Chamou junto de si Balaam, adivinho e propheta de muita fama que morava na Mesopotamia. Seduzido pelos ricos presentes do rei de Moab, Balaam poz-se a caminho. Mas num desfiladeiro apertado, o jumento em que o propheta ia montado, estacou de subito, negando-se a seguir viagem. Um anjo lhe estorvava a passagem e falou a Balaam : « Prosegue no teu caminho, mas não dirás sinão o que te fôr inspirado. » Chegado no cume do Phogor, Balaam abriu a bocca para amaldiçôar a Israel ; mas, de repente, empolgado pelo espirito de Deus, exclamou : « Como hei de amaldiçôar aquelle que Deus não amaldiçôa?... o' Jacob ! são lindos os teus estandartes ! esplendidas são as tuas tendas, ó Israel ! O rei de Israel ha de prevalecer contra Agag e seu imperio será elevado na gloria !... » E eis que a historia deste povo conquistador desdobra-se ao olhar do propheta ; elle entrevê o Libertador prometido e exclama : « Eu o vejo, mas elle não vem ainda agora. Uma estrela sairá de Jacob, um sceptro erguer-se-á em Israel ; ha de ferir os chefes de Moab ; elle esmagará todos os filhos de Seth. A Iduméa será o seu dominio e Israel dilatará as suas conquistas. » Um dia, quando aparecer a estrela mysteriosa, os magos do Oriente lembrar-se-ão da prophecia de Balaam.

III. *Ultimos annos e morte de Moysés ; como foi a figura do Messias.* — Moysés exterminou os habitantes do paiz de Moab e de Madian. Depois desta execução sangrenta, elle soube de Deus que sua morte vinha proxima. Empregou os ultimos mezes da vida escre-

vendo as suas supremas recomendações : constituiram o *Deuteronomio* ou segundo livro da Lei. Depois de o ter lido perante o povo, entregou-o aos filhos de Levi dizendo : « Todos os sete annos, quando tiver chegado o anno da remissão e o tempo da festa dos Tabernaculos, reunireis toda a nação de Israel, e lereis de novo as palavras desta lei. »

O original do livro foi posto na arca de aliança ; copias exatas foram tomadas, conferidas e conservadas pelos sacerdotes e os levitas. Os reis de Israel tinham obrigação, depois, de possuir um exemplar dellas ; mas era tambem o livro do povo : era nelle que os filhos aprendiam a ler e os paes vinham tomar lições.

Moysés apontou Josué como successor ; depois, compoz e recitou um cantico esplendido em que vêm narradas todas as maravilhas de Deus para com o seu povo. Em seguida, ascendeu a montanha de Nebo donde seu olhar podia, pelo menos, contemplar a terra prometida ao povo de Israel. E' na presença deste scenario majestoso e encantador que seus olhos se fecharam para a luz deste mundo. « Moysés morreu portanto no paiz de Moab, na idade de cento e vinte annos. Homem algum até hoje soube do lugar onde repousam os seus despojos mortaes. As tribus o choraram por trinta dias e depois delle, não saiu do meio do povo nenhum propheta a quem o Senhor falasse frente a frente, como fazia com elle, nem que praticasse tantos prodigios em todo Israel. »

Entre Moysés e o Propheta por excelencia de quem é o precursor, muitas e muito frisantes são as analogias. De facto, Moysés, libertador de seu povo, legislador e fundador de uma religião, thaumaturgo, medianeiro na aliança entre Deus e o mundo, homem entregue á dôr e ao sacrificio, possue outros tantos caracteres figurativos do Messias.

Moysés libertou o povo de Israel da servidão do

Egypto : Jesus Christo libertará todos os homens da escravidão do peccado. Ambos passaram no Egypto os primeiros annos da sua vida ; quarenta annos de exilio foram o preparo do salvador de Israel para o cabal desempenho da sua missão, e quarenta dias de retiro e de penitencia serão o preparo de Jesus para a sua missão de Salvador do mundo.

Moysés deu aos Israelitas a lei do Sinai. Nosso Senhor deu ao genero humano a lei evangelica ; a primeira, imperfeita ainda e figurativa, só teria uma existencia limitada ; a segunda, perfeita e definitiva, ha de durar até a consumação dos seculos. Mas a Religião judaica vaticina a Religião christã e a traz por assim dizer no seio.

Moysés fez grandes milagres para provar que era enviado por Deus : Nosso Senhor os fará mais estrondosos ainda para provar que é o enviado e o Filho do Altissimo ; a passagem do mar Vermelho é a figura da passagem mais maravilhosa do pecado para a graça pela agua santa do batismo ; o maná do deserto é o symbolo do pão vivo descido do céu que alimenta nossas almas na santissima Eucharistia.

Moysés foi o medianeiro da aliança entre Deus e o povo de Israel, Jesus Christo formou entre Deus e o genero humano uma aliança muito mais admiravel. A primeira fôra firmada com o sangue das victimas ; a segunda o será pelo sangue de Christo Senhor nosso. Por sua prece alcançava Moysés o perdão para os culpados : Nosso Senhor, por sua intercessão todo poderosa, será o perpetuo reconciliador do céu e da terra.

Emfim Moysés pôde levar a effeito a sua missão só a custo de muitos soffrimentos. » Deus lhe deu a provar, de antemão, os oprobrios de Christo ; a sua fugida de improviso, as revoltas do povo judaico, a sua vida sempre feita de imolação e sacrificio, o tornaram uma imagem viva do Salvador perseguido e en-

tregue a todas as ignominias. Moysés soube quanto custa salvar os filhos de Deus, e ensinou assim, de longe, quanto havia de custar um dia ao Salvador do mundo uma libertação muito mais importante. »

ARTIGO II

Josué e o estabelecimento do povo de Deus na Terra prometida.

1451-1434 (1605-1580) antes de J. C.

I. Missão de Josué ; suas façanhas militares. — II. Morte de Josué ; como foi figura do Messias.

I. *Missão de Josué ; suas façanhas militares.* — O Senhor disse a Josué : « Moysés, meu servo, já morreu ; agora levanta-te, transpõe o Jordão para entrares no paiz que darei aos filhos de Israel ; ninguem poderá comtigo. Assim como estive com Moysés, estarei comtigo. » E' desta maneira que Deus delineia a missão de Josué : tem de introduzir seu povo na Terra prometida. Todavia, ao succeder a Moysés, Josué não herdou do mesmo poder. O legislador dos Hebreus tinha reunido em suas mãos o poder religioso e o poder civil. Tinha ungido Aarão na fralda do Sinai ; e elle proprio exercêra as funções sacerdotaes. Morto elle, o poder religioso passou no summo sacerdote Eleazar, e Josué só conservou o poder temporal.

Em breve, tornou-se patente que a mão do Senhor dirigia a Josué. Para penetrar na Terra prometida, era preciso atravessar o Jordão cujo alveo era largo e fundo. Josué santificou o povo pelo jejum e a penitencia. No dia seguinte, fez a arca de aliança entrar no rio. Mal os sacerdotes que a carregavam, tinham posto o pé nelle, que o Jordão deteve a carreira : as

aguas que corriam, ficaram paradas como montanhas ; as que já tinham passado, se escoaram para o mar morto, deixando enxuto o leito do rio. Todos os Hebreus puderam atravessar assim o Jordão, desfilando diante da arca. Como lembrança deste facto milagroso, Josué ergueu no mesmo alveo do rio, um altar formado de doze pedras enormes. Melhor do que estas pedras, os cantos de Israel perpetuaram a memoria dessas maravilhas : « Quando Israel saiu do Egypto, o mar o presenciou e fugiu ; o Jordão, na sua vista arrepiou carreira para a sua fonte... Que tinhas, tu, ó mar para fugires assim?... que tinhas, tu, ó Jordão para remontar no teu curso? — ... E' porque a terra tremeu na face do Deus de Jacob... » (*Ps.* CXIII.)

Josué tencionava conquistar Jericó com as armas quando o anjo do Senhor lhe deu ordens de não atacar a cidade : a Providencia queria que caisse nas mãos delle por um meio muito differente. Durante seis dias, com o clangor das trombetas, os sacerdotes carregaram a arca em redor das muralhas de Jericó ; o povo todo ia acompanhando. No setimo dia, ao entoar-se o canto de victoria de Israel, as fortificações da cidade vieram abaixo, e Jericó se deu sem defeza aos novos conquistadores.

Entretanto, os reis do Sul e de Leste formaram, contra o povo de Deus, uma poderosa aliança. Os Gabaonitas somente não entraram na confederação e assignaram com Josué um tratado de paz. Encerrados nos seus muros, os moradores de Gabaão chamaram Josué em seu soccorro. O chefe dos Israelitas caiu de improviso sobre os reis conjurados. Deus combateu por seu povo ; mandou uma medonha chuva de pedras de gelo que matou muitissimos Chananeus. No entanto, a noite vinha vindo, e para que seus soldados tivessem tempo para ultimar a victoria, José exclamou : « Sol, pára sobre Gabaão ; e tu, lua, no

valle de Aialão. » E o sol deteve a carreira, deixando aos Hebreus o tempo necessario para exterminarem seus inimigos.

Os reis do Norte com Jabin, rei de Azor para chefial-os, quizeram embargar a marcha victoriosa do povo de Israel. Josué os desbaratou numa victoria decisiva e cumpriu sem dó as ordens de exterminio que recebera do Senhor. Estava terminada a conquista da Terra prometida.

Josué dividiu então, entre as doze tribus, o paiz adquirido. A tribu de Levi não teve quinhão na divisão do solo para que pudesse dedicar-se ao estudo da lei e ás suas funcções santas ; mas ella devia cobrar das mais, o dizimo das colheitas. Os levitas tiveram quarenta e oito cidades dispersas em todo Israel. Ficou assente que a arca de aliança e o tabernaculo ficariam em Silo, na tribu de Ephraim. Seis cidades de refugio foram designadas para serem o asylo inviolavel de quem tivesse cometido um homicidio involuntario.

II. *Morte de Josué ; como figurou o Messias.* — Depois de ter governado Israel dezoito annos, Josué, avisado do seu falecimento proximo, mandou reunir em torno de si, em Silo, os anciãos, os chefes e os juizes com todo o povo. Elle recordou os beneficios derramados de continuo, em todos os seculos, sobre a raça de Abrahão ; narrou, humilde, as suas victorias, e acrescentou : « Si ainda tiverdes inimigos para vencer, matal-os-eis. Será bastante para isso observardes tudo quanto esta escrito no livro da Lei : Sabeis que o Senhor levou a efeito todas suas promessas, e cumpriu todas as suas ameaças. Mas si aceitardes os erros das nações que vos rodeiam, si tiverdes a fraqueza de formar casamentos com ellas, Deus se ha de volver contra vós, e sentireis o peso da sua vingança. Tendes a escolha. » O povo em peso clamou : « Serviremos

ao Senhor! » Josué consignou esta promessa e solenemente renovou a aliança de Deus com a nação. Pode-se dizer que a prophecia de Josué agonisante encerrava todo o porvir da nação judaica. Falecia poucos dias depois, e seu corpo recebeu a sepulura na montanha de Ephraim.

Josué fôra, elle tambem, uma figura do Messias. Seu nome é o mesmo que o de Jesus e significa Salvador. Successor de Moysés, menor do que elle no poder e nas obras, maior porém pelo nome que levava e pela missão que lhe cabia, introduziu o povo de Deus na Terra santa, como Jesus Christo introduzirá a humanidade na herança celeste. Ao mando de Josué, o sol interrompe a sua derrota para permitir que se complete a victoria : á voz de Jesus Christo, a verdade religiosa, mais fulgurante do que o sol, ha de iluminar as nações e alumiar o desbarato de Satanaz. Os sabios conselhos de Josué compendiaram a historia da nação judaica amaldiçoada ou bemdita por Deus conforme a sua fidelidade : assim a lei christã, promulgada por Jesus Christo, será para todos os povos um penhor de prosperidade ou de decadencia, segundo lhe observarem, ou postergarem os preceitos.

ARTIGO III

O governo dos Juizes.

Estado de Israel sob o governo dos Juizes. — Servidões e libertações : 1ª servidão : Othoniel ; 2ª servidão : Aod; 3ª servidão : a prophetiza Debora ; 4ª servidão : Gedeão ; 5ª servidão : Jephté ; 6ª servidão : Samsão. O sumo sacerdote Heli ; 7ª servidão : Samuel, o ultimo Juiz de Israel. — Episodio de Ruth.

I. *Estado de Israel sob o governo dos Juizes.* — Josué não teve successor. Depois da sua morte, as doze tribus formaram uma especie de Estado federativo cujo

verdadeiro e unico chefe era Jehovah, o Senhor. A justiça todavia era ministrada nas cidades por magistrados especiaes, e o grande conselho dos anciãos geria os negocios publicos. Os Israelitas combatiam debaixo das ordens de Deus ; no emtanto, quando se tratava de trabalhos extraordinarios ou de guerras importantes, elle passava a sua autoridade a chefes chamados *Juizes*. Estes não eram mais do que os officiaes do Senhor, que os escolhia, ás vezes, dentre os mais humildes ; e para deixar bem patente que elle só dirigia a victoria, recusava amiudo o grande numero dos soldados e a força das armas. De quando em quando prorogava a missão dos Juizes durante a vida inteira sem comtudo lhes comunicar autoridade soberana nem tornar hereditario o seu poder.

Emquanto vivia a geração que tinha presenciado as maravilhas praticadas pelo Senhor, o povo ficava fiel ás suas promessas. As doze tribus aliás conservaram os seguintes vinculos : o culto de Jehovah e a observação das leis mosaicas, a dignidade do summo sacerdote, isto é, a unidade do sacerdocio, a existencia dos levitas repartidos em todo Israel e emfim a obrigação, para todo Hebreu, de vir, varias vezes no anno, assistir ás solenidades que se celebravam no tabernaculo. Mas quando a geração formada por Moysés teve desaparecido, os filhos de Israel fizeram o mal ; deixaram-se arrastar na idolatria pelo exemplo dos povos vizinhos que elles não tinham bastante aniquilado, apezar das ordens do Senhor.

II. *Servidões e libertações.* — Para castigar as infidelidades de seu povo, Deus o entregou nas mãos das nações vizinhas, que o reduziram successivamente ao cativeiro ; porém, sempre que renunciava aos erros e á idolatria, a Providencia mandava homens extraordinarios que o libertassem.

Bossuet o notou : « Debaixo dos juizes — isto é,

por perto de quinhentos annos, — o povo é tratado de modo diverso conforme agiu bem ou mal... Assim que cae na idolatria, é castigado ; assim que se arrepende, é libertado. A fé na Providencia e a verdade das promessas e ameaças de Moysés se fortalecem desta arte, sempre mais, no animo dos verdadeiros fieis. »

1ª *Servidão : Othoniel.* 1405 (1554) A. C. — A primeira falta em que caiu Israel foi aliar-se com nações idolatras e conspurcar o incenso até oferecel-o ás falsas divindades delles. Deus, durante oito annos, deixou seu povo sob a tyrania de Chusan-Rasathaim, rei de Mesopotamia. O salvador foi Othoniel, irmão de Caleb. Depois da sua victoria, desempenhou quarenta annos, com sabedoria, as funções de *Juiz* de Israel.

2ª *Servidão : Aod.* 1324 (1496) A. C. — Depois da morte de Othoniel, os Hebreus tornaram a cair na idolatria. Os instrumentos escolhidos por Deus para a vingança foram os povos do Sul e de Leste. Os Moabitas, auxiliados pelos Amalecitas e os Ammonitas, carregaram o povo de Israel com um jugo de ferro que durou dezoito annos. Deus deixou-se comover pelos clamores do arrependimento ; enviou um libertador na pessôa de Aod, que matou, com a propria mão, Eglão, rei de Moab, desbaratou seu exercito e governo depois as tribus numa paz de oitenta annos.

3ª *Servidão : a prophetiza Debora.* 1285 (1396) A. C. — Nova infidelidade dos Judeus acarretou nova servidão, sob Jabim, rei de Chanaan. Por vinte annos, oprimiu cruelmente o povo hebreu. A prophetiza Debora então era Juiz em Israel. A' voz della, Barac reuniu uma tropa de dez mil homens para combater as forças de Jabim, chefiadas por Sisara. A victoria foi completa, e Sisara foi morto sob a tenda de uma mulher, de nome Jahel, que lhe fincou um prego nas fontes emquanto elle dormia. O cantico de Debora perpetuou esse acto de coragem.

4ª *Servidão : Gedeão.* 1245 (1349) A. C. — Ainda quarenta annos de socego, e as tribus deram as mesmas faltas seguidas da mesma escravidão de sete annos sob os Madianitas. O libertador que Deus lhes mandou, foi Gedeão. Debulhava trigo quando o anjo, lhe appareceu e disse : « Vae e com tua força has de libertar Israel. » Gedeão hesitava, mas um duplo prodigio, — a chama brotando debaixo da vara do anjo, e depois o orvalho do céu caindo unicamente no tosão exposto por Gedeão sobre o solo que ficou arido e secco, — acabou por convencer o libertador. A seu chamado, trinta e dois mil homens ergueram-se ; elle despediu os timidos e os covardes e guardou só dez mil guerreiros. « Ainda é demais, lhe disse o Senhor ; fica só com trezentos dentre os mais valentes. » Gedeão os armou com trombetas e vasos de terra com velas accesas dentro delles, e, de noite, conduziu-os ao campo dos Madianitas. Com este grito : « O gladio de Deus e de Gedeão ! » todos a um tempo tocaram as trombetas e partiram os vasos. Foi uma balburdia geral no exercito dos Madianitas que se mataram entre si. Gedeão os poz em completa desordem. Os Israelitas lhe offereceram a realeza ; elle a recusou dizendo. « Eu não serei vosso Mestre ; Deus é, quem deve sel-o. »

5ª *Servidão : Jephté* 1187 (1243) A. C. — Os filhos de Israel ainda foram infieis adorando os deuses de Sidão, de Moab e de Ammão. Deus serviu-se dos Ammonitas para lhes infligir um castigo de dezoito annos. Um homem de Galaad, expulso de seu paiz e feito chefe de uma quadrilha de facinoras, foi o instrumento da Providencia para libertal-os. Seus conterraneos lhe offereceram o mando. Elle annuiu; mas, antes de iniciar-se o combate, fez voto de sacrificar ao Senhor, caso estivesse victorioso, a primeira pessôa de sua familia que lhe viesse ao encontro. Venceu os Ammonitas. De volta a Maspha, a primeira pessôa que se lhe

deparou foi a filha. O desgraçado pae lastimou ter feito um voto imprudente. A corajosa moça sómente pediu a seu pae dois mezes para chorar nas montanhas sobre a sua virgindade. Terminado este prazo, Jephté cumpriu o voto consagrando sua filha ao Senhor.

6ª *Servidão : Samsão.* 1127 (1172) A. C. — Sempre Israel tornava a cair no mesmo pecado. A nação foi entregue aos Philisteus que a avassalaram quarenta annos. Deus, movido pelo arrependimento de seu povo, mandou o mais forte e mais portentoso de todos os libertadores : Samsão, filho de Manué. Tudo é prodigio neste vulto : seu nascimento anunciado por um anjo, a austeridade da sua vida consagrada a Deus pelo *nazareato*, sua força espantosa dependente do cabelo. Ainda moço, já ataca os Philisteus. Crescido, não tem mais sinão um escopo : vingar-se dos inimigos de seu povo. Um dia, aniquilou-lhes as colheitas largando nas searas delles trezentas raposas com um facho acceso no rabo. Entregue aos Philisteus por seus patricios, Samsão foi acorrentado com cordas novas ; elle as despedaçou como si fossemu m fio, e, agarrando uma dentadura de jumento que estava a seu alcance, matou, com esta arma original, mais de mil Philisteus. Preso na cidade de Gaza, arranca de noite as portas da cidade e as carrega numa montanha visinha. Todavia, uma mulher do paiz dos Philisteus, que Samsão tencionava desposar, Dalila, surprehendeu o segredo desta força assombrosa. Deu parte aos inimigos delle ; estes vieram, e emquanto dormia, cortaram-lhe o cabelo ; depois, prenderam-no, vasaram-lhe os olhos e condenaram-no a mover uma pedra de moinho.

No emtanto, ia crescendo o cabelo do atribulado preso e as forças, no mesmo tempo, vinham voltando. Em dia de festa os Philisteus o tinham arrastado ao templo de Dagão, para elle ser o ludibrio da turba multa.

Samsão dirigiu uma prece ao Senhor ; depois colocando-se entre duas colunas, elle as sacudiu com tamanha força, que o edificio desabou, sepultando sob os escombros tres mil Philisteus.

Assim faleceu este homem extraordinario, figura do Messias por seu nascimento milagroso, pelo prodigio de seu poder, da sua força, pelo heroismo da sua morte e pela salvação que della resultou.

O sumo sacerdote Heli 1124-1116 (1152-1112) A. C. — Morto Samsão, o grande sacerdote Heli lhe succedou como juiz soberano. Mas não esteve na altura dessa incumbencia. Pae fraco em demasia, não quiz ver o proceder de seus dois filhos, Ophni e Phinés, ambos sacerdotes do Altissimo, que desviavam em beneficio proprio, por sacrilega avareza, as ofertas apresentadas no templo. Deus enviou um propheta que, ao sumo sacerdote e ao povo, lembrasse seus deveres : era Samuel. Anna, mãe deste, tivera um filho devido ao fervor das suas suplicas ; ella o consagrou ao serviço do Senhor, e elle foi educado no templo. Uma noite Samuel ouviu a voz de Deus que lhe dizia : « Eu vou mandar, na casa de Heli, desgraças que encherão o mundo de espanto. »

Não demorou em realisar-se esta ameaça terrivel. Atacados pelos Philisteus, os Israelitas cuidaram que haviam de atrair a proteção de Deus si trouxessem de Silo, para o campo de batalha, a arca de aliança. Travou-se o combate : tombaram trinta mil Israelitas; entre elles, Ophni e Phinés ; a arca de aliança ficou no poder do inimigo. Ao saber destes desastres, Heli caiu de costas sobre seu assento e rachou a cabeça. Exemplo assustador da vingança terrivel de Deus contra os paes cegos e fracos !

7ª *Servidão : Samuel*, ultimo juiz de Israel 1116-1095 (1092-1080) A. C. — Pela setima vez, os Israelitas tiveram que vergar sob o jugo dos Philisteus. No entanto, a arca de aliança que tinha sido posta no

templo de Dagão, sempre derrubava o idolo ; em toda a parte atraia a maldição. Os Philisteus resolveram devolvel-a ao paiz de Israel ; mas vinte annos completos de tyrania pesaram sobre as tribus. Samuel se empenhava em congregar seus concidadãos para um grande movimento nacional e religioso. Quando viu que o povo estava disposto a volver os olhos para o Senhor e a procurar nelle o seu descanso, convocou uma assembléa geral em Maspha ; já era sumo sacerdote ; foi então eleito juiz de Israel. O povo, docil á sua voz, renovou sua aliança com Jehovah. Nesses entrementes, acudiram os Philisteus a atacar os Hebreus, mas fôram vencidos.

Samuel restabeleceu a paz em todo o paiz, fez florescer os costumes antigos, e vigorar de novo a lei de Moysés. Em varias cidades, fundou escolas de *prophetas*, interpretes da palavra divina; mas, quando velho, confiou a administração da justiça a seus filhos que irritaram as tribus com suas sentenças iniquas. Os anciãos de Israel vieram ter com Samuel e lhe disseram : « Dai-nos um rei como o têm todas as nações. » O propheta consultou o Senhor ; este mandou que se atendesse ao desejo do povo, annunciando-lhe, entretanto, quaes os fardos com que a realeza oprimiria dora em diante toda a nação.

III. *Episodio de Ruth.* — Sob o governo dos Juizes, mais ou menos no tempo de Jephté, temos a historia de Ruth. Um homem de Belém, Elimelech e sua mulher Noemi, apertados pela fome, emigraram para o paiz de Moab com os filhos já casados. Ao cabo de alguns annos, morreu o Belemita, morreram os filhos. Noemi, viuva, fazia tenção de regressar para a terra de seus avós. Ella animou suas duas noras, Ruth e Orpha, a permanecerem no paiz de Moab. Orpha consentiu, mas Ruth disse a Noemi : « Em qualquer parte onde fôres, seguir-te-ei ; teu povo será meu povo, teu

Deus, meu Deus. » Juntas chegaram em Belém no tempo da ceifa. A conselho de Noemi, Ruth foi respigar nos campos de Booz, homem riquissimo e parente muito chegado de Elimelech. Ao saber do digno e bello proceder e da dedicação da estrangeira, Booz não só permitiu que respigasse no seu campo, mas ordenou aos ceifadores de deixar cair propositalmente espigas de seus molhos. Quando foi informado que Ruth era da familia delle e que a lei judaica lhe impunha o dever de substituir, junto della, o marido falecido, desposou-a, embora ella fosse pobre. Desta união, nasceu um filho, por nome Obed ; foi o pae de Isaias, sendo este, por sua vez, pae de David, um dos antepassados do Messias.

Ruth a Moabita tem a honra de ser contemplada por são Matheus entre as mulheres que figuram na genealogia de Jesus Christo. Ella mereceu esta distinção por suas virtudes. Por outra parte, Nosso Senhor, por sua descendencia de Ruth, estrangeira a seu povo, queria mostrar-nos que elle é o Salvador, não só dos Judeus, mas sim de todos os povos da terra.

ARTIGO IV

O reinado de Saul.

I. Eleição e unção de Saul, inicio glorioso de seu reinado. — II. Saul culpado e engeitado. — III. David no principio. — IV. Morte de Saul.

I. *Eleição e unção de Saul ; inicio glorioso de seu reinado.* — Existia então em Benjamim um homem chamado Cis que tinha um filho, Saul, de um porte esbelto, e de uma beleza extraordinaria. Um dia, tendo-se tresmalhado os jumentos do pae, elle entrou a procural-os, e como não os pudesse achar foi consultar o propheta Samuel. Inspirado por Deus, este

derramou-lhe oleo santo na cabeça, osculando-o « Por esta unção, disse elle, consagro-te, em nome do Eterno, e faço-te principe do meu povo. » Ali temos o primeiro exemplo da consagração real feita com o oleo santo, de um principe eleito por Deus. Saul foi embora e nada disse do que tinha succedido. Samuel, porém, convocára o povo em assembléa geral a Maspha, com o fim de eleger um rei. A sorte teve que designar a tribu, a familia e a pessôa, e caiu successivamente em Benjamim, Meri e emfim em Saul. A acclamação do povo confirmou a escolha de Deus. Samuel leu depois á assembléa uma especie de *carta* que tinha escrito e em que estavam indicados os direitos e os deveres da nova realeza; este livro foi posto na arca e a assembléa separou-se.

Em breve Saul mostrou que era digno de marchar na frente de seu povo. Com um exercito poderoso, veiu em socorro dos habitantes de Jabés-Galaad, sitiados pelos Ammonitas, e ganhou uma victoria brilhante. Israel outra vez levantou vivas a seu rei. Samuel aproveitou as otimas disposições de seu povo e convocou uma reunião geral em Galgala. Perante a nação em peso, resignou solenemente a magistratura, cujo exercicio, subordinado á autoridade de Saul, conservára até então e conservou sómente o encargo de sumo pontifice.

II. *Saul culpado e engeitado.* — Até agora, o Senhor tinha amparado e abençoado esta realeza legitima. Mas logo que ella se tornou infiel, Deus a abandonou. Saul cometeu duas faltas das quaes não obteve o perdão. Dois annos depois de eleito, teve que repelir uma invasão dos Philisteus que tinham vindo acampar em Maspha com inumeros soldados. Os Israelitas, reunidos em Galgala, ficaram assombrados. Samuel tinha prometido de chegar, no setimo dia, no meio dos Hebreus, para oferecer um sacrificio ao Se-

nhor e tornal-o propicio á sorte de Israel. O propheta se deixava esperar. Saul, impaciente, mandou trazer as victimas, e contra a ordem de Deus, ofertou-as, elle proprio, em holocausto. Acabava a victima de ser consumida, quando Samuel appareceu. Elle viu o sacrilegio. « Que fizeste? disse elle a Saul. Si não fosse esta falta, Deus teria firmado teu reino para todo sempre ; agora elle ha de escolher um homem segundo o seu coração, e elle o designará para ser o chefe de Israel porque não observaste os seus mandamentos. » (I *Reg*. XIII, 14).

Havia vinte annos que Saul reinava quando commeteu outra desobediencia. Samuel, em nome do Senhor, deu-lhe ordens de exterminar os Amalecitas, raça malvada e perversa, e de oferecer em holocausto todos os despojos. Saul atendeu, matou o povo, mas poupou Agab, o rei, e ficou com a melhor parte dos despojos. Samuel censurou este pecado e como o rei procurasse uma desculpa, dizendo que guardára os rebanhos para depois ofertal-os ao Senhor em sacrificio, o propheta falou : « A obediencia mais vale do que as victimas ; já que engeitaste a palavra de Deus, tambem elle te engeita ; elle não quer que fiques governando seu povo. Elle dará teu reino a outro melhor que tu. » (*Ib*., XV, 26-28.) A partir deste dia, Samuel foi embora e não tornou a ver Saul ; mas não deixou de chorar sobre o desventurado destino deste principe que o Espirito de Deus tinha abandonado.

III. *David no principio*. — Samuel recebeu do Senhor a ordem de tomar um vaso contendo oleo santo, e de ir em Belém, na casa de Isaias ou Jessé. O propheta convidou o pae e os filhos para oferecerem um sacrificio. Depois do banquete, pediu que lhe apresentassem os filhos deste patriarca. O mais moço estava no campo apascentando rebanhos. Samuel o

mandou buscar, e, consoante ás ordens de Deus, derramou na sua cabeça o oleo santo que devia consagral-o. Chamava-se David o ungido do Senhor e tinha vinte annos.

O Espirito de Deus, que tinha deixado Saul, repousou sobre David. Victima de uma melancolia profunda, e apoquentado pelo espirito maligno, Saul sofria de violentos accessos de colera. Julgaram que a musica seria um lenitivo para este humor insofrido e mandaram vir David por ser um eximio tocador pe harpa. Os harmoniosos acordes do joven zagal amenisaram, de facto, os furores de Saul, que travou amizade com David.

Entretanto, os Philisteus tinham de novo pegado em armas, e os dois povos acharam-se frente a frente na planicie dos Terebinthos. Um guerreiro philisteu, de porte agigantado, por nome Goliath, adiantou-se desafiando para a luta o mais destemido dentre os Israelitas. Ninguem ousava responder ao gigante. David, porém, apresentou-se para combatel-o ; Saul quiz emprestar-lhe suas armas ; mas, de pequena estatura, o pobre pastor nem podia andar com tal peso. Largou tudo, pegou da funda, do cacete, e, no bolso, poz cinco pedrinhas que apanhou no corrego. Goliath dirigia improperios ao joven soldado. « Tu vens contra mim, respondeu David, de espada, lança e escudo. Eu venho em nome do Deus dos exercitos a quem blasphemaste e que te ha de entregar em minhas mãos. » Depois, poz uma pedra na funda e feriu na fronte o gigante que caiu pesadamente. Logo, correu para elle, arrancou da sua espada e lhe cortou a cabeça. Os Philisteus fugiram. David foi recebido em triumpho, e Saul lhe deu em casamento a sua filha Michol, que prometera para quem fosse vencedor.

O triumpho de David e os louvores que o victoriaram, fizeram nascer, no animo de Saul, ciumes terriveis. Agora só procurava dar cabo da vida daquelle

que considerava como um rival. Mas a amizade de Jonathas e uma fuga apressada salvaram David, que retribuia com generosidade a injusta perseguição do rei; muitas vezes, poupou-lhe a vida. Um dia o rei Saul entrou na caverna em que David se acoitára; este podia lhe cortar a cabeça; contentou-se em cortar a borda do seu manto, « não querendo pôr a mão no ungido do Senhor. »

IV. *Morte de Saul.* — Vinha chegando a hora das vinganças divinas. Samuel acabava de falecer, na idade de noventa annos, pranteado durante trinta dias por este povo de quem fôra salvador e pae. Como o precursor João Batista, de quem foi a figura, Samuel veiu á luz devido á oração de seus paes; como elle consagrado ao Senhor, tinha pregado a penitencia, e sumia-se depois de ter dado a unção santa ao grande rei David, qual João Batista depois de ter batisado o Salvador.

Comtudo Saul tratou de resistir aos Philisteus. Elle consultou o Senhor que não deu resposta alguma. Desanimado, dirigiu-se em Endor a uma pythoniza celebre pedindo-lhe evocasse a sombra de Samuel. Deus permitiu que o propheta evocado aparecesse e pronunciasse o seguinte oraculo. «O Eterno se afastou de ti. Arrancou das tuas mãos o teu reino para dal-o a David porque tu lhe desobedeceste. Amanhã, tu e teus filhos, estareis comigo na morte, e o Senhor entregar-vos-á aos infieis. » (I *Reg.* XXVIII, 17-19.)

No dia seguinte começou o combate, mas os Israelitas fraquejaram diante dos inimigos; Jonathas e dois outros filhos de Saul morreram na peleja. Saul, no desespero, ordenou a um seu official de matal-o, e como recusasse, atirou-se na ponta da propria espada.

Com esta morte passava a David a realeza. Longe, porém, de regosijar-se, puniu de morte um Amalecita que se gabava de ter morto Saul; por longo tempo,

chorou a morte do rei e de Jonathas e compoz um canto funebre em que externa toda a extensão da sua dôr : « Montanhas de Gelboé, não caia mais sobre vós o orvalho nem a chuva ; não produzam mais primicias os vossos campos, porque ali tombou o escudo dos heroes, o escudo de Saul ! Saul e Jonathas, tão amaveis, tão magnanimos na vida, não fôram separados na morte... »

ARTIGO V

O reinado de David.

I. David, rei conquistador e glorioso. — II. David culpado e arrependido. — III. David propheta e figura do Messias. — IV. A religião debaixo do governo de David.

I. *David, rei conquistador e glorioso.* — Depois de ter honrado a memoria de Saul, David consultou o Senhor para saber o que havia de fazer. Deus mandou que fosse em Hebrão. Os anciãos da tribu de Judá ali vieram ter com elle ; deram-lhe a unção real e reconheceram-no como seu rei. As outras tribus permaneceram, por algum tempo, sob a autoridade de Isboseth, filho de Saul, mas finalmente, aceitaram a soberania de David.

Os Jebuseus ainda possuiam a fortaleza de Sião ; David fez o cerco della e conquistou-a. Fez então o proposito de tornar Jerusalem capital do reino, fazendo della a séde do governo. Mandou edificar um palacio, e, em redor deste palacio, uma segunda cidade denominada a *cidade de David.*

Para colocar ostensivamente sua realeza sob o amparo de Deus, o piedoso rei quiz transportar em Jerusalem a arca de aliança, que desde seu regresso do paiz dos Philisteus tinha ficado em Gabaa, na casa de Abinadab. Neste intuito mandou construir na montanha de Sião um templo destinado a recebel-a. Mas

no transito, por pouco a arca não veiu ao chão; um levita, de nome Oza, teve a imprudencia de levar a mão nella para sustel-a. Os sacerdotes unicamente podiam tocal-a. Deus castigou Oza da sua falta de respeito fulminando-o. David foi amedrontado e não se atreveu a levar a arca até Jerusalem. Foi depositada na casa de Obededão onde ficou tres mezes. Neste prazo, ella foi uma fonte de bençams para este homem e a familia delle. David, testemunha destes beneficios, a mandou finalmente conduzir com grande pompa no santuario preparado na montanha de Sião. Houve imensa afluencia de povo, canticos e sacrificios. Deus assim tomava posse da cidade santa.

O reino de David foi assignalado pelas mais gloriosas conquistas; estendeu seus dominios desde o Mediterraneo até ao Euphrates, e penetrou até Elam, na Persia.

II. *David culpado e arrependido.* — Numa guerra contra os Ammonitas, David cometeu um duplo crime, que elle havia de expiar nos derradeiros annos de sua vida. Do alto do seu palacio, avistára, na varanda de uma casa vizinha, Bethsabé, mulher de Uri, um de seus mais valentes oficiaes, e esta vista acendêra no coração delle uma paixão culpada. Depois, para poder desposal-a, resolveu deixar morrer Uri e mandou a Joab, seu general, que o expuzesse no mais renhido e mais perigoso da luta. O oficial, de facto, foi morto, e David casou com Bethsabé. Um anno decorreu sem Deus manifestar a sua vingança. Mas, um dia, o propheta Nathan veiu ter com David, e num apologo frisante, poz-lhe á mostra tudo o que havia de hediondo no seu proceder. « Agora, continuou elle, o gladio não largará tua casa; o mal sairá contra ti da tua propria familia; tu não morrerás, mas o filho que tiveste de Bethsabé ha de morrer. » (II *Reg.* XI.)

David, assustado, jejuou e orou ao Senhor; mas as ameaças cumpriram-se. O menino morreu. Pouco após, Ammão, um seu filho, foi assassinado pelo irmão Absalão, que fugiu junto do rei de Gessur e ficou tres annos no exilio. Perdoado uma vez, o desalmado Absalão excitou o povo, revoltou-se contra o pae, e, na frente de um exercito, marchou sobre Jerusalem para derrubal-o do trôno.

David teve que fugir e levantar um exercito para se defender contra as tropas de Absalão. A batalha deu-se perto da floresta de Ephraim. David tinha pedido aos seus soldados que poupassem, quando menos, a vida do filho. As tropas de Absalão foram destroçadas. Elle proprio ia fugindo, montado na sua mula quando, ao passar por baixo de frondoso carvalho, seu cabello comprido emmaranhou-se nos galhos, e elle ficou suspenso nos ares. Joab, ao par do fato pela narração de um soldado, acudiu logo e o traspassou com tres golpes. Ao saber da morte do filho rebelde, David desfez-se em lagrimas, e ouviam-no repetir sem cessar : « Absalão, filho meu, oxalá eu pudesse dar a minha vida pela tua ! »

Victorias estrondosas, acompanhadas de longa paz e de bom exito em varios cometimentos, exaltaram até o orgulho o poderoso monarca e deram-lhe a idéa de fazer o recenseamento de seu povo. Para castigar esta nova falta, o propheta Gad veiu dar parte a David que Deus lhe deixava a escolha entre estes tres flagelos : uma fome de tres annos, uma guerra de tres mezes, ou uma peste de tres dias. David abaixou a cabeça, escolheu a peste e perdeu setenta mil Israelitas arrebatados pela epidemia.

Taes provas e taes castigos puzeram na alma de David o sentimento de uma dôr pungente por suas culpas e de uma confiança perfeita na misericordia de Deus. Elle externou seu arrependimento em psalmos admiraveis que hão de ficar até o fim dos tem-

pos como sendo a expressão mais piedosa da verdadeira penitencia.

David faleceu aos setenta annos. Tinha reinado sete annos em Hebrão e trinta e tres em Jerusalem.

III. *David propheta e figura do Messias.* — Rei poderso e glorioso, David foi tambem um propheta inspirado e uma figura frisante deste Messias que elle anunciava.

Nos seus bellissimos psalmos, David descreveu de antemão o Libertador esperado, sua *origem* na tribu de Judá, sua descendencia real, seu *reino*, seu *sacerdocio eterno*, depois, sua *paixão* e sua *morte*, sua *resurreição* e seu *reino* sem fim.

Sua *origem* : « Deus escolheu os principes na tribu de Judá. Na casa de Judá, escolheu a casa de meu pae. Dentre os filhos de meu pae, elle quiz fazer-me rei sobre todo seu povo de Israel ; e entre meus filhos distinguiu Salomão para assentar no trôno do Senhor e reinar sobre Israel. » — « Eu firmarei seu reino até a eternidade, continua o Senhor ; serei seu pae, elle será meu filho. » (I *Paral.* XXVIII, 4-6 ; *Ps.* LXXVII, 68 ; LXXXIIIV, 36-38.)

Seu *reino* : « Elle dominará de um mar até o outro. Os reis de Tharsis e das ilhas longinquas lhe hão de trazer presentes. As nações que creastes, Senhor, virão pressurosas ; adorar-vos-ão, e tributarão gloria ao vosso nome. » (*Ps.* LXXXV.) « Porque estremeceram as nações e porque formaram os povos intrigas baldadas? Os reis da terra têm-se coligado contra seu Senhor e seu Christo... Mas eu fui feito rei sobre a montanha de Sião. Pede, filho meu, e eu te darei as nações como herança, e tu as governarás com uma vara de ferro. » (*Ps.* II.)

Seu *sacerdocio eterno* : « Eu te gerei antes da aurora. O Senhor o jurou e não se ha de arrepender ; tu és

sacerdote por toda a eternidade, segundo a ordem Melchisedech. » (*Ps.* CXIX.)

Sua *paixão* e sua *morte* : « Como cães açulados, cercaram-me, e o conselho dos máus me armou ciladas. Traspassaram minhas mãos e meus pés, contaram todos os meus ossos ; dividiram entre si os meus vestidos e sortearam a minha tunica. » (*Ps.* XXI, 17-22.) Em outros passos, relata a traição de Judas, o abandono dos discipulos, o fel e o vinagre oferecidos a Christo, seus inimigos frementes ao redor delle, saciando seu odio no sangue. (*Ps.* XL, LIV, LXVIII.)

Sua *resurreição* e seu *reino* sem fim : « Não resuscitará aquelle que dorme?... Minha carne repousará na esperança, pois não deixareis, Senhor, minha alma no abysmo, e não permitireis que o santo vosso sofra a corrupção do tumulo. Pelo contrario, vós me abristes os caminhos da vida. » (*Ps.* XL, 9 ; XV, 9-10.) No mesmo tempo David vê todos os povos da terra lembrando-se de seu Deus ; elles acodem convertidos a receber o jugo suave da sua realeza ; e isto para sempre : « Eu o jurei a David, meu servo : sua raça ha de durar eternamente ; seu trôno terá diante de mim o brilho e a duração do sol. » (*Ps.* LXXXVIII, 36-38.)

Mas David não só prophetisou o Messias ; elle o symbolisou na sua pessôa. Como o Salvador, nasce em Belém ; elle é predestinado, escolhido, ungido para ser rei, libertador. Elle apazigua os furores de Saul : Jesus ha de aniquilar toda a raiva dos demonios. David, armado de funda, derruba a Goliath : com sua cruz, o Salvador ha de amordaçar a Satanaz.

David perseguido, amaldiçoado, exilado, sofrendo à revolta do seus filhos não é a propria imagem do Salvador, alvo do odio de alguns, atraiçoado por outros, entregue por seus mesmos discipulos? David porém, finalmente leva a todos de vencida : assim Nosso Senhor acaba triumphando, e emquanto seu

antepassado só frue a homenagem dos seus subditos, elle, vencedor da morte, recebe as adorações do mundo inteiro.

IV. *A Religião sob o governo de David.* — Em meio das provações, das guerras e das victorias, sempre David deu o primeiro lugar á Religião e ao culto de Jehovah que elle quiz de alguma sorte associar ao seu governo. Depois de ter estabelecido a arca santa na montanha de Sião, deu pompa maior ás ceremonias religiosas, e o santuario que edificára tornou-se o centro de um culto nacional. Poeta e musico, fizera da poesia e da musica a alma do serviço divino. Quatro mil levitas, divididos por elle em classes e côros diferentes, cantavam preces nacionaes, os canticos de Asaph, de Hemon, de Idithun e dos filhos de Coré, e sobretudo dos psalmos compostos pelo proprio rei. Outros acompanhavam estes cantos sobre a harpa.

David tinha tambem determinado a ordem exterior das festas, os holocaustos, as oblações e mais ceremonias. Aos sacerdotes coube a instrução do povo. Tinham que cuidar especialmente do estudo da lei para poderem responder a todas as perguntas. Leccionavam publicamente ao povo nas solenidades e suas moradias eram escolas sempre abertas.

Os levitas não tinham somente o encargo das funções religiosas : David os incumbiu ainda de ministrar a justiça nas cidades, e segundo o historiador Josephe, só elles julgavam das causas religiosas.

Emfim o ministerio sacerdotal e levitico teve como coadjutores os *prophetas.* Nem todos os individuos designados com este nome prediziam o futuro. Eram chamados assim todos os homens dotados de conhecimentos superiores quer divinos, quer humanos ; o povo os apelidava tambem *videntes.* « Foram estes santos personagens, diz Fleury, que conservaram, depois dos patriarcas, a mais pura tradição da Religião.

Ocupavam-se em meditar a lei de Deus, em rezar a miudo, de dia e de noite, e esmeravam-se na pratica de todas as virtudes; elles instruiam seus discipulos e lhes descobriam o espirito da lei; ensinavam tam bem ao povo, censuravam seus desmandos e o incitavam ó penitencia; muitas vezes emfim, vaticinavam, por parte de Deus, o que havia de lhe acontecer. »

David achava indigno o santuario que erguêra a Deus. No seu zelo, cogitava em construir um templo maravilhoso; mas elle soube por Nathan que tal honra caberia a Salomão. Sempre quiz determinar o lugar da construção no monte Moriah; elle tambem ajuntou os ricos e preciosissimos materiaes. Na cama mortuaria, elle entregou a Salomão os projetos e as plantas e deu ao herdeiro do seu trôno este ultimo conselho: « Sê homem: trilha as veredas do Eterno e observa a suas leis exaradas no livro de Moysés. »

ARTIGO VI

O reinado de Salomão e a construção do Templo.

I. Solomão principe sabio e pacifico. — Construção do templo. suas disposições; sua dedicação. — III. Magnificencia de Salomão; sua queda.

I. *Salomão, principe sabio e pacifico.* — O herdeiro de David, já ungido emquanto o pae vivia, só tinha dezoito annos ao subir no trôno. Desposou a filha do rei do Egypto, e, nesta occorrencia, compoz o *Cantico dos canticos*, epithalamo sagrado em que a theologia catholica como a tradição dos Hebreus sempre considerou o symbolo alegorico da aliança de Deus com seu povo, e melhor ainda, a prophecia de união de Jesus Christo com sua Igreja, de Deus com a alma fiel.

Para que a religião santificasse o inicio de seu reinado, Salomão ofereceu mil victimas no altar de Gabaão. Sua piedade teve logo o galardão. Na noite imediata, Deus lhe apareceu em sonho e disse-lhe : « Pede o que quizeres, e o alcançarás. — Senhor, respondeu elle, não sou sinão uma criança que não sabe se conduzir : dai a vosso servo um coração docil para elle poder julgar vosso povo e discernir o bem do mal. » A voz divina continuou : « Já te dei um coração cheio de sabedoria e de inteligencia ; a isto ajuntarei o que não pediste : a riqueza e a gloria. »

Pouco depois, manifestava-se a sabedoria do joven rei numa sentença que ficou celebre. Duas mulheres, que moravam na mesma casa, tiveram ambas um filho. De noite, um delles morreu. Como ambas pedissem o filho vivo, Salomão ordenou aos guardas : « Corte-se o menino em duas partes tocando uma parte a cada mulher. » Ao ouvir isto, a verdadeira mãe ficou comovida no seu coração e bradou : « Não quero, não deixeis sofrer a pobre criança ; é melhor dal-a assim mesmo áquella mulher ! » Salomão reconheceu o grito de alma da natureza. Israel em peso soube deste fato e admirou tanta prudencia.

II. *Construção do templo de Salomão ; suas disposições, sua dedicação.* — Esta obra grandiosa ocupa um lugar tão saliente na Religião mosaica, que devemos referil-a circumstanciadamente. As riquezas avultavam nas mãos de Salomão : os tesouros ajuntados por David, as ofertas generosas do povo de Israel, uma aliança cordial com Iram, rei de Tyro, relações comerciaes com as terras mais produtivas, tudo concorria para Salomão arrojar-se a um vasto cometimento. Trinta mil homens, revezando-se por turmas de dez mil, foram empregados em cortar os cedros do Libano e preparar o arcabouço. Oitenta mil homens tiveram que lavrar a cantaria que devia entrar

no monumento; setenta mil carregavam os materiaes já promtos.

No quarto anno do seu reinado. Salomão lançou os alicerces do edificio no monte Moriah. Não passava então de uma colina estreita e irregular: fez della um imenso planalto no qual assentou a construção santa.

Feito segundo o modelo do tabernaculo, mas com proporções muito mais consideraveis, constava de um *vestibulo* ou portico; uma segunda parte chamada o *Santo* era destinada a receber o *altar dos perfumes*, dez candelabros de ouro com sete ramos e dez mezas de ouro para os pães de proposição: só os sacerdotes podiam penetrar nelle; emfim o *Santo dos santos* formava a terceira parte do templo; era separado do Santo por uma parede e um grande véu, e devia encerrar a arca de aliança: só o sumo sacerdote podia entrar nelle uma vez por anno.

Este conjunto constituia a *casa de Deus*, inaccessivel aos fieis. As ceremonias do culto, as assembléas dos adoradores e os sacrificios se praticavam no adro, ou pateo fechado, que rodeava o santuario. Um primeiro *atrio interior* ou *atrio dos sacerdotes* cercava o edificio; era reservado aos padres e aos levites, cujas moradias ocupavam as alas exteriores do templo; ali foi construido o colossal *altar de bronze* que havia de receber os holocaustos; pertinho, o *mar de bronze*, bacia imensa em que se despejava uma correnteza de agua viva para purificação dos sacerdotes. Outro pateo chamado *atrio cexterior*, formava um segundo recinto reservado aos Israelitas: ali ficava a multidão que assistia ás assembléas religiosas. Emfim um terceiro recinto era destinado aos estrangeiros e denominou-se *adro dos Gentios*.

Exigiu sete annos a edificação do templo de Jerusalem. Uma vez terminado, Salomão escolheu o anno de Jubileu e a festa dos Tabernaculos para festejar

a dedicação, na presença de todas as tribus reunidas. Durou sete dias esta solenidade. Com todo o brilho, a arca foi levada do Santuario de Sião para o *Santo dos santos*, e Deus, para bem mostrar que deveras tomava posse da sua mansão, encheu com luzes e gloria todo o recinto sagrado. Foram sacrificados vinte e dois mil bois, e cento e vinte mil ovelhas cuja carne serviu para os banquetes da nação inteira.

No primeira dia depois da festividade, mostrou-se Deus a Salomão e disse-lhe : « Tenho escolhido e santificado este lugar para meu coração e meu nome ali permanecerem para sempre. Si andares na minha presença, si observares meus mandamentos como David teu pae, dar-te-ei um trôno imortal. Mas si tu ou teus filhos adorardes os deuses estrangeiros, expulsarei Israel da patria que lhe dei ; engeitarei este templo e quem passar diante de suas ruinas ha de parar admirado e dirá : Porque será que Jehovah tratou assim esta terra e esta morada? E responder-se-á : E' porque os filhos de Israel abandonaram o Senhor para adorarem divindades estrangeiras. » (III *Reg.* IX ; II *Paral.* VII.) Assim, dora em diante, acham-se vinculados o destino do templo e a historia da nação.

O templo de Jerusalem, que symbolisava a unidade de Deus, do culto e da nação de Israel, figurava tambem a futura Igreja de Jesus Christo, edificada sobre um rochedo inabalavel, e que ha de durar tanto quanto durar sua Religião. Marcava uma era nova para a posteridade de Jacob : substituindo as vicissitudes da vida nomada no deserto ou guerreira na Palestina, concretisava a sorte do povo hebraico estabelecido agora na terra prometida a seus antepassados. Sua mesma disposição era uma especie de imagem de nossas igrejas christãs, onde o tabernaculo da Eucharistia tem o lugar do *Santo dos santos* com sua arca de aliança. Emfim, a dedicação do templo

de Salomão foi o exemplo seguido pela Igreja christã na consagração dos edificios religiosos.

III. *Magnificencia de Salomão; sua queda.* — Depois de ter construido a casa de Deus, Salomão mandou edificar para si em Jerusalem um palacio soberbo. Sua casa de campo, apelidada paço do Libano, era tambem esplendida, como a residencia da rainha edificada na cidade santa. Jerusalem foi cercada de muralhas. As naus reaes singravam todos os mares e traziam das terras longinquas de Ophir e das Indias, o ouro, a prata, o marfim e todos os produtos. Tanto poder unido com tanta sabedoria fizeram celebre em todo o Oriente o nome de Salomão. Os reis estrangeiros pediam a sua aliança. A rainha de Saba veiu propositalmente visitar o poderoso monarca e admirar a sua sciencia. « Vossa sabedoria e vossas obras passam ainda a vossa fama. Felizes dos vossos subditos! Felizes dos vossos servos! »

Neste apogeu da honra e do poder, Salomão representa admiravelmente o Salvador na sua gloria e no seu triumpho. « Seu reino, diz Bossuet, era tranquilo e prospero : tudo era symbolo da gloria celeste. Nos combates de David se divisavam os trabalhos que era preciso sofrer para merecel-a, e no reino de Salomão, qual era a suavidade, a doçura do seu gozo. » Mas, na propria pessôa de Salomão, reproduzia-se a imagem do futuro Christo de quem elle é o pae. O nome de *Salomão* significa a paz : os prophetas chamaram a Jesus o *principe da paz.* Ambos, com efeito, depois de vencidas as suas victorias, descansam na paz. Salomão constroe o templo ; Jesus Christo edifica a Igreja. A sabedoria de Salomão, que andava na boca de todo o mundo, lhe traz os reis das nações e os tesouros do universo ; Jesus igualmente ha de ver um dia os reis do Oriente depositar a seus pés riquezas e corações.

Salomão entretanto não soube corresponder a tantos privilegios, nem mostrar-se na altura de tamanha gloria. Terrivel exemplo da fragilidade e da fraqueza humanas; não soube conservar a franqueza e a singeleza de coração que Deus lhe tinha deparado. O luxo o enfraquecera; mulheres estrangeiras corromperam-no. Para agradar-lhes, elle levantou templos e altares em honra das falsas divindades; foi visto, elle proprio, praticando as ridiculas e baixas ceremonias dos cultos de Astarté e de Sidão, de Moab e de Ammão. O Senhor, irritado com esta apostasia, lhe appareceu e disse: « Já que não foste fiel á minha aliança nem a meus mandamentos, dividirei teu reino e dal-o-ei a um teu servo. Comtudo, por causa de David, teu pae, esperarei até o sceptro estar nas mãos de teu filho. » (III *Reg*. XI, 9-39.)

A ameaças começaram a realisar-se e os ultimos annos de Salomão foram perturbados pela guerra e pela revolta. A Escritura sagrada não menciona si o culpado fez penitencia por seus erros. Morreu no quadragesimo anno do seu reinado. Além do *Cantico dos canticos*, elle escreveu o livro dos *Proverbios* e o do Ecclesiastes cujo resumo é esta maxima: *Tudo é vaidade.*

CAPITULO III

Desde a dedicação do templo de Salomão até o cativeiro de Babylonia.

975-606 antes de J. C. (962-606)

(QUINTA ÉPOCA)

Esboço deste periodo. — Divisão do capitulo.

O acontecimento que ha de scindir a monarchia de David e de Salomão e dividir em duas nações rivaes o povo de Deus, longe de desviar Israel do seu verdadeiro fim, só sevirá para manifestar melhor a sua missão providencial. Samaria e Jerusalem conservaram ambas o livro da Lei que encerra as esperanças do mundo. Com sua hostilidade, com suas rivalidades politicas e suas guerras sangrentas, só ficarão de acordo neste ponto importantissimo : hão de provar assim a autenticidade divina do *Pentateuco* que ambas guardam com a mesma veneração e igual bôa fé.

Em toda a duração dos dois reinos (975-721) antes de J. C., a verdadeira Religião é representada mais especialmente no reino de Judá que conserva o templo de Jerusalem e o corpo sacerdotal e levitico. Houve todavia, neste reino, principes infieis, e o povo, mais de uma vez, deixou-se arrastar para o culto dos idolos ; o esquecimento do verdadeiro Deus, porém, só foi transitorio. Pelo contrario, o reino de Israel andou quasi sempre mergulhado na idolatria. Deus castigou as dez tribus scismaticas entregando-as a principes estrangeiros, e o reino de Israel desappareceu no cativeiro de Ninive.

O reino de Judá, mais especialmente escolhido por Deus para preparar as vias a seu Christo, sobreviveu ao reino de Israel e atravessou um novo periodo com alternativas de fidelidade e traição, de grandeza e decadencia, até o dia em que Deus, da mesma maneira, lhe impõe o castigo de suas culpas pela ruina de Jerusalem e do templo, e pelo cativeiro de Babylonia, que dura setenta annos.

O periodo historico que passamos a estudar, mostrar-nos-á este longo sequito de homens inspirados que, por mais de duzentos annos, predisseram com todos os pormenores, e até nas minimas circumstancias : o advento do Messias, a vocação dos Gentios, a reprovação dos Judeus, a gloria futura da Igreja abrangendo todas as nações do mundo.

A historia dos dois reinos de Israel e de Judá, ainda que não alheia de tudo á Religião, nos dá poucos factos de real interesse par os mencionarmos. Limitar-nos-emos em salientar a solicitude da Providencia a favor de seu povo para mantel-o na fidelidade ou infundir-lhe sentimentos de arrependimento ; estes divinos e misericordiosos extremos patenteiam-se-nos mormente na missão e nos escritos dos prophetas.

Esta *quinta época* dividir-se-á em tres artigos. No primeiro dar-se-á um apanhado ligeiro e simultaneo da historia dos dois reinos de Israel e de Judá, desde o scisma das dez tribus até o cativeiro de Ninive (975-721) A. C. ; o segundo abrangerá o reino de Judá desde esta data até ao cativeiro de Babylonia (721-606) A. C., emfim, no terceiro, serão contemplados os prophetas que ilustraram esta época antes do cativeiro.

Não é ocioso relatarem-se os magnos eventos da historia profana, correspondentes aos tempos que abrange este capitulo. Para a época do scisma das dez tribus, o poeta Homero canta a guerra de Troia e compõe a *Iliada* e a *Odysséa*. No anno de 884 antes

de J. C., Lycurgo dava sua legislação aos Esparciatas, e Didão, irmã de Pygmalião, rei de Tyro, fundava Carthago. E' no anno de 776 que se iniciam as *Olympiadas* na Grecia.

O anno de 754 antes de J. C. vê a creação do arcontado decenal em Athenas e a fundação de Roma, fadada para ser capital de um grande imperio, e mais tarde, o centro da Religião estabelecida por Jesus Christo.

Ao anno de 749 corresponde o primeiro anno da era de Nabonassar, rei de Babylonia. Depois, emquanto Roma, com seu primeiro rei, assentava os alicerces da sua grandeza futura, esboroava-se o primeiro imperio assyrio, e um segundo, com Ninive como capital, e o soberano Teglath-Phalasar como rei, surgia para substituil-o. Este reduziu ás ultimas o reino de Israel e assolou o de Judá. Seu successor completou a ruina de Israel com o cativeiro de Ninive.

No periodo correspondante ao segundo artigo, emquanto o reino de Judá, por demais vezes nos assombra com suas repetidas infidelidades, funda-se o governo popular entre os Athenienses, por meio do arcontado anual; Roma se desenvolve. Porém, ao lado do imperio assyrio cresce o dos Medas e já começa a hombrear com elle. Todavia, os reis de Assyria, ainda têm um papel providencial que desempenhar junto do povo de Deus. No reinado de Saosducheu, — o Nabuchodonosor 1º da Escritura, — acha-se o episodio de Judíth e da sua victoria sobre Holophernes. Depois, quando esteve cheia a medida das iniquidades do reino de Judá, Deus serve-se de Nabuchodonosor II para exercer a sua vingança : Jerusalem é tomada, saqueada, e desmoronada até os alicerces, o templo é reduzido a cinzas, e o povo levado cativo em Babylonia.

ARTIGO I

Os reinos de Judá e de Israel desde o scisma das dez tribus até o cativeiro de Ninive.

I. O scisma das dez tribus ; lista cronologica dos reis de Judá e de Israel. — II. Resumo da historia do reino de Judá. — III. Resumo da historia do reino de Israel. — IV. Os prophetas Elias e Eliseu. — — V. Cativeiro de Ninive ; episodio de Tobias.

I. *O scisma das dez tribus ; lista cronologica dos reis de Judá e de Israel.* — Logo depois da morte de Salomão, Roboam, seu filho, foi em Sichem, onde a nação se tinha reunido para reconhecer o novo rei. Jeroboam, antigo intendente de Salomão, voltou apressado do Egypto onde se achava exilado, e pediu, em nome de todo o povo, que os impostos excessivos estabelecidos no precedente reinado, fossem diminuidos. Roboam, em vez de atender ao parecer dos prudentes anciãos que o animavam a deferir o pedido, respondeu com as duras ameaças que lhe tinham inspirado seus jovens validos : « Meu pae vos tangeu com varinhas de pau ; eu usarei varas de ferro. » O povo ficou melindrado. Dez tribus separaram-se do filho de Salomão e, por rei, escolheram a Jeroboam. Duas tribus somente permaneceram fieis a Roboam que conservou Jerusalem como capital, com a arca da aliança e o templo. Para impedir que seus subditos fossem levar ao templo de Jerusalem suas homenagens e suas, ofertas, Jeroboam, despertando nelles a idolatria egypcia, mandou fundir dois bezerros de ouro, um em Bethel outro em Dan e ordenou a todo seu povo que viesse ali sacrificar. Assim tomou vulto em Israel um culto idolatra quasi permanente. Samaria tornou-se a capital do reino de Israel.

Para maior intuição da sua historia, expômos, frente a frente a lista cronologica dos reis de Judá e de Israel.

Reis de Juda.		*Reis de Israel.*
Roboam	975	Jéroboam.
Abiam	958	
Asa	956	
	954	Nadab.
	953	Baasa.
	930	Ela.
	929	Zamri, Amri.
	918	Achab.
Josaphat	915	
	896	Ochosias.
	895	Joram.
Joram	890	
Ochosias	884	
Athalia	883	Jehu.
Joas	877	
	855	Joachaz.
	839	Joas.
Amasias	838	
	824	Jeroboam II.
Ozias	810	
	773	Zacharias.
	772	Sellum, Manahem.
	761	Phaceia.
	759	Phacéas.
Joathan	758	
Achaz	743	
	730	Oséas.
Ezechias	723	
	721	Fim do reino de Israel e captiveiro de Ninive.

II. *Resumo da historia do reino de Judá.* — Roboam trilhou durante tres annos as sendas de David e Salomão; mas depois, abandonou o culto do Senhor e arrastou seu povo na idolatria. Ergueu altares e erigiu estatuas sobre todas as colinas e nas matas consagradas a falsas divindades. Deus o castigou com a invasão de Sesac, rei do Egypto, que se apoderou de Jerusalem e levou os tesouros do templo e os do rei.

Abiam e Aza tiveram um começo auspicioso, caindo ambos, por fim, no esquecimento de Deus.

Josaphat foi um dos reis mais santos de Judá. Restaurou o culto do verdadeiro Deus e deu novo resplendor ao reino de David. Cometeu entretanto dupla falta, aliando-se com Achab, rei de Israel, contra

o rei da Syria, Benadad, e casando o filho Joram com a filha de Achab e Jezabel, a infame Athalia : união nefanda que havia de ser a fonte de tantos males quer para sua familia, quer para a nação. Ao ouvir a voz do propheta Jehu, Josaphat confessou sua culpa; humilhou-se perante Deus, recebeu o perdão e morreu fiel. E' elle que estabeleceu em Jerusalem o conselho geral da nação conhecido pelo nome de *sanhedrim*.

Joram desprezou os exemplos de seu pae para seguir os perfidos conselhos da sua mulher Athalia. Fez morrer todos seus irmãos e prestou culto ás divindades phenicias. Pelos Philisteus e pelos Arabes, Deus tirou desforra destes crimes. O rei faleceu depois de dois annos de horriveis tormentos. Seus subditos não quizeram dar-lhe sepultura real.

Seu filho *Ochosias* conformou-se em tudo com os conselhos da mãe Athalia ; promoveu em Judá o culto de Baal e pouco depois sofria a devida punição. Ferido numa batalha contra o rei da Syria, veiu a falecer em Mageddo.

Athalia se apossou do trôno de Judá, tendo assassinado com as proprias mãos todos os netinhos. Não obstante tantos crimes amontoados na familia reinante, Deus zelava pela posteridade de David donde sairia o Messias. O menor dos filhos de Ochosias, por nome Joas, deixado como morto, foi agasalhado por sua tia Josabeth, esposa do sumo sacerdote Joiada. Educaram secretamente o menino no templo. No setimo anno do reinado de Athalia, o sumo sacerdote julgou o momento azado para sacudir o jugo ; ajuntou os sacerdotes, os levitas e os principaes chefes de familia que aceitaram como rei o joven Joas. Athalia acudiu ao templo e ali encontrou a morte. Depois, a multidão, no seu entusiasmo, destruiu o templo de Baal, derrubou seus altares, e renovou sua aliança com o Senhor.

Jôas, outra vez posto no trôno de seus paes, ficou fiel a Deus emquanto viveu o grande sacerdote Joiada; mas quando este morreu, o rei esquecido de todos os beneficios e conselhos que recebera, promoveu de novo a idolatria, e até, mandou apedrejar, entre o vestibulo e o altar, o sumo sacerdote Zacharias, filho de seu protector. O castigo andava proximo. Hazael, rei dos Syrios, arrebatou e saqueou Jerusalem. Joas fugiu cobardemente e foi morto por seus oficiaes que lhe negaram mesmo a sepultura real.

Estas terriveis represalias da justiça divina deviam ser um escarmento para os reis perversos de Judá. Mas, nada: *Amasias*, filho e successor de Joas, não cumpriu as promessas do principio de seu reinado. Atacou o rei de Israel, Joas, e foi vencido e levado prisioneiro em Jerusalem por seu vencedor que saqueou nas suas vistas templo e palacio. Amasias viveu ainda quinze annos depois desta humilhação e morreu assassinado por seus subditos. Seu filho *Ozias* levava no começo uma vida perfeita ; um dia porém elle penetrou no templo para oferecer incenso no altar dos perfumes. O castigo desta usurpação sacrilega foi uma lepra que o condenou ao isolamento até o fim da sua vida. Joathan, o filho, foi morar no palacio e reinou em nome delle.

O mais impio de todos os reis de Judá é *Achaz*. Erigiu estatuas a Baal, querendo oferecer elle proprio sacrificios a seus idolos ; elle fechou o templo do verdadeiro Deus e reuniu em Judá todas as superstições das nações vizinhas. Deus, para punil-o, o entregou successivamente a Razin, rei de Syria, e a Phacéas, rei de Israel. Comtudo, o Senhor foi ainda misericordioso ; mandou ao culpado o propheta Isaias para anunciar-lhe que a raça de David não seria aniquilada. Achaz, por ter pedido o auxilio de Teglath-Phalasar, rei de Assyria, viu os proprios Estados invadidos por este principe a quem teve de entregar todos

os vasos de ouro e prata do templo de Jerusalem. O unico resultado destes desastres foi excitar mais o rei nas suas impiedades. Morreu deixando só um filho, o piedoso rei *Ezechias*, que assistiu á queda do reino de Israel.

III. *Resumo da historia do reino de Israel.* — As dez tribus, ao colocarem-se sob o mando de Jeroboam constituiram um scisma a um tempo nacional e religioso. Rebeladas contra a autoridade dos descendentes de David, menosprezaram por igual todas as prescripções religiosas da lei de Moysés. Depois de Jeroboam ter erigido os altares de Bethel e de Dan, os sacerdotes e os levitas, indignados com tal abominação, retiraram-se em Jerusalem. Jeroboam os substituiu por sacrificadores que escolheu nas classes infimas do povo e elle quiz ser o sumo pontifice do novo culto.

De envolta com a impiedade, veiu a desgraça tomar assento no trôno de Israel. Jeroboam foi vencido por Abiam, rei de Judá. E' o crime que faz os principes e os derruba. Primeiro, general de exercito, Amri feito rei, constroe uma nova capital, por nome *Samaria*. Este principe excedeu a todos os seus predecessores na impiedade. Não só deu o exemplo da idolatria, como constrangeu, por leis, todos os seus subditos a imital-o.

Achab, filho de Amri, desposou Jesabel, filho de Ithobal, rei de Tyro, e introduziu no seu reino, com a idolatria dos bezerros de ouro, os cultos de Baal e de Astarté, a deusa impura dos Phenicios. Elle queria apagar por completo, entre os seus, o culto do verdadeiro Deus ; mas a voz dos prophetas foi mais poderosa do que a sua impiedade e não deixou a idolatria prevalecer inteiramente em Israel. O dia da justiça estava chegado. « Nesté mesmo lugar onde os cães lamberam o sangue de Naboth cuja vinha usurpaste,

lhe dissera o propheta Elias, ali tambem, hão de lamber o teu, e devorarão Jezabel no campo de Jesrahel.» A predição cumpriu-se á risca. Ferido no cerco de Ramoth, Achab voltou moribundo no seu carro, e os cães vieram lamber-lhe o sangue no proprio lugar onde Naboth fôra assassinado.

Ochosias e Joram imitaram o pae na impiedade. Este ultimo, ferido no sitio de Ramoth, regressava em Jesrahel, ali foi morto por Jehu, um seu general. Seu cadaver foi atirado no campo de Naboth, e na mesma hora, eunucos lançaram Jezabel fóra pelas janelas do seu palacio ; seu corpo foi pisado pelos pés dos cavalos e devorado pelos cães. Assim se realisavam os oraculos da justiça divina.

Jehu tinha exterminado completamente a raça de Achab. Uma vez rei de Israel, foi ainda instrumento da vingança divina contra os sacerdotes de Baal. Tinha-os convocado a pretexto de celebrar uma grande festa em honra de seu Deus ; elle fez morrer a todos, esquartejou os idolos e deu com os templos por terra. Comtudo, conservou os bezerros de ouro de Dan e de Bethel. Deus o castigou por sua vez entregando-o a Hazael, rei de Syria que devastou todas as terras além do Jordão.

O propheta Eliseu tinha dito a Jehu : « Teus filhos hão de cingir o diadema de Israel até á quarta geração. » Teve, de fato, como successores : *Joachaz*, principe impio ; *Joas*, um dos melhores reis de Israel ; *Jeroboam II* e *Zacharias* que continuaram com a idolatria nas dez tribus. Então, só ficam, em Israel, sombras de rei que lhe aparelham a ruina. Mais impio ainda que seus antecessores, *Phacéas* vê o rei de Assyria, Teglath-Phalasar, arrebatar-lhe uma parte do reino. Numa conspiração perde a corôa e a vida. *Oséas*, o chefe dos conjurados, lhe succedeu e, por suas impiedades, poz o cogulo na medida já cheia das iniquidades de Israel. Salmanasar, filho de Teglath-Phalasar, rei de

Assyria, invadiu as provincias de Israel, apoderou-se de Samaria e a reduziu a cinzas depois de ter massacrado todos os habitantes. Oséas foi levado cativo em Ninive com uma parte de seu povo. (718 antes de J. C.) Assim acabou o reino de Israel ; tinha durado 244 annos desde a revolta das dez tribus. Alguns Israelitas pobres foram deixados no paiz para cultivar o solo ; o vencedor mandou colonias de Assyrios que formaram com os restantes de Israel o povo *samaritano.*

IV. *Os prophetas Elias e Eliseu.* — Emquanto o impio Achab ocupava o trôno de Israel, vivia em Galaad o propheta Elias de Thesbé, cidade de Nephtali. Veiu ter com Achab e disse-lhe : « Em nome do Senhor Deus de Israel, o digo, não cairá orvalho nem chuva sinão conforme a ordem que sair da minha boca. » Depois acolheu-se á beira de uma correnteza em frente do Jordão. Corvos lhe traziam de manhã e de noite a sua comida e elle bebia da agua do corrego. Mas em breve como não chovesse mais, secou o regato e o propheta retirou-se em Sarepta. Uma mulher indigente deu-lhe hospitalidade ; para recompensar sua bondade, sua caridade, Elias multiplicou, emquanto durou a fome, a provisão de farinha e de azeite que possuia a pobre viuva. Aconteceu morrer o filho della ; mas ressuscitou-o o propheta debruçando-se no cadaver.

A seca já durava desde tres annos. Elias saíu de seu retiro, foi ter com Achab e fez-lhe a proposta de desmascarar em publico a impostura dos sacerdotes de Baal. Eram quatro centos e cincoenta ; o rei os reuniu ao pé do monte Carmelo e o povo se apinhou numeroso na praia. « Si o Eterno é Deus, disse o propheta, adoraí-o ; mas si Baal é Deus, segui-o. Eu estou sozinho, e os sacerdotes de Baal são quatro centos e cincoenta. Tragam duas victimas ; nós havemos de

preparal-as sem comtudo deitar fogo no altar e o Deus que consumir o seu holocausto, será o verdadeiro Deus. »

Debalde os sacerdotes de Baal oravam a seu idolo. « Ora, gritaí mais, dizia Elias, vosso Deus estará metido em algum negocio, ou quem sabe si não está dormindo? » Baal permanecia surdo. O propheta, por sua vez, aparelhou o holocausto e disse : « Senhor, Deus de Abrahão, Isaac e Jacob dai a conhecer hoje que sois o Deus de Israel, que eu sou vosso servo, e cumpro as vossas ordens. » Mal tinha terminado esta prece que o fogo do céu devorou o holocausto. Ao ver o prodigio, o povo proclamou que Jehovah era o verdadeiro Deus, fez em pedaços o idolo de Baal e massacrou todos os sacerdotes mentirósos. A rogo de Elias, veiu uma chuva copiosa pôr termo á seca.

Elias teve ainda missão de ungir a Jehu, rei de Israel, e de predizer a Achaz os castigos que estavam para cair sobre elle e sobre a sua raça.

O propheta Elias, certo dia, dera com Eliseu, filho de Saphat, a dirigir o arado. Atirou nelle o seu manto, e communicou-lhe, com a unção santa, o maravilhoso poder que possuia. Um dia vieram juntos na margem do Jordão. Elias, tomando do manto, bateu com elle nas aguas do rio que se dividiram para deixar-lhes uma passagem. Emquanto andavam de companhia, um carro e cavalos de fogo, separando-os de repente, levaram Elias no céu envolto em nuvens de chamas. O propheta, ao sumir-se, deixou cair o manto sobre o seu discipulo, e, com o manto, o duplo dom de milagre e de prophecia. Com o manto de seu mestre, Eliseu bateu nos aguas do Jordão ; abriram-se e deixaram-no passar. Em Jericó, elle tornou doce e potavel, a agua de uma fonte amarga e imprestavel. Em Bethel, crianças apuparam o propheta, porque era calvo. Eliseu os amaldiçôou e dois ursos saindo da floresta, devo

raram quarenta e dois delles. Os prodigios se multiplicavam debaixo de seus passos. Tambem elle augmentou o azeite de uma pobre viuva que o vendeu e pôde saldar suas dividas. Elle anunciou a uma piedosa mulher de Sunam o nascimento de um filho, e como este tivesse morrido, elle o ressuscitou. Durante a fome, alimentou todo o povo de Galgala com alguns pães. Elle curou da lepra Naaman, general dos exercitos da Syria. Era no mesmo tempo o oraculo dos destinos de Israel e de seus reis. Assim Eliseu preludiava á missão prophetica e milagrosa do Messias de quem elle era a figura. E como si Deus quizesse, por um ultimo prodigio, consagrar o caracter da sua missão, mesmo depois de sua morte, fez milagres : um cadaver atirado no seu tumulo recuperou a vida.

V. *O cativeiro de Ninive ; episodio de Tobias.* — Entre os prisioneiros levados em Ninive por Salmanasar, achava-se um homem da tribu de Nephtali, chamado Tobias. Desde a mais tenra idade, tinha fielmente observado a lei do Senhor sem participar na apostasia geral. Nem no cativeiro, não abandonou a religião de seus paes. Suas virtudes lhe grangearam os favores de Salmanasar ; elle se valeu desta proteção somente para auxiliar seus companheiros de exilio. Elle experimentava um consolo especial em dar caridosa sepultura aos mortos abandonados. Um dia, depois de ter prestado a um Israelita este piedoso obsequio, adormeceu junto de uma muralha, por baixo de um ninho de andorinhas, e um accidente o tornou repentinamente cego. Tal prova cruel, apenas serviu para realçar a paciencia e a fé de Tobias.

Este varão possuia um filho de igual nome ; elle o educou nos mesmos sentimentos, e cuidando que estivesse proxima a hora da morte, dirigiu-lhes estes admiraveis conselhos : « Meu filho, quando eu estiver morto, darás a sepultura a meu corpo ; honra tua

mãe todos os dias de tua vida, e quando ella deixar esta vida, tu a sepultarás junto de mim. Pensa em Deus todos os dias, evita o peccado e has de prosperar em tudo quanto empreenderes. Dá esmola aos necessitados; si tens muito, dá muito; si tens pouco, dá pouco, mas sempre de coração generoso. Sê puro, ama teus irmãos, e repele de teu coração todo pensamento de orgulho. »

Feitas estas exhortações, Tobias mandou o filho numa cidade afastada, chamada Ragés, no paiz dos Medas, para cobrar uma quantia que tinha emprestado a Gabelo. O viajante precisava de um guia. Apresentou-se um moço que conhecia o caminho. Tobias o aceitou sem saber que era um anjo do Senhor. Este guia obsequioso havia de multiplicar os beneficios em seu favor.

No fim do primeiro dia, alcançaram a margem do Tigre. No momento em que Tobias limpava os pés no rio, um peixe enorme se arremessou a elle para devoral-o. Elle levou um susto, mas o anjo falou : « Nada temas ; segura-o pelos ouvidos e puxa-o para a praia. » Tobias obedeceu. Depois, a conselho do anjo, tirou o coração, o fel e o figado do peixe; o resto serviu de comida.

Ao aproximarem-se de Ragés, o anjo disse ao moço : « Ahí está um homem chamado Raguel ; é parente de teu pae. Tem uma filha, por nome Sara, que Deus te reserva por esposa. » Raguel recebeu os viajantes com toda alegria e reconheceu no joven Tobias o filho de seu parente. Depois, concedeu-lhe a filha em casamento com a metade dos bens que possuia. Durante os esponsaes, o guia celeste foi ter com Gabelo para cobrar os dez talentos devidos a Tobias. O matrimonio do moço e de Sara celebrou-se com as preces e as bençams de Raguel. O coração e o figado do peixe, queimados na camara nupcial, serviram para expelir o demonio que matára os sete primeiros maridos de Sara.

Os jovens conjuges partiram em companhia de seu guia. O anjo comunicou a Tobias que o fel do peixe devolveria a vista a seu pae, esfregando com elle os seus olhos. O bom velho esperava anciado o regresso dos viajantes. Depois dos primeiros abraços, o joven seguiu o conselho do anjo e o cego recuperou a vista.

A familia feliz não atinava com o meio de mostrar sua gratidão ao guia fiel que lhe proporcionára tantos favores. « A metade dos bens que eu trouxe, dizia o joven Tobias a seu pae, não seria recompensa condigna. » Instaram, com efeito, para elle tomar a metade do dinheiro. O anjo, então, deu-se a conhecer : « Emquanto adoravas a Deus com lagrimas, disse elle ao ancião, e sepultavas os mortos, eu apresentava as tuas orações a Deus. Tu lhe agradavas, logo era necessario passares pelo cadinho da aflição. Mas Deus me mandou para curar-te. Eu sou Raphael, um dos sete anjos sempre presentes diante da face do Altissimo. »

Ouvindo estas palavras, Tobias e seu filho cairam com o rosto na poeira ; mas o anjo continuou : « Não tenhais medo ; abençôai a Deus e publicai todas as suas maravilhas. » Depois, desapareceu, deixando-os cheios de admiração e de gratidão.

Tobias, já provecto, viveu ainda quarenta e dois annos. Quando esteve para morrer, reuniu a familia em redor da cama e fez esta predição : » A ruina de Ninive vem proxima ; pois deve cumprir-se a palavra de Deus, e nossos irmãos, que têm sido dispersos fóra de sua terra, para lá hão de voltar. Jerusalem, cidade de Deus ! elle feriu teus filhos por causa de suas iniquidades ; mas elle terá misericordia em consideração dos filhos dos justos. Confiança, ó Jerusalem, no rei dos seculos, e em teus muros, elle levantará o seu tabernaculo, e mandará a alegria aos desgraçados prisioneiros. Então as nações hão de vir das mais longinquas terras para adorar o Senhor.

Nesta historia de Tobias, muito se evidenccia a ação da Providencia. Patenteia-se misericordiosa para com o homem justo ; manifesta-se no papel bemfazejo do anjo Raphael, que syntetisa na sua pessôa a missão protectora dos anjos bons ; ella aparece emfim nesta mão que pune o povo culpado, mas afim de trazel-o pela purificação á altura de seu elevado destino.

ARTIGO II

O reino de Judá desde o fim do reinado de Israel até ao cativeiro de Babylonia.

721-606 antes de J.C.

I. Ordem dos reis de Judá. — II. Episodio de Judith. — III. Os ultimos principes de Judá. — IV. Cativeiro de Babylonia.

I. *Ordem cronologica dos reis de Judá.* — No momento em que o reino de Israel agonisava sob os golpes de Salmanazar, o piedoso rei Ezechias ocupava o trôno de Judá. Este reino ainda havia de durar cento trinta e quatro annos antes de acabar por sua vez pelo cativeiro de Babylonia e a ruina de Jerusalem e do templo. Oito principes se succederam nesse intervalo :

Ezechias,	727	antes de J.C.
Manassés,	698	»
Amão,	643	»
Josias,	641	»
Joachaz ou Sellum,	610	»
Joachim,	610	»

Debaixo deste principe começam, em 606, os setenta annos do cativeiro de Babylonia. Todavia o reino de Judá existe ainda, de nome, sob os dois reis :

Jechonias,	598
Sedecias,	597

até desaparecer por completo com a ruina definitiva de Jerusalem e de seu templo em 588.

Esbocemos rapidamente a historia destes ultimos reinados que se succedem entre dois cativeiros.

Ezechias foi um dos reis mais santos que se sentaram no trôno de Judá. Digno emulo de David, seu antepassado, elle envidou todas as forças para reparar a impiedade de Achaz seu pae. Logo nos primeiros mezes do seu reinado, abriu as portas do templo, marchetou-as com laminas de ouro, e restabeleceu o culto do verdadeiro Deus em todo o resplendor primitivo. Para renovar a aliança de seu povo com o Senhor, mandou purificar o templo e celebrar a Paschoa com particular solenidade. A festa durou quinze dias, e todos os Judeus foram convocados, quer os de Israel, quer os de Judá. De volta, os Israelitas quebraram os idolos, cortaram as matas sagradas, derribaram os altares e todos os monumentos idolatras.

Ezechias, porém, foi acometido por uma doença perigosa; o propheta Isaias veiu anunciar-lhe que estava proximo o seu fim. O santo rei implorou a misericordia do Senhor; este, comovido com a oração do seu servo, concedeu-lhe mais quinze annos de vida. Algum tempo depois, Sennacherib, rei de Assyria, invadiu a Judéa e veiu sitiar Jerusalem. Em nome do Senhor, o propheta Isaias estimulou o rei de Judá amedrontado, e lhe prometeu o auxilio do Eterno. De fato, na seguinte noite, o anjo do Senhor exterminou os principaes oficiaes e cento oitenta e cinco mil homens do exercito de Sennacherib. Ezechias terminou em paz o seu reinado.

Com o filho delle, *Manassés*, reapareceu ainda no trôno de Judá, a impiedade; o culto idolatra foi estabelecido de novo nos lugares elevados, e o rei levou a malvadez até colocar um idolo no santuario do templo. Porque o propheta Isaias lhe censurava as infi-

delidades, elle o supliciou mandando-o serrar pelo meio do corpo. O Senhor então lhe fez ouvir essa ameaça prophetica : « Jerusalem será tratada como Samaria e a casa de Achab. » A vingança não demorou. O rei de Babylonia, Assarhaddon, caiu no reino de Judá e levou Manassés no cativeiro com grande numero de Judeus. No carcere, o desgraçado rei reconheceu a mão que o feria. Deus, comovido com o seu arrependimento, deu-lhe outra vez a liberdade e o trôno. Voltou em Jerusalem e empregou o resto dos seus dias reparando mal que tinha feito. Morreu arrependido e fiel, depois de um reinado de cincoenta e cinco annos.

II. *Episodio de Judith.* — Foi debaixo do governo de Manassés que se realisou a expedição de Holophernes, general assyrio, e que se manifestou a dedicação corajosa de Judith. Saosducheu, ou Nabuchodonosor I, tinha herdado os projetos de seu pae Assarhaddon contra a Judéa. Mandou seu general Holophernes para avassalar o paiz. Este sitiou Bethulia, cidade fortificada da tribu de Nephtali ; e reduziu-a ao ultimo transe. Havia então na cidade uma viuva, ainda moça, chamada Judith que, desde tres annos, vivia no luto, no jejum e nas lagrimas. Ao saber que os habitantes estavam para fraquejar, fez o proposito de libertar a sua patria, e depois de ter orado a Deus para que auxiliasse este generoso designio, ella vestiu roupa de gala e tomou seus mais ricos adornos. Depois, para a tarde, saiu da cidade, acompanhada por uma criada, e dirigiu-se para o acampamento dos Assyrios, a pretexto de escapar ao desabamento de Bethulia. Holophernes, seduzido pela formosura de Judith, a acolheu sem desconfiança. Deu-lhe licença de entrar e sair á vontade para ir adorar seu Deus, e no quarto dia, fez um esplendido banquete ao qual convidou a Judith. Quando o general,

tonto com o vinho absorvido, esteve adormecido, Judith, que estava só com a sua serva, orou primeiro ao Senhor; depois, chegou-se ao leito de Holophernes, e tirando-lhe a espada, cortou-lhe a cabeça; depois, pondo-a num saco, atravessou o campo dos Assyrios e entrou na cidade. No outro dia, os assaltantes avistaram este tropheu sangrento arvorado nas ameias. No mesmo momento os sitiados sairam armados e os Assyrios, desanimados com a morte do seu chefe, deitaram a fugir, largando todos os despojos que eram imensos.

Gritos de jubilo saudaram esta libertação inesperada. Muito depressa espalhou-se a noticia alviçareira pelas cidades de Judá. O grande sacerdote veiu pessoalmente de Jerusalem com os anciãos do povo dar parabens a Judith. « Bemdito seja Deus, disse elle, o qual, por vossa mão aniquilou nossos inimigos. Sois a gloria de Jerusalem, a alegria de Israel, a honra do vosso povo ! »

Judith viveu muito tempo, sempre honrada em Bethulia. Em memoria da sua victoria, uma festa solene foi instituida para perpetuar este glorioso anniversario. A heroina da Judéa, cortando a cabeça de Holophernes era a figura da Virgem Maria, esmagando a cabeça do demonio. Por isso a Igreja aplica a esta Virgem victoriosa as palavras que o povo repetia em louvor de Judith : « Sois a gloria de Jerusalem, a honra do vosso povo ! »

III. *Os ultimos principes de Judá.* — Manassés teve como successor seu filho Amão. Este principe imitou a seu pae nos crimes, mas não no arrependimento. A impiedade ainda uma vez havia de triumphar neste reino de Judá. Entretanto os criados de Amão o estrangularam no seu palacio; tinha reinado menos de dois annos.

Josias, filho de Amão, só tinha oito annos de idade

sua mãe governou o reino de Israel durante a sua minoria. Aos dezeseis annos, quando empunhou as rédeas do governo, deu provas inequivocas da sua piedade. Elle combateu a idolatria, despedaçou o altar erigido em Bethel por Jeroboam, e sobre os destroços, queimou os ossos dos que tinham adorado os idolos, realisando desta arte a ameaça prophetica feita á Jeroboam.

Josias, depois, mandou fazer concertos importantes no templo de Jerusalem. Durante estes trabalhos, o pontifice Helcias achou um manuscrito da lei ; pensaram que tinha sido escrito do proprio punho de Moysés. Ali, o rei Josias pôde ler os preceitos do Senhor, tantas vezes esquecidos, e as sentenças fulminadas contra os transgressores. Elle proprio o leu publicamente no templo diante do povo reunido, e renovou a sua aliança com o Senhor como fizera Ezechias. O reinado de Josias foi consagrado a esta obra de reparação.

Joachaz ou *Sellum*, filho de Josias, só reinou tres annos, indo morrer nas margens do Nilo, onde Nechau, de volta da Assyria o tinha conduzido como prisioneiro. *Eliakim*, ou *Joaquim*, irmão delle, foi proclamado rei ; andou seguindo os desvarios de tantos e tantos seus predecessores. O propheta Jeremias, em nome do Senhor, fez ouvir as suas censuras e suas ameaças. Baldados esforços ! a medida das iniquidades de Judá ia chegando ao cumulo.

Então se realisavam em Niniva os oraculos dos prophetas ; a grande cidade vergava aos golpes dos exercitos aliados de Cyaxare, rei dos Medas e de Nabopolassar, rei de Babylonia. « O Senhor, dissera o propheta Sophonias, ha de estender a mão como um vento forte ; elle ha de arruinar o povo da Assyria ; elle despovoará Niniva, sua capital, um dia tão formosa e ha de mudal-a em um lugar desolado, em um deserto arido. Ainda á risca se cumpriu o oraculo,

e pode-se ver hoje, numa solidão selvagem, o lugar onde existiu Niniva.

IV. *Cativeiro de Babylonia.* — O fraco Joaquim viu o seu reino invadido por Nabuchodonosor II, associado ao trôno pelo pae Nabopolassar. Este principe marchou contra Jerusalem, e della se apoderou. Roubou todos os vasos sagrados do templo e levou Joaquim cativo em Babylonia, com os principaes Judeus. (606 antes de J. C.). Nesta epoca começam os setenta annos do cativeiro anunciado por Jeremias.

Entretanto, Joachim, passados tres annos, recuperou a liberdade e teve licença de regressar em Jerusalem, comquanto pagasse um tributo ao rei de Babylonia. Para furtar-se a este jugo, renovou a sua aliança com Nechao, rei do Egypto. Mas Nabuchodonosor II mandou contra a Judéa seus generaes que durante quatro annos a assolaram ; elle mesmo entrou segunda vez em Jerusalem e matou a Joaquim. *Jechonias*, seu filho, apenas subiu ao trôno para ser quasi logo derrubado pelo monarcha assyrio que o conduziu para o cativeiro e mandou que lhe vasassem os olhos. Emfim, *Sedecias*, tio de Jechonias, aceito como rei pelo vencedor, tratou de recuperar sua independencia aliando-se com o rei do Egypto. Nabuchodonosor II logo marchou contra Jerusalem que elle sitiou pela terceira vez. Vencedor, elle arruinou a cidade, queimou o templo, e levou em Babylonia o rei prisioneiro e a maior parte dos habitantes do reino, não deixando na Judéa sinão alguns pobres lavradores para cultivar o solo.

Então Jeremias sentou-se nas ruinas da sua patria desolada e cantou os seus lamentos : « Como é que que fica erma agora, a cidade outrora tão populosa? E' abandonada, a dominadora das nações ; paga o tributo a rainha das provincias ; ella chora, de noite, e ninguem a consola. Gemem as estradas de Sião, pois ninguem comparece mais nas suas solenidades ;

estão quebradas as suas portas, seus sacerdotes estão debulhados em lagrimas, suas virgens foram arrebatadas... O' vós todos que transitais pelo caminho, considerai e vede si ha alguma dôr igual á minha dôr. »

Jerusalem destruida é a imagem da humanidade desfigurada pelo peccado; as lamentações lugubres ouvem-se, todos os annos no dia comemorativo da paixão do Salvador; como o propheta, a Igreja chora por causa das ruinas que o peccado amontôa na alma transviada. A justiça eterna segue sua derrota inflexivel: os castigos se amiudaram sobre Jerusalem infiel, e o abuso das graças põe um limite ao exercicio da misericordia.

ARTIGO III

Os prophetas de Israel e de Judá que viveram antes do cativeiro de Babylonia.

I. Missão e escritos propheticos de Jonas, Osé, Joel e Amós. — II. O propheta Isaias. — III. Resumo das prophecias de Abdias, Micheu e Nahum. — IV. Jeremias e Baruc, Sophonias e Habacuc.

I. *Missão e escritos propheticos de Jonas, Osé, Joel e Amos.* — Já o temos indicado, a religião mosaica não se conservou nos reinos de Israel e de Judá sinão pela saudavel influencia dos prophetas; convidavam os povos e os reis á penitencia e á fidelidade por seus avisos e seus milagres; mas, além disto, aparelhavam os caminhos á religião christã por suas predições e seus escritos. Elias e Eliseu não tinham escrito seus oraculos. Mas debaixo do reinado de Osias, rei de Judá (810 antes, de J. C.) começa a serie dos prophetas cujos escritos nos foram conservados. Entre estas prophecias, umas têm como objeto os acontecimentos

e pode-se ver hoje, numa solidão selvagem, o lugar onde existiu Niniva.

IV. *Cativeiro de Babylonia.* — O fraco Joaquim viu o seu reino invadido por Nabuchodonosor II, associado ao trôno pelo pae Nabopolassar. Este principe marchou contra Jerusalem, e della se apoderou. Roubou todos os vasos sagrados do templo e levou Joaquim cativo em Babylonia, com os principaes Judeus. (606 antes de J. C.). Nesta epoca começam os setenta annos do cativeiro anunciado por Jeremias.

Entretanto, Joachim, passados tres annos, recuperou a liberdade e teve licença de regressar em Jerusalem, comquanto pagasse um tributo ao rei de Babylonia. Para furtar-se a este jugo, renovou a sua aliança com Nechao, rei do Egypto. Mas Nabuchodonosor II mandou contra a Judéa seus generaes que durante quatro annos a assolaram ; elle mesmo entrou segunda vez em Jerusalem e matou a Joaquim. *Jechonias*, seu filho, apenas subiu ao trôno para ser quasi logo derrubado pelo monarcha assyrio que o conduziu para o cativeiro e mandou que lhe vasassem os olhos. Emfim, *Sedecias*, tio de Jechonias, aceito como rei pelo vencedor, tratou de recuperar sua independencia aliando-se com o rei do Egypto. Nabuchodonosor II logo marchou contra Jerusalem que elle sitiou pela terceira vez. Vencedor, elle arruinou a cidade, queimou o templo, e levou em Babylonia o rei prisioneiro e a maior parte dos habitantes do reino, não deixando na Judéa sinão alguns pobres lavradores para cultivar o solo.

Então Jeremias sentou-se nas ruinas da sua patria desolada e cantou os seus lamentos : « Como é que que fica erma agora, a cidade outrora tão populosa? E' abandonada, a dominadora das nações ; paga o tributo a rainha das provincias; ella chora, de noite, e ninguem a consola. Gemem as estradas de Sião, pois ninguem comparece mais nas suas solenidades;

estão quebradas as suas portas, seus sacerdotes estão debulhados em lagrimas, suas virgens foram arrebatadas... O' vós todos que transitais pelo caminho, considerai e vede si ha alguma dôr igual á minha dôr. »

Jerusalem destruida é a imagem da humanidade desfigurada pelo peccado; as lamentações lugubres ouvem-se, todos os annos no dia comemorativo da paixão do Salvador ; como o propheta, a Igreja chora por causa das ruinas que o peccado amontôa na alma transviada. A justiça eterna segue sua derrota inflexivel : os castigos se amiudaram sobre Jerusalem infiel, e o abuso das graças põe um limite ao exercicio da misericordia.

ARTIGO III

Os prophetas de Israel e de Judá que viveram antes do cativeiro de Babylonia.

I. Missão e escritos propheticos de Jonas, Osé, Joel e Amós. — II. O propheta Isaias. — III. Resumo das prophecias de Abdias, Micheu e Nahum. — IV. Jeremias e Baruc, Sophonias e Habacuc.

I. *Missão e escritos propheticos de Jonas, Osé, Joel e Amos.* — Já o temos indicado, a religião mosaica não se conservou nos reinos de Israel e de Judá sinão pela saudavel influencia dos prophetas ; convidavam os povos e os reis á penitencia e á fidelidade por seus avisos e seus milagres ; mas, além disto, aparelhavam os caminhos á religião christã por suas predições e seus escritos. Elias e Eliseu não tinham escrito seus oraculos. Mas debaixo do reinado de Osias, rei de Judá (810 antes, de J. C.) começa a serie dos prophetas cujos escritos nos foram conservados. Entre estas prophecias, umas têm como objeto os acontecimentos

temporaes dos reinos de Israel e de Judá, de Niniva e de Babylonia, de Tyro e do Egypto ; as outras têm uma relação mais directa com a vinda do Messias, sua obra, o estabelecimento da Igreja, seu imperio eterno. São estas ultimas que nos merecem maior atenção.

1º *Jonas* viveu e prophetisou sob o reinado de Jeroboam II, rei de Israel, cerca de 800 annos antes de Jesus Christo. Debalde já tinha pregado a penitencia aos Israelitas ; Deus lhe ordenou de ir anunciar em Niniva os castigos que a ameaçavam. Assustado com os perigos da sua missão, Jonas tratou de evital-os fugindo e embarcou-se para Tarsis. Mas em breve desencadeia-se uma tempestade furiosa. Os marinheiros tiram a sorte para ver quem dentre elles causou a colera do céu ; a sorte designa Jonas que é lançado ao mar. Um monstro marinho engole o propheta ; Deus comtudo conserva-lhe a vida, e o peixe, ao cabo de tres dias, restitue Jonas á luz do sol, na praia. Desta feita, obedeceu á voz do Senhor, e foi em Niniva para ali pregar a penitencia. « Ainda quarenta dias, clamava elle, e Niniva sera destruida ! » O susto se apoderou desta população corrupta ; o proprio rei, dando o exemplo, prescreveu um jejum solene, e Deus, satisfeito com este arrependimento geral, poupou a cidade culpada.

O livro de Jonas não encerra prophecias, mas unicamente a narração da sua pregação aos Ninivitas. Todavia, elle foi especialmente propheta em seus actos. Jonas é figura do Salvador. Deus irado com o culpado deixa a tempestade abrandar, logo que se lhe oferece uma victima. Assim o mundo conspurcado estava a pedir um castigo ; a morte do Salvador quebrou a colera do Todo Poderoso. Nosso Senhor fez, elle mesmo, a aplicação da historia figurativa de Jonas ; os escribas e os phariseus lhe pediam um prodigio : « Não tereis nenhum outro que não seja o do propheta Jonas, respondeu o Salvador ; pois, assim

como Jonas permaneceu tres dias e tres noites no seio de um peixe enorme, tambem o Filho do homem ficará tres dias e tres noites no seio da terra ; e como Jonas foi um signal para os habitantes de Niniva, assim o será o Filho do homem para os da sua nação. »

2º *Osé* viveu mais ou menos na mesma época e prophetisava na Samaria. Clamou particularmente contra os crimes dos Israelitas e predisse a dispersão das dez tribus. Mas, depois da reprovação dos Judeus, elle prevê a vocação dos Gentios : « Os filhos de Israel ficarão por muito tempo sem rei, sem principe, sem sacrificio, sem altares, sem ministros... » Mas, em lugar delles, o propheta de Israel viu surgir um novo povo : « Eu formarei uma aliança com uma nova esposa. Eu ficarei comovido de misericordia para aquella a quem eu não tinha concedido misericordia ; e áquelle a quem eu tinha dito : Não sois o meu povo, eu lhe direi : Sois o meu povo, e elle me dirá : Sois o meu Deus. » Estas palavras propheticas são aplicadas aos Gentios que vieram a ser o povo de Deus ; a Igreja christã é esta esposa com quem o Senhor forma uma aliança eterna.

3º *Joel* era contemporaneo de Osias. Anunciou as desgraças que haviam de assolar a tribu de Judá : as lagartas, os vermes, os gafanhotos, a herva daninha a destruir o trigo : outras tantas imagens dos povos que hão de vir despojal-a. Depois, levado pela inspiração, fala dos tempos messianicos : « Então Deus derramará o seu espirito sobre todo o homem ; vossos filhos e vossas filhas prophetisarão e os anciãos serão instruidos por visões. » Mais tarde o proprio apostolo são Pedro aplicará estas palavras ás maravilhas operadas pelo Espirito Santo, e elle dirá : « Agora é que se realisa a prophecia de Joel. »

4º *Amos* era um pegureiro que apascentava os rebanhos de Thecué, a duas leguas de Belem. No vigesimo terceiro anno do reino de Osias, iniciou sua missão

prophetica em Bethel, foco principal da idolatria em Israel. Predisse a vingança de Deus contra os reinos de Israel e de Judá e tambem contra as nações visinhas : « Casa de Israel, tu levantaste o tabernaculo de Moloch ; ali colocaste os idolos feitos por tuas proprias mãos ; por isso transportar-te-ei, eu, o Todo Poderoso, alem de Damasco. O Senhor jurou a perda de Jacob ; suas cidades hão de cair, e seus habitantes serão exterminados. » Entretanto, o propheta prevê dias melhores : « Não arruinarei completamente a casa de Jacob ; de novo levantarei o tabernaculo de David, e meu povo, de volta do cativeiro, ha de reconstruir suas cidades derrubadas. » (Cap. VII-IX.)

II. *O propheta Isaias.* — E' o primeiro dentre os quatro grandes prophetas e deu principio á sua missão no vigesimo quinto ano do reinado de Ozias. Deus que o tinha escolhido para ser a luz do seu povo, quiz que um seraphim lhe purificasse os labios para os tornar mais dignos de pronunciarem os seus oraculos. O cativeiro de Babylonia, a libertação dos Judeus por Cyro, cujo nome pronuncia duzentos annos antes de elle nascer, os destinos de Tyro, da Assyria e do Egypto, a ruina de Babylonia que elle pinta com tintas de fogo : são estas as primeiras predições de Isaias. Mas elle prophetisou principalmente a vinda do Messias seus milagres, sua paixão, sua morte, sua resurreição e o seu reino sem fim.

1º *Origem e nascimento do Messias* : « Do tronco de Jessé, ha de sair um rebento, e esse será exposto como um estandarte, na vista de todos os povos... Uma virgem dará á luz um Filho que será chamado *Emmanuel*, isto é, *Deus comnosco*. Um meninosinho nos nasceu ; um filho nos foi dado ; elle ha de trazer no hombro o signal do seu principado ; será chamado o Admiravel, o Forte, o Pae do seculo futuro, o Principe da paz... Os reis hão de vir honrar o seu berço e oferecer-

lhe presentes; hão de viajar no resplendor da sua luz. » (Cap. VII e IX.)

2º *Sua obra e seus milagres :* « Será cheio de doçura e ha de atrair os homens sómente pela persuasão e pelos beneficios. Elle conduzirá seu povo como o pastor conduz o rebanho. Não será barulhento ; não calcará aos pés a cana meio partida, nem ha de apagar o pedacinho de torcida ainda fumegante... Então os olhos dos cegos hão de ver o dia, abrir-se-ão os ouvidos dos surdos, o coxo andará aos saltos como o veado, e a lingua dos mudos ha de ser solta. » (Cap. XLII.)

3º *Paixão e morte do Salvador :* « O rebento de Jessé será qual um arbustozinho que brota da terra arida. Não tem beleza nem brilho. Nós o vimos e não o temos conhecido. Aos nossos olhos, pareceu o ultimo dos homens, um homem de dores. Era semelhante ao leproso, qual um homem punido por Deus e humilhado. Foi posto no lugar dos criminosos e expulso da terra dos vivos. Foi imolado porque elle mesmo o quiz e nem abriu a boca. Levaram-no para a morte como si fosse ovelha e elle ficou calado como o cordeiro debaixo da mão que o tosquia. Eu o tenho ferido, diz o Senhor, por causa dos pecados do meu povo ; mas por ter elle sofrido voluntariamente a morte, uma posteridade numerosa ha de nascer delle. Neste justo, hão de achar muitos pecadores a sua justificação, os povos serão a sua conquista. » (Cap. LIII).

4º *Resurreição, triumpho e imperio eterno do Messias.* « Finalmente, invocal-o-ão as nações, e seu sepulcro será glorioso », dissera Isaias. (Cap. XI.) Agora, eis que o propheta sauda estes inumeros posteros : Regosijai-vos, esteril, que não podieis dar a luz ; cantai hynos de louvor e soltai gritos de jubilo, pois aquella que estava abandonada tem agora mais filhos que a esposa... Erguei os olhos e considerai em redor de vós : esta multidão enorme vem unir-se com meu povo ; são filhos, são filhas que de longe acodem e

surgem a vosso lado. Jerusalem, tu has de vel-os e estarás na alegria... O Senhor, dora avante, será a tua luz, e Deus, a tua gloria. » (Cap. LIV, LX.)

Assim falava Isaias o propheta ; mas, no mesmo tempo, não trepidava em admoestar os reis de Judá. Julga-se que a sua franqueza intemerata excitou as iras de Manassés, e que, por ordem deste, elle foi supliciado com um serrote de madeira.

III. *Sumario das prophecias de Abdias, Micheu e Nahum.* — Tres outros prophetas menores, contemporaneos de Isaias, ergueram tambem suas vozes e uniram seus oraculos áquelles que já reboavam com tamanha eloquencia contra Israel, Judá e os povos vizinhos.

1º *Abdias* prophetisou em Israel. Delle só temos um capitulo em que vaticina a ruina dos Idumeus, a destruição da idolatria e o reino de Christo.

2º *Micheu* vivia na tribu de Judá. Elle anunciou o rigor dos castigos de Deus contra Samaria, depois contra Judá, e emfim contra Babylonia. No tocante ao Messias, Micheu fez esta prophecia tão precisa : « E tu, Belém, és pequena entre as cidades de Judá ; mas é de ti que ha de sair Aquelle que deve reinar em Israel, Aquelle cujo nascimento está desde o começo, desde os dias da eternidade. » (Cap. V, 2-4.) As palavras de Micheu de tal forma se tinham gravado nas tradições judaicas, que os principes dos sacerdotes, quando interrogados por ocasião da chegada dos Magos, não hesitaram para dar a resposta : « E' em Belém que ha de nascer o Christo. »

3º *Nahum* prophetisou sob Manassés ou Ezechias. Seu livro consta apenas de tres capitulos : é a proclamação solene das vinganças de Deus contra Niniva ; mas além deste grande acontecimento, o vidente divisa a ruina das estatuas e dos idolos ; elle vê aparecer nas montanhas os pés d'Aquelle que vem anunciar

a paz: « O' Judá, exclama elle, celebra os teus dias de festa e oferece os teus votos ao Senhor : dora em diante Belial não atravessará mais teu recinto. » (Cap. I, 15.)

IV. *Jeremias e Baruch, Sophonias e Habacuc.* — Emquanto nos vamos aproximando do cativeiro, ouvimos Jeremias e Baruch, Sophonias e Habacuc.

Jeremias nasceu em Anathoth, não longe de Jerusalem. Santificado logo ao nascer, educado no estudo da lei e dos antigos prophetas, consagrado por suas funções sacerdotaes ao culto do Deus tantas vezes ultrajado em Judá, o Senhor o escolhe para que faça ouvir ao seu povo terriveis ameaças, de envolta, como sempre, com esperanças. Seu papel prophetico começa em 627, e continúa por quarenta annos. A ruina de Jerusalem, depois a de Babylonia, foram o objecto das suas mais notaveis predições.

Depois de se terem realisado as suas primeiras prophecias, Jeremias não quiz que seus irmãos presos ficassem sem consolo. Anunciou o fim do seu exilio, e tambem a obra do futuro Messias : « O Senhor, disse elle, dirigiu-me a palavra no tempo de Josias, e elle me disse : Darei a David uma raça justa, e um rei que ha de governar com sabedoria. Agirá de acordo com a equidade e restabelecerá a justiça na terra. Nos dias do seu reino, Judá será salvo e Israel permanecerá com uma confiança plena, e seu rei será chamado o *Senhor, nossa justiça*... Formarei uma aliança nova com a casa de Israel.Eis qual será esta aliança : imprimeirei a minha lei na sua alma ; escrevel-a-ei no seu coração ; serei seu Deus, elles serão o meu povo. » (Cap. XXX-XXXIII.)

Quando as tribus houveram sido levadas prisioneiras em Babylonia, Jeremias, antes de seguil-as preferiu ficar em Jerusalem. E' então que pronunciou as suas admiraveis e lugubres *Lamentações*.Mais

tarde, teve que deixar a Judéa e retirar-se para o Egypto onde pensam que morreu apedrejado por seus compatriotas. Sua vida toda foi uma prophecia viva dos sofrimentos e da paixão de Nosso Senhor ; é por isso que a Igreja aplica muitas vezes ao Salvador as palavras que o propheta dizia directamente de si proprio. (Cap. XI.)

Baruch, discipulo e secretario de Jeremias, compartilhou os padecimentos do mestre, transcreveu sua predições e foi-lhe mensageiro fiel junto das tribus cativas. Tambem elle foi propheta. Seu livro só encerra seis capitulos, escritos num estylo que faz lembrar aquelle de Isaias. Baruch rememora as faltas do seu povo, incita-o a fazer penitencia, e implora a misericordia divina. Depois anima seus irmãos na esperança, e elle acrescenta esta prophecia messianica : « Depois disso tudo, viram-no na terra, e elle conversou com os homens. » (Cap. III, 38.)

Sophonias prophetisou no começo do reinado de Josias, rei de Judá. Seus diversos oraculos referem-se a Niniva e aos reinos de Judá e de Israel. Mas, no tocante ao reino que ha de ser fundado pelo Messias esperado, elle menciona os seguintes frisantes pormenores : « Esperai por mim, diz o Senhor, esperai o dia em que me hei de levantar; pois eu fiz o proposito de ajuntar os povos e de reunir os reinos. Purificarei então os labios dos povos para todos invocarem o nome do Senhor... Hei de congregar aquelles todos que tinham abandonado minha lei para confiarem em fabulas pueris, e o Senhor aniquilará todos os deuses da terra, e será adorado por todas as nações. » (Cap. III, 7, 9.)

Habacuc era contemporaneo de Sophonias. Foi delegado por Deus para levar a Daniel, na cova dos leões, um auxilio milagroso. Já antes predissera os castigos que os Chaldeus infligiram a Judá e tambem a ruina daquelles debaixo dos golpes da justiça divina.

Numa oração belissima, elle implora a misericordia de Deus e prevê uma libertação futura na qual é licito saudar a aurora do dia da redempção realisada pelo Messias.

As prophecias todas que temos aduzido têm, no ponto de vista da *Religião*, uma importancia capital; constituem uma prova convincente a favor do Messias, patenteando a divindade da sua missão; facilitam-nos a averiguação deste conjunto de verdades dogmaticas e moraes da revelação judaica, cujo desabrochar mais completo e mais profundo havemos de presenciar no christianismo.

CAPITULO IV

Desde o cativeiro de Babylonia até Jesus Christo.

Do anno 606 antes de J. C. até o ano 1 da era christã.

(SEXTA EPOCA)

Resumo analytico desta época. — Divisão do capitulo. — Syncronismo da historia profana.

Esta ultima época da historia judaica é longa : abrange um intervalo de seis seculos. Os acontecimentos que nella se desdobram são multiplos e varios. A continuidade da religião salienta-se ali com brilho e importancia iguaes ao fulgor dos tempos idos.

Primeiro, nos setenta annos do cativeiro de Babylonia, Deus promove a difusão da Religião mosaica pela dispersão de seu povo. Arremessados ao longe, entre as nações idolatras, os filhos de Israel levaram o facho da revelação para todos os reconditos do mundo, e espalharam por toda a parte a ideia e a expectativa de um Messias. No mesmo tempo, os prophetas Ezechiel e Daniel continúam no meio dos seus irmãos desterrados a anunciar os successos vindouros.

Cyro e Artaxerces Longa Mão, por dois editos famosos, autorisam o povo de Deus a regressar na Judéa e a restabelecer ali o templo e a cidade santa ; então, ás ordens de Zorobabel, Esdras e Nehemias, o templo de Jerusalem, o culto mosaico, o sacerdocio e todo o conjunto das ceremonias religiosas entram a vigorar como nos antigos dias. Fato de notar, desta época em

diante, não aparece mais a idolatria no seio da nação judaica. Instruidos pela escola da desgraça, os filhos de Israel, dora avante hão de ficar fieis ao Senhor. Zacharias, Aggeu e Malachias confirmam a nação na sua pacifica expectativa.

Nestes tempos, ministravam á Grecia seus ensinos os sete sabios. Solon, um delles, dava leis aos Athenienses. Com Milciades, Leonidas, Themistocles, chegamos ao periodo aureo da Grecia ; é tambem a idade da philosophia grega, ilustrada por Socrates, Platão e Aristoteles.

Entretanto,eis que se cumpriram os oraculos propheticos atinentes a Babylonia. Ao imperio dos Assyrios succedeu o dos Medas e dos Persas, substituido por sua vez pelo dominio brilhante de Alexandre e dos Gregos. Depois de sofrer estes diferentes jugos, o reino de Israel reconstituido passa debaixo da autoridade dos imperios gregos do Egypto e da Syria. Os reis seleucidas impõem aos Judeus o peso cruel da sua tyrania : a Religião mosaica tem seus martyres.

Mas Deus suscita a valente raça dos Machabeus : docil á voz de Mathathias e ao influxo de Judá e seus irmãos, Israel sacode o jugo e recupera mais uma vez a sua independencia civil e religiosa. Sob os Machabeus, a nação de Israel conclue tratados de aliança com os Romanos e os Espartanos.

Emfim, sob a dynastia asmoneense, o reino de Israel preenche sem gloria seus ultimos destinos ; os Romanos intervêm nos negocios da Judéa ; Pompeu a torna tributaria e a reduz a provincia romana. Então os principes asmoneenses não conservam sinão uma autoridade nominal, até Herodes, idumeu por nascimento, alcançar de Antonio e Octavio o titulo de rei dos Judeus. O sceptro sae da familia de Judá, o Messias está para nascer.

Dividir-se-á em quatro artigos o periodo historico por percorrer : 1º dar-se-ão a conhecer os successos e

os *prophetas* do cativeiro (606-536 antes de J. C.); 2º *o regresso do cativeiro* de Babylonia, com os oraculos dos ultimos prophetas (536-454 antes de J. C.); a historia da nação judaica sob o dominio estrangeiro e sua libertação sob os Machabeus (454-141 antes de J. C.); 4º emfim o reino dos Asmoneenses (141-40 antes de J. C.) e o advento de Herodes, cuja historia nos leva até a entrada da *lei evangelica* (do anno quarenta antes de J. C. até o anno 1 da era christã.)

ARTIGO I

Acontecimentos e Prophetas do cativeiro.

606-536 antes de J. C.

I. O propheta Ezechiel. — II. Daniel; sua historia, suas prophecias. — III. Estado religioso da nação judaica no cativeiro. — IV. A queda de Babylonia.

I. *O propheta Ezechiel.* — Os Judeus levados no cativeiro por Nabuchodonosor, viveram na desgraça, dispersos nas margens do rio Chobar. Não podiam se esquecer de Jerusalem e um écho dos seus queixumes resôou até nós neste canto melancolico : « Sentados na margem dos rios de Babylonia, temos chorado ao pensarmos em Sião. Nossas harpas estavam suspensas aos salgueiros da ribanceira, etc. » (Ps. XLI.) Comtudo, depois da destruição de Jerusalem, Nabuchodonosor tratou os Judeus com humanidade. Os prophetas, por outra parte, amparavam a coragem dos prisioneiros.

O primeiro dos prophetas daquella época é *Ezechiel*. Era da raça sacerdotal. Onze annos antes da ruina definitiva de Jerusalem (598 antes de J. C.), foi levado por Nabuchodonosor em Babylonia onde exerceu por vinte e dois annos seu papel prophetico. Ezechiel

conheceu, por visões estranhas, os destinos de Israel, e descreve-os numa linguagem symbolica cheia de imagens. Suas predições anteriores á ruina de Jerusalem, respeitam principalmente os desastres que hão de assolar a cidade culpada (Cap. III, XXIV.) Mas pronunciou tambem oraculos terriveis contra os povos estrangeiros e especialmente contra Tyro e o Egypto. (cap. XXV-XXXII.)

A segunda parte das prophecias de Ezechiel, posterior á ruina de Jerusalem e do templo, anuncia primeiro o restabelecimento de Israel na Terra prometida, e depois o seu triumpho pelo reino do Messias. (Cap. XXIII-XLVIII.) Este libertador prometido, Ezechiel o vê debaixo da figura de um Pastor fiel (Cap. XXXIV) sob cujos auspicios se realiza a restauração de Israel. O propheta escrevia: « Eis o que diz o Senhor : Eu vos tirarei do meio das nações ; de todos os paizes em que estiverdes dispersos eu vos ajuntarei e conduzirei na vossa patria... Serei o vosso Deus e vós haveis de ser o meu povo. » (Cap. XXXV I.)

Para confirmar esta promessa e tornal-a sensivel, Deus levou Ezechiel pela imaginação num campo coberto de ossadas seccas e deu-lhe ordem de falar em seu nome : « Ossos aridos, ouvi a palavra de Deus : Sobre vós ageitarei nervos e musculos ; revestir-vos-ei de carnes ; dar-vos-ei uma pelle ; depois, um espirito e vivereis ; assim ficareis scientes de que eu sou o Senhor. » O propheta attendeu ao mandado de Deus ; falou e os ossos se ajustaram, tomaram carnes e pelle e o espirito tornou a entrar nestes cadaveres que formaram, ao erguerem-se, um exercito numerosissimo. « Assim é, disse o Senhor, que ha de ressuscitar o meu povo e que eu o conduzirei na terra dos seus antepassados. » (Cap. XXXVI.) Com esta figura alegorica, o propheta, ao passo que afirma o dogma da resurreição dos corpos, dava a entender a resurreição espiritual do povo judaico.

II. *Daniel ; sua historia, suas prophecias.* — Daniel era de estirpe real. Era moço ainda quando foi levado cativo em Babylonia. (606 antes de J. C.) Ali, com tres companheiros seus, Ananias, Mizael e Azarias, foi educado no paço real de Nabuchodonosor. Juntos, estes tres moços observavam fielmente a lei de Moysés. Daniel especialmente grangeou a confiança de quem os guardava e mercê de uma alta sabedoria, achou acolhimento favoravel junto de Nabuchodonosor que fez delle um governador. O jovem Daniel tivera ensejo de mostrar a agudeza do seu espirito, salvando do supplicio a casta Suzana, cuja innocencia fôra vilipendiada por infames anciãos. A interpretação que, por duas vezes, elle deu dos sonhos do rei, augmentou ainda a sua autoridade. Elle a conservou sob Dario o Meda, após a conquista de Babylonia. Acusado falsamente por ministros invejosos, por pouco não perdeu a um tempo a alta collocação e a propria vida, tudo por ter permanecido fiel ao culto do verdadeiro Deus. Atiraram-no numa jaula ; mas os leões, nenhum mal lhe fizeram. Este facto lhe valeu maior confiança por parte de Dario ; gozou igualmente dos favores de Cyro sob cujo reino escreveu suas ultimas prophecias.

O livro de Daniel pode ser dividido em duas partes : uma historica em que narra a propria vida, para mostrar a providencia de Deus manifestando-se, durante este periodo de castigo e de desolação a favor do povo de Israel, para animal-o e amparal-o (cap. I-VI) ; a outra, prophetica, contem as visões alegoricas nas quaes Deus revela ao seu servo a successão dos quatro grandes imperios que devem preparar as vias ao Messias e o destino de cada um delles (Cap. VII até XII.)

Já Daniel descortinára o porvir mysterioso no sonho de Nabuchodonosor, que tanto cuidado tinha dado ao rei. « Vós vistes no sonho, disse elle, uma estatua gigan-

tesca cuja cabeça era de ouro; o peito e os braços, de prata; o ventre e as coxas, de bronze; as pernas, de ferro e os pés, parte de ferro e parte de barro. Depois, uma pedrinha, despregando-se do monte, veiu bater nos pés da estatua, que se partiu, e a propria pedrinha tornou-se uma montanha que cobriu a terra toda. Ora, eis a explicação desta visão : Sois vós a cabeça de ouro, pois o Deus do céu vos deu o poder e a gloria. (Imperio assyrio.) Depois de vós, ha de levantar-se outro figurado pela prata, menos poderoso do que o vosso. (Imperio dos Medas e dos Persas.) Depois apparecerá um terceiro imperio, symbolizado pelo bronze ; este ha de mandar em toda a terra. (Imperio de Alexandre.) Um quarto imperior, epresentado pelo ferro, ha de quebrar e subjugar todos os povos. (E' o imperio romano constituido por nações diversas que não podem amalgamar-se, não mais do que o ferro e o barro e logo ha de desabar). Emfim a pedrinha, solta do monte, que parte a estatua e cobre toda a terra, anuncia um ultimo imperio não feito pela mão do homem, que não passará de um povo para outro, sinão que ha de subsistir eternamente. » (Imperio de Jesus Christo.) (Cap. II.)

Deus se comprazia em revelar a Nabuchodonosor, por meio de sonhos, o seu destino. O rei viu uma arvore immensa cuja coma roçava as nuvens emquanto os galhos ensombravam a terra. Uma voz clamou : « Cortai esta arvore, e deixai a sua raiz vegetar por sete annos entre os animaes. » Daniel explicou ao monarcha soberbo que era elle a tal arvore grande, mas que por sete annos, em castigo de seu orgulho, seria expulso da sociedade e viveria á maneira dos bichos do matto. Cumpriu-se á risca a prophecia. (Cap. III.)

A maior prophecia de Daniel, porém, é a que diz respeito ao Messias e á época da sua vinda. Um dia, o propheta ia reflectindo nos setenta annos que havia de durar o cativeiro de Babylonia, segundo a

predição de Jeremias. O anjo Gabriel lhe appareceu e disse : « Setenta semanas de annos, é o limite que tem sido determinado para teu povo e para a cidade santa até que seja passada a corrupção, que o pecado desappareça, que a iniquidade seja apagada, até finalmente que a justiça eterna baixe á terra, que se cumpram as visões e prophecias, e que o Santo dos santos receba a unção. Fique sciente pois e note muito bem : desde a publicação da ordem que fôr dada para reconstruir Jerusalem até o principe Messias, haverá sete semanas e sessenta e duas semanas, e as praças e muralhas da cidade serão reedificados em tempos dificeis. Assim que fôrem escoadas as sessenta e duas semanas, Christo será morto, e o povo que o renegar não será mais o seu povo. Uma nação que ha de vir com o seu chefe arrasará Jerusalem e seu santuario, e quando terminada a guerra, ha de lavrar a desolação annunciada. Então o Christo formará, na ultima semana, uma aliança duravel, e em meio desta semana, hão de cessar as oblações e os sacrificios. A abominação da desolação estará no templo e a desolação ha de perdurar até a consumação e até o fim. (Cap. IX.)

Estes são os oraculos que os Judeus dispersos conservam como nós nas suas mãos.

III. *Estado religioso da nação judaica durante o cativeiro.* — Ao desterrar, para as margens dos grandes rios da Assyria, ás tribus prisioneiras, Nabuchodonosor, cingindo-se nisto as tradições de Babylonia e Niniva, não lhes prohibíra o exercicio do seu culto. Assim mesmo, ellas se achavam sem templo, nem altares, nem sacrificios, e as mais importantes praticas do culto mosaico foram necessariamente interrompidas durante os longos annos do exilio. Os Judeus fieis se consolavam volvendo os olhares para Jerusalem e para o templo na hora da prece e do sacrificio, e não cumpriam menos rigorosamente as sagradas

observancias, pois vemos Daniel, Ananias, Misael e Azarias, pratical-as com perigo de morte, no proprio palacio do rei.

A Providencia sabe mudar o que julgamos ser um mal num bem maior : ella ensinava aos filhos exilados de Israel a apreciar melhor, em meio de um povo idolatra, o beneficio das suas instituições divinas ; ella patenteava a sua intervenção poderosa aos olhos das nações infieis assim como á vista do seu povo. Quando Nabuchodonosor teve erigido na planicie de Doura aquella estatua colossal de ouro que todos os povos tinham de adorar, os Hebreus fieis lançados na fornalha foram preservados da chamma devoradora pela mão de um anjo. O rei, então promulgou esta sentença : « Povos, tribus e linguas, quem dentre vós se atrever a insultar a majestade do Deus de Sidrach, Misach e Abdenago, — eram estes os nomes chaldeus postos aos tres jovens Hebreus, — será punido com suplicio de morte, e sua casa ha de ser reduzida a cinzas, pois não ha divindade que salve e proteja como o seu Deus. » (*Dan.* III, 96.) Interpretado o sonho real pelo propheta Daniel, e depois de ter expiado o seu orgulho, o mesmo principe não trepidou em publicar um edito que assim rezava : « Eu louvo, exalto e glorifico o Rei do céu, porque todas suas obras são verdadeiras e seus caminhos rectos. » (*Ib.* IV, 34.)

Propalou-se desta maneira o nome do Senhor no imperio e entre os povos visinhos, com as recordações da historia judaica e suas magnificas promessas. Daniel, emquanto confundia os sacerdotes de Baal, arrasava o templo dos idolos, matava o dragão sagrado dos Babylonios, trabalhava poderosamente em prol do Deus verdadeiro, dando cabo das superstições pagãs. Seus milagres, suas prophecias alimentavam, no mesmo tempo, a fé do seu povo e amparavam-lhe as esperanças infaliveis.

IV. *A queda de Babylonia* (538). — Entretanto, estavam para cumprir-se as ameaças propheticas tantas vezes repetidas contra a soberba Babylonia. Quinze annos seguidos, principes desordeiros e desregrados se succederam no trôno de Nabuchodonosor. O ultimo dentre elles, o impio Balthasar, viu sua capital sitiada pelo exercito numerosissimo dos Persas chefiados por Cyro. Confiado na força das muralhas, o rei só cogitava de prazeres. Uma tarde em que convidára todos os magnates de sua côrte, Balthasar mandou trazer os vasos de ouro e prata arrebatados no templo de Jerusalem. Beberam nestes vasos sagrados, enaltecendo os deuses das nações. Eis que de repente apparece mysteriosa mão a traçar sobre a parede estas tres palavras : *Mane*, *Thecel*, *Phares*. O rei, assustado, quiz consultar Daniel, que, trazido na sua presença, assim explicou o facto : *Mane*, os dias de vosso reino têm sido contados ; *Thecel*, fostes pesado na balança e julgado muito leve ; *Phares*, vosso reino tem sido dividido e entregue aos Medas e aos Persas. Por terrivel que fosse tal interpretação, Balthazar homenageou a Daniel com honras quasi reaes. Naquella mesma noite os Medas e os Persas penetraram em Babylonia pelo leito do Euphrates cujo curso tinham desviado. O rei Balthazar foi morto, seu imperio destruido, e os Judeus ficaram sob o jugo dos vencedores.

ARTIGO II

O volta do cativeiro.

536-454 antes de J. C.

I. Edito de Cyro e reconstrução do templo. — II. Edito de Artaxerces Longa Mão; Jerusalem reedificada. — III. Os ultimos prophetas : Aggeu, Zacharias e Malachias. — IV. A religião judaica depois do cativeiro. — V. Episodio de Esther.

I. *Edito de Cyro e reconstrução do templo.* — Daniel ficou na privança do novo conquistador. Elle manifestou a Cyro, rei dos Medas e dos Persas, as prophecias de Isaias que anunciavam as suas victorias e nas quaes, elle figurava designado com o proprio nome. Muito impressionado com estas varias predições, elle publicou um edito facultando aos Judeus o regresso em Jerusalem e a reconstrução do templo. « Já que o Deus do céu, dizia elle, me presenteou com todos os reinos da terra e me ordenou de lhe erigir um templo, vão pois aquelles dentre vós que pertencem ao seu povo, para Jerusalem, e ali, levantem de novo o templo de Jeovah. » Com isso, o rei entregava aos Judeus os vasos de ouro e mais objectos sagrados roubados por Nabuchodonosor. Quarenta e dois mil Hebreus partiram sob o mando de Zorobabel, principe de Judá, descendente da raça de David e do sumo sacerdote Jesu, filho de Josedech. Chegados na Judéa, lançaram sem demora os alicerces do novo templo. As obras, emprehendidas com ardor, deviam ser terminadas em breve. Mas os Samaritanos valeram-se de todos os meios para estorvar sua marcha. Fizeram intrigas junto de Cambyse, filho e successor de Cyro. Por ordem real, os trabalhos foram suspensos, e só vinte annos mais tarde puderam ser ultimados.

No sexto anno do reino de Dario, filho de Hystaspe, o edificio estava acabado; houve então a dedicação solene, accompanhada de cantos e sacrificios. O novo templo não podia competir com o primeiro quanto á magnificencia; no emtanto era digno ainda da majestade do Altissimo. O altar-mor do atrio, no qual as victimas eram immoladas, estava feito com pedras brancas, não polidas, e de proporções enormes. No interior do santuario, só havia os objectos prescritos para o tabernaculo de Moysés : o altar dos perfumes, o candelabro de ouro e a mesa de ouro em que se depositavam os pães de proposição. O Santo dos santos nada continha, pois a arca de aliança desaparecera na época da destruição de Jerusalem. Escondida por Jeremias numa caverna do monte Nebo, não a puderam achar mais. O oraculo dos *Urim* e *Thummim* não foi restabelecido.

II. *Edito de Artaxerxes ; Jerusalem reconstruida.* — Quando Cyro concedeu aos Judeus licença de voltarem na sua terra, nem todos aproveitaram desta liberdade. Muitos delles tinham assentado sua morada no Oriente; ali elles possuiam terras ferteis e permaneceram na Mesopotamia. Todavia um rei dos Persas, successor de Cyro, o Assuero da Escriptura, que julgam ser Artaxerxes, atendendo aos rogos de Esther, sua esposa, mostrou-se favoravel ao povo hebraico. Em 458, publicava novo edito autorisando os Judeus a regressar em Jerusalem com seus sacerdotes e levitas. Um doutor da lei, Esdras, que descendia de Eleazar, filho mais velho de Aarão, dirigiu a colonia. Recebeu de Artaxerxes e de seus ministros magnificos presentes para o templo, com plenos poderes para legislar na Judéa sobre todos os negocios da Religião e do Estado. O territorio, occupado outrora pelo povo de Deus, foi dividido em quatro provincias : a *Galiléa*, no norte ; a *Samaria*, no centro ; a *Judéa*, no sul da

Samaria, a oeste do Jordão; a *Peréa*, no oriente deste mesmo rio.

Quatro annos mais tarde, a pedido do Judeu *Nehemias*, Artaxerxes promulgou segundo edito, em Suza, o qual autorisava a reconstrução das muralhas de Jerusalem. E' a partir deste edito, desde 454, que se contam as setenta semanas de annos prophetisadas por Daniel, e que devem correr antes do advento do Messias.

Sob a regencia de Nehemias, os Judeus trabalharam com afan na reedificação de suas muralhas, e em cincoenta e dois dias a obra estava terminada. A dedicação se fez com grande solenidade, e Jerusalem achou-se outra vez povoada pelas mais distinctas familias dentre os Judeus.

III. *Os ultimos prophetas : Aggeu, Zacharias, Malachias.* — Era em meio das angustias e das difficuldades que estes trabalhos ingentes tinham sido realizados. Deus, para amparar e consolar o seu povo, lhe enviava novos prophetas.

Aggeu veiu o primeiro para estimular o ardor arrefecido dos fieis. Os anciãos estavam saudosos do antigo templo e choravam comparando o actual edificio com aquelle de Salomão. Aggeu anunciou-lhes que este templo seria honrado com a presença do Messias : « Ainda um pouco de tempo, disse o Senhor, e eu abalarei o céu e a terra, o mar e o continente. Congregarei os povos todos. Então virá o desejado das nações ; encherei de gloria esta casa, de maneira que será mais gloriosa do que a primeira. » (Cap. II, 8-10.)

Zacharias, no mesmo tempo, amparava a coragem do povo de Israel. Elle descreve, por suas visões propheticas o destino dos Judeus, de volta na sua patria. Mas a ideia messianica impera em toda a prophecia : « Voltarei em Sião, diz o Senhor, e habitarei no meio de Jerusalem. As nações hão de vir, e eu serei seu Deus na verdade e na justiça... Filha de Sião, esteja

na alegria; estremeça de jubilo, filha de Jerusalem. Eis que o teu rei vem ter comtigo, pobre e cheio de doçura, montado na jumenta e no seu jumentinho. Seu poder estender-se-á de um mar até o outro, e desde o rio até as extremidades do mundo. Seu grande beneficio, sua beleza, não é o pão dos eleitos, o vinho de que nascem as virgens? » (Cap. VIII-IX.) Mas o propheta tambem descobriu as circumstancias da sua paixão e dos seus soffrimentos. « Venderam-me por trinta moedas de prata, que jogaram na casa de Deus para depois comprarem o campo de um oleiro. » (XI, 10.) « Hão de volver os olhares para mim depois de me terem crucificado, e chorarão como se chora pela morte de um filho unico. Ferirei o pastor e as ovelhas dispersar-se-ão. Naquelle tempo haverá para os habitantes de Jerusalem um manancial aberto para a remissão dos peccados... » (Cap. XII e XIII.)

Nestas palavras propheticas descobrimos sem custo a traição de Judas, o suplicio do Calvario, a dispersão dos apostolos e até o prenuncio mysterioso da Eucharistia e do sacramento de penitencia.

Malachias foi o ultimo dos prophetas no tempo de Nehemias. Como todos seus antecessores, lembrava ao povo de Israel os seus deveres; mostrava-lhe em Deus um pae, mas tambem um juiz; e admoestava com firmeza os culpados. Porém, a favor dos justos, prometia a salvação que vinha proxima; João Baptista seria o precursor: « Eis que envio meu anjo para aparelhar as veredas diante de minha face; e logo, ha de vir no seu templo o Dominador que procurais, o anjo da aliança que desejais. Eis que elle vem vindo, diz o Senhor Deus dos exercitos; e quem poderá resistir na presença delle?... Purificará os filhos de Levi, e como outrora, o Senhor aceitará favoravelmente o sacrificio de Judá e de Jerusalem. » (Cap. III, 1-4.) Tal sacrificio, todavia, não será mais aquelle das victimas antigas pois o propheta previu a

ruina deste sacrificio ; mas será substituido por um sacrificio novo : « Do oriente ao occidente, fala o Senhor, meu nome é grande entre as nações e em toda a parte apresentam-me uma oblação pura. » (Cap. I, 11.) Malachias põe o fecho á serie dos prophetas dizendo do Salvador esperado : « Eis que vem elle ! » Ora, quando escrevia, » restavam por correr cerca de quinhentos annos, diz Bossuet, até os dias do Messias. Deus achou conveniente, digno, para a majestade do seu filho fazer emmudecer toda e qualquer prophecia neste lapso de tempo, para seu povo ficar ancioso com a expectativa d'Aquelle que havia de ser a realisação de todos os oraculos. »

IV. *A religião judaica depois do cativeiro.* — Aos nomes de Esdras e de Nehemias, prende-se a recordação do restabelecimento da religião mosaica e do culto divino no paiz da Judéa, de volta do cativeiro de Babylonia. Logo ao deixar a terra do exilio, Zorobabel trouxe comsigo uma colonia de levitas e sacerdotes com o sumo sacerdote *Josué* ou *Jesu*, filho de Josedech, e depois de ter elle levantado o altar dos holocaustos, recomeçou, como dantes, o ministerio sacerdotal e a oferta dos sacrificios no templo. Para o novo edificio, houve, como para o antigo uma dedicação solene. Israel teve outra vez as suas festas religiosas : a Paschoa com a imolação das victimas, o banquete do Cordeiro pascal e a ceremonia dos pães azymos.

Esdras, doutor e pontifice, recebeu de Deus a missão de restabelecer na integra a lei de Moysés. Elle arrolou os escritos do grande legislador e conferiu os textos autenticos. Consoante as ordens de Artaxerxes, fez vigorar outra vez todas as prescripções da lei. Um abuso grave lavrava desde o cativeiro e particularmente desde a morte de Zorobabel. Em oposição com a lei de Moysés, avultado numero de Israelitas tinham

desposado mulheres estrangeiras e idolatras ; levitas e mesmo sacerdotes tinham incorrido nesta falta. A chamado de Esdras, todos deram a promessa, com juramento, de pôr termo ao escandalo e de quebrar taes alianças estrangeiras. Mal tinham passado tres mezes, já estava executado por completo este compromisso solene.

A chegada de Nehemias foi mais um incentivo para disposições tão felizes. Por ocasião da dedicação das muralhas reconstruidas de Jerusalem, deram-se esplendidas festas religiosas e nacionaes. No dia da festa dos Tabernaculos, Esdras fez perante o povo atento, a leitura publica da lei. Encerrou-se a ceremonia pela renovação da aliança de Israel com seu Deus. Nehemias primeiro, seguido por todos os chefes das familias sacerdotaes e leviticas, os principes de Israel, os sacerdotes, os levitas, depois o povo, homens, mulheres e crianças, assignaram este tratado de aliança que rezava : « Não mais concederemos a estrangeiros a mão das nossas filhas, nem lhes pediremos esposas para os nossos filhos. Guardaremos o Sabbado e as festas do Senhor ; cuidaremos do sustento e abastecimento do templo, dos sacerdotes e dos sacrificios. Ofereceremos ao Senhor os primogenitos das nossas familias e dos nossos rebanhos, com as primicias das cearas e dos frutos da terra. O dizimo entregar-se-á aos levitas, e a decima parte deste será empregada para constituir o tesóuro do templo. Nunca abandonaremos o templo de Jeovah, o nosso Deus. » (II *Esdras*, x.)

Este compromisso renovava todas as tradições anteriores e Israel viveu, dora em diante, sob a egide desta aliança, esperando o seu novo Legislador.

V. *Episodio de Esther.* — Debaixo de um dos successores de Cyro, que a Escriptura chama *Assuero*, rei de Persia, — pode ser Dario I^{o} ou Artaxerxes, —

os Judeus estabelecidos no Oriente estiveram em perigo iminente. Um delles, por nome Mardocheu, morava na cidade real de Suza, com uma sobrinha de muita beleza, Esther ; ella ficára orphã, e fôra educada por seu tio com todo o esmero. Assuero que despedíra sua esposa, a orgulhosa Vasthi, mandou que lhe procurassem no seu reino uma moça digna de ser rainha. Deus permitiu que Esther, de cuja nacionalidade, o rei nada sabia, fosse a pessôa escolhida.

O principe tinha como primeiro ministro um Amalecita chamado Aman. Este soberbo potentado exigia que todos lhe dobrassem o joelho. Mardocheu negava uma homenagem que considerava ser um acto idolatra. Aman assentou que havia de morrer, e com elle, todos os Judeus.

Inventou contra elles a acusação de conspirarem para a perda do imperio e alcançou de Assuero um edito secreto que ordenava a matança de toda a nação judaica, em dia determinado por sorte.

Ao saber de tal noticia, Mardocheu tomou um cilicio ; depois veiu dar parte a Esther do edito real, rogando-a que intercedesse junto do monarcha a favor de seus irmãos. Durante tres dias, Esther jejuou e orou ao Senhor, e, desprezando uma lei que prohibia, sob pena de morte, de comparecer perante o soberano sem ser chamado, ella se apresentou diante de Assuero ; tremula, ella caíu desfalecida. O rei commovido procura socegal-a e promete-lhe tudo quanto ella pedir ainda que fosse a metade do seu reino. O unico favor que solicita, é que o rei se digne de vir, em companhia de Aman, jantar em casa della no dia seguinte.

Naquella noite, Assuero não podia conciliar o somno ; mandou que lhe lessem os annaes do seu reino. Soube assim que, um dia, Mardocheu descobrira uma conspiração urdida por dois eunuchos e salvára-lhe a vida sem receber por isso recompensa

alguma. De madrugada, Assuero interrogou Aman : « Que se deve fazer a um homem que o rei quer cumular de honras? » Julgando que esta pergunta só podia dizer respeito á sua propria pessôa, o ministro retorquiu : « E' preciso que tal homem, trajando vestes reaes e com o diadema na fronte, monte um dos cavalos do rei, e que o primeiro dos nobres da côrte, segurando as redeas do cavalo, ande na frente delle clamando : « Assim é que o rei honra aquelle que lhe apraz glorificar. — Pois vae, continuou o monarcha, e faze para Mardocheu tudo o que acabas de dizer. » Aman teve que conformar-se e obedecer.

Ao cair da tarde, porém, foi em companhia do rei assistir ao festim preparado por Esther. Animada por Assuero, Esther disse : « O' rei, si encontrei compaixão e piedade junto de vós, eu vos supplico que vos digneis de me conceder a vida e a do meu povo ; pois fomos entregues para sermos pisados aos pés, estrangulados e exterminados. — Qual é então o vosso inimigo? » indagou o rei. Esther respondeu : « Nosso adversario e mortal inimigo, é Aman. » Ao ouvir estas palavras, o ministro teve calafrios de susto. Arrojou-se aos pés da rainha implorando sua clemencia. Mas o rei indignado ordenou de enforcar o culpado na mesma forca que mandára aparelhar para Mardocheu ; nesta hora cumpriu-se a sentença.

A nação judaica foi salva ; Mardocheu tomou o lugar de Aman na confiança do rei. O aniversario deste faustoso acontecimento foi celebrado desde então por uma festa solene, chamada a *festa das Sortes.*

A virtuosa Esther, unica preservada da pena de morte promulgada por uma lei rigorosa dos Persas, vindo a ser depois a libertadora do seu povo, symbolisava a Virgem Maria, unica preservada da lei do peccado original e que por uma oração suave e poderosa, alcançou a graça de todos os homens peccadores.

ARTIGO III

A dominação estrangeira e os Machabeus.

454-141 antes de J. C.

I. Estado da nação judaica sob o dominio estrangeiro : 1º sob os Persas ; 2º sob os Gregos ; 3º sob os reis do Egypto ; 4º sob os Seleucidas. — II. Os martyres da lei judaica. — III. Os Machabeus : Mathathias, Judas e seus irmãos.

I. *Estado da nação judaica sob o dominio estrangeiro.* — Depois do cativeiro, a nação judaica formou um Estado democratico no qual o sumo sacerdote tinha a autoridade suprema. Magistrados eleitos pelo povo administravam, sob a regencia delle, os negocios publicos e formavam o conselho dos setenta e um anciãos. Por muito tempo, a Judéa desfrutou esta paz profunda anunciada pelos prophetas. « São concertadas todas as ruinas, escreve Bossuet, as cidades e as aldeias são magnificamente reconstruidas ; o povo é numeroso, os inimigos são derrubados; nas cidades e no campo, reina o bem estar ; vê-se a alegria, o descanso, todos os frutos de uma paz duradoura. »

No entanto, a Providencia vae proseguindo na sua obra. Como o afirma o mesmo Bossuet, os imperios têm na maior parte, uma relação necessaria com a historia do povo judaico. Os Assyrios e os Babylonios foram o instrumento de que Deus lançou mão para castigal-o. Agora, valer-se-á dos Persas para restabelecel-o, de Alexandre e dos seus primeiros successores para protegel-o, de Antiochio o Ilustre e dos seus successores para amestral-o, dos Romanos para defender a sua liberdade contra os reis da Syria, que só cogitavam em aniquilal-o. »

Examinemos rapidamente as diversas situações do povo de Deus debaixo destes dominios estrangeiros.

1º *Debaixo dos Persas.* — A Judéa viveu dias tranquilos, mercê dos decretos favoraveis de Cyro, que lhe garantiam o descanso. Doceis ás instrucções dos prophetas, recomendando-lhes que obedecessem aos reis a quem Deus os submetera, os Judeus ficavam fieis e dedicados subditos, e recebiam um tratamento delicado. Mediante um imposto pouco pesado pago aos soberanos que eram antes seus protectores do que seus mestres, viviam segundo as suas proprias leis; conservou-se na integra o poder sacerdotal; os pontifices dirigiam o povo e não se viu mais a idolatria na Judéa.

2º *Sob os Gregos.* — Alexandre Magno, rei de Macedonia, e já senhor da Grecia, organisou contra a monarchia dos Persas e o rei Dario, a gloriosa expedição que havia de acabar com este vastissimo imperio. Os Judeus tinham permanecido fieis a Dario; Alexandre se apoderou de Tyro e veiu sitiar Jerusalem. O sumo sacerdote Jaddo saíu ao encontro delle com os sacerdotes e levitas paramentados. Ao deparar com o grande sacerdote, trazendo o nome de Jeovah gravado na tiara com letras de ouro, o conquistador parou, preso por um religioso temor. O Deus dos Judeus, dizia elle, tinha lhe apparecido na Macedonia, trajando este mesmo habito do sumo sacerdote, e anunciára-lhe sua victoria sobre os Persas. Jaddo apresentou o livro de Daniel em que vinham exaradas, de antemão, as glorias do conquistador. Alexandre subiu para o templo afim de oferecer sacrificios ao Deus verdadeiro, e querendo manifestar aos Judeus a sua sympathia, a todos isentou do imposto para o anno sabbatico e lhes deu licença de viverem de accordo com as suas leis.

Pouco tempo reinou Alexandre. Aos trinta e tres annos, morria, deixando que seus generaes partilhassem o maior imperio que houve jamais no mundo. A *Ptolomeu Soter* coube o Egypto; a *Seleuco Nica-*

nor, a Syria e a Asia maior; a *Lysimaco*, a Thracia e a Bithynia; a *Cassandro*, a Macedonia e a Grecia. Nesta divisão, a Judéa ficava sob o governo dos reis da Syria; mas breve rebentou a guerra entre os reis da Syria e do Egypto; o povo de Israel, depois de ter visto a cidade santa tomada, assolada, e cem mil dos seus habitantes levados cativos para o Egypto, passou sob a dominação de Ptolomeu Soter, fundador da dynastia dos Lagidas.

3º *Sob os reis do Egypto.* — A fidelidade dos Judeus aos seus antigos senhores levou Ptolomeu a tratal-os com mansidão. Uma poderosa colonia veiu colocar seus arraiaes em Alexandria e estendeu-se na Africa. Emquanto esta dispersão espalhava ao longe, por este lado, o conhecimento da lei judaica e das suas prophecias, Deus permitiu que outro incidente viesse pôr numa luz maior os Livros sacros dos Hebreus.

Ptolomeu Philadelpho, filho e successor de Soter, creou na cidade de Alexandria uma riquissima biblioteca, na qual ajuntou os livros mais curiosos e mais raros de todos os paizes do mundo. Logo que ouviu falar nos Livros santos da nação judaica, escreveu ao sumo sacerdote, Eleazar, pedindo-lhe um exemplar autentico da lei e doutores judeus aptos para verter em grego o texto de Moysés. O sumo sacerdote enviou-lhe imediatamente seis anciãos de cada uma das doze tribus, levando uma copia exacta, lavrada em caracteres de ouro. Reuniram-se na ilha de Pharos, e ao cabo de setenta e dois dias tinham terminado a sua tarefa. A tradução grega do Pentateuco foi feita entre 284 e 245 antes de Jesus-Christo; é conhecida pelo nome de *versão dos Setenta* e constitue a prova mais autentica da antiguidade dos Livros santos. Por outra parte, esta tradução franqueia a povos innumeros a comprehensão das Escripturas: foi este o maior resultado da dominação grega.

4º *Sob os principes Seleucidas.* — Depois de um seculo, por occasião da morte de Ptolomeu Philopator, a Judéa libertou-se do jugo do Egypto e ficou sob a dominação dos reis de Syria, descendentes de Seleuco. Antiochio III, cognominado o Grande, reinava então naquella provincia. Teve muita consideração para com seus novos subditos; ordenou que lhes fosse fornecido tudo o que precisavam para os sacrificios e concertos do templo; concedeu-lhes plena liberdade de viverem segundo as suas leis e povôou de novo a cidade de Jerusalem. Seu filho Seleuco IV, a principio, seguia este exemplo; mas a perfidia de um Judeu, chamado Simão, causou em Jerusalem as mais vivas angustias. O traidor revelou a Seleuco que o templo encerrava riquezas immensas. O monarca mandou em Jerusalem o seu primeiro ministro Heliodoro com ordens para apoderar-se destas riquezas e transportal-as na Syria. Mal Heliodoro tinha entrado no templo para cumprir a sua missão, quando foi derrubado com os seus satelites por um poder invisivel, emquanto um cavaleiro com armadura de ouro o pisava com os pés do seu cavalo, e dois moços, de vara em punho, davam nelle a valer. Carregaram Heliodoro desmaiado para fóra do templo, e só devido á prece do sumo sacerdote Onias, pôde recuperar os sentidos. Seleuco, atemorisado, tornou-se mais clemente.

Antiochio Epiphanio, successor delle (175 antes J. C.), intrometeu-se nos negocios da Judéa, e dirigiu contra a Religião ataques crueis. Aproveitando divergencias lastimaveis ocorridas a respeito do sumo pontificado, os costumes dos Gregos iam invadindo o povo Judeu, e viram-se os proprios sacerdotes descuidando o serviço de Deus para se entregarem a exercicios e espectatulos profanos. Tamanhas desordens requeriam um castigo.

Antiochio penetrou na Judéa á frente de numerosissimo exercito; entrou na cidade santa, e por tres

dias, elle a entregou aos desordeiros. Quarenta mil habitantes pereceram na matança e igual numero de Judeus foram levados na escravidão. O principe tirou do templo o altar dos perfumes, a mesa dos pães de proposição, o candelabro de sete ramos, e uma quantidade de vasos sagrados, com mil e oitocentos talentos que encontrou no tesouro. Resolveu depois aniquilar a religião judaica; mandou erigir no templo uma estatua de Jupiter Olympico; ergueu altares e estatuas semelhantes em todas as cidades da Judéa, e sentenciou a pena de morte contra quem recusasse de adorar os idolos, teimasse em celebrar o Sabbado e observar as mais prescripções do rito judaico. Foi o signal de uma perseguição tremenda.

II. *Os martyres da lei judaica.* — A maior parte dos habitantes de Jerusalem fugiram. A cidade santa, abandonada por seus proprios moradores, tornou-se a morada dos estrangeiros; o templo ficou desolado e deserto e as festas judaicas foram substituidas por sacrificios profanos. Apezar das ameaças e dos supplicios, Israelitas corajosos fizeram o proposito de nada praticar contra a lei de Deus e de perder a vida antes de menosprezar esta lei. Duas mães que tinham tido a coragem de circumcidar seus filhos, foram, com elles, precipitadas vivas do alto das muralhas. Judeus fieis reuniram-se para celebrar o Sabbado numas cavernas. O governador os mandou queimar todos.

Uma das mais ilustres victimas da perseguição foi *Eleazar*, venerando ancião e doutor da lei. Instavam para elle comer carne de porco, prohibida pela religião de Moysés. Afim de salval-o, parentes e amigos tencionavam substituir, ás escondidas, a carne impura por outra permitida. « Oxalá, respondeu Eleazar, eu não deshonre as minhas cans, e chegado ao termo da minha vida, não deixe aos moços exemplo

tão funesto. » E morreu, legando á mocidade e a toda a nação, pela lembrança da sua morte, um grande exemplo de virtude e de firmeza.

Uma familia inteira, composta de sete filhos, os *sete irmãos Machabeus*, e da sua admiravel mãe, deu ao povo judaico um exemplo não menos tocante de resignação e fidelidade. Morreram em suplicios horrorosos. Antiochio queria abalar a fé do mais moço dos meninos. Mas a mãe dizia-lhe : « Mostra-te digno dos teus irmãos e recebe a morte com animo, para eu tornar a ver-te com elles na gloria que esperamos. » O rei infligiu-lhe tormentos maiores que aos outros e a piedosa mãe foi imolada por sua vez. Assim é que os Judeus fieis preludiavam aos martyres da Religião christã. O efeito da perseguição foi excitar uma revolta geral entre todos os Judeus que preferiam a fidelidade á apostasia.

III. *Os Machabeus : Mathathias, Judas e seus irmãos* (167 -141 a. C.) —Naquelle tempo, um sacerdote chamado Mathathias, bisneto de Asmoneo que tinha dado o nome aos seus descendentes, os *Asmoneenses*, saiu de Jerusalem para não presenciar a desgraça do seu povo, e acolheu-se na montanha de Modim, a sua patria, com seus cinco filhos, *João*, *Simão*, *Judas*, *Eleazar e Jonathas*. « Quem ama a lei e quer ficar fiel á aliança do Senhor, venha commigo! » exclama o nobre ancião. Um exercito numeroso respondeu ao chamado ; mas provocados em dia de Sabbado, deixaram-se matar antes de se defenderem. Mathathias pediu aos sacerdotes e aos doutores um edito que autorisasse a defeza aos guerreiros si fossem atacados naquelle dia. Os valentes de Israel se agruparam em redor de Mathathias e dos seus filhos e a pequena tropa investiu de todos os lados para castigar os profanadores e derrubar os idolos.

O ancião tinha organisado a resistencia. Antes de

morrer, elle animou seus filhos para que permanecessem fieis ; ordenou-lhes de tomar a Simão, seu irmão, por conselheiro, e de pôr Judas na frente dos exercitos ; depois, deu-lhes a bençam e adormeceu na paz do Senhor.

Judas Machabeu (166-161) tinha escrito nos seus estandartes as lettras iniciaes MACH, de quatro palavras hebraicas que significam : *Exterminação dos inimigos de Deus*. Puzeram-lhe por este motivo o cognome de *machabeu*, que seus irmãos conservaram como uma recordação gloriosa. Não acompanharemos Judas Machabeu em todas as suas inauditas façanhas. Confiando mais no poder de Deus do que no numero dos seus soldados, com alguns milhares de homens, elle desbarata successivamente os generaes de Antiochio : Ptolomeu, Gorgias, Nicanor, Lysias com seus quarenta e sete mil homens.

Depois desta ultima victoria, Judas e seus irmãos disseram aos seus soldados : « Vamos agora purificar os lugares santos, e fazer delles outra dedicação. » Acharam Jerusalem arruinada, as muralhas destruidas, o templo deserto, o altar profanado, o adro invadido pelo matto, os aposentos dos sacerdotes violados. Os Machabeus, cheios de uma tristeza santa, purificaram o templo e derrubaram os idolos. Levantaram o altar dos perfumes, fizeram novos vasos sagrados, um novo candelabro de ouro, uma nova meza dos pães de proposição. O véu foi restabelecido diante do Santo dos santos, e fizeram com solenidade uma terceira dedicação do templo. Reunido com seus irmãos e a assembléa do povo, Judas Machabeu determinou que o anniversario desta nova dedicação celebrar-se-ia dora em diante com pompa ; assim se praticou até ao tempo de Jesus Christo.

As nações vizinhas ao verem o culto divino restabelecido no templo, e as muralhas da cidade reconstruidas pelo zelo dos Machabeus, ficaram melindra-

das e de toda a parte atacaram o povo judaico. Mas Deus protegia as armas de Israel sempre victoriosas. Um dia porém, o combate foi renhido, e certo numero de Judeus foram mortos. Encontraram-se nas suas vestes, varios objectos que tinham sido consagrados aos idolos e que elles tinham conservado apezar da prohibição do Senhor. Não querendo desesperar da salvação dos culpados, Judas Machabeu mandou para Jerusalem duas mil drachmas de prata para oferecerem sacrificios por aquelles que tinham falecido no combate. « Era, diz o historiador sacro, um pensamento bom e religioso e um acto de fé na resurreição, pois si não tivesse tido a esperança da resurreição dos cadaveres, o chefe teria considerado a oração pelos mortos como uma cousa vã e inutil. E' pois um pensamento santo e saudavel, orar pelos defuntos, para que seus pecados lhes sejam perdoados. » (II *Machab.* XII, 46.) Assim o acreditavam os Judeus ; assim o ensina a Igreja catholica.

O impio Antiochio morreu ferido por mão divina com chagas vergonhosas que muito tarde lhe desvendaram os olhos levando-o a implorar misericordia de Deus. Seus successores, Antiochio Eupator e Demetrio, continuaram a luta e sofreram tremendas derrotas ; mas um dia, morreu o heroe da Judéa numa acção em que estavam empenhadas forças desiguaes. Ao saberem deste cruel desastre, todas as cidades se commoveram ; rios de lagrimas derramaram os habitantes, e só se ouvia este grito de dôr : « Como morreu este homem que salvava o povo de Israel? » Fizeram-lhe exequias esplendidas.

Jonathas, seu irmão, teve de tomar a successão espinhosa do corajoso defensor de Israel. Com os Judeus fieis, por tres vezes venceu Bacchides e as tropas syrias, e concluiu com elle um tratado que deixava Jonathas governar a Judéa como o tinham feito os antigos juizes de Israel (158 a. C.). O ilustre chefe

morreu com seus filhos, cobardemente atraiçoado por Tryphão, um dos oficiaes do rei da Syria, que usurpára a sua corôa.

Dos cinco filhos de Mathathias, só restava *Simão* que o povo elegeu em lugar de Jonathas. O valente Machabeu livrou a sua patria do jugo estrangeiro. Demetrio Nicanor, rei da Syria, desobrigou os Judeus de qualquer tributo. Os Espartanos e os Romanos renovaram com Simão a aliança que tinham formado com os seus irmãos. Os Judeus, gozando de uma paz profunda, tinham-se reunido em Jerusalem, e deram a Simão e á sua posteridade o poder real unido com a dignidade de sumo pontifice.Assim foi estabelecida a dynastia dos *Asmoneus*.

O povo de Israel poz um limite a esta autoridade. O acto solene pelo qual passa a Simão o poder real traz esta clausula notavel, « elle a exercerá, elle e a sua posteridade, até aparecer um fiel e verdadeiro propheta. » (II *Mach.* XIV, 41.)

ARTIGO IV

A realeza asmoneense e o reinado de Herodes.

(141 antes de J. C. — Anno primeiro da era christã.)

I. Os reis asmoneenses. — II. Advento e reino de Herodes o Magno. — III. Estado da religião judaica no tempo de Herodes e no advento do Messias promettido. — IV. Seitas judaicas.

I. *Os reis asmoneenses.* (141-40 antes de J. C.) — Simão não gozou muito tempo das prerogativas que os seus concidadãos lhe tinham outorgado. Depois de dez annos de paz, morreu numa cilada que lhe tinha armado o genro Ptolemeu. Seus filhos foram trucidados com elle (135 a. J. C.) ; um só escapou e soube defender com denodo a herança dos seus paes :

foi *João Hyrcano*, principe guerreiro e pontifice no mesmo tempo, que conquistou a Iduméa, o paiz dos Philisteus e dos Ammonitas, submeteu a Samaria, deitou fogo no templo de Garizim, e incorporou estas nações ao judaismo, impondo-lhes a lei de Moysés. Nunca, desde os reinados de David e Salomão, o reino de Judá tivera tanta extensão e tamanho poder.

Aristobulo I°, seu filho mais velho, lhe succedeu (107-106 a. J. C.) Quando julgou a sua autoridade solidamente assente, cingiu o diadema e tomou o titulo de rei, que nenhum chefe do povo de Israel ousára levar desde o cativeiro de Babylonia. Os reinados de *Alexandre Janneu*, segundo filho de João Hyrcano, e de *Alexandra*, sua viuva (106-70 a. J. C.) correram, o primeiro, em meio de lutas belicosas com os inimigos do exterior, ou contra subditos irritados do máu procedimento e das crueldades do rei, o segundo em rivalidades invejosas entre os Phariseus e Saduceus, cada um por sua vez preponderante. Depois, os dois filhos de Alexandra, *Hyrcano II* e *Aristobulo II* disputaram-se o trôno (70-60 a. J. C.). Pompeu acabava de conquistar a Asia e estava no apice da gloria. Os dois irmãos queriam tel-o como aliado, um contra o outro. Pompeu deu a preferencia a Hyrcano e marchou contra Aristobulo, que exercia o sumo pontificado, apoderou-se de Jerusalem e degladiou mais de doze mil Judeus sem poupar os sacerdotes. Entrou no templo e penetrou, sacrilego, no Santo dos santos ; não tocou porém no tesouro nem nos vasos sagrados. Deixou a Hyrcano a soberania, e levou para Roma Aristobulo e seus filhos para servirem a seu triumpho ; como preço da sua proteção, elle tornou a Judéa tributaria dos Romanos.

O imperio vaticinado por Daniel começava a deitar a mão no reino cambaleante e decrepito de Judá. Agora os acontecimentos se desenrolam rapidos : Crasso trata a Judéa como um paiz conquistado, assola

o santuario e rouba os tesouros do templo. Cesar, vencedor de Pompeu em Pharsalia, mostra-se grato pelo auxilio que lhe ministrou Antipater, governador romano da Iduméa e ministro predilecto de Hyrcano ; elle sentenceia que o sumo pontificado será conservado a Hyrcano e á sua posteridade, que a nação judaica poderá reedificar as muralhas de Jerusalem, e que os Judeus gozarão de liberdade completa para o exercicio do seu culto e da sua religião.

Antigone, porém, filho de Aristobulo II, tratou de rehaver o trôno da Judéa. Mas Herodes, filho de Antipater, foi em Roma, alcançou os favores de Antonio e Octavio, que o proclamaram rei dos Judeus depois de terem destituido Antigone, ultimo dos reis asmoneenses. Consoante a prophecia de Jacob, o sceptro saia de Judá e passava ás mãos de uma dominação estrangeira.

II. *Advento e reinado de Herodes*. (40 a. J. C. — 4 da era christã.) — Herodes, de raça estrangeira, não podia, segundo a lei mosaica, ser rei dos Judeus. Porquanto esbarrou numa oposição seria, mormente por parte dos Phariseus, aferrados aos usos antigos, e quiz abafal-a. Fez morrer quasi todos os membros do Sanhedrim, tirou a Hyrcano o seu titulo de pontifice e transformou este cargo numa dignidade venal, fruto da ambição. Exterminou todos os seus rivaes da familia dos Asmoneenses, e no mesmo tempo, para que os seus subditos lhe relevassem a sua usurpação sanguinaria, casou com a princeza Mariana, neta de Aristobulo II.

Entretanto, Octavio, vencedor de Antonio em Accio, ficava unico senhor do imperio. Herodes deu-se pressa em lhe oferecer a homenagem da sua corôa, e assim alcançou novos favores. Para lisongear a um tempo Judeus e Romanos, mandou construir em honra de Augusto as cidades de Sebaste, sobre as ruinas de

Samaria e de Cesaréa, nas bordas do mar; elle aformoseou a Judéa com theatros e jogos publicos, e si bem que adorador das divindades pagãs, quiz restaurar magnificamente o templo de Jerusalem. Limitaram-se em augmentar o edificio conservando as partes construidas na volta do cativeiro. Levaram nove annos e meio para completar o templo e o santuario que ostentaram uma riqueza immensa. Herodes mandou celebrar a dedicação e desdobrou naquella solenidade inaudita magnificencia.

De par com este zelo aparente, Herodes mostrava uma crueldade desalmada para com os membros da propria familia. Mariana e tres filhos seus foram victimas da sua ambição. Era este o rei que desde trinta annos governava a Judéa quando o imperador Augusto ordenou o recenseamento geral de todos os povos que constituiam seus vastos dominios. Então é que nasceu em Belem o *Messias* prometido aos patriarcas e esperado pelo mundo desde quatro mil annos. Herodes ainda viveu quatro annos depois do nascimento de Jesus o Salvador; sobrou-lhe tempo para afogar a sua ira no sangue dos santos Innocentes, e pouco depois, faleceu, visivelmente castigado pela divina Providencia.

No decorrer da historia de Nosso Senhor Jesus Christo, havemos de deparar com os nomes dos successores de Herodes o Magno : *Archelau*, seu filho; *Herodes Antipas*, assassino de João Baptista, juiz do Salvador na sua paixão; depois , *Herodes Agrippa I*, perseguidor dos Apostolos, e *Herodes Agrippa II* sob cujo governo foi ultimada a ruina da nacionalidade judaica.

III. *Estado da religião judaica no tempo de Herodes e no advento do Messias promettido.* — Antes de saudarmos o Salvador tão anciosamente esperado, antes de recolhermos dos seus labios e da sua mão esta reli-

gião perfeita cujo nome será Religião christã, de Christo, convem lançarmos um derradeiro olhar para o estado religioso do povo judaico naquella época da sua historia.

A organisação *exterior* da religião judaica pouco se tinha modificado desde o regresso do cativeiro. No entanto, debaixo dos *Asmoneenses*, ao lado do Sanhedrim maior, composto de setenta e um membros que julgavam em ultimo apelo os negocios importantes civis ou religiosos, houve outro conselho, chamado *Sanhedrim menor* que só constava de vinte e tres membros e tratava, nas provincias, de causas secundarias. Os Romanos, depois de terem restabelecido o fraco Hyrcano II no soberano pontificado, substituiram estes tribunaes por cinco côrtes independentes, com sede em Jerusalem, Jérichó, Gadara, Amathas e Sepphoris.

O templo de Jerusalem ficava sendo o unico lugar do sacrificio, e emquanto se reedificava, Herodes zelára para não se interromperem as ceremonias religiosas. As cidades porém, e as aldeias possuiam uma ou mais synagogas. Cada synagoga estava administrada por um conselho com um presidente chamado *chefe da synagoga* que preenchia os misteres de governar e ensinar. Elle mantinha a disciplina das assembleias pela censura, a excommunhão, as multas e a flagelação, e elle cuidava das esmolas. O ensino consistia na leitura e na explicação da lei ; pregavam nos dias de Sabbado e de festas. Tres vezes ao dia, os Judeus fieis reuniam-se na synagoga, de manhã, ao meio-dia e de noite, para a prece, a leitura da lei e o canto de canticos. Duas festas novas tinham sido ajuntadas ás antigas : a das *Sortes*, em memoria da salvação dos Judeus por intervenção de Esther, e a da *Dedicação*, em lembrança da purificação do templo pelos Machabeus.

Na sua natureza *essencial*, a religião judaica tinha

permanecido o culto do Deus creador, invisivel e unico. Em meio da idolatria universal, a Judéa somente, entendia que dividir a religião entre este Deus e outras divindades, era o mesmo que destruil-a. Todavia, no fim, entraram os Judeus, não a desconhecer o Deus de seus maiores, sinão a intrometer na sua religião cousas indignas delle. Os prophetas tinham anunciado que a decadencia começaria com as divisões que haviam de separar o povo. Ora, sob o reinado dos Asmoneenses, e já no tempo de Jonathas, as lutas que se deram para a posse do soberano sacerdocio, indicavam desavenças politicas e religiosas.

IV. *Seitas judaicas.* — Varias seitas manifestavam então a sua influencia. Muitas vezes daremos com ellas no Evangelho ; por isso, importa conhecel-as.

1º A seita dos *Phariseus* — Tiravam o nome da palavra hebraica *perouschim*, que significa *separados*, pois elles afectavam de andar separados do povo, fazendo alarde de uma santidade mais rigorosa. Ostentavam extrema rigidez nos principios, uma pontualidade meticulosa em pagar o dizimo, guardar o sabbado, o jejum, observar as ablućões, etc. Não só admitiam a lei de Moysés ; mas tinham ainda tradições verbaes, tomadas principalmente durante o cativeiro, das doutrinas de Zoroastre. A miudo desnaturavam a lei por commentarios fantasistas ou acrescentavam-lhe praticas vãs, supersticiosas ou inuteis. Tinham desfigurado o dogma da immortalidade da alma misturando-lhe idéas de Pythagoras sobre a metempsycose. Os Phariseus gozavam, junto do povo, de alta consideração ; os escribas ou doutores da lei saiam das suas fileiras ; elles usavam esta influencia com vistas politicas. Mas taes aparencias de virtude ocultavam uma corrupção profunda ; elles não passavam de hypocritas.

2º Os *Sadduceus* formavam outra seita que tivera

por chefe um philosopho de nome *Sadoc*. Eram rivaes e inimigos dos Phariseus. Admitiam o Pentateutco assim como os mais livros inspirados aceitos pelos Judeus ; mas menosprezavam as tradições, e tinham obliterado a pura noção da Providencia, ensinando que Deus não se importa com as cousas deste mundo e que o homem é a unica causa da propria felicidade ou dos proprios males. Elles não acreditavam na immortalidade da alma, na existencia dos anjos e dos demonios, na resurreição dos corpos. A sua doutrina materialista era muito parecida com a theoria de Epicuro cuja suprema ventura consistia no gozo dos bens deste mundo. Tambem eram poucos os seus adeptos, tal doutrina era porém um engodo para os ricos e poderosos, ficando assim mesmo muito reduzida a sua influencia.

3º A seita dos *Essenios*, mais importante por suas opiniões religiosas, remontava ao tempo dos Machabeus. Os Essenios se salientavam pela pratica real de todas as virtudes, pelo amor generoso, desinteressado a Deus e ao proximo. Levavam uma vida muito parecida com a dos religiosos : iguaes trajes, passadio igual na qualidade e mesmos exercicios de piedade. Os seus bens eram em commum, e muitos não casavam ; sua vida era bastante austera, e seus maiores estudos versavam sobre a moral. Tinham conservado em toda a sua pureza os dogmas mosaicos, mas professavam certa propensão a deixar o culto ceremonial. Não tomavam parte nos sacrificios nem appareciam no templo ; contentavam-se em mandar para Jerusalem as suas ofertas. A seita, pequenina, nenhuma influencia politica exercia ; mas a nação tinha os Essenios em grande estima e não raro confiavalhes a educação dos seus filhos.

4º Emfim, no tempo de Herodes, outra seita se formou ; chamaram-se seus membros *Herodianos*. Com este nome, designavam-se os Judeus que tinham muito

respeito ao rei Herodes e viviam segundo o exemplo delle. Mostrando exteriormente grande fidelidade ao judaismo, sabiam, como o seu monarca, amoldar-se ás superstições idolatras e aos usos de Roma. Os Herodianos formavam menos uma seita religiosa do que um partido politico antinacional, vendido ao poder estrangeiro, e que, acima de tudo, receava que se realizasse a crença popular do restabelecimento do reino temporal de David pelo Messias.

Todas estas seitas contribuiam em scindir profundamente os Judeus e dest'arte, eram signal da decadencia da religião mosaica. Comtudo, todos os filhos de Israel permaneciam unidos num mesmo pensamento : a expectativa do Messias que havia de ser o seu libertador. Devido á dispersão dos Judeus e á difusão dos seus livros, é tambem esta a expectativa do mundo, no momento em que o imperador Augusto acaba de fechar o templo de Jano, momento em que a terra parece emmudecer numa prece mysteriosa.

III

A RELIGIÃO CHRISTÃ

OU LEI EVANGELICA

(Do anno 1 ao anno 33 da era christã.)

(SETIMA EPOCA)

NOÇÕES PRELIMINARES

Idéa geral. — Plano e divisão deste estudo. — Quadro historico e geographico.

Vingamos a encosta, e eis que temos alcançado as culminancias da historia da Religião, da historia da humanidade; estamos naquella hora tão anhelada da vinda do Messias, naquelle instante solene em que a verdade religiosa ha de desabrochar em toda a sua beleza. Ha pouco o averiguamos : tudo o que se deu no povo antigo se relacionava com Jesus Christo e o estabelecimento do seu reino ; os ensinos divinos todos vinham desbravar o caminho para a luz evangelica ; todos os acontecimentos que appareciam no mundo tinham como fim providencial preparar as veredas do Salvador esperado.

Veiu o Messias prometido. Colocado entre o povo judaico que o desejava com ancia e o povo christão que sauda nelle o seu chefe e libertador, Jesus Christo é o traço de união entre ambos; dado em cumprimento de uma promessa, ou dado como presente, em todos os tempos, elle foi a esperança e o

consolo dos filhos de Deus. A fé em Christo tem sido a religião de todos os seculos. Jesus Christo, antes como depois da sua vinda, tem sido, é, e sempre ha de ser, o centro da fé verdadeira assim como o unico manancial de verdadeira santidade. Logo, nunca houve nem haverá jamais salvação eterna sinão por Jesus Christo.

E' o Salvador prometido cuja historia, cujos ensinos cujas obras, ora passamos a estudar. Os Evangelhos serão o nosso norte ; com o auxilio dessas narrações, precioso legado dos apostolos e dos seus discipulos, contemplaremos na sua realidade empolgante, a obra maravilhosa realizada por Jesus Christo. Elle cumpre todas as promessas, figuras, prophecias ; revela ao mundo uma doutrina sublime, divina, pelos ensinos dogmaticos e moraes que encerra ; anda semeando a verdade, mas dá tambem o exemplo da santidade ; elle traz aos homens um auxilio novo para a pratica da virtude e a perfeição : o socorro da graça ; purifica o culto antigo e dá á terra um culto novo : a adoração em espirito e na verdade ; completa por sua morte a obra da nossa Redempção, e não sobe ao Céu sinão depois de ter instituido a Igreja. E' nossa então, a *Religião christã*, ou Lei evangelica, para todos os paizes, por todos os seculos.

Tal é o assombroso portento que temos de estudar. Fal-o-emos com ordem e methodo em quatro capitulos. O primeiro nos manifestará a *infancia* e *vida privada* do Salvador ; no segundo, havemos de considerar os factos magnos da sua *vida publica* ; no terceiro veremos o esboço rapido da *Lei evangelica* debaixo dos varios pontos de vista : dogma, moral, sacramentos e culto ; emfim o capitulo quarto resumirá os ultimos acontecimentos da vida mortal de Jesus Christo ; presenciaremos o nascimento da *Igreja* e um apendice succinto nos dirá o fim da nação de Israel de accordo com os oraculos dos seus prophetas.

Antes disso porém, vejamos, — como para a historia judaica, — o quadro *historico* e *geographico* em que se desenrolou a tragedia que vamos contemplar.

A vida mortal do Salvador, iniciada sob o reinado de Augusto, terminou-se debaixo daquelle de Tiberio : é a época gloriosa e pacifica da historia romana ; o universo está aos pés dos Cesares triumphantes. A não ser uma revolta nos exercitos do Norte, logo subjugada por Germanico, sobrinho de Tiberio, o mundo socegava na paz.

Herodes Magno reinava na Judéa quando nasceu Nosso Senhor. Seu reino abrangia então quatro regiões principaes: 1º a *Judéa*, desde a margem occidental do Jordão até o Mediterraneo, desde o Carmelo até a torrente do Egypto. Jerusalem era a capital ; ia ajuntar ás suas glorias passadas a de ver a miudo nos seus muros e no seu templo o Salvador esperado que findaria a sua missão em um dos seus montes, o *Calvario*.

2º A *Samaria*, ao norte da Judéa, com o Jordão a leste como balisa, e ao occidente, a Judéa ainda, que se estendia até ao Carmelo. Desde o regresso do captiveiro, habitava nesta provincia um mixto de Israelitas e colonos assyrios que á religião verdadeira aliavam superstições idolatras, tiradas do culto do bezerro de ouro de Baal e das divindades assyrias. Todavia um duplo vinculo ligava os Samaritanos á nação judaica : o livro da lei que elles conservavam no idioma nacional, e a fé no Messias promettido. Nosso Senhor varias vezes palmilhou o paiz de Samaria e achou ali discipulos fieis.

3º A *Galiléa*, limitada ao Sul pela Samaria, a leste pelo Jordão, ao norte pelo Antilibano e o territorio de Tyro, ao occidente pelo Carmelo e o paiz de Ptolemaida. E' nesta provincia de Galiléa que ficavam Nazareth, onde o Salvador passou a maior parte da sua vida ; Capharnaum, sua residencia ordinaria durante

os tres annos do seu ministerio publico; Bethsaida, Cana, Naim, tantos lugares celebres no Evangelho.

4º A *Peréa*; esta provincia abrangia todo o territorio ao oriente do Jordão. Jesus Christo veiu algumas vezes evangelisar esta região que santificára com seu jejum no deserto, e onde se acolheu no ultimo periodo da sua vida.

Depois da morte de Herodes Magno (4 dep. de J. C.) e da desgraça de Archelau, seu filho e successor, a Judéa, a Samaria e grande parte da Peréa foram reduzidas a provincia romana. O procurador ou proconsul que governava a Judéa em nome dos Romanos durante a vida publica do Salvador era Poncio Pilatos.

O resto da Palestina achava-se então repartido em quatro provincias ou *tetrarchias*, cujos chefes, dependentes dos Romanos, tinham o nome de *Tetrarchas*. No momento em que Nosso Senhor deu começo á pregação do Evangelho, tres destas tetrarchias estavam occupadas por filhos de Herodes: a de Galiléa fôra dada a Herodes Antipas, e as duas tetrarchias de Ituréa e Trachonita, no norte da Peréa, estavam reunidas nas mãos de Philippe seu irmão; emfim, a quarta tetrarchia, a de Abyleno, tinha sido concedida a um estrangeiro por nome Lysanias. Estas divisões territoriaes e politicas continuaram até depois da morte do Salvador. No anno 34, foi a Galiléa reduzida a provincia romana, e tres annos mais tarde, Herodes Agrippa 1º, neto de Herodes Magno por seu pae Aristobulo, obteve para si, do imperador Caligula, o restabelecimento do reino da Judéa que em breve retomou as antigas divisas do reino de Herodes.

CAPITULO I

Desde o nascimento de Jesus Christo até o seu ministerio publico.

(Desde o anno 1 até o anno 30 de J. C.)

Apanhado geral. — Divisão do capitulo.

Achava-se disposto tudo para a vinda do Messias e a realisação da sua obra. O quarto imperio sob o qual havia de nascer, o imperio romano, conquista após conquista, já tinha penetrado na Judéa; o sceptro saíra de Judá; as semanas anunciadas por Daniel estavam para acabar. No seio da nação judaica, a esperança no Messias prometido estava vivissima, e os historiadores o têm notado, por toda a parte a expectativa de um Redemptor tornára-se mais ardente, mais geral: dali esta opinião commum, referida, por Suetonio que homens oriundos da Judéa seriam os senhores do mundo.

A hora é da Providencia. Todavia, de encontro ás esperanças vulgarisadas entre os Judeus e os pagãos, o Salvador esperado vae fazer entrada neste mundo sem espalhafato, sem brilho, nem fausto algum. Exceptuando-se a atenção que seu berço despertou por um instante, durante trinta annos, é o olvido, é o silencio. Assim aprouve Áquelle que vinha a expiar a nossa soberba, as nossas revoltas iniciar na humildade e no trabalho a sua missão de Salvador. Antes de estudarmos a sua doutrina, cumpre conhecermos a sua vida. Com auxilio do Evangelho, examinemos estes pormenores instructivos e mysteriosos. Num primeiro artigo havemos de ver os factos que respeitam

o *nascimento* de Jesus Christo ; em outro, o que dizem os Evangelistas da *infancia* de Jesus Christo e da sua *vida occulta* em Nazareth.

ARTIGO I

O nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.

I. Geração eterna do Verbo. — II. Os preliminares da Incarnação: são João Baptista, a Anunciação. — II Nascimento do Salvador em Belém.

I. *Geração eterna do Verbo.* — Este Salvador que Deus apresenta ao mundo, quem é? O apostolo são João responde no começo do seu Evangelho : « Ao principio era o Verbo, e o Verbo era em Deus, e o Verbo era Deus. Por elle foram feitas todas as cousas, e nada do que se fez, foi feito sem elle. Nelle era a vida, e a vida era a luz dos homens ; a luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a entenderam. Houve um homem mandado por Deus, João chamado. Elle não era a luz, mas viera para dar testemunho Áquelle que era a luz. Este sim, era a luz verdadeira que ilumina todo o homem vindo neste mundo. Elle veiu no mundo, e o mundo que tinha sido feito por elle não o conheceu. Veiu na propria casa, e os seus não o acolheram. Mas a todos aquelles que o acolheram, que creem no seu nome, elle deu o poder de se tornarrem filhos de Deus.

« E o Verbo se fez homem e habitou entre nós ; e temos visto a sua gloria, a gloria do Filho unico do Pae, cheio de graças e de verdade. »

Logo é o Filho eterno de Deus, nascido antes de todos os tempos, que devia tomar a nossa natureza humana e remir-nos. Tivera os seus prophetas ; havia de ter igualmente o seu precursor.

II. *Os preliminares da Incarnação : são João Baptista, Anunciação.* — Debaixo do reinado de Herodes Magno, vivia em Hebron, na Judéa um homem justo, sacerdote da tribu de Levi e da descendencia de Aarão, chamado Zacharias. Sua mulher, descendente da mesma familia, chamava-se Isabel. Um dia, o anjo Gabriel appareceu a Zacharias, no templo, e anunciou-lhe o nascimento de um filho que seria chamado João. Zacharias atreveu-se a pedir algum signal que abonasse a verdade desta promessa : « Pois que não acreditaste na minha palavra, falou o anjo, tu has de ficar mudo, e só poderás falar quando ella se cumprir. »

Decorridos alguns mezes, Deus mandou este mesmo anjo Gabriel em Nazareth, na Galiléa, a uma virgem que tinha desposado um homem da estirpe de David, chamado José. O nome desta virgem era *Maria.* Filha de Anna e de Joachim, desde a mais tenra idade fôra levada ao templo ; ali, tinha-se consagrado ao Senhor. Contraido o matrimonio, ella habitava em Nazareth. E' aí que o anjo Gabriel se lhe mostrou dizendo : « Ave, Maria, cheia de graça ; o Senhor é comvosco, bemdita sois vós entre as mulheres. » Maria perturbou-se ao ouvir taes palavras, mas o anjo a socegou : « Não receieis, pois achastes graça perante o Senhor. Haveis de ser mãe de um filho a quem dareis o nome de Jesus. Elle será grande e chamado Filho do Altissimo. Deus dar-lhe-á o trôno de David, e elle ha de reinar eternamente. »

Maria estava atemorisada por ter de perder a sua virgindade. O anjo continuou : « O Espirito Santo baixará em vós, e a virtude do Altissimo cobrir-vos-á com sua sombra ; por isso o filho que nascer de vós será chamado Filho de Deus. » Tranquila agora, Maria disse ao anjo : « Eis aqui a serva do Senhor ; seja-me feito segundo a vossa palavra ! » Gabriel foi-se embora, e o Verbo de Deus tomou um corpo e uma

alma no seio da Virgem, sua mãe. E' o mysterio da *Incarnação.*

Algum tempo depois, saiu Maria com toda a pressa; foi pelas montanhas, até Hebron, a visitar sua prima Isabel, pois sabia pelo anjo que esta havia de dar á luz. Ao receber as felicitações de Isabel, a humilde Virgem respondeu com as palavrasdo Magnificat, prophecia sublime, grito de fé e de gratidão : « Minha alma glorifica o Senhor, e meu espirito estremeceu de jubilo em Deus, meu Salvador ; pois elle contemplou a humildade de sua serva, e dora em diante, todas as nações chamar-me-ão bemaventurada. O Todo Poderoso fez em mim grandes cousas e seu nome é santo... Aceitou a Israel o seu servo, conforme o tinha prometido a nossos paes, a Abrahão e a sua posteridade. »

Depois de uma estadia de tres mezes em Hebron, Maria voltou na sua casa de Nazareth. Quando o filho de Isabel veiu á luz, puzeram-lhe o nome de João ; e no dia em que foi circumcidado, a lingua de Zacharias, seu pae ficou solta, pronunciando as bellas palavras do *Benedictus :* « Bemdito seja o Deus dos nossos maiores que nos enviou um Salvador na casa de David, segundo as antigas promessas feitas pelos prophetas ! » João cresceu, e, ainda moço, recolheu-se ao deserto para se preparar no retiro e na penitencia, á missão de precursor.

III. *Nascimento do Salvador em Belém.* — Alguns mezes depois da aparição do anjo a Maria, promulgaram na Judéa um edito do imperador Augusto que ordenava a todos que fossem inscrever-se na cidade do seu nascimento ou da sua descendencia. Este recenseamento, na Judéa foi feito por Quirino, governador da Syria. Ora José era da tribu de Judá, e embora exercesse os humildes misteres de artista, descendia da familia real de David, assim como Maria sua esposa. Partiram pois juntos de Nazareth na Ga-

liléa, para darem seu nome na Judéa, em Belém, onde David nascera. Por não terem podido achar lugar para hospedar-se num hotel, foram constrangidos a ir pernoitar num pobre estabulo abandonado. Ali é que a 25 de Dezembro, para meia noite, a Santissima Virgem deu á luz o Salvador do mundo. Ella o envolveu em pannos e o reclinou numa pouca de palha, no presepio.

Comtudo, Deus queria que este nascimento feliz despertasse alguma atenção. Nos arredores de Belém, havia pastores que velavam, de noite, nos campos, apascentando rebanhos. O anjo do Senhor appareceu-lhes cercado de luz e falou : « Não receieis, eu vos trago uma noticia alviçareira ; hoje, na cidade de David, um Salvador vos nasceu ; é o Christo e estes são os signaes para o reconhecerdes : achareis um menino envolto em pannos e reclinado num presepio. » No mesmo instante, uma multidão de espiritos celestes uniu-se ao anjo e todos louvavam a Deus cantando : « Gloria a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de bôa vontade ! »

Os pastores foram em Belém, onde encontraram Maria, José e o menino reclinado no presepio ; por estas marcas conheceram a verdade do que lhes fôra annunciado, e regressaram louvando a Deus.

ARTIGO II

Infancia de Jesus e vida occulta em Nazaréth.

I. A Circumcisão e a Epiphania. — II. Apresentação ao templo. — III. Fuga ao Egypto e morticinio dos Innocentes. — IV. Regresso em Nazareth ; Jesus no meio dos doutores.

I. *A Circumcisão e a Epiphania.* — No oitavo dia depois do seu nascimento, o menino foi circumcidado conforme preceituava a lei judaica para todos os

filhos de Israel, e deram-lhe o nome de *Jesus* que significa Salvador. Era o nome marcado pelo anjo no dia da Anunciação.

Pouco depois chegaram em Jerusalem, vindos do Oriente, homens chamados commumente *magos* : eram sabios e reis. Guardas de tradições antigas, esperavam no céu a aparição de um astro que havia de assignalar a vinda do libertador prometido. Chegados em Jerusalem indagaram : « Onde está o novo rei dos Judeus que acaba de nascer? Pois, temos visto a sua estrella no Oriente, e viemos para adoral-o. » Com estas palavras, ficou commovida a cidade toda. Herodes perturbado mandou chamar os chefes dos sacerdotes e os escribas do povo e perguntou-lhes onde devia nascer o Messias : « Em Belém, responderam elles, segundo esta palavra do propheta Micheu : « E tu, Belém, não és a menor dentre as cidades de Judá, pois é de teus muros que ha de saír Aquelle que deve governar o meu povo. »

Disfarçando seus intuitos, Herodes disse aos magos que andassem á procura do novo rei e depois lhe participassem quando o tivessem encontrado para elle ir tambem adoral-o. Os magos partiram, e a estrella, que tinham visto no Oriente, se lhes mostrou de novo ; ella os levou a Belém e descansou acima do lugar onde estava o Salvador. Elles entraram, adoraram a Jesus e lhe ofereceram como presentes ouro, incenso e myrrha. Na seguinte noite, um anjo lhes revelou as intenções perfidas de Herodes, e elles voltaram para sua terra por outro caminho. A Igreja chama a adoração dos magos *Epiphania* ou manifestação, porque foi neste dia que a fé se manifestou aos Gentios pela primeira vez, na pessôa dos magos.

II. *Apresentação no templo.* — Quarenta dias depois do nascimento de Jesus, era o tempo da purificação de Maria ; ella foi ao templo para cumprir uma

ceremonia dupla, prescrita pela lei de Moysés, mas que não obrigava nem a ella, nem a seu divino filho. Para sua purificação legal, Maria apresentou ao Senhor o sacrificio de uma pomba como a lei o exigia das mulheres de Israel. Além disso, vinha apresentar ao Senhor seu filho primogenito segundo a ordem mosaica, e oferecer, para seu resgate, o sacrificio imposto : teve que se contentar com a oferta dos pobres : uma pomba.

Vivia então em Jerusalem um homem justo e temente a Deus, Simeão, que esperava todos os dias o consolo de Israel. O Espirito Santo lhe dera a conhecer que não morreria antes de ter visto o Christo do Senhor. Veiu pois ao templo na mesma hora que Maria e José ; e reconhecendo Aquelle que lhe tinha sido designado, elle tomou o menino Jesus nos seus braços e deu acções de graças a Deus dizendo : « Agora, Senhor, segundo a vossa palavra, deixareis morrer em paz o vosso servo, pois meus olhos viram o Salvador que será a gloria de Israel e a luz das nações. » Predisse depois que este menino seria alvo das perseguições, e que Maria teria a alma traspassada por uma espada de dôr.

Tambem nesta hora estava no templo uma santa-se mulher, por nome Anna que consagrava dia e noite ao serviço de Deus. Viuva desde longos annos, passava a vida na oração e no jejum. Ella reconheceu tambem o Salvador prometido, entrou a louvar a Deus e falava na criança com todos quantos esperavam a redempção de Israel.

III. *Fuga ao Egypto e morticinio dos Innocentes.* — Depois da partida dos Magos e da Apresentação de Jesus ao templo, o anjo do Senhor appareceu a José durante o somno e disse : « Levantai-vos, tomai o menino com a sua mãe, fugi para o Egypto, e permanecei ali até eu vos dar ordem de voltar ; pois Herodes

vae procurar o menino para matal-o. » José obedeceu e apressadamente poz-se a caminho do Egypto.

No entanto Herodes entendeu que tinha sido logrado pelos magos ; elle caíu num accesso de ira furiosa, e como temesse encontrar na pessôa do novo rei um adversario do seu poder, elle mandou soldados em Belém para exterminarem, na cidade e nos arredores, todas as crianças do sexo masculino, de dois annos para baixo. O menino Jesus escapou a esta matança, mas houve em Belém um morticinio horrivel ; cumpriram-se então estas palavras de Jeremias : « Uma voz foi ouvida em Rama : era um ruido de lamentações e gemidos. Rachel pranteava os seus filhos e não queria receber consolo, porque elles não vivem mais. »

IV. *Regresso em Nazareth ; Jesus no meio dos doutores.* — Todas as prophecias iam se realizando. Já desde muitos annos a santa familia estava no desterro do Egypto quando faleceu Herodes. O anjo mostrou-se de novo a José e disse : « Aquelles que tencionavam fazer morrer o menino Jesus já não vivem. » Maria e José, então voltaram para a Judéa, cumprindo-se desta maneira o oraculo de Oséas : « Chamei meu filho do Egypto. » Todavia, sabendo que Archelau, filho de Herodes, reinava na Judéa, a santa familia teve medo de morar ali. Dirigiu-se para Nazareth, na Galiléa, onde habitavam Maria e José na época da Anunciação. Os prophetas o tinham dito : « O Christo será chamado *Nazareno.* »

O menino Jesus crescia e fortificava-se ; era cheio de sabedoria e de graças perante de Deus e perante os homens. Da primeira infancia de Jesus, o Evangelho não nos conservou sinão esta unica lembrança. Elle só contava doze annos : sempre, para as festas da Paschoa, Maria e José iam ao templo de Jerusalem, e desta vez, Jesus os acompanhava. Passados os dias

da solenidade, seus paes voltaram sem se importar com o menino, pois julgavam que elle estivesse na companhia de algum parente seu. Mas, de noite, depois de um dia de marcha, não o encontraram mais e então, foram logo para Jerusalem outra vez. Após tres dias de angustiosas pesquizas, deram com elle no templo, em meio dos doutores, ora escutando, ora interrogando, e quantos o ouviam ficaram admirados com sua sabedoria e suas respostas. Maria dirigiu-lhe esta censura: « Meu filho, porque procedestes comnosco desta maneira? Vosso pae e eu andavamos aflictos em vossa procura. » Jesus respondeu : « Porque é que me estaveis procurando? Não sabeis que tenho de me consagrar ao serviço de meu Pae? » Mas elles não entenderam naquella hora o sentido destas palavras.

Jesus regressou em Nazareth com Maria e José e « elle lhes obedecia. » Assim compendia o Evangelho estes dezoito annos que o Senhor havia de viver occulto antes de iniciar seu ministerio publico. Comtudo, pela tradição, sabemos mais alguma cousa : Nosso Senhor, em todo este tempo, levou uma vida humilde, pobre e laboriosa. Labutava com são José nos humildes misteres de carpinteiro e era chamado « o filho do artista. » Tinha uns dezoito annos quando morreu são José seu pae adoptivo. Veiu a ser então o unico amparo da Virgem, sua mãe, e com seu trabalho, proveu ás necessidades do pobre lar.

CAPITULO II

Vida publica de Jesus Christo.

(Do anno 30 ao anno 33 da era christã.)

Esboço geral. — Divisão deste capitulo.

Chama-se *vida publica* de Jesus Christo os annos que o Salvador do mundo empregou na pregação de seu Evangelho. Consagrou somente tres annos a esta obra importante. O ministerio publico de Nosso Senhor abre-se com o anno quinze do reinado de Tiberio.

Primeiro Jesus Christo prepara-se á sua missão pelo baptismo, a oração e a penitencia ; escolhe apostolos, forma-os, percorre com elles a Galiléa e a Judéa, espalhando a sua doutrina, abonando-a com milagres sem conta. Nosso Senhor não formulou com ordem os ensinos e preceitos que trazia ao mundo ; mas ao sabor das occasiões e circumstancias elle palestrava, ora revelando dogmas e mysterios, ora acrysolando, até á perfeição sublime, a moral judaica ; lecionava aos discipulos a doutrina da sua graça, as maravilhas dos seus sacramentos ; ensinava um culto novo mais santo, mais perfeito .

Em capitulo especial contemplar-se-á a *lei evangelica* no seu conjunto. Neste, veremos somente os principaes factos que se deram nos tres annos da *vida publica* do Salvador, desde o seu baptismo até á época da sua paixão e da sua morte. Quanto aos pormenores, póde-se consultar o texto do Evangelho ; importa comtudo, para melhor comprehensão da narração sagrada, termos um quadro chronologico ; é o objecto do primeiro artigo : *Os factos evangelicos.* No

segundo artigo, havemos de estudar alguns dos discursos em que vêm lavrados os ensinos de Nosso Senhor : *Sermões e parabolas*. Emfim as manisfestações do seu poder, que lhe confirmavam a doutrina, constituem um terceiro artigo sob a epigraphe : *Milagres de Jesus Christo*.

ARTIGO I

A successão dos factos evangelicos.

I. Preludios da vida publica : pregação de São João Baptista. — II. Baptismo de Nosso Senhor, o jejum no deserto. — III. Vocação dos primeiros apostolos. — IV. Os tres annos do ministerio publico.

I. *Preludios da vida publica : pregação de São João Baptista*. — Tiberio reinava desde quinze annos no imperio romano ; Poncio Pilatos governava em nome delle o paiz da Judéa ; Annas e Caiphas desempenhavam em Jerusalem as funções de sumos sacerdotes. E' então que a palavra de Deus se fez ouvir a João, filho de Zacharias, que vivêra no deserto até os trinta annos. Veiu nas margens do Jordão a pregar um baptismo de penitencia. Anunciava que o reino de Deus estava para chegar. De Jerusalem e da Judéa toda, acudiam a ouvir este propheta que tinha para todos e cada um, uma palavra adequada. Aos phariseus como aos saduceus orgulhosos e hypocritas, elle dizia : « Raça de viboras, quem vos deu aviso para fugirdes á colera que ha de cair sobre vós? Entrai pois a fazer condigna penitencia. » Ao povo que perguntava : « Que havemos de fazer? » elle redarguia : « Quem possue duas tunicas dê uma áquelle que anda despido, quem tem para comer dê áquelle que está com fome ! » Aos soldados dizia que ficassem satisfeitos com a sua paga, sem praticarem fraudes nem violencias. Assim é que João Baptista prelu-

diava por seus ensinos á lei christã, lei de humildade, sacrificio, caridade e justiça.

II. *Baptismo de Nosso Senhor e jejum no deserto.* — Nestes entrementes, João viu a Jesus que vinha ter com elle, e então falou : « Eis aqui o cordeiro de Deus, eis aquelle que apaga os peccados do mundo. » Não se podia com maior clareza caracterisar o Messias prometido. Jesus quiz que João lhe desse o baptismo. Este o negava : « Sou eu, dizia elle, que devo receber o baptismo vosso. » Jesus retorquiu : « Deixai-me fazer ; é preciso que se cumpra toda justiça. » João então obedeceu e baptisou-o no rio. Porém no instante em que Christo vinha saindo da agua, abriu-se o Céu e o Espirito Santo desceu sob a forma de uma pomba, repousando na sua cabeça. Na mesma hora, ouviu-se uma voz que dizia : « Este é o meu Filho bem amado em quem tenho posto todas as minhas complacencias. » O Salvador recebia dest'arte suas credenciaes : melhor do que Moysés, era proclamado enviado de Deus, e o eterno Pae revelava que o tinha por Filho.

Depois disto, o espirito o levou ao deserto que corre entre o Jordão e Jerichó para ser tentado pelo demonio. Ali permaneceu, qual Moysés e Elias, quarenta dias e quarenta noites sem comer, ensinando-nos, por esta forma, que a penitencia apaga o peccado ciareprara-nos a realisar os grandes designios da Providencia. E como era o intuito de Nosso Senhor, dar-nos por sua vida um modelo para todas as occorrencias da nossa, quiz tambem ser tentado pelo demonio, como costumamos sel-o.

Após este jejum tão longo, o Salvador teve fome. O demonio disse-lhe : « Si fôrdes o Filho de Deus, ordenai que estas pedras se tornem pães. » Era a tentação da gula que fôra occasião da queda de Eva nossa mãe. Jesus respondeu : « Não só de pão vive o

homem, mas de toda a palavra que sae da bocca de Deus. » Então o demonio o transportou na cidade santa, sobre o pinaculo do templo, e disse-lhe : « Si fôrdes o Filho de Deus, atirai-vos para baixo, pois está escrito : Deus mandou que seus anjos o amparassem, e elles vos levarão em suas mãos para vosso pé não esbarrar em alguma pedra. » Era a tentação da soberba e Jesus a repelle : « Está escrito tambem : Não tentareis ao Senhor vosso Deus. » Ficava por experimentar a tentação da ambição avida. Satanaz transportou o Senhor num monte alto, e apontando para todos os reinos da terra, disse-lhe : « Isto tudo vos darei eu, si, prostrado, vós me adorardes. » Desta vez Jesus respondeu com autoridade : « Retira-te, Satanaz ; pois está escrito : Adorareis ao Senhor vosso Deus, e não servireis sinão a elle só. » Tres vezes vencido, Satanaz retirou-se, e os anjos, aproximando-se de Jesus, o serviam.

III. *A vocação dos primeiros apostolos.* — João Baptista continuava baptisando nas margens do Jordão. De volta para a Galiléa, aconteceu Jesus passar, e o Precursor, apontando para elle, disse a dois dos seus discipulos, André e Thiago : « Eis o Cordeiro de Deus que tira os peccados do mundo. » Estes dois homens, então, foram seguindo a Jesus ; este, voltando-se, perguntou: « A quem procurais? » — « Mestre, disseram, onde morais? » « Vinde e vede, » disse elle. Foram e permaneceram com elle o dia inteiro. Para a tarde, André encontrou o irmão Simão e apresentou-o a Jesus que lhe disse : « E's Simão, filho de João, mas dora em diante, serás chamado *Cephas*, isto é *Pedro*. »

No outro dia, Jesus indo para Nazareth, viu Philippe e ordenou-lhe que o accompanhasse. Philippe obedeceu, e como depois topasse com Nathanael, falou-lhe : « Achamos Aquelle que nos prometteram

Moysés e os prophetas : é Jesus de Nazareth. » E traz ao Salvador mais um discipulo; Jesus, reconhecendo neste um verdadeiro Israelita, lhe anuncia que elle ha de presenciar as maravilhas do seu poder.

E' assim que Deus alistou seus primeiros discipulos : André e Pedro, Philippe e Nathanael que se julga ser o mesmo que Bartholomeu. Tres dias mais tarde, houve bodas em Caná, na Galiléa. Jesus foi convidado com os seus discipluos, e Maria estava tambem. A pedido de sua mãe, Nosso Senhor fez o primeiro milagre : mudou a agua em vinho para auxiliar os esposos e manifestar o seu poder, e seus discipulos tiveram fé nelle.

IV. *Os tres annos do ministerio publico.* — Estes factos se davam para o fim do anno de Roma 778 (30º da era christã). O Salvador passa o outomno deste anno nas margens do lago de Tiberiades, onde torna a encontrar André e Simão Pedro que definitivamente deixam suas redes para acompanhal-o. A convite de Nosso Senhor, Thiago e João seu irmão, ambos pescadores, abandonam igualmente a sua profissão. A colha de Thomaz e de Matheus, de Thiago e de Taddeu, de Simão e de Judas completou o numero de doze discipulos. A cidade de Capharnaum, assentada á beira do lago de Tiberiades, foi a residencia habitual de Jesus no começo do seu ministerio publico; dali, excursionava na Galiléa, onde derramava os seus primeiros ensinos, mencionados por são Matheus nos capitulos V e VII, com o titulo : *Sermão sobre o monte.* Começava tambem a dar-se como o Messias, explanando nas synagogas os oraculos dos prophetas, e operando numerosos milagres : libertação dos possessos do demonio, cura dos leprosos e dos doentes.

Na proximidade da Paschoa dos Judeus (21 de março), Nosso Senhor foi para Jerusalem afim de

celebral-a pela primeira vez com seus discipulos. Será esta solenidade judaica o nosso ponto de partida e limite exacto na ordem dos principaes acontecimentos evangelicos.

Primeira Paschoa (anno de J. C. 30.) — Esta primeira viagem foi assignalada pelos seguintes notaveis factos : *expulsão dos vendilhões do templo ;* encontro e formação do discipulo *Nicodemo*, que veiu ter com Jesus de noite e recebeu delle, entre outros ensinos, o anuncio deste renascimento indispensavel que o homem deve procurar no baptismo ; conversão de uma peccadora celebre que havia de ser santa *Maria Magdalena*, conversão esta que grangeou para o Salvador a amizade fiel de Lazaro, irmão della, de Martha, sua irmã, formando os tres a familia de Bethania.

De volta desta romaria em Jerusalem, Jesus, atravessando a Samaria, encontrou na margem do poço de Jacob a *Samaritana* que elle converteu com uma palestra admiravel em que se dá como o Messias prometido aos seus paes ; com ella, muitos habitantes de Sichem acreditaram na palavra do Salvador. (*S. João*, IV, 4-45.)

Nosso Senhor terminou o anno, estio e outomno, em Capharnaum e no paiz de Galiléa. A *pesca milagrosa* no lago de Tiberiades, a cura do paralytico de Capharnaum, a do servo do centurião, a resurreição do filho da viuva de Naim, outras muitissimas curas acompanharam os passos do Salvador nesta excursão evangelica na propria patria.

E' tambem naquella época que João Baptista foi preso por Herodes o Tetrarcha, a quem tinha exprobrado a sua união illicita com Herodiada, mulher de seu irmão Philippe.

Segunda Paschoa (anno de J. C. 31). — O Evangelho não diz si o Salvador veiu em Jerusalem celebrar ali esta festa com os seus discipulos. Mas elle

nos mostra o Salvador assistindo na cidade santa á festa dos Tabernaculos. E' nesta occasião que elle curou, junto da piscina probatica, chamada Betsaida, um paralytico que desde trinta e oito annos esperava por esse favor. Elle afirmou ás claras a sua divindade, amontoando assim sobre a sua cabeça tempestades de odio por parte dos sacerdotes Judeus e dos phariseus, ciumentos da sua fama.

Do carcere, João Baptista mandou seus discipulos pedir ao Salvador : « Sois vós aquelle que tem de vir, ou devemos esperar por outro? » Jesus contentou-se em responder com as palavras do propheta Isaias : « Ide a referir a João o que vistes e ouvistes : os cegos vêm a luz, os aleijados andam, os surdos ouvem, os mortos resuscitam, o Evangelho é anunciado aos pobres. » O santo precursor pouco tempo viveu depois desta mensagem. Para agradar á filha de Herodiada, o cruel Herodes mandou cortar a cabeça de João Baptista no carcere.

Para o outomno, Jesus regressou na Galiléa e ficou quasi um anno sem tornar a aparecer em Jerusalem. Este tempo elle empregou-o em instruir os apostolos, em percorrer as cidades e povoações, multiplicando os milagres. A resurreição da filha de Jaire, chefe de synagoga difundiu ainda mais a sua reputação por todo o paiz.

Terceira Paschoa (anno de J. C. 32.). — A primavera sorria outra vez. Comtudo, as intrigas dos Phariseus perseguiam o Salvador na sua propria terra. Por outra parte cumpria escapar ao odio de Herodes. Jesus e seus discipulos passaram alem do lago de Tiberiades, no paiz que formava a tetrarchia de Philippe. Era o tempo da festa da Paschoa : não era prudente o Salvador mostrar-se ali naquelles dias. Mas as multidões que iam para Jerusalem o seguiram até no deserto. A favor delles, fez o grande milagre da *multiplicação dos cinco pães* que serviram a alimentar mais

de cinco mil homens. Para furtar-se ás ovações, Nosso Senhor tornou a atravessar o lago e veiu em Capharnaum.

Este ultimo anno do ministerio publico de Jesus Christo foi o mais trabalhoso e o mais fecundo. O Salvador fez uma viagem no paiz de Tyro e de Sidon. Durou seis mezes : neste intervalo temos o episodio da *Chananéa*, a cura da sua filha, a primazia conferida a são Pedro, no deserto de Cesaréa, a *Transfiguração* no Thabor e as parabolas sublimes que Jesus empregava para nos ensinar a caridade, o desapego, a humildade, a confiança na misericordia divina.

Para o fim do verão, Nosso Senhor deixou a Galiléa que não veria mais, e dirigiu-se para Jerusalem onde acabaria o ministerio e a vida. De caminho, evangelisava as provincias meridionaes da Galiléa e da Peréa. Chegou na cidade santa para a festa dos Tabernaculos (22 de setembro).

A cura do *cego de nascimento*, e o inquerito que se seguiu, o misericordioso perdão concedido á *mulher adultera*, as afirmações solenes do seu poder e da sua divindade, açulavam mais e mais o odio dos phariseus. Para livrar-se dos seus furores, Jesus retirou-se na solidão e foi habitar na Peréa, nas margens do Jordão. Cinco semanas somente lhe sobravam antes da morte. Foi chamado por uma mensagem informando-o da doença e logo depois da morte de Lazaro em Bethania. Nosso Senhor voltou a operar a favor desta familia amiga um dos seus maiores milagres. A *resurreição de Lazaro*, morto desde quatro dias, poz o remate á fama do Salvador, mas tambem levou ao paroxysmo o odio violento dos seus inimigos. Quando Jesus, alguns dias depois, fez sua entrada em Jerusalem, foi alvo de uma esplendida e espontanea manifestação. Mas os Phariseus tinham resolvido perdel-o. A *quarta Paschoa* seria ensanguentada pela immolação do verdadeiro Cordeiro de Deus.

ARTIGO II

Sermões e parabolas evangelicas.

I. Principaes sermões evangelicos : 1º Discurso sobre o monte 2º Palestra de Capharnaum ou mysteriosa promessa da Eucharistia 3º Sermão no monte das Oliveiras ; 4º Discurso depois da Ceia. — II. Parabolas evangelicas : 1º As sete parabolas do reino de Deu 2º As parabolas da misericordia divina ; 3º Parabolas moraes.

I. *Principaes sermões evangelicos.* — Com este nome designam-se os discursos extensos pronunciados pelo Salvador e relatados no Evangelho. Os mais importantes são quatro.

1º *O sermão sobre o monte.* — E' referido por são Mateus (cap. v-vii.). Jesus, vendo uma grande multidão apinhada en redor delle, galgou o monte. Assim que esteve assentado, acercaram-se delle os seus discipulos. A multidão tomou assento no pendor da collina, e então, em meio de uma atenção profunda e silenciosa, Jesus pronunciou este discurso admiravel, resumo da sua lei, e que começa com as *oito bemaventuranças* :

« Bemaventurados os pobres em espirito, porque delles é o reino dos Céus.

« Bemaventurados os mansos, porque elles possuirão a terra.

« Bemaventurados os que choram, porque hão de ser consolados.

« Bemaventurados os que têm fome e sede da justiça, porque hão de ser fartos.

« Bemaventurados os misericordiosos porque acharão misericordia.

« Bemaventurados aquelles que têm o coração puro, porque elles verão a Deus.

« Bemaventurados os pacificos, porque serão chamados filhos de Deus.

« Bemaventurados aquelles que soffrem perse-

guição por amor da justiça, porque o reino dos Céus lhes pertence. »

A continuação do discurso menciona os principaes deveres dos christãos : e, o aperfeiçoamento da moral mosaica, a synthese de toda a moral christã que breve passaremos a estudar em artigo especial. O fecho da lição divina é um estimulo dado á nossa confiança para com a Providencia : « Não amontoeis tesouros na terra onde a ferrugem os corroe e os vermes os devoram, onde ladrões os descobrem e roubam ; mas ajuntai tesouros no céu, onde não ha ferrugem, nem ladrões... Não vos incommodeis, a respeito de vossa vida, o que haveis de comer, nem a respeito do corpo com o que haveis de vestir... Antes de tudo, procurai o reino de Deus e a sua justiça, o mais vos será dado por acrescimo. »

2º *Palestra de Capharnaum.* — Jesus fez este discurso no dia immediato ao milagre da multiplicação dos pães no deserto. E' a promessa da divina Eucharistia, bello ensino que são João nos conservou no capitulo VI do seu Evangelho. Jesus dizia aos Judeus : « Eu sou o pão vivo descido do Céu. Aquelle que comer deste pão viverá eternamente e o pão que darei, é a minha carne que hei de entregar para a salvação do mundo. » Ouvindo esta linguagem, os Judeus altercavam entre si dizendo : « Como é que elle nos pode dar a sua carne para comermos? » E Jesus continuou : « Em verdade, em verdade, vos digo, si não comerdes a carne do Filho do homem, si não beberdes o seu sangue, não possuireis a vida em vós. Quem come minha carne e bebe meu sangue tem a vida eterna, e eu resuscital-o-ei no ultimo dia; pois minha carne é verdadeiramente uma comida, e meu sangue, uma bebida. »

3º *Sermão sobre o monte das Oliveiras.* — Era alguns dias antes de morrer. Jesus ia saindo do templo e seus discipulos notavam a magnificencia e a solidez

deste edificio. Jesus falou : « Em verdade eu vol-o digo, este edificio sera destruido, e delle não ficará pedra sobre pedra. » Chegado no monte das Oliveiras, sentou-se em frente do templo, e seus discipulos lhe perguntaram : « Dizei-nos quando isto ha de acontecer, qual será o signal da vossa vinda e da consumação do seculo? » Jesus lhes respondeu : « Quando virdes os exercitos inimigos cercar Jerusalem, aprendei que a desolação vem proxima... Jerusalem será pisada pelas nações, seus filhos serão mortos ou levados no cativeiro em todos os povos, e ver-se-á no lugar santo á abominação da desolação predita pelo propheta Daniel. Tão extrema ha de ser a aflição daquelles dias que não houve igual desde o começo do mundo até agora, nem haverá jamais no decorrer dos tempos. »

Desta destruição de Jerusalem, passando aos destinos de sua Igreja, Nosso Senhor anuncia aos seus discipulos odios, violencias, perseguições. « Por minha causa, sereis o alvo do odio ; mas haveis de conservar vossas almas na paciencia. » Depois, aos olhares dos seus discipulos, remove o véu que encobre o fim dos tempos : « As nações, diz elle, levantar-se-ão contra as nações ; haverá terremotos, pestes, guerras e fomes ; signaes horrorosos hão de aparecer no céu. Nos derradeiros tempos, surgirão falsos christos, prophetas falsos, que praticarão prodigios espantosos e cousas assombrosas até seduzirem, si fosse possivel, os proprios eleitos. »

A prophecia termina com o anuncio do fim do mundo e do juizo ultimo. « E' então que o Filho do homem ha de vir sobre as nuvens do céu com grande poder e grande majestade ». Ao clangor da trombeta angelica, hão de resuscitar os mortos todos, e virão, no valle de Josaphat, a ouvir a sentença do soberano Juiz que determinará sua sorte eterna. (*S. Math.*, XXIV, XXV.)

4º *Discurso depois da Ceia.* — E' ainda são João que nos dá a relação desta admiravel palestra começada no Cenaculo, depois do Salvador ter instituido a divina Eucharistia; é como que o testamento de Jesus Christo. « Não se conturbe o vosso coração, dizia o Salvador aos seus discipulos, ha muitas moradas na casa de meu pae e eu vou preparar-vos uma. » Depois dá as normas que hão de pautar a fidelidade perseverante : « Si vós me amais, guardai os meus mandamentos... Eu vos dei um preceito, é que vos ameis uns aos outros como eu mesmo vos tenho amado ».

Para os consolar e animar, promete-lhes, por varias vezes, a vinda do Espirito Santo, Consolador por excelencia, que lhes ensinará todas as verdades e será a sua força.

Jesus e seus apóstolos ladeavam encostas cobertas com os pampanos da vinha : « Eu sou a vinha, fala elle, e sois os ramos. Assim como o ramo não pode dar fructo si não permanecer unido ao tronco, vós tambem, sem mim, nada podeis. » Chegado na margem da torrente de Cedron, Jesus fez esta prece : Meu pae, é hora : glorificai o vosso filho para elle dar a vida eterna a todos aquelles que lhe confiastes... Meu pae, eu oro por aquelles que me destes e por todos os que hão de acreditar em mim por sua palavra. Sejam elles todos *um* por vossa graça, como eu e vós, somos *um*, para o mundo conhecer que vós me enviastes. » (S. João, XIV, XVII.)

II. *Parabolas evangelicas.* — São apologos ou comparações cuja moral se tira facilmente de simples narrações a mor parte emprestadas da vida pratica. O uso da parabola é commum no Oriente. De bom grado, Nosso Senhor lançava mão deste methodo de ensino para pôr as altas verdades da fé e da moral christã ao alcance de todas as inte-

ligencias. Sapientissimas lições encerram as parabolas evangelicas. Algumas se referem ao reino de Deus que é a Igreja neste mundo, e mais tarde, o céu; outras exemplificam a infinita misericordia do Senhor; finalmente, outras ocultam, sob a forma familiar, os bellos ensinos de uma moral sublime.

1º *As sete parabolas do reino de Deus.* — 1. *Parabola do semeador :* Um homem saiu a semear ; uma parte dos grãos caiu no caminho e foram comidos pelas aves do céu ; outra parte caiu em lugar pedregoso, e logo secou, á mingoa de humidade. Outra caiu nos espinhos, e estes afogaram-na. Emfim, uma parte, caindo em terra uberrima, deu cem por um. A semente é a palavra de Deus ouvida por almas de disposições varias. Nos espiritos levianos, é arrebatada pelo demonio ; nos corações victimados pelas paixões, é abafada. Somente as almas devidamente preparadas, dão fruto pela paciencia (S. Math., XIII, 1-53.)

2. *Parabola do joio :* O reino do céu é semelhante a um homem que semeára no seu campo trigo de bôa qualidade. Mas de noite veiu o seu inimigo e na terra, deitou joio que medrou tão bem como o trigo. E' a imagem da Igreja onde, no mesmo tempo, cresce o bem e o mal ; no ultimo dia, far-se-á a separação para o céu ou o inferno. (*S. Matth.*, *ib.*)

3. *Parabola do grão de mostarda :* E' a menor dentre as sementes ; quando germinada, porém, torna-se uma arvore grande em cujas frondes vêm pousar as aves do céu. Assim a Igreja, pequena no berço, cobre o mundo e dá abrigo a todos os christãos. (*S. Math.*, XIII, 31.)

4. *Parabola do fermento :* « O reino do céu é semelhante ao fermento que uma mulher toma e deita em tres medidas de farinha, até a massa toda ser levedada. (*Ib.* 33.)

5. *Parabola de tesouro :* « O reino do céu é se-

melhante a um tesouro escondido num campo. Aquelle que o achou, nada diz ; mas, cheio de jubilo, vae, vende tudo o que possue e compra o tal campo. » (*Ib.* 44.)

6. *Parabola da perola :* « O reino de céu é ainda semelhante a um negociante que anda á procura de bôas perolas. Ora quando encontrou uma preciosa, vae ,vende tudo o que possue e compra-a. » (*Ib.*)

7. *Parabola dos peixes bons e ruins* : « O reino dos céus é semelhante a uma rede jogada ao mar e na qual se apanham peixes de toda qualidade. Quando cheia, os pescadores a puxam para a praia, escolhem os bons peixes e rejeitam os que não prestam. » Assim se dará no fim do mundo; os anjos hão de vir e separar os malvados dos justos, lançando aquelles na fornalha do inferno. (*Ib.* 47.)

2º *As parabolas da misericordia divina.* — Jesus Christo que representava cá na terra a misericordia divina para com os pecadores, quiz nol-a deixar estampada em tres alegorias commoventes :

1. *Parabola do bom pastor :* « Eu sou o bom pastor, disse Jesus. O bom pastor dá a vida por suas ovelhas. Mas o mercenario, que não é o pastor, a quem não pertencem as ovelhas, logo que avista o lobo, abandona o rebanho e foge ; então vem o lobo, devora as ovelhas e afugenta o rebanho... Quanto a mim, eu sou o bom pastor ; eu conheço minhas ovelhas e minhas ovelhas me conhecem... Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco, preciso encaminhal-as para mim ; ellas atenderão á minha voz e só haverá um rebanho e um pastor. » (*S. João*, x, 1-21.) Em outra parte Jesus dá o ultimo retoque ao seu esboço quando diz : « Qual é o homem que possuindo cem ovelhas, si acontecer elle perder uma, não deixa no deserto as noventa e nove outras para ir em busca da infeliz tresmalhada, até encontral-a? E quando elle a encontrou, carrega-a no hombro e a traz ao

redil. Depois, convida os amigos a regosijar-se com elle. Assim, no céu, ha maior jubilo por um peccador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não precisam de fazer penitencia. » (S. Lucas, xv, 1.)

2. *A drachma perdida* : O mesmo pensamento se nos apresenta na parabola desta drachma que uma mulher perdeu. Ella a procura com a maxima atenção e quando a achou, ha grande alvoroço em casa (*Ib.* 8-10).

3. *Parabola do Filho prodigo* : « Um homem tinha dois filhos. O mais moço disse ao pae : Meu pae, dai-me do vosso o quinhão que me toca. O pae entregou-lhe a porção pedida, e o filho foi-se para uma terra longinqua ; ali, bem cedo, esbanjou a sua herança, numa vida desregrada. Entalado na miseria, o moço teve que se empregar com um dono que o mandou para sua casa do campo, apascentar porcos. Falto de tudo, invejando mesmo a parca comida destes animaes immundos, o prodigo entrou a reflectir : « Em casa de meu pae, quanto servos ha que têm pão á farta? E eu, aqui, morro a fome ! » E tomando do cajado, voltou para o lar. Ainda longe, o velho pae o avistou ; com toda a pressa, correu-lhe ao encontro, e sem lhe dar tempo de apresentar desculpas, atirou-se nos seus braços e disse aos criados: « Trazei de prompto o mais bello vestido e dai-o a meu filho ; ponde tambem um annel no seu dedo e calçado aos seus pés. Conduzi mais o novilho gordo e matai-o; vamos comel-o e fazer um grande festim. Pois meu filho estava morto e vive outra vez ; andava perdido e nós o achamos. » (*Ib.* 11-32.)

3º *Parabolas moraes.* — Muitas vezes, Nosso Senhor ensinava, sob a forma de parabolas, as mais bellas virtudes, os deveres mais sagrados.

1. *A parabola do servo sem compaixão* é a historia de um homem a quem o seu credor perdoára toda a

divida. Por sua vez, elle nega a um collega que encontra depois, o perdão de uma dividazina de cem dinheiros e dirige ao pobre artifice os mais destemperados improperios; essa parabola ensina-nos a sermos indulgentes si quizermos fazer jus á indulgencia divina.

2. *A parabola do bom samaritano* que pratica a misericordia para com o ferido encontrado na estrada de Jerichó é uma lição de caridade christã. (*S. Lucas*, x, 30-37.)

3. *O mau rico e o pobre Lazaro* mostram-nos de um lado qual é a culpa enorme do rico que nega esmola, e e o castigo eterno que a divina justiça lhe inflige; e, do outro, qual é o merecimento do indigente que soffre, conformado, a sua pobreza, qual é a recompensa que o aguarda no céu. (*S. Lucas*, xvi, 19-31.)

4. *O publicano e o phariseu* da parabola nos patenteiam o valor da humildade e a insensatez da soberba. Deus se condoe do pecador arrependido que se curva diante delle; dá as costas ao orgulhoso que se gaba. Um vae para casa justificado, o outro, não : « pois quem se exaltar será humilhado, e quem se humilhar será exaltado. » (*S. Lucas*, xviii, 9-15).

5. *Os operarios da vinha*, chamados a varias horas do dia nos dão uma exhortação preciosa para o trabalho, especialmente pára o cultivo interior de nossa alma ; o galardão dado aos jornaleiros da ultima hora é um estimulo para atendermos ao chamado divino , ainda que julgassemos ser tarde. (*S. Math.* xx, 1-16).

6. *A parabola do festim das nupcias* nos diz' a bondade de Deus affavel, delicado em extremo; elle nos convida ao banquete, e ali, dá ás nossas intelligencias o alimento da verdade, ás nossas almas, este manjar divino que é a santissima Eucharistia. Um sem numero de convidados apresentam desculpas falsas. Deus então procura outros convivas e a

sala do banquete está cheia. Aquelle porém que estava ali sem o vestido nupcial, isto é, sem a caridade, imprescindivel companheira da fé, é lançado fora, nas trevas exteriores. « Pois são muitos os chamados, mas poucos os eleitos. » (*S. Lucas*, xiv, 16-24.)

7. *As virgens prudentes e as virgens loucas* : é o symbolo da Igrega onde vivem, de mistura, os justos e os peccadores, os christãos que têm a fé e as obras bôas e aquelles cuja lampada se vae apagando. Mas o céu é daquelles que velam, não dos que adormecem. Cumpre-nos velar, portanto, pois não sabemos da hora nem do dia da sua vinda. (*S. Math.* xxv,, 1-13.)

8. *A parabola dos talentos* nos mostra os dons de Deus distribuidos desigualmente : o premio e o castigo não serão segundo os beneficios recebidos, mas sim segundo a maneira de usar delles. Quem só tiver recebido dois talentos e trouxer dois outros, entrará no gaudio do Senhor da mesma sorte que este outro que dobrou o valor dos seus cinco talentos. Mas o homem que enterra os dons de Deus e si bem que os não esbanje, tambem não os faz frutificar, este ha de ouvir esta sentença : « Atirai com este servo inutil nas trevas onde haverá chôro e ranger de dentes. » (*S. Math.* xxv, 14-30.)

ARTIGO III

Os milagres evangelicos.

I. Observação geral. — II. Autoridade sobre os demonios. — III. Poder sobre os elementos. — IV. Cura dos doentes. — V. Resurreição dos mortos.

I. *Observação geral.* — « Os milagres de Jesus Christo, diz Bossuet, são de uma ordem especial e trazem um caracter novo. Não são signaes no céu como pediam os Judeus ; elle os pratica quasi todos

sobre os proprios homens, para curar suas enfermidades. Nestes milagres, é maior o papel que cabe á bondade que o papel do poder ; despertam menos a admiração do que commovem o recesso intimo dos corações. Elle os faz como quem impera ; os demonios e as doenças lhe obedecem ; ao mando delle, os cegos de nascimento recebem o dom da vista, os mortos saem do tumulo e os peccados são perdoados. O principio da força que opera taes portentos reside nelle proprio : elles correm como agua da fonte : « Eu sinto, diz elle, que uma virtude saiu de mim. » Porquanto, até então, ninguem tinha feito tão assombrosos milagres e em tão avultado numero ; e, todavia, promete que os seus discipulos farão em nome delle cousas mais maravilhosas, o que prova como é fecunda, inesgotavel, a virtude que traz no seu ser, na sua essencia (1). »

Outro caracteristico dos milagres de Jesus Christo é que foram praticados como prova da sua missão divina. Um dia cura um paralytico para mostrar que tem sobre a terra o poder de remitir os peccados. « Minhas obras, diz elle, dão testemunho por mim ; si não acreditais nas minhas palavras, acreditai, quando menos, nas obras que pratico. » Junto do sepulcro de Lazaro, pede a seu Pae que o atenda, « para que o mundo acredite que sois vós, o meu Pae, que me enviastes. » Logo os milagres de Jesus Christo são feitos para abonar sua missão, sua doutrina e sua Religião ; e quando os realiza por sua propria autoridade, elle prova que não é somente o enviado de Deus, sinão Deus como seu Pae.

Não conhecemos todos os milagres que fez Nosso Senhor ; vão lembrados aqui succintamente os que elle compriu para testemunhar o seu dominio soberano sobre o inferno, sobre os elementos, sobre as doenças, sobre a morte.

(1) *Discurso sobre a historia universal*, IIª parte, cap XIX.

II. *Autoridade sobre os demonios.* — Jesus Christo viera á terra para solapar o poderio do demonio que imperava no mundo e nas almas. Dono dos corações, acontecia a miudo manifestar o demonio a sua presença e autoridade pela obsessão ou pela possessão dos proprios corpos. Não havia cousa mais frequente na Judéa do que estas possessões temerosas do espirito das trevas. Ora, justamente o Salvador abre a sua missão em Capharnaum libertando, na synagoga, um homem possesso pelo demonio impuro (S. Marcos, I, 21-27.)

« Ao ouvir a voz de Christo, os demonios deixavam os corpos de muitos. » (*S. Lucas*, IV, 41.) Ás vezes, o demonio tornava surdos, mudos, cegos, paralyticos, lunaticos ou furiosos, os desgraçados que elle avassalava. Jesus libertava a um tempo a alma e o corpo. Não so expelia os demonios, sinão purificava tambem as almas perdoando os pecados : outro signal de poder e autoridade. Por exemplo, no poço de Jacob, Nosso Senhor remite á Samaritana os seus pecados ; no templo, despede, misericordioso, a mulher adultera; no festim de Simão o leproso, elle limpa na contrição e nas lagrimas as culpas de Magdalena arrependida ; na cruz, perdôa ao bom ladrão. Ora purificar uma alma, não é milagre menor do que livrar um corpo dos vinculos do demonio.

III. — *Poder sobre os elementos.* — Jesus Christo mandava por igual na natureza e em todos os elementos. Creador da materia e dos mundos, estes se achavam nas suas mãos. O primeiro milagre seu, foi nas bodas de Cana, mudar a agua da fonte em vinho delicioso.

Um dia em que estava com seus apostolos em barco sobre o lago de Genesareth, desencadeou-se uma tempestade violenta. Jesus, comtudo dormia ; seus discipulos o acordaram : « Mestre, perecemos,

salve-nos! » E o Salvador falou aos ventos com ameaças, e disse ao mar : « Cala ; socega! » E o vento parou, e fez-se uma grande bonança. Atemorisados, os discipulos cochichavam um com outro : « Quem pensais que seja este a quem o mar e os ventos obedecem! » (*S. Marcos*, IV, 37-40).

Debaixo das pisadas de Nosso Senhor, as vagas tornam-se solidas e consistentes, e elle vem ter com seus discipulos andando sobre o mar ; elle manda Pedro fazer outro tanto, e o elemento liquido, fiel á ordem do Mestre, ampara o apostolo. (*S. Math.*, XIV, 25-31.)

Duas vezes Jesus Christo, por effeito de sua bençam e de sua palavra todo poderosa, multiplicou o pão para saciar as multidões que o seguiam no deserto escutando a sua doutrina. A primeira vez, com cinco pães e dois peixes, alimenta cinco mil homens, não contando mulheres e creanças, e levaram-se doze cestos cheios dos pedaços que tinham sobrado. (*S. Math.*, XIV, 15-21). Outra vez, com sete pães e alguns peixinhos, deu de comer a quatro mil homens, e ficaram sete cestos cheios dos sobejos deste mysteriosa refeição (*S. Math.*, XV, 32-38).

Era o preludio e a figura de outro milagre muito mais assombroso. Em vespera da sua morte, por occasião da ultima ceia, Jesus tomou o pão, o benzeu e o mudou em sua carne. Mudou da mesma forma o vinho do calice em seu sangue. A transformação maravilhosa praticada por Nosso Senhor perpetuar-se-á atravez dos seculos.

IV. *Cura dos doentes.* — Bossuet nol-o disse, nos milagres de Jesus Christo é maior o papel da bondade que o do poder. Por isso temos curas sem conta de todas as doenças, todas as pragas da humanidade, sem o auxilio de remedio algum, pela unica eficacia da sua palavra.

A lepra era uma doença frequente na Judéa assim como em todo o Oriente, e este mal contagioso symbolisava por demais, os estragos do pecado. « Senhor, si quereis, podeis curar-me, » disse um dia um leproso ao Salvador que ia passendo. « Quero, responde Jesus ; sê curado ». E nesse instante, desaparece a lepra. (*Ib.*, VIII, 1-4.) Outra vez, dez leprosos clamam para elle : « Mestre, tende piedade de nós! — Ide mostrar-vos aos sacerdotes. » lhes disse Jesus. De caminho, acharam-se curados todos. (*S. Lucas*, XVII, 11-19.)

Nosso Senhor não necessitava ver os enfermos que queria curar. Sua palavra todo poderosa transpunha as distancias e levava ao longe os seus beneficios. Um centurião veiu ter com elle em Capharnaum e disse-lhe : « Meu servo é victima de paralysia na minha casa e soffre muito. » Fala Jesus : « Hei de ir e de cural-o. — Senhor, prosegue este homem, cheio de fé, não sou digno de que entreis na minha casa, mas dizei uma só palavra e meu servo será curado. — Ide, disse o Salvador, e seja feito segundo a vossa fé. » Nesta mesma hora o servo estava curado. (*S. Math.*, VIII, 5-13.)

A' voz do mestre soberano da luz, os cegos recuperavam a vista. Nosso Senhor curou em Jerusalem um cego de nascimento por aquelle estranho expediente : fez lodo com a propria saliva e o pó do caminho, e com este lodo, encobriu os olhos do cego. Disse-lhe depois : « Ide lavar-vos na piscina de Siloé. » Elle foi, lavou os olhos, e voltou enxergando. Houve um inquerito juridico perante os Phariseus acerca desta cura tão extraordinaria. Sem poder fornecer explicação do caso, o cego concluia ajuizadamente : « Si este homem não fosse de Deus, não podia fazer o que está fazendo. » (*S. João*, IX, 1-41.)

Nosso Senhor deu o ouvido aos surdos, a fala aos mudos, o movimento aos paralyticos. Onde quer

que aparecesse traziam-lhe os doentes, os enfermos, e elle os curava (*S. Math*,. VIII, 16 ; *S. Marcos*, I, 32.)

V. *Resurreição dos mortos.* — A propria morte, docil á ordem de Jesus, entregava as suas victimas. Os Evangelhos referem tres resurreições realizadas pelo Salvador.

1. *O filho da viuva de Naim.* — Um dia em que Nosso Senhor ia entrando na cidade de Naim, levavam em terra um moço, filho unico de sua mãe que era viuva. O Salvador, movido de compaixão, disse á mãe : « Não choreis. » E chegando-se ao feretro, tocou-o : « Moço, disse elle, levantai-vos, eu vol-o mando. » E o morto levantou-se. Todos ficaram tremendo de susto e glorificavam a Deus dizendo : « Um grand propheta levantou-se no meio de nós, e Deus visitou o seu povo. » (*S. Lucas*, VII, 11-16.)

2. *A filha de Jairo, chefe de synagoga.* — Um chefe de synagoga aproximou-se de Jesus e disse-lhe : « Senhor, minha filha acaba de morrer ; mas vinde, imponde-lhe as mãos, e ella viverá. » Jesus levantou-se e o seguiu com os discipulos. Em casa, encontrou tocadores de flauta e uma multidão de pessôas que faziam grande alarido. « Retirai-vos, lhes disse o Salvador, esta filha não está morta, dorme. » E elles se riam. Jesus entrou e pegou da mão da moça. Ella ergueu-se e a fama deste milagre se espalhou por todo o paiz. (*S. Math.*, IX, 18-26.)

3. *Lazaro de Bethania.* — Nosso Senhor estava para findar a sua missão na terra. Para furtar-se ás perseguições dos phariseus, tinha-se retirado além do Jordão. Ali recebeu um aviso das duas irmãs, Maria e Martha, dando parte da doença grave do irmão Lazaro. Depois de dois días, elle disse aos seus discipulos : « Vamos em Bethania ». Quando Jesus chegou, Lazaro estava no tumulo desde quatro dias.

« Mestre, disseram-lhe as irmãs aflictas, si tivesseis estado aqui, não estava morto agora o nosso irmão. » Jesus respondeu : « Vosso irmão ha de resuscitar. — Bem sei, retorquiu Martha, que elle resuscitará no ultimo dia. » Jesus lhe disse : « Eu sou a resurreição e a vida ; quem acreditar em mim, ainda que morto, viverá. » Jesus, commovido ao presenciar uma dôr tão profunda, chorou elle proprio e disse : « Onde o puzestes? » Ellas responderam : « Vinde e vede. » Conduziram-no para a sepultura de Lazaro. Era uma gruta cuja entrada estava fechada com pedra. « Tirai a pedra », mandou o Salvador. Martha disse-lhe : « Senhor, já está cheirando mal ». Jesus, volvendo o olhar para o céu, pronunciou estas palavras : « Meu Pae, eu vos dou graças por me terdes atendido. Eu sei que me atendeis sempre ; mas eu falo assim para este povo que me rodeia, para elle acreditar que sois vós que me enviastes. » E clamou com voz forte : « Lazaro, sae! » E logo, o morto saiu vivo. Muitos dentre os Judeus presentes ficaram admirados deste milagre e creram em Jesus Christo. (*S. João*, XI, 1-45.)

« Os milagres, diz santo Agostinho, tornam a autoridade patente, e a autoridade exige nossa fé. » Nosso Senhor provou de modo claro a sua autoridade divina. Cumpre agora ficarmos atentos ao ensino dimanado dos seus labios.

CAPITULO III

A Lei evangelica

Preambulo. — Divisão deste capitulo.

Temos o quadro historico do ensino religioso transmitido por Jesus Christo : tres annos de passeios evangelicos pela Judéa e a Galiléa. Acabamos de contemplar a lhaneza que o divino fundador do Christianismo usa para amenisar a elevação incommensuravel da sua doutrina : emprega uma linguagem comezinha, a mais simples ; muitas vezes, vale-se de parabolas. « E' leite para as crianças, e no mesmo tempo, pão para os fortes », disse Bossuet. Como garantia da sua palavra, elle apresenta obras de omnipotencia : seus milagres. No monte da Transfiguração como nas margens do Jordão, Deus Pae deu a conhecer o seu enviado : é o Filho bem amado, objecto de suas complacencias. « Escutai-o ! » accrescenta o Pae todo poderoso.

Qual foi, pois, este ensino religioso do Filho de Deus feito homem? Tomemos o Evangelho, e ali teremos a sua essencia pura e admiravel. Os ouvintes da sua palavra recolheram o seu écho fiel, e elles nol-o communicaram tal qual o tinham recebido, quasi sempre segundo a ordem dos tempos e das circumstancias. Mas, para fazermos uma idéa sinão mais exacta, pelo menos mais methodica e mais de acordo com nosso fim, vamos dividil-a agrupando-a como se fez para a Religião mosaica, em diversos pontos que constituem a substancia de qualquer religião.

Ha 1º *o dogma christão*, conjunto de verdades e

mysterios que pertencem exclusivamente á ultima revelação ; 2º uma *moral christã*, constando dos puros e novos preceitos do Evangelho, assim como dos conselhos de perfeição que Deus deu aos seus discipulos ; 3º *novos meios de sanctificação* estabelecidos para os filhos da nova aliança : a *graça* e os *sacramentos ;* 4º emfim, as relações do homem com Deus são regidas por um *culto* novo, mais excellente, mais perfeito. E' o conjunto destes ensinos todos, constituindo a *Lei evangelica*, que passamos a estudar nos quatro artigos abaixo.

ARTIGO I

O dogma christão.

I. O symbolo dos apostolos, resumo da fé nova. — II. Deus e a Trindade. — III. A Creação : o mundo, os anjos, os homens. — IV. A Incarnação. — V. A Redempção. — VI. A Igreja. — VII. A Resurreição e a vida futura.

I. *O Symbolo dos apóstolos, resumo da fé nova.* — Qualquer religião tem suas crenças e assenta sobre dogmas. A Religião christã, aperfeiçoamento da Religião mosaica, devia ter tambem seu ensino dogmatico mais preciso, mais completo. Vindo do céu, Jesus Christo nos trazia luz do céu ; « vê-se que está inteirado de todos os segredos de Deus, sem que por isso fique admirado como os outros mortaes a quem Deus se manifesta : delles fala naturalmente, como quem nasceu no seio destes arcanos, no resplendor desta gloria ; e o que possue sem limites, elle o derrama aos poucos para não amedrontar a nossa fraqueza. » (Bossuet.)

Não está mais por compendiar este ensino dogmatico. Os apóstolos o têm feito cabalmente no Symbolo que traz o seu nome : resumo claro, completo, defi-

nitivo, lavrado para os tempos todos, todos os lugares, e todas as almas. Em meio das trevas e dos erros que pesavam sobre o mundo, era deveras, uma inovação divina, a promulgação destas doze afirmações solemnes. Todavia, os apostolos não foram inventores. O verdadeiro Revelador, foi Jesus Christo, e basta corrermos os olhos pelas paginas sagradas do Evangelho para vermos que é do Filho de Deus feito homem que dimanaram os dogmas christãos sobre Deus, a Trindade, a creação, a Incarnação, a Redempção, a Igreja, a Resurreição dos corpos, a vida futura, o céu, o inferno.

II. *Deus e a Trindade.* — Já o povo de Israel conhecia e adorava o Deus unico, espiritual e invisivel. Mas o mysterio de sua natureza não estava revelado por completo. « Deus é *espirito,* » afiança Nosso Senhor conversando com a Samaritana; e lembra ao doutor da lei a palavra divina : « Escuta, ó Israel, o Senhor, teu Deus é unico. » A natureza intima de Deus, a sua augusta Trindade, só fôra mostrada ao povo antigo com figuras e symbolos. No baptismo de Nosso Senhor, manifestam-se as tres pessôas divinas. Jesus Christo envia seus apostolos baptisar as nações « em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. » Depois, dá a conhecer o Espirito Santo que elle ha de mandar. Os tres têm pois a mesma natureza, e a Trindade é revelada ao mundo.

III. *A creação : o mundo, os anjos, os homens.* — A pura noção de um Deu screador tinha-se ennuviado com os pagãos, que vacilavam entre estes dois extremos : um mundo eterno ou produto do acaso. Entre os Judeus, conservára-se o dogma da creação. Mas Jesus Christo nos mostrou particularmente a Providencia desvelando-se por todas as obras saidas das suas mãos, sem nunca abandonal-as aos capri-

chos da sorte. (*S. Math.*, VI, 26-34.) Dentre as creaturas de Deus, algumas ha invisiveis cuja natureza, cuja missão vem especialmente mencionada no Evangelho : são os *anjos*, creados todos na graça, sendo que uns, sempre fieis, são os bons anjos, e outros rebeldes contra Deus tornaram-se os *demonios*. Uns e outros intervêm na historia da humanidade : os primeiros para nos amparar e nos valer ; os outros para nos tentar e perder-nos.

O homem saiu das mãos de Deus por via da creação ; o livro de Moysés o lembrava. Mas, sobre ser a noção da alma apenas bosquejada na lei de Moysés, tinha-se alterado muito entre as nações idolatras. A mor parte dos philosophos ou negava a sua existencia ou relutava muito para acredital-a immortal ; ora consideravam-na como parte da divindade, ora acreditavam na sua transmigração. Jesus Christo estabeleceu numa luz perfeita a dignidade, a imortalidade, o destino futuro da nossa alma. Distinta do corpo, não morre com elle ; mas comparece perante Deus e recomeça uma vida nova e eterna.

IV. *A Incarnação.* — Um Salvador fôra promettido ao mundo. Quem seria? Filho da raça humana, descendente de Abrahão, herdeiro de David : é tudo quanto sabiam os proprios Judeus. Cumpria a Jesus Christo descobrir-nos os mysterios de sua Incarnação e de nossa Redempção. Escutemol-o quando fala da sua propria pessôa : « Eu sai de meu Pae, vim no mundo e volto para meu Pae. » (*S. João*, XVI, 28) « Eu vol-o digo, na verdade eu era antes de Abrahão existir. » (*Ib.*, VIII, 58.) Em multiplas ocorrencias, Jesus Christo se proclamou Filho de Deus, semelhante a seu Pae ; e é por ter dito que era Filho de Deus que seus inimigos o condenaram á morte.

Esta grande verdade da Incarnação é como que o eixo principal de toda a Religião christã: nossas

crenças, nossos deveres, nosso culto se escudam neste dogma fundamental, de maneira que são Paulo pôde escrever: Na nova Religião, tudo é de Jesus Christo, por Jesus Christo, e em Jesus Christo. » (*Rom.*, XI, 36.)

V. *A Redempção.* — Este mysterio completa o precedente e remata o conhecimento que temos do Salvador. Os Judeus esperavam por um libertador, mas nem siquer suspeitavam que o libertador promettido seria o Filho de Deus. Não imaginavam que unindo a natureza divina á natureza humana, elle seria o Salvador de seus irmãos dando á sua redempção um preço infinito. Ora, é isto precisamente que Jesus Christo nos deu a conhecer. Assim que entrou na vida, elle tinha-se offerecido a Deus como victima. Todos os seus pensamentos, todas as suas palavras, todos os seus actos, todos os seus trabalhos, todos as suas dôres outro fim não tiveram sinão a santificação e a salvação de todos aquelles que teriam fé em seu nome. (*S. João*, XVII, 19.) Mas é principalmente por sua morte que ha de realisar a redempção do genero humano : « Eis que vamos subindo para Jerusalem, e o Filho de homem será entregue aos principes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão á morte ; hão de abandonal-o nas mãos dos gentios para elle ser insultado, flagelado, crucificado. » (*S. Math.*, XX, 17-19.) Quanto ao resultado final, Caiphas o vaticinava sem o saber quando dizia : « E' expediente que um homem morra por todo o povo. » (*S. João*, XVIII, 14.) E são Paulo poderá apregoal-o : « Fomos reconciliados com Deus pela morte do seu Filho. » (*Rom.*, V.)

VI. *A Igreja.* — Para continuar a execução do seu plano, para perpetuar pelos seculos além o ensino da sua doutrina de verdade, como tambem para

transmitir a todos os homens o beneficio de sua graça, Nosso Senhor instituiu a Igreja. Já externava este intuito quando dizia a Pedro depois de ter-lhe mudado o nome : « És Pedro, e nesta pedra edificarei a minha Igreja. » Lançou os alicerces quando escolheu os doze apostolos e lhes confiou a missão de pregar o Evangelho. Elle regulamentou a sua constituição divina estabelecendo um chefe supremo na pessôa de Pedro e dos papas sucessores deste, escolhendo apostolos para governar os fieis, chamando discipulos para serem coadjutores dos apóstolos, convidando finalmente todos os homens a entrarem neste aprisco unico do qual elle queria ser para sempre o unico Pastor.

Para resguardar esta Igreja de qualquer erro no ensino, Jesus Christo prometeu estar com ella até o fim dos seculos. O Salvador fez a Pedro e aos papas que haviam de lhe-succeder, promessas especiaes, para que essa infalibilidade doutrinal tivesse seu orgam permanente : « Eu te darei as chaves do reino dos céus : tudo quanto ligares será ligado... Apascenta meus cordeiros, apescenta minhas ovelhas, » isto é, dirige, toma conta do rebanho inteiro.

Emfim Nosso Senhor determinou os caracteres de sua Igreja : não só exigiu que ella fosse *uma* pela crença e pela submissão ao mesmo pastor supremo, elle quiz mais que fosse *santa* e santificante pela comunicação fiel da verdade e da graça, *catholica* pela universalidade da pregação e pela difusão de seus membros, *apostolica* pela invariabilidade do ensino e do ministerio do qual eram depositarios os apostolos.

Ali está a Igreja fundada por Christo, o unico aprisco em que se acha a salvação, pois o divino Fundador o disse : « Aquelle que tiver a fé e fôr baptisado será salvo ; aquelle que não tiver a fé será condenado. » (*S. Marcos*, XVI, 16.) ; e em outro passo : « Si alguem

não escutar a Igreja, seja elle tratado como pagão e publicano. » (*S. Math.*, XVIII, 17.)

VII. *A resurreição e a vida futura.* — Deus já tivera o cuidado de pôr alguns rudimentos destas verdades nas antigas Escripturas. Todavia, mesmo no seio da nação judaica, e até nas classes da synagoga e do sacerdocio, os saduceus não acreditavam na resurreição dos corpos e faziam da vida immortal uma idéa erronea.

Nosso Senhor lembrou-lhes este dogma positivo da resurreição, asseverando que o Deus dos seus antepassados não é o Deus dos mortos, mas sim dos vivos e que depois da resurreição, os homens no céu serão como os anjos de Deus (*S. Math.*, 22-23.) No quadro que traçou do fim do mundo, Jesus Christo fala da resurreição geral, ao clangor da trombeta do anjo, e no juizo que ha de seguir.

Mas que será esta vida futura? Haverá para os os verdadeiros filhos de Deus, uma vida eternamente feliz. A nação judaica não fazia disto sinão uma ideia muito imperfeita, e não raro, a exemplo dos povos pagãos todos, fantasiava um céu a seu talante, segundo seus caprichos. « A vida bemaventurada, diz Nosso Senhor, é estarmos com elle, na gloria de Deus seu pae, é conhecermos ao unico verdadeiro Deus e a Jesus Christo que elle enviou. » (*S. João*, XVII, 3.) ; é vel-o face a face, desvelado, contemplação que nos faz participantes da propria gloria e felicidade divina : « Nós seremos como elle, porque o veremos tal qual elle é. » (*S. João*, III, 2.)

Ha mais outra vida eterna, a dos filhos infieis ou rebeldes : é o *inferno*. O conhecimento que se tinha delle era imperfeito ou desfigurado ; Jesus Christo nol-o communicou na integra. O inferno é um lugar de suplicios onde os reprobos ficam separados de Deus, padecem num fogo inextinguivel,

onde o remorso os punge qual um verme roedor, e estes tormentos hão de durar a eternidade inteira. (*S. Math.*, xxv, 46.)

Entre estes dois destinos, um eternamente venturoso, o outro desgraçado para sempre, ha comtudo uma situação intermediaria, transitoria, porém, e temporal : é o *purgatorio*, onde as almas menos culpadas saldam suas dividas, esperando sua libertação e a posse do céu onde não entra nenhuma macula. (I *Cor.*, III, 11.)

E' este o resumo do ensino dogmatico de Jesus Christo, complemento e aperfeiçoamento das crenças das revelações antigas.

ARTIGO II

A moral christã.

I. O Decalogo aperfeiçoado. — II. O novo preceito da caridade. — III. A lei do sacrificio. — IV. Conselhos de perfeição.

I. *O Decalogo aperfeiçoado.* — « Junto com estas recompensas novas, — a vista de Deus num amor sem limites, um jubilo immenso, e um triumpho sem fim, — Jesus Christo, diz Bossuet, precisava apresentar tambem novas idéas de virtude, praticas mais perfeitas, mais acendradas. » Isto fez elle, logo no começo da sua pregação evangelica, no esplendido *sermão sobre o monte*, que igualmente se poderia chamar o *Decalogo aperfeiçoado.*

« Não penseis, diz Nosso Senhor, que eu vim a destruir a lei e os prophetas ; eu não vim para destruil-os, sinão para cumpril-os. » A execução da lei, é este o primeiro requisito para entrar na vida eterna. (*S. Math.*, XIX, 17.) Entretanto, o divino Mestre vae salientar os pontos principaes, e aperfeiçoal-os.

« Sabeis que foi dito : « Não sereis perjuros, e

observareis as promessas que tiverdes feito ao Senhor. » E eu vos digo de não jurar de maneira alguma ; falareis somente : « E', » ou : « Não é. »

« Sabeis que foi dito : « Não matareis. Mas eu vos digo : quem entrar em colera contra seu irmão merecerá ser condenado pelo juizo. Aquelle que disse a seu irmão : « Raca, » merecerá ser condenado pelo conselho. E aquelle que lhe disser : « És um louco, » merecerá ser condenado ao fogo do inferno. »

« Foi dito : « Olho por olho, dente por dente. » Eu vos digo : Si alguem vos ferir na face direita, apresentai-lhe mais a outra. — Foi dito : « Amareis vosso proximo e odiareis ao vosso inimigo. » E eu vos digo : Amai vossos inimigos ; fazei bem áquelles que vos aborrecem ; orai por quem vos persegue. »

« Sabeis que foi dito : « Não cometereis adulterio. Eu vos digo : quem olha para uma mulher com desejo máu, já cometeu adulterio no seu coração. Si fôr, por conseguinte, para vós, o vosso olho esquerdo occasião de escandalo, arrancai-o e atirai-o ao longe que melhor é, um dos vossos membros perecer, doque o vosso corpo inteiro ser lançado no inferno. »

Cumprir a lei não basta ; é preciso mais observal-a com intenção pura. « Tomai cuidado em não praticar obras bôas para serdes vistos pelos homens. Quando dais esmola, não saiba a vossa mão esquerda o que fez a mão direita. — Quando orais entrai no vosso quarto, e de portas fechadas, ora ao vosso Pae no segredo. Não seja a vossa oração como a dos pagãos que imaginam serem atendidos por um sem numero de palavras que pronunciam. Assim rezareis : *Padre nosso*, etc. — Quando estais jejuando, não fiqueis tristes como os hypocritas, mas ponde perfume na cabeça e lavai o rosto ; e vosso Pae que vê as cousas occultas, dar-vos-á a recompensa. (*S. Math.*, v-vii.)

II. *O novo preceito da caridade.* — O fim da religião,

a alma das virtudes e a synthese da lei, é a caridade. Mas, antes de Jesus Christo, pode-se dizer que a perfeição e os efeitos desta virtude não eram bem conhecidos. Elle nol-os vae ensinar. Um doutor perguntava-lhe : « Mestre, qual é o maior mandamento da lei? » Jesus responde : « Amareis ao Senhor vosso Deus com todo a coração, com toda a alma, com todo o espirito. É o primeiro e o maior de todos os mandamentos. Eis o segundo semelhante ao primeiro : Amareis ao proximo como a vós mesmos. Encerram estes dois mandamentos a lei toda e os prophetas. » (*S. Math.*, XXII, 36-38.)

Mas onde se deve extremar o amor de Deus? No odio de nós mesmos, no sacrificio de tudo por amor de Deus. « Pois, si alguem, diz Jesus Christo, ama a seu pae, a sua mãe, a seu filho mais do que a mim, não é digno de mim. » (*S. Math.*, V, 44.) Quanto ao amor do proximo, não deve excluir ninguem, nem ter limites ; cumpre-nos amar até nossos inimigos, fazer bem áquelles que nos odeiam, orar por aquelles que nos perseguem .(*S. Math.*, V, 44.) « Dai, e os outros vos darão. » (*S. Lucas*, VI, 38.) « Não julgueis e não sereis julgados ; não condeneis e não sereis condenados. » (*S. Math.*, VIII, 1.) Dir-se-ia que a nossa sentença, no ultimo dia, será de acordo unicamente com a maior ou menor fidelidade a este importantissimo dever da caridade christã.

III. *A lei do sacrificio.* — A lei caracteristica do Evangelho, é, com a caridade, a lei do sacrificio. « Si alguem quer me acompanhar, faça elle o sacrificio de si proprio, carregue a sua cruz, e siga as minhas pisadas, » falou o divino Mestre. (*S. Math.*, XVI, 24.) « Logo, a cruz é a verdadeira prova da fé, o verdadeiro alicerce da esperança, o perfeito acrysolamento da caridade, numa palavra, a estrada do céu. Jesus Christo morreu na cruz ; toda a vida, elle a tinha

levado ; pela via da cruz quer que andemos, no seu encalço, e por este preço, concede-nos a vida eterna... Assim foi apresentado ao mundo, na pessôa de Jesus Christo, o modelo de uma virtude perfeita que nada tem e não espera nada sobre a terra ; virtude que os homens premeiam com perseguições e oprobrios, que não deixa entretanto de os beneficiar com novos favores, e á qual estes mesmos beneficios acarretam o ultimo suplicio. » (Bossuet). Esta lição não foi deixada no, e a doutrina do sacrificio presenteou o mundo com os apóstolos, martyres, virgens, e santos de todos as idades e condições.

IV. *Conselhos de perfeição.* — De par com os preceitos ,obrigatorios para todos, a lei evangelica encerra mais conselhos de perfeição para as almas privilegiadas que Deus chama a um maior gráu de gloria e santidade.

Um dia, um moço avisinha-se do Salvador e pergunta-lhe o que precisa fazer para ganhar a vida eterna. « Observai os mandamentos, » lhe responde Jesus. « Mestre, assim tenho feito desde a minha infancia, » redargue o moço. « Pois bem! continua o Salvador, si quizerdes ser perfeito, ide, vendei vossos bens, dai o preço aos pobres, e vinde commigo! » Está aí o desapego completo, o verdadeiro espirito de *pobreza christã.*

Os phariseus interrogam a Nosso Senhor acerca do matrimonio. Esta instituição é divina, e o Salvador lembra a sua origem, a sua lei fundamental, a sua indissolubilidade. E logo após, faz o pensamento dos seus ouvintes remontar a uma vida mais perfeita : é o celibato religioso, observado para imitar a Deus e agradar-lhe. Esta copia da vida angelica, é a *castidade perfeita.*

Emfim, si é de todos a submissão aos preceitos divinos, é louvavel, ainda que não prescripto, aceitar,

por livre escolha da vontade, uma vida de obediencia e sujeição, constituir-se o servo dos outros e o livre escravo dos superiores : é a *perfeita obediencia.*

Logo, renunciar ao gozo, viver no corpo como si não se tivesse corpo, deixar tudo, dar tudo aos pobres e possuir a Deus só, viver com pouco, quasi nada, e esperar este pouco da Providencia divina : eis a perfeição aconselhada, a base justamente da vida religiosa.

ARTIGO III

A graça e os Sacramentos.

I. A graça, elemento indispensavel de santificação e salvação. — II. Meios estabelecidos por Jesus Christo para communicar a graça : 1º a oração ; 2º os sete sacramentos.

I. *A graça, elemento indispensavel de santificação e de salvação.* — Receber o ensino de Jesus Christo e crer toda a sua doutrina, conhecer e praticar os preceitos de moral que elle veiu trazer ao mundo : eis o duplo dever que nos impõe a lei evangelica. Mas, dentre as verdades que constituem o dogma christão, algumas ha que excedem a inteligencia humana, *mysterios* para o nosso entendimento ; logo, não as podemos conhecer sem uma luz especial de Deus, e nem as podiamos crer com uma fé sobrenatural e meritoria sem o socorro de Deus. Da mesma forma, não podiamos conhecer todos os sublimes deveres da moral christã sem uma revelação divina, e sobretudo, nunca conseguiriamos observal-os todos e sempre, si Deus nos não auxiliasse. E mais, a vida eterna, propria visão e posse de Deus, está infinitamente acima de nós : não a podiamos alcançar. Ora, Jesus Christo, doutor divino, salvador e redemptor da humanidade, por este titulo, tinha obrigação de

instituir meios eficazes para assegurar o cumprimento de sua divina vontade. Foi o que elle fez por um socorro indispensavel e sempre promto : *a graça.*

« Ninguem, diz o Salvador pode vir a mim si meu Pae não o atrae » (*S. João*, v, 44.) : é a graça que nos convida. « Sem mim, diz elle em outra passagem, nada podeis fazer » (*Ib.*, xv, 5) : é a graça que nos auxilia. No mesmo tempo, indica que elle mesmo é autor e fonte de toda a graça : « Um galho, diz elle, não póde dar fruto por si proprio, sem ficar unido ao pé da vinha : o mesmo se dá comvosco si não permaneceis em mim. Eu sou a videira e sois os galhos. » (*S. João*, xv, 5.) Emfim, todas as graças necessarias, elle é quem nol-as mereceu por seus sofrimentos e por sua morte : « Quando eu fôr elevado na cruz, hei de atrair tudo para mim. » (*Ib.*, xii, 32.) Toda a tradição catholica portanto, a começar com são Paulo, interpretou tão somente a doutrina do Mestre, promulgando os dogmas da graça, da sua existencia, da sua necessidade, de seu dom gratuito, de sua eficacia, sem prejuizo para o exercicio e a permanencia da liberdade humana.

II. *Meios estabelecidos por Jesus Christo para communicar a graça : a oração e os sete sacramentos.* — A graça é indispensavel, ella nos foi prometida, e Deus nol-a dá gratuita. Todavia Jesus Christo requer de nós, para a alcançarmos, o unico esforço que podemos fazer : obriga-nos a pedil-a e a valer-nos dos meios ordinarios por elle proprio estabelecidos para sua communicação. Dali o preceito da *oração* e a instituição dos *sete sacramentos.*

1º *A oração*, o é apelo da alma em todas as suas precisões ; ellas são continuas, portanto temos de orar sempre : é o preceito do divino Mestre. E de facto, por toda a parte, deparamos com a luta ; por todos os lados nos acomete a tentação : « Vigiai e orai,

diz Jesus Christo, para não cairdes na tentação. » (*S. Math.*, xxvi, 41.) E manda que rezemos todos os dias : « O pão nosso de cada dia nos dai hoje... Livrai-nos do mal. »

2º *Os sete sacramentos.* — Ha ocorrencias na vida em que, mais imperiosas, nos apertam as precisões da alma. Nestes lances, não necessitamos somente de um amparo momentaneo : é da amizade de Deus que carecemos ; é a graça habitual ou santificante que temos de recuperar ou augmentar. Ora, para todos estes casos, Jesus Christo estabeleceu *sete sacramentos*, que são outros tantos meios de santificação, outros tantos canaes que conduzem a graça.

1. *O Baptismo.* — No dia de seu proprio baptismo, nas aguas do Jordão, elle tinha santificado os elementos deste sacramento ; promulga a instituição e a lei nova quando ordena a seus discipulos : « Ide, ensinai a todos os povos ; baptisai-os em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo. Aquelle que crêr e fôr baptisado será salvo ; aquelle que não crer será condenado. »(*S. Marcos*, xvi, 16.)

2. *A Confirmação.* — Por diversas vezes, Nosso Senhor dera aos apóstolos a promessa de lhes mandar o Espirito Santo que lhes ensinaria todas as verdades, infundido nelles uma força sobrenatural. Receberam-no em dia de Pentecostes, e nós os vemos, acto continuo, impôr as mãos, elles proprios, sobre os christãos baptisados, communicando-lhes os dons do Espirito Santo. É evidente que para isso, tinham recebido ordem de Jesus Christo, e pelos efeitos que seguiam a esta imposição das mãos, concluimos que ella é uma instituição divina.

3. *Penitencia.* — « Recebei o Espirito Santo, dissera o Salvador a seus apostolos ; os pecados serão remitidos áquelles a quem os remitirdes, e serão retidos aquelles a quem os retiverdes. » (*S. João*, xx, 23.) Estas palavras são a origem, para os apóstolos e seus successores,

do extraordinario poder de perdoar os pecados, e para todos os christãos, da obrigação de recorrer a este meio de remissão sempre que tiverem ofendido a Deus: a confissão das faltas cometidas, junto com o arrependimento será a condição primordial do perdão.

4. *Eucharistia.* — Lembramos a promessa desta augusta instituição na fala de Nosso Senhor aos Judeus de Capharnaum. Realisou-a Jesus Christo, na quinta-feira santa, quando, finda a Ceia, elle tomou pão, benzeu-o, partiu-o, e o distribuiu a seus apostolos dizendo : «Tomai e comei: isto é meu corpo». Tomou depois o calice que continha vinho, e disse : « Tomai e bebei, isto é meu sangue. Fazei o mesmo em memoria de mim. » (*S. Lucas*, XXII, 19.)

5. *Extrema Unção.* — O Salvador encarecera especialmente aos seus apóstolos o desvelo pelos enfermos, pela cura dos doentes. (*S. Math.*, x, 8; *S. Lucas*, x, 9.) Mas, estabeleceu para alivio espiritual e corporal dos doentes um sacramento que é a Extrema Unção. Já quando Nosso Senhor ainda vivia, os apóstolos praticavam unções sobre os membros dos enfermos e curavam muitos (*S. Marcos*, VI, 13.) Depois da ascensão de Christo, este uso vem lembrado, por são Thiago, em termos que não deixam duvida quanto á sua instituição divina. (*S. Thiago*, v, 14-15.)

6. *Ordem.* — Nosso Senhor tinha prometido a seus apóstolos os varios poderes correlativos das suas funções : tinham que baptisar, remitir os pecados, anunciar a palavra de Deus, derramar os dons e as graças do Espirito santo, etc. Na quinta-feira santa, outorgou-lhes o maior poder, o de mudar, assim como elle proprio acabava de fazer, o pão em seu corpo e o vinho em seu sangue : « Fazei isto em memoria de mim. » Assim estava o sacramento da Ordem instituido e administrado aos apóstolos, com a faculdade para estes de transmitil-o aos seus successores até o fim dos seculos.

7. *O Matrimonio.* — Ao assistir ás bodas de Cana, Jesus Christo tinha chamado sobre os jovens conjuges as bençams do Céu. Este compromisso que ligava o homem e a mulher, foi por Nosso Senhor elevado á dignidade de sacramento, quando, recordando a origem do matrimonio no berço da humanidade, elle restituiu a esta instituição a sua pureza primitiva : « Por isso é que o homem ha de deixar seu pae e sua mãe para tomar uma esposa ; e elles não formarão por assim dizer sinão um unico ser. Não separe, pois o homem o que Deus uniu ! » (*S. Math.*, XIX, 5-6.)

Taes são os sacramentos da lei nova, muito differentes dos sacramentos figurativos da antiga lei. Estes não passavam de meros signaes da graça, não a produziam por si mesmos ; emquanto os sacramentos da lei nova não só significam a graça, mas tambem produzem-na por sua operação propria, em virtude da sua instituição divina.

ARTIGO IV

O culto christão.

I. Culto mosaico e culto christão. — II. Excelencia e superioridade do culto christão. — III. O sacrificio do nova lei.

I. *Culto mosaico e culto christão.* — O culto mosaico era a figura do que havia de ser o culto christão. Não ha que admirar portanto, si encontrarmos nelles muitas analogias. Assim o sacerdocio christão, com seu sumo pontifice, seus bispos, seus sacerdotes e seus ministros inferiores, lembra o sacerdocio de Aarão que, tambem elle, tinha seu sumo sacerdote, seus principes dos sacerdotes, seus sacrificadores e seus levitas. O nosso domingo tomou o lugar do antigo Sabbado ; santificamos este dia pelo des-

canso, assim como faziam os Judeus, nossos predecessores. Costumavam reunir-se en dia de Sabbado, na synagoga ou no templo, para ouvirem a leitura e a explicação da lei e cantar os louvores do Senhor. Mais, os que habitavam Jerusalem providenciavam para assisterem ao sacrificio do cordeiro immolado no templo. Os christãos, igualmente, hão de reunir-se, no domingo, em sua igrejas, para ali cantarem os louvores de Deus e ouvirem as sagradas praticas. O sacrificio novo, instituido por Nosso Senhor, é o acto por excelencia de seu culto e todos devem presencial-o.

Até as nossas igrejas estão edificadas segundo o modelo do tabernaculo e do templo antigo. Como o templo de Jerusalem, ellas têm a sua consagração pelo oleo santo ou sua bençam pela agua benta e a oração. O altar, nomeadamente, ha de ser consagrado por causa de seu alto destino. O tabernaculo da Eucharistia substituirá o Santo dos santos que encerrava a arca da aliança.

Os Judeus tinham as suas festas comemorativas da Paschoa, de Pentecostes, da Dedicação do templo. Os christãos terão, por igual, festas com os mesmos nomes, mas memorias novas, relacionando-se com os magnos acontecimentos da nova lei. O jubileu temporal da Synagoga sumir-se-á perante o jubileu espiritual da Igreja : o anno jubilar não será mais o anno da remissão das dividas, da restituição das heranças, mas sim, o anno de graça e perdão para os pecados e para as dividas espirituaes da nação e dos individuos. Numa palavra, as figuras do culto mosaico hão de desaparecer perante a realidade do culto christãoque se ha de tornar culto universal.

II. *Excelencia e superioridade do culto christão.* — Em todas em as religiões pagãs, e até no culto mosaico um grande erro se introduzira e tinha prevalecido :

a adoração e o respeito da divindade ficavam immersos, abafados debaixo da forma exterior e das ceremonias. Jesus Christo censurava os phariseus por isso : « Este povo me honra com os labios, mas seu coração está longe de mim. » (*S. Math.*, xv, 8.)

Jesus Christo ensinou um culto novo que elle proprio apelidava « o culto em espirito e em verdade ». Elle revelou a Samaritana que a adoração sincera tirava o seu valor do espirito e do coração que a offereciam. O culto christão será pois, antes de tudo, um *culto interior*, ao qual a alma ha de consagrar a inspiração e a vida.

Todavia, o homem não é uma inteligencia pura: tem um corpo e orgams a serviço da alma. Porquanto o culto christão apossar-se-á do homem pelos sentidos, mas para levantal-o depois, nas azas da fé, até o trono de Deus. É a origem no nosso culto, das orações vocaes, do canto, das ceremonias liturgicas tão adequadas á dupla necessidade da nossa natureza. Jesus Christo e os apóstolos podem ter tirado a sua substancia ou seus elementos do culto mosaico, mas aperfeiçoaram-lhe a forma e modificaram-lhe o espirito; desta maneira, os edificios christãos, as festas e as ceremonias das nossas igrejas são para as almas um ensino e uma lição ; para os corações, um meio de subirem até Deus; para o nosso ser inteiro, a expressão do culto o mais perfeito.

Deus é o seu objecto primo e essencial; Jesus Christo é o medianeiro, e os mysterios de sua vida terrestre, sempre postos debaixo dos nossos olhares são o alimento da nossa piedade. A Virgem Maria, os Anjos e os Santos participam das nossas homenagens, mas unicamente como intermediarios que os transmitem a Deus. Neste deposito, reserva a um tempo tão simples e tão rica, o genio e a fé hão de vir haurir, para todo o sempre, as suas mais sublimes inspirações : não são a architectura, a estatuaria, a

pintura, a musica, como tambem a poesia e a eloquencia, os auxiliares, as servas do culto catholico?

III. *O sacrificio da lei nova.* — Mas, no culto, o que occupa o primeiro lugar, é o *sacrificio.* Dali o papel saliente que, na lei mosaica, desempenhavam os sacrificios oferecidos no templo. Tudo isto era para impressionar os sentidos. A lei nova dirige-se directamente á alma. E por esta razão, no christianismo, o sacrificio eucharistico, memorial vivo da morte do Salvador, realisa os quatro fins dos sacrificios antigos, meras figuras daquelle. É a um tempo um sacrificio de *holocausto* ou adoração, sacrificio *eucharistico* ou de acções de graças, sacrificio *propiciatorio* ou de expiação pelo peccado, sacrificio *impetratorio* ou de petição.

« Si reduzirmos o culto catholico á sua expressão primordial e essencial, nada ha mais simples, nada que exija menos aprestos : um pouco de pão, um pouco de vinho, quatro palavras da bocca do sacerdote, eis o sacrificio da missa, alma deste culto, e que até, em rigor, chega para constituil-o. Mas este culto, tão simples em si mesmo, de que modo admiravel não se presta elle, no seu desdobramento exterior, ás pompas grandiosas, soberbas! Torna-se expressão eloquente das nossas adorações, da nossa fé! De facto, o proprio Christo é, no mesmo tempo, victima e sacrificador. Immolado verdadeiramente, ainda que de modo incruento, elle salda a nossa divida de gratidão e de expiação. Feito victima e alimento sob as aparencias do pão e do vinho, representa e continua o sacrificio do Calvario e o mysterio da Ceia ; realisa as figuras da lei antiga, a immolação e a manducação do cordeiro pascoal : estabelece entre Deus e nossas almas esta união intima que é a meta e o ideal da Religião toda.

CAPITULO IV

Ultimos acontecimentos da vida mortal de Jesus Christo

(Anno 33 da era christã.)

Esboço geral. — Divisão deste capitulo.

Em todo o lugar Nosso Senhor tinha semeado a sua doutrina e deixado ao mundo o espectaculo das suas virtudes e dos seus exemplos. Dois partidos se tinham formado, e tomavam campo a respeito de sua pessôa e da sua obra : um constava de discipulos admiradores da sua doutrina e dos seus milagres e avultava cada vez mais. A resurreição de Lazaro, praticada em circumstancias tão extraordinarias, tinha augmentado consideravelmente o numero dos crentes e os phariseus, ciumentos, diziam do Salvador : « Não ganhamos nada, eis que toda a gente anda correndo atraz delle. » O outro partido, hostil e ardoroso, composto de todas as seitas judaicas, chefiado pelos principes dos sacerdotes, os escribas e os phariseus, se aferrava sempre mais no seu odio a Jesus Christo a ponto que ordens tinham sido dadas para se apoderarem delle. É no meio destas divisões da opinião que vae ultimar-se a carreira mortal do Filho de Deus.

Jesus viera não somente para instruir o mundo e trazer-lhe uma religião mais perfeita, mas tambem para remir a humanidade culpada. Ora esta redempção havia de cumprir-se pelo sacrificio da sua vida e a efusão do seu sangue. Fica por examinarmos como, no dia immediato ao mais esplendido triumpho, Nosso Senhor, alvo do odio, deixou ao mundo a manifestação suprema de seu amor na ultima ceia,

na quinta-feira santa, e logo depois no Calvario ; como sua Paixão e sua morte completaram a obra da nossa Redempção. Todavia, o triumpho da iniquidade pouco durou ; tres dias depois da sua morte, Jesus Christo resuscita, depois, torna publica a sua victoria por aparições gloriosas, e no quadragesimo dia após a sua saída do sepulcro, sobe no céu, dando por sua Ascenção o remate á sua obra divina. Vamos estudar estes factos importantes nos dois artigos seguintes : o primeiro, consagrado á narração da *Paixão* e *morte* de Nosso Senhor ; o segundo, destinado a explicar a sua *vida gloriosa.*

ARTIGO I

Paixão e Morte de Jesus Christo.

I. Entrada triumphal em Jerusalem. — II. A ultima Paschoa. — III. Paixão e morte do Salvador. — IV. Redempção.

I. *Entrada triumphal em Jerusalem.* — Depois da resurreição de Lazaro, Jesus tinha-se retirado em Ephraim, para o Jordão, num paiz solitario. No entanto avisinhava-se a festa da Paschoa, e elle tencionava celebral-a pela ultima vez em Jerusalem, com seus discipulos. Dirigiu-se para està cidade passando por Jerichó, onde dá a Zacheu, o publicano, a salvação ; depois, estaciona em Bethania, na casa de Simão o Leproso. Lazaro ali estava, entre os convivas, e durante a refeição, veiu Maria Magdalena derramar nos pés do Salvador um vaso de alabastro cheio de aromas preciosos. No dia seguinte, logo de madrugada, Jesus partia de Bethania, em demanda da cidade santa. Chegado na fralda do monte das Oliveiras, mandou seus discipulos no arrabalde de Bethphagé, para desamarrar e trazer-lhe uma jumenta com o seu jumentinho. Era a humilde montaria

anunciada pelo propheta Zacharias, e em cujas costas, o rei da mansidão e da paz devia fazer a sua entrada triumphante. O povo de Jerusalem, porém, sabendo que Jesus vinha vindo, correu a seu encontro a victorial-o, levando na mão palmas e ramos de oliveira, juncando a estrada com folhagem e clamando : « Hosanna ao Filho de David ».

Emquanto descia o monte das Oliveiras, Jesus, ao contemplar a cidade, chorou sobre ella dizendo : « Ah ! si pelo menos neste dia que te é concedido, conhecesses Aquelle que te leva a paz ! Mas isto tudo é oculto por ora a teus olhos, e eis que vão raiar para ti dias aziagos em que teus inimigos te cercarão por toda a parte e de ti não deixarão pedra sobre pedra. » (*S. Lucas*, XIX, 29-44.) Rodeado por seu sequito entusiasta, Jesus entra em Jerusalem. Cinco dias depois desta ovação, o Salvador havia de subir ao Calvario carregando sua cruz.

11. *A ultima Paschoa.* — Jesus disse a seus discipulos : « Sabeis que a Paschoa festejar-se-á daqui a dois dias, e que o Filho de homem será entregue para ser crucificado. » Emquanto os apostolos iam aparelhando tudo para a solenidade, Judas Iscariote negociava com o principe dos sacerdotes, a traição do seu mestre. Na quinta-feira santa, vespera da Paschoa, o Salvador reuniu, para a tarde, os seus doze apostolos no cenaculo para comerem com elle o cordeiro pascal, consoante o ceremonial prescrito por Moysés. Terminada a refeição, Jesus levantou-se da mesa, tomou um panno, deitou agua numa bacia, e querendo dar a seus discipulos uma grande lição de humildade e de santidade, entrou a lavar-lhes os pés. « Eu vos dei o exemplo, acrescentou, para que façais como fiz, eu mesmo. » Depois tornou a sentar na mesa e anunciou que não ignorava haver entre os presentes um traidor. Não obstante, pro-

seguiu na instituição da sua obra de amor e misericordia.

Elle tomou o pão, e cumprindo a sua promessa antiga, benzeu-o dizendo : « Isto é meu corpo, tomai e comei. » Tomou tambem um calice de vinho, deu graças e entregando-o aos apóstolos, disse : « Bebei todos, isto é meu sangue, o sangue da aliança nova que será derramado para a remissão dos pecados. » Commungaram todos pela primeira vez ; Judas recebeu como os mais esta divina Eucharistia e cometeu seu horrivel sacrilegio.

A nova Paschoa era, no mesmo tempo, a instituição de um grande sacramento e de um sacrificio novo. Jesus Christo, pontifice soberano, oferecia uma victima que não era sinão elle proprio ; era o mesmo corpo, era o mesmo sangue que no dia seguinte haviam de ser entregues. A ultima ceia da quinta-feira santa veiu a ser o sacrificio da lei christã. Assim o quiz Nosso Senhor quando falou : « Fazei isto em memoria de mim. » É a realisação da prophecia de Malachias : os sacrificios antigos hão de desaparecer, e do poente ao oriente, ofertar-se-á, em nome do Senhor, uma oblação pura.

III. *Paixão e morte do Salvador.* — Depois de ter rezado o cantico de acções de graças, Jesus foi para o jardim das Oliveiras. Ali é que começou a paixão.

Ao ver os multiplos sofrimentos que o esperavam, ao ver a ineficacia destes para tantos pecadores, o Salvador sentiu sua alma vergada ao peso de uma tristeza amarga. Por tres vezes repetiu a mesma prece : « Meu pae, si fôr possivel, afastai de mim este calice ! Cumpra-se todavia, a vossa vontade e não a minha ! » Então, caindo em agonia, teve um como suor de sangue que escorria no seu corpo até o chão.

Entretanto os discipulos dormiam. Neste mo-

mento, Judas penetrava no jardim, com um magote de individuos armados com espadas e cacetes. Adiantou-se para Jesus e deu-lhe um abraço. Era a senha que elle tinha combinado. Os soldados meteram a mão no Salvador, e levaram-no algemado.

Nosso Senhor foi conduzido para a casa de Caiphas, sumo sacerdote naquelle anno. Elle passou a noite entregue aos maus tratos de soldados grosseiros que o molestaram continuamente com apodos, cuspo, e zombaria. Esbofeteavam-no dizendo : « Christo, faze uma prophecia, dize quem é que te bateu. » Nessa mesma noite, teve que sofrer o abandono de todos os seus discipulos que tinham fugido por cobardes ou amedrontados. Pedro, á voz de uma criada, renegou a seu Mestre, e ousou afirmar com juramento que nem conhecia aquelle homem. As lagrimas de uma vida inteira lavaram a mancha desta fraqueza. Mais culpado e sem arependimento, Judas, victima do desespero, tinha devolvido aos sacerdotes as trinta moedas de prata, preço da traição, e fôra enforcar-se. Os trinta dinheiros serviram, conforme o dissera um propheta, a comprar o campo de um oleiro para sepultura dos estrangeiros.

Na manhã da sexta-feira, reuniu-se o grande Conselho dos Judeus e pronunciou que Jesus merecia a morte. Mas elles não tinham o direito de infligir esta pena sem o beneplacito do governador romano. Por isso Jesus foi levado ao tribunal de Poncio Pilatos, e sofreu um interrogatorio. Nenhuma censura plausivel lhe pôde ser feita : assim o confessou Pilatos. Comtudo, sabendo que o Salvador era Galileu de nascimento, o governador o mandou a Herodes que regia essa provincia e se achava em Jerusalem por ocasião da festa.

Jesus teve que ouvir mais um interrogatorio deste, principe orgulhoso que esperava muito ver algum milagre. O silencio foi a unica resposta de Nosso

Senhor. Herodes ordenou que lhe dessem o vestido dos loucos e o enviou outra vez a Pilatos.

Este tinha desejo de salval-o. Era uso libertar-se um preso durante as festas da Paschoa. Ora, no calabouço, jazia um desordeiro, um assassino, chamado Barabbas, Pilatos perguntou ao povo : « A quem quereis que eu solte, Barabbas ou Jesus? » Esta multidão em delirio, açulada pelos sacerdotes, reclamou a liberdade para Barabbas. O governador fraco, julgou acertado e ajuizado dar ao povo alguma satisfação : mandar açoitar a Jesus innocente e depois, libertal-o. Apresentando ao povo Christo flagelado e coroado de espinhos, elle esperava commover a multidão ; mas esta entrou a gritar : « Crucificai-o ; crucificai-o! » Pilatos teve medo ; lavou as mãos protestando ser innocente pelo sangue do justo que ia correr e abandonou-lhes Jesus para que o crucificassem.

Puzeram nos hombros de Nosso Senhor uma cruz pesada e levaram-no para o Calvario ; tres vezes caiu exhausto. Chegado no cume do monte, Jesus foi pregado na cruz, entre dois ladrões ; elle permaneceu tres horas nestes tormentos horrorosos. O Salvador orava por seus algozes, perdoava ao ladrão arrependido, dava Maria por mãe a S. João que o tinha acompanhado ao Calvario. Depois exclamou : « Tudo está consumado ! » e, reclinando a cabeça, elle expirou, para as tres horas da tarde.

IV. *Redempção.* — Por esta morte a um tempo cruel e gloriosa, injusta et deliberadamente aceita, Jesus Christo satisfez a todos os desejos, realisou todas as esperanças ; por ella, cumpriu a promessa feita a nossos primeiros paes, da obra de Deus, obra iniciada com os patriarcas e a lei de Moysés, mas completada somente no Calvario. Assim está efectuada a *Redempção* do genero humano.

De facto, esse diluvio de sangue divino trouxe a paz ao céu e á terra. O inferno que tinha avassalado o mundo, viu o seu imperio esboroar-se ; está rasgada agora a sentença de morte que fôra lavada contra nós. « Jesus Christo, diz são Paulo, pregou na cruz esta sentença fatal, » para que ali, ella fosse apagada com seu sangue.

« Um unico está ferido, diz Bossuet, e todos são libertados. Deus fere o seu filho innocente por amor dos homens culpados, e perdôa aos homens culpados por amor de seu Filho innocente. »

Eis a Redempção livre, completa, infinita como o agravo, superabundante, assim como o proclama são Paulo. E agora, tudo é nosso por Jesus Christo ; a graça, a santidade, a vida, a gloria, a bemaventurança eterna. O reino do Filho de Deus vem a ser a nossa herança, comquanto não ponhamos embargo á transmissão dos direitos.

ARTIGO II

A vida gloriosa de Jesus Christo.

I. Resurreição de Nosso Senhor. — II. Aparições gloriosas. — III. A Ascenção.

I. *Resurreição de Nosso Senhor.* A alma de Jesus Christo, depois de ter deixado o corpo que ella animava, desceu aos infernos, isto é, nos limbos para consolar os justos do antigo Testamento e anunciar-lhes que a sua libertação vinha proxima. Neste intervalo, para a tarde da sexta-feira santa, dois discipulos do Salvador, José de Arimathéa e Nicodemo, alcançavam de Poncio Pilatos a licença de despregar da cruz o corpo do divino supliciado, e dar-lhe a sepultura. Era uso partir os membros daquelles que tinham sido crucificados ; mas, vendo

que Jesus estava morto, os soldados romanos não lhe quebraram os ossos; um delles contentou-se em abrir-lhe o lado com uma lançada, e jorrou sangue e agua.

O corpo de Jesus, envolto num sudario, com myrrha e aloés, foi posto num sepulcro novo aberto no rochedo, na encosta da montanha. Empurraram uma pedra grande para fechar a entrada. Era na vespera do Sabbado.

Os principes do sacerdotes e os phariseus lembravam-se que Jesus dissera : « Passados tres dias, resuscitarei. » A conselho de Poncio Pilatos, collocaram soldados junto do tumulo e para segurança do sepulcro, puzeram os sellos na pedra que vedava a entrada. Mas, o que podem contra Deus Nosso Senhor, todas as conspirações dos maus?

No dia immediato ao Sabbado, primeiro da semana, de madrugada, houve um terremoto violento. Os guardas, assustados, como mortos, viram que a pedra encostada na abertura do sepulcro jazia derrubada, e um anjo sentava em cima; o tumulo estava vazio. O Judeus deram dinheiro a estes soldados com a seguinte recomendação: « Dizei que os discipulos de Jesus vieram e arrebataram o seu corpo emquanto estaveis dormindo. » Os factos, porém haviam de dar um desmentido evidente a esta asserção, provando a realidade da resurreição de Jesus Christo.

II. *Aparições gloriosas.* — Ainda que o Evangelho não o mencione, não padece duvidas que a primeira aparição do Salvador foi a favor de Maria, sua divina Mãe. São Paulo fala de uma aparição especial a são Pedro, chefe da Igreja, e a são Thiago, parente do Senhor. (1, *Cor.*, xv, 5-7.) Mas vejamos as aparições relatadas no Evangelho.

1. *A Maria Magdalena.* — Na manhã da resurreição, Maria Magdalena, Maria, mãe de Thiago, e

Salomé vieram para o sepulcro. Tinham trazido perfumes para completarem o embalsamento do corpo de Jesus, e ellas andavam inquietas por não saberem quem lhes tiraria a pedra que fechava o sepulcro. Chegando, viram que a tal pedra fôra removida e o sepulcro estava vazio. Duas dellas foram communicar o facto aos apóstolos; Maria Magdalena que ficava na entrada do sepulcro, ao voltar-se, viu a Jesus em pé diante de si e não o reconheceu logo. Mas Jesus, chamando-a pelo nome, caíu a venda dos seus olhos e ella exclamou : « Rabboni, isto é, meu mestre. » Ella quiz beijar-lhe os pés; o Salvador a deteve e lhe disse : « Não me toqueis, mas ide dizer aos discipulos que me vistes. » (*S. João*, xx, 1-18.)

2. *A's santas mulheres.* — Emquanto as outras santas mulheres, Maria, mãe de Thiago e Salomé, iam embora, tiveram ellas tambem uma visão. Jesus lhes disse : » Não receieis, mas ide dizer a meus irmaõs que me tornarão a ver na Galiléa. » (*S. Math.*, XXVI

3. *Aos discipulos de Emmaus.* — Na mesma tarde dois discipulos, um chamado Cleophas, iam de Jerusalem para Emmaus. Palestravam juntos acerca dos acontecimentos daquelle dia. Um viajante que não se deu a conhecer, poz-se na sua companhia e entrou a explicar-lhes as Escripturas : « O' gente desprovida de entendimento, ó corações tardios em crer ! Não era necessario, lhes falava elle, que o Christo sofresse antes de entrar na sua gloria? » Os discipulos instaram para o estrangeiro permanecer com elles em Emmaus afim de pernoitarem ali juntos. E emquanto estavam ceiando, reconheceram a Jesus quando partiu o pão. O Salvador desapareceu, mas o coração dos discipulos estava a arder. Regressaram em Jerusalem, e vieram narrar aos apóstolos o que acabava de succeder-lhes, de caminho. (*S. Lucas*, XXIV, 13-34.)

4. *A dez apóstolos reunidos no cenaculo.* — Emquanto iam conversando a respeito das ocorrencias de

Emmaus, Jesus mostrou-se no meio delles e disse : « A paz seja comvosco ! » Mas elles, atemorisados, julgavam ver um phantasma. Jesus proseguiu : « Olhai minhas mãos e meus pés, sou eu mesmo ; tocai e vede, um espirito não tem carne nem ossos. » Depois, comeu diante delles, e disse : « O que estais vendo é a realisação do que eu vos tenho dito. » (*Ib.*, 34-47.)

5. *Nova aparição em presença de são Thomé.* — O apóstolo não se achava com os outros quando Jesus se lhes mostrára. Elle recusava acreditar, dizendo : « Si eu não vir nas suas mãos a marca dos pregos, e si eu não puzer a mão na chaga do seu lado, não acreditarei nada. » Oito dias após, os discipulos estavam presentes no mesmo lugar e Thomé com elles ; Jesus veiu, as portas estando fechadas e elle disse : « A paz seja comvosco! » Depois, dirigindo-se a Thomé : « Colocai aqui o vosso dedo, e vede as minhas mãos. Colocai a vossa mão no meu lado e não sejais mais incredulo, mas sede fiel. » Thomé exclamou : « Meu Deus e meu Senhor! — Felizes, secundou o Salvador, os que não viram e creram. » (*S. João*, xx, 24-29.)

6. *A sete discipulos no lago de Tiberiades.* — Simão Pedro, Thomé, Nathanael, Thiago e João, filhos de Zebedeu, e mais dois outros discipulos estavam juntos num barco e pescavam. Nada tinham apanhado toda a noite. De madrugada, appareceu Jesus na margem, mas elles não o reconheciam. » Atirai a rede, clamou elle, no lado direito do barco. » Obedeceram logo, e não podiam mais puxal-a, de tanto peixe que trazia. João viu que era o Salvador ; Pedro se poz a nadar para ir ter com elle. Jesus, em companhia dos seus discipulos comeu alguma cousa do que tinham pescado. É nesta occasião que elle recebeu de Pedro o triplice protesto de amor que apagou sua triplice apostasia. Jesus então lhe confiou mais uma vez o encargo de apascentar e governar todo o rebanho. (*S. João*, xxi, 1-17.)

7. *A mais de quinhentas testemunhas num monte*

da Galiléa. — É ali que o Salvador marcára *rendez-vous* a seus discipulos, e é ali que mais de quinhentos discipulos puderam vel-o, conforme o escreve são Paulo, numa época em que podia acrescentar : « Grande numero de testemunhas ainda estão vivas entre vós. » (1 *Cor.*, xv, 6.)

8. *Nova aparição aos onze apóstolos, em Jerusalem.* — O Evangelho não refere, com os pormenores, todas as aparições que os apóstolos presenciaram nos quarenta dias que medeiam entre a resurreição e a ascenção. Convem mencionar, entretanto uma aparição aos onze apóstolos reunidos no cenaculo, em Jerusalem. Disse-lhes nesta circumstancia : « Todo o poder me foi concedido no céu e na terra. Ide, pois, no mundo inteiro, pregai, anunciai o Evangelho a todas as creaturas. »

Depois, prometeu-lhes o dom de fazer milagres para abonar o seu ensino. (*S. Marcos*, xvi, 14-18.) Foi provavelmente depois desta aparição que levou seus apostolos em Bethania para assistirem o seu derradeiro triumpho.

III. *A Ascenção.* — Os apóstolos, acompanhados por muitissimos discipulos, seguiram Jesus até o monte das Oliveiras. De caminho, falava-lhes ainda o Salvador da obra que iam fundar. Disse-lhes que fossem em Jerusalem esperar o efeito de sua promessa e a vinda do Espirito Santo. Chegado no cume da montanha, levantou as mãos para o céu e abançôou seus apóstolos. Depois, viram de repente que se elevava majestosamente no ar e desaparecia aos seus olhares, no meio de uma nuvem. Procuravam avistal-o outra vez ; dois anjos trajados de branco mostraram-se e disseram : « Homens da Galiléa, para que olhar no céu? Este Jesus que vistes subir ao céu, ha de descer da mesma forma. » (*Actos dos Ap.*, i, 9-11.) Findára o espectaculo para a terra : Nosso Senhor

entrava no repouso e ia occupar á direita de seu Pae o trôno de gloria que tinha merecido.

No dia da sua Ascenção, Nosso Senhor levava comsigo no céu todas as almas dos justos que aguardavam no limbo a entrada do Redemptor na mansão da felicidade. Elle ia apresentar a seu paė o preço do nosso resgate e preparar-nos um lugar neste reino de que tanto falára. « Era preciso, portanto, concluimos com Bossuet, que finalmente Jesus Christo nos abrisse os céus para desvendar á nossa fé esta cidade permanente onde devemos habitar depois da nossa vida. » Ali cessam todas as figuras da lei : a verdadeira terra promettida, é o reino celeste. É por esta patria bemaventurada que anhelavam Abrahão, Isaac e Jacob. O Egypto donde cumpre sair, o deserto que é preciso atravessar, a Babylonia cujos grilhões temos de quebrar para volvermos á nossa patria, é o mundo com seus gozos e suas vaidades : devemos sacudir este jugo para acharmos em Jerusalem e na cidade do nosso Deus a liberdade verdadeira e um santuario não feito por mão humana, em que nos appareça a gloria de Deus.

APPENDICE

O fim da nacionalidade judaica

(Do anno 33 ao anno 70 de J. C.)

I. Estado da Judéa ; presagios ominosos. — II. Realisação das prophecias : ruina de Jerusalem e do templo. — III. Dispersão do povo judaico.

I. *Estado da Judéa ; presagios ominosos.* — Dois annos depois da morte do Salvador, o governador Poncio Pilatos, foi destituido por Vitellio, governador da Syria, e mandado em Roma para justificar-se perante o imperador a respeito de varios actos de crueldade que praticára. Desterrado por Caligula, em Vienna, nas Gallias, matou-se de desespero. No anno 37, este mesmo imperador deu a Herodes Agrippa, neto de Herodes Magno, o governo das antigas tetrarchias de Archelau e Philippe, com o titulo de rei da Judéa. Tres annos depois (anno 40 de J. C.), acrescentava os Estados de Herodes Antipas. Este principe, assassino de João Baptista, e que tinha representado um papel tão lastimoso na paixão de Nosso Senhor caíu no desagrado de seu dono; foi exilado por Caligula nas Gallias, indo falecer na Hespanha.

Herodes Agrippa salientou-se unicamente por seu fausto e pela perseguição que moveu aos primeiros christãos. Com sua morte, que succedeu no anno 44, a Judéa, outra vez provincia romana, foi confiada ao governador Cœspio. Só conservou desde então um simulacro de governo. Não havia mais entre os Judeus nem poder, nem autoridade, nem magistratura. O sanhedrim degradado não exercia mais suas

funções, e seus membros não passavam de simples doutores.

Entretanto, a discordia medrou no seio da nação, e uma anarchia medonha aparelhou a ruina.

« É uma tradição constante, fala Bossuet, asseverada no Talmud dos Judeus e confirmada por todos os seus rabbinos que, uns quaranta annos antes da ruina de Jerusalem, portanto, mais ou menos na época da morte de Jesus Christo, presenciavam-se continuamente, no templo, cousas estranhas. Todos os dias, eram prodigios novos, de tal sorte que um famoso rabbino Johanan exclamou uma vez: « O' templo, ó templo, que é que te commove, e porque te mettes medo a ti proprio? » — No dia de Pentecostes, os sacerdotes no templo ouviram um barulho espantoso, e vozes diziam : « Vamos embora deste lugar, vamos embora! » Eram os anjos protectores do templo que abandonavam esta morada em que Deus não queria habitar mais. Quatro annos antes da guerra que havia de destruir Jerusalem, um camponio, segundo narra o historiador Josepho, entrou a gritar : « Voz do Oriente, voz do Occidente, voz saida dos quatro ventos ; voz contra Jerusalem, voz contra o templo, voz contra o povo todo! » A começar desde este tempo, nem de dia, nem de noite, nunca deixou de bradar : « Desgraçada, desgraçada Jerusalem! » Por sete annos cumpriu o triste fado ; durante o cerco da cidade, ainda gritava. Um dia, acrescentou : « Desgraçado de mim! » e no mesmo instante, matou-o uma pedra arremessada por uma machina. Este propheta da desgraça tinha o nome de Jesus. »

II. *Realisação das prophecias : ruina de Jerusalem e do templo.* — A nação que não atendera ás ameaças de Jesus Salvador, nem ás maldições do novo propheta ia expiar finalmente todas as suas infidelidades.

APPENDICE

O fim da nacionalidade judaica

(Do anno 33 ao anno 70 de J. C.)

I. Estado da Judéa ; presagios ominosos. — II. Realisação das prophecias : ruina de Jerusalem e do templo. — III. Dispersão do povo judaico.

I. *Estado da Judéa* ; *presagios ominosos.* — Dois annos depois da morte do Salvador, o governador Poncio Pilatos, foi destituido por Vitellio, governador da Syria, e mandado em Roma para justificar-se perante o imperador a respeito de varios actos de crueldade que praticára. Desterrado por Caligula, em Vienna, nas Gallias, matou-se de desespero. No anno 37, este mesmo imperador deu a Herodes Agrippa, neto de Herodes Magno, o governo das antigas tetrarchias de Archelau e Philippe, com o titulo de rei da Judéa. Tres annos depois (anno 40 de J. C.), acrescentava os Estados de Herodes Antipas. Este principe, assassino de João Baptista, e que tinha representado um papel tão lastimoso na paixão de Nosso Senhor caíu no desagrado de seu dono ; foi exilado por Caligula nas Gallias, indo falecer na Hespanha.

Herodes Agrippa salientou-se unicamente por seu fausto e pela perseguição que moveu aos primeiros christãos. Com sua morte, que succedeu no anno 44, a Judéa, outra vez provincia romana, foi confiada ao governador Cœspio. Só conservou desde então um simulacro de governo. Não havia mais entre os Judeus nem poder, nem autoridade, nem magistratura. O sanhedrim degradado não exercia mais suas

funções, e seus membros não passavam de simples doutores.

Entretanto, a discordia medrou no seio da nação, e uma anarchia medonha aparelhou a ruina.

« É uma tradição constante, fala Bossuet, asseverada no Talmud dos Judeus e confirmada por todos os seus rabbinos que, uns quaranta annos antes da ruina de Jerusalem, portanto, mais ou menos na época da morte de Jesus Christo, presenciavam-se continuamente, no templo, cousas estranhas. Todos os dias, eram prodigios novos, de tal sorte que um famoso rabbino Johanan exclamou uma vez: « O' templo, ó templo, que é que te commove, e porque te mettes medo a ti proprio? » — No dia de Pentecostes, os sacerdotes no templo ouviram um barulho espantoso, e vozes diziam : « Vamos embora deste lugar, vamos embora! » Eram os anjos protectores do templo que abandonavam esta morada em que Deus não queria habitar mais. Quatro annos antes da guerra que havia de destruir Jerusalem, um camponio, segundo narra o historiador Josepho, entrou a gritar : « Voz do Oriente, voz do Occidente, voz saida dos quatro ventos ; voz contra Jerusalem, voz contra o templo, voz contra o povo todo! » A começar desde este tempo, nem de dia, nem de noite, nunca deixou de bradar : « Desgraçada, desgraçada Jerusalem! » Por sete annos cumpriu o triste fado ; durante o cerco da cidade, ainda gritava. Um dia, acrescentou : « Desgraçado de mim! » e no mesmo instante, matou-o uma pedra arremessada por uma machina. Este propheta da desgraça tinha o nome de Jesus. »

II. *Realisação das prophecias : ruina de Jerusalem e do templo.* — A nação que não atendera ás ameaças de Jesus Salvador, nem ás maldições do novo propheta ia expiar finalmente todas as suas infidelidades.

O partido dos zelosos organisou uma revolta contra os Romanos. O governador da Syria, Cœstio Gallo, veiu sitiar Jerusalem, mas não apertava muito o combate. Nero, agastado, querendo acabar com isso, confiou a Vespasiano o encargo de reprimir a revolta. Os christãos entenderam que tinha chegado a hora da vingança divina; sairam da cidade deicida e recolheram-se em Pella, na Peréa; Vespasiano, chamado elle proprio para ser imperador, entregou a Tito, seu filho, o commando do exercito. Este principe cercou Jerusalem no momento da festa da Paschoa, e deram-se então todos os horrores de um assedio de sete mezes numa cidade entulhada, apertada pela fome, rasgada pelos partidos. Abriam os tumulos para arrancar os mortos e devoravam os cadaveres.

Tito passou successivamente as tres fortificações de Jerusalem. Comtudo, elle tinha dado ordens para que fosse poupado o templo onde se acoitavam os sitiados; mas um soldado, movido por inspiração divina, diz Josepho, deixou que seus collegas o erguessem e por uma janella, atirou no interior do templo, um facho acceso que atacou fogo ao edificio inteiro. Era o decimo dia do mez de agosto, o mesmo dia em que o primeiro templo fôra arruinado por Nabuchodonosor.

Assim se cumpriam os oraculos: Jerusalem foi destruida. Um milhão e cem mil Judeus tinham morrido no cerco; noventa e sete mil foram vendidos como escravos. Tito não acceitou os parabens que lhe apresentavam, proclamando que tinha sido apenas o instrumento da vingança divina. (Anno 70 de J. C.)

Do templo, não ficou pedra sobre pedra, conforme predissera o Salvador. Um dia, um imperador romano, Juliano o Apostata, tratou de reedifical-o. « Globos de fogo, saindo dos alicerces, narra o historiador profano Ammiano Marcellino, mataram os

operarios que procuravam começar os trabalhos; o lugar se tornou inaccessivel, e a empresa cessou.

III. *Dispersão de povo judaico.* — A nação de Israel tinha visto no seu templo a abominação da desolação predita pelo Salvador; as divisas romanas, seus escudos com as imagens de falsas divindades, tinham profanado a cidade santa e o santuario. A ruina estava completa; as hostias e os sacrificios paravam; terminava o papel do povo escolhido por Deus no castigo que tinha merecido.

Todavia, este povo devia até o fim abonar a verdade dos oraculos propheticos. Tinha gritado no tribunal de Pilatos: « Caia o sangue de Jesus Christo sobre nós e sobre os nossos filhos! » Com efeito, recaíu o sangue do justo sobre a cabeça delles. Depois do cerco de Jerusalem, os destroços da nação foram dispersos. Tito deu jogos publicos em Cesaréa, onde dois mil e quinhentos Judeus trucidaram-se uns aos outros. Outros foram reservados para o triumpho. Nesta occasião, medalhas foram fabricadas, que representavam uma mulher envolta num manto, sentada ao pé de uma palmeira, a cabeça deitada na mão, com estes dizeres : *A Judéa cativa.*

Mais tarde, debaixo do imperador Adriano (135 depois de J. C.), houve uma revolta dos Judeus dirigidos por um facinora chamado Barcochebas (*Filho da estrela*), que se inculcava por Messias.

Os Judeus dispersos se ergueram com o furor do escravo que quer despedaçar as suas algemas. A espada dos Romanos varreu este furacão e desmoronou ilusões loucas. Foram mortos quinhentos sessenta e seis mil Hebreus. Os presos foram vendidos como escravos. Adriano, cujo odio abranjia Judeus e christãos mandou erigir uma estatua de Venus no Calvario. Elle mudou o nome de Jerusalem por aquelle de *Ælia Capitolina.*

Entretanto, a raça judaica não deve ser exterminada. Ella sobrevive a todos os desastres para fazer o papel de testemunha no meio de todas as nações. Ella carrega na fronte, o peso de todos os anathemas; ella conserva os livros santos e as prophecias que a condemnam; expulsa de sua terra, não tem mais templo, nem altar, nem nacionalidade. E comtudo, não se mescla com outros povos; por um prodigio sem igual em nenhuma outra nação, fica vivendo e perpetuando-se para cumprir um dia as prophecias que lhe dizem respeito. Pois está escrito que os Judeus converter-se-ão a este Messias que desconheceram. O Deus de Abrahão ainda não esgotou as suas misericordias sobre a raça, infiel embora, do patriarca; segundo a doutrina de são Paulo, a queda de Israel não é total nem desesperada: uma parte já acreditou no Salvador, a outra ha de converter-se, e a vista dos povos permanecidos fieis trará ao redil as ovelhas desgarradas de um rebanho que foi o povo predilecto de Deus. (*Ep. aos Rom.*, XI.)

Israel nos desvendou os mysteriosos segredos de Deus; sua lei nos preparava ao Evangelho, suas promessas nos conduziram ás realidades do Christianismo, sua historia tinha preparado a do povo christão. A luz que desabrochava sob os patriarcas, avultava com Moysés e os prophetas, chegou a seu zenith com Jesus Christo, maior que os patriarcas, mais autorisado que Moysés, mais esclarecido que todos os prophetas. Temos de seguir agora, no seu desenvolvimento e na sua difusão, esta grande luz evangelica: é a *historia de Igreja*.

SEGUNDA PARTE

HISTORIA DA IGREJA

LIÇÃO PRELIMINAR

I. Objecto particular da historia da Igreja. — II. Divisão geral. — III. As fontes da historia ecclesiastica. — IV. Fim especial que se alveja nesta obra.

I. *Objecto particular da historia da Igreja.* — A historia da Igreja é a narração da sua formação, de seu progresso, das suas lutas, das suas victorias, ou, por outra, de todas as phases que atravessou desde são Pedro até nossos dias. É a continuação da mesma obra de Jesus Christo que havia de ter por palco o universo, por duração, os seculos.

Demos ouvidos ao soberano pontifice Leão XIII, que vem elle proprio resumir-nos esta obra divina e fecunda : « Aos homens que a verdade libertára, a unica verdade os podia conservar ; e os frutos das doutrinas celestes, frutos de vida e de salvação para o homem não teriam sido duradouros, si o Salvador não tivesse constituido, para instruir os espiritos na fé, um magisterio perpetuo. Firmado na promessa

do seu divino Autor, imitando-o na sua caridade, a Igreja desempenhou tão fielmente a missão de que fôra incumbida, que sempre andou zelosa, incansavel, pelejando para alcançar este duplo escopo : *o ensino da Religião e sua victoria, e a derrota do erro.* É esta com efeito, a meta que almeja principalmente o episcopado em peso, nas suas interminas e afanosas lides ; é este o resultado que deve coroar as leis e os decretos dos Concilios ; é este o objeto do desvelo quotidiano dos pontifices romanos. »

Assim a Igreja recebeu do seu divino Fundador a missão de nortear todos os homens para a santidade e a salvação, e isto, especialmente pelo ensino e a difusão da verdade. Ella vae cumprindo esta nobre tarefa pelos seculos em fora : alastrou-se no mundo inteiro ; espancou as trevas do paganismo ; conquistou novos povos e modelou a Europa christã ; ella amordaçou heresias e scismas, promulgou e desenvolveu a sua doutrina, dirigiu as cruzadas, venceu a reforma, civilisou o novo mundo ; arcou com o philosophismo e a revolução e saíu victoriosa ; agora, faz frente a todas as investidas do racionalismo e das paixões desenfreadas. Num periodo de mais de dezenove seculos, ella vem multiplicando as obras da sua caridade, povoando de santos a terra e o céu, semeando por toda a parte seus ensinos e seus exemplos. É vastissimo o campo que se antolha aos historiadores da Igreja! Como se ha de compendiar em poucas paginas uma acção tão fecunda, tão poderosa, tão universal?

Num livro elementar, não se pode dizer e lembrar tudo ; porém, consoante o plano já delineado : *Patentear o desenvolvimento da verdade religiosa e catholica,* havemos de examinar mais detidamente, neste conjunto grandioso e soberbo, os factos que mais intimamente se prendem a esta nossa these. Demorar-nos-emos especialmente na conquista do

do mundo pela fé christã, no desabrochar dos nossos dogmas, sob o bafejo do Espirito Santo, pela mediação da Igreja, guarda e defensora da verdade.

II. *Divisão geral.* — Temos de perlustrar uma estrada immensa nesta historia de dezenove seculos de propagação da fé, de progresso ; importa determinarmos de antemão os marcos miliarios, indicarmos os pousos.

Num primeiro periodo da sua historia, a Igreja fundada por Nossor Senhor se desenvolve em Jerusalem, no seio da nação judaica, depois transpõe as balisas da Judéa ; marcha á conquista do paganismo em todo o mundo conhecido. Mas eis que se ergue bem cedo ainda a perseguição a querer embargar-lhe o passo. Durante tres seculos terá que pugnar contra o colosso romano, o qual, depois de ter destruido todos os imperios do universo, concretisava a um tempo o poder das armas e o prestigio da idolatria. Não obstante, ella lança ali seus alicerces no sangue e no sacrificio ; é na propria Roma que assenta seu trôno, fazendo-a o centro da sua autoridade e do seu imperio eterno; porém no dia immediato ao seu triumpho do paganismo, a heresia a ataca, inimiga não menos terrivel que a perseguição ; cabe-lhe resguardar o reino da verdade contra os proprios filhos. Depois de ter firmado na unidade de crença os fieis do Oriente e do Occidente, ella assiste ao desabar ruidoso do imperio romano inteiro, ruina immensa e espantosa. Debaixo dos golpes dos barbaros, some-se o velho mundo, e unica, sobranceira, fica em pé a Igreja ; esta obra ingente, gigantesca tinha durado cinco seculos. Seu estudo correrá sob a epigraphe : *Igreja primitiva.* Este periodo que termina com a queda de Roma, em 476, duas palavras o synthetisam : *luta e triumpho.*

Começa então o segundo periodo da *historia da*

Igreja ; abrange os tempos decorridos desde a queda do imperio do Occidente até á tomada de Constantinopla pelos Turcos pelos meiados do seculo xv (1453). Constituirá uma segunda parte : a *Igreja na idade media.* Neste intervalo, nuvens de barbaros assaltam o mundo romano : a Igreja os transforma numa sociedade nova. « Derrete no cadinho da sua caridade e do seu poder, os dois elementos romano e barbaro : vencidos e vencedores; e ella faz surgir esta esplendida Europa christã, apta aos grandes cometimentos, formada para as mais robustas e heroicas virtudes. » Depois de ter-se esmerado na educação dos barbaros, a Igreja salva a civilisação christã da invasão musulmana ; ella norteia sabiamente os espiritos neste movimento turbinoso que assignala a idade media. Mercê da influencia dos seus grandes pontifices, ella impera no seio desta familia dos povos europeus que della receberam a existencia ; a sciencia e a santidade andam de mãos dadas. Mas, de repente, a Europa, abalada pelo scisma, resvala. São estas phases da *Igreja na idade media* que contemplamos no segundo estudo : caracterisam-nas as seguintes palavras : *Formação e governo dos Estados christãos.*

O fim do seculo xv é o inicio dos tempos modernos. Os espiritos desasocegados, enfadados com a longa e bemfazeja tutela da Igreja, cogitam de emancipação : emancipação nas ideias e nos costumes, logo, seguida pela revolta dos corações e das vontades. A *reforma* se origina neste movimento ; durante um seculo, ella leva a razão humana a guerrear a fé, arma os povos contra os povos. Uma vez que penetrou na Europa, a revolução não sairá mais dali. Com os nomes de *jansenismo* e de *philosophismo*, é ella que prepara o grande cataclysmo social do fim do seculo xviii, cuja influencia terrivel repercute até em nossa sociedade actual. O papel da Igreja nestes tres seculos, é resguardar a verdade religiosa no

diluvio de erros, heresias, utopias racionalistas que ameaçam solapar tudo, a razão como a fé ; é desdobrar o labaro da verdadeira liberdade em oposição a todas as fementidas maximas, a todas as audacias descaradas do philosophismo e da revolução. Na terceira parte, veremos este papel sempre activo, sempre benefico. O titulo será : *A Igreja e os tempos modernos ;* vel-a-emos profligando a *reforma* e a *revolução.*

III. *As fontes da historia ecclesiastica.* — « Faz tres seculos, a historia, disse J. de Maistre, é uma conjuração continua contra a verdade. » E o mesmo escriptor concluia que toda ella está por tornar a fazer. Maior cabimento ainda teriam estas reflexões, no atinente á historia ecclesiastica, que sofreu no decorrer das idades, todas as falsificações que o orgulho e o genio do mal podem excogitar e amontoar contra o bem e contra a verdade.

Logo existe uma fonte envenenada da historia. Ella corre já nos primeiros seculos do Christianismo. Eusebio refere que o imperador Maximiano mandou fabricar documentos apocryphos e os espalhou pelas cidades e aldeias. Os mestres tinham ordem de dal-os ás crianças nas escolas, como exercicios de dictado, de memoria e de grammatica. Nos seculos seguintes, os herejes primeiro, os pamphletarios depois, valeram-se dos mesmos recursos, deturpando o ensino da Igreja, falseando a sua historia, e inventando actas mentirosas. Os escriptores da reforma animaram a circulação de taes livros vergonhosos, ajuntando-lhes outros de identica proveniencia. Mais tarde, o jansenismo, a escola gallicana ou parlamentar, e recentemente a escola racionalista constituiram-se o écho, écho facil, credulo, ou maldoso, destas fabulas perfidas.

Porém, Deus seja louvado, deu-se em bôa hora

um forte movimento em sentido contrario ; os autores foram esquadrinhar os documentos verdadeiros, fonte authentica da historia ; e é ali que nos queremos abastecer.

O mais antigo historiador da Igreja é o evangelista são Lucas. Elle narrou nas *Actas dos Apóstolos*, breve e substancialmente, os factos mais importantes da primitiva Igreja ; encontraremos as provas veridicas do estabelecimento e da difusão da Igreja no seculo primeiro.

Mas quem pode ser propriamente chamado o pae da historia ecclesiastica é *Eusebio*, bispo de Cesaréa, morto para o anno de 340. Seus dez livros da historia da Igreja têm um valor inestimavel ; nelle deparamos documentos preciosos acerca das perseguições e das decisões authenticas dos primeiros concilios.

Cumpre ajuntar a estas fontes os escritos dos Padres da Igreja, que deixaram consignadas em suas obras tradições oraes, e multiplas informações sobre a sua época. Desde o seculo das invasões barbaras até á pretensa reforma, historiadores imparciaes e integros succedem-se : *Socrates*, *Sozomeno*, *Theodoreto*, *Sulpicio-Severo*, *Paulo Orosio*, *são Jeronymo*, *Cassiodoro*, o veneravel *Bede*, *Flodoardo*, o bibliothecario *Anastasio*, o illustre *Vicente de Beauvais*, nos apresentam uma cadeia ininterrupta de testemunhas fidedignas.

Mais tarde, na época do protestantismo, aos *centuriatores* de *Magdeburgo*, levados pela heresia e pelo odio, a verdade historica oppõe seus nobres athletas. Na Italia, *Baronio* salienta-se pela certidão das suas pesquizas. Na França as tres congregações religiosas de são Mauro, do Oratorio e dos Jesuitas, forneceram fontes historicas mais abundantes e mais fieis. A época galicana e jansenista nos deixou tambem trabalhos valiosos, maculados porém com enganos e parcialidade revoltante. Nos tempos ho-

diernos, *Beraut-Bescastel*, *Rohrbacher* e sobretudo *Hergenrœther* crearam uma corrente melhor, aproveitando as mais seguras informações da historia.

Quanto a nós que tencionamos apenas estudar os grandes factos que se referem ao desenvolvimento da verdade catholica, havemos de tomar os nossos documentos nas *Actas de Concilios* geraes e nas *Cartas* dos soberanos pontifices, sem nos descuidarmos, entretanto dos mais documentos historicos em que vierem expandidas as crenças, os costumes e os usos dos seculos que nos precederam.

IV. *Fim especial que se alveja nesta obra.* — Assim como na *historia da Religião*, procuramos averiguar a acção da Providencia na manifestação progressiva da verdáde religiosa e no preparo das intelligencias e dos corações aos ensinos sublimes do Evangelho, assim tambem na *historia da Igreja*, será o nosso fim assistirmos, jubilosos, ao magnifico desabrochar desta verdade catholica.

Na historia da Igreja, assim entendida, desenrolar-se-ão, cada uma por sua vez, as mais importantes definições e as maiores manifestações da fé christã. É ainda a mesma acção providencial : os quatro mil annos que precedem a Jesus-Christo, não são sinão o anuncio e a preparação do advento do Filho de Deus ; os dois mil annos que se lhe seguiram são apenas a narração das suas obras, realisadas por elle proprio em pessôa, por sua Igreja, e pelas nações christãs que esta Igreja tem fundado.

A historia do mundo antigo evidenciava a queda da humanidade ; a historia ecclesiastica patentear-nos-á a sua esplendida restauração : a verdade evangelica toma posse de mundo, enche-o de virtudes, estabelece nelle instituições seculares. No mesmo tempo adeja esta Providencia por sobre a humanidade, e rege com mão occulta, mas firme e invencivel,

a marcha dos acontecimentos. Como se nos manifesta claramente, o dedo deste Deus poderoso « que reina nos céus e do qual dependem todos os imperios! » O homem propõe, mas Deus dispõe; Deus unicamente aparece nesta historia divina. Não se findou a obra providencial; veremos nella destacar-se nitida, a lei soberana e imponente que preside o desenrolar dos factos e a vida dos povos: *Tudo para Christo e para a sua Igreja.*

A Igreja, conforme se exprime Bossuet, é « o milagre perpetuo. » Sua historia é uma demonstração da verdade do Christianismo. « A Igreja, reza o Concilio do Vaticano, é como que um signal erguido em meio das nações; atrae para si os que ainda não tiveram a fé; demonstra a seus filhos que a fé por elles professada, assenta em alicerce solido, firme. E de facto, por sua difusão maravilhosa, por sua santidade eminente, por sua inesgotavel fecundidade para o bem, por sua unidade universal, por sua estabilidade invencivel, é ella um forte e perpetuo argumento que esteia a crença e proclama, com provas inconcussas, que está investida de uma missão divina. » (*Cap.* III, *de Fide.*)

I

A IGREJA PRIMITIVA

LUTA E TRIUMPHO

(Do anno 33 até 476 de J. C.)

NOÇÕES PRELIMINARES

Idéa geral. — Divisão deste estudo

A primeira phase da vida da Igreja abrange um intervalo de cinco seculos. Durante este periodo, a Igreja se funda e se propaga. O mundo judaico fôra destinado a receber primeiro os ensinos do Evangelho; mas por ter elle repelido o beneficio divino, volveram-se os apóstolos para os Gentios e iniciaram a conversão do mundo pagão.

Pouco depois, a Igreja teve de enfrentar com a luta que lhe tinha anunciado o seu divino fundador. Perseguida em Jerusalem, no proprio centro do judaismo, não teve sorte mais feliz no meio das nações idolatras. O imperio romano mostrou uma sanha horrivel : em toda a vasta extensão das suas provincias, houve, por dois seculos e meio, uma luta renhida na qual correu o mais puro sangue dos christãos. Dez perseguições assombrosas parece que deviam aniquilar a obra da Igreja. Mas a proteção divina levou de vencida a todos os tyranos.

Com o imperador Constantino, a Religião christã triumphante toma assento no trono dos Cesares. É o começo de uma era de paz. Desbaratada a força material, vem a heresia a terçar armas com a doutrina de Jesus Christo. Emquanto o gladio romano rasgava os corpos, despontavam as primeiras heresias a rasgarem o *Credo* catholico; o philosophismo pagão se esmerava em destruir o Christianismo com o sarcasmo e a sciencia. Mas eis que surge o seculo IV, arrastando comsigo as mais formidandas heresias que jamais magoaram a Igreja : a Trindade, a divindade do Verbo, a do Espirito Santo são impugnadas succes-sivamente. Todavia, com estas ruinas aparentes do dogma, nunca a doutrina despediu mais brilhantes fulgores; os concilios lançam sobre as heresias os raios victoriosos de seus anathemas, e determinam as formulas da fé catholica com uma clareza, uma nitidez mais luminosa. Então, assoma, no horizonte dos tempos, o exercito dos grandes doutores, e nada pode exprimir o incomparavel brilho da luz que derramam no mundo. E quando o seculo V° está para acabar, cada ponto do dogma está firme, determinado, iluminado ; o papado, num solio sem contesto, usa livremente de sua autoridade espiritual; a Igreja com seus bispos, seu clero, seus religiosos, suas instituições, constitue uma sociedade definitivamente organisada, poderosa e unida.

São estas peripecias, lutas e triumphos que passamos a estudar em quatro capitulos com os seguintes titulos : 1° *A Igreja e suas conquistas sobre o judaismo e o Paganismo* (33-67) ; 2° *A Igreja e as perseguições* (67-313, anno do triumpho da fé e da liberdade sob *Constantino*) ; 3° *A Igreja victoriosa das heresias* (313-476) ; 4° terminará esta parte com uma vista geral, ou *Physionomia da Igreja nos primeiros seculos.*

CAPITULO I

A Igreja e suas primeiras conquistas sobre o Judaismo e o Paganismo

(Do anno 33 até 67 de J. C.).

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Pedro, em Jerusalem (33-36);	Tiberio (14-37).
em Antiochia (36-42);	Caligula (37-41).
em Roma (42-67).	Claudio (41-54).
	Nero (54-68).

Esboço geral. — Divisão deste capitulo.

Esta primeira época é chamada : *tempos apostolicos*. Logo que Nosso Senhor teve subido ao céu, os apóstolos começaram a pregação do Evangelho No seu primeiro discurso, são Pedro, ao sair do cenaculo, converteu tres mil Judeus. Em breve este punhado de fieis avultou e veiu a ser uma grei numerosa. Nos trinta e quatro annos que correram da Ascenção de Jesus Christo até á morte de são Pedro, os apóstolos dispersos espalharam por todo o mundo conhecido a bôa nova do Evangelho. O apóstolo são Matheus, são Marcos, discipulo de são Pedro, são Lucas, discipulo e companheiro de são Paulo, publicam a narração sagrada das obras realisadas por Nosso Senhor, e resumem, nos seus evangelhos, estes bellos ensinos que são João ha de completar para o fim do seculo. Os outros apóstolos escrevem tambem as suas epistolas.

A perseguição, porém inicia-se na Judéa. São Pedro, tendo franqueado aos Gentios o ingresso da Igreja pela admissão do centurião Cornelio ao baptismo,

os apóstolos dirigiram seus esforços para as nações pagãs. São Paulo foi o instrumento providencial da conversão dos povos do Occidente; elle uniu seu zelo ardente áquelle do principe dos apóstolos, no seio desta Roma, capital do imperio, que se tornou o centro da Igreja. Mas os imperadores idolatras querem estorvar os progressos da religião nova; Nero ordena a primeira perseguição, na qual Pedro e Paulo recebem a corôa do martyrio.

Já a heresia germinava na Igreja nascente; os apóstolos, porém, não só levavam ao longe a doutrina evangelica, como tambem firmavam e desenvolviam, nos seus escriptos, os puros ensinos da verdade contra as seitas judaisantes.

São estes os caracteres da primeira época da historia da Igreja; vêm desenvolvidos em tres artigos: 1º *Estabelecimento da Igreja*; 2º *Difusão da Igreja*; 3º *Os ensinos apostolicos.*

ARTIGO I

Estabelecimento da Igreja.

I. A Igreja no cenaculo. — II. Primeiras conversões. — III. Perseguição na Judéa. — IV. Conversão de São Paulo. — V. São Pedro em Antiochia.

I. *A Igreja no cenaculo.* — Depois da Ascenção de Nosso Senhor, os apóstolos voltaram em Jerusalem e recolheram-se no cenaculo com os primeiros discipulos. Foi ali o berço da Igreja. Afim de se prepararem á vinda do Espirito Santo que lhes fôra prometido, todos perseveravam unanimes na oração com Maria, mãe de Jesus, que era como que a alma deste piedoso gremio.

Pedro fez a proposta de se eleger um apóstolo para preencher a vaga de Judas Iscariote, recaindo a

escolha entre os discipulos que tinham recebido o ensino do Salvador. Dois membros, igualmente dignos foram apresentados : José, cognominado o Justo e Mathias. Sortearam seus nomes, e Mathias, que foi designado, entrou a fazer parte do collegio apóstolico.

Agora, já estavam completos os dias de Pentecostes. Era a terceira hora do dia ; de repente, ouviu-se o ruido de um vento impetuoso que encheu a casa, e viram-se, no mesmo tempo, linguas de fogo que descansavam sobre cada um dos apóstolos. Logo, todos foram cheios do Espirito Santo e entraram a falar diversas linguas. Este favor extraordinario era o signal exterior das muitas e preciosas graças interiores que lhes tinham sido deparadas. Outrora eram ignorantes, e já estão iluminados pelas mais vivas luzes da sciencia e da fé ; eram fracos e timidos, eil-os de subito firmes, denodados e fortes. Dora em diante o Espirito Santo ha de realisar as mesmas maravilhas invisiveis, porém reaes, na alma dos christãos que receberem da mão dos apóstolos ou dos seus successores a graça da *confirmação*. »

VII. *Primeiras conversões.* — Instruidos e feitos outros homens, os apostolos saíram do cenaculo e foram pelas ruas e praças publicas de Jerusalem. Pedro tomou a palavra e disse : « Aqui está o cumprimento da prophecia de Joel : « Naquelle tempo, derramarei meu Espirito em toda a carne, diz o Senhor ; e vossos filhos e filhas hão de prophetisar... » E o orador continuou : « Israelitas, sabeis que Jesus de Nazareth foi um homem que Deus tornou celebre entre vós pelas maravilhas, pelos prodigios e milagres que praticou. Entretanto, vós o crucificastes, vós o fizestes morrer pela mão dos malvados. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das dores do abysmo em que era impossivel que permanecesse, segundo a

prophecia de David. É este Jesus que Deus ressuscitou, e todos nós, somos testemunhas da sua resurreição. — Que temos de fazer então? » exclamou o povo commovido com estas palavras. E Pedro respondeu : « Penitencia ; seja cada um de vós baptisado em nome de Jesus Christo, e recebereis o Espirito Santo. » Logo, é pelo arrependimento, pela fé em Jesus Christo Salvador, e pelo baptismo que podemos ser christãos. Naquelle dia, tres mil homens receberam a palavra de Deus e foram baptisados. (*Act.* II, 1-41.)

Algum tempo depois, Pedro e João iam ao templo para assistirem á oração da hora nona. Na porta estava um mendigo, coxo de nascimento. Pedro disse-lhe : « Olha para nós ; não tenho ouro nem prata, mas o que tenho, dou ; levanta-te em nome de Jesus de Nazareth e anda ! » O aleijado imediatamente se levantou. O povo ficava na admiração ; mas Pedro, dirigindo-se á multidão, prega, de novo a Christo, que os Judeus mataram e que Deus resuscitou, e acrescenta : « É por causa da nossa fé no nome delle, que este poder nos tem sido communicado. Fazei penitencia, pois, e convertei-vos. » Com esta segunda pratica, cinco mil homens, mais ou menos, abraçaram a fé. (*Act.* III e IV.) Deste modo ia crescendo a Igreja ; a fé em Christo ressuscitado, os milagres praticados em nome delle : aí temos, inteiro, o segredo dos maravilhosos progressos do Christianismo.

III. *Perseguição na Judéa.* — Os principes dos sacerdotes, os magistrados do templo e os saduceus acudiram, prenderam os apóstolos Pedro e João e os levaram diante do Conselho. Pedro falou com tamanha eloquencia da verdade que tinha o dever de anunciar, que os membros do sanhedrim não se atreveram a condemnal-o. Somente prohibiram aos apóstolos que continuassem a pregar em nome de

Jesus. Mas estes responderam : « Cuidais que seja direito, isso de obedecer-vos para desobedecer a Deus? Quanto a nós, não podemos calar o que temos visto, o que temos ouvido. »

Estes rigores só deram em resultado acender mais o zelo dos discipulos. Operavam-se muitos milagres no meio do povo, pela intervenção dos apóstolos. Os habitantes de Jerusalem e das vizinhas cidades traziam seus doentes ao longo das ruas por onde são Pedro devia transitar, e a sua unica sombra os curava. Cada dia trazia novo incremento ao numero dos crentes. Então o sumo sacerdote e os saduceus mandaram prender e encarcerar os apóstolos. Emquanto planejavam a sua morte, um dos doutores, chamado Gamaliel, deu o seguinte parecer : « Deixai quietos a estes homens. Si a obra que edificam não fôr de Deus, cairá por si propria ; mas si fôr de Deus, não está em vossas mãos detel-a ; e mais, estareis em perigo de combater contra o mesmo Senhor. » (*Act.* v.) Os membros do Conselho gostando do parecer, soltaram os apóstolos que folgavam por terem de sofrer em nome de seu Mestre.

Todavia, o odio dos Judeus não dava tregoas aos discipulos da fé nova. A primeira victima da perseguição foi Estevam, um dos sete diaconos que os apóstolos tinham ordenado para serem seus coadjutores no cuidado dos pobres. Sua fé, sua santidade, seus milagres, as censuras que não trepidou dirigir aos Judeus empedernidos, acarretaram sobre sua cabeça os primeiros rigores. Um dia, cairam-lhe em cima, arrastaram-no fóra da cidade, e ali o apedrejaram. O generoso martyr, entretanto repetia : « Meu Deus, perdoai a meus algozes ; não os responsabiliseis por este crime. » (*Ib.* VI, VII.)

A perseguição se tornou violenta em Jerusalem e em todo o paiz.

IV. *Conversão de são Paulo.* — Entre os mais enraivecidos perseguidores do Evangelho, havia um moço de nome Saul. Pertencia á seita dos phariseus, e emquanto apedrejavam o diacono Estevam, elle, guardando as roupas dos algozes, incitava a turbamulta dos assassinos. Em Jerusalem, violava os lares para prender os fieis, homens e mulheres, que arrojava ao calabouço. Depois, alcançou do soberano sacerdote credenciaes com plenos poderes junto das synagogas da Judéa, da Samaria e de Damasco, e elle percorria todas as cidades em busca dos discipulos que elle despachava algemados para Jerusalem. Ora, um dia, em que viajava, a caminho de Damasco, na frente de uma tropa de cavaleiros armados, foi de repente cercado por uma luz celeste; elle caiu com a face no chão, e ouviu uma voz que dizia: « Saul, Saul, porque me persegues? — Quem sois vós ? Senhor, respondeu elle — Eu sou Jesus de Nazareth, que tu persegues. É cruel para ti, revoltar-te contra o meu jugo. — Senhor, disse Saul, assustado, que quereis pois que eu faça? » E a voz proseguiu : « Vae ter com Ananias em Damasco, e elle dir-te-á o que te cumpre fazer. » Ora, os homens que formavam o sequito, pegaram da mão de Saul, pois este não enxergava, e conduziram-no para Damasco. O Senhor dissera ao seu sacerdote Ananias : « Ide na casa de Judas procurar a um homem de Tarso chamado Saul ; eu o escolhi para ser um vaso de eleição, para elle levar meu nome aos Gentios, aos reis, aos filhos de Israel. » Ananias achou Saul rezando. Impoz-lhe as mãos, communicou-lhe o Espirito Santo e restituiu-lhe a vista. Saul, depois, recebeu o baptismo e permaneceu entre os discipulos de Jesus, pregando nas synagogas, despertando em todo o povo admiração e ira. O convertido de Damasco tomou o nome de Paulo ; elle regressou em Jerusalem a conversar com os apóstolos e voltou na sua patria.

para ali preparar-se, no recolhimento e na oração, á sua missão de apóstolo dos Gentios. (*Act.* IX.)

V. *São Pedro em Antiochia.* — Comtudo, Pedro ia visitando as cidades da Judéa e da Samaria. Em Lydda, curou um paralytico chamada Enéas; em Joppé ressuscitou uma piedosa mulher chamada Tabitha, cujas bôas obras tinham espalhado a fama por toda a cidade. Em Cesaréa, Pedro abriu as portas da Igreja ao centurião Cornelio e á sua famiila, que fôram dest'arte as primicias da gentilidade. O Espirito Santo, ao baixar sobre Cornelio e todos os que o escutavam, mostrou claramente que os gentios deviam ser admitidos, como os Judeus, ao beneficio da fé e á graça do baptismo.

A fé christã já se tinha propagado entre os Gregos de Antiochia. Grande numero converteu-se; os apóstolos despacharam Barnabé para os fortificar nas suas crenças e nas praticas da vida christã. Barnabé foi depois a Tarso e trouxe, de volta, são Paulo a Antiochia, onde permaneceram um anno inteiro. É ali que, pela vez primeira, receberam o nome de *christãos*.

Nesta época, S. Pedro transferiu sua residencia de Jerusalem para Antiochia. Desta cidade, metropole da Asia, elle presidia aos progressos da fé e ao governo da Igreja. Pensa-se que fundou, elle proprio, as primeiras Igrejas da Asia menor, do Ponto, da Galicia, de Bythinia e de Capadocia, ás quaes enviou depois a sua segunda Epistola.

Numa viagem que fez para Jerusalem afim de providenciar sobre algumas necessidades das Igrejas, por pouco não caíu o principe dos apóstolos victima da perseguição de Herodes Agrippa I°. Este, nomeado rei da Judéa, fez morrer pela espada o apóstolo são Thiago. Mandou prender são Pedro no proposito de suplicial-o depois da festa da Paschoa, que estava

proxima. Mas na noite anterior ao dia marcado para a execução da sentença, emquanto os fieis congregados dirigiam ao céu fervorosas preces para a libertação do Apóstolo, um anjo veiu e o soltou milagrosamente. Deus zelava pela Igreja nascente e pelo chefe. Correu algum tempo, e Herodes caiu victimado pela vingança divina; morreu comido vivo pelos vermes. Com elle desappareceu o reino de Judá. Seu filho Herodes Agrippa II recebeu do imperador uma realeza nominal. Arruinada Jerusalem, elle resolveu retirar-se em Roma com sua irmã, a celebre Berenice.

ARTIGO II

Difusão da Igreja.

I. A cathedra de são Pedro em Roma. — II. Apostolado de são Paulo. — III. Pregação dos outros apostolos. — Reflexões de Bossuet.

I. *A cathedra de são Pedro em Roma.* — Depois de permanecer cerca de sete annos em Antiochia, o principe dos apóstolos deixou esta cidade e transferiu para Roma a sua séde episcopal, na capital do imperio. O interesse do christianismo reclamava esta providencia, e é provavel que o divino Mestre lhe tivesse dado ordens a respeito. Foi no anno 42, sob o reinado de Claudio, segundo a melhor chronologia, que Pedro fez a sua entrada nesta cidade celebre, a um tempo rainha do mundo e centro da idolatria. Assistia ao chefe dos apóstolos o direito de arvorar primeiro a cruz de Christo em frente do Capitolio. As primeiras pregações de são Pedro, todavia, pouco efeito surtiram. Desacoroçoado, Pedro pensava em deixar a cidade eterna. Ia saindo por uma das portas de Roma, reza a tradição, quando deparou com o Salvador carregando a sua cruz.

« Mestre, para onde ides? perguntou o fugitivo. — Vou em Roma, respondeu Jesus, para ali ser crucificado segunda vez. » Pedro entendeu que tinha de ficar no seu posto e morrer ali da mesma maneira que seu Mestre.

No bairro do Tibre, o apóstolo encontrou uma colonia de Judeus, entre os quaes, breve angariou um grupo de fieis. Pela familia de Aquila e de Priscilla, travou relações com Prudens, senador romano da familia dos *Cornelios*. O senador convertido ofereceu seu palacio para ser a primeira Igreja christã. No fim de alguns annos, milhares de christãos, na cidade, professavam a nova fé: varios dentre elles até moravam no paço dos Cesares. Segundo o testemunho de Bede o veneravel, historiador grego do seculo VIII, são Pedro evangelisou a Italia e levou a sua palavra até na Grã Bretanha, atravessando as Gallias. A Espanha o recebeu igualmente, e, com certeza, antes de voltar em Roma, terá visitado as costas da Africa, de modo que todo o paiz que havia de formar o patriarcado do Occidente, teria sido percorrido e santificado pelo principe dos apóstolos. Por vinte e cinco annos, são Pedro senta-se no solio romano, fundando ali o imperio, o dominio espiritual sobre todos os povos conquistados.

II. *Apostolado de são Paulo.* — O mais poderoso auxiliar do chefe dos apóstolos na difusão do Evangelho, é sem duvida são Paulo, o convertido de Damasco. As suas lides apostolicas acham-se relatadas no livro das *Actas*, escripto por são Lucas, companheiro delle. Viera a Antiochia com Barnabé, e foi ali que os dois novos apóstolos receberam, com a imposição das mãos, a consagração sacerdotal e episcopal. Esta cidade foi o como centro do apostolado de são Paulo; elle saiu para tres viagens principaes, assignaladas por muitas colheitas na ceara do Senhor.

A primeira viagem foi feita antes do concilio de Jerusalem, de 45 até 47 ou 48. Na companhia de Barnabé, evangelisou primeiro a ilha de *Chypre*, onde converteu o proconsul romano Sergio Paulo, o qual, mais tarde lhe prestaria tão relevantes serviços em Roma ; depois regressou para o continente : Perga, Antiochia da Pisidia, Icona, Lystres, Derbe na Lycaonia, estremeceram de jubilo ao ouvirem o écho da bôa nova que lhe traziam os denodados arautos da fé. De volta em Antiochia, os dois apóstolos puderam narrar aos fieis os maravilhosos resultados do seu apostolado entre os Gentios.

A segunda viagem de São Paulo deu-se pouco depois do concilio de Jerusalem e durou cerca de tres annos, de 51 até 53. Barnabé tinha-se separado de Paulo para voltar na sua patria. Acompanhado por Sillas, o grande apóstolo dirigiu-se para o norte da Asia Menor, percorreu a Phrygia e lançou as primeiras sementes da fé na Galicia. Depois transpoz o estreito, e veiu á Europa fundar as Igrejas de Philippe, Thessalonica, e Beréa na Macedonia. Dali passou para a Grecia a evangelisar a culta Athenas, e contrapôr a loucura da cruz á sabedoria dos philosophos. Perante os membros do areopago, são Paulo fez esta fala : « Athenienses, eu vejo que acima de tudo, sois um povo religioso ; pois ao perlustrar vossas ruas, ao contemplar as estatuas dos vossos deuses, reparei num altar que trazia estes dizeres : *Ao Deus desconhecido*. Este Deus que adorais sem o conhecer, é elle que eu vos anuncio. » Varios Athenienses creram no Evangelho, entre elles Dionysio o Areopagita, o futuro apóstolo de Lutecia, e uma piedosa mulher chamada Damaris.

De Athenas, são Paulo foi para Corintho a voluptuosa, que elle transformou em uma cidade verdadeiramente christã. A casa do Judeu Aquila lhe deu agasalho, e esta mesma familia foi mais tarde em

Roma, um auxilio precioso para são Pedro e são Paulo. De Corintho, o imperterrito apóstolo regressou a Antiochia, Epheso, Cesaréa e Jerusalem.

A *terceira viagem* de são Paulo é a mais demorada. Deu-se mais ou menos do anno 55 até 58. O apóstolo visitou as provincias da alta Asia, já evangelisadas por são Pedro e depois por muitos operarios apostolicos, sendo o mais celebre Apollonio, judeu convertido de Alexandria. A cidade de Epheso foi o objecto especial do empenho do grande apostolo. Afamada por seu commercio, por seu templo de Diana e por seu zelo no culto da *grande deusa*, esta cidade era um foco de idolatria, baluarte do paganismo que importava minar e arrasar. Illuminados pela palavra de Deus, os Ephesos, em grande copia, converteramse, queimaram seus livros supersticiosos e magicos. Todavia, um ourives, chamado Demetrio, organisou uma revolta que constrangeu são Paulo a deixar Epheso.

O Apóstolo tornou a ver a Macedonia, a Grecia, Troade e Mileto, onde fez as suas despedidas aos christãos que tinham vindo até a praia. Alguns dias depois, encontram-no em Cesaréa, e emfim chega em Jerusalem, onde cae nas mãos dos seus inimigos, sendo obrigado a apelar para Cesar.

Paulo ficou dois annos preso na Judéa, debaixo dos proconsules Felix e Porcio Festo. (Annos 59 e 60.) Levaram-no em Roma, onde ficou dois annos com a liberdade de andar onde quizesse, com algemas em uma das mãos e um soldado para acompanhal-o. Elle podia pregar sem impecilho a fé christã, e elle o fez com afouteza e exito. Até no proprio palacio de Nero tinha discipulos. Passados estes dois annos de prevenção, Paulo recuperou a liberdade (62). Usou della para visitar o meio dia das Gallias, a Espanha, a Grecia e a Macedonia. Regressou em Roma no momento da primeira perseguição, sob Nero, para

rematar pelo martyrio o seu maravilhoso, admiravel e fertil apostolado.

III. *Pregação dos outros apóstolos.* — Segundo uma tradição digna de fé, todos os apóstolos, antes de repartirem o mundo entre si, compuzeram juntos o *symbolo* da nossa fé christã.

São *Thiago o Menor*, parente de Nosso Senhor, foi bispo de Jerusalem. Sua doutrina, sua santidade grangearam-lhe, até por parte dos Judeus, o cognome de *Justo*. Todavia, para o anno de 62, a confissão publica que elle fez da divindade de Nosso Senhor, lhe valeu o martyrio : foi precipitado do alto do templo, e como ainda respirasse e orasse por seus algozes, mataram-no com uma pancada.

Santo *André*, irmão de Simão Pedro, foi para a Scythia, evangelisou a Thracia e o Epiro, onde houve muitissimas conversões ; depois, passou na Achaia e foi crucificado em Patras, por ordem do proconsul Egeu.

São *João*, o discipulo predilecto do Salvador, consagrou seu apostolado á Ásia ; sua residencia habitual terá sido Epheso. Todos os monumentos mencionam a influencia consideravel do apóstolo são João sobre as Igrejas do Oriente das quaes era elle o oraculo. A perseguição o veiu buscar em meio da sua labuta e do seu exito. Foi levado a Roma e condenado, sob Domiciano, a um suplicio horroroso ; salvo porém por um milagre, viveu mais que todos os outros apóstolos e quando morreu, tinha passado dos cem annos.

No tocante aos mais apóstolos, escasseiam os documentos : levaram a bôa nova ás regiões longinquas do universo e fundaram, por toda a parte, numerosas Igrejas. São *Matheus* elegeu morada primeiro na Judéa, onde escreveu o seu Evangelho, e partiu depois para a Ethiopia e o paiz dos Parthos ; são *Thomé* lidou tambem com os Parthos, evange-

lisou a Persia, a Ethiopia e até nas Indias foi pregar ; a são *Judas*, irmão de Thiago o Menor, coube em partilha a Mesopotamia, a Persia, a Armenia ; são *Simão* o Chananeu pregou na Mesopotamia, na Iduméa e na Arabia ; são *Bartholomeu* exerceu o apostolado na India, na Phrygia, na Lycaonia, e sofreu o martyrio na Armenia, onde foi esfolado vivo, no anno de 71 ; são *Filippe* percorreu a alta Asia, e parece que acabou a sua longa carreira na Phrygia ; emfim são *Mathias*, substituto do traidor Judas, entrou na Capadocia, ladeou as margens do mar Caspio e foi martyrisado na Colchida.

IV. *Reflexões de Bossuet.* — É pois um facto historico bem patente que o Christianismo se difundiu com uma rapidez portentosa em Jerusalem, na Judéa, em Roma, em todas as provincias do imperio, além mesmo do mundo romano e até nos paizes barbaros e quasi desconhecidos. Escutemos as reflexões de Bossuet neste particular.

« Era isto o effeito desta bençam suprema que o mundo devia esperar de Jesus Christo. Ia alastrando todos os dias, de familia em familia, de povo a povo : desvendavam-se mais e mais os olhos dos homens, inteirando-se da cegueira em que viviam, fruto da idolatria ; e máu grado o ingente poder romano, sem revolta nenhuma, sem provocarem desordem, iam os christãos, somente com a arma do sofrimento, vencendo o mundo pagão, mudando a face da terra, e espalhando-se por todo o orbe.

« A rapidez inaudita com que se realisou esta transformação assombrosa, é um milagre evidente... Nem tinham os apóstolos acabado suas excursões evangelicas e são Paulo já podia dizer aos Romanos « que a sua fé estava anunciada em todo o mundo... » Cem annos depois de Jesus Christo, são Justino contava entre os fieis muitas nações selvagens, e mesmo

estes povos nomadas que andavam vagueando de cá e de lá, sem moradia estavel.

« Que terá presenciado o mundo para anuir tão de prompto ao convite de Jesus Christo? Si viu milagres, é signal que a mão de Deus esteve visivel a dirigir tudo; e si porventura não os tivesse visto, não seria então um milagre novo, maior e mais surprehendente que os outros negados, isto de ter convertido o mundo sem milagre, de ter ensinado a ignorantes mysterios tão altos, de ter inspirado áquella pleiade de sabios uma submissão humilde, e de ter convencido a tantos incredulos da verdade de tantas cousas incriveis (1)? »

ARTIGO III

Os ensinamentos apostolicos.

I. Os Evangelhos e as Epistolas. — II. O concilio de Jerusalem. — III. A Igreja em frente das seitas judaisantes. — IV. Os primeiros christãos.

I. *Os Evangelhos e as Epistolas dos Apostolos.* — Quando o Christianismo se levantou sobre o mundo, teve de espancar varias trevas, quer entre os Gentios, quer entre os Judeus. — Por parte dos pagãos, havia opposição systematica aos ensinos da fé, que elles consideravam como uma *loucura* e oposição já racionalista de tudo aos mysterios, aos deveres sobrenaturaes e a esta vida nova e superior que formava, de alguma maneira, a base da Religião christã. — Por parte dos Judeus, o ensino christão tinha que enfrentar com uma relutancia igual; pois este povo permanecia apegado á lei de seus paes, e ainda quando convertido, não podia se resolver a abandonar as praticas exteriores da lei e a deixar completamente Moysés

(1) *Historia universal*, II parte, cap. XX.

por Jesus Christo. A Igreja tinha de viver no meio destes elementos diversos, nortear a consciencia e o proceder dos individuos, organisar a familia, apontar para todos, direitos e deveres.

No começo, quasi sempre os apostolos o faziam verbalmente. Depois, entraram a escrever as ordens que lhes ministrava o Espirito Santo, ordens que os fieis acatavam como sendo a propria palavra de Deus. Esta é a origem dos livros do Novo Testamento, e especialmente dos *Evangelhos* e das *Epistolas dos apóstolos*.

Cumpria, acima de tudo, gravar na memoria dos fieis o resumo das obras, dos discursos e milagres de Jesus Christo. Os *Evangelhos* foram este memorial divino. Os tres primeiros são da lavra de são Matheus, são Marcos e são Lucas, do anno 45 até 65 de J. C. Mais tarde, para o fim do seculo, são João escreveu o quarto Evangelho, para pôr em destaque, numa luz mais brilhante, a divindade de Jesus Christo que os herejes teimavam em occultar. Com a sua narração do Evangelho, são Lucas deixou-nos, sob o titulo de *Actas dos apostolos*, a historia das primeiras conquistas da fé. Este livro, começado em Roma, durante o captiveiro de Paulo, cerca do anno 60, pára com o anno 62.

As *Epistolas de são Paulo* constituem uma parte importantissima do commentario escrito pelos apóstolos sobre a doutrina christã. Sem esmiuçarmos todos os ensinos que ellas contêm, vamos somente estudar o objecto de cada uma, na ordem em que se apresentam no Novo Testamento.

A *Epistola aos Romanos* (anno 58) é o desenvolvimento desta these dogmatica : « A fé em Jesus Christo é um requisito indispensavel para os Judeus e os Gentios ; é a unica condição da justificação e da salvação. » (C. I-XI.) Termina com preceitos e conselhos de moral relativos á vida e ás virtudes christãs. (Cap. XIV-XVI.)

Na *primeira Epistola aos Corinthios* (anno 56), são Paulo censura com a maxima energia certas desordens succedidas em Corintho, algumas desavenças provenientes do espirito de orgulho, o abuso lastimavel de apelar a juizes pagãos para solução de questões entre christãos. (Cap. I-VI.) Determina pontos de alta importancia sobre o *matrimonio* e o *estado de virgindade :* o matrimonio é honesto e licito, porém é preferivel o celibato quando Deus dá a vocação. (Cap. VII.) Emfim o Apóstolo dá normas cheias de sabedoria acerca das carnes consagradas aos idolos, acerca do uso dos dons sobrenaturaes e do proceder do christão com a santissima Eucharistia. A carta finalisa com importantes reflexões sobre a resurreição dos corpos (Cap. IX-XVI.)

Em sua *IIª Epistola aos Corinthios* (anno 57), expande são Paulo o complemento dos ensinos anteriores ; dá a conhecer o sacerdocio da lei nova, suas grandezas, suas potencias, como tambem suas lutas e continuas perseguições. (Cap. I-VII.). Fala demoradamente das esmolas e dos dons a angariar para os pobres de Jerusalem. (Cap. VIII-IX.) O fim desta epistola é uma apologia vehemente do seu proprio apostolado em resposta aos primeiros herejes, e aos falsos irmãos que não paravam de debical-o (Cap. X-XII.)

A *Epistola aos Galatas* foi escripta em 55 de J. C. Os fieis desta Igreja tinham quasi todos caido nos erros dos judaisantes. O Apostolo faz a apologia da doutrina que recebeu de Nosso Senhor (Cap. I-II) ; depois, estabelece o dogma fundamental da salvação por Jesus Christo somente, resultando a completa inutilidade da lei mosaica (cap. III-VI) ; no fim, vem uma exhortação a perseverarem na fé e nas virtudes christãs. (Cap. V-VI.)

Na *Epistola aos Ephesos*, em data de 62, época do cativeiro de são Paulo, ha uma parte dogmatica, em

que o Apostolo enumerera as riquezas da Redempção, e fala magnificamente da Igreja, salientando a sua divina unidade, e sua vida immortal (cap. I-III); ha outra parte moral em que dá a todos, conselhos de vida christã; aos esposos indica os deveres, e lembra aos filhos, aos servos e aos donos as suas obrigações reciprocas. (Cap. IV-VI.)

A *Epistola aos Philippenses*, escrita no mesmo anno, traz felicitações dirigidas a este rebanho fiel; avisa-o contra os falsos apóstolos, e ajunta exhortações commoventes á alegria, á oração e á santidade. (Cap. I-IV.)

A *Epistola aos Colossenses* (anno 62), desenvolve verdades dogmaticas predilectas do apóstolo : as grandezas de Jesus Christo e os frutos da Redempção (cap. I-II, 15.) e os deveres de moral relativos ás ordenanças mosaicas, á mortificação christã, á caridade, á obediencia (Cap. II, 15-25, e IV.)

Duas *Epistolas aos Thessalonicenses*, uma no anno 52, a outra no anno seguinte, são as mais antigas que escreveu são Paulo. Na primeira, o Apóstolo dá parabens a estes christãos por sua fidelidade durante a perseguição; dá-lhes conselhos de castidade e piedade, e ampara suas esperanças com o pensamento da resurreição. Na segunda, desengana aos Thessalonicenses que julgavam fosse proximo o juizo ultimo e o reino do Antechristo; anima-os á fidelidade e á perseverança.

Tres *Epistolas* de são Paulo, chamadas *epistolas pastoraes*, foram dirigidas a Timotheu e a Tito, discipulos do Apóstolo (64-66 de J. C.) No seu conjunto constituem um excellente tratado das virtudes episcopaes e sacerdotaes e das obrigações do ministerio. Uma curta Epistola a Philemon contem um arrazoado eloquente a favor de um escravo fugitivo.

Emfim, a *Epistola aos Hebreus*, escrita no anna de 63, é uma das mais importantes no ponto de vista dog-

matico e moral. São Paulo mostra nella a superioridade do Christianismo sobre o judaismo, firmando-a na excelencia incomparavel do Salvador como legislador e como sacerdote. (Cap. I-X.) Os preceitos de moral que aduz podem se resumir nesses dois pontos: necessidade da perseverança na fé e tambem nas bôas obras. (Cap. XI-XIII.)

Para completar este conjunto da doutrina apostolica, lancemos um olhar sobre as *Epistolas* dos outros apóstolos. São geralmente designadas pelo nome de *sete Epistolas catholicas*, porque foram dirigidas, não a Igreja ou a pessôas particulares, mas a todas as Igrejas catholicas espalhadas na christandade.

A primeira destas epistolas é de *são Thiago o Menor*, bispo de Jerusalem. Ella expõe a necessidade das bôas obras para a salvação, e traz tambem valiosos ensinos sobre a Extrema Unção, a Confissão, o poder da oração, etc. Esta carta foi escrita de Jerusalem, para o anno 62 de Jesus Christo.

São Pedro escreveu duas *Epistolas*, uma para o anno 45, a outra em 66, pouco antes do seu martyrio. A primeira tem por fim lembrar aos fieis a santidade de sua vocação, a obrigação de arrostar todas as affrontas antes de perder a fé; encerra igualmente preceitos de moral christã para todos os estados e todas as condições. A segunda põe os fieis de sobreaviso contra os falsos doutores e herejes, que já naquelle tempo, iam apparecendo na Igreja, e principalmente contra os que negavam o ultimo advento de Jesus Christo.

Do apóstolo *são João*, temos tres *Epistolas*: a primeira, mais importante, escrita para o anno 104, tem por fim combater varios herejes que negavam uns a divindade de Nosso Senhor, outros a sua Incarnação, outros a necessidade das bôas obras. A segunda epistola, dedicada a *Electa* e a terceira, endereçada a Gaio, são uma exhortação á vida christã é á perseverança na verdade e na caridade.

O apostolo *são Judas* nos deixou uma *Epistola* em que denuncia certos herejes que deshonravam a Igreja nascente, e anima os fieis á firmeza na fé e á pratica de obras bôas.

Emfim o *Apocalypse de são João* fecha o livro do Novo Testamento. O apóstolo o redigiu depois do seu Evangelho, para o anno 96 de J. C. É uma serie de visões mysteriosas e propheticas, symbolos dos destinos da Igreja sobre a terra, desde seus primeiros combates até a sua derradeira victoria ; mas o escriptor sagrado soube interpolar na sua obra, lições de moral dirigidas aos bispos das principaes sédes (cap. II-III) ; manifesta-se a acção da Providencia, e finalmente, o triumpho definitivo do bem sobre o mal vem coroar a luta, nos hombraes desta eternidade bemaventurada onde terão ingresso somente as almas puras. (Cap. XX-XXII.)

II. *O concilio de Jerusalem.* — Os apóstolos se esmeravam em desenvolver nas suas epistolas, os ensinos do divino Mestre, e conforme o exigiam as circumstancias, profligavam o erro e aconselhavam as Igrejas nascentes. Porém, quando surgem difficuldades maiores, um meio mais solene e mais facil de vencel-as, é a reunião dos pastores em *concilio*. Vemos um exemplo disso, logo nas origens do Christianismo, pelo *concilio apostolico* de Jerusalem, no anno 50 de J. C.

O incremento da fé no seio do paganismo originou, na Igreja de Antiochia, viva controversia. Era para saber si os preceitos mosaicos ficavam vigorando, e si os gentios convertidos tinham que observar taes preceitos. Os apóstolos Pedro, Paulo e Barnabé tinham optado para a negativa ; todavia, alguns judeo-christãos queriam submeter os neoconvertidos á circumcisão e mais praticas da lei de Moysés, considerando esta obrigação imprescindivel

para a salvação, como si fosse necessario ser Judeu primeiro para vir a ser christão.

O principe dos apóstolos veiu de Roma para Jerusalem, afim de tratar desta questão com o corpo apostolico e dar á decisão o peso, o valor da sua autoridade suprema. É elle o presidente do concilio, ouve os pareceres, e por ultimo, toma a palavra para pronunciar, sob a inspiração do Espirito Santo, uma sentença, que a assembléa, unanime, aprova e confirma.

O concilio promulgou um decreto suprimindo todas as observanças da lei antiga. Entretanto, para não melindrar os judaisantes, conservou para os Gentios um dos preceitos positivos mais antigos, que os proselytas observavam sem custo : « Ao Espirito Santo e a nós, pareceu bom, reza o concilio, nada impôr-vos além do que é necessario, isto é : não comerdes o que tiver sido sacrificado aos idolos, sangue ou carne afogada e abandonardes a fornicação. » (*Act.* xv, 28-29.)

III. *A Igreja em frente das seitas judaisantes.* — O resumo das Epistolas e as questões aventadas no concilio de Jerusalem nos mostram claramente que, ainda no berço, a Igreja encontrava adversarios da sua doutrina. Os primeiros herejes foram os judaisantes que pretendiam conservar as usanças mosaicas. Varios delles, com *Cerintho* como chefe, não quizeram atender ás decisões do concilio ; formaram imediatamente uma seita conhecida pelo nome de *cerinthianos*, e acabaram por rejeitar a divindade de Jesus Christo, sua doutrina, sua revelação, sua moral. São Paulo teve o privilegio de incorrer no odio delles porque os combatia tenaz e denodadamente.

Outra seita judaisante foi a dos simoniacos, de *Simão o Magico*, seu chefe. Este homem habitava Samaria e tinha recebido o baptismo. Testemunha

dos milagres praticados pelos apóstolos, e dos maravilhosos effeitos produzidos pelo Espirito Santo naquelles que o recebiam, veiu ter com são Pedro e lhe ofereceu dinheiro para alcançar o mesmo poder. O apóstolo respondeu-lhes : « Perece, tu e teu dinheiro comtigo, pois julgaste que o dom de Deus pode se comprar a preço de ouro ! » Simão pareceu arrepender-se. Porém, junto com o trafico das cousas santas e um orgulho estupido, elle trazia para o seio da Igreja superstições magicas, e um acervo de erros tirados do paganismo, que passou a chamar-se a *Gnose*.

Simão e seus partidarios pretendiam possuir exclusivamente o *conhecimento* das cousas ou a sciencia : daí seu nome de *gnosticos ;* eram chamados ainda *espirituaes* por oposição ao vulgo que elles apelidavam *materiaes* ou grosseiros. Simão admitia um Deus supremo, mas inaccessivel, que não era o creador do mundo. Para elle, a deusa creadora encerrou nos corpos almas immaterias: dali as desgraças da humanidade ; ella deu á luz tambem varias series de deuses ou Ions, sendo o primeiro delles o usurpador do mundo. A este systema pantheista, Simão unia a devassidão, a immoralidade. Os apóstolos lutaram contra este heresiarca e sua doutrina. São Pedro e são Paulo tornaram a vel-o em Roma, deslumbrando a côrte de Nero com sua magia.

Emfim, outras seitas nasceram do judaismo e da gnose ; a dos *nicolaitas*, cuja origem se atribue a Nicolau, um dos sete primeiros diaconos, que se distinguia por seus costumes relaxados ; a dos *ebionitas*, assim chamada por causa de seu chefe o Judeu *Ebion*, discipulo de Cerintho ; a dos *nazarenos*, constando de christãos refugiados em Pella por occasião do cerco de Jerusalem ; a dos *docetas*, que ensinavam não ter Jesus Christo tomada um corpo real sinão fantastico ; a dos *milenarios* que, interpretando falsamente as Escripturas,

acreditavam num reino temporal de Jesus Christo de mil annos, seguido do fim do mundo.

São João, no seu Evangelho e nas suas Epistolas, combateu especialmente as seitas judaisantes.

IV. *Os primeiros christãos.* — Apezar dos esforços do espirito das trevas, a communidade christã de Jerusalem apresentava um espectaculo encantador e tornava-se o bello prototypo de todas as Igrejas. « Os fieis, escreveu são Lucas, perseveravam na doutrina dos apóstolos, na communhão da fração do pão e na oração. Os crentes moravam juntos e possuiam tudo em commum. Vendiam suas terras e seus bens e distribuiam o preço aos necessitados. » Ananias e Saphira, que queriam roubar a sociedade christã, iludir ao principe dos apóstolos e mentir ao Espirito Santo, foram punidos de morte repentina, para que este castigo servisse de escarmento.

Quem ha de descrever as virtudes, os exemplos, os costumes e as respeitaveis usanças da Igreja nascente? « A concordia, fala Bossuet, era admiravel : o que se acreditava nas Espanhas, nas Gallias, na Germania, acreditava-se no Egypto e no Oriente ; e assim como havia um unico sol em todo o universo, via-se na Igreja toda, de um extremo do mundo ao outro, a mesma luz da verdade. Mas o milagre dos milagres, é que, junto com a fé nos mysterios, as virtudes mais eminentes, as praticas mais penosas, se propagaram por toda a terra... Não se pódem contar os exemplos dos ricos que se fizeram pobres para aliviar a miseria, nem dos indigentes que preferiram seu estado á fortuna, nem das virgens que tiveram na terra o viver dos anjos, nem dos pastores caridosos, que se entregavam de corpo e alma ao cuidado do seu rebanho, promptos a dar por elle não só os trabalhos, mas a propria vida. »

Nesses tempos longinquos, já apparecem todos os

nossos usos catholicos: a Igreja tem a sua jerarchia formada pelo papa, os bispos, os sacerdotes e os diaconos. Os christãos congregam-se « para a fração do pão », isto é, para a oferta do santo sacrificio e a communhão eucharistica. *Agapes* fraternaes encerravam a ceremonia. Havia esmolas para os irmãos indigentes. Em breve o *Domingo* entrou a predominar sobre o Sabbado. A autoridade do sacerdocio tinha seu pleno vigor na assembléa santa. São Paulo já expelia da sociedade dos fieis o peccador escandaloso de Corintho e o feria com a excommunhão.

Emfim, nesta Igreja dos primeiros dias, em Jerusalem, depois em Epheso, a Virgem Maria, sob a egide de são João, recebia protestos de amor e veneração de toda a communidade christã. Quando aconteceu a sua bemaventurada morte, em Jerusalem, os apóstolos se acharam milagrosamente reunidos, nos diz a tradição; e quando quizeram, tres dias depois, antes de se separarem, contemplar pela ultima vez aquella que Jesus tinha escolhido por Mãe, não encontraram sinão um tumulo vasio, adornado de flores recem-desabrochadas. O Filho de Deus tinha ressuscitado a sua Mãe. Com o culto de Maria, passava para os seculos vindouros a memoria e a festa da gloriosa *Assumpção.*

CAPITULO II

A Igreja e as perseguições

(Do anno 67 até 313.)

Esboço desta época. — Divisão deste capitulo.

A Igreja desempenhára maravilhosamente o papel que lhe tinha confiado o seu divino Fundador : « Ide, ensinai todas as nações. » Menos de quarenta annos depois, contava discipulos aos milhares ; uma phalange de innumeros pioneiros tinha-se arrojado á conquista do mundo, e em toda a parte havia Igrejas poderosamente organisadas. Sem recursos, sem prestigio humano, pelas unicas forças da verdade e da palavra, os apostolos tinham realisado este milagre.

Um segundo prodigio acompanha este. Logo no seu berço a Igreja sofrera a perseguição ; victima do odio dos Judeus e de Herodes, alvo das investidas das primeiras seitas hereticas, contraria a todas as pretensões da sabedoria humana representada pelos philosophos, tivera que pelejar para alcançar a victoria. Mas agora, desencadeia-se a perseguição furiosa, sangrenta, insaciavel, universal. Durante tres seculos, a Igreja, em luta com o colosso romano, será entalada no sepulcro das catacumbas, coberta de sangue e de feridas ; mas ha de quebrar a campa e sair deste tumulo mais viva, mais victoriosa, mais invencivel que nunca. « Estareis como que debaixo da prensa, dissera-lhes Nosso Senhor ; porém tende confiança, eu venci o mundo. » A prophecia terá seu cumprimento.

No mesmo tempo, outro genero de perseguição

enluta a Igreja: o Salvador anunciára escandalos; tinha dito que seus discipulos haveriam de ser ludibriados, escarnecidos e desprezados. Ora, emquanto o imperio romano pisava aos pés a Igreja martyrisada, outra guerra renhida movia á verdade christã a sua acerrima inimiga: a heresia. No mesmo tempo, o philosophismo pagão mostra-se o adversario resoluto desta doutrina; em nome da sabedoria humana, elle quizera estorvar o triumpho da fé sobre o orgulho da razão revoltada.

Contemplemos amorosos, a Igreja nas suas lutas heroicas; vejamos 1º a *luta sangrenta* contra as perseguições dos imperadores romanos; 2º a *luta victoriosa* contra a heresia e o philosophismo pagão; 3º os *escriptores* e os *apologistas* dos seculos II e III que mais destemida e activamente contribuiram ao desenvolvimento da doutrina catholica; 4º a *Igreja triumphando* debaixo de Constantino.

ARTIGO I

A luta sangrenta contra as perseguições.

I. A verdadeira causa das perseguições. — II. Pretextos adduzidos pelos tyranos. — III. Caracteres geraes das perseguições. — IV. Pormenores sobre as dez perseguições.

I. *A verdadeira causa das perseguições.* — Deus queria que a sua Igreja fosse temperada no cadinho da dôr, e só chegasse á conquista da liberdade pela demorada prova da immolação e do sacrificio. A não ser assim, o mundo podia duvidar si a obra era divina ou não; aos olhos iludidos das gerações do porvir, ella teria aparecido como uma evolução natural do progresso humano. A perseguição devia ser util á propria Igreja; nascida no meio do mundo antigo, forçosamente havia de trazer no seio elementos

morbidos que a teriam talvez corrompido. A luta sangrenta ia causar uma selecção, uma purificação necessaria; ia cunhar as almas e a propria carne dos christãos com o sello do Evangelho que é a abnegação, o sofrimento e a cruz. Esta lição sublime, tambem o mundo pagão a reclamava por igual; engolfado num materialismo hediondo, á cata unicamente de gozos e prazeres, centralisando todas as alegrias na vida presente, elle seria mais intimamente commovido pela santidade e pelo heroismo dos martyres do que por todos os ensinos e todas as praticas. Por parte de Deus, por conseguinte, havia um intuito providencial em todas as provas com que acrysolava a sua Igreja.

Mas a este motivo inteiramente divino, ajuntaram-se outros motivos humanos, secundarios embora, porém muito reaes. « Tres circumstancias especialmente, diz Bossuet, tornaram a perseguição pavorosa. Primeiro, os christãos eram desprezados; em segundo lugar, eram odiados; finalmente, este odio crescia até o furor. » A causa natural deste menosprezo e odio era o contraste de suas virtudes com os vicios dos pagãos. Além disso o exito que alcançava o Christianismo amedrontava a idolatria; proconsules e governadores, quando atacavam os christãos, cuidavam prestar serviço á religião e á patria. O cesarismo tinha eivado a antiga republica; substituira o direito pela força; queria avassalar corpo e alma, familia e sociedade. O christianismo, pelo contrario, queria a liberdade das almas; vingava os direitos da honra e da virtude, apregoava a verdadeira fraternidade. Logo os imperadores haviam de ser os inimigos do Christianismo; e já que a força material lhes pertencia, trataram de aniquilal-o pela opressão, os suplicios e a morte.

II. *Pretextos aduzidos pelos preseguidores.* — Para

legitimar os odios, não houve pretexto para o qual não apelassem. « Si o Tibro transbordava, si a chuva não vinha regar a terra, si os barbaros invadiam alguma parte do imperio, os christãos eram castigados com a morte. » Mas quando ficou provado que estes christãos eram os mais fieis subditos em todo o imperio, quando viram que a vida delles corria placida, mansa e resignada, foram desencantar outros pretextos ; as *Actas dos martyres* referem tres principaes :

1º A acusação mais ordinaria que se lhes fazia, era a pecha de atheismo. Como elles fizessem profissão de adorar a um Deus unico e espiritual, como se arredassem das assembléas pagãs e não consentissem em participar aos sacrificios dos idolos, chamaram-nos de traidores á religião da patria e insultores dos deuses.

2º O odio inventou contra as assembleias e os costumes dos christãos as calumnias mais absurdas e mais horrorosas. Os discipulos da religião nova deviam ocultar aos olhares dos infieis as suas reuniões e seus mysterios sagrados : a *lei do sigillo*, editada para resguardar os dogmas christãos dos ataques dos profanos, veiu a ser um pretexto para as mais estranhas acusações. Imaginaram que orgias lubricas não podiam deixar de ir de envolta com assembleias secretas. Alguns cochichos ouvidos acerca do nosso dogma eucharistico, deram origem a esta interpretação que as agapes dos christãos não passavam de festins de cannibaes, e que gostavam de saciar-se com a carne sangrenta de um menino. Tacito, sem mais ponderação nem pesquiza, proclamava os christãos culpados de todos os crimes. Porém, evidenciou-se a verdade e quando estas calumnias tiveram obrigado os nossos apologistas a erguer a voz, ficou patente que a innocencia dos costumes christãos desafiava todos os ataques.

3º Houve uma terceira razão, a miudo repisada

por todos os governos tyranicos : a de ser opposta ás leis do imperio. Já na época de Trajano, ha interrogações, autos e sentenças que só se estribam nesta accusação e os christãos são perseguidos porque pertencem a uma sociedade prohibida pelas leis. Não é mais o motivo de religião, é a razão de estado que justifica as condenações.

III. *Caracteres geraes das perseguições.* — Todas se parecem, e a unica divergencia que seja possivel apontar, é a maior ou menor extensão do paiz flagelado, a maior ou menor raiva dos tyranos. Do anno 64 até 325 de Jesus Christo, desde Nero até Constantino, isto é, num periodo de 260 annos, a perseguição é permanente. Sem duvida, ella não impera sempre e por toda a parte com o mesmo rigor ; mas até com os mais virtuosos imperadores, sempre houve provincias ensanguentadas com os suplicios dos christãos. Ás vezes, nas crises mais agudas, houve multidões imensas levadas ao martyrio ; quasi sempre os magistrados faziam uma escolha das victimas. E primeiro o furor dirige-se contra dignitarios ecclesiasticos; quasi todos os papas destes tres seculos morrem martyres. O mesmo acontece aos bispos e aos sacerdotes ; depois vêm os fieis distinctos por sua influencia, sua nobreza, sua caridade. Torturavam-nos e os faziam perecer para amedrontar os outros. Muitas vezes esta clausula está expressa na sentença : « Fulano, condenado ás chamas ou ao gladio vingador, para os sectarios serem assustados ».

Ordinariamente, o encarceramento precedia ao suplicio. Os martyres ali agoniavam por longos mezes ; mas as masmorras tornavam-se igrejas : oravam, cantavam mesmo os louvores de Deus, e preparavamse a uma morte bôa. Os christãos de fóra muitas vezes achavam o meio de levar-lhes as suas esmolas, o

seu auxilio, e sobretudo o *pão eucharistico* que lhes fortalecia o animo.

O inquerito era breve : promessas, ameaças, e mais nada : « Sacrifica ou morre ! » era esta a alternativa proposta aos christãos. « Assim é, redarguiu uma vez um delles, que procedem os Dalmatas, estes salteadores que exigem a bolsa ou a vida. — Pois, eu não tenho ordens para julgar, retrucou o tyrano, sinão para condenar. » Era, de facto, o processo que se usava.

As torturas praticadas contra os confessores da fé eram muitissimas, eram pavorosas : a agua, o fogo, a espada, o cavalete, as unhas de ferro, as rodas armadas de pontas, tudo quanto a barbaria mais requintada pôde excogitar de mais doloroso, de mais insuportavel, foi empregado.

Em meio destes supplicios terriveis, a força de animo dos martyres era maravilhosa ; Deus estampava nos seus rostos e derramava nos seus corações um socego, uma paz suave que estimulava os fieis, pasmava pagãos e algozes, e transformou mais de uma vez o carrasco em victima. O philosopho Seneca, impressionado com esta atitude dos martyres, fala delles com respeito e admiração. (Carta 78ª a Lucilio.)

Heroes destes, conta a Igreja, quando menos, *doze milhões*, e entre elles, fracas criancinhas, debeis mulheres, anciãos prestes a deixar a vida. Todas as condições humanas são representadas no rol dos martyres : sabios, ignorantes, ricos e pobres. A fé christã recolheu seus ossos e honrou-os condignamente. Hoje, passados dezeseis seculos, encontram-se nas catacumbas de Roma ; os innumeraveis *loculi* desafiam os nossos algarismos, e excedem muito as nossas suposições timidas. Por mais que multiplicassem os tormentos e as victimas, não deixou de ser profundamente exacta a palavra de Tertuliano : « O sangue dos martyres é uma semente de christãos. »

Passamos agora a ver, succintamente, as diversas phases da luta sangrenta com os nomes dos perseguidores e das victimas.

§ I. **Primeira perseguição geral** (64).

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Pedro em Roma (42-67).	Nero (54-68).
S. Lino (67-78).	Galba (68-69).
S. Cleto (78-91).	Othon, Vitellio (69).
	Vespasiano (69-79).
	Tito (79-81).

I. Primeira perseguição debaixo de Nero : martyrio dos santos apostolos Pedro e Paulo. — II. Vingança de Deus sobre Jerusalem.

I. *Primeira perseguição debaixo de Nero : martyrio dos santos apóstolos Pedro e Paulo.* — No anno de 64, Nero, para gozar do espectaculo de um incendio grandioso, mandou atear fogo a varios bairros de Roma. « O historiador Tacito narra que para apaziguar os animos excitados, Nero trouxe inculpados, e infligiu os mais requintados tormentos a homens detestados por seus crimes e que o povo designava com o nome de christãos. Apoderaram-se de uma *multidão immensa*, sendo antes seu crime o odio que lhes votava o genero humano do que o incendio da cidade. »

Este primeiro edito estendeu-se fóra de Roma. Em todas as partes do imperio, crescido numero de christãos foram supliciados. « Em Roma, refere Tacito, Nero os mandava vestir com pelles de animaes, deixando depois que cães famintos os devorassem debaixo dos seus olhos ; outros untados com resina e pez eram ligados a estacas ; de noite atacavam-lhes fogo, para que, a modo de fachos, alumiassem os jardins reaes, assim como as ruas e praças. Via-se Nero a passear de carro na luz destes archotes vivos. »

Entre as victimas da perseguição, a historia men-

ciona o principe dos apóstolos e são Paulo, seu collega na pregação. Ambos eram dignas presas para o furor de Nero. Juntos foram arrojados na prisão *Mamertina* onde converteram os carcereiros. A 29 de junho de 67, sofreram ambos o martyrio ; são Pedro foi crucificado de cabeça para baixo. O lugar do seu suplicio se tornou celebre debaixo do apelido : *Confissão de são Pedro*. São Paulo, por ser cidadão romano, pereceu pela espada, no caminho de Ostia, no lugar onde foi erguida a igreja de são *Paulo das tres fontes*. No lugar de sua sepultura, foi levantada a basilica de são *Paulo fóra dos muros*.

II. *Vingança de Deus sobre Jerusalem*. — Nero pereceu vergonhosamente um anno depois do martyrio dos santos apóstolos. Sob os successores de Nero, a Igreja pôde respirar um instante e viu então a vingança divina ferir a um tempo os tyranos e a cidade culpada de Jerusalem. Em 69, a familia dos *Flavianos* subiu ao trôno do imperio na pessôa de Vespasiano, e recebeu de Deus o encargo de castigar a nação judaica e de dispersal-a. Excitado pelos vexames sem conta dos proconsules romanos, este povo tratou de sacudir o jugo. Ja vimos como Vespasiano e depois Tito fizeram o cerco de Jerusalem e arruinaram a cidade e o templo. Desde essa catastrophe, os Judeus dispersos nunca conseguiram reunir-se e formar uma nação. Em 136, após uma revolta dos Judeus, Adriano quiz destruir o mesmo nome de Jerusalem. A capital da Judéa passou a ser *Ælia Capitolina*.

§ II. — **Segunda perseguição geral** (94).

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Clemente (91-100),	Domiciano (81-96).
S. Evaristo (100-109).	Nerva (96-98).

I. Segunda perseguição geral debaixo de Domiciano. — II. Martyrio de santo André ; são João diante da porta Latina.

I. *Segunda perseguição geral debaixo de Domiciano.*— Este imperador herdava de Vespasiano, seu pae, um odio profundo contra os philosophos entre os quaes confundia os christãos ; herdava de Nero os instinctos sanguinarios do tyrano. Em 94, deu começo á era sangrenta que ,segundo pensava, havia de derrubar a Igreja de Deus. Nero destruia os christãos atendendo ao numero ; Domiciano atendeu mais á qualidade, dirigindo sua raiva cega contra os mais ilustres christãos da sua familia e da sua côrte. Um christão fervoroso, que fôra promovido ás honras do consulado, *Flavio Clemens*, esposo de Flavia Domicilia e parente chegado do imperador, pereceu sob o machado do lictor ; outro christão ilustre, tambem consul, *Acilio Glabrio*, sofreu o martyrio. Outros personagens da familia imperial foram desterrados e tiveram os bens confiscados. Destes foi Flavia Domicilla. Emquanto estas execuções se realisavam em Roma, corria o sangue christão em todo o imperio ; a tormenta durou até que uma conspiração de palacio derrubasse o tyrano que morreu assassinado. (96.)

II. *Martyrio de santo André ; são João diante da porta Latina.* — Uma ilustre victima da segunda perseguição foi o apóstolo santo André, martyrisado em Patras, na Achaia. Foi condenado pelo proconsul Egéas a morrer numa cruz. Avistando ao longe o

instrumento do seu suplicio : « O' bôa cruz, exclamou ella, vós que tivestes a honra de receber o meu mestre, vós que tanto amei, e que por tão longo tempo tenho desejado, tirai-me da mão dos homens para me levardes a meu Deus. Acolha-me Aquelle por quem vós me remistes ! » Suspenso na cruz, elle viveu ainda dois dias, durante os quaes não deixou de animar a multidão e de pregar a fé em Jesus Christo.

No principio desta mesma perseguição, do fundo da Asia Menor, o apóstolo são João foi trazido em Roma, e, por ordem de Domiciano, foi mergulhado vivo numa caldeira de azeite a ferver, junto da porta Latina. Por um milagre assombroso, elle saiu dali, são e salvo, como de um banho saudavel que lhe tivesse devolvido todo o vigor. Assustado com este espectaculo, Domiciano não se abalançou a impôr um novo suplicio ; desterrou são João na ilha de Pathmos. É ali que o glorioso martyr teve as visões admiraveis que referiu no *Apocalypse*. Morto Domiciano, são João voltou em Epheso, onde se mostrou o que sempre fôra, o verdadeiro discipulo da caridade, o propugnador da divindade de Christo contra os primeiros herejes. O que ensinava nas suas Cartas, são João o praticava na sua vida ; alquebrado pelo peso dos annos, mandava que o levassem na igreja, e repetia aos seus neophytos : « Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros ; ali está toda a lei do Senhor, e si fôr bem observado, este preceito unico basta. Um seu discipulo, esquecido dos santos compromissos do baptismo, tinha-se tresmalhado e tornára-se chefe de um bando de salteadores. O apostolo partiu em procura da ovelha desgarrada e não descansou emquanto não a tivesse trazido ao aprisco. São João morreu muito velho, e, com elle, termina o seculo apostolico.

§ III. — Terceira perseguição geral (106).

Papas.	*Imperadores romanos.*
;. Alexand'; I (109-119).	Trajano (98-117).
;. Sixto I (:19-128).	Adriano (117-138).
;. Telesphoro (128-139).	
;. Hygino (139-142).	Antonino o Piedoso (138-161)
;. Pio I (142-150).	
;. Aniceto (150-162).	

I. Terceira perseguição geral debaixo de Trajano : martyrio de anto Ignacio de Antochia. — II. Carta de Plinio o Moço a Trajano.

I. *Terceira perseguição geral debaixo de Trajano : nartyrio de santo Ignacio de Antiochia.* — O reino le Nerva acabava de proporcionar á Igreja dois annos le paz, durante os quaes o santo papa Evaristo stabeleceu na cidade de Roma vinte e cinco sacerlotes com a missão de tomarem conta dos vinte e inco santuarios erectos dentro dos seus muros. Aos Flavianos apeados do trono imperial succederam os Antoninos. O novo imperador, Trajano, publicou, no nno de 106, um edito de perseguição contra as sociedades christãs e suas reuniões nocturnas. As cartas mperiaes aludiam especialmente aos christãos acuados de se congregarem de noite nas catacumbas para celebrarem seus mysterios e de se ligarem pela ei do sigilo. A perseguição regou com sangue a cidade le Roma e foi buscar em Chersoneso o papa são Clemente que tinha resignado o cargo ; foi arremessado o mar com uma ancora no pescoço. Em Jerusalem, o bispo Simeão foi sacrificado aos delatores ; em Roma conquistaram a palma dos martyres Nerea e Achiléa ; outra Flavia Domicilla foi queimada viva com as suas companheiras.

Roma presenciou outro martyrio ainda mais glorioso. Ao atravessar Antiochia, Trajano mandou razer a *Ignacio*, cognominado *Theophoro* (que leva

a Deus). Depois de um interrogatorio em que a firmeza do pontifice não fraquejou, o imperador o condenou a ser exposto á furia das feras no amphitheatro romano. A viagem de Antiochia a Roma foi para o bispo uma marcha triumphal. Assim que desembarcou, os fieis acudiram-lhe ao encontro, e queriam salval-o ; mas elle lhes suplicou que não puzessem obstaculos á sua ventura. Durante as festas *sigilarias*, o santo bispo foi conduzido ao amphitheatro ; dois leões esfomeados o devoraram. Os christãos ajuntaram piedosamente os maiores ossos que ficavam do seu cadaver e mais tarde essas santas reliquias foram levadas em Antiochia.

II. *A carta de Plinio o Moço a Trajano.* — Nada pinta melhor o caracter da perseguição ordenada por Trajano do que a carta de Plinio o Moço, escrita ao imperador por aquelle governador de Bithynia. Assustado, por ser tão grande o numero de christãos que tinha de prender, dirige-se a Trajano e pede-lhe o seu parecer : « O seu unico erro, diz elle, consiste em ajuntarem-se num dia determinado, antes do levantar do sol, para cantarem hymnos em honra de Christo, o seu Deus. Nada pude descobrir que não seja ridicula superstição. Elles comprometem-se, nas suas ceremonias e nos seus mysterios, não a praticar actos criminosos, mas sim a evitar os furtos, os adulterios, a guardar a palavra dada, a satisfazer ao imposto. A epidemia grassou nas cidades, a até nas aldeias. Ao chegar na Bithynia, por toda a parte encontrei desertos os templos dos nossos deuses, interrompidos os sacrificios, por não haver quem rofeecesse as victimas. » Ora, aqui segue a estranha resposta de Trajano a esta consultação : « Procedestes com tino ; não se deve fazer pesquiza nenhuma contra os christãos ; mas sendo denunciados, si elles confessarem sua religião, cumpre castigal-os. » Res-

posta, essa, a respeito da qual Tertuliano faz este ajuizado reparo : « Burlesca sentença contradictoria que prohibe procurar os christãos por serem inocentes, e que manda castigal-os como si fossem culpados ! »

Trajano não deixou, assim mesmo, de proseguir sua obra iniqua e perversa. Adriano, seu successor, não promulgou lei nova ; mas a perseguição não afrouxou, e a Igreja, por toda a parte, teve de contar novos martyres. Um edito de Antonino o Piedoso acalmou algum tanto o furor impio, mas não chegou a interromper a perseguição.

§ IV. — **Quarta perseguição geral** (166).

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Soter (162-170).	Marco Aurelio (161-180).
S. Eleutherio (171-186).	Commodo (180-192).
S. Victor (186-197).	Pertinax (192-194).

I. Quarta perseguição geral debaixo de Marco Aurelio : martyrio de são Polycarpo, bispo de Smyrna. — II. A legião fulminante. — III. Perseguição nas Gallias.

I. *Quarta perseguição geral debaixo de Marco Aurelio ; martyrio de são Polycarpo, bispo de Smyrna.* — Filho adoptivo e successor de Antonino o Piedoso, Marco Aurelio professava para a philosophia um amor profundo. Ora a philosophia que lhe ensinára Fronton, seu preceptor, aquella que lecionavam então seus cortezãos Luciano e Celso, se traduzia especialmente pelo odio ao Christianismo. O novo imperador reabriu a era sangrenta dos martyres pela quarta perseguição geral.

Nos reinados precedentes, processavam os christãos como violadores das leis. Marco Aurelio nem teve taes escrupulos e o mero titulo de christãos era o

bastante para excitar seu odio. Este imperador philosopho, cuja austeridade, cuja virtude foram decantadas em excesso, se tornou cumplice dos magistrados nas suas injustas e atrozes sentenças, como tambem das populações nas suas agressões selvagens. Uma mulher da mais alta aristocracia romana, santa Felicidade, sofreu o martyrio com seus sete filhos. Santa Cecilia pereceu com seu esposo Valeriano, e Tiburcio, seu cunhado. São Justino o philosopho pagou, algum tempo depois, a coragem que manifestára nas suas *Apologias* dirigidas aos imperadores. Numerosos martyres o acompanharam no suplicio.

A perseguição foi mais violenta na Asia. Em Smyrna, a multidão, ebria com a vista do sangue derramado, pedia em altos gritos a morte do bispo Polycarpo. Este santo velho, discipulo de são João, foi trazido diante do proconsul, que lhe disse : « Tem dó da tua velhice, amaldiçôa o Christo e eu te devolvo a liberdade. » Polycarpo respondeu : « Faz oitenta e seis annos que eu o sirvo, e elle nunca me fez mal algum : como hei de blasphemar contra o meu Rei que me salvou? » A victima foi colocada numa fogueira que devia queimal-a viva ; as chamas, porém, arredaram-se, respeitosas do seu corpo e mesmo das vestes do martyr : o algoz deu-lhe a morte com a espada. Seus ossos foram postos em lugar conveniente e tornaram-se objecto de um culto piedoso. Assim honrava a primitiva Igreja os martyres e suas santas reliquias.

II. *A legião fulminante.* — Um acontecimento extraordinario veiu, entretanto, deter por um instante a perseguição. Era no de anno 174. Numa guerra contra os Quados, o exercito de Marco Aurelio, entalado em desfiladeiros estreitos, rodeado por barbaros, acabrunhado por um calor abafadiço, estava para morrer de sede ou cair em poder do inimigo. Uma

legião christã saíu das fileiras e ajoelhou-se a orar. De repente, densas nuvens alastram o céu : uma chuva copiosa caiu no campo dos Romanos, trazendo-lhes suave refresco, emquanto o furacão assolava o campo adverso com pedras de gelo, raios e morte. Todos os historiadores referem este facto ; Marco Aurelio delle deu parte ao senado em sessão solene e reconheceu que o exercito romano fôra salvo graças á prece dos christãos. Elle publicou um edito que prohibia molestal-os dora em diante por causa da sua religião. A legião que alcançára este milagre foi chamada *legião fulminante.*

III. *Perseguição nas Gallias.* — O odio ao nome christão breve apagou os ultimos vestigios da gratidão publica, e ao cabo de alguns annos, Marco Aurelio recomeçou a perseguição. Appareceu violenta no Oriente e no Occidente ; nas Gallias nomeadamente, as cidades de Lyão e de Autun sofreram os mais extremos rigores. O piedoso bispo de Lyão, são Pothino, de mais de noventa annos, foi entregue á furia louca de uma multidão assanhada e faleceu pouco depois no seu carcere. Outros christãos o acompanharam corajosamente nesta via dolorosa. Entre este heroes, mencionam-se : Sancto, diacono de Veneza, Attalo de Pergamo, Mathurino, neophyto de Vienna, a joven e intrepida escrava Blandina, cuja paciencia inalteravel agastava os algozes ; metida numa rede e exposta á raiva de um touro bravio, que a molestou muito tempo, ella ainda respirava ; tiraram-lhe a vida com o gladio.

Em Autun, um moço, de nome Symphoriano, foi condenado á morte por ter recusado adorar a estatua de Cybela. Emquanto o levaram para o suplicio, sua piedosa mãe lhe gritava do alto das muralhas : « Filho meu, coragem ! lembrai-vos do Deus vivo. Não vos tiram a vida : elles vol-a fazem melhor. »

Em Reims, as santos martyres Mauro, Timotheu, Apolinario e cincoenta mais deram á fé christã o testemunho do seu sangue. — Doze annos de paz sob os reinados de Commodo e de Pertinax, permitiram á Igreja de respirar e estender-se.

§ V. — **Quinta perseguição geral** (202).

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Zephyrino (197-217).	Septimo Severo (194-211).
S. Calixto I° (217-222).	Caracalla (211-217).
	Macrino (217-218).
S. Urbano I° (222-230).	Heliogabalo (218-222).
S. Ponciano (230-235).	Alexandre Severo (222-235).

I. Quinta perseguição debaixo de Septimo Severo : martyres das Gallias. — II. Violencia da perseguição na Africa.

I. *Quinta perseguição debaixo de Septimo Severo : martyres das Gallias.* — Septimo Severo, soldado promovido ao trono imperial, mostrou-se, primeiro, favoravel aos christãos, e defendeu mesmo contra a multidão idolatra dos senadores, dos patricios, nobres matronas cuja morte reclamavam. Mais tarde, veiu a ser um dos mais crueis perseguidores, e publicou um edito nos seguintes termos: « É prohibido propagar religiões novas, reprovadas por igual pelo costume e pela razão, e que perturbam os espiritos dos homens. Quem faltar a esta lei será punido pelo exilio si fôr de uma classe distinta ; sendo de condição baixa, o castigo será a morte. » Este edito foi executado com um rigor extremo. O sangue christão correu a novo por todo o imperio, e, segundo a relação de todos os autores contemporaneos, a quinta perseguição deu innumeros martyres. A violencia destas medidas arrancou a Tertulliano um brado de indignação que echôou em todos os recantos do

immenso territorio romano : a *Apologetica* vingava a honra dos christãos.

A Igreja das Gallias forneceu avultado numero de victimas. Os fieis tinham-se multiplicado prodigiosamente em Lyão, graças aos desvelos de um um bispo piedoso e valente, santo Ireneu, successor de são Pothino, na primeira séde episcopal das Gallias. O imperador tomou, para com esta Igreja prospera, uma providencia muito de harmonia com a sua crueldade. Deu ordens a seus soldados de cercar a cidade e exterminar todos aquelles que se proclamassem christãos. A matança foi quasi geral; santo Ireneu foi levado diante do tyrano que o fez morrer. Uma inscripção antiga traz que dezoito mil fieis fôram assassinados no mesmo dia que o santo bispo.

Outras cidades das Gallias : Valença, Viviers, Besançon, tiveram tambem muito que sofrer. « Não se pódem contar os martyres, » escreve são Gregorio de Tours.

II. *Violencia da perseguição na Africa.* — A perseguição não afrouxava nas outras partes do imperio. A Africa, nomeadamente, deu o sublime exemplo da sua fidelidade á fé christã, e os annaes da Igreja conservaram o nome de martyres celebres. Em Alexandria, morreu martyr Leonidas, pae de Origenes que tamanho brilho havia de derramar na escola ilustre fundada por são Marcos ; uma joven escrava, de nome Potamiana, mostrou uma coragem sobrehumana para não perder sua virgindade e sua fé ; em Carthago, foram trucidados Saturnino e Revocato. Ali tambem, duas senhoras se immortalisaram por seu heroismo : santa Perpetua e santa Felicidade ; a primeira, pertencente á nobreza africana, atirada ao carcere com o filhinho ainda a mamar, luta contra o desespero de seu velho pae, ainda pagão ; amparada por uma visão celeste, arrosta com seu irmão Satur

as feras do amphitheatro, e estando quasi morta, indica ao gladiador que lhe vae dar o ultimo golpe, o lugar onde deve bater ; a outra joven esposa não menos intrepida, edifica seus companheiros e manifesta o que pode vir a ser o heroismo numa mulher fraca, quando amparada pela fé e pelas divinas esperanças.

Severo faleceu em 211, deixando o imperio atormentado pela crueldade de Caracalla e as infamias de Heliogabalo. Durante o reinado de Alexandre Severo (222-235), principe magnanimo, que honrava Jesus Christo a ponto de lhe conceder um lugar no seu oratorio, junto dos seus deuses, que sabia respeitar os christãos e apreciar suas virtudes, houve um momento de treguas. Os fieis puderam sair dos seus esconderijos, e mesmo rezar á luz do dia. A Igreja aproveitou esta paz para construir santuarios, erguer templos que novas perseguições haviam de derrubar.

§ VI. — **Sexta perseguição geral**. (235).

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Anthero (235-236).	Maximino (235-238).
S. Fabiano (236-251).	Gordiano (238-244).
	Philippe (244-249).

I. Sexta perseguição geral debaixo de Maximino. — II. Periodo de paz : prosperidade da Igreja e nova Evangelisação das Gallias.

I. *Sexta perseguição geral debaixo de Maximino.* — Esta perseguição de Maximino só durou tres annos ; mas foi horrorosa. Godo por nascimento, antigo pastor nas montanhas, grosseiro, bestial e feroz, Maximino dirigiu instintivamente seu odio contra o Christianismo, e neste odio, elle poz um requinte e uma logica que pareciam ter falhado aos outros : quiz degolar a Igreja e dar cabo della de uma vez,

aniquilando o seu clero. Elle receava despovoar o imperio si atacasse os simple fieis. Seu edito dizia respeito aos sacerdotes e aos bispos, que, em todo o lugar, foram procurados e sacrificados, ao passo que as igrejas eram derrubadas ou incendiadas. Dois papas, são Ponciano e santo Anthero foram victimas deste odio infrene ; são Fabiano partilhava o mesmo fado si a morte imprevista do tyrano, assassinado por seus soldados, não viesse libertal-o.

II. *Periodo de paz : prosperidade da Igreja e nóva evangelisação das Gallias.* — O imperio caiu nas mãos de um menino de doze annos, Gordiano ; mas, ainda que tão joven, mostrou-se um prodigio de bom senso e de bondade. Nos seis annos do seu reinado, a Igreja foi feliz. Continuou da mesma forma sob o governo de Philippe, assassino do seu antecessor ; elle parecia querer resgatar o seu crime com o trato bondoso que dispensava aos christãos. Vastas igrejas foram edificadas em Roma, e no imperio todo. No mesmo tempo surgiam santos ilustres, sabios distintos, e zelosos bispos que pregavam por seu exemplo ao passo que animavam com sua doutrina. Esta paz momentanea facultou á Igreja os meios de trabalhar com exito na evangelisação das partes longinquas de todo o paiz.

Debaixo do pontificado de são Fabiano, novos missionarios partidos de Roma, foram semear nas Gallias a bôa doutrina, reparar as ruinas que a perseguição tinha amontoado e levar avante as conquistas da fé. Um pouco mais tarde, houve nas mesmas regiões uma terceira missão, fundando-se as Igrejas de Auxerre, de Cahors e de Reims.

§ VII. — **Setima perseguição geral** (249).

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Cornelio (251-252).	Decio (249-251).
S. Lucio I (252-254).	Gallio (251-253).

I. Razão providencial que motiva esta perseguição. — II. Edito do imperador Decio : caracter da perseguição e suas victimas. — III Negocio dos libellaticos.

I. *Razão providencial que motiva esta perseguição.* — Desde a morte de Septimo Severo, até o advento de Decio, correu um periodo de trinta e oito annos, durante o qual o socego da Igreja fôra perturbado apenas pela perseguição violenta, porém curta, de Maximino. Nestes annos de tranquilidade, a fé tinha-se difundido rapidamente ; mas augmentando o numero dos crentes, tinha afrouxado o fervor. O paganismo instilava a sua peçonha : os espectaculos, as festas, o luxo, o bem estar triumphavam das vontades que o rigor das torturas não pudera amolecer. Tertuliano já censurava a excessiva delicadeza dos christãos da Africa ; são Cypriano, bispo de Cartago, dava rebate do perigo que constituiam as riquezas, as espertezas e rapinas, deshonra do commercio, as contendas e calumnias que se iam intrometendo na communidade christã, a avareza e os gozos mundanos que se introduziam no proprio santuario. As igrejas de Roma e da Italia esmoreciam da mesma maneira na disciplina e nos costumes. Deus permitiu que a perseguição visitasse outra vez a sua Igreja para dar-lhe nova tempera, revigoral-a nas virtudes heroicas, acrysolando-a como a prata no cadinho.

II. *Edito de Decio ; caracter da perseguição e suas victimas.* — A setima perseguição rebentou debaixo

de Decio, o assassino e successor de Philippe. O edito rezava que todo o christão devia ser atormentado até elle sacrificar aos falsos deuses. A apostasia era a meta por que anhelava o tyrano. Já não dizia mais: « Quem confessar que é christão será morto, » mas « será torturado até ter renunciado á sua fé. » Todos os generos de suplicios foram empregados contra os christãos firmes. Foi uma guerra de exterminio. O edito sangrento foi communicado a todos os governadores, em todas as provincias do imperio.

Nesta prova terrivel, a Igreja christã recuperou a energia e a firmeza dos antigos dias. O numero dos martyres foi immenso. O papa são Fabiano foi o primeiro holocausto; uma multidão de outros martyres, trilhando a mesma gloriosa esteira, vieram enflorar mais o diadema da Igreja da Italia. A Africa foi inundada de sangue; são Cypriano, só por milagre escapou á turba idolatra que gritava : « Cypriano ás feras ! » A Sicilia contou entre os seus mais ilustres martyres santa Agatha, virgem de Catana. O Oriente não foi menos ensanguentado : santo Alexandre, bispo de Jerusalem ; são Babylas, bispo de Antiochia ; em Smyrna, o corajoso sacerdote Piono; em Melitena, o valente Polieucto, sacrificaram sua vida pela fé.

III. *Negocio dos libelaticos.* — Milhares de christãos venceram com denodo e gloria esta nova prova e colheram, venturosos, a palma dos martyres. Alguns, temendo que o animo lhes fraqueasse, foram procurar abrigo nas solidões. Destes foram S. Paulo, primeiro eremita, e santo Antonio ; muitos discipulos os acompanharam na Thebaida. Outros christãos emigraram em terras de Barbaros, levando ali as primeiras sementes da fé. No entanto, a violencia da perseguição causou algumas fraquezas entre os christãos relaxados. Houve quem, por cobarde desanimo,

sacrificasse aos idolos : foram ferreteados com o appellido de *lapsi* ou *decaídos*. Quer pela apostasia, quer corrompendo os juizes, elles alcançavam bilhetes ou *libelli* que os protegiam contra todo incomodo por causa de religião. Acabada a perseguição, muitos daquelles que tinham fraquejado nas torturas, pediram sua readmissão no gremio da Igreja, submetendo-se a uma penitencia publica e então recebiam *cartas de paz*. Todavia a Igreja, aliando, com criterio, a severidade e a misericordia, aprovou um parecer redigido em Roma por uma assembleia de bispos e cujos pontos principaes são os seguintes : « Os libelaticos não serão aceitos na communhão da Igreja sinão depois de uma penitencia longa e plena ; porém esta terminaria para quem estivesse em perigo de morte. Os clerigos caídos seriam reduzidos á communhão leiga. Os bispos, entretanto, poderão, conforme o caso, pôr algum tempero aos rigores desta legislação. »

§ VIII. — **Oitava perseguição geral** (257).

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Estevam I° (254-257).	Valeriano (253-260).
S. Sixto II (257-259).	Galliano (260-268).
S. Dyonisio (259-269).	
S. Felix (269-275).	Claudio (268-270).

I. Edito de Valeriano ; principaes martyres da oitava perseguição. — II. Vingança de Deus sobre os perseguidores.

I. *Edito de Valeriano ; principaes martyres da oitava perseguição.* — A traição, o assassinato faziam os imperadores e os derrubavam. Chegado no trôno, Valeriano, no principio, não se mostrou infenso aos christãos. Mas, para 257, leis foram promulgadas que prohibiam aos fieis qualquer especie de reunião : era tirar á Igreja vida e liberdade. A perseguição

tornou a começar. Valeriano tambem dirigiu de preferencia seus golpes sobre os chefes da Religião. Ao partir para o Oriente onde ia pelejar contra os Persas, elle enviou ao senado um rescrito pelo qual ordenava que todos os bispos, sacerdotes e diaconos fossem mortos sem demora. Por outra parte, os senadores e mais pessôas de alta linhagem, deviam ser esbulhados dos seus bens e das suas dignidades, e depois degolados si teimassem nas suas superstições.

No rol dos martyres daquella época, temos os nomes de dois soberanos pontifices, santo *Estevam* e são *Sixto II*. Quatro dias depois do suplicio de Sixto, levaram para o martyrio seu diacono são *Lau-renço*. O imperterrito levita, fustigado com as varas, foi deitado numa grade de ferro aquecido ao rubro. « Pódes me virar, e depois comer, » gritou elle ao carrasco, e expirou nos tormentos.

A Ostia, o santo sacerdote Hippolyto foi esquartejado por cavalos indomitos. Em Utica, duzentos confessores foram atirados vivos numa cova cheia de cal viva. Em Cirtha (Constantina) mataram os christãos aos milhares. As Gallias não foram poupadas. O Oriente, por sua vez, teve a sorte do Occidente: em Cesaréa, da Cappadocia, um mocinho, por nome Cyrillo, foi entregue ao juiz por seu pae idolatra. Expirou nas chamas de uma fogueira, exhortando a assistencia a compartilhar a sua alegria.

II. *Vingança de Deus sobre os perseguidores.* — O sangue dos christãos porém bradava vingança. O castigo divino feriu Valeriano, o autor de tão medonha carnificina. Vencido pelos Persas, foi prisioneiro de Sapor, e soffreu mil indignidades : constrangido a servir de escabelo ao vencedor quando este montava a cavalo, foi depois esfolado vivo, e sua pelle, pintada de vermelho foi exposta num templo da Persia como um monumento do oprobrio dos

Romanos. No mesmo tempo, os Barbaros invadiram por todos os lados as provincias do imperio, os Godos penetraram na Thracia e na Macedonia ; os Germanos transpuzeram os Alpes e cobriram a Italia ; outros assolavam as Gallias e a Espanha. Os Sarmatas saquearam a Pannonia, e os Parthos entraram na Syria: houve guerras em todo o imperio que contou até trinta tyranos. Terremotos e inundações arruinaram as provincias. Emfim, o excesso da medida foi a peste que grassava, feroz, em Roma e no Oriente. Os christãos deram o exemplo de uma santa coragem, de uma dedicação admiravel no alivio de seus irmãos ; os pagãos, pelo contrario, fugiam espavoridos, deixando os cadaveres insepultos. Era voz geral que estava chegado o fim do mundo.

§ IX. — **Nona perseguição geral** (274).

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Eutychiano (275-283).	Aureliano (270-275).
	Tacito (275-276).
	Probo (276-281).
	Caro (281-282).
S. Caio (283-295).	Carino, Numeriano (282-283).
S. Marcelino (295-304).	Diocleciano (283-305).

I. Nona perseguição debaixo de Aureliano : a legião thebana. — II. Era dos martyres nas Gallias, sob Maximiano Hercules.

I. *Nona perseguição debaixo de Aureliano : a legião thebana.* — De volta de suas campanhas victoriosas contra os inimigos do imperio, Aureliano que, no principio, não era adversario dos christãos, mostrou-se perseguidor rancoroso. Mal tinham as suas ordens chegado ás provincias afastadas que elle caia, victima de uma revolução de palacio. Sob os successores de Aureliano, a Igreja desfrutou uma paz relativa, de que se aproveitou para augmentar suas conquistas.

Apezar da perseguição latente e dos esforços da heresia, a fé christã angariava discipulos nas provincias, no exercito, entre os magnates do imperio, e até na côrte de Diocleciano. Nos dezoito primeiros annos do seu reinado, elle não cogitava de molestal-os. Todavia, depois que teve associado ao imperio Maximiano Herculano, o Occidente, que coube a este principe, viu abrir-se uma nova era de suplicios, e desde o anno de 286 até 303, cresceu o numero dos martyres. É nesta época que se deu o martyrio da *legião thebana*. Em uma expedição no Valais, Maximiano ordenou ás suas tropas de oferecer um sacrificio aos deuses do paganismo. A *legião thebana* composta de christãos, tendo na sua frente um valente oficial chamado Mauricio, negou-se a tomar parte nestes sacrificios idolatras. Ella foi dizimada uma vez, mais uma, e emfim uma terceira. « Somos soldados vossos, diziam elles a Maximiano, mas somos tambem os servos de Deus. Estamos promptos a lutar contra o inimigo; porém, havemos de morrer antes de quebrarmos a fé jurada a nosso Deus. » A legião em peso foi exterminada : contava seis mil homens.

III. *Era dos martyres nas Gallias, debaixo de Maximiano Hercules.* — O feroz Maximiano ensanguentou todas as Gallias. Alguns autores colocam nesta perseguição o martyrio de são Dyonisio, primeiro bispo de Paris, e de seus companheiros Rustico e Eleutherio. O imperador tinha nomeado a Riccio-Varo prefeito nas Gallias. Este homem, cruel como o seu mestre, ia, de cidade em cidade, levando comsigo o espanto, derramando sangue em todo o lugar por onde passava. São Luciano, bispo de Beauvais, são Firmino e são Quintino de Amiens, os santos Crispino e Crispiano de Soissons, estavam entre as victimas. Em Reims, os santos Rufino e Valerio, santa Macra, da mesma diocese, receberam a gloria

do martyrio pela mão deste tyrano que a vingança divina feriu afinal em Amiens, onde morreu em meio de dores atrozes. Junto com estes nomes isolados, as Actas dos martyres das Gallias enumeram legiões de victimas, ás vezes povoações christãs inteiras exterminadas em odio da fé.

§ X. — Decima e ultima perseguição geral (303).

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Marcel (304-310).	Diocleciano (303-305).
S. Eusebio (310-311).	Maximiano Hercules (292-306)
S. Melchiades (311-313).	Maximiano Galerio (292-311).
	Constancio Chloro (305-306).

I. Decima perseguição debaixo de Dioleciano ; caracter e violencia desta perseguição. — II. Constancio Chloro e Constantino protegem os christãos ; fim da luta.

I. *Decima perseguição debaixo de Diocleciano ; caracter e violencia desta perseguição.* — Diocleciano hesitava em declarar a guerra aos christãos ; o feroz Galerio venceu os escrupulos do velho imperador ; quatro editos successivos prepararam a perseguição que se tornou geral em 303. Era sabido que os christãos hauriam na sua fé uma força invencivel, que esta fé era oriunda da Escriptura ou dos Livros santos ; os primeiros editos obrigavam os christãos a entregar estes seus livros sagrados. O paganismo, tambem não ignorava que a multidão dos fieis auferia vida e energia na jerarchia sacerdotal ; envidaram todos os esforços para estancar esta fonte, alcançar a apostasia, ou destruir o sacerdocio. Emfim, o ultimo edito foi enviado a todos os governadores das provincias e executado em toda a parte com uma violencia extrema.

Foi uma carnificina nunca vista. A narração que

nos deixou Eusebio, testemunha ocular, e as provas que nos dão as *Actas dos martyres*, atestam que esta perseguição foi a mais terrivel. Lactancio mostra-nos o Oriente e o Occidente entregues ao furor de tres feras : Diocleciano, Galerio, Maximiano. Em Nicomedia, residencia de Diocleciano, uma multidão de oficiaes do paço imperial foram mortos. Em Roma, as arenas do Coliseu viram o sangue christão correr a jorros. No Egypto, o Nilo engulia todos os dias milhares de victimas. Em todas as terras do imperio, foi uma guerra de exterminio. Mais tarde, o imperador Constantino dizia aos Padres de Nicêa, aludindo a esta perseguição : « Si tivessem morto tantos barbaros, quantos christãos trucidaram, teriamos para sempre a paz em nosso imperio. » Emfim, Diocleciano julgou ter destruido e sepultado o Christianismo ; elle mandou levantar duas columnas de marmore em que se podiam ler os seguintes orgulhosos e triumphantes dizeres : *Nomine christianorum deleto.*

No entanto a Igreja estava na vespera da victoria definitiva.

II. *Constancio Chloro e Constantino protegem os christãos ; fim da luta.* — A procela terrivel finalmente amainou ; a Igreja das Gallias respirava em paz sob o governo de Constancio Chloro. « Que fidelidade hão de guardar com o imperador, aquelles que foram traidores e perjuros com o seu Deus? » dizia este principe ; e, acto continuo, elle tirou o emprego aos oficiaes christãos que tinham dado parte de fraco na perseguição, e expulsou-os do seu palacio.

Entretanto, a mão de Deus ia pesando sobre os tyranos : Diocleciano tornou-se idiota, viu-se obrigado a abdicar, e no seu desespero deixou-se morrer de fome (313). Maximiano Hercules, depois de falhar numa tentativa de assassinio de seu filho Maxencio e de seu genro Constantino, foi encarcerado, e ali, estran-

gulou-se. Galerio falecia antes de Diocleciano, em 311, roído, ainda vivo, pelos vermes.

A Providencia preparava um protector para sua Igreja. Constancio Chloro, tendo morrido na Inglaterra, seu filho Constantino foi proclamado imperador na idade de trinta e um annos. Era pagão ainda, mas já se dirigia ao Deus todo poderoso que seu pae nunca invocára debalde; acatava a religião de Christo e longe de maltratar seus discipulos, elle os protegia.

Maximiano perseguia o Oriente; Maxencio, proclamado Augusto em 308, tyranisava Roma e a Italia; além disso, havia luta entre estes dois rivaes. Constantino, com o exercito numeroso, marchou contra Maxencio, na Italia. « Chegára a hora de Deus; sua Igreja tinha vencido o velho mundo idolatra em todos os campos de batalha do martyrio; era tempo de lucrar o beneficio desta victoria maravilhosa pelo triumpho perpetuo sobre os Cesares. » Um pouco antes de transpôr os Alpes, ao meio-dia, Constantino, e com elle, o exercito inteiro, avistaram no céu uma cruz luminosa com o lemma : *Por este signal, has de vencer*. Na noite immediata, Jesus Christo lhe appareceu com o mesmo signal, ordenando-lhe que fizesse um estandarte segundo este modelo, chamando-o *Labarum ;* trazia estampado o monograma de Christo e a imagem do imperador e dos seus filhos. As legiões de Constantino levaram a bandeira sagrada. As hostes inimigas foram desbaratadas em Turim e Verona; o ultimo combate se travou junto da ponte de Milvio. Maxencio vencido fugiu para Roma e, caindo no Tibre, afogou-se. Roma abriu suas portas ao triumphador.

Logo depois da sua victoria, Constantino publicou, a favor do Christianismo, um edito que mandou ler em todas as provincias. Para esclarecer algumas duvidas a respeito da interpretação do mesmo, o joven heroe, de acordo com Licinio, publicou pouco depois

o edito de Milão (313) em que proclamava a completa liberdade de consciencia. Dora em diante, ia reinar a paz na Igreja : uma idade nova aureolava o mundo.

ARTIGO II

Luta victoriosa contra a heresia e o philosophismo pagão.

I. Os Gnosticos do seculo II ; o *Manicheismo*. —II. Heresias contra a Igreja : 1° O *Montanismo ;* 2° Heresia e scisma dos *Novacianos ;* 3° outros erros : *Quartodecimanos, Rebaptisantes, Milenarios.* — III. Heresias dos *Antitrinitarios;* 1° contra a *Incarnação ;* 2° contra a *Trindade catholica.* — IV. — O philosophismo pagão ; suas tres phases e seus principaes representantes.

I. *Os gnosticos do seculo II ; o manicheismo.* — Demos a conhecer o começo da *gnose* com Simão o magico ; era o primeiro ensaio de revolta que tentava a razão contra a fé, a religião dos *espirituaes*, como elles se denominavam, em opposição contra os *materiaes.* O gnosticismo foi a grande heresia dos seculos II e III. Pretendia derramar em todos os problemas uma luz maior do que a do Christianismo. Deus, o mundo, a origem do mal, o antagonismo entre o mal e o bem, a associação da materia e do espirito, são as questões que procurou resolver. Todas as theorias gnosticas não são identicas; diferem bastante ; todavia, o ponto inicial é commum : ha dois principios das cousas, Deus e a materia eterna. O mundo, sendo máu, nada tem com Deus e para conseguir explicar a creação, a gnose ideiou series de *éons*, entes intermediarios entre Deus e o mundo. Um delles pôde encarcerar o espirito na materia; eis porque o homem seria entregue ao mal e á dor. Mas veiu outro *éon*, a salvar a humanidade ; não é Deus, nem homem, mas simples substancia etherea, com um corpo fantastico. A salvação da humanidade

é realisada pela *gnose*, sciencia reservada aos espirituaes. Como se vê, esta doutrina destruia a um tempo a Trindade, a Creação e a Incarnação, a queda e a redempção. Os principaes chefes do gnosticismo, no seculo II, foram : *Carpocrato* e *Basilides ; Valentino* e *Saturnino* propagaram estas theorias em Roma e no Occidente ; um apologista christão, de nome *Taciano* deixou-se seduzir e deu nas mesmas extravagancias ; emfim, *Marcion* e *Cerdon* reduziam a gnose ao duplo principio do bem e do mal.

O gnosticismo definhava no desprezo e na imoralidade ; *Manés*, nascido na Arabia, procurou revigoral-o emprestando-lhe uma forma nova, para o fim do seculo III. Tratou de conglobar num só corpo de doutrina, as tradições do dualismo persa, o gnosticismo de Basilides ; as theorias do budhismo e o dogma de Mithra para, com esse mistiforio, fazer a Religião universal. Para elle, existem dois seres primordiaes e eternos : a *luz* e as *trevas*, sempre em luta : o bem dimana da luz, como o mal, das trevas ; o verdadeiro Redemptor do mundo será o filho do homem primitivo, nascido do principio bom. A estas elucubrações de uma imaginação desvairada, Manés juntou uma moral infame que solapava toda autoridade. Para difundil-a era mister organisar uma sociedade secreta, com a respectiva jerarchia. Promoções successivas por cinco graus alçam os adeptos ao vertice da sciencia. Esta seita atravessou os seculos ; os Albigenses têm nella a sua origem e pode ser considerada como mãe do *iluminismo* e da *maçonaria*.

II. *As heresias contra a Igreja.* — Entre os erros daquella época que minam, corroem as noções da Igreja, cumpre mencionarmos o dos *montanistas* e dos *novacianos*. Embora menos importantes, notaremos ainda os dos *quartodecimanos*, dos *rebaptisantes* e dos *milenarios*.

1º Para os meiados do seculo II, um Phrygio, chamado *Montano*, acolytado por duas desgraçadas que elle alistára, fez tenção de fundar uma Igreja. Elle propalava que os apóstolos só tinham recebido o Espirito Santo parcamente, emquanto elle o possuia na sua plenitude. Jesus Christo apenas dera o esboço de uma Igreja; a elle, Montano, assistia o dever de reformal-a e aperfeiçoal-a. Ostentava, neste proposito, extrema rigidez nos principios, condenava as segundas nupcias, prohibia a fuga nas perseguições, acrescentava jejuns aos da Igreja e sentenciava a impossibilidade do perdão para determinados pecados. Tertuliano deixou-se iludir pelos erros de Montano; Milciades, sabio apologista da religião christã, os rebateu victoriosamente, como tambem o bispo de Hieropolis, santo Appolinario.

2º *Novato* era sacerdote de Carthago. Logrado nas suas pretenções ambiciosas pela eleição de são Cypriano na séde episcopal desta cidade, procurou um pretexto para um scisma lastimavel na justa severidade do bispo para com os libelaticos na perseguição de Decio. Para angariar partidarios, elle congregou maus padres, clerigos indignos e certo numero de apostatas e decaídos. Excommuungados por são Cypriano, os *novacianos* trataram de iludir em Roma o papa são Cornelio.

Expulso de Carthago, Novato veiu em Roma onde encontrou *Novaciano*, outro ambicioso burlado, que a eleição de Cornelio ao solio pontifical, atirára nas fileiras da revolta. Os dois scismaticos podiam andar de mãos dadas; Novaciano se fez eleger papa por tres desgraçados bispos italianos e mandou cartas de communhão a todas as Igrejas. Mas em breve, a eleição falsa do antipapa foi descoberta; ; os scismaticos tiveram que fugir de Roma. Todavia a doutrina hereje e montanista, que tinham imaginado na sua revolta, só foi extinta nos meiados do seculo V.

3º Os outros erros antes combatiam o exercicio da autoridade da Igreja, suas interpretações doutrinaes do que a sua propria noção.

No fim do seculo II, houve a questão da Paschoa. Contrariamente á tradição e á pratica do Occidente, algumas Igrejas da Asia continuavam a celebrar a Paschoa no decimo quarto dia da lua de março, segundo o uso judaico. Roma e o Occidente adiavam a sua celebração para a seguinte Dominga. O papa são Victor julgou que tinha de uniformisar este costume e lançou a excommunhão contra os Orientaes que não quizessem conformar-se com esta decisão. Este acto de vigor, por pouco não acarretou o scisma; o Oriente teimava em conservar seus usos que dizia ter herdado de são João. Santo Ireneu, bispo de Lyão, tomou a defeza das Igrejas da Asia, e, em nome dos bispos das Gallias, dirigiu ao papa Victor uma carta respeitosa pela qual suplicava o chefe da Igreja que não separasse da communhão dos fieis povos christãos que gostavam de uma pratica herdada dos seus paes. São Victor atendeu a este pedido e retirou a ameaça; as Igrejas dissidentes adoptaram finalmente o uso geral, confirmado depois pelo concilio de Nicêa. Os partidarios do uso asiatico foram designados sob o nome de *quartodecimanos*.

Finda a perseguição de Decio, o regresso de alguns *novacianos* ao gremio da unidade catholica ocasionou a questão dos rebaptisantes. Deviam-se baptisar a novo as crianças e os adultos que o tinham sido por herejes? Zeloso para a integridade da fé, são Cypriano pretendeu que o baptismo ministrado por herejes era nulo e tinha de ser renovado. O papa santo Estevam julgava, com mais acerto, que o baptismo, embora dado por um hereje, era valido, comquanto o ministro tivesse observado fielmente a materia e a forma. São Cypriano advogou a favor dos rebaptisantes. Todavia, aceitou finalmente a decisão de Roma, e

o concilio de Nicêa, em 325, determinou definitivamente, nesta questão, a verdade tal qual fôra ensinada pelos pontifices romanos.

Um ultimo erro desta época foi o dos *milenarios*. Escudando-se em textos mal entendidos, com uma interpretação por demais literal, os milenarios, como alguns gnosticos, acreditavam que entre o reino da Igreja neste mundo e seu triumpho na eternidade, haveria uma transição, um *reinado de mil annos*, durante o qual os fieis gozariam de uma felicidade puramente temporal. O milenarismo foi adoptado por alguns Padres da Igreja : combatido pelo maior numero, condenado num concilio reunido em 373 pelo papa Damaso, este systema foi completamente abandonado no seculo v.

III. *Heresias dos antitrinitarios.* — Como se pode averiguar pela historia da Igreja, todas as verdades dogmaticas ensinadas no Evangelho foram successivamente impugnadas pelo espirito do erro e da mentira. Ora o primeiro e mais assombroso mysterio da revelação christã é certamente o da santissima *Trindade*. Depois, deste dogma da Trindade, dimana, como da sua fonte , o mysterio de *Incarnação* do Filho de Deus. Mas o Verbo, feito homem, veiu para nos remir e a *Redempção*, obra delle, é outro mysterio para a razão humana. Emfim, o Espirito santo, que Jesus Christo nos deu a conhecer, que elle nos enviou, e cujo papel santificador se exerce a um tempo na Igreja e nas almas, é a terceira e não menos mysteriosa pessôa desta augusta Trindade. Não encontrará, elle tambem, seus oponentes? Preludiando ao racionalismo moderno, os herejes do seculo II e III, assestaram suas baterias contra a Trindade ; por isso se apelidam com o nome generico de *antitrinitarios*. Nos seculos IV e V, o erro determinar-se-á melhor. Agora, já se podem discriminar : 1º os herejes anti-

trinitarios, que atacam a propria pessôa de Jesus Christo, negam ou interpretam mal a sua *Incarnação*, e 2º os herejes antitrinitarios que combatem directamente o *Ser divino* e não admitem a Trindade de pessôas na unidade de substancia

1º *Contra a Incarnação.* — Os gnosticos divisavam por toda a parte emanações divinas ; por uma reacção extrema, os antitrinitarios da primeira categoria não queriam ver Deus em parte alguma. *Theodoro o surrador*, de Bysancio, que tinha apostatado na perseguição de Marco Aurelio, pensou, sem duvida, legitimar a sua cobardia sustentando que Jesus Christo não passava de um homem ; teve discipulos : *Theodoro o banqueiro*, que punha o Salvador abaixo de Melchisedech, e um bispo indigno, *Paulo de Samosata*, que rematou com a heresia uma vida de fausto e de orgulho e aplicou seu systema de interpretação inteiramente racionalista aos outros mysterios da fé, para facilitar a conversão da famosa Zenobia rainha de Palmyro.

2º *Contra a Trindade catholica.* — Para os antitrinitarios da segunda categoria, só existe um Deus unico, sem distinção de pessôas. *Praxéas*, primeiro, confessor da fé, tornára-se partidario de inovações ; elle professou a identidade do Pae e do Fillho, pelo que seus discipulos foram chamados *patripassianos*, *monarchicos* e *unitarios*. Mais tarde, Sabellio (para o anno de 260) formulou esta heresia de um modo mais preciso. Segundo afirma, Deus é perfeitamente um ; mas revela-se debaixo de tres aspectos : *Padre* quando crea ; *Filho* quando resgata o homem ; *Espirito Santo*, quando vivifica a Igreja. Esta monarchia divina andava espalhada em todo o lugar : é o *pantheismo* em germem.

IV. *O philosophismo pagão* ; *suas tres phases e principaes representantes.* — O paganismo, nas suas escolas

philosophicas e pelos esforços do seus sabios, havia de necessariamente opôr-se aos progressos do Christíanismo. As suas investidas têm sido criteriosamente divididas em tres phases muito caracterisadas. Primeiro, elle escarnece e se ri; depois, em vista da verdade catholica, incolume, sempre a avultar, o philosophismo pagão esconde a sua raiva impotente e vergonhosa, ajaezando, chlamyde mentirosa, certas formas exteriores tiradas do Christianismo; emfim; elle centralisa suas forças, e, em face da Religião christã, quer contrapôr uma religião nova e unica, estribando seus alicerces no racionalismo: surge o *neo platonismo*.

Primeiro periodo : o sarcasmo e o riso. — Na religião christã, o paganismo romano só descortinava, a principio, uma novidade estranha. Seneca prezava bastante a parte moral; os dogmas, porém, e as praticas não passavam a seus olhos de superstição. Tacito tinha pronunciado que « a superstição judaica era detestavel » e é sabido que este historiador confunde na mesma apreciação judeus e christãos. Os outros escritores de Roma só têm desprezo e odio : daí estes gracejos, estas interpretações ridiculas que vemos nas obras e nas pinturas daquella época; a censura dirigida aos christãos de adorarem um asno; a parodia, no palco, dos nossos mysterios e das nossas ceremonias. Um dos mais ardentes destes exploradores da mofa é sem duvida o poeta *Luciano*, o qual, em varias composições, especialmente na *Morte do peregrino*, desfigurou e meteu a ridiculo as mais bellas idéas christãs.

Segundo periodo : o ataque scientifico. — O paganismo, agastado ao ver que o Christianismo não se dava por achado, e, menosprezando as chalaças, ia continuando no seu progedir, tratou de demonstrar que era falso; depois pelejou por substituir-lhe uma especie de religião racionalista constando de todos

os erros então em voga, adubados com algumas verdades tiradas do Evangelho.

Çelso e *Porphyrio* foram os principaes chefes da primeira dessas duas tentativas. O livro de Celso, — o *Discurso verdadeiro* — parece enfeixar todos os argumentos da incredulidade, atirando a acusação gratuita a Jesus Christo e aos apostolos, atribuindo os milagres á magia, negando a Incarnação, motejando sobre a resurreição futura, pretextando ser a fé o aniquilamento da razão humana, vendo no Evangelho um plagio das obras de Platão, etc. Porphyrio queria derruir as próprias bases da revelação : as antigas prophecias não passam a seus olhos de uma narração composta depois do acontecimento ; os apostolos contradizem-se ; Pedro e Paulo são rivaes. Conclue com a impossibilidade dos mysterios.

A segunda tentativa foi copiar o Christianismo. Neste afan se empenham Celso, Porphyrio, Jamblico, Plotino, etc. Desejariam purificar Platão, Aristoteles, Pythagoras, dar á mythologia pagã uma feição menos burlesca, desembaraçar a moral philosophica das suas monstruosidades, enxertar nella, ad instar de Seneca e Marco Aurelio, principios mais austeros, opôr aos milagres christãos as façanhas retumbantes de Appolonio de Thyano ; por outra, desejariam substituir um paganismo honesto ao Christianismo combalido.

Terceiro periodo ; esforço supremo : o neo platonismo. — O philosophismo não se tinha saido melhor ; quiz experimentar um novo assalto : havia de substituir nem mais nem menos a revelação pelo racionalismo, compondo uma religião inteiramente natural cujos elementos fossem tirados da philosophia antiga. Precursores dos racionalistas modernos, os inimigos da fé congraçaram todos os systemas : o polytheismo grego, o dualismo persa, a unidade e a Trindade christã, Pythagoras e sua metempsycose. Este

eclectismo se denominou o *neo platonismo* alexandrino, porque seus principaes autores pertenciam á escola de Alexandria. O inspirador parece ter sido um tal Ammonio, com o apelido de Saccas, devido á sua antiga profissão de carregador. Fôra christão, discipulo de Clemente de Alexandria e mestre de Origenes. Elle se separou do ensino catholico para fundar a nova escola platoniciana. Plotino continuou a sua obra, e lidou activamente para vulgarisar como religião este systema pantheista em que vêm de envolta o *uno absoluto*, a *intelligencia divina* que delle dimana, e a *alma do homem*, procedente desta intelligencia superior. *Porphyro* e *Jamblico* ampararam por algum tempo esta celebre escola *neo-platoniciana ;* a escola catholica de Alexandria, porém, sua antagonista, havia de triumphar com a sciencia e a verdade. O esforço do philosophismo pagão desapareceu na impotencia e no olvido.

ARTIGO III

Escriptores e apologistas dos seculos II e III.

I. Vista geral. — II. Apologistas contra a perseguição. — III. Apologistas contra as heresias. — IV. — Apologistas contra o philosophismo pagão.

I. *Vista geral.* — Para revidar a todos estes assaltos. entraram na liça impavidos lidadores. Suscitados por Deus, vieram advogar a favor da verdadeira liberdade christã contra os perseguidores ; a favor da pura, santa e refulgente verdade catholica contra os embustes da heresia ; a favor dos direitos inconcussos da revelação e da fé contra as pretenções do philosophismo pagão. Os dois seculos cuja historia acabamos de percorrer, tiveram a luz de numerosos e inclitos genios ; contemplaremos apenas alguns dos mais

celebres. Poderiamos lembrar as escolas ilustres fundadas pelos apostolos, e em que se formaram estes egregios bispos e doutores. A escola de Antiochia nos deu santo Ignacio, são Polycarpo, são Pothino e santo Ireneu. A escola romana, no seculo II, vê surgir são Justino e Taciano; Roma é o foco da perseguição; terá mais martyres do que doutores para nimbar-lhe a fronte excelsa. A escola da Africa é iluminada pelo imortal genio do infeliz Tertuliano; depois delle brilham são Cypriano, Arnobio, Lactancio, Minocio, Felix. Da famigerada escola de Alexandria, fundada por são Marcos, sairam, nos seculo II e III, Athenagoras, são Clemente, e o grande Origenes, cuja sciencia e actividade é um prodigio.

Porém será mais de harmonia com a ordem logica dos factos acima explanados, contemplarmos os escriptores e apologistas segundo as theses que defenderam, isto é, conforme verberavam as *perseguições*, profligavam as *heresias*, ou debelavam os esforços do *philosophismo*. Verdade é que mais de um destes soldados intemeratos fez frente, no mesmo tempo, a todos os ataques; estudaremos entretanto a sua feição mais saliente.

II. *Apologistas contra a perseguição.* — Já na terceira perseguição, *Quadrato*, bispo de Athenas, e *Aristides*, philosopho, dirigiam ao imperador Adriano apologias em defesa dos christãos; os textos, porém, não foram conservados, nem os dos apologistas *Meliton*, bispo de Sardes, *Apolinario*, bispo de Hierapolis e *Milciades*, escriptos para Antonino e Marco Aurelio.

Um protesto eloquente se fez ouvir pela primeira vez debaixo de Antonino; segunda vez debaixo de Marco Aurelio; o autor era são Justino, philosopho grego convertido á fé christã, que pleiteava energicamente a causa dos fieis injustamente perse-

guidos. Depois de desmascarar todas as calumnias forjadas contra elles, e justificar victoriosamente sua doutrina, o desassombrado apologista rematava : « Si esta doutrina vos parece razoavel, apreciai-a devidamente, mas não nos condeneis pelo unico facto de sermos christãos. » A resposta que obteve foram o suplicio e os louros do martyrio.

Na mesma época, um discipulo de são Justino, Taciano, que mais tarde havia de sossobrar nos erros grosseiros dos gnosticos, publicava seu *Discurso contra os Gregos*, em que mete a ridiculo suas divindades, seus templos, suas ceremonias e seus costumes.

Aos imperadores Marco Aurelio e Commodo ainda apresenta o grego *Athenagoras* o escripto intitulado *Embaixada para os christãos.* Elle repelia as incriminações iniquas, filhas do odio ; evidenciava a perfeita inocencia dos christãos ; apelava da injustiça dos tribunaes para a equidade dos imperadores. Entretanto, que poder sobre as paixões têm os protestos ainda os mais eloquentes da verdade imbelle?

Tertuliano tinha nascido em Carthago para o anno de 160 e abraçára o Christianismo aos trinta annos. Debaixo do reinado de Septimo Severo, durante a perseguição quinta, publicou a sua belissima *Apologetica* dirigida aos proconsules, não para lhes pedir favor algum, mas para lhes pôr debaixo dos olhos o odio, a injustiça do seu rancor contra os christãos : despedaça as calumnias dos pagãos ; vinga os christãos, suas assembleias, sua doutrina, seu culto ; mostra claramente que elles têm a seu favor o numero e poderiam lutar com o imperio : « Apenas nascemos hontem, escrevia elle, e já enchemos vossas cidades, vossas fortalezas, vossos campos, o palacio, o senado, o forum : unicamente deixamos vasios os vossos templos. Si fossemos embora, ficarieis espantados ao ver a vossa solidão. Porque merecemos a morte?...

Quanto mais ceifais, tanto mais nos vamos multiplicando. O sangue dos martyres é semente de christãos. » Acharemos este mesmo genio insigne, Tertuliano, armado contra todas as heresias. Porque será que um homem tão eloquente, um sacerdote tão austero, se deixou enganar pelos erros dos montanistas?

III. *Apologistas contra as heresias.* — Quasi todos os autores desse periodo florescente escreveram tratados contra os herejes; desta polemica vigorosa, só nos restam as obras de santo *Ireneu*, de *Tertuliano*, de *Origenes* e de são *Cypriano.*

Santo *Ireneu*, bispo de Lyão, publicou para o fim do seculo segundo, seu *Tratado contra as heresias*, especialmente dirigido contra os gnosticos. Elle expõe, com todos os pormenores, os erros destes sectarios; refuta-os mostrando que são tão contrarios á fé christã como á propria razão. Mais, elle nos oferece um manancial dos mais puros e mais ricos da crença catholica e do ensino da primitiva Igreja : a Escriptura, a tradição, a unidade do poder eclesiastico, a primazia da Igreja de Roma, a infalibilidade do pontifice romano, tiveram, em santo Ireneu, um defensor eloquente e autorisado.

Tertuliano nos deixou contra a heresia o seu livro admiravel das *Prescripções.* Maneja no combate a mesma arma que santo Ireneu : a heresia nasceu hontem, o Christianismo sempre existiu; ella aparece segundo o acaso emquanto a fé verdadeira vem dos apostolos e de Jesus Christo. Contra as heresias particulares de Marcion, dos valentinianos, dos antitrinitarios, o denodado arauto escreveu obras notaveis. Nos seus livros, encontra-se toda a doutrina da Igreja sobre o baptismo, a confirmação, a eucharistia, o matrimonio; mais tarde, um ardor descomedido o arrastou a erros lamentaveis.

Origenes, em meio dos seus trabalhos multiplos contra o paganismo e o philosophismo dos alexandrinos, escreveu um livro famoso, o *Livro dos Principios*, que pode ser considerado como uma refutação dos erros gnosticos sobre Deus, a Trindade, os anjos, o mundo, a questão do bem e do mal, a Incarnação, o livre arbitrio. Infelizmente, elle emprehendia uma obra por demais dificil para ser realisada inteiramente : a concordancia do dogma revelado com os dados philosophicos é terreno alagadiço e escorregadio e o distinto sabio deu mais de um passo falso.

São *Cypriano*, homem do mundo convertido á fé christã e depois, bispo de Carthago, começou em 246 uma carreira de sciencia, lutas e virtudes cujo fecho de ouro seria o martyrio. Teve que arcar com a dupla contagião da heresia e do scisma. Sua obra prima, *Unidade da Igreja* é um arsenal inesgotavel para a defeza da Igreja contra o scisma; seus argumentos contra os *novacianos* esmagam ainda hoje todos os revoltosos.

IV. *Apologistas contra o philosophismo pagão.* — Deparamos primeiro aqui com os nomes de *Justino* e de *Taciano :* aquelle, no seu livro *Da Monarchia*, este, no seu *Discurso contra os Gregos*, puzeram á mostra a falsidade das superstições pagãs. — Sob a forma de um dialogo a que dá o titulo de *Octavio*, um jurisconsulto romano, Minucio Felix faz a acareação de um christão e de um pagão, e, numa discussão extensa, põe na bocca delles argumentos que trazem a completa victoria do Christianismo. — Por seus tres livros a Autolico, pagão culto e influente, *Theophilo de Antiochia* faz jus a um lugar honroso entre os melhores apologistas : é uma refutação esplendida de todos os absurdos do paganismo. Mas o mais temivel adversario dos philosophos pagãos foi *Clemente de Alexandria*. Sua *Exhortação aos Gentios*, seus

tres livros do *Pedagogo*, a obra que intitula os *Stromatas*, são outros tantos escriptos luminosos em que o ilustre doutor ferreteia as crueldades e infamias do paganismo, opõe-lhes as sublimes lições do Evangelho, vinga a fé christã contra as pretenções orgulhosas da razão humana, e mostra, numa luz bela e verdadeira, a Igreja de Jesus Christo estabelecida para a salvação de todos os homens.

Mais portentosa ainda e mais empolgante é a obra de *Origenes*. Filho de um santo e de um martyr chamado Leonidas, aos dezoito annos, leciona na celebre escola de Alexandria : sabio exegeta, elle comenta a Escriptura sagrada ; apologista e polemista, elle dá para a defeza da fé sua obra mais perfeita, o *Tratado contra Celso*, em que passo a passo rasteia o inimigo; este tinha manejado todas as armas, sciencia, raciocinios, sarcasmos ; Origenes desfaz todas as acusações do sophista ; depois, sobre os escombros do paganismo, elle levanta o edificio da suave e pura moral christã. Alguns erros, é verdade, macularam os notaveis escriptos de Origenes (1), mas nem por isso deixa de ser o maior luzeiro do seculo III. Em 252, durante a perseguição de Decio, Origenes, metido no calabouço, sofreu ali os maiores tormentos, falecendo, em consequencia, dois annos mais tarde. *Arnobio* e *Lactancio*, nomes gloriosos, pertencem á escola africana ; seus escritos vieram á luz somente no começo do seculo IV. O primeiro nos deu uma Apologia da Religião, resumo dos argumentos dos escritores precedentes. *Lactancio*, seu discipulo, se esmerou no seu livro das Instituições divinas em rebater os erros do polytheismo e expôr os elementos do Christianismo.

(1) Assim elle chama o Filho uma creação do Pae ; admite a preexistencia das almas ; acredita numa mitigação possivel dos supplicios do inferno, e nega, desta maneira, pelo menos implicitamente, a eternidade das penas. Origenes procedia de bôa fé : seus discipulos deram a estas doutrinas um caracter mais grave ; ellas foram condemnadas no seculo V sob o nome de *origenismo*.

Temos mais, delle, um notavel *Tratado da morte dos perseguidores.* Seu talento literario lhe valeu o appellido de *Cicero Christão.*

ARTIGO IV

A Igreja triumphante debaixo de Constantino.

Papas.	*Imperador romano*
S. Sylvestre I (313-336).	Constantino (306-337).
S. Marcos (336-337).	

I. O fim das perseguições. — II. Liberdade e favores concedidos á Igreja. — III. Nova legislação inspirada na idéa christã, transformação social.

I. *O fim das perseguições.* — « Quando teve mostrado por uma experiencia assaz longa que não necessitava socorro humano nem potestades da terra para assentar o dominio da sua Igreja, Deus convidou emfim os imperadores e fez do grande Constantino um protector declarado do christianismo. A partir daquelle chamado, acudiram de toda a parte os reis ao gremio da Igreja ; e tudo quanto estava escrito a respeito da sua gloria futura realisou-se em presença do universo inteiro. » Nestas palavras, Bossuet concretisa a missão providencial de Constantino, fundador do primeiro imperio christão. Vamos analysar esta grande obra. O edito de Milão (313) tinha proclamado a liberdade de consciencia pedida por todos os apologistas da fé christã. O decreto imperial devia pôr termo á era das perseguições ; no Occidente, de facto, cessou a efusão do sangue christão. Não assim no Oriente, onde a perseguição foi apenas interrupta. Lá imperava Maximino, e só a morte do tyrano deu ao mundo a liberdade tão desejada. Pouco depois, Licinio, que assignára o tratado de paz em Milão,

empunhou outra vez o gladio; torturou são Nicolau de Myra, e martyrisou, entre outros, são Basilio e uma tropa de soldados christãos cuja lembrança conservamos sob o titulo dos *quarenta corôados*. Constantino, em 324, devolveu á Igreja paz geral e completa, pela victoria que ganhou contra Licinio sob os muros de Andrinopla.

O imperador, convertido ao Christianismo, não rebelou os espiritos com editos rigorosos contra o paganismo. Elle odiava o culto pagão; no entanto, deixou a todos seus subditos plena liberdade, usando um trato lhano e ameno com todos aquelles que tinham sido educados num erro que elle denominava solenemente « detestavel e impio » Porém, procurava enfraquecer, o mais que podia, o paganismo perseguidor.

II. *Liberdade e favores concedidos á Igreja.* — Era pouco para Constantino, baldar o zelo idolatra. Seu coração e sua fé o incitavam a proteger francamente a Igreja e a favorecer a sua obra divina. O papa *Milciades* recebeu delle o palacio de Latran, junto do qual ergueu a basilica de São Salvador; pouco após, edificou tambem em Roma a igreja dos santos Apostolos. Por toda a parte, no imperio, levantaram-se as basilicas chamadas *constantinianas*, que o imperador mimoseou com valiosas dadivas.

O clero vivera até então na opressão. Para os sacerdotes poderem melhor desempenhar suas funções, o imperador os isentou do serviço militar e de qualquer obrigação municipal; elle revogou a lei celebre que prohibindo o celibato pagão, fonte de desordens e de vicios, atingia o celibato eclesiastico e religioso, fonte de santidade e de dedicação. Constantino tornou o descanso dominical obrigatorio em todo o imperio. Em memoria do Salvador, suprimiu o suplicio da cruz. Ao entrar em Roma, elle quizera que

a cruz, penhor da sua victoria, brilhasse no seu diadema e fosse arvorada no Capitolio como que para anunciar ao universo o triumpho da religião do Deus crucificado. Num igual sentimento de honra e de respeito para a cruz, a mãe de Constantino, santa Helena, emprehendeu uma viagem ao. lugares santos. Por sua ordem cavaram no monte Calvario, á procura da vera cruz, e quando foi achado este precioso instrumento da nossa salvação, ella mandou construir, para recebel-o, a magnifica igreja do Calvario ; depois, trouxe para Roma uma parte consideravel da preciosa reliquia para a qual Constantino edificou a igreja de Santa Cruz de Jerusalem.

Tal era este imperador christão, auxiliando a religião, dando o exemplo da piedade, escutando, docil, os ensinos dos bispos, honrando publicamente a Deus no seu palacio, onde mandára erigir um oratorio. Terá elle entendido que na velha Roma não podiam, dora em diante, achar abrigo o papa e o imperador? O facto é que, executando um designio providencial, elle transferiu sua residencia de Roma para Byzança, deixando a Igreja e o papa governar sem peias na cidade eterna que se tornava sua capital.

III. *Nova legislação inspirada na ideia christã; transformação social.* — Antes de Constantino, e sem mesmo que os imperadores romanos dessem por isso, as leis romanas já vinham impregnadas das ideias christãs. Mas, é debaixo de Constantino que se operou a revolução subita e pacifica que transformou o mundo. As leis constantinianas, que seria longo enumerar, são todas repassadas de fé e de caridade evangelica.

Não só o imperador Constantino renovou as leis protectoras da infancia, promulgadas por Septimo Severo, mas impoz aos governadores o dever de socorrer, ás expensas do thesouro nacional, os meninos

desvalidos. O assassinio da criança foi equiparado ao parricidio. Com a legislação pagã, a mulher era uma escrava entregue aos caprichos do homem. Constantino alevantou primeiro a união conjugal : a bençam do sacerdote foi exigida pela lei civil ; a indissolubilidade do matrimonio foi observada. A esposa recuperou o gozo de seus direitos de companheira do homem : foi libertada, respeitáda, cercada desta aureola que o christianismo estampára na fronte da virgem e da mãe.

Os pobres tiveram avultado quinhão na distribuição dos desvelos imperiaes : elle diminuiu seus impostos ; amparou as viuvas e os orphams ; consagrou esmolas immensas ao alivio dos meninos abandonados, e ao alimento dos indigentes. Hospitaes e asylos despontaram por toda a parte, para abrigar estas miserias humanas que o paganismo desalmado menosprezava e deixava entregues á sua nefanda sorte.

Outra reforma exigida pelo Christianismo era a libertação dos escravos. Era dificil tomar uma providencia geral que extinguisse de vez este cancro social ; porém comungando, ainda aqui, nas intenções da Igreja, Constantino foi a pouco e pouco desbravando o terreno para esta reforma. Fez o mestre responsavel pela vida dos seus escravos ; limitou o poder domestico, como tambem os direitos da justiça publica, prohibindo a tortura ; depois, a lei civil creou para os escravos uma existencia media entre a antiga servidão e a libertade absoluta. O escravo era livre comquanto cultivasse a terra ou trabalhasse em alguma industria. Ainda se praticavam os combates de gladiadores : Constantino tratou de debelar este uso, mas não conseguiu seu corajoso intento. Pelo menos, não deixou que se marcassem na fronte os desgraçados condenados aos jogos do circo, e pôde arrancar ao amphitheatro os christãos e os soldados que o paganismo imolava sem dó nem remorso. Mais tarde,

a coerção prudente da Igreja fez cair em desuso estes espectaculos tão prezados.

Sem duvida a historia imparcial não pode silenciar o sombreado e mesmo as maculas da vida de Constantino ; mas sempre teve a gloria de fundar o imperio christão e de contribuir poderosamente ao triumpho da Igreja. Faleceu no anno de 337. Seu reinado, ilustrado pelos escriptores Arnobio e Lactancio, viu o arrebol do grande seculo dos Padres da Igreja. No mesmo tempo, *Eusebio*, bispo de Cesarêa, compunha seus tratados da *Preparação* e da *Demonstração evangelicas*, que arruinam até os alicerces o edificio do paganismo, e sua *Historia da Igreja*, composta dos mais preciosos fragmentos da antiguidade christã, que lhe mereceu o titulo de « Pae da historia ecclesiastica ».

CAPITULO III

A Igreja victoriosa das heresias

(Do anno de 313 até 476 de J. C.)

Vista geral. — Divisão deste capitulo.

Mal a Igreja tinha saido da era sangrenta das perseguições, já enfrentava com novos adversarios : o scisma e a heresia. Teve que sofrer primeiro a heresia de Ario, preparada pelo scisma de Melecio. O IVº seculo inteiro está cheio das lutas do arianismo, favorecido a principio no Oriente por Constancio, filho e successor de Constantino. Os concilios de Nicêa (325) e de Constantinopla (381) asseguraram entretanto o triumpho da fé catolica no universo quasi totalmente ariano e iludido tambem pela heresia de Macedonio.

A favor destas controversias que dividiam o mundo christão, Juliano o Apostata, senhor do imperio, quiz restaurar o paganismo. Deus venceu o apostata e mandou para a defeza do Christianismo os ilustres genios do seculo IV.

A divindade do Verbo e do Espirito estava claramente definida pelos concilios geraes anteriores ; o erro, no seculo V, atacou os dois grandes mysterios da Redempção e da Incarnação. Pelagio, impugnando o dogma da graça, negando o pecado original, e dizendo que o homem pode se salvar pelas unicas forças da natureza, aniquilava o dogma da Redempção. Nestorio destruia a Incarnação, fazendo de Jesus Christo não um Deus, mas na verdade um homem perfeito unido á divindade somente de modo espi-

ritual: donde inferíra que Maria não pode ser chamada *Mãe de Deus*.

Eutychés combateu este erro de Nestorio que via uma pessôa no Verbo e outra em Christo, e caiu no extremo oposto : confundiu no Salvador as duas naturezas, divina e humana.

Emquanto estas discussões theologicas empolgavam e despedaçavam o Oriente, a Providencia, para castigar Roma e o Occidente, por tanto tempo conspurcados pela idolatria, ensopados com o sangue dos martyres, mandou povos novos, ainda pagãos ou mergulhados nas trevas do arianismo. O meio do seculo v presenciou as terriveis invasões dos barbaros que depois de terem saqueado as Gallias, a Italia e a Africa, tomaram Roma e destruiram o imperio do Occidente (476). Então some-se o velho mundo na voragem dos tempos ; vae medrar uma sociedade nova que se tornará a Europa christã.

Neste periodo, desdobrar-se-ão aos nossos olhos as heroicas lutas da verdade contra o erro e os magnificos desenvolvimentos que trouxeram ao dogma catholico os quatro concilios ecumenicos. Embora os diferentes erros acima mencionados não se limitem a uma época exatamente determinada, podem servir de plano geral e de divisão para este nosso estudo. No primeiro artigo, examinaremos o *arianismo*, seus antecedentes, sua falsidade, sua condemnação, com as seitas que delle se originaram (313-406). O *pelagianismo* será o objecto do segundo artigo ; veremos sua doutrina, pondo em paralelo os ensinos sublimes do doutor da graça, santo Agostinho (406-428). Depois, em outro artigo, occupar-nos-emos com o *nestorianismo*, condenado no concilio de Epheso, ligando a esta heresia o periodo que corre de 428 até á eleição do papa são Leão Magno (440). O quarto artigo será consagrado ao *eutychianismo*, levando-se este periodo até a queda do imperio do Occidente (440-476). De

passagem, indicaremos os grandes doutores que a heresia encontrou na sua marcha. Mas para não embargar os nossos passos, deixaremos para o capitulo IV o estudo mais acurado do esplendido desabrochar da Igreja, de sua doutrina e de suas instituições nesta primeira parte da sua historia.

ARTIGO I

O Arianismo.

(313-416)

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Julio Iº (337-352).	Constante (337-350).
S. Liberio (352-358).	Constancio (353-361).
S. Felix II (358-366).	Juliano o Apostata (361-363).
S. Damaso I (366-385).	Joviano (363-364).
	Valentiniano Iº (364-375).
	Graciano (375-383).
S. Siricio (385-398).	Maximo (383-388).
	Valentiniano II (392).
	Eugenio (392-394).
S. Anastasio Iº (398-402).	Theodosio Magno (394-395).
S. Innocente Iº (402-417)	Honorio (395-423).

I. Scismas de Donato e Melecio abrindo caminho para o *arianismo.* — II. Ario e sua doutrina. — III. Concilio de *Nicéa*, 1º ecumenico (325). — IV. Segunda phase do arianismo : os semi-arianos. — V. As perseguições de Juliano o Apostata e de Valente. — VI. Macedonio e seu erro. — VII. Concilio de *Constantinopla*, 2º ecumenico (381). — VIII. Papel protector de Theodosio. — IX. Os grandes doutores. de seculo IV.

I. *Scismas de Donato e Melecio, abrindo caminho ao arianismo.* — Antes de estudarmos o arianismo, lancemos um olhar sobre as duas seitas scismaticas cujas intrigas prepararam e favoreceram immensamente esta heresia : a do *donatistas* na Africa, e a dos *melecianos* no Egypto.

No anno de 311, a eleição regular do diacono Ceciliano na séde episcopal de Carthago, desgostou alguns padres ambiciosos que açularam os descontentes e pro-

curaram invalidar a promoção, pretextando que o consagrante de Ceciliano era um *traditor* e que os bispos da Numidia não tinham sido consultados. Estes ordenaram em lugar do eleito, um tal Majorino, e trataram de ganhar para seu partido todo o episcopado da Africa. Entre os mais ardentes estava *Donato*, das Casas-Pretas, que intrigou depois até sentar na séde de Carthago, e sustentou muito tempo uma luta cujo unico movel era a ambição. Um concilio reunido em Roma, em 313 proclamou ser valida a eleição de Ceciliano, ainda que o consagrante houvesse sido *traditor*, pois a graça não depende da santidade do ministro. Aliás a inocencia do eleito estava provada e publica. As decisões do concilio de Arles, em 314, condiziam com as de Roma : « Pertence á Santa Sé, dizem os Padres, por sua autoridade superior e jurisdicção, pôr-lhes o selo principal, e promulgal-as em toda a Igreja. » Era a condenação do proprio principio de qualquer scisma. Os partidarios de Donato, rebeldes á Igreja, não fizeram caso algum da sentença de Constantino e armaram tropas : foi preciso mandar contra elles os exercitos imperiaes.

Outro scisma para ajudar o *arianismo* era o de *Melecio*, bispo de Lycopolis na Thebaida. Durante a perseguição teve a cobardia de sacrificar aos idolos; cometeu ainda outros crimes, e fôra suspenso de ordens. Este sectario, disfarçando sua pusilanimidade, sob um véu de aparencia austera, conseguiu agremiar, certo numero de adeptos, e seu scisma durou mais de cento e cincoenta annos, unindo sua causa áquella do *arianismo*.

II. *Ario e sua doutrina.* — Ario, sacerdote de Alexandria, era um homem culto, porém minado pelo orgulho. Malogrado nas suas esperanças pela promoção de santo Alexandre á séde patriarcal desta cidade, que cubiçava, Ario deu uma cabeçada bastante commum

e ordinaria com os descontentes soberbos : entrou a incriminar a sã doutrina e a dogmatisar contra a divindade do Filho de Deus.

Já vimos que o gnosticismo emparedava o Deus verdadeiro numa solidão majestosa, sim, mas esteril ; o mundo apenas communicava com os éons, ou embaixadores deste Deus. Com os mesmos principios, Ario, em perfeito racionalista, separava Deus do homem, e de uma falsa idéa da Trindade, concluia : Deus é unico ; é muito grande, muito elevado e muito puro para se rebaixar a crear o mundo. Mas, primeiro, deu a vida a um ser intermediario maior que todas as creaturas, menor do que Deus ; é o Filho de Deus, inferior a elle, e que nem poderia ser Deus. Sendo de essencia diferente do Padre, uma mera creatura, o Verbo, Filho de Deus não existiu sempre. Não sendo Deus, não pôde unir na sua pessôa a divindade com a humanidade e é só impropriamente que elle se teria divinisado pela eminencia das suas virtudes e da sua santidade. Era no mesmo tempo a negação da Trindade, da Incarnação, portanto da Redempção ; o arianismo aglomerava todos os erros da gnose e era a destruição completa do dogma christão. Em resumo, a luta ariana toda synthetisava-se na palavra *consubstancial*. Seria o Verbo a mesma substancia que o Pae, ou seria uma creatura inferior? Ario era deste ultimo parecer, e negando a divindade do Verbo, Filho de Deus, negava a divindade de Jesus Christo.

Tal blasphemia commoveu os fieis. O patriarca da Alexandria, santo Alexandre, convocou um concilio e excommungou o novador. Ario retirou-se na Palestina ; ali, conseguiu infiltrar seu erro no clero, entre os monges, e especialmente entre as mulheres e o povo, graças a um compendio de modas e cantigas populares em que instilára subtilmente a sua peçonha. Entre seus partidarios alistou-se Eusebio de Nicomedia, apostata debaixo de Licinio e cortezão deste

tyrano, e outro Eusebio de Cesarêa, que teve a desgraça de cair na heresia.

III. *Concilio de Nicêa, primeiro ecumenico* (325). — Constantino, que nesta discordia apenas descortinára uma simples briga de palavras, malogrou na tentativa conciliadora que mandou fazer por Osio de Cordova. Carecia achar um remedio forte para debelar o mal que ameaçava invadir a Igreja. De accordo com o papa são Sylvestre, o imperador convocou um concilio geral em Nicêa, cidade da Bythinia : foi o primeiro ecumenico. Compareceram trezentos e dezoito bispos sob a presidencia de Osio, bispo de Cordova, assistido de mais dois outros delegados da Santa Sé. Constantino teve assento neste concilio. Nunca se viu mais augusta reunião de bispos, athletas da fé, trazendo ainda os estigmas gloriosos recebidos na perseguição. Dentre os mais intrepidos da fé catholica, salientou-se o joven diacono de Alexandria, santo Atanasio. Ario, com uma escolta de vinte e dois bispos seus apaniguados, renovou suas blasphemias perante a assembléa toda. Os Padres do Concilio responderam com o ensino da Igreja que elles quizeram compendiar numa profissão solene, celebre sob o nome de *Symbolo de Nicêa*. Lê-se ali : « Eu creio num só Senhor Jesus Christo, Filho unico de Deus, nascido do Pae antes de todos os seculos, Deus de Deus, luz de luz, verdadeiro Deus de verdadeiro Deus, *consubstancial* ao Pae, por quem todas as cousas têm sido feitas. » Era a condenação formal do arianismo. A palavra *consubstancial* foi o termo aceito para exprimir a fé de Nicêa. O concilio lançou o anathema contra Ario e todos os seus que recusaram submeter-se.

A respeito do negocio da *Paschoa*, o concilio de Nicêa pronunciou contra os *quartodecimanos* uma sentença solene que determinava para toda a Igreja a celebração da festa da Paschoa : seria no domingo

imediato ao decimo quarto dia da lua de março. Trabalhou tambem para abafar o scisma de Melecio, mas deixou a este bispo a sede que ocupava, confirmando as suas ordenações.

IV. *Segunda phase do arianismo : os semi-arianos.* — Não estava quebrado o orgulho dos revoltosos. No exilio em que se achava, Ario intrigava. Constantino se deixou iludir pela duplicidade dos arianos ; cometeu a falta de chamar o chefe do partido e seus sectarios, desterrando em Treves santo Atanasio bispo de Alexandria, e o mais destemido defensor da orthodoxia catholica (336). Animados com este exito, os herejes quizeram restabelecer Ario em Alexandria. O povo, porém não o deixou. Os sequazes de Ario iam aparelhando a seu chefe uma entrada triumphal em Constantinopla. O heresiarca devia penetrar na Igreja com toda a pompa. O santo bispo desta cidade, Alexandre, varão de oitenta e seis annos, suplicava fervorosamente a Deus que não consentisse em tal escandalo. A mão vingadora da Providencia ia ferir o culpado : no sequito, viram de repente Ario tornar-se palido. Apertado por um malestar repentino, teve que recolherse em lugar privado. Como demorasse em sair, foram ter com elle : jazia morto, banhado em sangue.

Impressionado com este acontecimento, Constantino chamou do exilio santo Atanasio que todo o povo de Alexandria victoriou delirantemente. O imperador faleceu neste mesmo anno, deixando os seus estados aos tres filhos, Constancio, Constante e Constantino II. O Oriente, com a capital Constantinopla, coube a Constancio que foi o protector confesso do arianismo.

Não é possivel acompanhar passo a passo as intrigas e os debates dos arianos. Fortes com a protecção do imperador, exilam novamente santo Atanasio, e apossam-se de todas as grandes sédes do Oriente ; tratam de validar a heresia por varios concilios ;

santo Hilario, bispo de Poitiers, se vê expulso para o Oriente ; santo Eusebio de Vercoil é levado de exilio em exilio atravez da Scythia e da Thebaida ; o papa Liberio é conduzido na Thracia ; é a perseguição não do gladio, mas do exilio.

Entretanto o arianismo com seu triumpho facil, livre de dogmatisar a seu talante, tinha-se dividido. Havia os *arianos puros*, que negavam absolutamente a consubstancialidade do Pae e do Filho e portanto, a divindade de Jesus Christo ; ficavam fieis á doutrina de Ario, seu pae ; eram Acacio, Aecio, Eudoxio, Eusebio de Nicomedia. Depois havia os *semi-arianos* cujas polemicas mentirosas, e falsas promessas causaram á fé catholica tanto prejuizo como as mesmas negações de Ario. Condenados em uma formula, os semi-arianos compunham outra. Na realidade, nunca admitiram que o Filho fosse *consubstancial* ao Pae, no sentido catholico. Elles diziam: « O Filho é semelhante ao Pae », mas com esta restrição: *salvo na substancia.*

Constancio, envergonhado e irado com estas divisões que tyranisavam o partido, quiz acabar com ellas, reunindo dois concilios : um em *Seleucia*, em que o partido semi-ariano triumphou, apezar da eloquencia de santo Hilario de Poitiers ; o outro, em *Rimini* (359), em que prevaleceu o arianismo puro, graças á violencia. Os bispos assignaram uma profissão de fé donde fôra tirada a palavra *consubstancial*, e que podia ser interpretada de duas maneiras diversas. Daí a reflexão de são Jeronymo : « O mundo ficou admirado por achar-se ariano. » Não era, pois o maior numero dos bispos julgára a formula orthodoxa, e protestou, afirmando seu apego na fé de Nicéa.

A morte de Constancio, em 361 privou o arianismo do seu mais firme esteio. A heresia apagou-se aos poucos : sua disparição só foi demorada pela perseverança do scisma meleciano até a época de Theo-

dosio. Acoimaram o papa Liberio da pecha de ter caido no *arianismo* desmentindo sua corajosa defeza da fé catholica, ou subscrevendo uma formula heretica de Sirmio. Nenhuma prova temos que authentique esta fraqueza : testemunhos historicos demonstram, pelo contrario, — e o proprio Bossuet concorda com elles, — « que este pontifice acabou seu governo unido, em communhão com os mais santos bispos do seu tempo, santo Atanasio, são Basilio e outros de igual merito e igual fama. »

V. *As perseguições de Juliano o Apostata e de Valens.* — Ao imperador Constancio succedeu Juliano, cognominado o *Apostata*, sobrinho de Constancio Magno. Este principe fôra baptisado e criado na fé catholica. Exornado com brilhantes predicados, e belas prendas, recebeu infelizmente uma educação completamente pagã. Seus mestres em Athenas tinham sido philosophos impios : Maximo, Tiberio, Libanio. Dois condiscipulos delle, que vieram a ser mais tarde dois dos nossos mais ilustres genios christãos, Gregorio Nazianzeno e Basilio de Cesarêa, tinham adivinhado no collegial de Athenas o perseguidor da fé:« Que vibora, diziam elles, o imperio aquenta no seu seio! »Mal tinha tomado assento no trono dos cesares, Juliano abjurava publicamente a fé christã e só teve em mira: destruir o Christianismo, e sobre as ruinas delle, edificar o paganismo ; e isto, não pela perseguição sangrenta, mas a pouco e pouco, sorrateira e hypocritamente. Elle começou despojando a Igreja de todos os privilegios e dadivas que lhe concedera Constantino ; tirou os templos aos christãos, e fechou suas escolas. Tomou a peito corromper a mocidade com uma educação inteiramente pagã, e os mestres das escolas publicas foram escolhidos entre os homens que partilhavam suas idéas. Emfim, elle arredou dos empregos os discipulos da religião christã, obrigou

seus soldados a sacrificar aos idolos, e cumulou de favores os pagãos e os apostatas. Os motejos e o riso eram armas tambem de moda nessa perseguição nova. Mas para substituir a Christo precisava-se de outra religião. O Apostata experimentou uma resurreição do culto pagão ; elle proprio, como pontifice, presidia ceremonias estramboticas em que havia magicos e augurios ; estimulava seus sacerdotes e suas sacerdotizas para que imitassam os bispos, os padres, as virgens christãs nas suas obras de zelo e de caridade. Como quizesse dar um desmentido aos nossos Livros santos, emprehendeu a reconstrução do antigo edificio de Jerusalem nos mesmos alicerces, ás expensas do thesouro imperial. Os operarios iniciaram os trabalhos e foram cavando fundações novas ; mas ao passo que colocavam materiaes, saiam da terra chammas que destruiam os artifices e as obras. E' facto referido pelos historiadores pagãos e judeus como pelos christãos. A vingança divina estava á espera do apostata. Em 363, partiu para uma expedição contra os Persas. Durante o combate, Juliano foi ferido por uma flecha que o atingiu no coração. Elle arrancou o ferro da ferida, e recolhendo o sangue que jorrava da chaga, elle o arremessou contra o céu, soltando esta blasphemia : « Tu me venceste, Galileu ! » E de facto, o Deus dos christãos, outra vez saia vencedor. Joviano, eleito imperador, deu a paz á Igreja.

Seu reino, porém, durou pouco. O Occidente pôde respirar á vontade sob o governo de Valentiniano, seu successor. O Oriente, pelo contrario, viu a tormenta desencadear-se de novo, excitada por Valens, associado ao imperio. Os bispos catholicos tiveram que aturar seus maus tratos, suas violencias. O imperador ariano esbarrou numa vontade ferrea na pessôa de são Basilio, bispo de Cesarêa, na Capadocia. Valens mandou-lhe o seu prefeito Modesto, a ver si o podia amedrontar : « Pouco se me dá das vossas ameaças,

respondeu Basilío ; não possuindo cousa alguma, nada tenho que perder. Quanto ao exilio, não me mete medo ; a terra toda é de Deus. A morte, para mim, seria um favor, pois me dava entrada na vida eterna. — Nunca, redarguiu o prefeito, pessôa alguma me falou com tanto desassombro. — E' de crer então, secundou Basilio, que nunca tivestes de lidar com um bispo. » Tres vezes o imperador esteve para assignar um decreto de exilio contra o santo prelado, e tres vezes a penna se lhe quebrou nos dedos.

XVI. *Macedonio e seu erro.* — Desde que Ario tinha iniciado a serie das questões sobre a pessôa de Jesus Christo, o espirito de mentira não descansava. Já Marcelo de Ancyro fizera uma distinção perigosa entre o *Verbo* e o *Filho de Deus*. Seu discipulo Pothino a caracterisou mais e fez uma heresia dizendo que o Verbo não era uma pessôa, mas apenas uma virtude de Deus que penetrára em Jesus Christo. Dois homens egregios no saber e adversarios de Ario, os dois Apolinarios, arguindo contra os arianos que atribuiam á natureza divina a passibilidade, pretenderam que em Nosso Senhor, a humanidade estava absorta pela divindade, que nelle não existia a alma humana, que sofrera a morte só na aparencia. Era outra heresia. Emfim o arianismo não podia impugnar a divindade do Filho sem abalar o dogma sagrado da Trindade catholica, e sem atacar no mesmo tempo a divindade do Espirito Santo. Um semi-ariano, *Macedonio*, successor de Eusebio de Nicomedia na séde de Constantinopla, bispo intrigante e dado a todos os vicios, formulou esta consequencia, e por seus cuidados, della saíu a heresia dos macedonianos. Em odio aos arianos, confessou a divindade do Filho ; em odio aos catholicos, negou a divindade do Espirito Santo.

Em face do novo erro, empunharam a penna os mais afamados bispos do Oriente, são Basilio e são

Gregorio Nazianzeno. Mas uma condenação solene era necessaria para estigmatisar todas estas doutrinas falsas.

VII. *Concilio de Constantinopla*, 2º *ecumenico* (381). — Theodosio, que acabava de ser associado ao imperio, convocou, com o beneplacito do papa são Damaso, um concilio geral em Constantinopla. Macedonio ali foi condenado com os seus partidarios, e a divindade do Espirito Santo foi claramente definida. O concilio renovou os anathemas de Nicêa contra o arianismo e condenou todos os erros que delle tinham decorrido, mormente os dos pothinianos e dos apolinaristas. O concilio de Constantinopla, sancionado pelo papa, foi o segundo ecumenico. As adições feitas ao symbolo de Nicêa constituiram o symbolo que se canta na missa. Esta formula salienta mais que o Filho de Deus se incarnou « por operação do Espirito Santo, da Virgem Maria », que ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escripturas » que está agora « sentado á direita do Pae, e que ha de vir de novo para julgar com gloria » os vivos e os mortos e que « seu reino não terá fim ». O symbolo de Nicêa, falando no Espirito Santo, rezava apenas: « Cremos no Espirito Santo » ; o concilio de Constantinopla acrescenta: » que é tambem Senhor e dá a vida, que procede do Pae, que, com o Pae e o Filho, recebe as mesmas adorações e a mesma gloria, que falou pelos prophetas. » Emfim, é aos Padres de Constantinopla que devemos tambem o fim desta bella formula : « Cremos na Igreja, uma, santa, catholica e apostolica. Confessamos um só baptismo para a remissão dos pecados. Esperamos a resurreição dos mortos e a vida do seculo futuro ». O mesmo concilio preceituou sobre a jurisdicção dos bispos, reconheceu solenemente a primazia de Roma, e poz no segundo lugar o patriarcado de Constantinopla.

VIII. *Papel protector de Theodosio.* — O IVº seculo findou-se no socego sob a administração imperial de Theodosio Magno. Movido por uma piedade sincera, convencido de que a unidade de crença, num Estado, é uma garantia infalivel da unidade politica e da força da nação, elle empregou no serviço da Igreja e da verdade catholica, sua sabedoria e sua actividade. Por meio de leis protectoras e presentes reaes, elle contribuiu poderosamente á consolidação do Christianismo e á sua propagação no Oriente. Theodosio tinha de arrostar dois inimigos terriveis : a heresia e o paganismo. Elle os venceu simultaneamente, por um conjunto de leis verdadeiramente dignas de um imperador christão. Foi prohibido aos herejes congregarem-se, fazerem ordenações, entregarem-se a controversias publicas sobre as questões religiosas. O paganismo não se dava por vencido ainda. Graciano, porém, já tinha mandado tirar do senado a estatua da Victoria, suprimido as verbas destinadas ao culto pagão, diminuido o numero dos sacerdotes e das vestaes ; Theodosio apressou este movimento : os sacrificios idolatras foram prohibidos, as revoltas populares prompta e severamente abafadas, os templos fechados, com ordem de não erigirem mais simulacros em honra de falsas divindades. Theodosio o Moço, seu neto, ajuntou, mais tarde, sob o titulo de *Codigo theodosiano*, todas as leis promulgadas a favor da Religião, desde Constantino : é um monumento de fé e de prudente sabedoria.

A despeito destas disposições, o imperador Theodosio Magno cedeu á fraqueza humana ; mas sua penitencia nobre foi a condigna reparação da falta. Numa revolta, a cidade de Thessalonica tinha assassinado seu governador. Deixando-se arrebatar pela colera, Theodosio ordenou que fossem mortos todos os habitantes ; sete mil dentre elles foram executados. Pouco tempo depois, o imperador, estando em Milão foi á

Igreja com toda a côrte para assistir ao oficio divino. Santo Ambrosio veiu detel-o no limiar do templo : « Principe, lhe disse o bispo, como vos atreveis a penetrar no templo do Deus de paz, coberto como sois com o sangue dos christãos? — Pequei, respondeu Theodosio, mas tambem David pecou. — Pois si o imitastes no crime, imitai-o igualmente na penitencia. » O imperador aceitou humilde, uma penitencia publica, e após longos mezes, santo Ambrosio o reconciliou com a Igreja.

IX. *Os grandes doutores do seculo IV.* — As perseguições tinham manifestado a coragem sublime dos martyres ; as heresias mostraram o genio e a sciencia dos doutores. O seculo IV foi apelidado, com razão, o « grande seculo dos Padres da Igreja. » Os dogmas da fé, propalados no mundo, provocavam dificuldades que deviam ser resolvidas, oposições que deviam ser vencidas.

Entre os *Padres gregos*, os principaes foram :

1º Santo *Atanasio*, nascido em 296, diacono, depois bispo de Alexandria, o adversario denodado e temido do arianismo, cinco vezes desterrado, e cinco vezes chamado, julgado digno, por sua fé e precisão dogmatica, de passar por autor do Symbolo que traz seu nome, e que resume, com tanta perfeição, a verdade catholica sobre a Trindade e a Incarnação. Deixou varios escritos sobre o arianismo, sobre o Espirito Santo, e comentarios sobre os Psalmos.

2º Santo *Ephrem*, nascido em Nisibe, na Mesopotamia, que dirigiu maravilhosamente a escola apologetica de Edessa ; escreveu sobre a Escriptura comentarios em que elle se revela theologo e poeta.

3º São *Cyrilo de Jerusalem*, alvo de todas as violencias dos arianos, e varias vezes expulso de sua séde. Morreu em 386 e deixou belissimas instruções dirigidas aos fieis.

4º São *Basilio*, ilustre discipulo da escola de Athenas, monge fervoroso, depois bispo de Cesarêa, em 364. Vimos que ás ameaças do imperador Valente, soube opôr a firmeza de um bispo. Foi o defensor impavido da fé de Nicêa, escreveu sobre os autores profanos, um livro cheio de conselhos excelentes aos moços, tratados sobre a Escriptura sagrada, em particular o *Hexameron*, ou descripção da obra dos seis dias.

5º São *Gregorio Nazianzeno* fôra o condiscipulo de são Basilio, religioso, como elle, antes de ser promovido na séde patriarcal de Constantinopla. Teve que sofrer todas as perseguições dos arianos, e por amor da paz, vergando ao furacão, foi recomeçar em Nazianzo sua vida de solidão, de estudos theologicos e moraes, esmaltando escriptos cheios de doutrina com as flores da eloquencia e da poesia. Faleceu em 390. São Basilio tinha um irmão menor, cujos estudos elle dirigiu ; veiu a ser são *Gregorio de Nyssa*, autor de uma *grande catechese* e de sabios trabalhos sobre nossos Livros santos.

6º E' palida a gloria, o genio, a santidade daquelles, comparados com a eminencia de são *João Chrysostomo*. Por sua eloquencia, mereceu este apelido de *boca de ouro*. Fôra um luzeiro no fôro ; joven diacono, advogára corajosamente a favor dos monges perseguidos ; sacerdote, arrebatou por suas praticas o seu auditorio de Constantinopla ; bispo desta metropole, age, fala, escreve : tratados de *moral*, trabalhos de exegese, *discursos* expondo a doutrina com ardor e segurança, patenteiam a um tempo o defensor da verdade contra a heresia, o guarda da moral pura contra os abusos. Bossuet fala delle : « E' um dos mais ilustres pregadores e certamente o mais eloquente que tem ensinado na Igreja. »

Temos, entre os mais celebres doutores da Igreja latina no seculo IVº :

1º Santo *Hilario*, nascido em Poitiers, no anno 320, depois de uma mocidade estudiosa e edificante foi bispo desta cidade, e com um vigor igual á sua sciencia, terçou armas com o arianismo. Expulso de sua igreja, foi no Oriente o terror dos arianos, que pediram e alcançaram seu regresso em Poitiers. Ali salvou todas as Galias, preservando-as da invasão ariana; escreveu contra os herejes, notaveis tratados dogmaticos *sobre a Trindade* e *sobre a fé dos Orientaes*, e valiosos comentarios sobre a Escriptura sagrada. Teve tambem a gloria de formar para a vida religiosa, são Martinho, o thaumaturgo das Galias.

2º Santo *Ambrosio*, repentinamente promovido do encargo de prefeito-leigo para a dignidade episcopal, por uma disposição especial da Providencia, ilustrou a grande Igreja de Milão. Foi o adversario intrepido de todas as heresias, o bispo magnanimo que não se arreceava de resistir ás violencias imperiaes, o doutor erudito e cheio de mansidão que soube convencer os enganados e trazer ao redil as ovelhas transviadas. A principal conversão que operou foi quando trouxe á pratica da fé e da virtude aquelle que havia de ser santo *Agostinho*. Seus trabalhos literarios têm como assumpto a refutação do paganismo, a controversia dogmatica, a explicação das sagradas Escripturas, a moral christã; compoz hymnos e redigiu o conjunto da liturgia ambrosiana conservada em Milão.

3º São *Jeronymo*, nascido na Dalmacia, pertence, por sua educação ao mundo romano. Desiludido das suas falaciosas alegrias, passa para o deserto de Chalcis, torna-se um monge austero, luta energicamente contra o scisma de Melecio, traz em Roma os thesouros de uma erudição immensa, converte para a fé e o ascetismo a mais conspicua aristocracia romana, vem a ser o director de santa Paula, e de todas estas grandes matronas que lhe pedem conselhos e imitam os exemplos; em 420, falece em Belém onde elegêra mo-

rada. Em forma de dialogos, elle zurziu desapiedado todos os erros; suas cartas, suas historias dos primeiros solitarios, seus trabalhos incomparaveis sobre a Escriptura sagrada que elle traduziu em latim dos textos hebraicos e gregos lhe dão direito a um lugar distinto entre os escriptores deste seculo celebre.

4º Santo *Agostinho*, segundo o parecer dos mestres mais abalisados e no conceito de Bossuet, é o genio mais universal e mais profundo que os seculos viram. O livro das suas *Confissões* nos revela seus desvarios, sua conversão devida ás orações e ás lagrimas de Monica sua mãe e á eloquencia persuasiva de santo Ambrosio (386). Livre do estorvo do vicio e dos grosseiros erros do manicheismo, consagra seu talento e sua penna á defeza da verdade; bispo de Hippona, é por assim dizer a alma da Igreja da Africa e do mundo christão; apologista, elle escreve contra Manés, Donato e os herejes; exegeta, elle profunda, com uma sciencia inesgotavel, as nossas santas Letras; historiador, traça admiravelmente a marcha da humanidade no seu livro a *Cidade de Deus ;* e no seculo vº tornamos a vel-o arcando com a grande heresia do pelagianismo, que elle teve a gloria de sufocar para sempre.

ARTIGO II

O Pelagianismo.

(406-428).

Papas.
S. Innocente I (402-417).
S. Zozimo (417-418).
S. Bonifacio I (418-422).
S. Celestino I (422-432).

Imperadores romanos.
Valentiniano III (423-454).
No Oriente.
Theodosio o Moço (408-450).

I. Heresia de Pelagio e de Celestio ; sua condemnação. — II. Doutrina de santo Agostinho sobre a graça. — III. Abuso que se fez da doutrina de santo Agostinho no erro do *predestinismo*. — IV. *O semi-pelagianismo.*

I. *Heresia de Pelagio e de Celestio ; sua condenação.* — O Oriente, como temos visto, atacára especialmente o problema da divindade ; o dogma da Trindade fôra impugnado e mal entendido por Ario : dali os erros multiplos dos seus partidarios, cujos echos ainda encontraremos no *nestorianismo* e no *eutychianismo*. O Occidente estudou particularmente o problema do homem : sua natureza, sua creação primitiva, sua situação presente, seu destino, outras tantas questões arduas, dificilimas ou impossiveis de serem resolvidas com o unico auxilio da razão humana.

Um monge bretão, chamado *Pelagio*, menosprezando a luz da fé, procurou descobrir estes mysterios; outro monge escossez *Celestio*, mais ousado ainda, lhe seguiu as pisadas neste louco cometimento ; ambos cairam numa heresia que, como o arianismo destruia a religião, quebrando as relações do homem com Deus.

Segundo a doutrina pelagiana, o homem não tem nenhuma precisão de redempção. Foi creado bom, e bom permaneceu. O pecado original é um mytho, e o homem nasce, hoje em dia, nas mesmas condições

em que nasceu Adão. Logo, o baptismo é inutil; é mantido só como mero symbolo e distintivo dos filhos de Deus. Entretanto carecia explicar como é que o homem, hoje, é victima da ignorancia, da concupiscencia, da dôr e da morte. E' porque, responde Pelagio, o homem é militante : o modo com que elle aguentar estas provas será a base do seu merito, e portanto do seu direito ao premio. Destas negações todas, resulta que a *graça* não passa de uma palavra, e o *sobrenatural*, de uma fantasia. O homem nasce sem a graça, pode adquirir merecimento sem a graça, e, por suas unicas forças naturaes, alcançar a eterna felicidade. Pelagio é um dos precursores do racionalismo e da religião natural : a graça, os sacramentos, a mediação de Jesus Ch isto, a santificação da alma pelo Espirito Santo, tudo rue por terra com o *pelagianismo*.

Depois de terem á sorrelfa dogmatisado em Roma, Pelagio e Celestio espalharam seus erros na Sicilia, e foram para a Africa. Ali toparam com um destemido e formidavel campeão da orthodoxia catholica, santo Agostinho. Num primeiro concilio de Carthago, em 412, Celestio foi condenado. O bispo, e depois delle, os concilios de Carthago e de Mileve, em 416, levaram o pleito perante o papa Innocente I°. Na sua resposta, o papa assenta solidamente a doutrina do pecado original e a necessidade da graça, e confirma a condenação de Pelagio e dos seus sectarios. E' depois desta decisão pontificia que santo Agostinho escrevia : « Chegaram rescritos de Roma, a causa está julgada. »

O erro recebera golpe mortifero. Pelagio faleceu em 421. De Celestio não se soube mais nada. Mas alguns bispos, seus partidarios, e entre estes, Juliano de Eclane, perpetuaram a falsa doutrina sob uma forma mitigada que veiu a ser o *semi pelagianismo*. O concilio de Epheso, em 431, lançou o anathema sobre os erros pelagianos, assim como sobre os erros de Nestorio.

II. *Doutrina de santo Agostinho sobre a graça.* — Aos conceitos erroneos do pelagianismo, convem contrapôr o verdadeiro dogma catholico. Ora, nos seus brilhantes e volumosos escriptos sobre a graça, o doutor insigne santo Agostinho derrama uma luz tão clara e profusa que a sua doutrina se tornou a da Igreja. O estado primitivo do homem era o estado de inocencia. O primeiro homem saido das mãos de Deus era perfeito nos dons da natureza e nos dons da graça. Era livre, mas a graça o amparava. Adão podia pecar, e de facto pecou, envolvendo, como chefe de raça, toda a prole no seu pecado. No seu estado de decadencia, o homem, mais do que nunca, necessita da graça para sua justificação e salvação. A graça primeira, que Deus nos depára, não foi merecida de maneira alguma ; é completamente gratuita ; depois, mercê desta graça gratuita, o homem pode adquirir meritos. Mesmo após a justificação, a creatura precisa da graça, e isto até o seu ultimo suspiro, pois a perseverança final é uma graça. Logo, na ordem da salvação, o homem nada pode, por si mesmo, e deve tudo á graça.

Santo Agostinho, ao desenvolver estes grandes pontos, trata do problema tão espinhoso da predestinação. No sentir do ilustre doutor, toda a raça humana que pecou na pessôa de Adão, está sujeita á reprovação eterna. Mas, na multidão das creaturas, Deus escolhe, de toda eternidade, os que elle quer fazer bemaventurados ; dá-lhes sua graça, leva-os para a salvação, não *necessariamente*, pois elle deixa-lhes o livre arbitrio, mas *infalivelmente*, porque elles não recusarão a graça e o chamado de Deus. Quanto á condenação dos maus, não é obra de Deus ; é obra do homem : Deus, apenas a permite, e aquelle que se perde, perde-se porque quer. Admiravel acordo entre a presciencia de Deus e a liberdade humana !

III. *Abuso que se fez da doutrina de santo Agostinho no erro do predestinismo.* — Da doutrina de santo Agostinho sobre a *predestinação*, doutrina perfeitamente orthodoxa, alguns discipulos do grande theologo, antes temerarios do que exatos, tiraram uma heresia desesperada, a do *predestinismo*. No seculo v°, um sacerdote, por nome *Lucido*, a formulou nestes termos : « A vontade positiva de Deus é a causa da perda do homem. Si Adão pecou, é porque Deus, de toda a eternidade, tinha resolvido sua queda. Ora, a queda do homem consiste em que elle está desprovido completamente do livre arbitrio. Por uma predestinação igual, Deus dá a alguns a ventura, a outros a desgraça eterna. » *Lucido*, varias vezes condenado, submeteu-se no concilio de Arles, en 475. No seculo xvi, veremos esta doutrina ressuscitar, e o jansenimo, nas idades seguintes, procurar apoial-a na autoridade de santo Agostinho. Mas nunca o doutor da graça imaginou semelhante erro ; sempre, pelo contrario professa e defende o livre arbitrio.

IV. *O semi-pelagianismo.* — Condenado, o pelagianismo não desapareceu por completo, mas outra seita se formou que ocupava distancia media entre a theoria de Pelagio e a fé catholica, e por isso foi denominada *semi-pelagianismo*. Deve-se dizer, os partidarios deste systema mitigado estavam na bôa fé, e entre elles, houve homens eruditos e virtuosos : *João Cassiano*, monge erudito e autor de obras asceticas ; *Fausto*, abbade de Lerins e depois, bispo de Riez ; *Gennade*, sacerdote de Marselha. Foi principalmente entre os religiosos que se espalhou o erro dos semi-pelagianos. Julgando haver exagero na doutrina de santo Agostinho sobre a necessidade e a gratuidade da graça, os autores da nova heresia pretendiam que o começó da justificação e da salvação vem do homem. Não negavam o pecado original, suas consequencias, nem

a necessidade da graça ; mas diziam que Deus concede a graça primeira ao esforço do homem, a seus meritos passados ou futuros ; que o homem, por conseguinte, podia merecer esta graça por um começo de fé ou um primeiro acto de virtude cuja autoria não coubesse a Deus. Dois amigos de santo Agostinho, santo Hilario de Arles e são Prospero da Aquitaine, denunciaram o erro ao bispo de Hippona. O grande doutor recomeçou a luta, aprovado por Celestino I°. Mas o cerco da sua cidade episcopal pelos Vandalos, depois a doença e a morte em 430, interromperam o trabalho de Agostinho. O papa Celestino condenou o semi-pelagianismo em 431 ; o concilio de Orange, em 529, e o de Valença, em 530, encerraram o debate por uma condenação que Bonifacio II confirmou : « Si alguem disser que, seja o acrescimo, seja o mesmo principio da fé e o movimento inicial da vontade, que nos leva a crer naquelle que justifica o pecador, não é o effeito de uma graça concedida por Deus, irá de encontro aos dogmas apostolicos. »

ARTIGO III

O Nestorianismo.

(428-440).

Papas.	*Imperador romano*
S. Celestino I (422-432).	Valentiniano II (423-454).
S. Sixto III (432-440).	

I. Heresia de Nestorio. — II. Doutrina catholica formulada por são Cyrilo de Alexandria. — III. O concilio de *Epheso*, 3° ecumenico (431).

I. *Heresia de Nestorio.* — Vamos caminhando por entre os erros suscitados no Oriente pela subtilidade grega : Deus permite que a heresia amiude suas incursões na verdade catholica para esta ter ensejo de

definir e precisar seus ensinos. Com efeito, em frente de cada negação vemos erguer-se, majestosa e solene, uma afirmação da verdade. Quando *Sabellio* destruiu a personalidade do Verbo, a Igreja, guarda da verdade, proclamou e estabeleceu esta personalidade com uma força invencivel. Quando *Ario* lhe arranca o diadema da divindade, a Igreja afirma mais solene, em Nicêa, sua crença no Homem-Deus. Os *docetas* tinham negado a realidade do corpo de Jesus Christo ; a Igreja a colocou em perfeita luz ; os *apolinaristas* negavam em Jesus Christo a alma humana, supondo-a substituida péla divindade : a Igreja tinha endireitado esta interpretação falsa, e, desta arte, Christo apparecia na sua integridade perfeita : corpo, alma, divindade. Que ficava por determinar? A união das duas naturezas em Jesus Christo. Ora, eis que justamente uma heresia nova ataca esta união : será uma ocasião para patenteal-a num dia mais luminoso.

Nestorio, patriarca de Constantinopla, successor indigno de são João Chrysostomo naquella séde ilustre, deu o nome á terceira grande heresia, *o nestorianismo*. O mundo christão estremeceu quando, em 428, este patriarca pregou em publico que havia em Jesus Christo duas *pessôas*, uma *divina*, como filho de Deus, outra *humana* como filho de Maria. Logo Maria não podia ser chamada *Mãe de Deus*, sinão *mãe do Christo* ou do homem. Já se vê que importancia tinha tal asserto. Si, em Jesus Christo, as duas naturezas não são hypostaticamente unidas até formarem uma pessôa unica, não ha mais *Incarnação* nem *Redempção*. O Filho de Deus, não tendo tomado a nossa natureza, não se pode ter constituido o nosso Redemptor ; é só o homem que sofreu, e os sofrimentos não têm mais um valor infinito ; não se pode mais tributar adoração a Jesus Christo, e a Eucharistia não é mais a carne e o sangue de um Deus : o Salvador não é mais o *Homem-Deus*.

II. *A doutrina catholica formulada por são Cyrilo de Alexandria.* — A mesma Providencia que, em face de Ario, puzera o intrepido Atanasio, a Pelagio enviára santo Agostinho, poz, na presença de Nestorio, são *Cyrilo de Alexandria.* As blasphemias do hereje tinham comovido o Oriente: são Cyrilo se fez o interprete da admiração e da dôr do mundo catholico. Defendeu com denodo e energia o titulo de *Mãe de Deus* dado á santissima Virgem, titulo que concretisava toda a doutrina verdadeira. Em 430, o papa S. Celestino I°, num concilio de Roma, examinou a theoria nestoriana e a condenou; depois delegou são Cyrilo para comunicar esta sentença. Para conciliar os adversarios, o santo bispo compendiou, em doze proposições, chamadas os *doze anathemas*, toda a doutrina catholica que elle desejava ver aceita por Nestorio. Pode-se resumir nestes tres pontos: em Jesus Christo, o Filho do homem não é pessoalmente distinto do Filho de Deus. A santissima Virgem é verdadeiramente Mãe de Deus, pois é mãe de Jesus Christo, que é Deus. Em virtude da união hypostatica, ha *comunicação dos idiomas*, isto é, as denominações, propriedades e acções de duas naturezas distintas em Jesus Christo, podem ser aplicadas a sua pessôa e pode-se dizer: Deus morreu por nós.

O heresiarca teimoso respondeu com doze proposições ou *contra-anathemas*, nas quaes augmentava seus desvarios e condenava a fé tradicional da Igreja. Ficou determinada a reunião de um grande concilio em Epheso.

III. *O concilio de Epheso, terceiro ecumenico* (431). — Acudiram cerca de duzentos bispos de todos os pontos do mundo christão; são Cyrilo presidia a assembléa em nome do Papa. Nestorio negou-se a comparecer, e fazia neste mesmo tempo comicios em que vemos João, bispo de Antiochia, e Theodoreto, sabio bispo

de Cyro ; o imperador Theodosio protegia suas intrigas. Logo na primeira sessão, foi condenada a heresia de Nestorio. Num trono alto, os Padres tinham posto o livro dos Evangelhos, para representar a assistencia de Jesus Christo que prometeu estar com sua Igreja até o fim dos seculos : espectatulo santo e imponente que o concilio de Epheso nos apresentou primeiro, e que todos os outros concilios renovaram. Os bispos, em ordem, de ambos os lados, falaram : « Pronunciamos o anathema contra as doutrinas impias de Nestorio ! » O heresiarca foi deposto ; depois, declararam que a santissima Virgem podia e devia conservar o glorioso titulo de Mãe de Deus.

Ao saber desta sentença do concilio, todo o povo de Epheso não pôde sofrear seus impetos de alegria, o santo e delirante enthusiasmo da sua fé : a cidade inteira foi iluminada, e reboaram os vivas e as aclamações em louvor da Mãe de Deus. Nestorio não quiz submeter-se e morreu em 439, impenitente e miseravel, roido pelos vermes. O *nestorianismo* acolheu-se na escola de Edessa donde o imperador Zenon o expeliu em 489. Encontram-se ainda na Persia vestigios desta antiga heresia.

ARTIGO IV

O Eutychianismo.

(440-476.)

Papas.	*Imperadores romanos.*
S. Leão Magno (440-461).	Valentiniano II (423-454).
S. Hilario (461-468).	Maximo (454-455).
S. Simplicio (468-483).	Majoriano (456-461).
	Anarchia (461-472).
	Julio Nepos (472-475).
	Augustulo (475-476).

I. Heresia de Eutyches; *latrocinio de Epheso.* — II. Concilio de Chalcedonia, 4° ecumenico (451). — III. A queda do imperio do Occidente.

I. *Heresia de Eutyches; o latrocinio de Epheso.* — Em 440, subia no solio pontifical um papa do qual a Igreja pode ufanar-se, são *Leão Magno.* Por vinte e um annos, soube dirigir sua nau, em meio dos cataclysmos medonhos das invasões barbaras, mostrando-se sempre na altura dos deveres mais espinhosos. Não foi somente um dos mais eruditos doutores da Igreja do Occidente, como o mostram suas *Decretaes,* suas *Cartas* e seus *Sermões,* sinão ainda, por sua administração, um dos mais firmes defensores da liberdade da Italia. Outra gloria do seu pontificado é ter elle lutado victoriosamente contra uma nova heresia, a ultima que o inferno excitou contra a pessôa do Homem-Deus.

Eutyches, archimandrita ou chefe de mosteiros em Constantinopla, tinha vigorosamente combatido a doutrina de Nestorio que distinguia em Jesus Christo duas pessôas. Por sua vez, deixou-se cair no erro opposto. Elle sustentou que si as duas naturezas eram distinctas em Jesus Christo, antes da união, depois della a natureza humana, menos perfeita, fôra absorta pela natureza divina, de tal sorte que já não existia mais

ficando a Jesus Christo a unica natureza divina. Esta theoria dava em terra com todo o plano da nossa redempção : resultava que a divindade tinha sofrido e morrido ; do outro lado, Jesus Christo não tendo padecido como homem, já não representava a humanidade. Eutyches, monge ignorante, talvez não percebesse todas as consequencias do seu erro. Chamado por são Flaviano, seu patriarca, perante um concilio em Constantinopla, recusou desdizer-se, e foi suspenso. O imperador Theodosio o Moço o exilou.

Mas, para sustentar o hereje, viram-se monges fanaticos, um patriarca de Alexandria, de nome Dioscoro, membros de côrte imperial, e outros desordeiros, dar ao erro eutychiano o caracter de uma luta brutal e sangrenta. O santo bispo Flaviano poz o papa ao par de todas as conspirações de Eutyches. São Leão respondeu com uma carta em que sua penna amestrada expõe, lucida, toda a doutrina da Incarnação. Todavia, os herejes reuniram-se num comicio que a historia designou e reprovou com o nome de *latrocinio de Epheso* : ali, sob a presidencia de Dioscoro, e com a proteção de Theodosio que elles tinham subornado, inocentaram Eutyches, legitimando sua doutrina, desapossaram são Flaviano que foi morrer no desterro e baniram igualmente todos os bispos que tinham protestado contra a violencia. São Leão anulou todos os actos de Epheso. O triumpho do erro não durou muito : a morte de Theodosio o Moço, o advento do principe Marciano, imperador virtuoso, facilitaram a reunião de um concilio geral que julgaria toda a contenda.

II. *Concilio de Chalcedonia, quarto ecumenico* (451). — A congregação se ajuntou na igreja de Santa Euphemia de Chalcedonia e teve até seiscentos membros, sendo presidida por cinco legados do papa. A esplendida carta de são Leão ao bispo Flaviano, foi

lida em publico e despertou irresistivel entusiasmo de fé nos Padres do concilio que exclamaram : « E' Pedro que assim falou pela boca de Leão. » Eutyches e seus erros foram solenemente condenados. O concilio definiu depois a verdade catholica no tocante á pessôa de Jesus Christo : « Declaramos, de conformidade com a doutrina dos Padres, que se deve reconhecer um só e mesmo Jesus Christo, perfeito na sua humanidade e na sua divindade, o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, isto é, tendo uma alma e um corpo ; o mesmo, a um tempo, consubstancial ao Pae segundo a divindade e a nós segundo a humanidade ; gerado pelo Pae antes de todos os seculos segundo a divindade, nascido no tempo da Virgem Maria, mãe de Deus, segundo a humanidade ; emfim, um só e mesmo Jesus Christo, Filho unico em duas naturezas, sem confusão, sem mistura, sem divisão, sem separação, cada uma dellas permanecendo distinta e conservando suas propriedades, embora por sua união não formem sinão uma só pessôa ou hypostasis, de modo que Jesus Christo não é dividido ou separado em duas pessôas, mas elle é um só e mesmo Filho unico, Nosso Senhor. »

O Occidente recebeu como cumpria estas decisões claras e precisas. No Oriente, formaram-se novos partidos,sob o nome de *monophysitas*, que condenavam Eutyches e o concilio ; rejeitando a *absorpção* da natureza humana pela natureza divina, no sentido de Eutyches, não queriam admitir em Jesus Christo sinão uma só natureza como uma só pessôa. O eutychianismo sobreviveu á sua condenação numa seita separada, conhecida pelo nome de *Igreja Jacobita*, do nome de Jacob Baradêas, seu primeiro bispo scismatico.

III. *A queda do imperio do Occidente.* — Emquanto a Igreja entoava hymnos de triumpho sobre as heresias vencidas, o juizo de Deus ia se realisando no im-

perio romano. « Deus, diz Bossuet, lembrou-se de tantos decretos sangrentos do senado contra os fieis, e, no mesmo tempo, dos brados furiosos com que o povo romano, sedento de sangue christão, acolhia os martyres no amphitheatro. Elle entregou então aos barbaros esta cidade já ebria com o sangue das suas victimas, como fala são João. Deus renovou para ella, os castigos tremendos de que usára contra Babylonia; a mesma Roma é designada com este nome. A nova Babylonia, copia fiel dos crimes da antiga, como ella, ensoberbecida com suas victorias, mergulhada nas suas delicias e suas riquezas, manchada com suas idolatrias e perseguidora do povo de Deus, cae tambem, como ella, num baratro medonho e são João canta a sua ruina. E' esbulhada da gloria destas conquistas que atribuia aos deuses : torna-se presa dos barbaros, tomada tres ou quatro vezes, roubada, saqueada, destruida. O gladio dos barbaros a ninguem perdôa, sinão aos christãos. Outra Roma, completamente christã, surge das cinzas da primeira; e é somente depois da inundação dos barbaros que se consolida definitivamente a victoria de Jesus Christo, sobre os deuses romanos destruidos e esquecidos. »

Este desabar de Roma e do seu imperio realisou-se a pouco e pouco, no seculo v°, pelas invasões successivas dos barbaros do Norte. De 403 até 410, Alarico e Radagaise penetraram na Italia. Aquelle era ariano e chefiava os *Visigodos* ou Godos do Oeste. Radagaise, pagão, dirigia um exercito de duzentos mil barbaros : Vandalos, Suevos, Alanos, *Ostrogodos*, ou Godos de Leste, Burgundos. Suas tropas foram desbaratadas por Stilicon (406). Alarico parecia entender a missão providencial que devia cumprir : « Deus me impele para a frente, dizia o rei dos Godos; é preciso que eu tome Roma. » Elle o conseguiu com efeito, e tudo foi destruido a ferro e fogo : o barbaro apenas poupou os christãos refugiados nas igrejas.

Depois dos Godos, vieram os *Hunos*, com *Attila*, o flagelo de Deus na sua frente (450). O bronco guerreiro parecia, de facto, levado pela mão de Deus e não parava sinão diante dos representantes da autoridade divina. São Lupo, bispo de Troia, salva esta cidade. Uma pastora de Nanterra, santa Genoveva, o desvia de Paris. Santo Aignan, bispo de Orleans, por uma resistencia corajosa, o obriga a abandonar o cerco da cidade episcopal. Depois da derrota soffrida nas planicies catalonicas, Attila se precipita na Italia que elle assola. O papa são Leão vem a seu encontro e força o terrivel conquistador a arripiar carreira; elle retira-se na Pannonia onde falece em 453.

Gensérico e seus *Vandalos* já se tinham apoderado da Africa; e, de Carthago, mandavam seus navios saquear a Sicilia e a Italia. São Leão não pôde impedir que entrasse em Roma. Alcançou apenas a vida salva para todos os cidadãos e o respeito para os monumentos (455). — Desde aquella época, o imperio romano não passou de uma sombra, e seus imperadores, de um joguete nas mãos dos barbaros. Emfim, *Odoacro*, rei dos *Herulos*, se tornou dono da Italia, depoz o ultimo imperador Augustulo, poz termo ao imperio do Occidente e fundou o reino da Italia (476).

CAPITULO IV

Physionomia geral da Igreja durante os primeiros seculos.

Olhar retrospectivo. — Divisões deste capitulo.

Antes de deixarmos este periodo tão instructivo e interessante da historia da Igreja, convem que lancemos um olhar nesta instituição sublime de Jesus Christo que cresceu na luta e vae firmar-se sempre mais nas idades vindouras. Primeiro, o que nos prende a atenção, é o *papado*, vida e alma da Igreja, cuja origem já é conhecida; será util que o consideremos no exercicio do seu poder *espiritual*, no seu *dominio temporal*, nas suas *relações com os Estados*, no seu *papel de caridade*.

Depois, si o papado é a cabeça da Igreja, o clero constitue seus membros essenciaes; mas este clero, qual é a sua jerarchia? Como se elege? Que educação especial o amestra para sua alta missão? E o povo, a multidão que recebe do clero a palavra da verdade, a ilustração, a direção, os *fieis*, que espectaculo e quaes exemplos oferecem ao mundo? qual é o teor de vida dos christãos nestes seculos tão remotos que confinam ao berço da Igreja?

No seculo III desponta no jardim da Igreja catholica, uma das suas mais belas produções, destinada a dar o exemplo de uma santidade altissima e a cobrir o mundo com seus beneficios : é a instituição das *ordens religiosas*. Veremos como brotaram, como se robusteceram, qual a sua influencia social.

Emfim, como no decorrer do nosso estudo evidenciamos os esplendidos progressos do dogma catho-

lico, si o exame atento das perseguições e da vida intima da Igreja nos patenteou virtudes heroicas, ainda temos de contemplar, na súa plena eflorescencia, este outro elemento do Christianismo e de qualquer religião, o *culto* com suas antigas tradições, seus usos primitivos e suas ceremonias commoventes.

Dali os quatro artigos que hão de compôr este capitulo e que correrão sob os seguintes titulos : » 1º *o papado ; 2º o clero e os fieis ; 3º os monges ; 4º o culto christão.* »

ARTIGO I

O Papado.

I. Poder espiritual dos papas. — II. Dominio temporal dos papas — III. O papado nas relações da Igreja e do Estado. — IV. Beneficios do papado.

I. *Poder espiritual dos papas.* — Desde a origem da Igreja, a autoridade espiritual outorgada a são Pedro por Nosso Senhor, e transmitida a seus successores, não despertou oposição nenhuma. No primeiro concilio, quem preside é são Pedro ; elle é que termina as questões e resolve os casos duvidosos. Durante a era das catacumbas, o Oriente mandava seus pontifices santo Ignacio e são Polycarpo conferenciar com os bispos de Roma ; são Victor decidia para a Igreja inteira a dificuldade da Paschoa ; no concilio de Epheso, o legado do papa o declarava aberta e francamente dizendo : « Pedro vive nos seus successores. » De facto, desde são Pedro, todos os papas usaram, no tocante á doutrina ou ás providencias disciplinares, do seu poder supremo. Os concilios são validos somente quando um papa os confirmou ; si elles se arredarem da via recta, os papas, como são Liberio em Rimini, são Leão a respeito do *latrocinio de Epheso*, nulificam seus

decretos. Mencionemos ainda os *apelos* ao sumo pontifice, prova cabal e irrefragavel da convição geral dos bispos de todas as regiões, de que ao papa assiste o direito de pronunciar sobre todos os debates. São Cypriano apela ao pontifice romano para o scisma de Novato; santo Agostinho por ocasião do scisma de Pelagio; são João Chrysostomo para a tyrania do poder imperial. A todas estas consultas, os papas atendem escrevendo *decretaes* que são autoridades.

II. *O dominio temporal dos papas.* — Não está inserto no Evangelho, nem como direito nem como necessidade; porém não vem ali prohibido. Pelo contrario, assenta em bases legitimas. Quando Deus teve obrigado o papado a atravessar o crysol das perseguições, quando chegou a hora de lhe dar, segundo a sua promessa, o sceptro de todas as nações, inspirou a Constantino o pensamento de deixar Roma, dando um trono ao papado, e o mundo feito christão aceitou naturalmente esta organisação providencial.

Além disso, os papas, apenas saidos das catacumbas, gozavam em Roma e na Italia de um verdadeiro direito de propriedade, e já de soberania. Era nas suas mãos que as grandes familias derramavam as esmolas destinadas aos pobres, os palacios e os dominios que ofertavam para as necessidades do culto e o alivio da miseria. Após ter dado a paz á Igreja, Constantino sentenciou que todos os bens arrebatados durante a perseguição, seriam devolvidos ás igrejas e aos clerigos prejudicados; formou-se então uma especie de patrimonio da Igreja, augmentado com a generosidade dos imperadores christãos. A *dadiva de Constantino* é um testemunho autentico. Mas nenhuma Igreja recebeu dons tão opulentos como a de Roma : comprehendia-se que o papado tinha que desempenhar no mundo inteiro um papel de caridade e beneficencia, e os presentes choviam nas mãos do

pae commum dos fieis. Até aqui, temos somente o direito de *propriedade;* mas em breve se lhe ajuntará um direito de *soberania.* Roma e a Italia, descuidadas pelos imperadores, não acharam outro valimento durante as invasões barbaras que não o dos papas, e assim se formava, lentamente uma soberania de facto que o direito havia de consagrar um dia.

III. *O papado nas relações da Igreja e do Estado.* — Emquanto a Igreja foi perseguida pelos imperadores, teve que aturar este poder inimigo, e opoz apenas o heroismo calado do martyrio. Mas quando se ergueu triumphante e veiu a ser, ella propria, um poder, os dois chefes, o *temporal* e o *espiritual*, acharam-se frente a frente, e tiveram de se harmonisar. As relações da Igreja e do Estado se podem synthetisar numa palavra de Constantino. Falando do sacerdocio, dizia : « Sois o bispo do interior ; » falando de si mesmo e do poder imperial, dizia : « Sou o bispo do exterior. » Da Igreja, portanto, é governar as almas, e do imperio valer-lhes contra os perigos de fóra e as hostilidades.

As atribuições são distintas, si bem que esta distinção não importe necessariamente na separação, menos ainda na servidão da Igreja, sinão na concordia, na comunhão entre os dois poderes. Assim o entendeu Constantino fazendo da Religião o esteio do seu trono ; assim o entendia o papado, pedindo ao poder civil auxilio e proteção. Em virtude dessa harmonia, a Igreja reservava ao imperador, nos seus concilios, o ingresso honorifico, e o imperador protegia com sua espada as assembleias santas, e zelava pela execução dos decretos e das sentenças. As leis de Constantino, e o codigo de Justiniano são monumentos preciosos desta união dos dois poderes : as leis eclesiasticas tornavam-se, as mais das vezes, leis do imperio. Este acordo fez a força da Igreja e dos Estados

em toda a idade media. Seria ainda um penhor de felicidade para as nações modernas.

IV. *Os beneficios do papado.* — Dir-se-ia, com acerto, do papado, o que o Evangelho refere de Jesus Christo: « Elle passou fazendo o bem. » Que extenso capitulo não se haveria de escrever com esta epigraphe : *A beneficencia dos papas!* Para nos limitarmos aos primeiros seculos e tratarmos por alto esta questão, lembraremos tres beneficios principaes do papado ao mundo confiado a seus desvelos.

1º Durante as perseguições, os papas deram o exemplo da coragem e da fé levadas até o heroismo do martyrio. Nas listas que reproduzimos, sobre quarenta e sete pontifices romanos, quarenta e seis conquistaram a corôa dos *santos;* a maior parte derramaram seu sangue por amor da verdade e da justiça, e desta maneira, isto é, por seus actos melhor ainda do que por suas palavras, crearam a raça poderosa e forte dos christãos.

2º No periodo das heresias, é o papado que guardou ileso o dogma catholico, e libertou a fé de todos os erros que procuravam empanar-lhe o brilho. São os papas que condenaram as heresias ainda no berço, que convocaram os concilios e apoiaram suas decisões, que impediram o scisma de quebrar a unidade. São os papas que resistiram aos caprichos dos principes quando estes quizeram arvorar-se em juizes da doutrina, dogmatisando em beneficio proprio.

3º Na época das invasões barbaras, os papas foram os salvadores universaes. Defenderam os povos contra os abusos do poder, contra a opressão dos invasores, contra a ruina material e moral que por toda parte os ameaçava. Devem ter sido relevantes e numerosos os serviços prestados pelo papado para arrancar ao protestante Gibbon esta confissão : « As desgraças de Roma deixavam nas mãos do pontifice

os cuidados da administração e os negocios da guerra. Elle despertou o imperador do seu lethargo, animou os Italianos a combaterem por sua patria e seus altares, e, numa hora de crise, consentiu em nomear tribunos, e dirigir as manobras das tropas da provincia.» Pode-se acrescentar que, por seus beneficios, os papas têm legitimamente adquirido a soberania temporal.

ARTIGO II

O Clero e os Fieis.

I. O clero : 1º jerarchia de jurisdição; 2º modo de eleição; 3º celibato eclesiastico. — II. Os fieis 1º diversas categorias de fieis ; 2º elementos da vida christã.

I. *O clero.* — A reunião dos ministros sagrados, desempenhando o ministerio da santificação das almas debaixo da autoridade do sumo pontifice, cedo foi denominada o *clero*. Desde a mais remota antiguidade christã, os bispos acham-se colocados á frente das diversas comunidades de fieis, e têm ás suas ordens, como coadjutores, sacerdotes e diaconos. O Evangelho e o livro dos Actos nos revelam a existencia destas diferentes ordens. Para o anno de 250, o papa são Cornelio fala dos sub-diaconos, dos acolytas, dos exorcistas, dos leitores, dos ostieiros, empregos inferiores creados para as necessidades dos fieis. Mas o que mais nos interessa, a respeito do clero, é a sua jerarchia de jurisdição, o modo de eleição e uma das mais antigas leis, o celibato ecclesiastico.

1º *Jerarchia de jurisdição.* — O mundo catolico dos primeiros seculos foi dividido em cinco grandes sédes : *Roma*, *Antiochia*, *Alexandria*, *Jerusalem*, *Constantinopla.* As quatro grandes Igrejas do Oriente formaram *patriarcados.* Roma tinha conservado para si uma jurisdição imediata sobre todas as Igrejas do

Occidente. Nestas regiões meridionaes, organisaram-se rapidamente *primaciaes* e *metropoles*. Arles, Vienna, Leão, Reims nas Gallias, Carthago na Africa, Saragoça na Espanha, tiveram o titulo de *primaciaes*, e seus dignitarios podiam e deviam dirigir varias provincias. Na frente de cada provincia, houve metropolitanos, com autoridade sobre os bispos. Estes administraram uma Igreja com seu territorio. Mais tarde, foi necessario dar-lhes auxiliares : *conegos*, *arciprestres*, *arcediagos*. No seculo IV, este uso tinha-se tornado geral : é a origem das *parochias* ou *freguezias*.

2º *Modo de eleição*. — Os apóstolos escolhiam por si proprios os seus cooperadores, bispos e padres. Depois delles, os fieis foram consultados. Mais tarde ainda, e por espaço de cinco seculos, mais ou menos, os prelados limitrophes da Igreja vacante elegiam um bispo, de acordo com o clero e os fieis da diocese. A intervenção do poder real começa a mostrar-se no seculo VI. Os titulares das grandes sédes patriarcaes gozavam de um privilegio importante : eram eleitos, consagrados, e tomavam posse antes que Roma fosse informada. Mas elles tinham de participar ao papa a sua promoção, e obter delle cartas de confirmação ou de *communhão*. No Occidente, o papa dava aos bispos a instituição canonica, quer pessoalmente, quer pelos legados a quem transferia seus poderes.

A educação do clero, nos primeiros seculos, fazia-se no meio do mundo ; o bispo examinava quem dentre os fieis mais habilitados, devia ser promovido ás ordens sacras, e muitas vezes, dava-lhes um complemento de instrução. Breve fundaram-se escolas episcopaes ; santo Agostinho tinha agremiado em redor de si os clerigos que levavam uma vida religiosa. Os claustros vieram a ser um farto manancial para a renovação do clero. E' sempre o bispo que dá a ordenação santa e confere os cargos e dignidades ecclesiasticas.

3º *O celibato ecclesiastico.* — Esta lei não está escripta no Evangelho; é simplesmente lei disciplinar. Mas a Igreja inteirou-se imediatamente da absoluta necessidade da virgindade no sacerdocio : homem de oração, o sacerdote deve representar Jesus Christo e se lhe parecer pela castidade; homem de dedicação, deve a seus irmãos o coração e a vida. O *celibato* correspondia a este duplo fim. A Igreja não o impoz logo aos ministros sagrados, pois achava-os entre os fieis convertidos, viuvos ou ás vezes vinculados pelos laços matrimoniaes. Sao Paulo aconselhava que se chamassem para o episcopado e o sacerdocio apenas os homens que tivessem casado uma só vez. Si a esposa estava ainda viva, devia separar-se della com o livre consentimento desta. Já no seculo IV, um concilio de Elvira preceitua : « o uso do matrimonio é absolutamente prohibido para os bispos, os sacerdotes, os diaconos». No Oriente, a disciplina foi menos austera.

II. *Os fieis.* — O livro dos *Actos* descreveu a vida inocente e pura dos primeiros christãos, os exemplos de caridade e de união que davam ao mundo. Os apologistas e os historiadores nos deram a conhecer a santidade dos fieis no primeiro fervor da sua fé : « Estes homens, diz são Justino, escravos, ainda ha pouco, de todas as sensualidades, levam hoje, alegres, uma vida purissima, imaculada. »

1º *Diversas categorias de fieis.* — Isto não significa que todos os christãos fossem perfeitos. Ao lado de virtudes heroicas, vicejaram, ás vezes, ainda, usos criminosos, e isso entende facilmente quem imagina uma sociedade novamente convertida vivendo no meio das desordens do paganismo. Todavia a historia veridica acusa entre os fieis categorias que correspondem a varios gráus de perfeição. Da multidão das almas communs, separam-se as almas escolhidas que querem acrescentar a pratica dos conselhos evange-

licos aos deveres da vida christã. Breve assistiremos ao desabrochar da vida monastica. Mas, a viver no mundo, temos os *ascetas* que praticam mais rigorosamente a penitencia; as *virgens* que consagraram sua vida a Deus e ao serviço dos pobres; as santas *viuvas* que abraçam o estado de perfeição e se occupam num ministerio de zelo e de sacrificio. Entre estas viuvas distinguem-se as *diaconezas*, que auxiliavam os ministros sagrados.

2º *Elementos da vida christã.* — Quaes são as fontes donde manava copioso o alimento necessario para esta vida tão pura e fervorosa dos primeiros christãos?

O *baptismo* era o primeiro passo nas santas veredas. Antes porém de admitir os adultos ao baptismo, a Igreja mandava que esperassem algum tempo, chamado *catecumenato*, durante o qual deviam ser instruidos da religião e formados para a pratica da virtude christã. Houve varios gráus de promoção, cada qual acompanhado de ceremonias imponentes e instructivas. A imposição das mãos, as unções com o *oleo dos catecumenos*, os exorcismos, eram ceremonias preparatorias. Administrava-se o baptismo solene aos adultos, na vigilia da Paschoa e de Pentecostes, no baptisterio construido perto da igreja. Testemunhas, chemadas *padrinhos* e *madrinhas*, eram responsaveis pelo neophyto. Geralmente dava-se o baptismo por *imersão;* depois, o baptisando envergava o vestido branco que trajava por oito dias, como symbolo da inocencia recuperada.

Os adultos recebiam a *confirmação* logo depois do baptismo : a Igreja queria desta maneira fortalecel-os contra os perigos e as perseguições.

A santissima *Eucharistia* era nestes primeiros tempos o que ella ficou sendo nas idades subsequentes : o sacramento por excelencia; a *communhão* era o grande acto dos fieis, e tal estima faziam deste ali-

mento divino que a recebiam todos os dias. No seculo IV, já se percebe tal ou qual frieza; porém ainda comungam todos os domingos. O jejum eucharistico era de lei nos tempos apostolicos. Os diaconos iam levar a santissima Eucharistia aos ausentes, aos doentes, aos christãos presos nos carceres. Dava-se tambem ás crianças, mas apenas sob a especie do pão embora fosse uso comungarem os fieis na igreja sob ambas as especies.

A *penitencia* era conhecida e praticada; este sacramento já era chamado *um segundo baptismo*, a *taboa da salvação* depois do naufragio do pecado. A *confissão* era considerada indispensavel, e usava-se universalmente. Tertuliano fala da confissão das culpas, « confissão tão necessaria como penosa ». A confissão *auricular*, secreta, feita ao padre, era a confissão usual e ordinaria; mas em alguns casos mais graves, o pecador, culpado de um crime publico, confessava-se publicamente, e a penitencia que se lhe impunha era igualmente publica. Os *canones penitenciaes* da primitiva Igreja indicam uma severidade extraordinaria na aplicação das penas. Havia diversas classes de penitentes que correspondiam aos nomes de chorosos (*plorantes*), auditores (*auditores*), prostrados (*prostrati*) e consistentes (*consistentes*) conforme tivessem de ficar fóra da igreja, ou fossem admitidos á pratica, mas não ao sacrificio; prostrados no templo; em pé, mas limitados ao lado esquerdo do edificio. — A primitiva Igreja tambem tinha fé na eficacia das *indūlgencias*, e aplicava estes favores aos penitentes arrependidos; acreditava no *purgatorio* e orava por seus mortos.

A *extrema unção* era apreciada como um socorro valiosissimo para os doentes; as seitas herejes conservaram estas mesmas ceremonias.

Já vimos como o sacramento da *ordem*, com seus diferentes gráus, conferia os poderes sagrados aos mi-

nistros da Igreja. Emfim si a *virgindade voluntaria* foi tida, desde os primeiros seculos, como muito honrosa, o mesmo matrimonio christão era considerado como um sacramento augusto : a unidade e a indissolubilidade deste sacramento eram universalmente ensinadas e observadas.

Outra lei importante da Igreja era *a do sigilo*. Para não expôr os christãos e seus mysterios ás perseguições, falava-se de modo figurado e symbolico das partes intimas da Religião, dos seus sacramentos, e mormente da divina Eucharistia, e isto nas praticas publicas e nos escriptos que podiam ser lidos por todos.

ARTIGO III

Os Monges.

I. Origem da vida monastica. — II. Os monges do Oriente. — III Os monges do Occidente, e em particular das Gallias. — IV. Serviços prestados pelas monges.

I. *Origem da vida monastica.* — Nosso Senhor tinha elle proprio assentado os alicerces da vida monastica naquellas palavras do Evangelho : « Si quereis ser perfeito, vendei tudo quanto possuis, dai o preço aos pobres e acompanhai-me. » Dali saiu esta raça de christãos que calcam aos pés as riquezas, procuram a solidão, santificam-se na oração e na penitencia, e entregam-se, por santas promessas, ao trabalho, á obediencia, á imolação pela pratica dos conselhos evangelicos.

O judaismo já tivera os seus solitarios : Elias e os prophetas se aperfeiçoavam no monte Carmelo ; o Christianismo gerou legiões de solitarios mais perfeitos. O pae da vida eremitica parece ter sido são *Paulo*. Elle levava no deserto da Thebaida uma vida ange-

lica e ignorada do mundo quando um joven Egypcio, de nome *Antão*, filho de um rico negociante de Alexandria, foi levado ao mesmo deserto por uma inspiração divina. Ali Deus permitiu que encontrasse são Paulo, primeiro eremita. Conversaram muito tempo acerca das cousas celestes, tomaram juntos a parca refeição que a Providencia, desde longos annos, enviava a Paulo, por um corvo, fiel a entregar cada dia ao solitario um bocado de pão ; beberam da agua da fonte, e depois da comida, o velho solitario revelou a Antão que em breve deixava esta vida, rogando-lhe que fosse em Alexandria buscar a capa de santo Atanasio na qual desejava ser sepultado. Antão obedeceu, e de volta, achou são Paulo na atitude da oração ; o venerando ancião estava morto. Antão o amortalhou piedosamento ; dois leões, vindo do deserto, cavaram um fosso largo no qual foi depositado o corpo do santo eremita. Antão regressou para sua propria solidão. Discipulos numerosos vieram colocar-se sob a direção deste insigne mestre da vida anachoretica.

II. *Os monges do Oriente.* — São *Pacomio* nasceu na alta Thebaida ; depois de ter servido nos exercitos, abraçou a vida monastica ; elle viu agremiar-se em redor de sua pessôa sete mil monges anciosos por ouvir-lhe as lições, imitar-lhe os exemplos. Teve que dar uma organisação a esta multidão. Elle formou agrupamentos de trinta até quarenta religiosos constituindo uma comunidade ; determinado numero destas compunham um *mosteiro* que podia constar de mil e quinhentos monges. São Pacomio ficou sendo o superior ou o pae desta vasta grei. Comunidades de mulheres se formaram do mesmo modo, sob a direção de uma irmã deste verdadeiro fundador de vida cenobitica.

Com santo *Hilarião*, propagou-se essa instituição

do Egypto na Palestina, na Syria, nos desertos da Arabia, na Mesopotamia e em todo o Oriente.

São *Basilio Magno* (358), que estudára acuradamente a vida ascetica na Mesopotamia, na Palestina e no Egypto, tornou-se, na Capadocia e no Ponto, o pae de uma imensa familia religiosa. Elle compoz para seus monges uma regra que esclarece e aperfeiçôa a dos antigos cenobitas, e ficou o prototypo da vida religiosa em todo o Oriente onde se pode encontral-a ainda.

O seculo IV tinha contemplado a esplendida eflorescencia do instituto monastico; a decadencia porém, breve entrou a minar esta Igreja oriental combalida pelas controversias dogmaticas. Ao invadir estes mosteiros, a heresia estancou as fontes do fervor e acaretou a ruina das ordens religiosas no Oriente.

III. *Os monges do Occidente, e em particular das Gallias.* — O germem monastico, que devia atingir tamanho crescimento no Occidente, apenas desponta nos meiados do seculo IV. Santo *Atanasio*, quando desterrado em Treves, ensinou ás christandades da Igreja latina a vida cenobitica que tinha visto no Oriente. São Jeronymo, por sua vez, muito contribuiu, com seus escritos, para o estabelecimento de mosteiros em Roma e na Italia. Em Milão, havia um mosteiro sob a direção de santo *Ambrosio*, onde se abrigavam fervorosos cenobitas. E' ali que santo Agostinho se enamorou da vida religiosa. De volta na Africa, elle transformou sua residencia episcopal em mosteiro para o qual compoz uma regra mais adequada ao caracter e aos costumes do Occidente.

No seculo IV, o nobre exilado do arianismo, santo *Hilario*, de Poitiers, trouxera, do Oriente para as Gallias, a preciosa semente da vida monastica, com as tradições e as regras dos Padres do deserto. Mas são *Martinho* de Tours, discipulo de santo Hilario, pode ser

considerado como o verdadeiro fundador. Estabeleceu perto de Poitiers, em 360, o prospero mosteiro de Ligugé. Eleito bispo de Tours, creou outro em Marmoutier onde deixava, quando morreu, dois mil monges. No seculo v, nasceram nas Gallias mais dois institutos monasticos : o de Marselha, fundado por *Cassiano*, de volta da Thebaida, e o de Lerins, cuja celebre abbadia foi estabelecida por santo *Honorato*, arcebispo de Arles. De Tours, Marselha e Lerins, a seiva religiosa irradiou e abrangeu todas as partes das Gallias. Lerins especialmente formou numerosos e ilustres doutores e bispos : ali viveram são *Vicente de Lerins* e *Salviano* ; dali sairam santo *Hilario de Arles*, são *Maximo*, *Fausto de Riez*, são *Lupo de Troya*, santo *Eucario de Lyão*, e o mais afamado de todos, são *Cesario de Arles*, cuja regra monastica, no seculo vi, congregou sob a sua egide unica os institutos de Marselha e de Lerins, até a época em que a regra de são Bento veiu fundir numa mesma observancia todas as antigas comunidades do Occidente.

IV. *Serviços prestados pelos monges.* — Sobre serem os monges, pelo oração, pela penitencia, pela pratica das virtudes evangelicas, uma fonte de bençam para o mundo, e um exemplo salutar e fecundo, prestaram ainda á sociedade serviços multiplos e valiosos.

1º Os monges, na época das invasões barbaras, salvaram a Europa do desanimo e da ruina total. Somente elles mostraram-se na altura de todas as necessidades, acima de todas as cobardias. Ao marulhar sempre crescente das vagas de barbaros, elles opunham o baluarte inexpugnavel da virtude, da coragem, da paciencia e do genio ; e quando a resistencia material se tornou impossivel e inutil, descobriu-se que elles tinham lançado, para os germens da civilisação e do porvir, uma base firme, por cima da qual podiam arrojar-se as vagas destruidoras sem

que a abalassem! Com efeito os monges aguardaram, de animo sobranceiro, a turba dos invasores; civilisaram estas tropas barbaras que sô tinham arranchado no solo gaulez: Visigodos, Suevos, Burgundos, Francos, Lombardos. Depois, correndo ao encontro de novas lutas em prol da humanidade, foram levar o archote da civilisação e da fé entre os Anglos, os Saxonios, os Franco-Salios, os Frisões, etc.

2º Além da conquista dos habitantes, acresce registrar outra: a do solo onde pousavam. Os monges do Occidente deram um impulso vigoroso ao amanho das terras assoladas pelas guerras successivas. Limparam as florestas que cobriam tudo, sanaram os pantanos, esgotando-os; endireitaram o curso dos rios, dizimaram as feras; cavaram o solo, tornando-o, pela industria e o trabalho, fertil e productivo; formaram povoações e cidades em redor dos seus mosteiros. No que diz respeito á França, calculou-se que um terço da sua superfcie foi cultivada pelos monges e que os tres oitavos das suas cidades e aldeias foram fundadas por elles

Por emquanto nada dizemos dos serviços que prestaram nos arraiaes mais nobres da intelligencia, no desenvolvimento do espirito e das sciencias: foi a obra principal da ordem benedictina que appareceu no seculo seguinte.

ARTIGO IV

O culto christão.

I. O sacrificio eucharistico. — II. As Igrejas christãs. — III. Liturgia e festas sagradas. — IV. Culto da santissima Virgem e dos santos. — V. Culto dos mortos.

I. *O sacrificio eucharistico.* — O grande acto do culto catholico é, sem duvida, o offerecimento do sa-

crificio. Os autores dos primeiros seculos, especialmente são Justino, nos conservaram a descripção desta augusta ceremonia, como a praticavam nossos paes na fé. Vemos que não difere, nas partes essenciaes, da missa actual, com a beleza, a soberba magestade de suas orações e de suas ceremonias.

No seculo IV, estava formada por completo, a liturgia sacra, e a celebração da missa constava de duas partes principaes : a *missa dos catecumenos* á qual assistiam os christãos, como tambem os infieis que já recebiam as instruções do catecumenato, e a *missa propriamente dita*, que podiam ouvir os unicos fieis baptisados. A missa dos catecumenos iniciava-se com o canto de um psalmo (*Introito*) ; pouco depois, acrescentaram as invocações : *Kyrie eleison*, o *Gloria in excelsis*, e mais a oração chamada *Colecta*. O bispo, sentado no seu trono, escutava a leitura de um fragmento das *Epistolas* e do *Evangelho ;* então pronunciava uma homilia comentando o texto sagrado ; depois disto, o diacono despedia os catecumenos e mais penitentes com a palavra : *Ite missa est*, e principiava a missa propriamente dita. Os fieis traziam no altar, os dons do sacrificio (*Ofertorio*). O bispo apresentava a Deus a oblação santa e animava os fieis a levantarem o coração a Deus : *Sursum corda !* O prefacio era a introdução a esta parte principal e solene que já chamavam o *acto*. Como hoje, rezavam-se as orações do Canon, com voz sumida, num recolhimento mysterioso. A *Consagração* cumpria-se no silencio. A oração pelos mortos, o *Pater* cantado em nome da assistencia inteira, a *Agnus Dei* e a *Comunhão* completavam o santo sacrificio.

II. *As igrejas catholicas.* — No periodo apostolico, e durante a perseguição, a moradia dos convertidos, os recantos ocultos, as catacumbas de Roma, eram as unicas *igrejas*, ou lugar de reunião dos catho-

licos. A favor de leis pacificas comtudo, já haviam sido construidos edificios particulares para os exercicios do culto. A partir de Constantino, surgiram por toda a parte novos templos, muitas vezes adornados com munificencia real. As antigas *basilicas*, monumentos que faziam de tribunaes e lugares de mercado, foram amiudo desviadas deste uso para serem exclusivamente consagradas ao culto. Tinham a forma de rectangulo, com um dos lados mais estreitos fechando em semi-circulo cuja superficie era chamada *abside*. Desde Constantino, deram-lhes de preferencia a forma da cruz. Junto das igrejas, estava o reservatorio para as ablluções (*piscina*), o *baptisterio*, destinado ás ceremonias do baptismo, e as salas que vieram a ser nossas *sacristias*. O costume de consagrar as igrejas com o oleo santo, a oração, remonta ao papa são Sylvestre, na época de Constantino.

III. *Liturgia e festas sacras.* — A instituição das festas sacras na Igreja origina-se nas primeiras idades. Começaram com as solenidades da *Resurreição*, da *Ascenção* e de *Pentecostes*, em memória destes grandes factos evangelicos. A festa de *Ramos* é tambem muito antiga : era ocasião de um periodo de indulgencia e de misericordia durante o qual os tribunaes abrandavam os rigores da justiça ; a *Quinta feira santa* e a *Sexta feira santa* eram celebradas como aniversarios queridos. A festa da *Paschoa* trazia um cunho especial de alegria. No seculo IV, a festa do *Natal* já era distinta em varios lugares, da *Epiphania* que, por muito tempo, tinha sido confundida com a primeira.

O canto de hymnos tambem começa nessa época cuja historia estamos percorrendo. Depois da era das perseguições, são Gregorio Nazianzeno, são João Damasceno, e sobretudo santo Ephrem, diacono de Edessa, compuzeram os belos hymnos da Igreja oriental. No Occidente, são Paulo de Nola, santo Ambrosio,

Cassiodoro escreveram cantos piedosos; mas nada existe que exceda a beleza do hymno catholico *Te Deum*, obra composta por santo Ambrosio e santo Agostinho, conforme se diz, por occasião do baptismo deste.

IV. *Culto da santissima Virgem e dos santos.* — Logo nos primeiros annos da Igreja, a augusta Virgem Maria recebeu por parte dos christãos um culto fervoroso e homenagens filiaes. Para nossos antepassados, como para nós, havia uma diferença entre as honras tributadas a Deus e as que concedemos a Maria; mas elles davam á Mãe de Deus o primeiro trôno depois daquelle do seu divino Filho: as paredes das catacumbas estão cobertas de pinturas e emblemas que traduzem esta piedade dos primeiros fieis.

Não é possivel determinar exactamente a época em que se iniciou o culto prestado aos anjos, aos santos e ás reliquias; é tão antigo como a Igreja. Os fieis que dirigiam suas suplicas aos confessores da fé, quando ainda vivos, dedicavam a sua memoria e a seus despojos mortaes um culto ardente e perpetuo. Os *martyres*, especialmente, eram intercessores junto de Deus. Reuniam-se os fieis nos seus tumulos no dia anniversario do suplicio para ali depositarem corôas, cantarem hymnos, e se animarem a imitar-lhes o zelo e a coragem. As catacumbas de Roma com suas capellas, seus altares, seus adornos symbolicos, patenteiam, com a mais clara evidencia, a solicitude dos pontifices e dos christãos para os restos gloriosos destes heroes da fé e do sacrificio.

V. *O culto dos mortos.* — Não nos despediremos destas catacumbas venerandas, repassadas dos ensinos e das lembranças dos nossos paes na fé, sem averiguarmos mais uma vez a antiguidade do nosso culto para os *mortos*. Estas imensas galerias subterraneas,

que faziam, a um tempo, de igrejas e cemiterios, levam muitas vezes a extensas salas. Nas muralhas foram cavados nichos horizontaes e superpostos, chamados *loculi*. Depois que os corpos tinham sido colocados nestas excavações, fechavam-se os *loculi* com taboas de marmore ou simples tijolos ; de ordinario, insculpia-se nelles o nome, a idade, e ás vezes a profissão do morto. Inscripções commoventes que externam a fé, a esperança, a piedade, a expectativa da resurreição gloriosa ! Ás vezes tambem, os christãos eram sepultados num campo aberto, em covas pouco fundas, como se pratica nos nossos cemiterios actuaes. A ambição dos principes e o piedoso desejo dos fieis eram repousarem no interior dos edificios sacros. Mas em toda a parte, manifestava-se um santo respeito para os restos mortaes dos christãos, a par de uma terna e piedosa lembrança para com suas almas.

E' pois a Religião christã inteira, com seus dogmas, sua moral, seu culto que temos contemplado neste brevissimo estudo ; a historia dos seculos vindouros será apenas o desdobrar sempre mais radiante da sua inesgotavel fecundidade.

II

A IGREJA NA IDADE MEDIA

FORMAÇÃO E GOVERNO DOS ESTADOS CHRISTÃOS

(Desde 476 até 1517.)

NOÇÕES PRELIMINARES

Idéa geral. — Divisão deste estudo,

No momento em que se inicia a idade media, as invasões já terminaram sua obra de ruina e morte; os povos conquistadores erguem suas tendas no solo do antigo imperio romano. Alguns são ainda idolatras; outros, victimas da heresia ariana, vivem fóra da fé catolica. Deus ha de aproveitar estes barbaros todos para revigorar o velho sangue gallo-romano, e fazer circular nas suas veias uma seiva nova e viçosa. Mas a Igreja tem de amassar estes elementos e aparelhal-os para serem as bases da sociedade européa. E' o trabalho do fim do seculo v e do seculo seguinte inteiro.

Mal a Europa se tinha constituido, eis que surge na sua frente mais um povo que, por oito seculos, ha de travar uma luta indecisa com a christandade em peso: é o povo mahometano. Fundada no erro religioso, e escudada pelo gladio, a seita dos mahometanos enche o seculo VII com suas façanhas; para a Igreja

é um inimigo perigosissimo, quanto á fé e quanto á conquista. Nestes entrementes, o Oriente se vae enfezando cada vez mais em mesquinhas contendas religiosas; o restante dos seus dogmas se esborôa ao sopro deleterio de discussões azedas que preparam o scisma.

Entretanto a Providencia escolheu, no Occidente, um auxiliar poderoso para vasar nos moldes catolicos a nova e definitiva Europa. Carlos Magno aparece; verga os povos ás suas leis, e depois, elle os confia á Igreja. Durante seu reinado, o papado experimenta os prestimosos socorros do imperio christão; o dominio temporal consolida-se ao passo que vae crescendo a sua influencia no mundo civilisado.

No seculo IX, realisa-se o scisma grego. Decepada de Roma pela heresia, a Igreja oriental perdeu todo o vigor; o clero curvou-se á escravidão vergonhosa dos Cesares bysantinos, e Phocio termina a separação que Miguel Cerulario, no seculo XI, ha de tornar definitiva. Esta época, nefasta para o Oriente, é pelo contrario um periodo aureo para o Occidente.

Durante o seculo X, a Igreja preenche sua obra civilisadora, levando a luz do Evangelho aos povos do Norte, e sem esmorecimento, opõe os ensinos da fé e da moral pura, ás investidas da decadencia. E' a época das grandes reformas monasticas, da cavalaria, das instituições catolicas. Por outra parte, o papado é alvo dos ataques do poder secular; a feodalidade italiana e o imperio alemãoprocuram avassalar a Igreja, e o combate durará todo o seculo XI, personificando-se, no fim, no papa Gregorio VII e no imperador Henrique IV da Alemanha, a respeito da controversia das *investiduras*.

Duranto seculo e meio convergem a atenção e os esforços da Europa catholica para o grande inimigo da Igreja : o mahometismo. E' a época gloriosa das *cruzadas*, o seculo de são Bernardo, a idade aurea

da vida monastica, preparando o reino da theologia e da arte christã. Com efeito, si o seculo XII presenciou o impulso grandioso que levava para a Terra santa toda a Europa em armas, assistiu tambem a um movimento intelectual cujos sazonados frutos, o seculo XIII ha de colher. Será o apogeu da idade media, será o esplendido triumpho da Igreja.

Com o seculo XIV, vemos uma época de transição ; a Igreja ainda impera ; mas na Europa, descobrimos symptomas de decadencia. O exilio dos papas em Avinhão prejudica sua influencia sobre as nações. Depois, o grande scisma do Occidente acarreta o famoso *cativeiro de Babylonia*, separação lastimavel que durou até 1417.

O seculo XV foi mais feliz para a Igreja. O concilio de Florença alcançou preciosos resultados. Julgava-se que a reunião dos Gregos á Comunhão romana fosse sincera e duradoura. Foi ephemera. A tomada de Constantinopla pelos Turcos, em 1453, trouxe no seio da Europa este poder que ainda por longo tempo será uma ameaça para o catolicismo. Esta data põe termo á idade media e dá o ponto de partida para os tempos modernos.

Aí fica o bosquejo dos acontecimentos por entre os quaes, a Igreja vae cumprido sua missão na idade media : obra de conversão dos povos barbaros ; de propagação entre as nações da joven Europa ; de luta contra os erros que despontam ; de definições dogmaticas e desenvolvimento da verdade religiosa em doze concilios ecumenicos, que tantos são os que se reuniram no periodo ora estudado.

Para maior precisão e ordem, os seis capitulos que abrangem este espaço de dez seculos, obedecerão aos seguintes titulos que caracterisam cada época : 1º *A Igreja e a barbaria*, conversão dos novos povos (476-622) ; 2º *A Igreja e o mahometismo*, luta da civilisação e da fé contra a invasão e os erros dos musulmanos

(622-768) ; 3º *A Igreja e o imperio christão de Carlos Magno*, periodo que manifesta o poder civilisador e benefico da Igreja na harmonia dos dois poderes (768-858) ; 4º *A Igreja e o scisma grego*, longo periodo de dois seculos no qual, de Phocio a Miguel Cerulario, a Igreja no Oriente vê a sua autoridade enfraquecer e os erros multiplicarem-se, emquanto o Occidente dá o espectaculo consolador das conversões e de um esplendido renovo de vida christã (858-1054) ; 5º *A Igreja e o Imperio*, ou desenrolar da luta do sacerdocio contra o imperio germanico, do movimento maravilhoso das cruzadas, e do apogeu do reino da Igreja sobre a Europa christã (1054-1330) ; 6º *A Igreja e o grande scisma do Occidente :* a residencia dos papas em Avinhão é o preludio (1306-1378) ; depois rebenta uma discordia malfadada que ha de acabar somente no concilio de Constancio, em 1417 ; este periodo constará mais do tempo decorrido, além da queda de Constantinopla até o fim do concilio de Latran (1517) que nos traz á beira dos tempos modernos, em presença da Reforma.

Havemos de pôr em destaque a difusão da Igreja, o desenvolvimento da verdade catolica pelos concilios e os doutores, os erros que causaram esclarecimentos, as instituições religiosas que manifestam a vida intima e fecunda da Igreja, deixando de lado diversos pormenores que não importam ao plano que vamos seguindo.

CAPITULO I

A Igreja e a Barbaria

(Do anno de 476 até 622.)

Esboço geral, — Divisão deste capitulo,

Quando as hostes barbaras se houveram apossado das provincias que formavam o imperio antigo, algumas tribus ali elegeram morada e fundaram monarchias. O papel da Igreja, no meio destes novos povos, era convertel-os e civilisal-os. Depois de ter derramado seu sangue, envidou todas as forças, todo o amor, toda a caridade para salvar as almas que Deus lhe enviava.

Sua influencia benefica se exerceu sobre os reinos fundados pelos barbaros no Occidente, em numero de quatro principaes : os Francos, ao norte das Gallias ; os Burgundos, ou Burguinhões, a leste ; os Vandalos que ocupam o norte da Africa, e os Ostrogodos da Italia, que derrubaram o fraco reino dos Herulos, e fizeram de Ravenna a capital.

Depois de termos contemplado estas pacificas conquistas, volveremos nossos olhares para o Oriente onde se movem os restos do eutychianismo ; veremos o que foi o erro dos monophysitas com Zenon e Anastacio, e sua segunda condenação no segundo concilio de Constantinopla (553).

Seguindo de novo a ordem logica dos factos, teremos depois a conversão dos Suevos, dos Visigodos de Espanha, dos Anglo-Saxonios, e dos Lombardos, os quaes na Italia expulsaram a dynastia dos Ostrogodos.

Este capitulo é dividido em quatro artigos : 1º *Acção da Igreja sobre os quatro principaes reinos barbaros do Occidente* (476-530) ; 2º *negocios religiosos do Oriente* (530-555) ; 3º *conversão dos novos povos do Occidente* (553-622) ; 4º *a physionomia da nova sociedade.*

ARTIGO I

Acção da Igreja sobre os quatro principaes reinos barbaros do Occidente. — A ordem benedictina.

(476-530).

Papas.	*Papas.*
S. Simplicio (468-483).	S. Symmaco (498-514).
S. Felix III (483-492).	S. Hormisdas (514-523).
S. Gelasio I (492-496).	S. João I (523-526).
S. Anastacio II (496-498).	S. Felix IV (526-530).

I. Reino dos Francos ; baptismo de Clovis por são Remigio, conversão dos Francos. — II. Reino dos Burguinhões ; sua conversão. Os santos da França. — III. Reino dos Vandalos da Africa ; perseguições. — IV. Reino dos Ostrogodos na Italia ; Theodorico e Cassiodoro. — V. São Bento e a ordem benedictina.

I. *Reino dos Francos ; baptismo de Clovis por são Remigio ; conversão dos Francos.* — Os Francos eram uma tribu guerreira oriunda da Germania e ainda pagã. Chefiados por Clovis, tinham conquistado a parte das Gallias que vae do Rheno ao Sena. A victoria de Soissons ganha contra o patricio romano Syagrio, estendeu seus dominios até o Loire. Por mediação de são Remigio, bispo de Reims, Clovis desposou Clotilda, princeza catolica, sobrinha do rei dos Borguinhões Gondebaldo, e herdeira delle. A miudo palestrava com o esposo acerca da falsidade dos deuses pagãos e do poder do Deus dos christãos. Na batalha de Tolbiac, travada entre os Alamanos o os Francos, Clovis estava para ser derrotado. Lembrou-se então das exhortações da sua piedosa esposa :

« Deus de Clotilda, exclamou elle, si me deres a victoria, tu serás meu unico Deus! » Logo os Francos recuperam animo e desbaratam o inimigo.

Clovis cumpriu a palavra. Um padre de Toul, são Vaast, o instruiu na fé christã. São Remigio completou sua preparação, e na noite do Natal do anno de 496, o bispo de Reims deu a Clovis o baptismo solene, dirigindo-lhe esta palavra que ficou celebre : « Soberbo Sicambro, curva a cabeça, adora o que queimaste e queima o que adoraste. » Depois, elle o ungiu com oleo santo. Tres mil dos seus guerreiros receberam tambem o baptismo como elle, e mais uma sua irmã chamada Albofleda ; Lantechilda, outra irmã delle, que era ariana voltou para o gremio da Igreja. Os Francos eram a primeira nação barbara que se convertia á fé verdadeira, e Clovis era então o unico soberano catolico. O papa Anastacio escreveu ao rei para lhe dar parabens, e concedeu ao monarca o titulo de *rei christianissimo* e á sua nação, o de *filha primogenita da Igreja.* Clovis, dest'arte, era o protector natural da santa Sé ; elle empregou sua espada a favor dos interesses religiosos ; diminuiu o poder do arianismo, curvando os Borguinhões a seu jugo, e rechaçando os Visigodos herejes além dos Pyreneus (507).

II. *Reino dos Borguinhões ; sua conversão. — Os santos da França.* — Os Borguinhões tinham a mesma origem que os Francos, e habitavam a parte oriental das Gallias que foi chamada Borgonha. Santa Clotilda e são Remigio, debaixo do reinado de Gondebaldo, já tinham preparado a conversão deste povo que era ariano. Santo Avito, bispo de Vienna e apostolo da Borgonha, teve a ventura de trazer ao seio da Igreja o rei Sigismundo, cujo exemplo foi seguido pela nação toda.

As Gallias, sob o governo dos filhos de Clovis, foram

o theatro de lutas violentas em que se davam largas os costumes broncos e selvagens de povos recentemente convertidos. Entretanto a santidade irradiava por toda a parte. Nas sédes episcopaes daquella nação vemos apparecer, além de são Remigio em Reims, e santo Avito em Vienna, — são Prospero, em Orleans; em Noyon, são Medart; em Ruão, são Pretextato, etc. O piedoso rei Sigismundo conquistava as palmas da santidade e do martyrio. Um filho de Clodomiro, escapando da matança, tornava-se são Claudio. Uma rainha franca, princeza thuringiana, esposa de Clotario I°, santa Radegunda, maravilhava o mundo e o claustro com os prodigios da sua santidade; fundava em Poitiers o mosteiro de Santa Cruz, introduzia na corte relaxada e dissoluta de Clotario, santos ilustres como santo Eloi, santo Ouen, e dava ás suas religiosas o exemplo da mais acendrada virtude.

III. *Reino dos Vandalos da Africa, perseguições.* — A Igreja não era tão bem succedida em todo o lugar. Emquanto semeava na Africa, como no mundo todo, a bôa doutrina e os exemplos de caridade, apenas conseguia colher ultrajes e perseguições. Depois do saque de Roma, Genserico e seus Vandalos arianos tinham invadido o litoral africano fundando ali o seu reino. A Igreja da Africa, tão prospera um dia, que contára até quatro centos bispos, sofreu a espoliação, as torturas, o exilio e a morte. E' nesta perseguição sangrenta que se deram o martyrio de santo *Eugenio*, bispo de Carthago, o exilio de são *Fulgencio*, de Ruspe, discipulo de santo Agostinho, um dos mais denodados defensores da fé, que já se tinha ilustrado com seus escriptos, o de são *Victor* de Vito, que nos deixou a historia dessa prova dolorosa. Muito a proposito, Belisario, general de Justiniano, retomou aos Vandalos a Africa e as provincias que occupavam na Italia, na Sardenha, na Sicilia, e devolveu a civi-

lisação e a fé a estas terras, que jaziam infelizmente, oprimidas pelo erro e a barbaria (534).

IV. *Reino dos Ostrogodos da Italia; Theodorico e Cassiodoro.* — Na Italia, o reino dos Herulos não teve duração maior. O rei dos Ostrogodos, Theodorico, penetrou na Italia em nome do imperio do Oriente, venceu Odoacro e derrubou seu reino (493). Ainda que ariano, elle escolheu ministros catolicos que o auxiliassem com suas luzes e seus conselhos. Os mais afamados foram *Cassiodoro* e *Boecio*. Cassiodoro usou do credito de que gozava para proteger a Igreja, restaurar as letras e dar ao reinado de Theodorico o brilho que o distingue; foi terminar no retiro a sua nobre carreira, vestindo o habito religioso e entregando-se á pratica das virtudes de um santo. Boecio fôra promovido por Theodorico ás mais elevadas dignidades do palacio, e desempenhou um papel saliente nas sabias reformas introduzidas pelo rei dos Ostrogodos. Para o fim do seu reinado, Theodorico entrou a tyranisar. Entontecido com suas glorias, desrespeitou os direitos da Santa Sé. O papa João I°, tendo protestado, foi atirado na prisão; elle afastou da côrte Cassiodoro, ordenou a morte de Boecio e do veneravel Symmaco, seu cunhado e chefe do Senado. Theodorico morreu no arianismo, apoquentado pelo remorso. Mercê das discordias que rebentaram entre seus successores, Justiniano, imperador do Oriente, tornou a conquistar a Italia, e o arianismo perdeu um poderoso esteio.

V. *São Bento e a ordem benedictina.* — Em 480 nascia, em Nursia, no ducado de Spoleto, aquelle que havia de ser o patriarca da vida religiosa no Occidente: chamava-se *Bento*. Cedo, deixou o mundo, indo procurar agasalho num lugar ermo visinho de Roma, e denominado Subiaco. Embora puzesse grande

empenho em occultar-se, o brilho de sua santidade logo o tornou conhecido, e elle viu os discipulos acudirem numerosos ; dividiu-os em mosteiros constando cada um de doze religiosos. Os mais celebres dentre elles foram são Placido e são Mauro, que levaram na Sicilia e na França as regras do novo instituto. O principal mosteiro da ordem foi o de Monte Cassino. Ali perto, o santo fundador tinha estabelecido um mosteiro de religiosas sob a direcção de sua irmã, santa Escolastica. E' no Monte Cassino que são Bento escreveu a sua *regra*, obra prima de sabedoria e de fé, que veiu a ser o typo da vida cenobitica no Occidente. O mosteiro benedictino é um agasalho aberto a todas as condições. O vestuario e o alimento são pobres, mas não obrigam a privações ou austeridades excessivas. O tempo é repartido entre a oração, o oficio divino, bastante demorado, e o trabalho, variado segundo as aptidões e necessidades : cultivo do solo, lides da intelligencia, transcripção de manuscriptos, estudo de todas as sciencias divinas e humanas. Cada mosteiro teve sua escola claustral. São Bento morreu para o anno de 547. Elle tivera o gosto de ver seu instituto espalhar-se de um modo prodigioso. A ordem benedictina encontra-se por toda a parte a pelejar em prol da regeneração social e da formação da Europa christã : na Italia, nas Gallias, na Inglaterra e na Irlanda, semeando, de envolta com a sciencia, o verdadeiro espirito christão, impulsionando os novos povos para a marcha avante na civilisação e na caridade.

ARTIGO II

Questões religiosas no Oriente.

(530-555).

Papas.
S. Agapito I° (535-536).
S. Sylverio (536-538).
Vigilio (538-555).

Imperador do Oriente.
Justiniano (527-565).

I. O edito de Zenon e o negocio dos tres capitulos. — II. Segundo concilio de *Constantinopla*, 5° ecumenico (553). — III. Legislação christã de Justiniano.

I. *O edito de Zenon e o negocio dos tres capitulos.* — A Igreja grega porém, continuava perturbada com as subtilezas dos eutychianos. O principio destes disturbios remontava ao imperador Zenon. Depois do concilio de Chalcedonia, houve scissão no mesmo seio do eutychianismo : uns se aferravam no erro de Eutyches a despeito da condenação do concilio; outros, adoptavam o parecer de um tal chamado *Severo*, que ensinava o predominio da natureza humana em Jesus Christo, reprovando a um tempo Eutyches e o concilio; finalmente, todos eram *monophysitas* ou herejes partidarios de uma unica natureza. A pretexto de apaziguar osanimos, Zenon, em 582, publicou um edito famoso, ou formula de união sob a forma de uma profissão de fé ambigua. Os bispos catolicos recusaram assignar o escrito imperial ; logo foram esbulhados das suas sédes e substituidos por bispos *monophysitas*, que envidaram todos os esforços para invalidar os actos do concilio de Chalcedonia. Aventaram neste proposito o negocio dos *tres capitulos.*

Eram designadas com este nome tres obras que tinham vindo á luz no tempo de Nestorio : os escriptos de Theodoro de *Mopsuesta*, que encerravam, em germem os erros de Ario e de Nestorio ; os de outro *Theo-*

doreto, bispo de Cyro, contra são Cyrilo de Alexandria, e emfim a carta do bispo *Ibas* a outro bispo chamado Maris, a favor de Nestorio. Estas obras, na verdade, eram censuraveis; mas os autores não tinham sido condenados, um por ter morrido, os dois outros por terem feito retratação julgada suficiente, lançando o anathema contra Nestorio e aceitando a profissão de fé ortodoxa de Chalcedonia. Os eutychianos, que se esforçavam por impugnar o concilio, quizeram explorar seu silencio a respeito dos tres artigos incriminando-o de *nestorianismo*. Alcançaram do imperador Justiniano um edito que condenava os famosos escritos; o potentado ultrapassava seu direito. Os bispos do Occidente, o papa Agapito, Sylverio, successor deste, protestaram com energia. A imperatriz Theodora pensou que tiraria desforra: mandou prender Sylverio, e lhe deu como successor o ambicioso Vigilio. Deus, que zela por seu vigario na terra, não deixou que o intruso, legitimado pela morte de Sylverio e o consenso da christandade, falhasse a seu dever. Em concilio particular, reunido em Constantinopla, o papa pronunciou uma sentença que condenava os *tres capitulos*, mas que affirmava a autoridade do concilio de Chalcedonia. Este julgamento não contentou a ninguem, e ficou assente que a pendencia seria resolvida por um concilio geral.

II. *Segundo concilio de Constantinopla quinto ecumenico* (553) — A assembléa se reuniu em Constantinopla. Os Padres condenaram terminantemente *os tres capitulos* e cada um dos erros amontoados por Theodoro de Mopsuesta, nas suas obras, por Theodoreto nos seus anatemas contra os doze capitulos de são Cyrilo, e mais os que encerrava a *carta de Ibas*. Todavia os Padres acrescentam: « Fazemos profissão de receber os quatro concilios de Nicêa, de Constantinopla, de Epheso e de Chalcedonia, e de observar

o que elles definiram sobre a fé; consideramos separados da Igreja catholica aquelles que não aceitam estes concilios, e como herejes, os que os têm condenado ». Assim acabou a tão falada questão dos tres capitulos, saindo incolume a fé de Chalcedonia e vingada a autoridade deste concilio.

O segundo concilio de Constantinopla julgou tambem o *origenismo*. Estamos lembrados de que Origenes emitíra opiniões arriscadas sobre a Trindade, a creação, a preexistencia das almas, a resurreição dos corpos e os suplicios dos reprobos. Discipulos menos ponderados que o mestre, valendo-se do alto conceito de que gozava o nome de Origenes, tinham propalado estas doutrinas no Oriente e principalmente nos mosteiros da Palestina. Taes questões traziam os monges em discussões acaloradas e o imperador Justiniano julgou que podia condenar por um edito as opiniões origenistas. O concilio as anatematisou solenemente. O papa Vigilio não comparecera nesta assembleia de Constantinopla, mas elle aprovou as suas decisões : porquanto este concilio foi considerado como o quinto ecumenico.

III. *Legislação christã de Justiniano.* — O imperador que se intrometia tão inoportunamente nas questões religiosas, ficou particularmente celebre por causa dos trabalhos legislativos realisados no seu reinado, e que trazem o nome de *Codigo justiniano* : é a obra de varios jurisconsultos presididos por Triboniano : este codigo continúa a legislação christã de Constantino e de Theodosio e tornou-se a base do direito *canonico* ou *eclesiastico*. Foi completado por algumas elucidações ou comentarios chamados *Pandectos* ou *Digestos*. Ajuntaram-lhes os *Institutos* ou compendio dos principios de direito, e, sob o nome de *Novelas*, os editos ou decisões de Justiniano sobre os pontos que apresentavam alguma dificuldade. O conjunto

destas compilações forma o *Corpus juris civilis*, base de todo o ensino do direito no periodo da idade media.

Emquanto Triboniano punha a ultima demão a esta grande obra, Dyonisio o Pequeno, monge nascido na Scythia, emprehendia em Roma colecionar os *canones dos concilios* e as *Decretaes* dos papas; este livro é o primeiro elemento do direito canonico. Ao mesmo autor deve-se atribuir a inauguração da era christã, começando com o nascimento de Jesus Christo. Comtudo, Dyonisio o Pequeno cometeu um erro de quatro annos, tomando por ponto de partida o anno de Roma 754 em lugar de 750, erro este que os sabios benedictinos corrigiram mais tarde.

ARTIGO III

Conversão dos novos povos do Occidente.

(555-622).

Papas.	*Papas.*
Pelagio I° (555-560).	Sabiniano (604-607).
João III (560-574).	Bonifacio III (607-608).
Bento III (574-578).	Bonifacio IV (608-615).
Pelagio II (578-590).	S. Adeodato I° (615-618).
S. Gregorio Magno (590-604)	Bonifacio V (618-626).

I. Conversão dos Suevos. — II. Conversão dos Visigodos de Espanha. — III. Pontificado de são Gregorio Magno. Conversão dos Anglo-Saxonios. — IV. Conversão dos Lombardos.

I. *Conversão dos Suevos* (551). — Este pequeno povo, vindo da Germania, se aliára aos Burgondos, aos Vandalos e aos Alanos para invadir as Gallias; tinha penetrado na Espanha, com estes dois ultimos povos, e tinha fundado, sob o mando de Hermanrico, ao nordoeste da peninsula, um reino ariano que se estendia na Lusitania. Em 551, o rei dos Suevos, Carіarico, por ter alcançado a cura da filha por inter-

cessão de são Martinho de Tours, mandou edificar uma soberba igreja em honra deste santo e abraçou a fé que o grande bispo das Gallias tão admiravelmente professára. Numerosos milagres se realisavam naquelle templo, e o povo, comovido com estes prodigios, não trepidou em imitar o exemplo de seu chefe, renunciando ao arianismo. O maior apostolo da evangelisação dos Suevos foi são Martinho de Pannonia. O filho e successor de Cariarico, Theodomiro, completou o bem iniciado por seu pae; elle combinou com os bispos as providencias a tomar para arrancar até as ultimas raizes da heresia, e assegurar com regras e leis severas, a conservação da disciplina catolica. O reino dos Suevos foi substituido por aquelle dos Visigodos em 585.

II. *Conversão dos Visigodos de Espanha* (587). — Estes barbaros tinham invadido o resto da Espanha e fundado um poderoso reino; eram igualmente sectarios do arianismo e tinham movido uma gerra cruel aos catolicos da Peninsula. Sua conversão foi a obra de uma piedosa rainha e de um apostolo ardente, são Leandro, bispo de Sevilha. O rei Leovigildo tinha casado seu filho Hermenegildo com uma filha de Sigeberto e de Brunechilda. Esta princeza, fervorosa catolica, conseguiu esclarecer o espirito de seu esposo e leval-o á abjuração publica do arianismo. O rei Leovigildo caiu numa ira violenta, ordenou a perseguição contra os catholicos e fez matar ao filho preso no carcere. Mais tarde o monarcha se arrependeu do seu crime, mas faleceu teimando nos seus erros. Seu segundo filho, cuja educação tinha sido confiada a Leandro, tio delle, imitou os exemplos do irmão; converteu-se á fé catolica e levou o povo inteiro a abjurar a heresia. O piedoso monarcha mereceu o cognome de *catolico*, que se tornou a herança gloriosa de todos os reis da Espanha seus successores.

Santo Isidoro, irmão de Leandro e seu substituto na séde de Sevilha, foi um dos mais corajosos apóstolos e insignes doutores da Espanha, já então inteiramente catolica.

III. *Pontificado de são Gregorio Magno; conversão dos Anglo Saxonios* (596). — O papa que reinava nessa época, são Gregorio Magno, não fôra alheio ao regresso dos Visigodos da Espanha á fé catholica. Honrava a Santa Sé por sua sciencia, suas virtudes, seus ingentes trabalhos e sua energia. Resistia aos imperadores do Oriente que se tinham arrogado o direito de validar a eleição do pontifice romano e dos bispos das principaes sédes; reprimia os abusos com leis contra a simonia; opunha-se ás pretenções dos patriarcas de Constantinopla que afectavam de usar o titulo de patriarcas ecumenicos; pedia para si proprio o titulo que seus successores usaram sempre depois: *servo dos servos de Deus*. Seu zelo abrangia tudo: poz mais ordem na liturgia romana e determinou as regras do canto da Igreja chamado por seu nome: *canto gregoriano*. Todavia a obra que o egregio pontifice mais tinha a peito era a conversão dos barbaros.

Quando somente diacono ainda, um dia, no mercado de Roma, deparou com uma tropa de escravos expostos ali para serem vendidos em leilão. Chegavam da Grande Bretanha e ainda eram pagãos. « Que pena! homens tão belos serem escravos do demonio! » Pois bem, estes *Anglos*, é preciso que se tornem *anjos*. » Evangelisada já no tempo dos apóstolos, a Grande Bretanha tinha conservado até o seculo v suas igrejas e sua fé. São Germano de Auxerre acudíra a preserval-a da heresia pelagiana; são Patricio, o celebre monge irlandez, a tinha edificado com sua palavra e seus exemplos. Innumeros mosteiros se tinham alastrado no seu solo. De Bangor saíra em 575, o ilustre monge são Colombano a evangelisar as Gallias e fun-

dar nos Vosges a abbadia de Luxeuil. Todavia a antiga *ilha dos santos* sofrera, ella tambem, a invasão dos Anglos e dos Saxonios. Este povo pagão constava de sete Estados pequenos, com o nome de *Heptarchia*. São Gregorio Magno emprehendeu a sua conversão. Confiou esta missão ao monge Agostinho e a varios religiosos. Os piedosos apóstolos aportaram no paiz de Kent. O rei Ethelberto, já disposto para a fé catolica por sua virtuosa esposa Bertha, princeza da nação franca, recebeu o baptismo das mãos do monge Agostinho ; grande parte de seu povo imitou-lhe o exemplo, breve seguido pela Heptarchia anglo-saxonia toda. O apóstolo da Grande Bretanha foi sagrado arcebispo de Cantorbery, creou numerosas sedes episcopaes, estabeleceu a disciplina eclesiast'ca, e lançou assim em toda a nação fundas raizes de Christianismo.

IV. *Conversão dos Lombardos* (599). — O papa são Gregorio teve ainda o consolo de reconciliar com a Igreja romana os Lombardos arianos. Este povo, oriundo da Scandinavia, invadíra o norte da Peninsula, com excepção do exarcato de Ravenna, e desde 584, formava um reino italiano. A rainha dos Lombardos, Theodelinda, era catholica. Relacionou-se com são Gregorio, no intuito de converter seu povo á fé verdadeira. Casada com o rei Autharis, tinha grangeado a sympathia dos Lombardos por sua bondade e suas virtudes. Morto seu marido, elles lhe deixaram o cuidado de escolher um successor ; deu a corôa e sua mão a Agilulpho, duque de Turim, que ella dispoz a abraçar a fé catholica. Os chefes lombardos e a maioria da nação abjuraram igualmente a heresia.

A' morte de são Gregorio (604), todos os barbaros estabelecidos no antigo imperio do Occidente eram christãos. Um pouco mais de um seculo bastára para esta transformação devida á unica força moral da

Igreja, ao zelo incansavel de seus papas, seus bispos e seus monges. Alguns annos mais tarde (670) o papa Bonifacio IV cumpria em Roma um acto que parece determinar a victoria definitiva do Christianismo. O imperador do Oriente Phocas deu ao soberano pontifice o Pantheon, onde as falsas divindades tinham imperado por tantos seculos, e que foi conservado até então como monumento de arte. O papa mandou transportar ali vinte e oito carruagens dos ossos dos martyres, tirados das catacumbas, e elle consagrou o edificio á santissima Virgem sob o vocabulo de *Santa Maria dos Martyres :* foi a origem da festa de Todos os Santos.

ARTIGO IV

Physionomia da nova sociedade.

I. Organisação politica, social e religiosa dos novos Estados. — II. Disciplina e culto. — III. A sciencia ecclesiastica no seculo VI.

I. *Organisação politica, social e religiosa dos novos Estados.* — O governo debaixo do qual viveram os novos povos foi a monarchia, não absoluta e arbitraria, mas baseada sobre leis constitutivas e reguladas por convenções quasi identicas em todos os barbaros. A successão ao trôno é no mesmo tempo hereditaria e electiva ; todavia, as mulheres não podem participar na eleição, e a escolha recae na mais alta aristocracia. O poder real se exerce com o auxilio das assembleias nacionaes, que servem de contrapeso aos excessos do poder, decidem a paz ou a guerra.

Quando os vencedores tiveram tomado posse do solo, houve uma divisão das terras que veiu a ser o ponto de partida da organisação feudal : *allodios* ou terras atribuidas aos conquistadores, para posse perpetua ; *beneficios* ou *feudos*, terras despregadas dos

allodios, concedidas pelos reis, para a vida, ou hereditarias, com encargos correspondentes. Os antigos colonos passaram a ser gerentes dos novos donos ; havia ainda os escravos não possuindo cousa alguma, propriedade absoluta do mestre, mas que a Igreja ha de transformar em servos, melhorando bastante a sua condição.

Na organisação religiosa da idade media, o papado aparece como a unica luz, a força unica ; é tambem a unica vida das sociedades novas. Não somente goza de um poder espiritual ilimitado, mas desempenha um papel importantissimo no tocante á influencia civilisadora. Uma mudança notavel se opera na vida e na situação dos bispos. Mesclados com a feodalidade, saindo muitas vezes das suas fileiras, sempre a hombrear com os senhores, privando com uma sociedade barbara, muitas vezes expostos a mil violencias, careciam de mais alguma cousa do que o poder espiritual tantas vezes menosprezado ; quasi que forçosamente, tornaram-se principes, ou soberanos temporaes. Foi um abuso ao qual a Igreja sempre procurou remediar. O clero, posto em contato com a sociedade nova, apenas libertada das trevas e das desordens do paganismo, tinha precisão de santidade como de sciencia. A Igreja, inteirada desta verdade volveu sua atenção toda para a formação dos clerigos. São Gregorio desenvolveu para atingir esta meta uma instituição preciosa : a das escolas episcopaes, onde, sob o olhar dos pontifices formar-se-iam os futuros ministros. Comtudo foi especialmente no silencio e no recolhimento dos claustros que se amestravam os padres e os bispos.

II. *Disciplina e culto.* — Qual foi o proceder da Igreja no meio desta sociedade nova que tinha a difficil missão de educar? Aquelle de uma mãe carinhosa. A estes barbaros, ella chamou seus filhos, por-

que os recebêra de Deus e porque elles proprios se tinham entregado á sua solicitude; ella se considerou como rainha e dona desta nova familia. Todavia estas gerações, saidas da barbaria precisavam de uma disciplina forte : por isso houve prescripções, regulamentos que hoje achariamos penosos, mas muito adequados aos costumes da época. A excommunhão é um castigo usado a miudo contra os rebeldes. Para as faltas publicas e escandalosas ha uma penitencia publica; as culpas secretas exigem demorada expiação. Crimes contra a Religião e contra Deus são equiparados a crimes de Estado e é graças a este rigor que a barbaria foi substituida pela civilisação. Entretanto a Igreja soube temperar a severidade que empregava na educação dos barbaros; mostrou-se cheia de condescendencia com suas fraquezas; tolerou seus costumes, sua legislação, suas justiças sangrentas. Já que não podia impedil-os, trabalhou somente em suavisal-os. Assim é que por muito tempo se continuaram as *provas* ou *julgamentos de Deus* pela agua, o fogo, os combates singulares.

A Igreja se mostrava guarda vigilante dos esplendores do culto catholico. O baptismo se dava ainda algumas vezes por imersão, mas quasi sempre por infusão. A confissão e a comunhão eram obrigatorias nas grandes solenidades, e os fieis recebiam ainda a Eucharistia sob as duas especies. O estylo das igrejas era o romano. Contrariamente á antiga disciplina, aparece o uso de colocar varios altares na mesma igreja. O culto celebrava-se segundo os preceitos de são Gregorio. Muitas vezes naquella época, a trasladação das reliquias dos santos é feita com solenidade.

III. *A sciencia eclesiastica no seculo VI.* — A instituição das escolas monasticas e episcopaes patenteia o empenho da Igreja para a difusão das sciencias divinas e humanas, até a época das invasões. Seus

esforços não impedirão a decadencia dos estudos; porém o seculo VI ainda despede alguns fulgores. Na Italia, *Boecio* e *Cassiodoro* comunicam á cultura intelectual um impulso poderoso. A Espanha catolica guardou os nomes de são *Leandro* e de santo *Isidoro* de Sevilha. Na Africa, a luta da verdade catolica contra os ultimos partidarios do arianismo e do eutychianismo, tinha posto em destaque a sciencia de *Vigilio* de Tapso e de são *Fulgencio* de Ruspe. Debelada a heresia, a meta que almejam ardentemente os Padres e escritores do Occidente é educar os barbaros; daí uma nova forma de ensino: a *homilia* ou o *sermão*. O papa são Gregorio Magno e são *Cesario* de Arles desbravam o caminho que outros hão de trilhar depois delles. A historia eclesiastica tem escritores de valor na pessôa de *Jornandes* que narra, seguindo Cassiodoro, a historia dos Godos; de *Gregorio de Tours*, autor de uma historia das Gallias; de *Fredegario*, continuador deste; do *Monge anonymo* de São Dionysio. Emfim, a poesia latina faz o derradeiro esforço nas obras de santo *Ennodio*, de *Arator* e de são *Fortunato*, autor de avultado numero de poemas e tambem de biographias de varios santos bispos.

CAPITULO II

A Igreja e o Mahometismo.

(Do anno 622 até 768.)

Vista geral. — Divisão deste capitulo.

Foi designio da Providencia ser a historia da Igreja neste mundo uma serie de lutas e de victorias. Uma sociedade nova acabava de surgir das ruinas do imperio romano, e, fiel á sua missão, a Igreja a tinha disciplinado e curvado á suave lei do Evangelho. Julgar-se-ia que a Europa vae gozar da paz. Mas, eis que o espirito das trevas atêa novo incendio contra a christandade inteira: é outro imperio que se arremessa contra o baluarte inexpugnavel da fé catolica; o inferno lhe põe nas mãos uma força material assombrosa para derrubar, si fôsse possivel, o poder da Igreja.

No começo do seculo VII, Mahomet arvora-se em prophcta e funda o *islamismo*. Em nove annos subjuga a Arabia inteira. Seus successores continuam as conquistas e arrebatam á Igreja a Syria, a Asia menor o Egypto, a Africa; dali passam para Espanha ameaçando as Gallias e todo o Christianismo.

O Oriente, amesquinhado por todas as heresias que tinha acalentado no seu seio, em lugar de aproveitar a tremenda lição, continúa alterando a doutrina com subtilezas. Após o eutychianismo, temos o *monothelismo*, que traz em reboliço todos aquelles paizes, até ser condenado pelo sexto concilio ecumenico de Constantinopla (681). Taes lutas enfraquecem a disciplina, e no concilio *quinio-sexto*, descobrem-se

os primeiros lampejos do scisma deploravel que ha de arrastar todo o Oriente no abysmo.

A Igreja tinha no Occidente algum lenitivo a estas maguas; pelo zelo dos seus missionarios, a fé se arraigava na Suissa, no paiz dos Frisões, na Germania, evangelisada com brilhante exito pelo monge Bonifacio. Na primeira metade do seculo VIII, vemos a Igreja a arcar com o mahometismo, na arena das suas mais belas provincias occidentaes. Depois, mais um inimigo arma o bote contra o papado : os Lombardos, senhores do norte da Italia, apossam-se de Ravenna e ameaçam Roma. Donde ha de vir a salvação? Desta mesma nação franca que venceu o islamismo. A morte de Carlos Martel veiu tolher ao heroe a marcha avante, em socorro da Igreja ameaçada ; mas seu filho Pepino, proclamado rei dos Francos, vôa ao encontro dos Lombardos, impõe-lhes o tratado de Pavia e lança os fundamentos da soberania temporal dos papas, que ha de ser completada por Carlos Magno (754-768).

Estes são os factos que succederam nessa época terrivel, mas gloriosa para a Igreja. Em tres artigos os desenvolveremos ; no primeiro intitulado o *mahometismo*, estudaremos Mahomet, sua doutrina, suas primeiras conquistas ; no segundo artigo, o *monothelismo*, examinaremos esta nova heresia, seus estragos no Oriente e sua condenação ; o terceiro artigo, *o catholicismo ameaçado e salvo*, dirá o proceder da Igreja e seus soldados, em frente dos Mouros na Espanha e nas Gallias, e a fundação da soberania pontifical depois da derrota dos Lombardos.

ARTIGO I

O Mahometismo

(622-640).

Papas.
Bonifacio V (618-626).
Honorio I (626-640).

I. Mahomet e seu papel. — II. Resumo da doutrina de Mahomet. — As primeiras invasões musulmanas.

I. *Mahomet e seu papel.* — Mahomet nasceu na Meca, em 569. Pertencia á poderosa tribu dos Koreischitas. Orpham na idade de treze annos, foi confiado a um tio que o destinava ao comercio; elle acompanhou caravanas e fez muitas viagens nas quaes ia notando as tradições christãs, judaicas e idolatras. Aos vinte e cinco annos, entrou no serviço de uma viuva rica que lhe deu a mão e a fortuna. Foi então que se lembrou de destruir a idolatria e de crear, nos destroços do antigo culto de Abrahão, uma nova religião da qual elle seria propheta, ao passo que fundaria tambem um imperio poderoso. Para excogitar os meios de levar a efeito taes planos de reforma e conquista, retirou-se numa gruta solitaria onde pretendeu, mais tarde, ter recebido do anjo Gabriel a sua missão e os versiculos do Corão. Em 611, Mahomet deu começo á sua obra de visionario; na propria familia encontrou os primeiros discipulos, mas elle desgostou toda a tribu dos Koreischitas, falando contra a idolatria nas romarias que se realisavam na *Caaba*, onde se veneravam mais de trezentos idolos e uma afamada pedra preta que caíra do céu, segundo diziam. O Propheta teve de fugir para Medina: é esta fuga ou *hegira*, que é o principio da era musulmana (622). Dali, conseguiu avassalar a Arabia

e a propria tribu rebelde. Morreu no anno dez da hegira, envenenado por uma mulher judia.

O papel do reformador santo foi tão politico como religioso. Como todos os cesares pagãos ou herejes, queria unir e confundir os dois poderes espiritual e temporal. Para elle, foi a espada o meio de conversão e de conquista. Todo o programa do Propheta vem syntetisado nestas palavras : « Crê ou morre ! »

II. *Resumo da doutrina de Mahomet.* — O *Corão* é o livro sagrado do Islam. Acham-se nelle os elementos constitutivos de qualquer religião : *dogma*, *moral*, *culto*.

Quanto ao *dogma* Mahomet não quer saber mais de Christianismo que de idolatria. Apregôa a unidade de Deus, mas não a trindade das pessôas. Professa certa admiração para com Jesus Christo, rejeitando assim mesmo a sua divindade, e portanto a Incarnação e a Redempção. Não conhece justificação nem graça ; prefere o systema absurdo do fatalismo : tudo está escripto ! O homem é salvo sem merecimentos como sem virtudes. A doutrina de Mahomet acerca dos *novissimos* é um mixto de crenças catholicas, com imaginações orientaes ou talmudicas. No fim do mundo, todos os homens hão de ressuscitar ; os maus serão lançados nos tormentos, os bons gozarão no paraiso ; mas o paraiso de Mahomet é um lugar de gozos materiaes e grosseiros.

A parte *moral* do Corão fala em virtudes, sendo a principal a hospitalidade. A lei, na verdade, prohibe o adulterio ; mas autorisa a polygamia e o divorcio e dá largas a todas as más paixões. O trabalho manual é menosprezado como castigo imposto aos escravos. As regras da sobriedade são lembradas aos musulmanos, como preceitos hygienicos ou como penitencia.

O *culto mahometano* consta somente de prescripções

ceremoniaes : cinco vezes ao dia, os discipulos do propheta têm de orar, de olhos volvidos para a Meca ; amiudadas abluções são ordenadas, e si fôr preciso, substituir-se-á a agua pela areia do deserto. O Corão impõe tambem alguns jejuns sendo o principal o *ramazan*, que dura trinta dias, durante os quaes os musulmanos não podem tomar comida nem bebida entre o levantar e o pôr do sol. Mahomet não instituiu sacerdocio propriamente dito, mas seus successores entenderam que era necessario reparar esta falta, e estabeleceram no islamismo uma especie de jerarchia sacra : os *cheiks*, ou pregadores ; os *kaibs* ou leitores do Corão ; os *imans* ou leitores das preces publicas ; os *mezzins* que convidam a estas preces ; os *kaims*, que zelam pela conservação das mesquitas ; os *ulemas*, que estudam o Corão ; os *derviches*, arremedo grotesco dos monges catholicos.

Ha tambem festas musulmanas, particularmente a do *bairam*, que termina o jejum do *ramazan ;* mas nellas, tudo é frio e esteril.

III. *As primeiras invasões musulmanas.* — Aludimos aqui ás conquistas do Islam apenas para mencionar o perigo extremo em que puzeram o Christianismo e a civilisação. Mahomet dissera : « Deus é Deus e Mahomet, seu propheta. » Seus successores tomaram o nome de *califas*, ou vigarios do Propheta, e proseguiram na realisação dos seus planos de conquista. Os exercitos musulmanos atacaram primeiro a Syria, e depois de terem vencido os Gregos, apoderaram-se da Palestina, da Phenicia e da Asia occidental. O califa Omar mandou edificar a primeira mesquita em Jerusalem no anno de 638. Os mahometanos dividiram depois suas forças em dois corpos : um, dirigido contra os Persas, derrubou esta monarchia ; o outro invadiu o Egypto, tomou Alexandria, queimou-lhe a esplendida bibliotheca e conquistou toda

a costa africana. Dali ha de partir, no começo do seculo VIII, o islamismo ; transpondo o estreito de Gibraltar, ha de occupar a Espanha, derrubar os Visigodos, levar seus arraiaes além dos Pyreneus na Septimania, e ameaçar todas as Gallias. O crescente imperava portanto em todos os paizes que se estendem das fronteiras da China ao oceano Atlantico, desde os desertos da Africa até a Europa, além dos Pyreneus.

Todavia, este imperio imenso, creado pelo erro e a espada, tinha-se dividido rapidamente. Já no seculo VII, o islamismo se nos apresenta em tres pedaços imensos : os *Abassidas*, na Asia, os *Omniadas* na Espanha, os *Fatimitas* na Africa. Um só vinculo prende estas seitas : o odio ao christianismo. Seja onde fôr, o musulmano é perseguidor. Na Asia, na Espanha, na desventurada Africa, já tão cruelmente flagelada pela invasão dos Vandalos, a Igreja catholica teve martyres da tyrania musulmana.

Durante dez seculos, o imperio de Mahomet constituiu um perigo terrivel e permanente. Tratando a sua Igreja com outrora tratava seu povo privilegiado, Deus quiz para ella uma ameaça e um castigo sempre promptos ; é o plano da Providencia que fique o islamismo ás portas da christandade para punir as revoltas dos povos baptisados, sacudir sua somnolencia, estimular sua virtude e excitar seu heroismo.

ARTIGO II

O Monothelismo.

(640-691).

Papas.

Severino (640).
João IV (640-642).
Theodoro (642-649).
S. Martinho I° (649-654).
Eugenio I° (654-657).
S. Vitaliano (657-672).
Adeodato II (672-676).

Papas

Dom I° (676-678).
S. Agathon (678-682).
S. Leão II (682-684).
Bento II (684-685).
João V (685-686).
Conon (686-687).
S. Sergio I° (687-701).

I. Negocios do Oriente ; Heraclio e a cruz verdadeira. — II. A heresia do *monothelismo*. — III. *Ecthese* de Honorio e *typo* do imperador Constante. — IV. Terceiro concilio de *Constantinopla*, 6° ecumenico (681). — V. O concilo *quini-sexto*.

I. *Negocios do Oriente ; Heraclio e a cruz verdadeira.* — Deixamos o Oriente victimado pelas disputas theologicas e apenas acalmado pelas decisões do quinto concilio geral de Constantinopla. Na época em que Mahomet começava a revolucionar a Arabia, o imperio, nas mãos de Heraclio, experimentava desgraças e mais desgraças. Mal tinha este principe chegado ao trôno, quando o rei dos Persas, Chosroes, se asenhoreou de Antiochia e da Syria ; depois encaminhou-se para Jerusalem que elle tomou num assalto, incendiou o santo sepulcro e as belas igrejas de Constantino e de Helena, tirou todas as riquezas dos lugares santos, e, em particular, a preciosa reliquia da vera cruz (614).

Esta afronta ao nome catholico echôou dolorosamente na alma dos fieis do Oriente e inspirou um ardor generoso. A nação pegou em armas, e Heraclio fez tenção de tirar desforra numa luta decisiva contra os Persas. Estes foram vencidos, e seu rei, pedindo a paz, mandou entregar a santa cruz ao imperador de Constantinopla. Heraclio poz-se a caminho para

Jerusalem afim de dar graças a Deus e tornar a colocar, na Igreja da Resurreição, o glorioso tropheu. Elle proprio quiz carregar nos hombros o sagrado lenho. A Igreja catolica celebra todos os annos a memoria deste facto acontecido a 14 de setembro do anno de 628. Ao avisinhar-se a invasão musulmana, a verdadeira cruz foi levada para Constantinopla, escapando assim das mãos dos infieis.

II. *A heresia do monothelismo.* — Entretanto, o erro ia minando sorrateiramente a Igreja oriental. O concilio de Chalcedonia, ao condenar o *eutychianismo*, tinha definido claramente as duas naturezas, divina e humana, permanecendo em Jesus Christo na unidade de pessôa. Entretanto, vimos que alguns sectarios, chamados *monophysitas*, parecendo condenar Eutyches, conservaram o fundo do seu erro, e aceitavam, como principio, uma tal e qual unidade de natureza em Jesus Christo. O imperador Heraclio, instigado pelos bispos do Oriente, entendeu que devia propôr uma formula neutra aceitavel para os monophysitas e os catholicos, dizendo, por exemplo : « Ha em Jesus Christo duas naturezas, porém, *uma só operação theandrica*, divina e humana » ; e prohibiu que se tornasse a falar em *duas operações* em Jesus Christo. Era o mesmo erro de Eutyches reproduzido, a negação de facto das duas naturezas distintas.

Os conselheiros de Heraclio eram *Sergio*, bispo de Constantinopla, *Cyro* de Alexandria, *Macario* de Antiochia. Estes prelados dirigiram ao papa Honorio uma formula confusa, que, segundo seu parecer, devia congraçar todos os partidos. Honorio, sem desconfiar de trapaça alguma, a aceitou e autorisou os seguintes dizeres : « Jesus Christo é uma unica pessôa, que opera no mesmo tempo pela divindade e pela humanidade. » A orthodoxia de Honorio era completa ; sua formula traduzia o dogma catolico, mas podia

ser interpretada falsamente pelos Orientaes: foi esta a infelicidade de Honorio e sua falta unica.

III. *Ecthese de Honorio e typo do imperador Constante.* — Um monge muito versado no conhecimento das sagradas Escripturas, santo Sophronio, que foi mais tarde bispo de Jerusalem, deu rebate do perigo e da erronea interpretação dos herejes. Os Orientaes, prevenindo o imperador alcançaram de Heraclio uma *ecthese* ou exposição de fé favoravel ao erro monothelito. Este edito doutrinal arvorava o monothelismo em lei do imperio, declarava que não havia sinão uma vontade em Jesus Christo, e pronunciava o anathema contra quem ousasse advogar a opinião contraria. Os bispos presentes em Constantinopla subscreveram este acto heterodoxo. Em Roma, os papas Severino e João IV condenaram de modo terminante a *ecthese* que foi retratada por Heraclio antes de morrer.

Todavia o erro conservava um assento na séde de Constantinopla com os successores de Sergio, Pyrrho e Paulo ; encontrou tambem um novo esteio no imperador Constante II, que, supprimindo a ecthese por ser ella uma fonte de perturbação na Igreja, publicou em 648, sob o nome de *typo* ou formulario, um edito que ordenava o silencio a ambos os partidos. Isso importava em mandar calar a voz da verdade. O papa são Martinho protestou num concilio de Roma e os Padres condenaram como hereje a quem aceitasse a *ecthese* ou o *typo*. O imperador respondeu a esta sentença deixando prender o papa em Roma e mandando-o para o desterro onde morreu. A divisão durou ainda muito tempo no seio da Igreja oriental.

IV. *Terceiro concilio de Constantinopla, sexto ecumenico* (681). — Emfim, o imperador de Constantinopla, Constantino *Pogonato*, resolveu pôr termo a estes

debates. Escreveu ao papa Agathon I° para lhe propôr a reunião de um concilio geral. A assembleia reuniu-se em Constantinopla, numa sala do palacio imperial chamada *Trullo* ou abobada ; dali o nome de concilio *in Trullo* posto a esta assembleia presidida por tres legados do papa. As dezoito primeiras sessões, presididas pelos legados, são as unicas verdadeiramente conciliares. Foi aclamada a autoridade infalivel do papa : « E' Pedro que falou por Agathon. » Os canones dos concilios precedentes foram examinados e confirmados, e os Padres do concilio pronunciaram a seguinte sentença, que terminava o conflito : « Julgamos que ha em Jesus Christo duas naturezas com suas propriedades naturaes : a natureza divina com todos os atributos divinos, a natureza humana com as qualidades humanas sem sombra de pecado. Estas duas naturezas subsistem sem confusão, indivisiveis, imutaveis. Assim como Jesus Christo tem duas naturezas, tem tambem duas vontades e duas operações naturaes : uma, divina ; a outra, humana : a vontade e a operação divina, em communidade com o Pae desde toda a eternidade ; a humana, no tempo, como a tendo recebido de nós com a nossa natureza. »

Na sessão decima terceira o concilio sentenciou o anatema contra os erros monothelitas e seus principaes partidarios. Emfim, os Padres acrescentam : « Cremos igualmente ser o nosso dever proscrever Honorio e lançar contra elle o anatema, porque notamos que na sua carta, este falecido papa de Roma conformou-se em tudo com as ideias de Sergio. » A respeito desta condenação cumpre reparar que a fé de Honorio sempre tem sido incontestavelmente orthodoxa. Alguns autores julgam que o texto acima lembrado não é autentico. Fosse como fosse, Honorio era acusado apenas de ter favorecido a heresia, e, além disso, ainda que houvesse sido formalmente

hereje, era tão somente como theologo particular. Nem suas cartas nem sua condenação infirmam o principio da infalibilidade doutrinal do pontifice romano.

V. *O concilio quini-sexto* (691). — A pretexto de não terem os dois ultimos concilios geraes organisado canones disciplinares, o imperador Justiniano II, successor de Pogonato, reuniu os bispos do Oriente naquella mesma sala que hospedára o VIº concilio. A assembleia promulgou cento e dois canones, que vieram a ser o Codigo disciplinar dos Orientaes. A maior parte destes regulamentos são excelentes ; é de lastimar porém que estejam aprovados ali varios abusos que patenteiam o estado de decadencia do clero grego naquella época ; por exemplo, a licença concedida aos sacerdotes, diaconos, sub-diaconos casados antes da ordenação, de cohabitar com suas mulheres ; o direito outorgado ao imperador de criar bispados, dirigir as eleições ; a atribuição aos patriarcas de Constantinopla dos mesmos privilegios e da mesma autoridade que a séde de Roma. O papa Sergio, mau grado as ameaças de Justiniano, recusou sempre confirmar os actos daquella assembleia designada geralmente na historia com o nome de concilio *in Trullo* ou *quini-sexto*, porque os Padres orientaes tinham assumido a tarefa de completar a obra dos Vº e VIº concilios ecumenicos.

ARTIGO III

O catholicismo ameaçado e salvo.

(691-768).

Papas.	*Papas*
João VI (701-705).	S. Gregorio II (715-731).
João VII (705-708).	S. Gregorio III (731-741).
Sezenando (708).	Zacharias (741-752).
Constantino (708-715).	Estevam II (752-757).
	S. Paulo I (757-768).

I. Os progressos da fé no Occidente ; conversão da Allemanha por são Bonifacio. — II. Os Mouros na Espanha. — III. Os Sarracenos, na França ; Carlos Martel. — IV. Os Lombardos na Italia ; Pepino o Breve rei da França. — V. Fundação do poder temporal des papas.

I. *Os progressos da fé no Occidente ; conversão da Alemanha por são Bonifacio.* — A fé definhava no Oriente, mas ia avultando no Occidente. Um simples olhar nos diversos Estados da nova Europa mostrar-nos-á um incremento maravilhoso. Na França, sob o reinado de Dagoberto I, grandes bispos tinham amparado a Igreja e o Estado; basta nomear santo Eloi, legendario ourives que se tornou bispo de Noyon ; santo Ouen, bispo de Ruão ; santo Arnoldo, bispo de Metz, um dos avós de Carlos Magno e pae da estirpe dos reis de França da segunda dynastia.

Na Inglaterra, a obra do monge Agostinho propagava-se activamente ; as ilhas Hebridas, a Escocia e o reino de Northumberland recebiam o Evangelho dos missionarios irlandezes, que penetravam nas Gallias, na Suissa, e mesmo na Allemanha e na Italia. Missionarios francos, dirigidos por um bispo de Poitiers, santo Emmeran, levavam na Baviera o beneficio da fé. Um bispo de Worms, são Ruperto levou o Evangelho em Norico, até os limites da Pannonia ; vinte bispados foram creados nestas regiões, novas conquistas da fé catholica.

Mas o grande apostolo da Germania no seculo VIII (713-755) foi o monge anglo-saxonio Winfried, mais conhecido pelo nome de são Bonifacio. Elle percorreu o paiz dos Frisões, já evangelisado por um seu patricio santo Villebrod, e entrou na Thuringia e na Hessa onde baptisou milhares de idolatras. Numa viagem que fez a Roma, foi ordenado bispo pelo papa Gregorio II, e mais tarde, feito legado por Gregorio III, com plenos poderes para estabelecer bispados nos paizes que trouxera ao redil da Igreja. E' elle tambem que fundou a celebre abbadia de Fulda, foco de luz e fonte de bispos e de doutores, justamente ufana por possuir ainda hoje os despojos mortaes de seu ilustre apostolo.

II. *Os Mouros na Espanha* (712). — O triumpho constante não habita em nosso planeta : si a fé progredia ao norte da Europa, as provincias meridionaes sofriam o abalo tremendo das hordas do islamismo. Repelidos de Constantinopla, os musulmanos tinham primeiro invadido a Africa. Dali dirigiram o assalto contra a christandade pelo meio-dia da Europa. A monarchia dos Visigodos da Espanha, corroida pelas divisões de principes devassos e crueis, lhes deu um apoio. O conde Juliano e o partido dos descontentes chamaram em seu auxilio, contra o rei Roderico, os *Mouros* ou Sarracenos da Africa. A victoria de Xeres entregou aos infieis as terras da Espanha. Debaixo dos seus novos senhores, os christãos tomaram o nome de *Mosarabes*, ou Arabes mixtos. Em poucos annos, a peninsula toda foi subjugada pelo crescente e formou o califado de Cordova. Ha historiadores que muito elogiaram as maravilhas da civilisação arabe ; vae nesta apreciação muito exagero, e os Mauros da Espanha, em particular, não merecem taes encomios. Salientaram-se nas sciencias exatas, a astronomia, a algebra ; na medicina grangearam, depois de Avi-

cennes e de Averroes certa fama, e é este todo o seu merito; a sua propria architectura nem se pode chamar maravilhosa, pois não passa de uma alteração do estylo byzantino.

Um punhado de christãos visigodos, refugiados nos montes das Asturias, formaram, no meio da invasão, um pequeno reino ás ordens do heroico Pelagio, e que veiu a ser o berço da Espanha christã no seculo XV.

III. *Os Sarracenos na França; Carlos Martel* (732). — No anno de 720, os Sarracenos da Espanha tinham transposto os Pyreneus e ocupado a Septimania. Dali, ameaçavam a França. Um seu chefe, Abderame, com os batalhões reforçados com os socorros que lhe tinham chegado da Africa, invadíra os valles do Rhodano e do Saona. A' frente dos Francos, Carlos Martel marchou ao encontro do formidavel inimigo. A luta travou-se entre Tours e Poitiers (732). Diz-se que os musulmanos deixaram 375.000 mortos no campo. O vencedor perseguiu os destroços do imenso exercito e rechaçou-os além dos Pyreneus. Esta victoria salvou o catholicismo; nunca mais os Sarracenos trataram de reconquistar as Gallias. O heroe deste triumpho de Poitiers tinha ganho uma corôa immortal, louros imarcesciveis: o povo lhe poz o apelido de *Martel;* o papa são Gregorio III dirigiu-lhe uma carta de felicitações. Depois pedia seu auxilio contra as pretenções de Luitprand, rei dos Lombardos, e como emblema do seu protectorado sobre a Santa Sé, enviava-lhe as chaves do tumulo dos santos apóstolos

IV. *Os Lombardos na Italia; Pepino o Breve, rei da França.* — O defensor do papado contra os projetos ambiciosos dos Lombardos, foi o filho de Carlos Martel, Pepino o Breve, herdeiro da missão e da influencia de seu glorioso pae. O ultimo merovingiano, Childerico III, ainda levava a corôa real, Pepino exer-

cia a autoridade. Segundo chronicas antigas, dois embaixadores de Pepino teriam vindo a Roma trazer ao papa Zacharias este recado : « Quem deve ser rei, aquelle que exerce o poder real ou aquelle que apenas tem o nome? » O papa teria dado a solução : « Tome o nome de rei aquelle que já exerce o poder real. » Autentica ou não esta consultação, sempre é facto que os Carlovingianos substituiram os Merovingianos, e isto sem ofensa nenhuma ao direito, pois o povo franco não podia mais contar com seus reis preguiçosos. Outro facto não menos averiguado é que os papas, feitos conselheiros e arbitros dos povos da Europa, começavam a exercer sobre as nações christãs um poder indirecto, oriundo, quer da sua missão social, quer do direito publico da idade media.

Em 752, Pepino o Breve foi sagrado rei da França por são Bonifacio, o apostolo da Germania. Todavia os Lombardos tinham-se apossado do exarcato de Ravenna ; os imperadores do Oriente, que os papas imploravam debalde, abandonavam a Italia á sua sorte sob a unica autoridade dos pontifices romanos. O rei lombardo Astolpho, proseguindo sua serie de conquistas, tomou o ducado de Roma. Foi então que Estevam II, successor de Zacharias, volveu seus olhares para a França e veiu pedir o amparo de Pepino. O papa unge de novo o rei e funda a união do sacerdocio e do imperio ; confere ao principe e a seus filhos o titulo de *patricios*, que o imperador Anastacio dera outrora a Clovis. Em 754, Pepino passa os Alpes, vence o rei lombardo em Pavia e impõe-lhe um tratado que lhe tira o ducado de Roma, o exarcato de Ravenna, territorios estes com que presenteou São Pedro e a Igreja romana.

V. *Fundação do dominio temporal dos papas.* — O acto regio de Pepino o Breve é considerado como o titulo fundamental da soberania temporal dos pa-

pas. E' chamado ora *restituição*, ora *doação*. Logo no anno de 725, o ducado de Roma, despregado do imperio tinha formado o nucleo do patrimonio de são Pedro e pertencia ao papa por livre escolha dos habitantes ; a França o restituia á Igreja. O exarcato de Ravenna e a Pentapole, conquistas legitimas do rei franco, foram uma *pura dadiva* do vencedor, não á pessôa do papa, mas á Santa Sé ; é o direito da guerra. Não ha cousa mais legal do que esta origem da soberania pontifical. « Sabemos, diz Bossuet, que os bens, os direitos, as soberanias dos pontifices romanos são adquiridos e possuidos com titulos tão perfeitos como podem existir entre os homens. » A propria Providencia tinha preparado esta instituição que os seculos consagraram, julgando que ella era sinão necessaria á suprema dignidade, pelo menos indispensavel para a independencia espiritual do chefe da Igreja. E' uma honra para a nação que foi destinada a fundar esta soberania, a protegel-a e a defendel-a : *Gesta Dei per Francos !*

CAPITULO III

A Igreja e o imperio chistão de Carlos Magno.

(768-858)

Summario geral. — Divisão deste capitulo.

A época de Carlos Magno, na historia da Igreja, é uma destas culminancias onde é bom parar, respirar a longos haustos os ares purissimos, e espraiar a vista maravilhada pelas encantadoras paizagens que se desdobram até o horizonte. O imortal imperador foi o homem da Providencia ; grande pelo engenho, grande pela fé e a santidade, Deus o escolheu para vasar, no molde da unidade, as nações apenas formadas da nova Europa. Este principe « cujo proprio nome parece repassado de grandeza, » levou ao auge a gloria da monarchia franca ; elle foi, depois de Pepino o Breve, o verdadeiro fundador da soberania pontifical ; suas conquistas pelas armas foram outros tantos triumphos para a fé christã. Restaurador do imperio do Occidente, elle funda as verdadeiras relações da Igreja e do Estado, mostra-se filho estremoso da Igreja, e usa seu imenso poder em prol da Religião ; elle dá vigoroso impulso ás sciencias, estabelece escolas, estimula e premeia os sabios, e deixa uma obra portentosa, cujos frutos gozaram seus contemporaneos, e cujo beneficio os seculos seguintes hão de guardar.

Dir-se-ia que na Igreja ou na sociedade, tudo gravita em redor deste astro brilhante : o glorioso nome de Carlos Magno : estudaremos seu reinado nas relações que teve com a Religião e com a Igreja. Por um instante, desviaremos o olhar para acompanhar-

mos no Oriente o aparecimento, os progressos, e os estragos de outra heresia, a dos *iconoclastas*, e vermos a sua condemnação no setimo concilio ecumenico, reunido em Nicêa.

Depois de ter irradiado com tamanho fulgôr, o imperio de Carlos Magno cedo teve o fado de todas as cousas humanas : caíu numa decadencia rapida. Debaixo de Luiz o Bondoso, dá-se o esphacelamento ; segundo as previsões do grande imperador, as invasões dos Normandos e as lutas intestinas da feodalidade perturbam as Gallias emquanto varios erros destroem a paz da Igreja.

Neste capitulo, a historia da Igreja abrangerá o periodo que corre do anno de 768, data do advento de Carlos Magno, até a decadencia que apontamos, isto é, a época do *scisma grego* (858). Daremos quatro artigos desenvolvendo o papel da Igreja e a extensão da fé, com os seguintes titulos : 1º *Carlos Magno defensor da Igreja*, ou as relações do monarca franco com a Santa Sé e os povos ainda infieis (768-800) ; 2º *Heresias do seculo VIII :* iconoclasmo no Oriente, adopcionismo no Occidente ; 3º *Carlos Magno imperador* (800-814) ; é ali que verificaremos especialmente a influencia christã do poderoso monarca ; 4º emfim *Decadencia do imperio do Occidente* (814-858), onde teremos ensejo de presenciar ruinas materiaes, estragos das novas heresias, mas tambem novos triumphos da fé sobre os herejes e sobre o paganismo das nações do Norte.

ARTIGO I

Carlos Magno defensor da Igreja.

(768-800).

Papas.
Estevam III (768-772).
Adriano I (772-795).

I. Carlos Magno e a soberania pontifical. — II. Conquistas sobre os Mouros da Espanha. — III. Conversão de Vitikind e dos Saxonios.

I. *Carlos Magno e a soberania pontifical.* — O reinado de Carlos Magno começa em 768, no momento em que Estevam III tomava assento no trono pontifical. E' este papa que inicia a formação do heroe christão e beneficia primeiro do auxilio da sua valente espada contra a visinhança sempre malfazeja dos Lombardos. Com o papa Adriano I°, 772, as hostilidades renovam-se contra os Estados da Santa Sé. Didier, rei dos Lombardos, tinha invadido o exarcato e marchava contra Roma. Carlos Magno viu que sua honra, assim como a segurança do papa e da Igreja, perigavam; elle ordenou a Didier que « restituisse ao sumo pontifice os dominios de são Pedro. » Como não fosse atendido, passou os Alpes, sitiou Pavia e tomou-a, aprisionando Didier, que elle encarcerou no mosteiro de Corbia. Depois de ter suprimido o reino dos Lombardos, Carlos Magno poz na propria cabeça a corôa de ferro e deixou á nação vencida a sua existencia politica e sua constituição. Depois, foi para Roma; ali, mandou que lhe apresentassem a acta da doação feita por seu pae; elle a confirmou ajuntando aos dominios que a Santa Sé já possuia, a Corsega, Parma, Mantua, o exarcato de Ravenna inteiro, as provincias de Veneto e de Istria, com os ducados de

Spoleto e de Benevento. Elle colocou um exemplar desta acta no altar da Confissão de são Pedro e conservou outro nos seus archivos : é o segundo monumento autentico da soberania dos papas instituida sob o protectorado da França.

II. *Conquistas sobre os Mouros da Espanha.* — Carlos Magno, vencedor dos Lombardos na Italia, voltou-se contra os Mouros. A pedido dos chefes arabes de Barcelona e de Saragoça, que reclamavam seu auxilio contra o califa de Cordova, o rei franco levou seu exercito além dos Pyreneus, e arrebatou aos Mouros as Marchas da Espanha até o Ebra. A campanha fôra brilhante ; as conquistas, imensas; mas, na volta, a rectaguarda de Carlos Magno, ás ordens do seu sobrinho Orlando, foi esmagada em Roncevalle (778). Entretanto, as Marchas de Espanha, libertadas pelo exercito franco, foram tiradas ao imperio do Crescente ; ali viveu heroicamente uma povoação catolica que formou mais tarde o reino de Navarra e, um dia, ha de oferecer seus prestimos para a expulsão definitiva dos Mouros. Por outra parte, Affonso o Casto, rei das Asturias, aliado de Carlos Magno, augmentava seus Estados e repelia os infieis para o sul da Espanha. Devido a estes esforços energicos, Cordova conservava uma escola catolica, e o ensino da fé assim continuava ministrado á infeliz Espanha.

III. *A conversão de Vitikind e dos Saxonios* (785). — Ao norte da Europa, novos barbaros forcejavam por quebrar suas barreiras. Carlos Magno, por trinta e tres annos, teve que combater os Saxonios, quatro vezes vencidos e quatro vezes revoltados. O principe fizera o proposito de domal-os para que viessem a ser seus irmãos, e tambem um auxilio. Por isso, um verdadeiro exercito de missionarios acompanhava o conquistador. Na sua primeira expedição, elle destruiu

a famigerada estatua de Irmensul, o deus germanico da guerra. Mas, excitados pelo temivel chefe Vitikind, os Saxonios mostravam-se tão rebeldes ao jugo do Evangelho como ao poder do vencedor. Carlos Magno creou nas terras conquistadas oito bispados. Não pudera convencer o rei saxonio pela força das armas, empregou a via das negociações que foi mais eficaz. Convidado para uma entrevista, Vitikind foi em Attigny onde se achava a côrte real. A majestade e a bondade de Carlos Magno impressionaram o bronco guerreiro que se submeteu a um principe tão magnanimo. Deu outro passo : durante a sua residencia na França, fez da Religião catolica um estudo acurado e ficou deslumbrado com a beleza de seus dogmas, da sua moral e do seu culto. Alumiado pela graça, elle abjurou o paganismo e recebeu o baptismo na igreja de Attigny. Com uma fidelidade igual ao seu valor, o rei Vitikind permaneceu o aliado sincero de Carlos Magno ; deu provas admiraveis de conversão e manifestou para a propagação da fé um zelo igual á pertinacia que mostrára para tolher-lhe os passos.

A esta empreza afanosa, seguiu-se quasi logo a conquista dos Avaros da Hungria que, por sua vez, abraçaram a Religião christã. Por toda a parte onde Carlos Magno levava suas armas victoriosas, as suas conquistas tornavam-se as do Christianismo ; o rei franco não entendia que se pudesse civilisar um povo sem lhe dar um culto e uma crença.

ARTIGO II

As heresias do seculo VIII

(800-814).

Adriano I (772-795).

I. A heresia dos *iconoclastas*. — II. Segundo concilio de *Nicêa*, ecumenico (787). — III. Heresia do *adopcionismo* ; concilio de Franc fort (790).

I. *A heresia dos iconoclastas.* — Emquanto Carlo Magno acossava os Sarracenos e civilisava os barb ros, os imperadores de Constantinopla, só cogitava de perpetuar nos seus Estados as discordias religio sas. A heresia dos *iconoclastas* ou quebradores de im gens tivera seu começo no anno de 726. Os Judeus nham recebido de Deus a prohibição de esculpir est tuas, porque teriam sido propensos a prestar-lhes h menagens idolatras. Do culto judaico, a proscrip das imagens esculpidas ou pintadas passára para mahometanos, e, inspirado pelos novos sectarios, imperador Leão baniu o culto das imagens e das re quias dos santos. Esta guerra absurda teve duas ph ses sangrentas : uma debaixo de Leão o Isauri (726), a outra debaixo de Constantino Copron (741) até estar finalmente a heresia iconoclasta co denada num concilio geral, em 787.

A verdade catholica achou, debaixo de Leão o I riano, um intrepido defensor na pessôa do patri de Constantinopla, são Germano. Sem custo dem trou ao imperador que o culto das imagens se fôra praticado na Igreja catholica, e nada tinh idolatra, que não se dirigia ás imagens em si prop sinão a Jesus Christo ou aos santos que ellas re sentam, e que, além disso, tal culto não é de adora O erro iconoclasta foi apontado e condenado

papa Gregorio II. O imperador se vingou destruindo as imagens santas e ordenando suplicios contra os christãos fieis; varios senadores foram degolados, e doze sabios bibliotecarios foram queimados vivos com os trinta mil volumes que elles conservavam.

Constantino Copronymo, filho do Isauriano, mostrou-se mais violento ainda e mais cruel. Constantinopla se tornou o teatro dos mais horrorosos suplicios : presenciaram-se outra vez as scenas sangrentas das mais ferozes perseguições; os monges, nomeadamente, pagaram com o sangue o seu apego á fé ortodoxa.

A Providencia mandou um homem cujo denodo corria parelhas com a sciencia para defender o culto das imagens durante esta perseguição : era são João, cognominado *Damasceno*, por ser de Damas. Publicou tres discursos nos quaes elle rebate admiravelmente os argumentos que os iconoclastas aduziam a seu favor. A perseguição não afrouxou por isso.

II. *Segundo concilio de Nicêa, setimo ecumenico* (787). — A imperatriz Irena, viuva de Constantino, entendeu que só um concilio geral podia terminar o debate. De acordo com o patriarca de Constantinopla, são Taraiso, ella escreveu ao papa Adriano I°. A assembléia se reuniu em Nicêa, na Bithynia; trezentos e cincoenta bispos orientaes e um grande numero de abbades e de monges tomaram parte nelle sob a presidencia de dois legados da Santa Sé.

Depois de ter nitidamente exposto a doutrina e a pratica dos seculos anteriores, depois de ter aduzido as passagens da Escriptura e da tradição, depois de ter discutido os argumentos dos iconoclastas, o concilio resumiu o seu ensino doutrinal nesta definição : « Conservamos inviolavelmente todas as tradições ecclesiasticas, quer escritas, quer oraes, entre as quaes se acham as imagens pintadas que patenteiam a nossa fé na incarnação real do Verbo de Deus... Definimos

com certidão absoluta, e depois de exame atento, que, assim como se expõe a figura da Cruz preciosa e vivificante, assim as veneraveis e santas imagens, quer em pintura, quer em mosaico ou de qualquer outra materia conveniente, devem ser expostas nas igrejas, nos vasos e nos paramentos sacros, nas paredes e nos quadros, nas casas e nas estradas ; são : as imagens de Nosso Senhor Jesus Christo, da santa Mãe de Deus, dos anjos e em geral de todos os santos. Declaramos que se devem a estas imagens o respeito e a veneração de honra, mas não o verdadeiro culto de latria, que não pertence sinão á divindade ; mas assim como á Cruz, ao Evangelho, e aos outros objectos sagrados, é permitido oferecer-lhes incenso e luminarios, segundo o piedoso uso da antiguidade ; pois a honra tributada á imagem dirige-se ao original que ella representa. » (*Sess.* VII.) Este decreto termina com o anatema contra os que fôrem de encontro a esta doutrina, com a pena da deposição para os bispos e os clerigos que engeitassem a decisão do concilio.

Esta definição, assignada pelos Padres e pelos delegados, só mais tarde, em 842, teve a aprovação solene do sumo pontifice Gregorio IV, recebendo assim o concilio de Nicêa o caracter de concilio ecumenico. O motivo desta demora era o receio que tinha Adriano I° de encontrar dificuldade por parte dos bispos gallo-romanos, cujo parecer a este respeito divergia algum tanto das decisões do concilio. A doutrina destes bispos se enunciava assim : « Permitimos a exposição das imagens dos santos dentro ou fóra da igreja ; mas não obrigamos a honral-as áquelles que o não querem, e não toleramos qualquer estrago ou desacato dirigido ás mesmas. » Esta controversia cessou no concilio de Francfort.

III. *Heresia do adopcionismo ; concilio de Francfort* (794). — O erro dos *adopcionistas* se originou na

Espanha. *Felix*, bispo de Urgel, fôra consultado pelo arcebispo de Toledo, Elipando, sobre a seguinte questão : « Deve-se dizer que Jesus Christo, como homem, é Filho proprio e natural de Deus, ou Filho *adoptivo?* » A resposta de Felix foi que, considerado como homem, Jesus Christo não era sinão o Filho *adoptivo* de Deus. Dali o nome de *adopcionismo* dado ao erro que dois prelados iludidos tinham propalado na Espanha donde penetrou nas Gallias e mesmo na Italia. Profligado pelos verdadeiros catholicos, refutado pelo papa Adriano, condenado pelo concilio de Ratisbona em 794, assim mesmo o erro ia se alastrando. Emquanto *Alcuino* escrevia contra os sectarios, Carlos Magno, de acordo com o papa, preparava a reunião de um concilio em Francfort. Ali foi condenada a heresia dos *adopcionistas*, reaparecimento daquella de Nestorio, pois si a pessôa do Filho de Deus é unica, como pode ser elle a um tempo filho *verdadeiro* e *adoptivo?* O adopcionismo morreu com os seus autores.

O concilio de Francfort, onde tinham assento cerca de trezentos bispos do Occidente, examinou tambem a questão resolvida no concilio de Nicêa, o culto das imagens. Uma redação falsa das actas deste concilio trazia que o culto tributado ás imagens santas era o mesmo culto de adoração tributado á Trindade ; dali a censura de *idolatria* irrogada aos Padres de Nicêa. Mas o concilio tinha justamente determinado o contrario. As actas de Francfort acusam os mesmos Padres de Nicêa de tornarem obrigatorio um culto que o Occidente dava como facultativo. Roma procedeu com prudencia e delicadeza ; a pendencia desapareceu aos poucos, e o culto das santas imagens foi universalmente acceito e praticado.

ARTIGO III

Carlos Magno, imperador do Occidente.

(800-814)

I. O imperio christão. — II. Capitulares de Carlos Magno. — III. Restauração dos estudos. — IV. O concilio de Aix-la-Chapelle e addição do *Filioque* (809).

I. *O imperio christão.* — No anno de 800, Carlos Magno estava em Roma. No dia de Natal, foi á basilica de São Pedro ouvir a missa. O papa Leão III, de accordo os principaes senhores italianos, tencionava proclamal-o imperador do Occidente. O principe estando de joelhos, o papa deixou o altar e veiu pôr na sua fronte, o diadema imperial emquanto o povo prorompia em vivas : « Vida e victoria a Carlos, piedosissimo, augusto, coroado por Deus, grande e pacifico imperador ! » O pontifice deu-lhe a unção santa, assim como ao filho delle, o principe Luiz, e prestou homenagem ao novo imperador. Carlos Magno,por sua vez, comprehendeu o fim alevantado que devia alcançar o imperio restaurado. De joelhos nos degráus do altar, com o diadema na cabeça e a mão sobre o Evangelho, disse : « Eu juro, em nome de Christo, perante Deus e o bemaventurado apostolo Pedro, juro e prometto ser o protector e o defensor desta santa Igreja romana, nas suas precisões, quanto me ajudar a graça divina, quanto eu souber e puder. »

Este acto solene instituia um novo estado de cousas e rematava a constituição da Europa catolica. O papa ocupava o vertice da jerarchia social; elle nomeava o imperador e o consagrava ; elle o tomava como socio da sua obra fazendo delle, como que o *bispo de fóra.* O papa e os concilios elaboravam as leis ; o imperador as adoptava como leis do imperio, e esta concordia entre os dois poderes redundava em

respeito para a Igreja, para a paz, a ordem, o bem estar dos povos e da sociedade. O Occidente em peso confirmou o acto do sumo pontifice e aceitou Carlos Magno como chefe supremo; os imperadores do Oriente, longe de protestarem, relacionaram-se logo com elle. O proprio califa de Bagdad, Harun-al-Raschid, solicitou a amizade de Carlos Magno e enviou-lhe as chaves do santo Sepulcro : é o primeiro titulo do protectorado secular da França sobre os Lugares santos.

II. *Os capitulares de Carlos Magno.* — Não ha nada que melhor patenteie o desvelo do poderoso imperador a favor da Religião e seus ministros do que as instruções que mandava a todas as provincias, com o nome de *capitulares.* São sessenta e cinco contendo 1151 artigos, dos quaes 414 respeitam a jurisprudencia religiosa. Muitas vezes trazem passagens dos concilios ou exerptos das decretaes dos papas. Encontram-se preceitos relativos á celebração do domingo, á expulsão dos vicios, á reforma dos abusos, á santificação do corpo sacerdotal.

O pensamento de Carlos Magno parece concretisado inteiro no seguinte capitular com data de Thionvilla, em 805 : « Não podemos, de forma alguma, contar com a fidelidade dos que se mostram infieis para com Deus e seus sacerdotes, nem com a obediencia a nós e a nossos oficiaes por parte dos que não obedecem aos ministros sagrados nas cousas de Deus e nos interesses da Igreja... Por isso ordenamos que cada um obedeça aos bispos segundo o seu poder. Quanto áquelles que fôrem descuidados ou rebeldes neste particular, fiquem scientes de que nunca serão promovidos a dignidade alguma, ainda que fossem elles nossos proprios filhos... » Em outro capitular, dizia : « Seja a cadeira de Pedro em Roma, a nossa mestra nas cousas eclesiasticas! » Vê-se por aí que

Carlos Magno não propugnava a separação da Igreja e do Estado; não julgava que o *clericalismo fosse o inimigo*. Ora os esplendores do seu reinado nos dizem com eloquencia que elle tinha razão, e que a aliança do sacerdocio e do imperio faz as grandeza das nações como ampara a autoridade dos soberanos.

III. *Restauração dos estudos.* — Erraria quem imaginasse que a autoridade, o poder de Carlos Magno se escudava na ignorancia dos povos. Seu seculo, no ponto de vista literario, fulgura entre duas barbarias: a das grandes invasões, e a que vae começar com o seculo de *ferro*. Um dos seus esforços mais constantes foi o cultivo da inteligencia em todos os gráus. Valeu-se, neste intuito de dois meios eficacissimos: congregou em redor de si sabios que elle soube animar e honrar condignamente, e por toda a parte, fundou escolas.

Entre os personagens eminentes que chamou, destacam-se o anglo-saxonio *Alcuino* que foi a alma do seu governo, o italiano *Pedro de Pisa*, o lombardo *Paulo Diacono*, o franco *Eginhardo*, seu secretario e historiographo. Carlos Magnos achava-se á vontade no meio dos sabios que adornavam sua côrte; elle falava latim, grego, hebraico e syriaco, e cultivava com paixão a Escriptura sagrada.

O imperador tinha creado no seu palacio a escola *palatina*, tinha excitado a fundação de *escolas superiores* em todos os bispados e mosteiros, de *escolas primarias* para o povo junto de cada igreja; nellas, os padres lecionavam gratuitamente a leitura, a escrita, a gramatica, o calculo e o canto. *Theodulpho*, bispo de Orleans, ficou celebre por causa de seus capitulares a respeito do estabelecimento de escolas parochiaes. Santos abbades, *Adelardo* de Corbia e *Engilberto* de São Riquier, excitavam nobre emulação nos mosteiros onde habeis copistas reproduziam as obras

primas da antiguidade. As celebres escolas de Reims, Corbia, Fulda ilustravam-se no ensino das artes liberaes; docil ao impulso de Carlos Magno, o povo recebia em todos os Estados do imperador, o beneficio de um preparo tão completo quanto o permittia aquella idade remota.

IV. *O concilio de Aix-la-Chapelle e a adição do Filioque* (809). — O imperador Carlos Magno zelava igualmente pelos interesses superiores da Igreja da qual elle se proclamava sem temor o *defensor* e *o auxiliar.* Já vimos sua intervenção na contenda do *adopcionismo.* Outra questão preturbou debaixo do seu governo as Igrejas do Oriente e do Occidente. Para traduzir sua fé na dupla descendencia do Espirito Santo, os Latinos tinham ajuntado ao symbolo de Constantinopla as duas palavras *Filioque*, indicando que este Espirito divino não procede somente do Pae, mas tambem do Filho. Os monges francos, a cuja guarda estava confiado o santo sepulcro, cantavam o symbolo com este acrescimo. Dali nasceu uma controversia entre Latinos e Gregos que acusavam de heresia a crença e a pratica dos Occidentaes. Para apaziguar os animos, Carlos Magno, mandou um concilio reunir-se em Aix-la-Chapelle. A assembleia aprovou por unanimidade de votos a adição de *Filioque.* O papa são Leão III declarou que esta doutrina era ortodoxa e tolerou o uso dos Latinos; comtudo por motivo de respeito para com o concilio de Constantinopla que prohibíra qualquer acrescimo ao symbolo; por consideração tambem para com os Gregos, e para não introduzir novo elemento de discordia entre as duas Igrejas, elle não julgou que devesse inserir esta formula no symbolo antigo. Mais tarde, porém, adoptou-se a adição do *Filioque.*

ARTIGO IV

Decadencia do imperio do Occidente.

(814-858).

Papas.

Estevam IV (816-817).
S. Pascal I (817-824).
Eugenio II (824-827).
Valentino (827).

Papas

Gregorio IV (827-844).
Sergio II (844-847).
S. Leão IV (847-855) (1).
Bento III (855-858).

I. Esphacelamento do império de Carlos Magno ; a feodalidade. — II. Ultimo periodo de heresia iconoclasta. — III. Erros no Occidente no seculo IX : Eucharistia e predestinação. — IV. Conversão de outros povos. — V. Reformas religiosas.

I. *Esphacelamento do imperio de Carlos Magno ; a feodalidade.* — Estava finda a missão providencial de Carlos Magno. Deus quizera que por um instante, elle reunisse as nações barbaras para instruil-as, não porém para conserval-as debaixo do seu sceptro. Luiz, cuja fraqueza lhe valeu o cognome de *Clemente*, não podia com o pesado cargo que lhe deixava o pae. O primeiro passo que deu, foi repartir os seus Estados entre os filhos. Dos destroços do imperio de Carlos Magno, surgiram tres reinos : França, Alemanha, Italia.

Não podemos entrar nos pormenores das lutas dos filhos contra o pae, da deposição de Luiz o Clemente em Attigny, da sua penitencia, do seu restabelecimento, das convulsões do imperio carlovingio. Lembramos apenas as investidas dos musulmanos contra a christandade e a Igreja : os Saracenos da Espanha e da Africa, assolando as ilhas do Archipelago, apos-

(1) E' entre Leão IV e Bento III que os protestantes colocaram o suposto pontificado da papisa Joanna. Esta fabula, acreditada e espalhada pela ignorancia e má fé, abandonada por completo pela critica seria, nem nos deve merecer outra menção.

sando-se da Sicilia, e saqueando a Italia até as portas de Roma. No norte as hordas da invasão normanda assaltavam o imperio germanico, penetravam na França, sulcavam o Oceano, navegavam os rios com seus barcos de pescadores, incendiavam e roubavam igrejas e mosteiros, amontoando ruinas, derramando sangue por toda a parte. O rei da França, Carlos o Calvo, se contentava em pagar-lhes tributo.

No mesmo tempo, deixava que os senhores lhe tirassem aos pedaços a sua autoridade real, organisassem a defeza, formassem associações guerreiras, construissem fortalezas e, sobre os escombros da realeza esboroada, creassem a *feodalidade* da idade media. Com as rivalidades dos senhores, achar-se-á o solo coalhado de pequeninos principados, constituindo uma verdadeira jerarchia de grandes *feudatarios* quasi independentes, exercendo uma especie de autoridade real; de *vassalos*, donos de terras menores, de *camponezes* que cultivam a terra na qualidade de rendatarios, pagam uma obrigação e recebem dos senhores proteção e amparo; emfim de *servos*, população de fugitivos e desgraçados que vêm pedir agasalho e pão, dando em paga o seu trabalho e sua liberdade. E' esta a nova sociedade que a Igreja tem de instruir, formar, enfrear, advogando em todo o lugar os interesses do fraco e do oprimido, sofrendo ás vezes ella propria a tyrania e molestações dos magnates, mas dominando sempre o tumulto e sempre cantando a victoria final.

II. *Ultimo periodo da heresia iconoclasta* (815-842). — Embora condenados pelo concilio de Nicêa, os iconoclastas ainda formavam um partido numeroso no Oriente. Não ousaram aparecer sob os governos de principes que não os apoiavam; mas com Leão o Armenio, recomeçou a perseguição. Guerra insensata foi movida ás santas imagens nas igrejas e nos con-

ventos, e houve penas rigorosas contra as pessôas que não queriam conformar-se com os editos imperiaes. Seu filho, Miguel o Gago, não satisfeito ainda com revolucionar o Oriente, quiz arrastar na mesma heresia os paizes do Occidente. Todas as Igrejas da Italia e das Gallias protestaram, afirmando seu apego ás decisões de Nicêa; houve apenas a excepção do bispo Claudio de Turim, que sustentou as doutrinas herejes. O imperador Theophilo desforrou-se nos artistas, supliciando pintores e escultores. Emfim, a imperatriz Theodora, princeza sinceramente catolica procurou dar o socego á Igreja. Mandou reunir-se em seu palacio numeroso concilio e colocar na sede de Constantinopla são Methodo, que mostrára uma coragem sublime e pugnára pela verdade durante toda a perseguição. Depois, foi restabelecido o culto das imagens. O novo patriarca de Constantinopla foi solenemente entronisado na primeira dominga da Quaresma, os Gregos, ainda hoje celebram sob o nome de *festa da Ortodoxia*, o anniversario do triumpho da fé catholica contra esta terrivel heresia, que por perto de cento e vinte annos, tinha perturbado o Oriente, derramando a torrentes o sangue dos martyres.

III. *Erros no Occidente, no seculo IX : Eucharistia e predestinação.* — Até o anno de 831, nenhuma questão atinente á presença real de Jesus Christo na santissima Eucharistia, fôra aventada. Naquella época, *Paschase Radberto*, abbade da antiga Corbia, publicou um livro intitulado : *Do Sacramento do corpo e do sangue de Nosso Senhor Jesus Christo*, dedicando-o a Carlos o Calvo. Sua doutrina era ortodoxa, e o autor definia claramente o dogma da presença real e da transubstanciação. Todavia, com razão ou sem ella, pretendia-se que elle entendia a manducação eucharistica de uma maneira muito material. *Ratramno*, um seu religioso, cuidando que Radberto não salientára bas-

tante, a diferença de estado entre o corpo de Jesus Christo considerado na Eucharistia, e o corpo nascido da Virgem Maria, iniciou a respeito uma controversia. Por outra parte, *Amalario* de Metz fez uma distinção entre o corpo natural de Christo, o corpo eucharistico e o corpo mystico tal qual existe na Igreja, como si fossem tres cousas diversas. No debate, terçaram armas *Rabano-Mouro*, monge de Fulda, o discipulo mais erudito de Alcuino, que pendia para a opinião de Amalario, e *Scot-Erigenes*, metaphysico subtil, que deu nas extravagancias mais perigosas, fazendo da presença eucharistica uma aparencia meramente exterior ; seu livro foi condenado e lançado ao fogo. A Igreja ainda não poz a questão a julgamento. Os antagonistas, neste pleito, admitiam todos a presença real ; suas theorias eram apenas incorrectas ou subtis. Veremos no seculo IX, Berengario reencetar a discussão e cair na heresia ; então os concilios hão de determinar o dogma da fé.

Na mesma época, abria-se outra controversia vivissima sobre a graça e a *predestinação*. Um monge de Fulda, que estivera na abbadia de Orbais, na diocese de Soissons, *Gothescalc*, emmaranhou-se na profundeza das doutrinas de santo Agostinho e errou o caminho. Julgou achar nellas uma dupla predestinação divina, dos bons para a vida eterna e dos máus para a reprovação, donde tirava a conclusão que estes ultimos, por causa de tal decreto, eram forçosamente pecadores e reprobos. Hincmar, arcebispo de Reims, Rabano-Mouro, Amalario, Scot-Erigenes, embrenharam-se na discussão e trilharam pista falsa. São *Prudencio* de Troyes, *Lupo* de Ferrières, *Ratramno* de Corbia, e especialmente *Florus*, diacono de Lyão, souberam melhor distinguir as falsidades de Gothescalc. Os concilios de Quiercy (853), de Valença (855) e de Touzi (860) condenaram os erros do *predestinianismo*. Nos decretos destes concilios, encontram-se quatro afir-

mações que synthetisam a doutrina catholica : 1º Ha somente uma predestinação de Deus : é a dos eleitos que elle separa da multidão que se perde, e conduz por sua graça á vida eterna ; 2º o livre arbitrio subsiste depois do pecado, e é curado pela graça ; 3º Deus quer salvar a todos os homens ; 4º Jesus Christo morreu por todos os homens : si ainda ha alguns que se perdem, deve ser atribuido á infidelidade voluntaria delles.

IV. *Conversão de novos povos.* — O periodo que atravessamos foi fecundo para a Igreja, e lembra conquistas gloriosas para a fé christã no norte e sul-este da Europa.

1º No norte da Europa, os povos *escandinavos* da Dinamarca, da Suecia e da Noruega, ainda jaziam mergulhados nas trevas do paganismo ; pouca virtude conheciam além do valor militar, e ofereciam a Odino, seu deus, um culto maculado pelos sacrificios humanos. Ebbon, arcebispo de Reims e o monge Halitgar, emprehenderam a conversão do paiz e alcançaram um primeiro exito. Haroldo, principe dinamarquez, refugiado na côrte de Luiz o Clemente, recebeu o baptismo. Dois apóstolos, santo *Anscario* e santo *Auberto*, que elle levou comsigo na sua patria, converteram a Dinamarca com suas praticas e seus exemplos (827-850). Da Dinamarca, santo Anscario, que tinha tomado por companheiro a *Vitmar*, monge como elle da antiga Corbia, passou para a Suecia. Recebido pelo rei com as maiores honras, empregou o favor de que gozava para converter os idolatras. Hamburgo se tornou o centro de uma Igreja prospera da qual o apostolo Anscario foi o primeiro arcebispo ; foi estabelecido por Gregorio IV, legado apostolico, na Dinamarca, a Suecia e a Noruega ; sua jurisdição cresceu na medida do feliz exito do suas lides apostolicas, na Irlandia e na Groenlandia.

2º No sul-este da Europa, outros povos ainda esperavam o beneficio da fé. Na margem direita do Danubio, as tribus barbaras tinham formado o reino dos *Bulgaros*. Foi do Oriente que lhes veiu a luz do Evangelho. Uma princeza bulgara, irmã do rei Bogoris, levada como prisioneira em Constantinopla aprendeu ali a conhecer a Religião christã e recebeu o baptismo. De volta na sua patria, trouxe ao gremio da fé seu irmão que ainda reinava; mas os Bulgaros, em vez de imitar o seu principe rebelaram-se contra elle; o rei venceu os revoltosos com sua clemencia. Os Gregos mandaram aos Bulgaros bispos que estabeleceram seu rito naquella nova Igreja. Missionarios latinos vieram terminar a missão; dali nasceu uma diversidade de ritos e de usanças que, a pedido dos Bulgaros, foi regularisada pelo papa Nicolau I (865).

3º Na fronteira oriental do imperio de Carlos Magno, habitavam os povos *Slavos*. As principaes nações descendentes daquelles barbaros, receberam, para esta mesma época, missionarios catolicos. Dentre elles, os primeiros convertidos ao Christianismo foram os *Croatas* no sul. Dirigidos por delegados da Santa Sé, estes novos catholicos foram colocados directamente sob a proteção do sumo pontifice. Os *Servios*, mais chegados ao imperio grego, já tinham recebido as primeiras sementes da fé no tempo de Heraclio; mas a sua conversão verdadeira deu-se no tempo do imperador Basilio (848). Ficaram debaixo da juridição da Igreja grega. Mais para o norte, ainda havia os *Moravios* e os *Bohemios*. A pedido de principes moravios, o imperador grego Miguel enviou-lhes dois missionarios ilustres: são Cyrilo e são Methodo: os dois irmãos apostolos alcançaram entre estes barbaros um exito portentoso. Traduziram na lingua do paiz os nossos Livros santos, levaram a esses povos ignorantes o alphabeto e a escrita, comunicando-lhes no mes-

mo tempo as luzes da fé. São Methodo, consagrado arcebispo da Moravia, creou em lingua slava uma liturgia que Roma aprovou, e dest' arte ficou ligada á séde de Pedro mais uma Igreja florescente. Da Moravia, a fé irradiou na Bohemia; o joven duque Borzivoy recebeu o baptismo das mãos do santo arcebispo, assim como sua irmã, santa Ludmila, e mais trinta barões.

V. *Reformas religiosas.* — Os inumeros concilios que estudamos, são uma prova evidente do zelo que empregavam o papa e os bispos para realisarem a obra da santificação do clero, das ordens monasticas e do povo christão. Cada uma destas assembléas compendiava em canones disciplinares, reformas uteis e importantes. Apontemos as principaes.

No *clero*, torna-se geral o uso dos *cabidos* formados de conegos regulares, cuja origem remonta a são Chrodegando, bispo de Metz, para 760. Para levar á observancia dos santos canones os padres dispersos, santo Chrodegando instituiu para os conegos das igrejas episcopaes a vida comum, o canto do oficio divino, certa clausura menos severa que a dos religiosos e a entrega ao cabido de todos os seus bens de raiz.

Na *ordem monastica*, o concilio de Aix-la-Chapelle, reunido em 817, e composto especialmente de monges e abbades, introduziu nas regras antigas maior uniformidade. A alma desta assembleia era são *Bento de Aniane*, que se tornou o restaurador da vida religiosa no Occidente.

Emfim as regras e condições do *matrimonio christão* ocupam um lugar saliente nas deliberações dos concilios daquella época. Nellas vemos perfeitamente formulados os impedimentos por consanguinidade e afinidade, voto, ordens sacras, engano, violencia, clandestinidade. A legislação civil, aliás, punha-se em perfeita harmonia com esta legislação canonica do povo catolico.

CAPITULO IV

A Igreja e o scisma grego.

(858-1054)

Vista geral. — Divisão deste capitulo.

A separação da Igreja grega e da Igreja romana centro da unidade catolica não é facto repentino. Uma serie de acontecimentos conduz gradualmente a esta catastrophe : temos que examinal-os agora. Dois nomes, o de *Phocio* (858) e o de *Miguel Cerulario* (1043) extremam as duas phases deste longo periodo de quasi dois seculos. Entretanto, nesse intervalo, a Igreja não deixa de proseguir no cumprimento de sua missão providencial em meio das nações que se agitam, dos povos e das instituições que se transformam, de todas as paixões humanas que fervem.

Primeiro, ás ambições pretenciosas de Phocio, ella opõe, num concilio geral reunido em Constantinopla, (869) a doutrina da primazia indefectivel do pontifice romano. Depois, vae continuando entre os povos do Norte a sua obra civilisadora ; e emquanto os ultimos reis carlovingios deixam os restos do imperio de Carlos Magno despedaçar-se em suas mãos, ella trata, por sua doce e bemfazeja autoridade, de pôr um dique aos abusos da feodalidade todo poderosa.

O seculo x é um dos tempos mais ominosos que tem visto a Igreja desde a sua existencia. No Oriente, a fé definha sob o jugo despotico dos imperadores. No Occidente, um clero ignorante, muitas vezes metido nas contendas dos senhores, torna-se para todo

o povo uma pedra de escandalo. A ordem monastica, molestada pelas invasões, já não podia praticar suas regras. A Igreja, em meio de todos estes flagelos coligados, reage com um vigor assombroso contra os multiplos males que a assaltam.

Na época das invasões, os monges tinham salvo o mundo ; é tambem pela reforma dos mosteiros que a Igreja inicia a sua obra de regeneração. O poder estava despojado de prestigio e autoridade : Deus lhe restitue estas qualidades no trôno imperial do Occidente, a favor da monarchia franceza. Um papa ilustre e sabio sauda com o seculo XI, uma aurora catolica ; a fé vae expandir-se em obras maravilhosas que hão de assignalar para sempre este seculo fecundo: é bastante apontar a cavalaria, a tregoa de Deus, a fundação de novas ordens religiosas, o fulgor da santidade nos solios das diversas nações da Europa.

A Igreja grega porém, com Miguel Cerulario acaba desligando-se da Igreja latina ; em 1054 está completo o scisma. Mas já se pode ver nos limites do imperio transviado, os Turcos Seldjucidas a ameaçar a terra que hão de avassalar quatro seculos mais tarde.

Para termos uma ideia nitida da historia deste periodo, dividil-o-emos em cinco periodos cujos titulos correspondentes aos pontos culminantes serão : 1º *O scisma de Phocio*, sua historia, sua condenação no oitavo concilio ecumenico (858-902) ; 2º *A primeira metade do seculo X ;* ali, vêm lembrados o scisma de Nicolau, segundo acto da scissão que está se preparando, a decadencia geral a crescer, a reforma das ordens religiosas, remedio desta decadencia (902-962) ; 3º *O novo imperio do Occidente :* na restauração do poder, descortina-se a vinda de tempos melhores (962-999) ; 4º *Renascimento christão :* com a elevação de Gerberto, papa sob o nome de Sylvestre II ; ha uma eflorescencia maravilhosa de fé, de vida religiosa e de santidade que impregnam a idade media (999-1025) ; 5º Emfim *A*

consumação do scisma grego : é o desfecho desta luta ambiciosa começada por Phocio, e cujas consequencias existem ainda hoje (1025-1054). — De passagem, mencionaremos as obras realisadas pela Igreja para a extensão e a defeza da fé e da moral catolica em meio das nações das quaes é a luz e unica salvaguarda.

ARTIGO I

O scisma de Phocio.

(858-902).

Papas.	*Papas*
Nicolau I (858-867).	Formoso (891-896).
Adriano II (867-872).	Bonifacio VI (896).
João VIII (872-882).	Estevam VI (896-897).
Marino I (882-884).	Romano (897-898).
Adriano III (884-885).	Theodoro II (898).
Estevam V (885-891).	João IV (898-900).
	Bento IV (900-904).

I. Intrusão e trapaças de Phocio. — II. Quarto concilio de *Constantinopla*, 8° ecumenico (869). — III. Restabelecimento e novas trapaças do patriarca scismatico. — IV. Negocios do Occidente : 1° Lothario II e Valdrade ; 2° Hincmar de Reims ; 3° conversão dos Dinamarquezes da Inglaterra ; 4° reino catolico da Espanha.

I. *Intrusão e trapaças de Phocio.* — O Oriente, tantas vezes flagelado pela heresia, estava prompto para a revolta. Um imperador indigno, Miguel o Bebado, sentava no trono, feito joguete nas mãos de um valido culto e manhoso, porém velhaco e devasso, tio delle, chamado Bardas. Um bispo distinto, santo Ignacio, era patriarca de Constantinopla ; teve bastante animo para negar a Bardas a comunhão eclesiastica ; foi expulso da séde e Phocio a ocupou. « Era o espirito mais vasto, o homem mais culto do seu seculo, diz Fleury, e, no mesmo tempo, o mais refinado hypocrita, agindo como um malvado e falando como um santo. » Em seis dias, elle conseguira galgar do posto de pri-

meiro escudeiro ás honras de primeiro patriarca do Oriente. Para acobertar a sua intrusão com a mascara da legalidade, Phocio manda depôr Ignacio por um concilio de partidarios seus ; escreve ao papa apresentando sua eleição como legitima ; elle convence os legados do sumo pontifice e despacha para Roma falsos relatorios. Inteirado de tudo, o papa Nicolau I protesta, anula os actos do concilio ilicito, restabelece na séde de Constantinopla o bispo legitimo, e ameaça Phocio com o anatema si não obedecer. Tudo baldado : a trapaça vingava, e o intruso, em 886, excomungou o papa são Nicolau num pretendido concilio cujas peças todas elle falsificou.

II. *Quarto concilio de Constantinopla, oitavo ecumenico* (869). — Entretanto o imperador Miguel caiu aos golpes de Basilio, e o assassino entronisado deu-se pressa em expulsar Phocio e restabelecer santo Ignacio na sua séde patriarcal. Acabava de falecer o papa Nicolau. Seu successor Adriano II julgou que o unico remedio aos males immensos que o scisma de Phocio ocasionára no Oriente, era um concilio geral. A assembleia se reuniu em Constantinopla na igreja de Santa Sophia, sob a presidencia de tres legados do papa. A primeira providencia que estes tomaram foi mandar os bispos orientaes ler e assignar uma profissão de fé quasi identica ao antigo *formulario* de Hormisdas, firmado pela Igreja grega. Rezava : « A Religião catolica e a sã doutrina sempre foram conservadas puras na sé apostolica. Não queremos separar-nos desta fé e desta doutrina, seguimos em tudo as constituições dos Padres, especialmente dos sumos pontifices da sé apostolica ; portanto lançamos o anatema contra Phocio. Sustentaremos o que a autoridade da sé apostolica preceituou, porque nella reside a verdadeira, inteira e solida base da Religião christã. » (*Sess.* I.)

A primazia da Igreja romana ficava solenemente reconhecida, e a condenação do scisma pronunciada pelo ultimo dos concilios gregos. Phocio compareceu perante a assembleia e não desistiu de nenhuma das suas pretenções. As ordenações feitas por elle foram declaradas sem valor. Todavia, os sectarios que aceitaram a decisão, foram tratados com indulgencia, e recebidos na comunhão da Igreja. Santo Ignacio foi restabelecido na séde de Constantinopla.

III. *Restabelecimento e novas trapaças do patriarca scismatico.* — Sete annos depois do concilio de Constantinopla, Phocio, que julgavam esmagado pelos anatemas da Igreja, reapareceu na morte de santo Ignacio, tornou-se outra vez poderoso na côrte, e, por sua autoridade propria, assentou-se no trôno patriarcal. O papa João VIII succedera a Adriano II. O imperador Basilio e o intruso Phocio lhe enviaram uma embaixada suplicando-lhe, em nome da paz, que aceitasse o arrependimento, a submissão, e a reintegração do patriarca que renunciava ao descanso em beneficio da Igreja. Iludido por estas aparencias, João VIII anuiu, com a condição que Phocio, abjurasse seus erros e fizesse acto de desagravo por suas culpas. Mal tinha tomado assento outra vez na séde de Constantinopla, o patriarca hypocrita recomeçou com as intrigas e os desvarios. Pôde ainda enganar os legados da Santa Sé; ás cartas pontificaes, substituiu outras falsas nas quaes João VIII pronunciava o anatema contra o oitavo concilio. Depois, sob a sua propria presidencia, ajuntou um conciliabulo cujos actos criminosos foram postos em lugar dos actos do concilio legitimo. Todavia, o erro não havia de ganhar a victoria definitiva contra a verdade. João VIII, melhor informado por seu novo legado, feriu o culpado lançando, do alto de São Pedro, o anatema contra elle e todos os seus apaniguados (880). Phocio,

então separou-se abertamente de Roma. Seu triumpho foi ephemero. Leão o Philosopho, successor de Basilio, desejoso de restituir á Igreja a paz tão perturbada desde muito tempo, expulsou Phocio que faleceu no mosteiro onde tinha sido exilado, na Armenia (891).

IV. *Negocios do Occidente.* — Emquanto Phocio rebelava o Oriente, a firme e paterna autoridade do sumo pontifice se exercia na Igreja do Occidente. O mesmo Nicolau I que não vergava perante as orgulhosas pretenções do scisma, impunha aos principes assim como aos bispos, as santas leis da Igreja, e abrangia na sua solicitude novos povos.

1º *Lotario II e Valdrade.* — O rei da Lorena, Lotario II acabava de despedir sua esposa legitima Theudberge, para tomar outra, Valdrade; bispos obsequiosos tinham consentido a este acto ilicito. Nicolau I depoz os bispos culpados e excomungou os esposos. A morte repentina e impia do principe adultero e sacrilego veiu castigar o desprezo das santas leis.

2º *Hincmar de Reims.* — Era um prelado distincto: sua sciencia era vasta, seus costumes, austeros; mas possuia um genio violento, um zelo que ás vezes descambava em teima, no que respeitava a defeza e á omnipotencia da sua Igreja. Em 861, nas questões que teve com Rothade de Soissons, mais tarde com seu sobrinho Hincmar de Laon, mostrou-se rigoroso com seus coadjutores, e oprimiu os clerigos, a despeito das formas e processos legaes; por duas vezes o papado deve intervir e desaprovar o temivel prelado. Roma, por outra parte, acha de novo nelle um defensor energico e imperterrito da fé contra o erro, da autoridade contra o scisma, da Igreja e do seu chefe contra as pretenções audaciosas de Phocio.

3º *Conversão dos Dinamarquezes da Inglaterra.* — O

fim do seculo IX abre para a Igreja um periodo nefasto : é a opressão do papado pelos partidos, um acrescimo de violencia nas invasões dos Normandos ao norte, dos Sarracenos na Italia, um resvalar rapido para os abysmos que hão de tragar a sociedade do seculo X. Porém, em meio de magoas tão pungentes, a Igreja teve um consolo : a conversão dos Dinamarquezes da Inglaterra. A heptarchia anglo-saxonia não fundára governo estavel. Invadida pelos Dinamarquezes que já se tinham apoderado de uma grande parte do paiz, a Inglaterra conseguiu comtudo levantar-se sob o governo de Alfredo o Magno. Com uma piedade igual ao seu valor, este principe ditou leis aos invasores, e fez batisar seu rei Gothrum de cuja conversão resultou a de todos esses barbaros

4º *Reino catolico de Espanha.* — Na mesma época, uma serie de victorias ganhas contra os Mouros de Espanha, permitia ao reino catolico das Asturias dilatar seus limites. Após seculo e meio de lutas, os catolicos senhoreavam a Navarra e o paiz de Leon : breve ha de surgir o reino de *Castella.*

ARTIGO II

A primeira metade do seculo X.

(902-962).

Papas.	*Papas*
Sergio III (903-911).	João XI (931-936).
Anastacio III (911-913).	Leão VII (936-939).
Landão (913-914).	Estevam VIII (939-942).
João X (914-928).	Marino II (942-946).
Leão VI (928-929).	Agapito II (946-956).
Estevam VII (929-931).	João XII (956-964).

I. Novo scisma de Nicolau (902). — II. Lastimosa successão dos papas. — III. Decadencia geral no Oriente e no Occidente. — IV. Reformas monasticas : 1º na França; 2º na Allemanha ; 3º na Inglaterra. — V. A conversão dos Normandos.

I. *Novo scisma de Nicolau* (902). — As quartas nupcias eram opostas á disciplina dos Gregos. Falecida

a sua terceira esposa, o imperador Leão o Philosopho tomou uma quarta mulher, a imperatriz Zoé. O patriarca de Constantinopla, Nicolau, protestou contra o facto que elle julgou escandaloso e negou ao imperador a entrada da Igreja. A pendencia foi apresentada a Roma perante o papa Sergio III, e um concilio, presidido pelos legados da Santa Sé, legitimou a união incriminada. Nicolau não quiz conformar-se com esta decisão, foi deposto e substituido por Euthymio; mas quando morreu o imperador, apossou-se outra vez da sua séde, e para tirar vingança do papa, separou-se da Igreja romana. Este scisma durou quinze annos. O espirito de discordia continuava pois imperando no Oriente. Comtudo os soberanos pontifices não deixavam de dar provas de benevolencia a este imperio malfadado. Em 920, por exemplo, João X negociava a paz entre os Bulgaros e os Gregos. Comovidos com tanta fineza, o imperador e o patriarca scismatico pediram ao papa que enviasse legados em Constantinopla para tratar da união das duas Igrejas. Mais uma vez reinou a paz e a primazia romana foi reconhecida.

II. *Lastimosa successão dos papas.* — Durante esta primeira metade do seculo x, o papado se tornou a victima dos partidos que se disputavam Roma e o sceptro imperial. Tres mulheres, poderosas pelas alianças que tinham formado e afamadas por suas desordens, a condeza Theodora, princeza de Toscana, e suas duas filhas Theodora a Moça e Marosia, deram a tiara a quem lhes aprouvesse, segundo seus caprichos. Doze papas succedem-se em menos de sessenta annos, a maior parte dos quaes não tinham preparo nenhum para o cargo do governo da Igreja; alguns delles, até sem virtudes nem costumes. Entretanto, facto maravilhoso, digno de reparo, porque patenteia o desvelo materno da Providencia para sua obra,

nenhum destes papas, indignos embora, falhou no desempenho de suas altas funções de chefe da Igreja. Não somente nenhum delles levou na cadeira de Pedro o ensino do erro, nem tratou de justificar os proprios desvarios alterando as santas leis da moral, mas, muitas vezes, quando nomeados papas, mostraram-se virtuosos e habeis. Aliás, nem todos estes validos, eleitos dos partidos, eram homens sem prestimo : Bento IV era um santo ; Anastacio III, João X, Leão VII, Estevam IX, deixaram um nome ilibado. Emquanto o catolico geme, aflicto ao ver as desgraças dessa época infausta, elle fica comprehendendo melhor a necessidade de ser a Santa Sé independente. Promovidos ao solio pontifical pelas fações, muitas vezes sem autoritade nem liberdade, como teriam podido os papas daquelle periodo preservar da decadencia os povos que lhes eram confiados?

III. *Decadencia geral no Oriente e no Occidente.* — Os imperadores de Constantinopla, sem fé nem costumes, amparavam a ortodoxia ou o scisma, consoante as exigencias da sua ambição ; promoviam ás dignidades da Igreja seus predilectos e seus bajuladores. No trôno patriarcal de Constantinopla sentou um prelado que só contava dezeseis annos, vendia bispados em leilão, e, nas ceremonias santas, intrometia jogos, danças e espectaculos profanos. O imperador Nicephoro apoderou-se dos bens da Igreja e arrogou-se o direito de nomear os bispos e de crear novas sédes. A fé mingoava nessas terras do Oriente, outrora tão fieis : nesta época vemos sumir-se a lista, tão gloriosa em outras eras, dos patriarcas de Alexandria, e a mesma Igreja da Palestina não deixa vestigios da sua existentia. Nas provincias que ainda conservam a fé, paira um véu denso de vergonhosa ignorancia ; na sciencia divina, a historia pode apenas mencionar um nome, o de *Metaphraste*, que colecio-

nava então as vidas dos santos, porém sem criterio.
O mal não era lá muito menor no Occidente. A decadencia ia lavrando assombrosa. As invasões antigas e recentes têm destruido os mosteiros; não ha mais escolas, não ha mais ensino! Tão geral é a ignorancia que não ha quem possa julgar os negocios civis e criminaes. São substituidas as sentenças dos tribunaes por *ordalias* ou provas do juramento, do duelo, do ferro quente, e até da Eucharistia. A Igreja, na verdade, levanta seus protestos contra taes superstições; comtudo, ellas se arraigam mais e mais ao passo que vae desaparecendo a sciencia religiosa. Até nas fileiras do clero, a ignorancia chegou a tal extremo, que certos concilios, o de Trosly perto de Soissons (909), entre outros, estão constrangidos a ministrar as mais elementares noções da Religião aos padres cuja missão era instruir os povos. Era preciso remediar a esse estado; a reforma começou com a ordem monastica, e o Occidente foi o ponto de partida.

IV. *Reformas monasticas.* — 1º *Na França :* A' congregação de Cluny coube o honroso papel de preparar o renascimento dos estudos e o despertar da fé. Teve como fundador são *Bernon* (910), oriundo de uma das mais nobres familias da Borgonha. Deste mosteiro, onde recendiam a sciencia e a virtude que ali desabrochavam, a fama do santo religioso espalhou-se ao longe, e com ella a noticia da preciosa reforma que tinha realisado na ordem benedictina. Os successores de Bernon, santo *Odon*, que primeiro na Igreja celebrou a festa dos Finados, são *Mayeul* e santo *Odilon*, seus fieis discipulos, *Pedro o Veneravel*, uma das mais puras glorias de Cluny, herdaram-lhe as virtudes e continuaram-lhe a obra. O esplendor do culto, a regularidade dos oficios, o brilho da sciencia, a fragrancia das virtudes eram outros tantos atractivos que povoavam o mosteiro de almas fervorosas e a

celebre congregação de Cluny veiu a ser um manancial de homens apostolicos que haviam de levantar poderoso dique contra os extravios do *seculo de ferro* e renovar na França e na Europa o puro espirito do Christianismo.

2º *Na Alemanha :* Os exemplos de Cluny tiveram uma influencia saudavel na Lorena, e dali penetraram na Alemanha. São Brunon, arcebispo de Colonia e irmão do imperador Othon, teve um papel saliente neste despertar da fé e da piedade por todo o imperio. Esmerava-se em levantar igrejas, fundar mosteiros, escolher bispos cultos e virtuosos, empolgar a multidão com a pompa das ceremonias religiosas.

3º *Na Inglaterra :* Ali tambem, dava-se o mesmo despertar da fé e da Religião. Sob o reinado do piedoso rei Edgardo, um celebre abbade de Gastenbury, são Dunstan, entregou-se á reforma da vida religiosa. Promovido mais tarde á séde primacial de Cantorbery, edifica o universo por seus exemplos de santidade, move aos clerigos simoniacos e escandalosos uma guerra sem tregoas, cujos frutos ha de Gregorio VII recolher.

V. *A conversão dos Normandos.* — Outro facto que muito suavisou as dôres da Igreja foi a conversão dos Normandos de França. Debaixo do reinado de Carlos o Gordo esses destemidos barbaros tinham navegado no Sena, acampando na rica provincia que passou a chamar-se Normandia. Em 912, o rei Carlos o Simples fez ao chefe Rollon a proposta de abandonar-lhe definitivamente o terreno que ocupavam si consentissem em abraçar o Christianismo. Este era, de facto, o unico meio de livrar-se daquelles temerosos salteadores e de civilisal-os. Rollon anuiu, recebeu o baptismo e desposou a filha do rei da França. A conversão dos condes, dos cavaleiros e do povo todo seguiu a do chefe, e ao influxo benefico da Religião, deu-se uma

mudança completa nos costumes desses terriveis Normandos. O novo duque, chamado Roberto I, constroe igrejas, estabelece abbadias, faz florescer as letras, as sciencias, disciplina suas tribus e faz desta provincia a formosa e catolica Normandia.

ARTIGO III

O novo imperio do occidente

(962-999).

Papas.	*Papas*
João XII (956-964).	Bento VII (975-984).
Bento V (964-965).	João XIV (984-985).
João XIII (965-972).	João XV (985).
Bento VI (972-974).	João XVI (985-986).
Dono II (974-975).	Gregorio (996-999).

I. Restabelecimento do imperio do Occidente (962). — II. Conversão dos Polacos, dos Hungaros e des Russos. — III. Advento na França da terceira dynastia (987).

Restabelecimento do imperio do Occidente (962). A Italia andava completamente despedaçada, tyrannisada pelas lutas dos partidos, que impunham, cada um por sua vez, os seus apaniguados ou seus protegidos á Igreja. Um duque da Toscana, Octaviano, fez-se eleger papa sob o nome de João XII. Contava dezoito annos e trazia no solio pontifical todos os vicios de um devasso. Para remediar tantos males, era patente que se necessitava de uma aliança entre o sacerdocio e o imperio, entre o poder espiritual e uma autoridade temporal que o amparasse. João XII pelo menos o entendeu, e chamou a auxilial-o um principe da casa da Saxonia, então rei da Germania, *Othon*, mais tarde cognominado o *Magno*, o qual já tinha manifestado seu zelo para a Religião, combatendo os barbaros e esforçando-se por trazel-os para

a verdadeira fé. Em paga dos serviços que esperava delle, João XII lhe fez a proposta de formar outra vez a favor delle o imperio do Occidente. O principe, na frente de um exercito, libertou a Italia. Elle renovou as antigas dadivas feitas á Santa Sé por Pepino e Carlos Magno, e acrescentou sete cidades pequenas. A 13 de fevereiro do anno de 962, o papa consagrou solenemente Othon. O imperio do Occidente, assim restabelecido em proveito da Allemanha, tomou o nome de *santo imperio romano*. Devia ser o protector da santa Igreja; Othon tinha jurado nada fazer contra a soberania pontifical, e não exercer jurisdição alguma no governo dos Estados da Santa Sé, a não ser a pedido do papa. Breve quebrou a palavra, e a maior luta que sofreu o papado, lhe foi justamente movida por esse imperio que ella fundára.

II. *Conversão dos Polacos, dos Hungaros e dos Russos* (965-1000). — Ao nordeste das terras alemães, tinham levantado seus arraiaes as tribus slavas, conhecidas pelo nome de *Polacos* e *Russos*. Estes povos, ainda pagãos, sempre prontos para o saque e a desordem, não deixavam de molestar a Alemanha. Othon o Magno os subjugou e levou no meio delles o facho da fé.

A conversão dos *Polacos* começa para o anno de 965, com o duque *Micislau*, convertido por sua mulher, a princeza da Bohemia Dambrouka; continúa-se por seu filho *Boleslau* o *Intrepido*. A sede archiepiscopal de Gnesen e os bispados de Breslau, Cracovia e Kolberg foram creados nos fins do seculo decimo

Antes da conversão dos Russos, deve-se mencionar a dos *Hungaros* ou *Madgyares*, povo selvagem vindo da Scythia, o qual, depois de ter expulso e aniquilado os Avaros e Chazares, atormentava a Italia, as margens do Rheno, a Lorena e a propria França. Um monge grego, *Hierotheu*, pregou-lhes a fé catolica e

fez entre elles numerosas conversões. Nisto pára a obra da Igreja grega. Em 972, a Igreja da Alemanha proseguiu na evangelisação da Hungria; o duque *Geisa* recebeu o batismo das mãos de santo Adalberto, bispo de Praga. Seu filho, santo *Estevam da Hungria*, foi no mesmo tempo o heroe, o legislador e o apostolo da sua nação. Como premio do seu zelo, recebeu do papa Sylvestre II a corôa real, com o privilegio de mandar levar diante de si a cruz dupla e de tratar os negocios eclesiasticos como si fosse seu vigario (1000).

A conversão dos *Russos*, em 987, é a chave de ouro das conquistas evangelicas realisadas pela Igreja, nesse periodo tão calamitoso. Esta obra foi levada a efeito sob o duque *Wladimir*, pagão feroz e sanguinario, amansado e convertido pela mulher, a piedosa Anna, irmã do imperador grego Basilio. Os idolos foram derrubados; a nação em peso pediu o batismo. Os Russos foram encaminhados para a fé catolica por padres gregos, mas ficaram por emquanto unidos á Igreja romana.

Agora está ultimada a formação da Europa christã. Selvagens filhos do Norte, povos normandos, tribus slavas, Madgyares da Scythia, nações que viviam unicamente de roubo e sangue, esses barbaros todos prostraram-se reverentes aos pés de Jesus Christo e ufanam-se de serem filhos da Igreja. A Europa toda é catolica.

III. *Advento, na França, da terceira dynastia* (987). — Ao findar-se o seculo x, deu-se uma mudança na monarchia franceza. A raça dos Carlovingios se entibiava na indolencia; a dynastia de Carlos Magno, como a de Clovis, caia nas mãos de reis indolentes Eudes, conde de Paris, exercêra de facto um poder real, e seu filho, Roberto, fôra consagrado pelo arcebispo de Reims. Hugo o Magno apenas deixou ao

ultimo dos Carlovingios uma sombra de realeza. Morto Luiz o Preguiçoso, os senhores, reunidos em Noyon, deram o sceptro a Hugo Capeto, filho mais velho de Hugo o Magno.

O papa João XVI não teve que dar seu parecer a respeito desta mudança de dynastia. Manifesta somente sua intervenção para defender a liberdade da Igreja no momento em que Hugo Capeto quer depôr Arnaldo, arcebispo de Reims, pondo Gerberto em lugar delle. O pontifice protestou contra essa usurpação do poder temporal, e foi atendido. Roma advogou igualmente a favor dos direitos da Igreja e da honra do matrimonio christão contra Roberto o Piedoso, filho e successor de Hugo Capeto. Este principe desposára Bertha, parente sua, e não queria separar-se della ; Gregorio V lançou contra elle o raio da excomunhão. Roberto confessou sua culpa e soube fazer penitencia condigna. Tal exemplo de autoridade, de um lado, e de submissão, do outro, era o prenuncio de tempos mais felizes para aquelles que o presenciavam.

ARTIGO IV

Renascimento catholico

(999-1025)

Papas.

Sylvestre II (999-1003).
João XVII (1003).
João XVIII (1003-1009).

Papas

Sergio IV (1009-1012).
Bento VIII (1012-1024).

I. O Papa Sylvestre II ; despertar catholico. — II. Instituições christãs da idade media : 1° o direito de asylo ; 2° a tregua de Deus ; 3° a cavalaria ; 4° as romarias. — III. Ordens monasticas : religiosos do monte são Bernardo ; camaldulos ; ordem de Vallombrosa. — IV. — A santidade no trôno.

I. *O papa Sylvestre II ; despertar catolico.* — O papa que tomava assento no trôno de são Pedro, sob o nome de Sylvestre II, era o erudito monge *Gerberto.* Na-

tivo da Auvergne, convidado pelo arcebispo Adalberon para dirigir a celebre escola de Reims, tivera como discipulos reis e principes e a fama da sua sciencia tinha sido apregoada por toda a Europa. Do cargo que ocupava, foi elevado á sé metropolitana de Reims, mas vendo sua eleição invalidada por Gregorio V, acompanhou na Alemanha Othon III, seu antigo alumno, que lhe alcançou o arcebispado de Ravenna. Suas obras contribuiram eficazmente a revigorar o ardor para os estudos; á influencia que ellas exerceram atribue-se o principio de renascimento notado no fim do seculo x. Num pontificado curto, elle planeja e leva a efeito grandes cousas: a conversão dos Hungaros completou a sua obra; diz-se que foi elle quem iniciou o jubileu catolico; os historiadores o apresentam como dando a primeira idéa das Cruzadas num apelo vibrante dirigido á todo o Occidente christão. Esta peça famosa não traz o caracter da autenticidade; porém, Gerberto, por seu genio e seu nobre coração, merecia que a posteridade lhe atribuisse semelhante passo.

Um terror assombroso tinha pairado sobre o mundo nas proximidades do anno mil. Apoiada numa falsa interpretação do Apocalypse, a christandade julgava ter chegado ao fim. Sylvestre II teve que lutar contra este susto do povo; mas os raciocinios nada podiam com a superstição. Todavia passou o anno mil e não houve transtorno. O mundo ficou admirado e grato por estar vivo ainda. Ao temor succedeu a expansão de uma religião mais esclarecida; por toda a parte, piedosas deixas fizeram levantar-se igrejas, hospitaes, mosteiros. A architectura christã do seculo IX nos legou monumentos de um estylo chamado *romantico*, em breve substituido pela arte gotica. Esse movimento religioso é geral; dir-se-ia que o mundo, salvo da destruição vae recomeçar vida nova.

II. *Instituições christãs da idade media.* — Numerosas são as instituições que se originaram neste impulso de fé generosa e cavalheiresca. Contemplemos aqui as que desempenharam papel mais proeminente na transformação de uma sociedade barbara na sociedade christianissima da idade media : o direito de aslyo, a tregua de Deus, a cavalaria, as romarias.

1º *O direito de asylo.* — Outrora, certos lugares privilegiados, os templos, os largos onde se erguiam estatuas dos imperadores, podiam servir de abrigo aos culpados, como as cidades de refugio entre os Hebreus. Os primeiros imperadores catolicos tinham conferido ás igrejas o direito de asylo ; no seculo IX, foi dado tambem aos mosteiros, que se tornavam, deste modo, uma garantia preciosa contra os abusos da força.

2º *A tregua do Deus.* — A feodalidade tinha acarretado guerras continuas entre os senhores ; não havia socego em parte nenhuma. A Igreja, que não podia suprimir a guerra, trabalhou por amenisar-lhe os rigores, instituindo para o anno mil a *tregua de Deus.* As primeiras ordens prohibiam qualquer luta da quarta-feira, de tarde, até a manhã da segunda-feira de cada semana da Quaresma e do Advento; a excomunhão seria o castigo dos rebeldes, e uma milicia permanente zelava pela execução da lei. A *tregua de Deus*, depois, abrangeu mais do Advento á oitava da Epiphania, da dominga da Quinquagesima até á oitava da Paschoa, da dominga antes da Ascensão até á oitava de Pentecostes. A prohibição existia da mesma fórma para os dias de festa. As igrejas, os claustros, os cemiterios, as crianças, os velhos, as mulheres, os clerigos, os negociantes e os levradores estavam colocados sob o amparo das leis que regulavam essa benefica instituição.

3º *A cavalaria.* — E' obra creada pela Igreja no seculo XI, com duplo fim : dar aos ardores belicosos da

aristocracia um escopo mais alevantado, e salvar os fracos da opressão da força bruta. O cavaleiro passava a ser o soldado de Deus e da Igreja, o protetor do fraco, o defensor de viuva e do orpham. Um noviciado demorado preparava á dignidade de cavaleiro. O eleito, na vespera, se dispunha ao acto pelo jejum, a oração, a confissão e a comunhão. « Em nome de Deus, de são Miguel e de são Jorge, dizia-lhe o padrinho, batendo tres vezes nelle com a espada, faço-te cavaleiro. Sê magnanimo, valente e leal ! » A' esta instituição chrsitã a nobreza deve o sentimento delicado de honra e de lealdade que sempre a distinguiu.

4º *As romarias.* — Nesta mesma época, irresistivel atractivo manifesta-se para as peregrinações longinquas. A visita aos lugares santos sempre tinha sido praticada ; mas no seculo XI, verdadeiros exercitos de romeiros partem em demanda da Palestina, a contemplar a terra santificada pelos passos de Jesus Christo ; é neste movimento que se originam as expedições guerreiras que se chamarão *cruzadas.* Depois de Jerusalem, procuram os fieis Roma e o tumulo dos santos apóstolos, a Galicia e o tumulo de são Thiago de Compostela. Não admira, si as romarias são a expressão viva da fé, do enthusiasmo e do amor.

III. *Ordens monasticas : religiosos do monte São Bernardo ; Camaldulos ; ordem de Vallombrosa.* — A fé nunca deixou de ser prolifera em obras de zelo e de caridade. No seculo XI, ella produziu um novo resurgir de ordens religiosas.

1º No vertice dos Alpes, são *Bernardo de Menthon*, descendente de uma ilustre familia da Saboia, funda a heroica ermida do grande São Bernardo. Ali, piedosos monges terão, como tarefa especial, de expôr-se a mil perigos, em meio das neves, para auxiliarem os viandantes tresmalhados ou moribundos. Quem não sabe da tão falada hospitalidade caridosa dos *reli-*

giosos do São Bernado, morando em cima do rochedo, no proprio seio das tempestades (1008) ?

2º *São Romualdo*, um descendente dos duques de Ravenna, desgosta-se da vida mundana, e sente-se levado para o claustro pelo espirito de penitencia ; nas montanhas dos Apeninos, elle faz reviver as virtudes dos solitarios da Thebaida, com os usos monasticos da ordem de são Bento. Em breve, cercado de uma multidão de noviços, deve construir numerosos mosteiros. Seus religiosos tomaram e conservaram o nome de *Camaldulos*, em memoria da ermida feliz que lhes tinha concedido o senhor Maldoli ; ermida chamada o *Campo Maldoli* (1012).

3º Em outro valle dos Apeninos, são *João Gualberto* fundava para a mesma época (1015) a ordem de *Vallumbrosa* (*vallis Umbrosæ*). Gualberto era um nobre florentino. No momento em que elle estava para tirar vingança do assassino do irmão, o desgraçado pediu-lhe perdão em nome de Christo ; o arrependido estava de joelhos, sem armas, os braços estendidos em forma de Cruz ; era na sexta-feira santa. O cavaleiro perdôou e tornou-se um monge heroico. Sua ordem prosperou com a regra de são Bento restaurada no seu primitivo rigor.

IV. *A santidade no trôno.* — Espectaculo que prende o olhar maravilhado é aquelle que se nos depara no fim do seculo x, na maior parte das côrtes da Europa.

Na França, o rei Roberto aliava uma piedade terna á mais ardente caridade ; expiava na paciencia e na humildade um momento de desprezo para com as santas leis da Igreja ; da sua lavra seriam o *Veni, creator*, e varios outros dos nossos mais bellos hymnos.

A Espanha admirava, em oposição á perversidade musulmana, as virtudes da piedosa princeza Elvira. A Inglaterra possuia o rei Edgardo que nomeava

suas delicias e santo Eduardo o Moço. Na Alemanha, brilhavam santa Mathilda, mãe de Othon o Magno e santa Adelaida, sua esposa. Na Bohemia, o poder estava nas mãos do duque Wenceslau, tão piedoso para com a santissima Eucharistia. A Dinamarca tinha como rei santo Haroldo, verdadeiro apóstolo das terras do Norte. A Hungria vivia dias venturosos sob o sceptro de santo Estevam.

Isto era apenas a aurora; no começo do seculo XI, vemos uma nova geração de santos sentar no trôno. São Canuto II, rei no mesmo tempo da Dinamarca e da Inglaterra; na Alemanha, Henrique II e sua esposa, santa Cunegunda, merecendo ambos as honras de um culto publico; na Noruega, santo Olau, distinto por sua piedade como por seu valor; outro Olau, cunhado daquelle, arauto da fé catolica em toda a Suecia; na Polonia, o rei Casimiro I, exornado de todas as virtudes do claustro; entre os Slavos, seu chefe são Gothescale, e na Inglaterra, o rei santo Eduardo o Confessor a curar os males da invasão dinamarqueza: taes são os magnos vultos que mostram os frutos maravilhosos deste despertar da fé catolica, iniciado no fim do seculo X.

ARTIGO V

Consumação do scisma grego.

(1025-1054).

Papas.	*Papas*
João XIX (1024-1033).	Clemente II (1046-1047).
Bento IX (1033-1045).	Damasio II (1047-1049).
Gregorio VI (1045-1046).	S. Leão IX (1049-1055).

I. Novas pretensões dos patriarcas de Constantinopla. — II. Miguel Cerulario, consumação do scisma (1054). — III. Synchronismo: heresia de Berengario no Occidente.

I. *Novas pretensões dos patriarcas de Constantinopla.* — Em contraste ao lindo painel que temos con-

templado no Occidente, cumpre consideremos agora o Oriente, esteril desde tanto tempo, caminhando de passos largos para o scisma definitivo e a ruina. Os patriarcas de Constantinopla, de tal maneira tinham caido sob o jugo dos imperadores, que nas mãos destes, não passavam de joguetes, instrumentos de caprichos e paixões. A unica cousa que elles pediam, era a posse do titulo de *patriarca ecumenico* com jurisdição universal sobre todo o Oriente. Em 1024, o patriarca Eustatho II, de acordo com o imperador Basilio II, solicitou do papa João XIX este titulo ambicioso que era a mascara da cubiçada separação. Todos a uma voz protestaram junto com o papa, contra tal ofensa á primazia romana.

Os patriarcas de Constantinopla não desistiram das suas pretensões; já o successor de Eustatho, num concilio dos bispos do Oriente, fazia regulamentos para a administração das dioceses, com os bispos submetidos aos metropolitanos, e os metropolitanos aos patriarcas sem fazer caso da autoridade de Roma.

II. *Miguel Cerulario ; consumação do scisma* (1054). — Antes de ser promovido á sé de Constantinopla, pelo favor do imperador Constantino Monomaco, Miguel fôra fabricante de cera, — daí o nome de *Cerulario*, — depois tinha sido conspirador e monge. No solio episcopal, elle apenas trazia sua ambição e sua falsidade ; logo, escreveu uma carta destinada ao papa ; tinha ajuntado nella as censuras ridiculas ou odiosas que Phocio já tinha formulado contra a Igreja romana : o celibato dos padres que elle acusava de manicheismo, e a adição ao symbolo do *Filioque*. Acrescentava a censura de usar de pão azymo ou não levedado para a consagração, de não jejuar, como os Gregos, no sabbado ; de comer carnes sufocadas ; de não cantar a *Alleluia* durante a Quaresma ; de não levar a barba, etc. O papa são Leão IX teve a con-

descendencia de opôr a estas censuras tão insignificantes, uma carta bondosa, em que elle mostrava quão pouco as merecia e a nenhuma importancia que tinham. Depois, alçando-se nas alturas da doutrina onde era conveniente colocar-se, elle evidenciou que a Igreja romana sempre foi limpa de qualquer erro, emquanto o Oriente e Constantinopla têm sido o berço de todas as heresias, desde Ario até os ultimos partidarios do *monothelismo*.

Legados tinham recebido a incumbencia de levar essa mensagem pontifical. Miguel Cerulario não quiz comunicar com elles. A excomunhão foi lançada na basilica de Santa Sophia, contra o patriarca scismatico, e contra todos aquelles que impugnassem a fé da Santa Sé e os usos da Igreja latina. Miguel respondeu convidando alguns bispos para um conciliabulo no qual elle, por sua vez, pretendeu excomungar os legados e riscar o nome do papa dos dypticos sagrados. Escreveu aos outros patriarcas do Oriente e conseguiu alistal-os no seu partido. Logo o scisma foi consumado ; todavia, uma minoria de bispos e de christãos fieis ficou em comunicação com a Santa Sé e formou a *Igreja grega unida ;* os outros constituiram a Igreja grega chamada *ortodoxa*, mas cujo nome verdadeiro é *scismatica*.

III. *Synchronismo : heresia de Berengario no Occidente.* — Reitor, e depois arcediago em Angers, espirito tão atrevido como superficial, mais racionalista do que teologo, Berengario reeditou o erro de *João Scot-Erigene* contra a divina Eucharistia. Não queria entender nas palavras da consagração sinão uma simples metaphora, e negava portanto não somente a *transubstanciação*, isto é, a mudança do pão e do vinho no corpo e no sangue de Jesus Christo, mas até, a *presença real* de Jesus Christo debaixo das especies sacramentaes. Sua doutrina levada até

acoimar a Igreja de idolatria, excitou, primeiro nas Gallias e depois no Occidente inteiro, universaes protestos. Nesta energica manifestação da fé da Igreja, distinguiu-se particularmente a voz do celebre Lanfranc que dirigia uma escola na abbadia do Bec, na Normandia, e a voz mais solene ainda do papa Leão IX, o qual, num concilio de Roma (1050), condenou como heresias as proposições de Berengario. Onze concilios, com oito papas, de 1050 a 1095, lançaram o anatema contra seus erros, tal era a gravidade desta questão, o mesmo centro da Religião e do Christianismo. Ás vezes arrependido, outras vezes relapso, Berengario acabou por se retractar completamente e deixou a seguinte profissão de fé, que resume o dogma catholico definido pelos varios concilios que lhe condenaram os erros : « Eu creio de coração e confesso de boca que o pão e o vinho oferecidos no altar são substancialmente mudados na carne e no sangue de Jesus Christo, e tornaram-se, depois da consagração, o verdadeiro corpo de Christo, nascido da Virgem, pregado na cruz, sentado agora á direita do Padre »

A heresia de Berengario, condenada pelo proprio autor, foi logo aniquilada. Mas os protestantes hão de renoval-a no seculo XVI.

CAPITULO V

A Igreja e o Imperio.

(1054-1305)

Vista geral. — Divisão deste capitulo.

No seculo XI, deparamos com um problema de cuja solução dependem os destinos da Europa e do mundo. Será a Igreja escrava desse imperio alemão creado ha pouco por ella e que tenciona vergal-a ao jugo do poder leigo? Ou então, conseguirá ella manter sua independencia temporal, resistir aos imperadores, e, desta maneira, conservar ilesa sua liberdade inteira e plena no exercicio do poder espiritual? Para a Igreja, era uma questão de vida ou morte. Si acontecesse o poder secular levar a efeito seus intentos tyranicos, era a ruina do Christianismo. Si, pelo contrario, a Igreja ficasse senhora dos seus dominios, estavam garantidas a segurança dos trônos, a ventura dos povos, a liberdade para o bem, numa palavra, a prosperidade da Religião.

Ora entre os dois poderes, foi renhida e demorada a luta; durante seculo e meio, vamos ver a Igreja a braços com o poder secular; é o periodo tantas vezes chamado : *luta do sacerdocio e do imperio*. Houve tres phases principaes neste longo combate entre o papado e o imperio alemão; veremos suas peripecias desde a *controversia das investiduras* até o triumpho definitivo do papado sobre Frederico II (1074-1245).

E' no meio dessa luta do *sacerdocio* e do *imperio*, que se realisou a obra mais assombrosa e de maior monta da idade media toda : a obra das *cruzadas*.

Iniciadas em 1095 no concilio de Clermont, as cruzadas terminam em 1270 com a morte de são Luiz : oito expedições mais ou menos felizes ensinam ao Oriente, quando menos, o respeito do Occidente e salvam a Europa do jugo aviltante do islamismo.

A Igreja, porém não fica ociosa em meio dessas agitações da nova Europa. Seis concilios geraes reunidos no Occidente, desde 1123 até 1274, manifestam a fcrça vicejante do papado que nada pode desviar da sua missão : victoria da verdade e morte do erro. Neste periodo justamente, vae surgir o erro debaixo de outra capa. O erro idolatra foi debelado com o paganismo ; o erro dogmatico concretisado nos grandes heresiarcas tem sido enfreado pelos concilios ; eis agora o erro oculto, a serpejar, das sociedades secretas, tornando-se fanatico e revolucionario com os *Valdenses* os *Albigenses*. Novos concilios lançar-lhe-ão o anatema.

O seculo XII passa por um dos mais ricos : presenciou o poderoso despertar do pensamento humano que personificam Roscelino, Abailard, e melhor, santo Anselmo, Guilherme de Champeaux e sobretudo são Bernardo ; appareceram novas ordens religiosas e militares ; muitos vultos proeminentes na sciencia e na santidade o ilustraram. O seculo XIII eclipsou o precedente com seu triplice diadema na fronte : esplendores da fé, fulgor da santidade, obras solidas e fecundas. De facto, esse seculo não apresenta somente o reino deslumbrante da Igreja com Innocencio III ; mostra-nos mais os esforços ingentes feitos pelos concilios de Latran e de Lyão para trazer ao aprisco da verdade os valdenses e albigenses, e reunir na fé catolica o Oriente separado de Roma. Vemos a santidade ter assento no trôno com são Luiz, nas cathedras do ensino com santo Thomaz e são Boaventura ; vemos a Igreja mãe da sciencia e do genio como é mestra e defensora da fé : hajam vista as universidades, as

nossas soberbas catedraes, e aquelle monumento immortal da sciencia divina e humana, a *Somma* theologica de santo Thomaz de Aquino.

Neste dedalo de factos historicos acima apontados, temos de indicar os pontos principaes em que nos demoraremos. O capitulo constará de sete artigos com os seguintes titulos : 1º *Questão das investiduras*, ou primeira luta do *papado contra o imperio;* começa com Gregorio VII e acaba com o primeiro concilio de Latran (1054-1123) ; neste periodo encontramos Urbano II, o papa da primeira cruzada ; 2º *São Bernardo e sua época :* o inclito monge de Clairvaux occupou lugar tão saliente na historia religiosa e politica do seu tempo ; preencheu na Igreja uma missão de tanta relevancia que é natural agruparmos em redor deste nome refulgente os principaes successos realisados desde 1123 até 1153, data da sua morte ; 3º *Segunda luta do papado contra o imperio alemão :* Frederico I, vulgo Barbaroxa, personifica o poder hostil á Igreja, neste periodo, desde 1153 até 1198, que vê apparecer os *Valdenses* e os *Albigenses* condemnados no concilio de Latran ; 4º *Grandeza do reino da Igreja :* é a época brilhante de Innocencio III, assignalada pela quarta cruzada e pelo quarto concilio de Latran ; o poder pontifical se exerce plena è livremente sobre a Europa christã (1198-1216) ; 5º *Terceira luta do papado contra o cesarismo alemão :* as tentativas impias de Frederico II, as cruzadas quinta e sexta, o primeiro concilio de Lyão são os magnos factos desse tempo atormentado cujo desfecho, comtudo, é o triumpho da Igreja (1216-1245) ; 6º *Os esplendores de um reino catolico :* com o governo de são Luiz, terminam as cruzadas ; a santidade refulge no trôno, a sciencia catolica atinge as culminancias com santo Thomaz de Aquino, e a Igreja exerce com o maior socego a sua benefica influencia (1245-1270) ; 7º *O fim do seculo XIII :* neste periodo, presencia-

mos o segundo concilio de Lyão, em que parece assente a paz entre a Igreja grega e a Igreja latina; a contenda entre Philippe o Bello e Bonifacio VIII, acaba com o triumpho do papado. Num relance, contemplaremos as obras e instituições religiosas, encerrando assim o capitulo.

ARTIGO I

As investiduras. — Primeira luta do Papado contra o imperio

(1054-1123).

Papas.	*Papas*
Victor II (1055-1057).	Victor III (1085-1088).
Estevam IX (1057-1059).	Urbano II (1088-1099).
Nicolau II (1059-1061).	Pascal II (1099-1118).
Alexandre II (1061-1073).	Gelasio II (1118-1119).
Gregorio VII (1073-1085)	Calixto II (1119-1124).

I. O monge Hildebrando, eleito papa sob o nome de Gregorio VII (1073). — II. As *investiduras* : corajosa oposição do pontifice ás pretenções de Henrique IV. — III. O papa Urbano II e a primeiro cruzada (1095). — IV, Novas ordens religiosas. — V. Fim da questão das investiduras : concordata de Worms. — VI. O primeiro concilio de *Latran*, 9° ecumenico (1123).

I. *O monge Hildebrando, eleito papa sob o nome de Gregorio VII* (1073). — Hildebrando, romano por nascimento, fôra educado no mosteiro do Monte Aventino. Criança ainda, brincava com pedacinhos de pau, e com sua mão inconsciente, formava as palavras desse texto de um psalmo de David que vaticinava seu destino : « Ha de imperar de um mar até o outro, e até as extremidades da terra. » Sub-diacono da Igreja romana, cabe-lhe, debaixo de cinco pontifices, desde Leão XIII até Alexandre II, o desempenho de encargos espinhosos : é arcediago, chanceler, legado. E' o conselheiro dos papas ; elle trata os negocios da sua eleição ; sob Nicolau II, elle leva um concilio a sentenciar que, dora em diante, a sua promoção será

confiada exclusivamente aos cardeaes ; elle participa especialmente á obra da reforma do clero.

Em 1073, Hildebrando sobe neste trono que havia de receber delle tamanho lustre, e toma o nome de Gregorio VII. Dois beneficios imensos resultaram do seu governo : a santificação do clero e a libertação da Igreja. No anno imediato á sua promoção, o santo papa, num concilio reunido em Roma, promulgou contra os clerigos simoniacos, casados ou devassos, decretos rigorosos, e a excomunhão contra qualquer leigo que entrasse em relação espiritual com taes transviados, pela recepção dos sacramentos : o remedio era adequado ; naquella idade de fé viva, fazia-se o isolamento em redor dos culpados obstinados. Essa providencia surtiu o almejado efeito, mas houve tremendas lutas. Nessa tarefa melindrosa, Gregorio VII foi auxiliado na Italia, por são *Pedro Damiano*, um daquelles homens que a Providencia suscita nas horas angustiosas de maior perigo. Nem as revoltas de clerigos indignos, nem as violencias do prefeito Cencio conseguiram tolher a vontade ao sumo pontifice no seu plano de revigorar no clero, e por este, no povo catolico, a pureza dos costumes. Seu papel na libertação e a independencia da Igreja é bem visivel na questão das *investiduras*.

II. *As investiduras : corajosa oposição do pontifice contra as pretenções de Henrique IV.* — Na Alemanha, os bispos e os abbades possuiam, como feudos, dominios da propriedade do imperador e pelos quaes tinham de lhe prestar juramente de fé e homenagem, como os senhores ao seu soberano. Com o correr dos annos, porém, os imperadores allemães imaginaram que lhes competia o direito de prover á vacancia dos bispados e das abbadias, e, muitas vezes, davam esses proventos a creaturas suas. Os novos titulares entravam no gozo dos beneficios pela recepção das insi-

gnias do poder espiritual : era a tal chamada *investidura pelo baculo e pelo annel.* Para que ninguem lhes pedisse contas dessa usurpação do direito eclesiastico, os imperadores da Alemanha procuravam influenciar a eleição dos papas, não deixando subir no solio pontificio sinão homens que lhes fossem afeiçoados. Era o avassalamento da Igreja debaixo do poder temporal.

Gregorio VII, em 1175, num outro concilio de Roma, sentenciou o anatema contra quem houvesse conferido ou recebido poderes ou dignidades por meio de tal *investidura.* Apezar desta ordem, Henrique IV ia continuando nos seus abusos lastimaveis ; além disso, perturbava a Igreja e o imperio com seus crimes, suas violencias, suas desordens. Gregorio VII chamou o culpado a seu tribunal para prestar contas. Henrique IV, em resposta, convocou um conciliabulo que declarava Gregorio VII deposto do seu cargo. O sumo pontifice pronunciou contra Henrique a sentença de excomunhão, e desligou seus subditos do juramento de fidelidade, segundo o pedido que lhe tinham dirigido os senhores da Saxonia. Entretanto, o anatema tornava-se efectivo somente no caso do imperador não se submeter no prazo de um anno. Veiu, humilde em Canossa, nos Estados da condessa Mathilde, fazer acto de desagravo e pedir o perdão. O pontifice consentiu em absolver o culpado, mas o arrependimento era fingido, e as promessas dadas não foram cumpridas. Os principes alemães elegeram-lhe um successor na pessôa de Rodolpho, duque da Suabia. Vencedor do seu rival, Henrique IV conquistou a Allemanha, fez nomear um antipapa, Guiberto, arcebispo de Ravenna, e marchou contra Roma. Foi Roberto Guiscardo e seus Normandos que salvaram a Gregorio VII a vida e a liberdade. O papa fugitivo morreu em Salerna, pronunciando esta ultima palavra que syntetisa seu pontificado : « Eu amei a justiça e

odiei a iniquidade; por isso é que estou morrendo no exilio. » Perseguido pelos proprios flhos, vencido e deposto na assembleia de Moguncia, Henrique IV faleceu miseravelmente, pouco depois, em Liège (1106).

III. *O papa Urbano II e a primeira cruzada.* — Depois de Victor IV, successor de Gregorio VII, um grande papa, de origem franceza, ha de abalar o mundo catolico. Nascido na diocese de Reims, ilustrado discipulo de são Bruno, conego, e arcediago da egregia metropole, Odon fez-se monge de Cluny; mas as honras vieram-lhe ao encontro. Gregorio VII o fez cardeal-bispo de Ostia; papa sob o nome de Urbano II, envida suas forças e seu genio em pugnar pelos direitos sagrados da Igreja e pela salvação da civilisação chiistã. Elle lembra as santas leis da Igreja aos reis de França e da Inglaterra, Philippe I e Guilherme o Vermelho; reune concilios para protestar contra as usurpações e as investiduras leigas, e no mesmo tempo, volve seus olhares paternos para os christãos da Palestina, avassalados pelos Turcos Seldjucidas.

Os romeiros da Terra santa faziam na volta uma descripção medonha das desgraças de Jerusalem, da profanação dos lugares santos, dos vexames que soffriam os christãos. Comovido pelas queixas de Simeão, patriarca de Jerusalem e pelas cartas suplicantes do imperador de Constantinopla, Alexis Comnenos, Urbano II resolveu-se a providenciar. Em Plaisança, depois em Clermont (1095) o santo papa dirigiu á Europa christã um apelo vibrante que despertou irresistivel entusiasmo; em Clermont rebôou um immenso grito do fé e de coragem : « Deus o quer! Deus o quer! » O Occidente em peso se poz a caminho; a cruz vermelha pegada ao hombro é o distintivo dos cruzados. Seiscentos mil homens, francezes na maior parte, sáem ás ordens dos senhores e

sob a direção espiritual de Ademar, bispo do Puy. Fôra prometida a indulgencia plenaria a quem tomasse a cruz ; sua familia era confiada á Igreja e posta debaixo da proteção e salvaguarda da *tregua de Deus.*

Mal dirigida embora, a expedição deu em resultado a tomada de Nicêa, de Antiochia, e de Jerusalem após quarenta dias de cerco. *Godofredo de Bulhão,* duque da baixa Lorena, foi aclamado rei de Jerusalem, mas não quiz levar sinão o titulo de « defensor e barão do santo sepulcro ». Dois patriarcas latinos foram estabelecidos em Jerusalem e em Antiochia.

A' primeira cruzada prende-se a instituição de duas *ordens militares* estabelecidas para a defeza do paiz : a dos *cavaleiros de são João de Jerusalem*, chamados depois *cavaleiros de Malta*, e a dos *cavaleiros do Templo.* Aos primeiros estava confiada a defeza de um hospital destinado aos peregrinos : religiosos e militares a um tempo, pronunciavam os tres votos e faziam profissão de proteger os christãos contra os infieis. A segunda ordem, a dos *Templarios*, foi fundada em 1118, numa casa visinha do antigo templo de Salomão. Os *cavaleiros do Templo*, como os de São João, adoptaram a regra de Santo Agostinho ; elles consagravam sua espada á defeza da fé e faziam o voto de morrer para manter a Religião e a honra de Jesus Christo. Traziam o habito branco e uma cruz vermelha ; os cavaleiros de são João tinham a capa preta com uma cruz vermelha de oito pontas, chamada *cruz de Malta.*

IV. *Novas ordens religiosas.* — Urbano II falecêra antes de ter sido informado do exito da cruzada. Debaixo do seu pontificado, nasceram ou desenvolveram-se tres novas ordens religiosas.

1º *A ordem dos Cartuxos* (1084). — São Bruno, lente e conego em Reims, tinha sido o mestre de Urbano II, nas escolas desta cidade. Nem a fama da

sciencia, nem as honras o puderam abalar. » Os ignorantes, dizia elle com santo Agostinho, são o encanto do céu e conquistam-no, emquanto nós, com nossa sciencia toda, nos atolamos nos negocios mundanos.» Na idade de quarenta e sete annos, acolheu-se perto de Grenoble, nos montes selvaticos da Grande Chartreuse, e fundou a ordem austera que ainda hoje existe com o nome de *Cartuxos*. O isolamento, o silencio, a prece contemplativa, a vida penitente, a abstinencia continua, jejuns frequentes, e como distração, o trabalho manual, taes são as praticas desta ordem.

2º *A ordem de Fontevrault* (1094). — O fundador foi Roberto de Arbrissel. Oriundo da Bretanha, esse homem extraordinario recebeu de Urbano II a incumbencia de pregar por toda a França uma cruzada de penitencia. Seu zelo e sua caridade lhe deram um exito feliz. Homens e mulheres acompanhavam, discipulos fervorosos, os passos do missionario. Construiu, para elles, dois mosteiros em Fontevrault, no Anjú. Deu á piedade dos seus religiosos, como objecto especial, o culto da santissima Virgem, com o empenho de trazer a Deus as almas arrependidas.

3º *A ordem de Cîteaux* (1098). — Roberto de Molesme, expulso do proprio mosteiro por monges relaxados, tinha-se retirado na solidão de Cîteaux, na Burgonha. Deu-se ao trabalho de reavivar a regra de são Bento, restituindo-lhe a pureza, o vigor dos primeiros tempos. Seus monges vestiam o habito branco como distintivo dos de Cluny cujo habito era preto. A entrada, no convento de Cîteaux, do joven religioso que havia de ser são Bernardo, trouxe maravilhoso incremento a esta reforma. No momento em que começava a decadencia de Cluny, os *cistercenses* espalharam-se por toda a Europa ; sua ordem ocupou a vanguarda das grandes fundações monasticas, e salientou-se por sua sciencia e sua santidade.

4º *A ordem de Premontré* (1120). — Si bem que

uma fundação posterior, estudamos a dos Premonstratenses junto das precedentes por ella completar este novo impulso da vida monastica. Um joven fidalgo, feito penitente e monge por uma graça repentina, são Norberto, instituiu essa ordem de conegos regulares, debaixo da regra de santo Agostinho, na diocese de Laon, em um deserto chamado *Premostrado*. Com as observancias monacaes, Norberto impoz a seus discipulos o cuidado das almas, a solenidade do culto divino, a pregação e o apostolado nos paizes herejes. O santo fundador faleceu, quando arcebispo de Magdeburgo.

V. *Fim da questão das investiduras : concordata de Worms* (1122). — Acalmada durante a primeira cruzada, a contenda a respeito das investiduras tornou-se de novo accesa com Henrique V da Alemanha que destronára o pae para poder reinar. Tinha vindo em Roma receber a unção do Pascal II e fizera esplendidas promessas que não cumpriu ; lançou o papa numa masmorra depois de ter extorquido a concessão das investiduras, concessão esta que a victima de taes violencias negou logo depois. Gelasio II teve igualmente de exilar-se. Eleito papa, Calixto II condenou outra vez as investiduras ; chamou ao concilio de Reims o imperador que não se apresentou. O papa então pronunciou contra Henrique V a excomunhão solene e desligou seus subditos do juramento de fidelidade. Finalmente, Henrique V submeteu-se.

A *concordata de Worms* (1122) terminou definitivamente a pendencia. Esta acta importante faz no bispo a distinção entre o *pontifice* e o *senhor temporal*. Como *pontifice*, só depende do papa ; como *senhor*, recebe os seus dominios do imperador ou do rei. Dali a seguinte conclusão que resguarda a um tempo a autoridade espiritual da Igreja e a autoridade temporal dos principes : « O imperador compromete-se a restituir

á Igreja os bens usurpados; deixa aos capitulos a eleição dos bispos, aos monges a dos abbades e renuncia ao privilegio de conferir a investidura pela mitra e o baculo, symbolos de autoridade divina. O papa concede ao imperador o direito de investir pelo sceptro os bispos e abbades que possuem feudos do reino; nas eleições, poderá somente dar seu parecer em caso litigioso. » A independencia da Igreja estava emfim reconquistada, e autenticamente reconhecida.

VI. *O primeiro concilio de Latran, nono ecumenico* (1123). — Para confirmar solenemente as clausulas deste compromisso, e tambem para, de modo mais completo,reformar os abusos que assolavam a Igreja, Calixto II reuniu em Roma um concilio ecumenico, na basilica de Latran. Trezentos bispos e mais de seiscentos abbades tomaram parte nesta assembleia. O concilio aprovou a concordata de Worms e a abolição das investiduras. Não promulgou decreto nenhum respeitante a fé, mas fez vinte e oito canones disciplinares de alta importancia, no tocante á simonia, e á incontinencia dos clerigos, á regularidade das ordenações, á distribuição dos beneficios, á investidura dos novos titulares, á observancia da *tregua de Deus*, á guerra contra os infieis, ás relações dos bispos com os mosteiros, etc. Mais a obra de maior monta do nono concilio ecumenico foi dar a sua sanção á independencia da Igreja e do papado em frente da ambição dos principes germanicos.

ARTIGO II

São Bernardo e sua época.

(1123-1153).

Papas.

Honorio II (1124-1130).
Innocencio II (1130-1143).
Celestino II (1143-1144).

Papas

Lucio II (1144-1145).
Eugenio III (1145-1153).

I. Os *nominalistas e os realistas* : erros de Roscelino e Abailard. — II. São Bernardo, fundador e abbade de Clairvaux (1113) ; seu papel como sabio e como santo. — III. Os novos manicheus do seculo XII. — IV. Segundo concilio de *Latran*, 10° ecumenico. — V. A segunda cruzada (1147) pregada por são Bernardo.

I. *Os nominalistas e os realistas : erros de Roscelino e de Abailard.* — O fim do seculo XI fôra assignalado pelo despertar da philosophia antiga ; formou-se uma dupla corrente : a que procurava basear a fé nos simples argumentos da philosophia humana e a que iluminava a sciencia pela fé. Estes dois movimentos do seculo XII concretisam-se em Abailard e são Bernardo. Mas o racionalismo de Abailard tinha brotado das theorias anteriores do monge *Roscelino*, conego de Compiègne. Espirito mesquinho e egoista, apoucado, escravo das suas proprias idéas, Roscelino formou o proposito de substituir suas opiniões ao dogma catolico. Aventou a questão dos *nominalistas* e dos *realistas*, questão meramente philosophica, tirada de Aristoteles ; mas breve resvalou no dominio da teologia, e aplicando o seu nominalismo á Trindade, supprimiu a natureza divina como uma palavra sem realidade, vendo apenas esta realidade nas tres pessôas. Em philosophia, Roscelino teve como antagonista o celebre *Guilherme de Champeaux*, bispo de Châlons ; seus erros sobre a Trindade foram condenados no concilio de Soissons. Recolhendo-se á Inglaterra, deparou

com outro atleta, santo *Anselmo*, nascido na França, e feito arcebispo de Cantorbéry, mestre abalisado na sciencia sagrada, que lhe rebateu as falsidades no livro : *Da Trindade e da Incarnação contra Roscelino.*

O tão falado Abailard discipulo de Guilherme de Champeaux, nas escolas de Paris, revoltou-se contra o mestre, continuou o *nominalismo* de Roscelino e fundou a famosa escola de Santa Genoveva onde se abrigaram milhares de discipulos. Sua sciencia, seus dotes oratorios, e sua historia escandalosa, lhe grangearam ruidosa e pouco invejavel fama. O systema de Abailard consistia em esquadrinhar os mysterios da fé á procura da verdade por processos unicamente racionaes ; era prescindir da revelação e do seu testemunho em beneficio da razão humana. Forte dique precisava embargar o passo á onda racionalista : esta obra, realisou-a magnificamente são *Bernardo.*

II. *São Bernardo, fundador e abbade de Clairvaux* (1113) ; *seu papel como sabio e como santo.* — Joven fidalgo da Borgonha, Bernardo viera, na flôr da idade, bater na porta do mosteiro de Cîteaux e envergar o habito religioso. Mais alguns annos, e era o monge mais humilde, mais sabio, mais austero. A seu exemplo, seus irmãos, e seu proprio pae tinham entrado no claustro, e com elles, inumeros discipulos; quatro abbadias, sucursaes de Cîteaux agasalharam os recem-chegados. Bernardo teve que dirigir a nova fundação de *Clairvaux*, na diocese de Langres. E' ali que escreveu suas obras admiraveis e teve na sua familia espiritual até setecentos religiosos. Elle se mostrou o adversario denodado e temivel de todos os erros que despontavam então. Em Anvers, um fanatico, por nome *Tanquelino*, vituperava o clero, a jerarchia eclesiastica, a graça e os sacramentos. Bernardo o reduziu ao silencio. Abailard, condenado no concilio de Soissons, continuava dogmatisando : o

inclyto monge de Clairvaux vence-o e não lhe deixa outro recurso sinão ir terminar em Cluny, na penitencia, a sua vida procelosa. Outro sectario, Gilberto da Porêa, bispo de Poitiers, atreve-se a emitir sobre nossos dogmas conceitos fantasistas quando não erroneos: são Bernardo esmaga-o, e no concilio de Reims, (1148) alcança a condenação das suas teorias perigosas.

As virtudes e a santidade do monge de Clairvaux corriam parelhas com sua sciencia e gozavam de igual fama; Deus lhe dava o dom dos milagres, e sua palavra comovia os pecadores. O humilde religioso recusou todas as dignidades; no entanto foi a alma do seu seculo; reconciliava os principes, dirigia os concilios, acalmava as revoluções politicas, reformava o clero, empregava sua influencia para pôr termo a outro scisma desgraçado, o de Pedro de Leão (Anacleto II). Vindo um dos monges de Clairvaux, a ser nomeado papa, sob o nome de Eugenio III, elle o auxiliou com seus conselhos; pode-se dizer que Bernardo é o homem da Europa toda.

III. *Os novos manicheus do seculo XII.* — Das idéas, a revolução soe passar nos costumes. Roscelino e Abailard tinham partido os elos que vinculavam na fé as inteligencias; *Pedro de Bruys* e *Henrique de Lausanne* puzeram por obras este liberalismo teorico, soltando as redeas ás paixões demagogicas; o primeiro revolucionava a Provença e o Languedoc pelas violencias dos seus sicarios, os *petrobussianos;* o segundo repetia os mesmos factos na Suissa e a loeste da França, pelos *henriquianos.* Como podemos aferir da refutação que nos deixou Pedro o Veneravel, todos estes herejes professavam o principio fundamental do manicheismo, trazido do Oriente; tinham os mesmos costumes desenfreados, licenciosos, impudicos e o mesmo espirito de revolta contra a Igreja, seu culto

exterior e sua jerarchia. São Bernardo, sempre de atalaia, arrancou a mascara aos novos sectarios; no mesmo tempo, vibrava em Arnoldo de Brescia temerosos golpes, elle estorvava todas as tentativas revolucionarias deste rebelde na Italia e fazia reconhecer Innocencio II como papa legitimo contra os embustes dos fautores do scisma de Anacleto. Nesses entrementes, o sumo pontifice convocou o decimo concilio ecumenico.

IV. *Segundo concilio de Latran, decimo ecumenico* (1139). — Este concilio, reunido na basilica de Latran, teve mais de mil prelados, bispos e abbades. Cumpria-lhe remediar aos males que já apontamos. Os seus primeiros decretos confirmam as decisões de Clermont (1130) e de Reims (1131) contra a simonia e a respeito da santidade dos clerigos; elles prohibem, para os conegos e os religiosos a advocacia e a medicina, castigam com o anatema os postergadores de tregua de Deus, reprovam as justas e negam a sepultura christã áquelles que falecem em taes combates. A mesma pena foi sentenciada contra os incendiarios e seus cumplices : este decreto se dirige especialmente contra as violencias dos manicheus. Mas era necessario tambem condenar as suas doutrinas : o concilio o fez. « A quem, com a mascara de uma espiritualidade falsa, rejeita o sacramento do corpo e do sangue de Nosso Senhor, o batismo dos meninos, o sacerdocio e mais ordens eclesiasticas, as legitimas alianças conjugaes, a este, separamos da Igreja de Deus, condenamos como hereje e ordenamos que seja punido pelos poderes seculares. » (*Can.*, XXIII.) Emfim o concilio anulava as ordenações feitas por Pedro de Leão e pelos scismaticos.

V. *A segunda cruzada* (1147), *pregada por são Bernardo.* — Em 1144 um primeiro desastre tinha victimado o reino latino de Jerusalem. Edessa fôra reto-

mada, e a população christã exterminada. Um grito de desamparo, apelo á caridade, echôou pela Europa e são Bernardo, com toda a eloquencia e toda a alma, entrou a pregar nova cruzada. A expedição foi chefiada por Luiz VII, rei da França, e Conrado III, imperador da Alemanha. A perfidia dos Gregos, os erros do cruzados, suas tropelias, ás vezes, foram as causas do seu malogro. Os chefes regressaram sem exercito nem gloria, deixando a Palestina sem defeza, entregue aos maiores perigos. São Bernardo teve com este desastre uma magoa imensa ; o orgulho nacional melindrado o fez responsavel pelos revezes sofridos e o ilustre monge viu-se obrigado a escrever uma *apologia*, em que elle demonstra victoriosamente que toda a culpa, todas as queixas e acusações recaem sobre os cruzados.

Não diminuiu por isso a estima em que se tinha são Bernardo ; elle continuou sendo o oraculo da christandade até a sua morte que aconteceu em 1153. Por suas obras, suas virtudes, seus milagres foi, cognominado taumaturgo do seculo XII. Com são Bernardo, termina a extensa lista dos Padres da Igreja, e começa o reinado da teologia escolastica da qual elle foi um dos maiores doutores.

ARTIGO III

Segunda luta do Papado contra o Imperio allemão.

(1153-1198).

Papas.

Anastacio III (1153-1154).
Adriano IV (1154-1159).
Alexandre III (1159-1181).
Lucio III (1181-1185).

Papas

Urbano III (1185-1187).
Gregorio VIII (1187).
Clemente III (1187-1191).
Celestino III (1191-1198).

I. Despotismo e guerra impia de Frederico I Barbaroxa; Alexandre III opõe-lhe victoriosa resistencia (1153-1177). — Atentados de Henrique II da Inglaterra. — III. Valdenses e Albigenses. — IV. Terceiro concilio de Latran, 11º ecumenico (1179). — V. A terceira cruzada (1189). — VI. Novas ordens militares. Ordens religiosas.

I. *Despotismo e guerra impia de Frederico Barbaroxa; Alexandre III opõe-lhe victoriosa resistencia* (1153-1177). — Mal Eugenio III tinho baixado ao tumulo, já o papado via erguer-se outra vez o espectro do cesarismo alemão. O imperador Frederico Barbaroxa cogitava em avassalar a Europa inteira ; Roma era um estorvo para a realisação deste plano ; por isso resolveu arredar primeiro esse obstaculo. Elle ficára desapontado perante a firmeza de Adriano ; no entanto fez-se proclamar pela assembleia de Roncaglia o unico dominador do mundo, e, quando morreu o pontifice, elle fez nomear um antipapa, Victor IV. Mas o papa legitimo, Alexandre III, constrangido ao desterro, coliga em seu favor a França, a Inglaterra e a Espanha e, na Italia, as cidades lombardes contra a dominação germanica. O imperador apodera-se de Roma, incendeia a basilica dos santos Apostolos, faz o cerco de Alexandria e perde a batalha de Legnano. Obrigado a fugir para a Borgonha, mandou pedir a paz que alcançou pela tratado de Veneza. O imperador confessava suas injustiças para com a Igreja, reconhecia a Alexandre III como papa legitimo, e renun-

ciava, depois de quinze annos de luta, á posse dos bens que a condeza Mathilde tinha dado á Santa Sé. Mais uma vez, Roma recuperava, a independencia, a Italia, a liberdade (1177).

II. *Atentado de Henrique II da Inglaterra.* — Não era somente na Italia que se impugnava o principio da autoridade do papado. Na Inglaterra, Guilherme o Conquistador tinha inaugurado um systema de opressão. Guilherme o Roxo tinha esbanjado os tesouros da Igreja tyranisando-a; Henrique I tinha travado contra o energico santo Anselmo uma luta cujo desfecho fôra uma concordata assaz parecida com a de Worms; Henrique II, com mais vigor e crueldade, renovou o ataque. O chanceler, Thomaz Becket, arcebispo de Cantorbery, desceu, destemido, na arena para advogar, contra os principe, os interesses e direitos da Igreja : o exilio, primeiro, e, depois, o martyrio foram o premio da sua magnanima resistencia. Henrique fez votar os *estatutos de Clarendon*, que preceituavam a escravidão da Igreja, a ruina da disciplina eclesiastica, a deshonra do clero : as eleições dos dignitarios dependiam do capricho real e nem feudatario, nem principe podia ser excomungado sem o beneplacito real. O suplicio do virtuoso Thomaz Becket indignou a Europa. Apoquentado pelos remorsos, Henrique II suprimiu os artigos de Clarendon, e aceitou a penitencia imposta por Alexandre III. Viu-se o poderoso monarca derramar lagrimas no tumulo do arcebispo martyr que o papa acabava de glorificar. Assim foram vencidos pelas armas ou pelo arrependimento os dois temiveis inimigos da Igreja, Frederico e Henrique II.

III. *Valdenses e Albigenses.* — Já aludimos á formação, no seculo XII, de seitas de gnosticos e manicheus, verdadeiras sociedades secretas, organisadas nas

trevas para desmoronar a fé, o culto catolico, a ordem social. Agora, o perigo cresce. Um abastado negociante de Leão, *Valdo*, acusa a Igreja catolica de não ser mais a verdadeira Igreja de Jesus Christo. Si bem que leigo, poz-se a pregar, e fez o proposito de fundar uma Igreja apostolica em que não houvesse dignidades nem culto exterior. Com estas teorias misturava as estultices e torpezas do manicheismo : foi a origem da seita dos *valdenses*.

Outros manicheus sob o nome de *catharos* e *patarinos*, assolavam a Italia alta e o meio dia da França. Fizeram sociedade com tropas de bandidos armados chamados *aragonezes*, *brabanções* e *vascos*, e iam derrubando na sua passagem igrejas e mosteiros. Acampados nos arredores de Tolosa e de Albi, todos esses sectarios fôram apelidados *albigenses*. *Antireligiosa*, a seita negava nossos grandes dogmas : a Trindade, a Incarnação, a Igreja, e rejeitava todas as instituições catolicas : o sacerdocio, os templos, os altares ; *antisocial*, ella aniquilava o matrimonio, a familia, a propriedade, substituindo-a pelo comunismo. E' em meio destas graves ocorrencias que o papa Alexandre III convocava o decimo primeiro concilio geral.

IV. *Terceiro concilio de Latran, decimo primeiro ecumenico* (1179). — Para debelar tantos males, o concilio reunido na basilica de Latran, constando de trezentos bispos, propunha-se um fim triplice : a completa destruição do scisma, a condenação dos herejes do meio-dia da França, e o restabelecimento da disciplina eclesiastica.

1º A causa real de tão frequentes scismas, era a intervenção dos imperadores da Allemanha na eleição dos pontifices romanos. Para arredar este estorvo, o papa Nicolau II tinha confiado aos cardeaes a eleição do papa ; o concilio completou esta legislação elaborando o regulamento do conclave ; determinou que

o eleito houvesse de obter as duas terças partes das vozes. Gregorio X, no segundo concilio de Leão (1274), ultimou este dispositivo ordenando que os cardeaes se reunissem no palacio dos papas e fossem segredados; tomou providencias para apressar quanto possivel as votações, e declarou nula toda escolha feita sem plena liberdade. Este modo de eleição, um instante revogado, depois restabelecido pelo concilio geral de Vienna, ficou em uso.

2º O segundo concilio de Latran já condenára as heresias dos manicheus. Os Padres deste terceiro concilio se esforçaram sobretudo por enfrear o proselytismo dos sectarios e o fanatismo que os arrastava a todos os crimes. « Pronunciamos o anatema contra todos estes herejes e suas intrigas perniciosas; nós as punimos com o anatema, a ellas e aos seus fautores. Quanto áquelles que não respeitam igrejas nem mosteiros, sentenciamos contra elles e todos aquelles que os auxiliarem de qualquer maneira, as mesmas penas impostas aos herejes, ordenamos que elles sejam denunciados nas igrejas das regiões que assolarem. » (*Can.*, XXVII.) No mesmo tempo, o concilio desligou de toda homenagem e obediencia os subditos desses promotores de desordens e mandou aos fieis que se opuzessem ás suas depredações, protegendo pelas armas o povo christão; concedeu áquelles que morressem nesta guerra santa a mesma indulgencia que dava aos cruzados.

3º O concilio, entre outros regulamentos disciplinares para reforma do clero, determinou a idade de trinta annos quando menos para os bispos, de vinte e cinco annos quando menos para as dignidades inferiores e o ministerio parochial; elle reprimiu o luxo dos dignitarios da Igreja, lembrou ao clero os deveres tão graves da sciencia, da pregação, da verdadeira vida ecclesiastica, e aos monges, as regras dos seus institutos.

Para cumprir os decretos do concilio contra os *albigenses*, Henrique, abbade de Clairvaux, feito cardeal-legado, teve de organisar a primeira expedição contra os sectarios. A repressão foi energica, e certo numero abjurou a heresia. Neste mesmo anno faleceu Alexandre III. Seu successor, Luciano III, num concilio reunido em Verona, publicou a constituição que ordena aos bispos de procurar os herejes e entregal-os ao poder secular : foi a origem da *inquisição* (1184).

V. *A terceira cruzada* (1189). — Quasi meio seculo se escoára desde a cruzada pregada por são Bernardo. Em 1171, Saladino se apoderou do Egypto, arrebatou a Syria a Nureddino, e desde o Euphrates até o Nilo, fundou um vasto imperio musulmano que circumdava por completo o reino de Jerusalem. No combate de Tiberiades, mais de vinte mil christãos tinham sido mortos ; o ultimo rei, Guy de Lusignan, fôra aprisionado, sua capital retomada e seu reino destruido. Guilherme, arcebispo de Tyro, pregou uma terceira cruzada e sua palavra eloquente abalou a Europa. Para custear as despezas da guerra santa, cobraram um imposto geral chamado o *dizimo saladino*. Os tres mais poderosos monarcas do Occidente, Frederico Barbaroxa, imperador da Alemanha, Philippe Augusto, rei da França, Ricardo Coração de Leão, rei da Inglaterra, dirigiram a cruzada que constava de quinhentos mil guerreiros. A conquista da ilha de Chypre, e a tomada de São João de Acre foram as unicas vantagens desta expedição cujo bom exito foi paralysado pelas rivalidades dos chefes.

VI. *Novas ordens militares. Ordens religiosas.* — A terceira cruzada deu ensejo á fundação de uma nova ordem militar, a dos *cavaleiros Teutonios*, estabelecida em São João de Acre, na Palestina, para proteger

os nacionaes alemães, aprovada por Celestino II em 1192. Depois da queda das christandades do Oriente, a *ordem Teutonica* voltou a residir na Alemanha, tornando-se um dique poderoso contra as invasões dos barbaros do Norte.

A Espanha tinha experimentado a necessidade de levantar fortes trincheiras para baldar as investidas incessantes dos infieis. Neste intuito, foram creadas, no seculo XII, tres ordens militares : as de *Alcantara* (1156) e de *Calatrava* (1156) em Castella, que adoptaram a regra de são Bento, e se uniram á congregação de Cíteaux ; e a de *São Thiago da Espada* (1161), na Gallicia, obedecendo á regra de santo Agostinho com o fim de defender os romeiros de são Thiago de Compostella. Portugal, em 1162, fundou a *ordem de Avis*, que seguiu as mesmas que as de Alcantara e Calatrava.

Ao mencionarmos este novo impulso do espirito cavalheiresco e christão, cumpre que falemos de outra ordem nascida na França, a dos *Trinitarios*. Entre os grandes flagelos da idade media, mais cruel não houve do que a sorte dos desventurados christãos prisioneiros dos Mouros. São *João de Matha* e são *Felix de Valois* crearam um instituto religioso cujo fim era o resgate dos presos. Com os tres votos de religião, os trinitarios pronunciavam mais o de se entregarem como refens, caso fosse necessario para libertarem a seus irmãos. Essa ordem, aprovada em 1198, resgatou mais de novecentos mil escravos europeus. Alguns annos mais tarde (1223), são Pedro Nolasque estabelecerá, na Espanha, a *ordem da Mercê*, seguindo a regra de santo Agostinho, com o mesmo fim que a precedente, e resultados não menos preciosos.

ARTIGO IV

Apogeu do reinado da Igreja.

(1198-1216)

Papa.

Innocencio III (1198-1216).

I. Innocencio III : o poder pontifical. — II. A quarta cruzada (1200). — III. Cruzada contra os Albigenses (1206). — IV. O quarto concilio de *Latran*, 12° ecumenico (1215).

I. *Innocencio III : o poder pontifical.* — Contemplamos mais detidamente este grande pontificado por ser elle um dos periodos mais brilhantes e mais fecundos da historia da Igreja. Aos vinte e nove annos, Innocencio III era cardeal, papa aos trinta e cinco : era um sabio ilustre, dotado de animo inquebrantavel, exornado com todas as virtudes que fazem os santos. Desenvolveu no seu reinado uma actividade prodigiosa.

Elle começa reformando a côrte pontificia, apenas conservando os gastos rigorosamente necessarios ; esteia seu poder em Roma e na Italia. Elle curva a Europa catolica á benefica e suave direção da Igreja. « O papado, escrevia elle, para Othon imperador da Allemanha, sobrepuja a realeza : esta apenas tem poder sobre a terra ; aquelle manda no céu e manda nas almas. »

Por todo a parte, anda zelando pela observancia das sagradas leis da Igreja. Na França, Philippe Augusto acabava de desposar Ignez de Merania, emquanto sua legitima mulher Ingelburge ainda vivia. Innocencio III, inteirado do facto, censura, pede, ameaça e finalmente, elle excomunga o monarca, lançando o interdito sobre o reino inteiro. Philippe Augusto

submete-se e chama de novo Ingelburge. Mesmo escandalo apresentava a Espanha na pessôa de Afonso IX, rei de Leão; Afonso II, rei de Aragão, estava metido numa união ilegitima; outros principes se aliavam aos infieis: Innocencio III corrige a todos, organisa a confederação delles contra os musulmanos, e leva-os para a victoria. Pungente espectaculo se deparava tambem na Inglaterra onde um principe devasso, João sem Terra, impunha á Igreja um jugo tyranico: o papa lança o interdito no reino, excomunga o principe, desliga seus subditos do juramento de fidelidade, e pronuncia a sua deposição. O rei da Inglaterra arrepende-se por sua vez e faz perante um legado da Santa Sé « o juramento de vassalo ao sumo pontifice e a seus successores, por si e todos seus herdeiros. »

Em meio destes povos, respeitosos da autoridade pontifical, a Alemanha ficava sendo um foco de resistencia e de revolta. Morto Henrique IV, dois pretendentes, Othon da Saxonia e Philippe da Suabia pleiteavam a successão do Imperio.

Innocencio III preferiu Othon, o qual, apenas empossado, o pagou com ingratidão, oprimindo a Santa Sé, despojando as igrejas. Foi preciso empregar outra vez a arma da excomunhão. Othon, deposto, morreu no desprezo (1211) e o Santo Imperio foi dado a Frederico II, afilhado de Innocencio III, rebento de uma raça culpada que havia de amargurar cruelmente um papado tão generoso.

II. *A quarta cruzada* (1200). — O grande papa não se descuidava tão pouco do Oriente. Innocencio III emprehendeu a quarta cruzada. Foi pregada por Fulques, parocho de Neuilly sobre o Marna. A cavalaria se levantou; mas os reis não tomaram interesse na expedição. Veneza, que devia dar a frota, cuidou antes do seu proveito mercantil. Os cruzados foram des-

viados do seus primitivos e verdadeiros intentos: sitiaram Constantinopla que caiu em seu poder; deram o trôno a Balduino IX, conde de Flandres, estabelecendo assim (1204) o imperio latino de Constantinopla, que durou menos de sessenta annos. Foi o unico resultado da cruzada; esta fundação suprimia, pelo menos por algum tempo, o scisma grego de Constantinopla. O malogro da guerra santa foi atribuido ás desordens dos cruzados: cuidavam que mãos innocentes seriam mais poderosas para libertar o santo sepulcro, e uma cruzada de mais de cincoenta mil crianças da França e da Alemanha encaminhou-se para a Palestina: a maior parte morreram de cansaço ou de fome, ou cairam em poder dos infieis.

III. *Cruzada contra os Albigenses* (1208). — Os bandos albigenses continuavam saqueando o meio-dia da França. Antes de deixar que pegassem em armas, o papa Innocencio III, como seus predecessores, proseguiu com ardor na tarefa insana, improficua até então, da conversão do herejes. Tres grandes missões foram feitas neste proposito, sob a direção de Pedro de Castelnau, legado da Santa Sé, auxiliado por um grupo de religiosos de Cîteaux. A Providencia mandou naquella hora angustiosa um socorro valiosissimo: o ilustre são Domingos combateu o erro com as armas da palavra, da caridade e da oração. Mas os Albigenses teimavam, porque o conde de Tolosa, Raymundo VI, e muitos outros senhores, cumplices de seus roubos, os amparavam.

Organisaram então uma cruzada contra os rebeldes. Sessenta mil homens se reuniram, chefiados por Simeão de Montfort, catolico fervoroso e denodado capitão. Em ambos os campos, houve excessos e represalias censuradas pelo papa Innocencio III. A victoria de Muret, ganha pelos catolicos, entrega ao conde de Montfort o Languedoc, as provincias vi-

sinhas e uma parte da Gasconha. O quarto concilio de Latran o reconheceu como dono dessas terras conquistadas; mas foi preciso lutar ainda. As contendas somente terminaram em 1229, com a submissão de Raymundo VII, e devido á intervenção de Branca de Castella.

IV. *O quarto concilio de Latran*, 12º *ecumenico* (1215). — Um dos maiores acontecimentos do seculo XIII foi certamente o quarto concilio de Latran, que constituiria, elle só, a gloria de Innocencio III. Mais de quinhentos metropolitanos ou bispos, oito centos abbades ou priores de mosteiros, e os embaixadores dos soberanos catolicos da Europa formavam essa veneranda assembleia. Na sua bula de convocação, o papa indicava tres motivos para tal reunião: a libertação da Terra santa, a segurança da fé contra a heresia, a restauração da disciplina.

1º *Libertação da Terra santa.* — O concilio votou uma nova expedição cujo bom exito seria garantido pelo numero dos combatentes, pelos socorros e subsidios do povo christão, pela concordia e os costumes ilibados dos soldados de Christo. — Os preparativos fizeram-se lentamente e em separado; a campanha planejada iniciou-se dois annos mais tarde.

2º *Defeza da fé.* — Contra as seitas dos manicheus, os Valdenses e os Albigenses, o concilio definiu claramente a crença num unico Deus, creador das cousas espirituaes e corporaes, da natureza angelica e da substancia corporea, da natureza humana, formada de corpo e espirito; o dogma da *Eucharistia*, em que o concilio introduziu o vocabulo *transubstancial* para melhor designar a natureza da mudança que se opera no altar; a natureza e a necessidade do *sacerdocio*; a necessidade indispensavel do *batismo* para alcançar a graça, e da *penitencia* para a recuperar; a possibilidade de salvar-se no *matrimonio*. Depois destas con-

denações doutrinaes, o concilio dirige um apelo ao poder secular contra os sectarios. Não entendiam, naquella época, que, em uma sociedade catolica, o poder secular pudesse pactuar com doutrinas subversivas da ordem.

3º *Restauração da disciplina.* — Entre os decretos disciplinares de maior alcance do quarto concilio de Latran está o canon relativo á *confissão annual* e á *comunhão pascoal.* « Todo o fiel chegado á idade de discreção, terá de confessar todos seus pecados, pelo menos uma vez por anno, de cumprir o melhor que puder a penitencia imposta, e receber com respeito, na Paschoa, quando menos, o sacramento da Eucharistia. Sinão, durante a vida, ser-lhe-á negada a entrada da Igreja ; e quando morrer, não se lhe dará a sepultura christã. » (*Can.*, xx.) — A respeito do matrimonio christão, o quarto concilio reduz ao quarto gráu os impedimentos de consanguinidade e afinidade que os precedentes concilios de Latran estendiam até ao setimo grau ; e para evitar a nulidade dos casamentos, institue os proclamas previos e a obrigação de não contrair matrimonio sinão em presença do sacerdote. — Outras reformas dizem respeito ao clero e ás ordens monasticas que o concilio queria trazer á unidade.

O grande papa, que tinha levado a efeito tantas obras dificeis, morreu em 1216, no anno imediato ao concilio.

ARTIGO V

Terceira luta do Papado contra o cesarismo allemão.

(1216-1245)

Papas.	*Papas*
Honorio III (1216-1227).	Celestino IV (1241-1243).
Gregorio IX (1227-1241).	Innocencio IV (1243-1254).

I. O imperador da Allemanha Frederico II. — A quinta e a sexta cruzada (1217-1228). — III. O primeiro concilio de *Leão*, 13° ecumenico (1245). — IV. Triumpho do sacerdocio sobre o imperio.

I. *O imperador da Alemanha Frederico II.* — No momento em que vae travar-se uma terceira luta entre a Alemanha e o papado, é util que vejamos qual é o caracter do principe que ha de, por quarenta annos, contra quatro pontifces diferentes, sustentar esta luta. Consultando as fontes historicas, aprendemos que elle tem os vicios comuns a todos os despotas que o precederam : ambição desmedida, imoralidade profunda, desejo de amordaçar, em seu proveito, a liberdade humana ; especialmente, pretenção de algemar a Igreja ; além disso, incredulidade, astucia, perfidia.Elle engana sempre e por toda a parte, escarnece indignamente dos papas, viola todos os seus juramentos, e, segundo elle mesmo escreve descaradamente : « é musulmano de espirito e coração. »

Mal tinha sentado Honorio III no solio pontifical, Frederico II, o protegido de Innocencio III, torna espinhosas as relações com Roma, dando a prever a proxima luta. As suas primeiras hostilidades se manifestam por ocasião das cruzadas promovidas por Honorio III e Gregorio IX,

II. *A quinta e a sexta cruzada* (1217-1228). — Um grito de alarma que soltava o Oriente em perigo, cha-

mou a christandade em seu auxilio. Honorio III conseguiu agremiar tropas : o exercito dos cruzados estava para partir. Frederico II tinha prometido estar com elle; debalde o papa lembrava-lhe o compromisso, sempre achava pretextos para delongas. Assim mesmo, sae um primeiro corpo ás ordens de André, rei da Hungria; mas este principe apenas chegado em Chypre tem de regressar nos seus Estados para abafar uma revolta. Um senhor francez, João de Brienne, toma o mando, leva a guerra ao Egypto e apodera-se de Damiette. Pouco depois porém, dizimados pela peste, colhidos de improviso pelo transbordar do Nilo, os cruzados abandonam sua conquista e tornam a entrar na Europa. Nestes entrementes, Frederico II, renovando os protestos de fidelidade, offendia os direitos da Santa Sé sobre o ducado de Spoleto; empenhava-se em restituir á Igreja a herança da condeza Mathilde e alcançava a sua coroação como imperador, mas ensanguentava o solo da Italia, perseguia a Igreja e estorvava as eleições.

Em 1227, Gregorio IX é nomeado papa, na idade de oitenta annos. O ancião ordena uma sexta cruzada.

Depois de ter dado promessas e feito preparativos, Frederico II recusa tomar a direção. Desta vez, o papa o excomunga. O principe responde com ameaças e violencias. — Finalmente, aceita a cruzada, e parte, em 1228, para a Terra santa; mas é para atraiçoar os cruzados, travar amizade com o sultão Malek-Kamel, escandalisar os proprios musulmanos com seus desregramentos, e regressar ao Occidente depois de ter assignado um armisticio de dez annos.

Durante sua ausencia, tinha mandado invadir os Estados do papa; de volta, conclue com a Santa Sé a paz de São Germano. No dia seguinte, elle a quebra. Um seu jurista, Pedro das Vinhas, no seu compendio das *Leis da Sicilia*, justifica todas as tropelias e ar-

vora em principio a teoria do cesarismo alemão; elle mesmo penetra na Lombardia e na Sardenha e saqueia-as. Gregorio IX lança contra elle nova excomunhão e desliga os subditos de Frederico do seu juramento de fidelidade (1239). O papa quiz reunir um concilio geral : o imperador mandou prender e encarcerar os Padres. Gregorio IX faleceu de magua.

Em 1243 estava eleito o papa Innocencio IV, que havia de esmagar o tyrano e libertar a Igreja. Houve primeiro um tratado de paz assignado e logo quebrado pelo imperador. Innocencio teve que procurar abrigo na França : ali, reuniu, sob a proteção de são Luiz, um concilio geral.

III. *Primeiro concilio de Leão*, 13º *ecumenico* (1245). — Abriu-se sob a presidencia do papa; os cardeaes, cento e quarenta arcebispos ou bispos se achavam presentes : os da Sicilia e da Alemanha tinham sido detidos pelo imperador. Frederico II fôra chamado para justificar-se perante os Padres do concilio e os delegados dos Estados catolicos. A questão magna que devia ocupar os cuidados do concilio era a causa do imperador da Alemanha. Não quizera comparecer pessoalmente : Thadeu de Suessa constituiu-se seu advogado.

Os autos da acusação não tinham lado fraco para proveito da defeza. Eis o veredito da condenação pronunciada pelo concilio : « Depois de termos longamente deliberado com nossos irmãos e o sagrado concilio sobre os crimes do imperador Frederico, nós que na terra fazemos as vezes de Jesus Christo, declaramos que este principe, que se tornou indigno do Imperio, dos seus Estados, de qualquer honra e dignidade, foi rejeitado por Deus, acorrentado por seus pecados, decaido, privado de toda honra e dignidade, e por esta sentença, disto tudo, nós o despojamos. Absolvemos, desligando-os, todos aquelles que lhe pres-

taram juramento, prohibindo a todos e qualquer um de obedecer-lhe como a imperador ou rei, sob pena de excomunhão. Os eleitores do imperio terão de escolher-lhe um successor ». Emquanto se dava leitura desta decisão, o papa e os assistentes derrubaram as velas que traziam accesas. O poder do monarca findava como estas luzes.

IV. *Triumpho do sacerdocio sobre o Imperio.* — Frederico II fez ainda um esforço para soerguer-se debaixo do anatema que o esmagava. Deu largas á torrente dos horrores da guerra civil no Imperio, com o gravame da guerra religiosa ; quiz sitiar o papa em Leão e tirar vingança da Italia. Mas depois de uma resistencia de cinco annos, caiu doente, envenenado por seu medico. Um seu bastardo, Mainfredo, o abafou debaixo dos travesseiros. Nada ha para indicar algum arrependimento do grande culpado que tanto prejuizo causára á Igreja e ao papado ; a vingança divina pareceu desforrar-se na sua raça maldita ; seu filho Conrado IV, expulso da Alemanha e dá Italia, morreu quatro annos depois do pae. Conradino, o ultimo representante da casa da Suabia, pereceu no cadafalso. A eleição de Rodolpho de Habsburgo ao trôno imperial poz termo á guerra civil e começou a ilustre casa da Austria. O papado victorioso de todos os ataques, livre do jugo da feodalidade, triumphava pois por sua unica força moral, das pretenções do imperio da Alemanha : elle ha de proseguir na sua missão dando novo resplendor ao seculo XIII que vae terminando.

ARTIGO VI

Os esplendores de un reinado catholico

(1245-1270)

Papas.

Alexandre IV (1254-1261). — Urbano IV (1261-1265). — Clemente IV (1265-1271).

I. Principios do governo de são Luiz : a setima cruzada (1248). Quadro de um reinado catholico. — III. São Domingos e são Francisco de Assis : as ordens mendicantes. — IV. Apogeu da teologia escolatica : santo Thomaz de Aquino e são Boaventura. — V. Letras, sciencias, artes. — VI. Oitava e ultima cruzada (1270) : alguns reparos.

I. *Principios do governo de são Luiz : a setima cruzada* (1248). — Por morte de Luiz VIII, cabia a corôa de França a um menino de doze annos, colocado sob a regencia de sua mãe Branca de Castella. E' sabido de que maneira essa inteligente e piedosa rainha educava o joven filho : « Sabeis muito bem, lhe dizia ella a miudo, quanto eu vos querro. Entretanto, eu quizera antes ver-vos morto a meus pés, do que manchado com um só pecado mortal. » Luiz IX cresceu debaixo do olhar e da influencia benefica desta virtuosa mãe. Numa doença grave, o rei fez voto, caso curasse, de voar em socorro da Terra santa, e elle mesmo pediu a cruz.

Logo depois de curado, preparou a *setima cruzada.* O Oriente acabava de passar por uma revolução immensa. Os Tartaros mongoes, saidos do fundo da Asia, se arremessaram a um tempo na Europa e no imperio musulmano, desde Bagdad até o Egypto. No mesmo momento, os Turcos desabavam na Syria, desbaratavam o ultimo exercito christão e apoderavam-se

de Jerusalem, entregando-a ao sultão do Egypto. São Luiz tencionava atacar o poder musulmano no proprio Egypto; aportando em Damiette, elle afugenta o exercito turco, toma esta cidade e marcha para Cairo. Mas a peste victimou as tropas francezas; succederam desastres: o proprio são Luiz foi aprisionado. Elle pasmava os musulmanos por sua magnanimidade e sobranceria christã; recuperou a liberdade mediante a entrega de Damiette; visitou os lugares santos e por quatro annos, trabalhou em fortificar o animo dos christãos. A morte de Branca de Castella o fez voltar na sua patria: nenhum resultado material trazia a setima cruzada.

II. *Quadro de um reinado catolico.* — Principe ilustre, rei prudente e estremecido, com uma lealdade cavalheiresca, uma caridade inesgotavel, e especialmente uma grande santidade, Luiz IX surge na historia, belo como o ideal da realeza catolica. Zeloso pelos interesses da Igreja, protector dos bispos e dos clerigos, bemfeitor dos hospitaes e mosteiros, filho respeitoso e submisso da Santa Sé (1), tem a peito basear seu governo na justiça e na verdade. — Pôde ser chamado, porque o foi ao pé da letra, o *pae do povo*; elle proprio ia sentar debaixo do carvalho que ficou celebre, na floresta de Vincennes, e ali julgava as demandas; suprimiu nos seus dominios o duelo judiciario, e ás brutalidades da justiça feodal substituiu as formas de um direito mais culto e mais christão.

A santidade do rei da França irradiou de alguma maneira no seu reino e por toda a Europa. Nunca houve época em que aparecesse mais brilhante cons-

(1) Deve-se rejeitar, como peça apocrypha a famosa *Pragmatica de são Luiz*, inventada para amparar a causa protestante, jansenista e galicana, em que o monarca tão piedoso e dedicado á Igreja, ter-se-ia mostrado inimigo da Santa Sé.

telação de santos. Junto do rei, Margarida da Provença, sua virtuosa esposa, falecida no convento de santa Clara que ella tinha fundado em Paris; santa Isabel da França, irmã do monarca, religiosa de Longchamps; na côrte da Espanha, são Fernando; de Portugal, santa Isabel; da Polonia, santa Cunegnnda; da Hungria, essa amena e deliciosa Isabel que derrama por toda a Alemanha a suave fragancia das suas virtudes.

III. *São Domingos e são Francisco de Assis : as ordens mendicantes.* — Mas é principalmente no claustro que os santos brotavam aos milhares, ao influxo bemdito dos dois patriarcas da vida religiosa, no seculo XIII, são Domingos e são Francisco de Assis.

Domingos nascêra na Espanha em 1170. Foi para a França no tempo da guerra contra os Albigenses. Para a conversão dos herejes, valeu-se especialmente da oração. Recebeu das mãos de Nossa Senhora a arma poderosissima do *santo Rosario* : esta devoção propalou-se por todo o meio dia da França, e dali, na Europa e no mundo inteiro. São Domingos formou discipulos. Com uma regra tirada de santo Agostinho, deu-lhes como missão especial a oração e a pregação. A ordem *dominicana* espalhou por todo o universo o fulgor da sua sciencia e da sua santidade. Além dos *Irmãos predicantes*, o piedoso fundador instituiu as religiosas *dominicanas* e a *Ordem Terceira* para os catolicos fieis que vivem no mundo.

Francisco de Assis, nascido na Ombria, em 1184, tinha levado uma vida mais austera ainda, mais mortificada : extasis sublimes, uma paixão ardente para a cruz e para o sofrimento, a humilde pregação pela palavra, confirmando os exemplos da mais alta santidade : tal foi a vida deste amante da pobreza voluntaria. A antiga igreja da *Porciuncula* foi o berço da ordem *franciscana* a qual, fiel ás santas normas deli-

neadas por seu fundador, nada possue, vive com o trabalho das suas mãos ou com esmolas, prega, ora, e se sacrifica em holocausto para a salvação das almas. A familia religiosa de são Francisco de Assis consta hoje dos *Franciscanos*, dos *Capuchinhos*, dos *Recoletos*, de uma ordem de mulheres chamadas *Clarissas* pelo nome de santa Clara que o fundou sob a direção do patriarca seraphico, e emfim da *Ordem Terceira*, com ingresso para todos os fieis que procuram a perfeição. A ordem *franciscana* ocupa lugar saliente na idade media : trinta annos depois da morte do seu fundador, contava vinte mil membros.

Os *Dominicanos* e os *Franciscanos* formam com os *Agostinhos* e os *Carmelitas*, as chamadas ordens *mendicantes*. A ordem do *Carmo* pretende filiar-se a Elias o propheta. No seculo XII, recebeu no Oriente uma regra mais austera : expulso pelos Sarracenos, veiu abrigar-se no Occidente. — A origem do *escapulario* remonta a Simeão Stock, superior geral da Ordem.

IV. *Apogeu da teologia escolastica : santo Thomaz de Aquino e são Boaventura.* — No seculo XII, brilharam com um resplendor nunca visto, as sciencias que têm a primazia sobre todas as outras : a filosofia e a teologia. Formou-se então o ensino claro e metodico praticado em todas as escolas da idade media e que é chamado *escolastica.* O principal representante no seculo XII, desta escola já iniciada por santo *Anselmo de Cantorbery*, fôra *Pedro Lombardo*, cuja *somma* theologica, ou os quatro *Livros das Sentenças*, serviu de base ao ensino durante as idades seguintes.

No seculo XIII, duas grandes escolas, nascidas das duas Ordens mendicantes, levaram ao apogeu a teologia escolastica : a escola *franciscana* e a escola *dominicana.*

O primeiro mestre da escola franciscana é *Alexandre de Hales* (morto em 1245), cujo *compendio* se tornou

classico em todas as escolas da christandade, por ordem de Innocencio IV. No tempo de são Luiz, tinha na sua frente são *Boaventura*, o Doutor seraphico, superior geral dos Franciscanos, depois cardeal-arcebispo de Albano, que faleceu no concilio de Leão (1274) : sciencia e piedade, tal é o distintivo das suas obras ; no ascetismo, é mestre sem rival.

A escola dominicana, inaugurada por *Alberto o Magno* (1246-1280) conquista de uma vez, com tão abalisado mestre, uma fama universal. Mas a gloria de Alberto o Magno é ter tido como discipulo santo *Thomaz de Aquino*, o principe da sciencia teologica. Nascido no reino de Napoles, para 1226, o Doutor angelico veiu estudar em Paris, onde lecionou depois com incomparavel brilhantismo. A *Somma philosophica* e sobretudo a *Somma theologica* de santo Thomaz ficaram como os monumentos imorredouros de um genio em que se harmonisam a piedade, a sciencia e o amor divino : trabalho ingente do qual o proprio Jesus Christo deu o seguinte juizo critico : « Escreveste muito bem sobre minha pessôa, Thomaz, que recompensa desejas? — Senhor, respondeu o Doutor angelico, nenhuma outra, sinão vós mesmo ! »

V. *Letras, sciencias, artes.* — Não somente a teologia florescia sob o reinado de são Luiz. As letras humanas tambem se desenvolviam sob o influxo combinado da Igreja e da realeza catolica. Conforme o modelo da Universidade de Paris, fundada em 1180, foram instituidas no seculo XIII, quer na França quer na Europa, dezesete universidades, focos de estudos e de luzes onde não se divorciavam a sciencia e a fé.

Os historiadores *Villehardouin* e *Joinville* presenteavam a lingua franceza com os seus primeiros monumentos. O dominicano *Vicente de Beauvais*, no seu *Espelho geral*, escrevia a primeira encyclopedia de todas as sciencias ; um monge franciscano da universidade de

Oxford, *Rogerio Bacon*, fazia as primeiras descobertas em optica, inventava a polvora de canhão, patenteava a força do vapor, e aplicava á sciencia seu verdadeiro metodo experimental. — Emfim, nas artes, dava-se uma transformação maravilhosa. Não serão, de facto, as construções do seculo XIII, as mais belas obras primas da architectura religiosa? A arte ogival atinge então o mais alto ponto de perfeição : junto com a Santa Capella, que Luiz IX manda edificar para receber a corôa de espinhos trazida da Terra Santa, erguem-se depois de Nossa Senhora de Paris, as soberbas catedraes de Strasburgo, de Reims, de Amiens, de Toul; na Inglaterra, as de Westminster, de York, de Cantorbery; na Alemanha, as de Magdeburgo, de Colonia, de Erfurth, etc. O espirito labuta; mas vê-se que todos os pensamentos ascendem para Deus, levados nas azas da fé e da oração.

VI. *A oitava e ultima cruzada* (1270) : *alguns reparos.* — Ao passo que se entregava á missão de zelar por seu povo e dar-lhe o bem estar, são Luiz não se descuidava da sorte dos christãos do Oriente. Tristes mensagens que lhe chegavam da Palestina, o moveram a emprehender mais uma expedição que havia de ser a ultima dirigida contra os infieis. O sultão de Tunis fizera o voto de abraçar a fé catolica, mas não cumpria o prometido. São Luiz resolveu concentrar seus esforços contra a Africa. Embarcou em Aigues-Mortas com seus tres filhos e marchou para Tunis, onde seu irmão Carlos de Anjú, rei da Sicilia, tencionava encontral-o. Mas o principe musulmano manda envenenar as fontes; a peste acomete o exercito, e em poucos dias, causa um desastre medonho. O rei viu morrer o seu filho João Tristão, e caiu, elle proprio, victima do terrivel flagelo. O piedoso rei mandou que o deitassem na cinza, ofereceu a Deus seus padecimentos e sua vida, e expirou como um rei

e como um santo. — Carlos de Anjú assignou um tratado honroso e voltou nos seus Estados para ver a Sicilia perdida depois da horrivel carnificina dos Francezes em Palerma, nas *Vesperas sicilianas*. Com são Luiz, encerra-se a era das cruzadas, iniciada em 1096 e terminada em 1270.

José de Maistre, falando nestas expedições longinquas disse : « Nenhuma teve exito feliz, mas nenhuma malogrou. » Este juizo é exacto. As cruzadas não surtiram todo o efeito que se esperava dellas : no entanto, deste grandioso impulso cavalheiresco e religioso, que por um seculo e meio, arrastou para a Asia a Europa catolica, decorreram vantagens imensas sobre as quaes não é licito silenciar. — A Igreja auferiu nellas grande proveito : verdade é que não conseguiu trazer Constantinopla á unidade catolica nem conquistar as lugares santos ; mas pelas cruzadas ficou impressa na consciencia e no coração dos povos christãos a vivacidade, o heroismo da fé ; praticou-se a dedicação absoluta, pura, por Christo e por sua causa. Além disso, apontando a Terra santa para inumeros exercitos de cavalheiros, ella poz côbro ás guerras intestinas da feodalidade ; promoveu com amor e prudencia a libertação dos *servos*. Emfim, si bem que não alcançasse expulsar os Turcos da Asia, sempre ella deteve, pelo vasto movimento das cruzadas, o colosso musulmano que tinha jurado avassalar a Europa e estabelecer nella o dominio do *Islam*.

A França é a nação que pode reinvindicar a iniciativa e a honra das cruzadas ; e ella não deixou de auferir tambem preciosos resultados. Grangeou no Oriente uma influencia e um prestigio que ainda não estão apagados : ali, seu nome ficou sendo synonymo de lealdade e valor ; e hoje em dia, volvidos os seculos, encontra-se ainda sempre viva a lembrança do rei são Luiz. Escusado é falar nos mercados que as cruzadas abriram para o comercio do Occidente, pelos

caminhos da Asia, nas santas reliquias, nos despojos opulentos, nos tesouros de sciencia, no gosto pelas letras e as artes, outros tantos beneficios legados por Constantinopla e Jerusalem, conjunto de uma civilisação diferente que veiu enriquecer a idade media para passar depois, já assimilado, a nosso seculo por demais ingrato.

ARTIGO VII

O fim do seculo XIII.

(1270-1305).

Papas.	*Papas*
Gregorio X (1271-1276).	Honorio IV (1287-1292).
Innocencio V (1276).	Nicolau IV (1292-1294).
Adriano VI (1276-1277).	S. Celestino V (1294).
João XXI (1277-1280).	Bonifacio VIII (1294-1303).
Nicolau III (1280-1285).	S. Bento XI (1303-1305).
Martinho IV (1285-1287).	

I. Segundo concilio de *Leão*, 14° ecumenico (1274). — II. Questões entre Philippe o Bello e Bonifacio VIII. — III. O papel da Igreja no seculo XIII. — IV. Cousas religiosas.

I. *Segundo concilio de Leão*, 14° *ecumenico* (1274). — Apezar da fundação do imperio latino de Constantinopla, o scisma não tinha desaparecido do Oriente. Com a queda deste imperio, em 1261, perdêra-se até a esperança de vel-o cessar algum dia. Entretanto, o imperador grego, Miguel Paleologo, tinha dado alguns passos para a Santa Sé, e manifestado desejos de reunião. Com o fim de encaminhar para um feliz exito tão importante negocio, Gregorio X convocou em Leão o segundo concilio. Os embaixadores gregos compareceram nesta assembleia que constava de quinze cardeaes, mais de quinhentos arcebispos e bispos, muitissimos abbades e doutores, e delegados dos principes catolicos. O concilio abriu-se em fraternal con-

cordia, pelo canto do symbolo de Nicêa em ambas as linguas e com adição do *Filioque*. Os deputados gregos, em seu proprio nome, e em nome de todos os bispos do Oriente, fizeram uma profissão de fé muito explicita, conforme em tudo áquella da Igreja romana, sobre Deus, a Trindade, a processão do Espirito Santo do Padre e do Filho, sobre o batismo, a penitencia, a eucaristia e o uso do pão azymo, a confirmação e o santo crisma, o matrimonio catolico, etc. Elles diziam : « A santa Igreja romana possue soberana e plena primazia e autoridade sobre toda a Igreja catolica... Prometemos observar inviolavelmente esta profissão, a ella ficar sempre ligados, sem nunca della desviar ou apartar-nos de modo algum. » (*Sess.*, IV.)

II. *Questões entre Philippe o Bello e Bonifacio VIII.* — Por ocasião do novo seculo, no anno de 1300, houve uma hora de paz universal e de fervor extraordinario na catolicidade. O papa Bonifacio VIII instituiu o jubileu secular, com indulgencia plenaria e remissão dos pecados a quem visitasse, arrependido e confessado, a basilica de São Pedro e São Paulo. Mais de duzentos mil estrangeiros vieram em Roma. Foi como que um relampago de alegria rasgando um horizonte anuviado : o papado devia, desta vez, travar a luta com a França.

As questões entre Philippe o Bello e Bonifacio VIII apresentam diversas phases que manifestam a bondade e a firmeza do pontifice, a ousadia e a violencia do monarca. O rei da França dera agasalho na sua côrte aos Colonnas, acerrimos inimigos do papa ; falsificava as moedas e exigia ilicitamente impostos pesadissimos das igrejas e mosteiros, afim de custear a guerra contra os Inglezes. O sumo pontifice respondeu a esses atentados com a bula *Clericis laicos* (1296), em que prohibe a todos os sacerdotes pagarem subsidio qualquer sem previa autorisação da Santa Sé, prin-

cipio de direito, este, então aceito por todas as potencias. — Em 1301, o papa tinha formado planos de guerra santa; elle envia na França, para tratar deste negocio, o seu legado, Bernardo de Saisset. O rei o manda prender, e não satisfeito com tal ultraje, delega o seu legista Pedro Frota para dar explicações ao papa; em vez de explicações, o ministro dirige somente a Bonifacio VIII injurias e ameaças. A tudo, o papa apenas opõe a clemencia, como se vê na bula *Ausculta fili*, em que pede ao rei da França mande prelados e doutores afim de estudarem num concilio que se reuniria em Roma, todos os incidentes da pendencia. Pedro Frota, aprehendeu a carta que substituiu por um texto falso e injurioso. — Emfim, no concilio reunido em 1302, Bonifacio VIII promulgou a bula *Unam sanctam*, na qual, sem condenar a ninguem, estabelece a subordinação do poder temporal ao poder espiritual, de acordo com a tradição. No mesmo tempo, o papa mandava a Philippe o Bello um novo legado. Mas o rei o aprisionou, e, numa reunião dos Estados Geraes, teve a audacia de fazer depôr Bonifacio acusado de todos os crimes imaginaveis. Guilherme Nogaret e Sciarra Colonna encarregaram-se de levar a sentença e de comunical-a ao pontifice. Encontraram-no em Anagni. Nogaret perdeu o respeito a ponto de ferir no rosto com sua luva de ferro, o venerando pontifice que tinha oitenta e seis annos de idade. Bonifacio VIII pouco viveu depois deste atentado sacrilego : morreu no mesmo anno. Preparada por indulgentes concessões de Bento [illegible] a paz entre Philippe o Bello e a Igreja se achou restabelecida somente debaixo de Clemente V, que [illegible] monarca tinha feito eleger.

III. *O papel da Igreja no seculo XIII.* — Não [illegible] podemos afastar deste seculo XIII, tão grande a muitos respeitos, sem correr as vistas no papel especial

da Igreja durante esse periodo. Depois de ter criado o poder catolico, e mantido ileso o principio da independencia religiosa contra as pretenções das potencias, a Igreja centralisou seus esforços e sua influencia no alivio do povo, meta que conseguiu alcançar mediante tres obras de altissima importancia : a *libertação* , a *proteção* e a *instrução.*

1º A *libertação.* — Debaixo da feodalidade, a sorte do antigo escravo tinha melhorado sensivelmente : o *servo* da idade media dá ao senhor o seu trabalho, e delle recebe amparo e socorro. Mas a Igreja desejava ainda mais : queria para o povo uma liberdade prudente e verdadeira. Em abono disso, apenas mencionamos a fundação das republicas italianas, e, na França, a *emancipação das comunas*, começada no seculo XII, e devida muitas vezes á iniciativa da Igreja e sempre á sua influencia.

2º A *proteção.* — Já tratamos da *tregua de Deus* e da *cavalaria*, instituidas para a defeza dos fracos e dos oprimidos. Depois, a favor da classe tão numerosa dos trabalhadores, a Igreja creou as *corporações operarias*, vastas agremiações fraternas que congregavam, debaixo do mesmo labaro, os homens da mesma profissão. São as *confrarias*, a um tempo religiosas e economicas, dos irmãos *pedreiros* ou *pontifices*, que deram á Europa suas obras primas de architectura, suas pontes, suas estradas, tão esplendidamente estabelecidas numa época em que mingoavam todos os recursos para construções.

3º A *instrução.* — No seculo XIII, a Igreja abre as grandes universidades para a formação das classes abastadas ; mas sendo ellas gratuitas, tambem os pobres podiam cursal-as. O ensino secundario já era ministrado em muitos colegios dirigidos unicamente pelo clero. Enganar-se-ia redondamente quem cuidasse que a idade media nada fez para o cultivo intelectual das massas. Na maior parte das aldeias,

havia mestres lecionando aos meninos do povo a leitura, a escrita e o calculo ; mas neste ensino popular, cabia á Religião o primeiro lugar.

IV. *Cousas religiosas.* — A Religião fundada por Nosso Senhor não muda ; mas o seu desenvolvimento adequado ás circumstancias exteriores é a obra dos seculos. Apontemos algumas modificações introduzidas nos usos e no culto catolico.

Foi depois das cruzadas que se espalhou, no Occidente, a pratica de Jerusalem de dar a sagrada comunhão aos leigos apenas *debaixo de uma só especie.* Para a mesma época, separa-se a confirmação do batismo. O fervor entre os catolicos tendo arrefecido, a comunhão tornára-se menos frequente, e temos visto o quarto concilio de Latran elevar a preceito somente a *comunhão pascal.* Todavia, o culto eucaristico recebe muitos aperfeiçoamentos ; não se conserva mais a Eucaristia, como dantes, guardada na sacristia ou suspensa no altar, sinão encerrada no *tabernaculo*, ao qual se deu elegancia e riqueza menos indigna para a morada de Deus. Em 1246 foi instituida a *Festa do Corpo de Deus;* ao genio e á piedade de santo Thomaz de Aquino devemos agradecer pelo admiravel oficio do santissimo Sacramento.

A penitencia publica caíra em desuso ; mas transforma-se em esmolas, mortificações corporaes, romarias : as cruzádas vieram a ser um meio de expiação As *indulgencias* multiplicam-se. O jubileu *secular*, estabelecido por Bonifacio VIII, foi depois determinado para todos os cincoenta annos por Clemente VI ; para todos os trinta e tres por Urbano VI, emfim para todos os vinte e cinco annos por Paulo II.

O quarto concilio de Latran regulamenta as penas exteriores impostas por crimes publicos : o *interdito* lançado sobre os lugares, a *excomunhão* pronunciada contra as pessôas. Emfim o seculo XIII viu apa-

recer o tribunal da *Inquisição*, que os disturbios de alguns paizes tornavam indispensavel.

A Igreja autorisou a *tortura*, como era uso nos codigos então vigentes em todos os tribunaes; mas ella se esforçou por suavisar-lhe os rigores, e mais, ella deixou nas mãos do poder secular a execução das sentenças. O tribunal da *Inquisição* romana foi confiado á ordem de são Domingos, entrando depois para este tribunal tambem os religiosos franciscanos.

CAPITULO IV

A Igreja e o grande scisma do Occidente.

(1305-1514)

Vista geral. — Divisão deste capitulo.

Está encerrada a era das cruzadas : as nações christãs, menos atentas aos chamados do papado, não cuidam mais sinão no seu engrandecimento, nos seus interesses. A Italia, privada da presença dos seus pontifices ha de despedaçar-se a si propria; a França e a Inglaterra hão de começar esta luta feroz, encarniçada, chamada *guerra dos cem annos.* No redemoinho destas pelejas, não retumba a voz da Igreja com a mesma autoridade, e percebe-se na Europa catolica um movimento que si não é ainda a apostasia, já vae preparando os espiritos para a Reforma do seculo XVI. De facto, a autoridade suprema da Igreja vae sendo discutida pelos soberanos e pelos legistas ; o vinculo da união quebrar-se-á depois pelo scisma. Em seguida, com o renascimento, as descobertas modernas, e o evoluir geral do espirito humano, dar-se-á o regresso ás ideias e aos costumes do paganismo. Em meio dos povos assim aparelhados para a revolta intelect[illegible] e moral, poderá o protestantismo medrar sem cu[illegible]

E' a historia deste resvalar lento, mas const[illegible] que vamos acompanhar atravez dos seculos XIV e [illegible] Teremos primeiro o exilio do papado para Avi[illegible] preludiando ao grande scisma do Occidente ; cont[illegible] plaremos depois essa época nefanda em que, por pe[illegible] de quarenta annos, a unidade da Igreja é quebra[illegible] de facto, por papas rivaes ; em que os concilios [illegible]

Pisa, Constancia, Basilêa querem arvorar em principios, teorias subversivas da autoridade pontifical.

Não se julgue entretanto que a Igreja e o papado ficam ali, meros comparsas desta tragedia imensa, não; elles assignalam e condenam os erros dos precursores do protestantismo : Wiclef, João Huss, Jeronymo de Praga. Quatro concilios geraes se reunem em Vienna, Constancia, Florença e na basilica de Latran, para providenciar e trazer o remedio a tantos males. Scintilam no firmamento da Igreja novas ordens religiosas, santos admiraveis.

Emfim, os triumphos dos Turcos e a queda de Constantinopla ecôam nas christandades da Europa : presenceia-se um despertar do heroismo e da fé com João Huniade e Scanderberg. E quando o imperio de Constantinopla já tem sucumbido, a Igreja prosegue na sua tarefa ; ella peleja por salvar do naufragio os destroços da civilisação grega ; leva a fé para novas terras ; na Europa, patrocina o renascimento esforçando-se de bem norteal-o, e para atinar com um curativo para as chagas da sociedade, ella reune o quinto concilio de Latran que elabora um plano de sabias reformas. No decimo oitavo concilio ecumenico (1517) faremos ponto, terminando aí o periodo historico da *idade media.*

Serão quatro os titulos debaixo dos quaes agrupar-se-ão os acontecimentos religiosos destes dois seculos : 1º *Residencia dos papas em Avinhão* (1305-1378) : é neste periodo que se prepara o grande scisma ; que se reune o concilio de Vienna, decimo quinto ecumenico, e que se manifestam os erros de Wiclef ; 2º *O grande scisma do Occidente* (1378-1417) : periodo ominoso em que a dôr é mais do que a alegria; os concilios de Pisa e Constancia praticam uma obra desastrada, mas a heresia é condenada com João Huss e Jeronymo de Praga ; 3º *As consequencias do scisma* (1417-1449) : vemos a França ora humilhada e depois

salva por Joanna de Arc; vemos as discussões e os scismas emmaranhar-se nos concilios de Pisa e de Basilêa, depois em Ferrara e em Florença onde finalmente se acha a Igreja reunida em concilio e põe termo ao scisma; 4º *Periodo de transição entre a idade media e os tempos modernos* (1449-1517) : assistimos á victoria dos Turcos, á queda de Constantinopla, aos progressos do Renascimento, á obra de evangelisação realisada no novo mundo, e emfim á iniciativa de reforma salutar tomada pela Igreja no quinto concilio de Latran.

ARTIGO I

Permanencia dos papas em Avinhão.

(1305-1378).

Papas.	*Papas*
Clemente V (1305-1314).	Innocencio VI (1352-1362).
João XXII (1316-1334).	Urbano V (1362-1370).
Bento XII (1334-1342).	Gregorio XI (1370-1378).
Clemente VI (1342-1352).	

I. Os papas francezes de Avinhão. — II. Concilio de *Vienna*, 15º ecumenico (1311). — III. Negocios dos Templarios. — IV. — Questões de Luiz da Baviera com João XXII; scisma da Allemanha. — V. A heresia de Wiclef. — Obras e glorias catolicas.

I. *Os papas francezes de Avinhão.* — Obedecendo á influencia de Philippe o Bello, o sagrado Colegio deu a Bento XI, como successor, o arcebispo de Bordeus, *Bertrand de Got*, que tomou o nome de Clemente V e fixou sua residencia em Avinhão, cidade visinha do condado do mesmo nome que fôra cedido por Philippe o Audaz ao papa Gregorio X e pertencia ao dominio pontifical. — A residencia dos papas em Avinhão durou setenta e dois annos: é o periodo chamado o *cativeiro de Babylonia.* Este longo exilio do papado

aparelhou o grande scisma do Occidente ; elle fez do papa o homem de uma nação apenas, diminuindo tanto mais a sua influencia sobre as outras nações ; colocou os sumos pontifices na dependencia dos reis da França que muitas vezes abusaram do seu poder : foi uma prova e uma desgraça para a Igreja.

Entretanto este exilio do papado tem sua explicação nas necessidades sociaes da época. A Italia estava em polvorosa, rasgada pelas lutas dos *Guelfos* e dos *Gibelinos :* os primeiros, partidarios do papa e da nacionalidade italiana ; os outros, partidarios da dominação estrangeira e mais tarde, de uma democracia excessiva ; suas guerras sangrentas punham em perigo a liberdade dos pontifices. E' de notar tambem que estes papas de origem franceza muito honraram a Santa Sé. João XXII foi um sabio canonista; Bento XII favoreceu os estudos e facultou o ingresso da universidade de Paris aos estudantes du mundo inteiro ; Clemente VII mostrou-se um prodigio de caridade na peste que assolou a França em 1348 ; Innocencio VI e Urbano V foram ilustres reformadores. Esses papas todos, legitimamente eleitos, não só guardaram incolume o deposito da fé, como tambem levaram uma vida escoimada de qualquer censura.

II. *Concilio de Vienna*, 15º *ecumenico* (1311). — Logo com o advento de Clemente V, Philippe o Bello instou junto do pontifice para que condenasse a memoria da sua victima Bonifacio VIII. Por outra parte, o negocio dos Templarios, muito melindroso e intrincado, dava cuidado ao papa. Clemente V resolveu propôr estas pendencias a um grande concilio que se reuniu em Vienna, no Delphinado. Trezentos bispos ali estiveram sob á presidencia do papa.

A bula de convocação mencionava tres negocios principaes para liquidar :

1º *A libertação da Terra santa.* — Uma cruzada foi resolvida, com autorisação de tirar do rendimento dos beneficios o dizimo da guerra ; mas a expedição nunca se realisou ;

2º *O processo dos Templarios.* — Voltamos depois no assumpto ; foi parecer do concilio, suprimir á ordem, sendo, este passo, uma medida administrativa.

3º *A condenação das heresias contemporaneas.* — Tratava-se primeiro de sectarios e fanaticos, os quaes, com as denominações de *fraticelas*, *beguardos*, *apostolicos*, etc. professavam um quietismo que degenerava na mais hedionda imoralidade. Foram condenados pelo concilio. Mas emquanto esses transviados caiam no desregramento dos costumes, um rigor por demais austero se manifestava na familia franciscana no tocante á pobreza religiosa, e já tinha acarretado uma scissão lastimavel. Sob o nome de *pobres eremitas*, os mais zelosos pretendiam que nem Jesus Christo, nem os apóstolos tivessem possuido cousa alguma como propriedade, e que a perfeição consistia em imital-os : o papa, de harmonia com o concilio, lhes reconhece, quando menos a « posse das cousas que se gastam com o uso. »

4º *A reforma da disciplina.* — Entre outros negocios tratados no concilio de Vienna, vemos mais um requerimento apresentado pelo rei da França, pedindo a condenação da memoria de Bonifacio VIII : os Padres conservaram na integra o texto e a doutrina da bula *Unam sanctam.* — O concilio confirmou tambem a festa do santissimo Sacramento, instituida por Urbano IV, e promulgou criteriosos regulamentos atinentes aos privilegios de que gozavam as ordens religiosas.

III. *O negocio dos Templarios.* — A ordem dos cavaleiros do Templo muito decaíra da sua grandeza primitiva : as riquezas e o luxo tinham entrado nella.

Além disto, as recepções dos cavaleiros faziam-se no mysterio, e boatos alarmantes circulavam, a respeito dos costumes de muitos delles. Em 1305, Philippe o Bello comunicou o facto a Clemente V, o qual primeiro, não lhe deu credito, aceitando depois, a pedido dos proprios Templarios, a incumbencia de dirigir um inquerito. O papa procedia com prudencia e vagar. Na França e nas outras nações catolicas iam colhendo testemunhos esmagadores,. A comissão nomeada pelo papa alcançou a confissão de duzentos trinta e um Templarios. Renegavam a Jesus Christo e cuspiam na sua cruz ; varios adoravam um idolo infame chamado *Baphometo.* Entre si cometiam desordens horriveis que confessavam uns aos outros, dando-se absolvições reciprocas, ainda que simples leigos. Emfim, emblemas mysteriosos, vestigios de ritos secretos encontrados em suas habitações, acusavam ceremonias estranhas constituindo na ordem dos Templarios uma sociedade oculta em que se amalgamavam as impiedades e infamias dos antigos gnosticos.

Tal era a ordem que ao concilio de Vienna, competia julgar : como medida disciplinar, foi sentenciada a supressão dessa instituição que se tinha tornado perigosa para a sociedade catolica. O rei da França se apossou das riquezas dos Templarios e fez queimar vivos, numa ilha do Sena, o grande mestre, Jacques Molay com os principaes chefes da ordem. O papa tinha pedido que usassem de indulgencia para com aquelles que se arrependessem dos seus desvarios. Muitos assim alcançaram a liberdade. Bossuet disse falando nos Templarios : « Confessaram nos tormentos, e negaram nos suplicios. » Porquanto fica sendo ainda o processo dos Templarios um enigma para a historia.

IV. *Questões de Luiz da Baviera e João XXII ; scisma da Alemanha.* — O successor de Clemente V

foi o papa João XXII. Debaixo do seu pontificado, uma contenda acesa pelo novo imperador da Allemanha,Luiz da Baviera, ressuscitou a antiga pendencia do Sacerdocio e do Imperio. A conselho de Guilherme Occam, de Marcilio de Padua, e da seita dos *Fratricelas*, Luiz da Baviera deu seu apoio ao partido gibelino, inimigo do papado na Italia. Elle foi para Roma e ali se fez consagrar imperador por bispos depostos. Excomungado por João XXII, o principe levou a audacia até depôr, por sua vez, por um conciliabulo scismatico, o papa legitimo, opondo-lhe um antipapa, João de Corbières, que tomou o nome de Nicolau V : assim originou-se o scisma da Alemanha (1328). Mas o anatema pronunciado contra o imperador e exposto ao publico nas portas do Vaticano, tornou-se de certo modo o prenuncio da sua derrota. Luiz da Baviera foge aos clamores do povo que o amaldiçôa emquanto seu antipapa atira-se aos pés de João XXII, alcançando o perdão. Com os successores deste pontifice, o imperador representa o mesmo papel de tyrano da Igreja e do papado. Declara que « o imperador recebe o poder directamente de Deus, sem necessidade da aprovação do papa ». Nomeia intrusos para as sédes vagas, anula matrimonios, etc. Violava assim os compromissos primordiaes da sociedade catolica, e partia os vinculos que uniam o papado e o Santo Imperio. Clemente VI excomungou de novo e depoz Luiz da Baviera que faleceu pouco depois como faleceram quasi todos os perseguidores, repentinamente ferido pela justiça divina. Carlos IV de Luxemburgo herdou a corôa imperial. A celebre constituição que elle publicou, conhecida pelo nome de *bula de ouro*, restabelecia a paz e submetia a escolha dos grandes eleitores á confirmação da Santa Sé.

A respeito do periodo que decorre desde Innocencio VI até á morte de Gregorio XI (1352-1378), pouca cousa interessa o fim que temos em mira : a Italia

sofre com a ausencia dos papas, e não deixa de pedir o seu regresso; o poeta Petrarcha, Rienzi, futuro tribuno de Roma, santa Brigida, tão ilustre por suas revelações, santa Catherina de Senna, tão ardente para pacificar a Italia e defender a Sé apostolica, emfim o immortal cardeal Albornoz, envidam o talento e as forças para preparar o regresso do papado. Mas os obstaculos multiplicavam-se : a volta definitiva deu-se somente com Gregorio XI (1377).

V. *A heresia de Wiclef.* — Vale a pena mencionar este erro coetaneo da residencia dos papas em Avinhão, pois elle encerra em germem o protestantismo inteiro. Tocamos na grande heresia que prepara os tempos modernos. O proprio Wiclef não inovou; é apenas o nucleo para onde convergem e se centralisam as duas correntes que já assignalamos. Roscelino e Abailard soltaram o freio á inteligencia; os Valdenses e os Albigenses armaram seus discipulos, saquearam e assolaram as provincias. O heresiarca actual ha de coligar a revolta do espirito e a revolta social : ha de legar a João Huss e a Jeronymo de Praga, predecessores imediatos de Luthero, o systema todo do protestantismo.

Wiclef, nascido em 1324, era doutor da Universidade de Oxford. Melindrado no seu amor proprio por não serem aceitas pelo papa as suas pretenções á direção do Colegio de Cantorbery, começou o ataque contra o sumo pontifice, ensinando publicamente que o papa não é o chefe da Igreja, que os bispos não são superiores aos simples sacerdotes, que os poderes eclesiasticos se perdem pelo pecado mortal. Depois, investiu para o culto, os sacramentos, particularmente o dogma da presença de Jesus Christo na santissima Eucharistia, o sacrificio da Missa, a oração pelos mortos, as instituições monasticas. Os falsos mysticos e os iluminados do seculo XIII professavam o

dogma fundamental de que o homem pode tornar-se *impecavel*, sendo que em tal estado, não pode mais nem augmentar a graça santificante nem perdel-a : isto dava na ruina do livre arbitrio, da virtude e do seu heroismo, era o caminho franqueado a todas as torpezas. Wiclef admitia esse conjunto de erros fatalistas. Entretanto teve a prudencia de ocultar seus sentimentos com ambages, formulas subtis e indeterminadas. Porem, um concilio dos bispos da Inglaterra, soube descobril-os e os condenou (1377), mas o transviado tornou a entrar no seu curato de Lutterworth. Breve, veremos a Alemanha acolher e propagar todos estes erros.

VI. *Obras e glorias catolicas.* — No tempo da residencia dos papas em Avinhão fulgem ainda nomes e obras gloriosas para a Igreja. Em primeiro lugar as manifestações da vida catolica e religiosa : o instituto dos *Olivetanos*, fundado na Italia (1319), debaixo da regra de são Bento ; o do São Salvador, composto de religiosos e religiosas, aprovado por Urbano V, e cuja fundadora é santa Brigida ; o dos *Jesuatas*, autorisado pelo mesmo pontifice para o serviço dos hospitaes ; o dos *Hieronymitas* debaixo da regra de são Jeronymo, com varios ramos na Espanha para a educação da mocidade, na Italia para a pratica da vida austera e penitente.

A obra das missões longinquas começava a avultar consideravelmente : os Irmãos menores ou *Franciscanos* evangelisavam o imenso imperio dos Tartaros ; um delles, Monte Corvino, apóstolo do Coromandel e das Indias, penetrava até Pekin, emquanto outro irmão, Odorico de Porto-Mahon, evangelisava Malabar, Ceylão, Java e o Thibet.

A santidade continuava a florescer nos trônos na pessôa de santa Isabel de Portugal e de santa Catharina da Suecia ; nos claustros com santa Brigida e

santa Catharina de Senna; em meio das situações mais variadas com Pedro de Luxemburgo, são Nicolau de Tolentino, santo André Corsini, modelo dos bispos, e são Roque, a quem os doentes acometidos pela peste tributam um culto especial.

Emfim, tambem a sciencia, embora decaida das culminancias que atingira com santo Thomaz e são Boaventura, ainda contava dignos representantes: Raymundo Lullo, cujos escriptos versam sobre todos os ramos das sciencias; Duns Scot, franciscano que fundou a escola dos *Scotistas* em frente daquella dos *Thomistas*. Arnoldo de Villanova, Guilherme Occam, o dominicano Taulero, etc. honravam a sciencia teologica, si bem que alguns destes autores tenham deixado certos erros introduzir-se nas suas obras. Na Italia, o *Dante*, nascido em Florença, falecido em 1321 em Ravenna, imortalisava-se com a *Divina Comedia*, poema cheio de vasta erudição e sciencia universal, emquanto *Petrarcha*, nascido em Arezzo, em 1304, semeava seus poemas, em que vibram os accentos da fé, mixtos embora, com algumas passagens licenciosas.

ARTIGO II

Grande scisma do Occidente.

(1378-1417).

Papas na séde de Roma

Urbano VI (1378-1389).
Bonifacio IX (1389-1404).
Innocencio VII (1404-1406).
Gregorio XII (1406-1409).
Alexandre V (1409-1410).
João XXIII (1410-1415).
Martinho V (1417-1431).

Papas na séde de Avinhão.

Clemente VII (1378-1394).
Bento XIII (1394-1417).

I. Os papas de Roma e de Avinhão. — II. As dores da Igreja. — III. O concilio de *Pisa* (1409). — IV. O concilio de *Constança*, 16° ecumenico (1414-1418), — V. As consolações da Igreja.

I. *Os papas de Roma e de Avinhão.* — Gregorio XI, tinha restabelecido a Santa Sé em Roma. Quatorze mezes após o seu regresso, morria, e o sagrado Collegio dava-lhe por successor, de acordo com os votos do povo romano, um papa, italiano de nascimento, que tomou o nome de Urbano VI. Os cardeaes detidos em Avinhão, o reconheceram como papa legitimo. Mas, cinco mezes mais tarde, descontentes com a escolha, pretenderam que ella não fôra livre, e reunidos em uma especie de conclave, declararam nula a eleição de Urbano VI, nomeando em seu lugar um delles, Roberto de Genova que tomou o nome de Clemente VII e foi residir em Avinhão. Houve então dois papas na Igreja, um em Roma, outro em Avinhão. Por mais de quarenta annos permaneceu esta desgraçada divisão com grandes prejuizos para os interesses catolicos. Os dois papas excomungaram-se mutuamente, e o orbe catolico scindou-se em dois grupos. Clemente VII tinha a seu favor a França e as nações alia-

das, Castella, o Aragão, Navarra, a Lorena e a Escocia; a Italia e mais estados da Europa reconheceram o papa de Roma. Onde estava o pontifice legitimo? Já que tinha sido a eleição de Urbano VI, perfeitamente regular, era elle o papa verdadeiro, e a sucessão legitima está na lista dos pontifices de Roma. Além disso, no solio romano, perpetuam-se o proceder ilibado, a virtude, a sabia administração da Igreja. Outro tanto não se dá com os papas de Avinhão, Clemente VII e Bento XIII : debaixo do pontificado dèstes, os favores e as dignidades são outorgados aos aduladores ; os costumes e a disciplina estão em decadencia. Todavia, as nações catolicas de ambos os partidos podiam estar na bôa fé e pensar que o papa por ellas preferido era o papa legitimo : a *unidade de facto* estava quebrada, mas, em principio, cada um aceitava apenas um só papa e uma só Igreja.

II. *As dôres da Igreja.* — Esta lastimosa scissão na autoridade pontifical não era a unica dôr que magoava a christandade. Por toda a parte, vê-se o malestar augmentando, a presagiar abalos violentos.

No Oriente, as victorias continuas de Bajazet reduziam o imperio grego quasi unicamente á cidade de Constantinopla. A invasão do famoso Tamerlan e dos seus Mongoes, e a sangrenta derrota que sofreu Bajazet em Ancyra, demoraram por meio seculo ainda a queda de Constantinopla.

O imperio da Alemanha gemia então sob a tyrania de Venceslau, rei da Bohemia, principe cruel e devasso, que a outros muitos crimes ajuntou o de matar São João Nepomuceno, conego de Praga, porque o santo sacerdote tinha recusado revelar-lhe a confissão da rainha. Revoltado com esta horrenda barbaria, o povo o expulsou do trôno.

A França, na sua luta com a Inglaterra, sofria o tremendo castigo do seu grande scisma. A Inglaterra

padecia com as violencias dos wiclefistas. Duzentos mil camponezes, fanatisados por um discipulo de Wiclef, o franciscano João Ballé, trucidaram o chanceler e o arcebispo de Cantorbery, obrigando o joven rei Ricardo a conceder alguns privilegios.

Uns sectarios foram para a Bohemia. Encontraram ali um concurso fanatico : *João Huss*, reitor da Universidade de Praga, sacerdote ambicioso, entrou de corpo e alma ao serviço do erro de Wiclef e teve na pessôa de *Jeronymo de Praga*, homem violento e desregrado, um ardoroso cumplice que propalou a falsa doutrina por toda a Alemanha. Os bens do clero constituiam um engodo poderoso para a côrte e os senhores, e a comunhão debaixo das duas especies, arvorada em dogma, conquistava as sympatias dos camponios.

Entretanto, os papas sucediam-se em Roma ; e Pedro de Lua, com o nome de Bento XIII, subia ao solio pontifical de Avinhão. Nos dois campos, anhelavam pelo regresso á união. Os papas rivaes, porém não querendo saber de nada, os cardeaes resolveram de comum acordo, reunir em Pisa, um concilio geral.

III. *O concilio de Pisa* (1409). — Todo o mundo sentia que o primeiro desejo por realisar era a união. Na França, a Universidade de Paris, dirigida por homens de talento, João Gerson, Pedro d'Ailly e Nicolau de Clemengis, propunha para esse fim um ou outro destes meios : renuncia pura e simples dos pretendentes, um *compromisso* ou julgamento da questão por arbitros, e emfim o *concilio geral* que tomaria uma providencia decisiva.

Reunida em Pisa, a assembleia constava de vinte e dois cardeaes, das duas obediencias, quatro patriarcas e mais de duzentos bispos ou arcebispos. Os dois papas não quizeram comparecer. Faltava porém a este concilio uma convocação regular, e uma autor[illegible]

ridade para presidil-o. As circumstancias excepcionaes que militavam a favor dos cardeaes não podem substituir o direito. Na falta de renuncia voluntaria ou de arbitragem, Gerson ensinou desassombrado a preeminencia do concilio sobre o papa, e isto, não sómente no caso vertente de um papa duvidoso, mas em geral e para todos os tempos. O concilio de Pisa aceitou este parecer, embora fosse o derrubamento da constituição monarchica da Igreja, e depois que teve pronunciado a deposição dos dois papas, fez eleger pelos cardeaes um novo papa que tomou o nome de *Alexandre V*. Mas os dois papas reinantes recusaram abdicar : houve portanto tres concorrentes e tres obediencias.

Os Padres de Pisa, antes de se separarem, determinaram a reunião de um concilio geral daí a tres annos para tratar dos graves interesses da Igreja.

IV. *O concilio de Constança, 16º ecumenico* (1414-1418). — A assembleia se reuniu sob a proteção de Sigismundo, imperador da Alemanha. Nunca concilio algum teve abertura mais imponente, mais solene : vinte e tres cardeaes, tres patriarcas, vinte arcebispos, quasi trezentos bispos, cento vinte e quatro abbades, mil e oito centos eclesiasticos, mais de mil e seiscentos principes e senhores, com o papa João XXIII, sucessor de Alexandre V, e o imperador Sigismundo, estavam presentes a esta reunião. Ficou assente em primeiro lugar que os doutores, os sacerdotes e os embaixadores teriam voz no concilio, e que o [illegible] se faria não individualmente, mas por nação [illegible] nações eram cinco : a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Italia e a Espanha.

Tres negocios deviam ser tratados pelo concilio : a união e a paz da Igreja, sua reformação e a confirmação da fé contra os erros de Wiclef e de João Huss.

1º *A união da Igreja pela extinção do scisma.* — Dos tres papas, nenhum era capaz de remediar ao scisma.

Gregorio XII hesitava em sacrificar a sua corôa; Bento XIII não o queria por preço algum; João XXIII, que presidia as primeiras sessões, deixou o concilio, de tão amedrontado que ficou com o só pensamento que teria de abdicar. Pedro d'Ailly e João Gerson sustentaram a tese erronea de Pisa, dizendo que a assembleia era legitima assim mesmo, e nas quarta e quinta sessões foram publicados os decretos famosos que encerram os principios do *galicanismo*. 1º Este synodo, licitamente reunido em nome do Espirito Santo, constituindo concilio geral, recebe imediatamente de Jesus Christo o seu poder, ao qual todas as pessôas, de qualquer estado ou dignidade, mesmo papal, devem obediencia no tocante á extinção e disparição do scisma e á reforma da Igreja de Deus, no seu chefe e nos seus membros. 2º Quem negar obstinadamente a submissão aos mandamentos, estatutos, regulamentos ou preceitos deste santo Synodo ou de outro qualquer concilio geral, e não se arrepender, terá uma penitencia justa e o castigo que merecer, valendo-se, si fôr necessario, de todos os outros meios de direito. » — Devemos observar que a assembleia de Constancia, não tendo chefe naquella ocasião, deixava de ser ecumenica, que este caracter nunca foi reconhecido por Roma para as quarta e quinta sessões, e emfim que Martinho V nunca aprovou o que tinha sido feito em Constancia, *conciliarmente e em materia de fé*.

O concilio procurou na realidade alcançar a renuncia pura e simples dos tres pretendentes: João XXIII consentiu nobremente em ser deposto; Gregorio XII abdicou livremente, Bento XIII, ficando obstinado, foi demitido e abandonado por seus partidarios. Emfim, na sessão quadragesima primeira, o cardeal Othon Colonna foi eleito papa a contento de todos, e tomou o nome de Martinho V. Estava terminado o grande scisma do Occidente, e o concilio de Constancia, pre-

sidido pelo novo papa, pôde occupar-se com as reformas disciplinarias e a condenação das heresias.

2º *Reformação da Igreja.* — Os decretos disciplinares do concilio de Constancia versam especialmente sobre a necessidade de reunir a miudo concilios geraes para evitar o scisma e as heresias ; os Padres admitiam que, em principio, se podia fixar um prazo de dez annos. (*Sess.* XXIX.)

3º *Condenação das heresias de Wiclef e de João Huss.* — O concilio de Constancia trabalhou em deslindar esses erros e os condenou solenemente. Entre as proposições assignaladas e feridas com o anatema, notamos as seguintes: « A substancia do pão e do vinho permanecem na Eucharistia, e Jesus não está realmente presente nella. — Não se vê no Evangelho ter Jesus Christo instituido a Missa. — A confissão exterior é inutil a todo homem arrependido. — Qualquer sacerdote ou bispo, em estado de pecado mortal, não administra validamente. — Emfim, e este é o artigo fundamental da heresia de Wiclef, o homem é privado do seu livre arbitrio, elle é forçado: perde-se ou salva-se fatalmente. »

João Huss e Jeronymo de Praga tinham ido em Constancia sob a garantia de um passaporte de Sigismundo, para justificarem-se perante a assembleia. Todos os meios de persuasão foram baldados de encontro á revolta dos sectarios. Os dois herejes foram entregues ao braço secular e queimados vivos por ordem do imperador. Ao saberem deste suplicio, os hussitas da Bohemia pegaram em armas e, chefiados pelo feroz João Ziska, alastraram as ruinas e o sangue pela Bohemia, a Polonia e a Hungria, afim de vingarem a morte dos seus chefes.

Considera-se geralmente o concilio de Constancia com o de Pisa e as primeiras sessões daquelle de Basilêa (1431), como decimo sexto concilio ecumenico com a denominação de *Pisa, Constancia e Basilêa.*

V. *As consolações da Igreja.* — Deus sempre deita algumas gotas de mel no calice de amarguras da sua Igreja. No periodo angustioso que acabamos de contemplar, a intervenção da Providencia tornou-se patente em mais de uma ocasião.

Em primeiro lugar, não é facto digno de reparo, não ter a doutrina sofrido o menor dano, apezar das contendas calorosas, em meio dos anatemas reciprocos de pontifices rivaes? Não, o erro nunca triumphou, nem mesmo no solio dos antipapas: resguardaram os principios da fé e da moral pura, condemnaram a heresia e nortearam o mundo nas veredas da justiça. Nos dois campos, houve santos e ilustres personagens: nas regiões dependentes do pontifice romano surgem, na Italia, o bemaventurado João de Vicença; na Hungria, são João Capistrano; são João Nepomuceno na Bohemia, depois, santa Veronica de Milão, santa Catharina de Sienna, santa Brigida, santa Catharina de Genova, etc.

Nos povos subditos do papa de Avinhão, avultam sabios como Pedro d'Ailly, mais tarde cardeal arcebispo de Cambraia; o piedoso e erudito João Gerson, autor presumido da *Imitação de Jesus Christo;* Nicolau de Clemengis; são Pedro de Luxemburgo, bispo de Metz; são Vicente Ferrer, o ardente pregador de toda a Europa.

No mesmo tempo, uma controversia trazia em reboliço as escolas teologicas a respeito da Imaculada Conceição. Com um ardor ao par da sua bôa fé, os thomistas impugnavam esta crença e os scotistas a sustentavam. Foi um consolo para a Igreja, ver a Universidade de Paris tomar a peito a defeza da honra de Maria, ensinar o glorioso privilegio e impôr a seus doutores o juramento de advogal-o.

No norte da Europa, deparava-se um espectaculo reconfortante: Jagellono, duque da Lithuania, recebia o batismo, e tornava-se o apóstolo do seu povo

ainda idolatra. Por seu matrimonio com a piedosa Hedwige, rainha da Polonia, consagrava a união ditosa dos dois paizes debaixo do mesmo sceptro.

ARTIGO III

Consequencias do scisma.

(1417-1449).

Papas.

Martinho V (1417-1431).
Eugenio IV (1431-1447).
Nicolau V (1447-1455).

I. A França humilhada e salva : Joanna de Arc (1429). — II. O concilio e o scisma de Basilêa (1431) ; pragmatica sanção de Burges. — III. Os concilios de Ferrara e de Florença. 17° ecumenico (1439) : Decreto para os Armenios. — IV. Fim do novo scisma.

I. *A França humilhada e salva* (1429). — O fim do grande scisma do Occidente corresponde com uma das épocas mais desastradas da historia da França. Aquella nação, subjugada pela mão da Inglaterra, despedaçada pelos partidos dos Armanhacos e dos Borguinhões, tinha como chefe um rei louco, como rainha, Isabel da Baviera, que desherdava o proprio filho para dar a corôa ao filho do rei da Inglaterra. Carlos VII, ao subir ao trôno, possuia apenas uma cidade : Burges ; Orleans era sitiada pelos Inglezes, emquanto Carlos, de coração alegre, perdia o restante do seu reino. — Tinha chegado a hora marcada por Deus para a salvação : na Lorena, na aldeia de Domremy, elle inspirava uma pobre moça do campo ; confiava-lhe uma missão sobrenatural : cumpria-lhe expulsar os Inglezes, levantar o cerco de Orleans, e fazer consagrar o rei Carlos VII em Reims. Joanna de Arc realisou a sua obra como uma heroina e uma santa. Terminada esta, a proteção do céu a desam-

parou. Ferida no cerco de Paris, aprisionada diante de Compiègne pelos Borguinhões, vendida aos Inglezes, julgada e condenada por um tribunal infame, mas cheia de confiança em Deus, não desmentindo nunca a sua missão providencial, ella ajunta a uma vida purissima, a gloria do martyrio. Foi queimada viva em Ruão, as chamas respeitaram-lhe o coração, achado depois incolume debaixo das cinzas da fogueira. Os Inglezes foram repelidos da França : a ação divina manifesta-se claramente nesta historia maravilhosa. Quinze annos depois de morta, Joanna teve o nome rehabilitado pelo papa Calixto III, por iniciativa do arcebispo de Reims, João Juvenal dos Ursinos. Passaram os seculos e Pio X proclamou bemaventurada a heroina de Ruão em 1909.

II. *O concilio e o scisma de Basilêa* (1431) ; *a pragmatica sanção de Burges.* — No mesmo anno em que morria Joanna de Arc, o papa Eugenio IV convocava em Basilêa um concilio que devia determinar o importante negocio da reformação. Tratava-se de restituir a paz á Europa, e sobretudo á Alemanha, expurgando os erros hussitas da christandade. — A primeira sessão foi presidida pelo cardeal Juliano. Reduzido numero de bispos tinham ido em Basilêa : a pretexto de reforma, começaram suprimindo, como abusivos, varios direitos, impostos percebidos pela Santa Sé desde tempos remotos, sob o nome de *annatas*, *reservas*, ou *expectativas ;* depois renovaram os decretos de Constancia, declarando o concilio superior ao papa. Com desprezo da autoridade pontifical, os Padres de Basilêa, cujo numero tinha augmentado, elaboravam uma obra heretica substituindo-se ao papado. Eugenio IV negava sua aprovação a estas estranhas teorias : a quebra entre o papa e o concilio foi completa.

Nesses entrementes, os bispos da Igreja grega, com

o imperador João Paleologo II, pediam que o concilio fosse transferido numa cidade mais propria para isso onde se pudesse tratar de novo da reunião das duas Igrejas. O papa indicou a cidade de Ferrara. Mas a assembleia de Basilêa protestou contra o decreto de translação e continuou suas sessões scismaticas. Eugenio IV foi declarado suspeito, e um conclave simulado elegeu Amadeu, duque da Saboia, sob o nome de Felix V. O scisma de Basilêa teve apenas uns poucos partidarios na Suissa, na Saboia, e em algumas cidades da Alemanha.

A França ficou submissa a Eugenio IV; os bispos francezes, porém, em vez de irem para Ferrara, regressaram na sua patria. Carlos VII os reuniu na Santa Capella de Burges. Ali é que foi elaborada, sem autoridade nem direito, essa famosa declaração renovada dos decretos de Basilêa, chamada a *pragmatica sanção do Burges* (1438). Acham-se formulados nella todos os principios do galicanismo : a autoridade suprema dos concilios geraes e sua superioridade sobre o papa ; a eleição dos bispos e dos abbades pelas igrejas catedraes e os mosteiros ; a supressão, na França das *annatas*, *reservas* e *expectativas ;* a abolição do apelo para Roma em materia eclesiastica, salvo para alguns casos de alta importancia ; a declaração de abuso contra as sentenças de excomunhão e de interditos lançados nas provincias ou no reino. Essa declaração, confirmada por Carlos VII, foi registrada como lei do reino. Mas Eugenio IV e seus sucessores não deixaram de protestar contra a *pragmatica*, que foi definitivamente revogada no concilio de Latran e substituida pela concordata de Leão X e Francisco I.

III. *Os concilios de Ferrara e de Florença, 17° ecumenico* (1439) ; *Decreto para os Armenios.* — O verdadeiro concilio abriu-se em Ferrara, a 8 de janeiro

de 1437, sob a presidencia dos legados do papa, com cinco arcebispos, vinte e dois bispos e quasi outros tantos bispos e geraes de ordens. Na primeira sessão foram condenadas as actas do conciliabulo scismatico de Basilêa. Na segunda, presidida pelo papa, pronunciava o anatema contra os prelados que tinham ficado em Basilêa, mandando que se separassem. Nisso a peste grassando em Ferrara, o concilio foi transferido em Florença. O numero dos bispos presentes era maior ; os Gregos tinham enviado delegados, particularmente Marco de Epheso e Bessarion de Nicêa ; o primeiro, ardente propugnador do scisma, que trazia o espirito subtil dos Gregos; o outro, partidario da união, que empregou todo o talento em fazel-a, assignando o decreto de união, em que vêm claràmente definidos todos os pontos discutidos pelos Gregos.

« O Espirito Santo, reza o Concilio, procede eternamente do Pae e do Filho, como de um principio unico e por uma unica spiração... A particula Filioque tem sido licitamente e com razão acrescentada ao Symbolo para esclarecer a verdade... O corpo de Christo é verdadeiramente consagrado no pão de trigo, quer azymò, quer levedado, e os sacerdotes devem empregar um ou outro conforme o uso da sua Igreja. As almas daquelles que morreram na caridade de Deus, antes de terem feito penitencia por seus peccados, são purificadas depois da morte por penas purgativas e podem ser aliviadas pelos sufragios dos vivos... As almas completamente imaculadas são logo aceitas no céu, e vêm a Deus claramente como elle é... As almas manchadas pelo peccado mortal baixam imediatamente para o inferno. »

A respeito da primazia da Igreja romana, o decreto de união encerra essa formula notavel : « O pontifice romano tem a primazia sobre todo o universo ; é o sucessor do bemaventurado Pedro, principe dos Apostolos, verdadeiro vigario de Jesus Christo, o chefe

de toda a Igreja, o pae e o doutor de todos os christãos; foi-lhe dado, na pessôa de Pedro, por Nosso Senhor Jesus Christo, o pleno poder de dirigir, reger e governar a Igreja universal, como tambem se póde ver nas actas dos concilios ecumenicos e nos santos canones. »

Depois desta decisão, os Gregos deixaram o concilio. Acreditava-se que a união era sincera, e duradoura. Mas de volta no Oriente, os deputados encontraram espiritos rebeldes. Marco de Epheso foi o defensor do scisma, e a infeliz Igreja grega tornou a mergulhar nas suas trevas.

O concilio de Florença, depois da partida dos Gregos, proseguiu na sua obra. O patriarca dos Armenios tinha enviado seus legados ao concilio para pedirem a sua reunião ao gremio da Igreja romana. Eugenio IV deferiu o pedido e lhes deu um formulario de fé catolica, conhecido pelo nome de *Decreto para os Armenios*. Nesta constituição vêm reprovados os erros monophysitas e monothelitas que se tinham arraigado naquella nação; o decreto traz mais uma adesão plena e inteira ás decisões dos concilios de Constantinopla, de Chalcedonia, e outros ecumenicos. Emfim, o papa resume nella a doutrina catolica sobre os sacramentos.

A Igreja ainda teve o consolo de encaminhar para seu rebanho os Jacobitas do Egypto, da Syria e da Mesopotamia, assim como os Maronitas do Libano. O concilio da Florença dissolveu-se, levando no peito, todos os seus membros, o jubilo e a esperança de verem realisar-se no mundo inteiro o voto do divino Mestre : « Um só rebanho e um só pastor. »

IV. *O fim do novo scisma.* — Eugenio IV falecera antes que terminasse o scisma de Basilêa. Mas debaixo de Nicolau V, seu sucessor, o malfadado duque da Saboia, o antipapa Felix V, se despojou a si pro-

prio das ridiculas e irrisorias insignias do seu pontificado. Morreu em 1449, e com elle morria o novo scisma, o qual, aliás não tivera alcance nem despertou muita atenção. Quanto ao conciliabulo de Basilêa, ainda dava signal de si, embora diminuissem seus membros. Transferiu-se em Lausanne, para ali fenecer ; os seus ultimos partidarios submeteram-se finalmente. Em meio de um acervo de loucuras, causa pasmo ver que defende com brilho e sabedoria o glorioso privilegio da Imaculada Conceição de Nossa Senhora. Por volta do anno de 1450 celebrava-se o Jubileu ; inumeros peregrinos o vieram festejar em Roma.

ARTIGO IV

Periodo de transição entre a idade media e os tempos modernos.

(1449-1517).

Papas.	*Papas.*
Nicolau V (1447-1455).	Innocencio VIII (1484-1492).
Calixto III (1455-1458).	Alexandre VI (1492-1503).
Pio II (1458-1464).	Pio III (1503).
Paulo II (1464-1471).	Julio II (1503-1513).
Sixto IV (1471-1484).	Leão X (1513-1521).

I. Victorias dos Turcos : tomada de Constantinopla (1453). — II. A Espanha catholica : Inquisição. — III. A propagação da fé no Extremo Oriente e no Novo Mundo. — IV. Os Papas e a liberdade nacional da Italia. — V. O quinto concilio de Latran, 18º ecumenico (1512-1517), concordata entre Leão X e Francisco I. — VI. Novas ordens religiosas e santas personagens do seculo xv. — VII. *O Renascimento.*

I. *Victorias dos Turcos : tomada de Constantinopla* (1453). — O islamismo, um instante transtornado nos seus planos de conquista pela invasão de Tamerlan, não deixava por isso de afagar seu sonho : o avassalamento da Europa. Amurato II, neto de Bajazet, veiu sitiar Belgrade, fortaleza da christandade. Eugenio IV tinha armado a Polonia e a Hungria : Jagel-

lon, João Huniade, general de Ladislau, Scanderberg, filho do principe da Albania, desbarataram com sua coragem heroica os esforços dos Turcos. Mas o filho de Amurato, Mahomet II, atacou Constantinopla com um exercito de trezentos mil homens. A capital do imperio do Oriente foi tomada num assalto e saqueada; a igreja de Santa Sophia foi transformada em mesquita. O imperador Constantino XII, Paleologo, falecera na luta; o imperio do Oriente desabou para nunca mais levantar-se (1453). O scisma grego sofria o castigo de tantas revoltas : desde então a desditosa Igreja de Constantinopla ficou curvada ao jugo musulmano.

Mas não se tratava já somente do imperio grego : a Europa catolica toda achava-se ameaçada pelo crescente. O papado procurou nobremente estorvar-lhe a marcha victoriosa : Nicolau V poz a Italia em pé de guerra ; Calixto III mandou o legado Enéas Sylvio nas côrtes da Europa e pela palavra ardente de são João Capistrano, entusiasmou a Alemanha : vinte mil homens reunidos a Huniade salvaram Belgrade. Enéas Sylvio, agora papa sob o nome de Pio II, pregou, elle proprio, uma cruzada contra a invasão musulmana. A' sua voz, moveu-se a Europa, e trezentos mil combatentes ergueram-se. Mas quando morreu Pio II, a cruzada se desorganisou. Scanderberg e Mathias Corvino ainda resistem com energia. Sixto IV armou uma esquadra para combater as emprezas navaes de Mahomet II. A luta, porém era impossivel. Unicamente a morte de Mahomet II poz termo ás suas conquistas.

II. *A Espanha catolica : Inquisição.* — Emquanto o Oriente vergava sob os esforços dos musulmanos da Asia, a Espanha catolica lutava com exito contra os Mouros da peninsula. Fernando e Isabel tinham reunido as duas corôas de Aragão e de Castella... O pe-

queno reino das Asturias tinha sucessivamente augmentado suas conquistas, e Fernando o Catolico possuia agora, debaixo do seu sceptro, a Espanha inteira livre do jugo dos infieis pela tomada de Grenada (1492).

Depois de terem fundado a unidade territorial, Fernando e Isabel queriam nos seus Estados a unidade de crenças e de leis. Ora os Mouros tinham ficado no paiz em grande numero; unidos aos Judeus contra a dominação christã, pelejavam juntos em odio da fé, afim de recuperarem a sua independencia. A sua presença constituia um perigo permanente. Fernando publicou um edito que não lhes deixava outra alternativa sinão receber o batismo ou exilar-se para a Africa. Mas grande numero desses Mouros batisados abjuravam secretamente; praticavam vinganças fanaticas e profanações sacrilegas. Para obstar a esses inconvenientes, Fernando instituiu um tribunal da Inquisição não exclusivamente eclesiastico, como a inquisição romana, mas meio politico e meio religioso, responsavel perante o soberano, e cuja missão consistia em procurar os apostatas, julgar o crime de heresia, e outros delictos previstos pelas leis. A' inquisição espanhola competia pronunciar sobre a culpabilidade dos incriminados: a justiça secular sentenciava e aplicava a pena. E' este o tribunal cuja instituição magôou a Sixto IV; seus rigores excessivos foram muitas vezes censurados pelos papas, mas não ha negar que a Espanha catolica lhe deve a sua nacionalidade e a unidade da sua fé.

III. *A propagação da fé no Extremo-Oriente e o novo mundo.* — No seculo XV, a Igreja dá á obra das missões longinquas uma organisação nova e mais completa: naquella época, ella mandava missionarios dominicanos e franciscanos na India, na China e no Thibet. Pekim tinha um arcebispo e varios coadjutores. Di-

versos bispados foram creados entre os Tartaros. Os Laponios abraçaram tambem a fé catolica.

O anno de 1492 havia de desvendar ao apostolado catolico novos e magnificos horizontos. Auxiliado pela descoberta da bussola que vinha prestar serviços imensos á navegação, o genovez, Christovam Colombo alcançou de Fernando o Catolico tres navios para andar á procura de uma terra desconhecida, da qual o seu genio lhe revelava a existencia, além do Oceano. Descobriu o novo mundo, que chamou *Indias occidentaes*, e ao qual o florentino Americo Vespucci deu o nome.

Para a mesma época, Vasco de Gama, o heroe imortalisado nos versos de Camões, abria um caminho novo para as Indias orientaes pelo cabo de Bôa Ecperança. Com as naus da Espanha e de Portugal, a fé catolica aportava naquellas regiões : benedictinos, dominicanos e franciscanos á porfia levaram os beneficios da fé e da civilisação a essas povoações afastadas. O mais celebre dentre os missionarios da America foi o dominicano *Las Casas* : fez-se o defensor dos Indios contra a avareza e a crueldade do Europeu invasor, e veiu a ser o primeiro bispo de Mexico.

IV. *Os papas e a liberdade nacional da Italia.* — Emquanto o papado zelava pela extensão da fé no novo mundo, tinha que proteger a Italia e conservar-lhe a liberdade nacional. Foi a obra especial de Alexandre VI e Julio II, livrar a Peninsula e reconstituir o poder temporal, repelindo todos os assaltantes. — Alexandre VI é esse famoso Rodrigues Borgia cuja memoria tem sido tão cruelmente vilipendiada por certos historiadores. Não é facil dizer com exactidão como lhe correu a vida antes que fosse eleito papa ; mas o certo é, que, uma vez elevado ao solio pontificio, empregou uma energia indomavel, um espirito recto e distinto, um zelo nunca fatigado, na defeza da Reli-

gião, da Igreja, como tambem da liberdade italiana. Em Florença, enfreia o ardor indiscreto de Jeronymo Savonarola, pacifica a Italia transtornada pelos partidos, faz frente a Carlos VIII, rei de Napoles, faz recuar todos os opressores da Santa Sé, por toda a parte advoga os interesses da christandade. — Julio II é esse cardeal Juliano da Rovera que se salientou por sua maestria nos negocios e sua coragem nas lutas como chefe do movimento italiano; papa, elle faz frente ás ambições italianas e francezas; combate pessoalmente os Venezianos, forma com a França e a Espanha a *Aliança de Cambraia ;* e quando Luiz XII voltou-se contra a Santa Sé, fere-o o papa com os seus anatemas. O rei da França, irritado, quiz processar o papa num arremedo de concilio, reunido em Pisa, transferido em Milão e depois em Leão. Essa tentativa de scisma, porém, foi simplesmente ridicula : Julio II, depois de ter excomungado os partidarios do scisma, e lançado o interdito sobre o reino da França, indicou, elle mesmo, um concilio geral em Roma para o anno de 1512.

V. *O quinto concilio de Latran, decimo oitavo ecumenico* (1512-1517) ; *concordata entre Leão X e Francisco I.* — Cem bispos, italianos pela maior parte, assistiram ao concilio : todos os Estados da christandade, inclusive a França, nelle estavam representados. Julio II presidiu as cinco primeiras sessões, e Leão X, eleito papa em 1513, as sete outras.

Dois objectos principaes foram tratados pelo concilio : a reformação do clero e a revogação da *pragmatica sanção de Burges.*

1º *Reformação do clero.* — Mencionamos os decretos anulando a eleição do papa, caso seja eivada de simonia ; as regras de promoção ás dignidades e aos beneficios eclesiasticos ; uma bula, aprovando solenemente a instituição dos *montes de piedade ;* outra motivada

pela recente descoberta da imprensa, prohibindo a publicação de qualquer livro sem a aprovação de Roma, do bispo ou seu delegado, etc.

De envolta com esses decretos, lemos uma definição dogmatica a respeito da *alma humana* : « A alma é essencialmente por si mesma a forma do corpo humano : ella é imortal, multipla, e em numero igual ao numero dos corpos que ella anima. » (*Sess.*, VIII.) Depois, a respeito da pregação, o concilio prohibe terminantemente « determinar a época das calamidades futuras, da vinda do antechristo e do juizo ultimo, como tambem de pretextar revelações ou inspirações particulares. » (*Sess.* XI.)

2º *Revogação da pragmatica sanção.* — Este acto illicito e de nulo efeito fôra a fonte de graves dificuldades entre Luiz XII e Julio II. O rei e o papa tinham morrido desde a reunião do concilio. Mas Francisco I e Leão X concordaram em destruir, e substituir por outra, esta constituição que ficava sendo causa perenne de perturbações. Uma nova *concordata* foi assignada em 1515 e recebeu a confirmação do concilio. — Emfim uma bula especial declarou que estava revogada, supressa e abolida a *pragmatica sanção*, com sentença de excomunhão contra quem, no futuro, ainda se baseasse nos seus artigos.

3º *A concordata entre Leão X e Francisco I.* — Uma das principaes clausulas da concordata de 1515 é aquella relativa á nomeação dos bispos, dignitarios da Igreja e dos mosteiros. Desde o seculo XIV, faziam-se as eleições episcopaes sob o influxo poderoso da autoridade real, e, muitas vezes, com intervenção directa da Santa Sé. A concordata preceitúa que, dora em diante, os capitulos, os conegos não tomarão parte alguma na escolha dos bispos, mas que o rei nomeará nos seis mezes de vaga, um doutor ou um licienciado em teologia ou em direito, de vinte e sete annos quando menos, apresentando todos os mais predicados exi-

gidos. O papa dará a instituição canonica. Si o candidato proposto pelo rei não fosse aceito, este deveria apresentar outro dentro do prazo de tres mezes, e si ainda não houvesse acordo, o papa nomearia um titular. Nos mosteiros ou conventos, o abbade ou o prior será igualmente nomeado pelo rei, que terá de escolher um religioso da mesma ordem, tendo pelo menos vinte e tres annos : o eleito receberá sua promoção da Santa Sé.

A concordata suprimia como a *Pragmatica*, as *expectativas* e *reservas*, mas deixava subsistir as *anatas*.

As estipulações relativas á nomeação dos bispos vigoraram até á separação da Igreja e do Estado ; tinham sido mantidas pela nova concordata de 1801.

VI. *Novas Ordens religiosas e santos personagens do seculo XV.* — Temos de registrar duas congregações religiosas importantes : a dos *Minimos* e a das *Anunciadas*.

A ordem dos *Minimos* teve por fundador a são *Francisco de Paula*, nascido na Calabria. Dando á seus discipulos o nome de *irmãos minimos*, Francisco impunha-lhes a obrigação especial da humildade. Aos tres votos de religião, acrescentou aquelle de uma quaresma perpetua. Elle mesmo foi o transsumpto fidelissimo da vida humilde e austera. Luiz XI, ao ver a morte avisinhar-se, chamou junto de si em Plessis lés Tours esse santo religioso que preparou o monarca para a suprema viagem. Uma casa de *Minimos* foi fundada em Plessis, e a ordem, aprovada por Sixto IV, espalhou-se na França como na Italia.

A ordem das *Anunciadas* deve a sua origem a santa Joanna de Valois, filha de Luiz XI, esposa despedida de Luiz XII. Foi em Burges, cujo ducado recebera em apanagio, que ella derramou suas piedosas esmolas e seus exemplos admiraveis ; ali é que fundou a sua

ordem de religiosas aprovada por Alexandre VI, e que recende ainda suaves perfumes de santidade.

Dentre as lindas flores que exhalavam seus aromas no jardim da perfeição, no seculo XV, notamos são *Bernardino de Sienna*, piedoso restaurador da observancia rigorosa na ordem franciscana; são *Laurenço Justiniano*, patriarca de Veneza, ornamento do episcopado; santo *Antonino*, da ordem de são Domingos, arcebispo de Florença, o oraculo do seu tempo pela sciencia e pela virtude; são *João Capistrano*, heroico defensor da christandade contra os Turcos; as duas santas *Catharina* de *Bolonha* e de *Genova*; santa *Coletta*, reformadora das Clarissas; santa *Margarida da Saboia*; o bemaventurado *Nicolau de Flue*, salvador da liberdade helvetica; são *Casimiro*, da familia real da Polonia; são *Fernando*, da familia de Portugal; santa *Veronica* de Milão; santa *Francisca*, senhora romana, etc.

VII. *O Renascimento.* —Assim foi chamado o movimento extraordinario que se produziu no seculo XV, depois da queda de Constantinopla, verdadeira revolução nas ideias, nas letras, nas sciencias e nas artes. Esta reação foi originada pela importação da civilisação grega no Occidente, e impulsionada pela descoberta da imprensa e as primeiras invenções do genio moderno.

Acordou então na Europa um entusiasmo febril para as obras primas de Athenas e de Roma, e em particular para a philosophia de Platão, com grande prejuizo dos estudos christãos e da teologia escolastica. O desenfreado gosto para o paganismo levava directamente ao livre pensamento : delle brotou a Reforma e após esta, a Revolução. Considerado neste ponto de vista, o Renascimento foi nefasto.

Quanto ao movimento literario, scientifico e artistico do seculo XV, este tem sido animado pelos papas

e pela Igreja. Eugenio IV guardou na Italia o sabio grego Bessarion, e fazendo-o cardeal, abriu-lhe horizontes que lhe facultaram os meios de desempenhar um papel mais importante na obra do renascimento intelectual. Nicolau V teve na sua côrte os mais illustres sabios. Calixto III tinha a paixão dos manuscriptos ; Pio II tomára lugar entre os mais distintos literatos do seu tempo ; Julio II estimulou especialmente os artistas, e Leão X mereceu a gloria de dar seu nome ao seculo que presenceou o fulgor literario e artistico da Italia, emquanto a França designava com o nome de Francisco I este mesmo seculo em que despontam os primeiros monumentos da lingua e da architectura francezas.

Lembremos apenas uma circumstancia notavel, e por de mais esquecida. Nas sciencias, quem dá o inicio de todos os progressos, são homens da Igreja : Nicolau de Cusa, o qual pretendeu, uns duzentos annos antes de Galileu, que a terra gira, foi arcediago de Liège, bispo e cardeal. João Muller, mais conhecido sob o nome de Regiomontanus, o restaurador da astronomia moderna, foi nomeado por Sixto IV ao bispado de Ratisbonne. Copernico, autor do novo systema do mundo, era conego de Frauenburgo. — E' sabido qual foi o impulso dado ás artes pelas recompensas dos pontifices Julio II e Leão X. Aquelle convida para Roma Miguel Angelo, e alcança delle a imortal obra prima, filha de um talento assombroso que adorna a capela Sixtina : a admiravel scena do *Juizo ultimo;* confia ao architecto genial Bramante a execusão da basilica de São Pedro e forma o museu do Vaticano. Este protege Raphael, o sublime pintor da capela e do palacio dos papas. E' nessa época que saia da escola franciscana da Ombria, Perugini, que Leonardo de Vinci, o Corregio e o Ticiano produzem as maravilhas da pintura christã. Os melhores mestres da Italia catolica vão ilustrar a França : Benvenuto Cel-

lini, Leonardo de Vinci, o pintor João Cousin, o architecto Delorme, os esculptores Germano Pilão e João Gujão.

Assim tudo está vivo no começo do seculo XVI; mas esse estranho despertar da actividade humana ia dar á luz o protestantismo e tocamos á historia dos tempos modernos.

III

A IGREJA NOS TEMPOS MODERNOS

REFORMA E REVOLUÇÃO

(Do anno de 1517 até a época contemporanea.)

NOÇÕES PRELIMINARES

Ideia geral. — Divisão deste capitulo.

Ainda temos que percorrer um periodo de quatro seculos, sem duvida o mais proceloso da historia toda. Jesus Christo ha de reinar ; mas a sua realeza deste mundo é antes impugnada do que acatada. A Igreja ha de vencer o erro, governar as almas, dilatar o imperio da fé ; mas, qual o seu Mestre divino, ella topa com inumeros obstaculos : a contradição, as provas, um combate renhido e incessante sempre deve preceder o triumpho final. Nos *tempos modernos* verifica-se tambem essa lei geral. Com o seculo XVI, tinha medrado um novo espirito de independencia e de revolta ; poderemos averiguar os seus progressos no *protestantismo* que se disfarçará depois no *jansenismo*, para surgir mais desembaraçado no *philosophismo* do seculo XVIII e dar emfim seus tristes e amargos frutos na *revolução*. O seculo XIX nos mostrará os resultados da marcha progressiva, muitas vezes desastrada, do espirito moderno. Vamos pôr os marcos miliarios no caminho andado.

Bossuet dirigiu seu olhar de aguia nesta transformação da Europa no começo do seculo XVI. « A fonte de todo o mal, diz elle, é a seguinte : aquelles que, no seculo findo, não trepidaram em procurar a reformação pelo scisma, não encontraram baluarte mais forte, mais inexpugnavel que a santa autoridade da Igreja catolica, reprovando toda a sua novidade, e então foram obrigados a derrubar esta Igreja. Cada um se fez a si mesmo um tribunal em que se arvorou arbitro e juiz da propria crença... Logo, era facil prever que a paixão, tendo partido o freio, as seitas multiplicar-se-iam até o infinito ; que a obstinação seria invencivel e que, emquanto uns não deixariam de contender ou exporiam suas elucubrações como dogmas inspirados, outros, cansados com tantas visões insanas, incapazes de entenderem mais a majestade da Religião rasgada por tantas seitas, atirar-se-iam finalmente nos braços de um descanso falaz e funesto e numa completa independencia pela indiferença das religiões ou pelo atheismo (1). »

Esta pagina do grande bispo pinta perfeitamente a historia religiosa dos tempos modernos. A theoria do *livre exame* e o principio de *independencia espiritual* se coadunavam exatamente com os instintos do seculo XVI, com todas as más paixões, todas as cubiças ; por isso a pretendida reforma não podia deixar de ter um exito facil e o *protestantismo* grassou espantosamente na velha Europa. Mal porém estava fundada a obra de Luthero, rebentam as divisões, multiplicam-se as seitas e a desordem invade as sociedades como as consciencias.

A este periodo agitado succede outro de *descanso funesto*. Não é mais a luta renhida, furiosa, estrondosa do protestantismo, sinão as intrigas ocultas e tenebrosas do *jansenismo*. Esta heresia caminha, qual

(1) Bossuet, *Oração funebre da rainha da Inglaterra.*

peçonha subtil e mortal a instilar-se nas almas. Os espiritos mais distintos sofrem com a sua influencia, e Bossuet que a denuncia, assustado, evita o jansenismo mas cae em outro erro, oriundo igualmente da revolta contra a autoridade : e *galicanismo* que ia arrastando uma nação inteira para o scisma.

Esta indiferença completa quanto ás religiões, este ateismo que Bossuet vaticinava, foi preparado por tres inimigos terriveis : o *protestantismo* revolucionou os espiritos pelo livre exame ; o *jansenismo* esfriou os corações com a sua moral exagerada ; o *philosophismo* ha de ultimar a obra, levando a sociedade europêa á incredulidade, á negação, a este deismo teorico que não passa de ateismo pratico. Ominosos tempos principiam para a Igreja : Voltaire e sua escola dirigem este movimento que não ha de parar com a indiferença, sinão resvalar até o odio de Deus, de Jesus Christo e da Igreja. Por um momento, a impiedade ergue a fronte audaz em todos os Estados da Europa catolica.

A balburdia nas idéas acarreta forçosamente o transtorno na sociedade : o fruto do ateismo philosophico é a *revolução*. A tormenta dura pouco tempo e no entanto, quantas ruinas não amontôa ! Todas as tempestades passadas parecem uma ninharia comparadas com o cataclysmo revolucionario. Mas ficou outra vez bem patente ter a Igreja promessas de imortalidade que desafiam todas as potencias do inferno : saiu do fundo deste abysmo, maior, mais radiante, mais intrepida que jamais fôra. Com a revolução, chegamos ás portas do seculo XIX. Nova vida e nova historia começam para a Igreja catolica ; dir-se-ia que assistimos á formação da sociedade contemporanea, formação ardua, afadigosa, em que a Igreja recomeça sua obra, seu apostolado e prepara o triumpho definitivo de Jesus Christo. Teremos que admirar, por parte della, esforços gigantescos premiados por belas victorias ; mas veremos igualmente o embater

raivoso do espirito do mal, a luta tremanda entre a verdade e o inferno desencadeado. O desfecho certissimo ha de ser o triumpho de Jesus Christo e da Igreja; a hora escolhida pela providencia, é que fica incerta.

Tal é o caminho extenso que nos cumpre perlustrar; nosso escopo é salientar o papel e a ação da Igreja nas diversas phases acima expostas. Fal-o-emos em quatro capitulos : 1º *A Igreja e a reforma* (1517-1598) : conheceremos os principaes chefes do protestantismo, suas doutrinas, a propagação da reforma, a condenação do erro e a obra imensa do concilio de Trento; 2º *A Igreja e o jansenismo galicano* (1598-1715) : ali veremos os diferentes erros que brotaram do protestantismo, o zelo incansavel da Igreja na resistencia ao mal e na sua condenação ; a heresia de *Baio* e de *Jansenio*, o *galicanismo*, *o quietismo*, a propaganda de Quesnel, tambem entrarão nesse estudo que se estenderá até a morte de Luiz XIV ; 3º *A Igreja e o philosophismo* do seculo xviii (1715-1789) : aqui temos as ultimas intrigas sorrateiras do jansenismo abrindo caminho á incredulidade, e depois, o reinado do *philosophismo* de Voltaire e da sua escola ; 4º *A Igreja e a revolução ;* o monstro escancára as fauces ; o torvelinho arrasta fatalmente a França, e, á reboque desta nação, todos os mais povos da Europa. Veremos os excessos monstruosos da revolução antireligiosa, e o socego tão almejado que trouxe a concordata entre o governo francez e o papado. Mas o terrivel grito da revolução ainda ecôa pelo seculo xix além ; delle sairam os erros modernos que a Igreja vem profligando, cincoenta annos a esta parte. Pio IX foi o seu antagonista destemido e o concilio do Vaticano os denunciou e feriu com os seus anatemas. Estudaremos brevemente essas novas doutrinas com a sua reprovação. Uma vista geral sobre o seculo xix terminará esse capitulo, e veremos qual é a situação actual, suas tristezas, como tambem suas esperanças.

CAPITULO I

A Igreja e a Reforma.

(1517-1598)

Ideia geral — Divisão deste capitulo,

O reboliço e a actividade que o renascimento acabava de despertar, o divorcio entre a sociedade politica e a sociedade religiosa, certos abusos que se tiham introduzido no proprio seio do catolicismo, uma propensão geral á emancipação, tanto nos costumes como nas ideias, tudo aprontava o terreno para Luthero quando surgiu este heresiarca. Mas apenas tinha o reformador lançado na sua patria as theorias do *livre exame*, outros espiritos apoderam-se dellas e trazem a discordia no protestantismo recem nascido. Calvino, na França e na Suissa, funda uma seita rival; Henrique VIII, na Inglaterra, separa-se de Roma para libertar-se do jugo da Igreja, sem ousar comtudo admitir ainda os erros lutherianos que elle proprio combatera: será a obra de Isabel. Mas, a favor do principio de emancipação e de revolta, o protestantismo alastra-se em grande parte da Europa. E' o primeiro espectaculo que se nos antolha.

A Igreja porém está no seu posto, atalaia fiel e zelosa: Leão X pronuncia o anatema contra Luthero e suas doutrinas; Paulo III convoca em Trento os bispos do mundo catolico, e ali, desde 1545 até 1563, certo com algumas interrupções, mas sempre proseguindo nas mesmas lides, o concilio ecumenico esquadrinha todas as heresias amontoadas no protestantismo, opondo-lhes em definições lucidas a verdade

catolica. Lembraremos as principaes decisões dogmaticas, moraes e disciplinares promulgadas por esta insigne assembleia.

O protestantismo tinha incendiado a Alemanha; os camponezes tinham-se armado, reinava a guerra civil. Na Inglaterra, mesma causa, mesmos resultados, e com a rainha Isabel, está feita um imenso lodaçal de ruinas e sangue, a antiga *Ilha dos santos*, centro agora de uma perseguição atroz. A França, por sua vez, é o teatro de uma carnificina horrenda, que termina somente com a conversão de Henrique IV e seu famoso edito de Nantes (1598).

Agruparemos em outros tantos estudos especiaes, os esforços da Igreja contra a heresia protestante, o influxo saudavel e poderoso das suas novas ordens religiosas, o espectaculo da santidade no seculo XVI, o desenvolvimento da sciencia catolica, e emfim a propagação da fé no novo mundo onde ella encontra um consolo precioso, e uma compensação para as perdas que faz na Europa. Portanto teremos quatro artigos : 1º *Os heresiarcas do seculo XVI* (1517-1545), ou os homens, as doutrinas e a difusão do protestantismo ; 2º *O concilio de Trento* (1545-1563), sua historia sucinta e suas principaes decisões ; 3º *Lutas religiosas na Inglaterra e na França* (1563-1598) resumo da obra de Isabel, suas perseguições contra os catolicos ; as guerras de religião na França até o edito de Nantes ; 4º emfim, *A verdadeira reforma praticada pela Igreja no seculo XVI*, exposição muito abreviada da ação benefica da Igreja para vedar o passo ao protestantismo e reedificar sobre a base da santidade evangelica.

ARTIGO I

Heresiarcas do seculo XVI.

(1515-1545).

Papas.	*Papas.*
Leão X (1513-1522).	Clemente VII (1523-1534).
Adriano VI (1522-1523).	Paulo III (1534-1549).

I. Luthero (1516-1546) : sua historia, sua doutrina. — II. Divisões e guerras no seio do protestantismo allemão. — II. Calvino (1532-1564) : sua historia, seus erros — IV. Henrique VIII (1534-1547). — Origem do scisma da Inglaterra. — V. Propaganda do protestantismo na Europa. — VI. Juizo sobre o protestantismo.

I. *Luthero* (1517-1546) : *sua historia, sua doutrina,* — Luthero nascera em Eisleben na Saxonia, em 1483. Educado pela caridade catolica, entrou, em 1505, no convento dos Agostinhos de Erfurt, nelle professou e recebeu as ordens. Dali foi enviado como professor de dialectica e de teologia na universidade de Wittemberg. Recebendo o gráu de doutor, prestou o juramento de ensinar a fé catolica e defendel-a contra todas as heresias até o ultimo suspiro.

Em 1517, Leão X concedeu uma indulgencia plenaria a todos os fieis, os quaes, arrependidos dos seus pecados contribuissem com esmolas á terminação da basilica de São Pedro. A pregação das indulgencias, na Alemanha, foi confiada aos monges dominicanos. O orgulho de Luthero ficou melindrado com isso, e o doutor desabafou a sua raiva em teses que atacavam não somente abusos possiveis, sinão a mesma doutrina das indulgencias, teses que elle expoz ao publico nas portas da igreja de Wittemberg.

Os teologos catolicos logo rebateram os erros do monge saxonio. Luthero escreveu ao papa Leão X uma carta em que dizia : « Aprovai ou reprovai como quizerdes : escutarei vossa palavra como a propria voz de Jesus Christo. » Apezar destes protestos,

o monge dogmatisava. Já não se limitava á questão das indulgencias, impugnava o livre arbitrio, a necessidade das obras bôas para a salvação; negava a primazia da Santa Sé romana, apelava para o papa melhor informado, e depois para um concilio; vituperava os votos, o celibato eclesiastico, aventava seu famoso *sacerdocio leigo* e destruia toda a jerarchia da Igreja.

Leão X empregou debalde todos os meios de conciliação; condenou Luthero pela bula *Exurge* (1520). Em vez de aceital-a, o reformador queimou a bula pontifical na praça de Wittemberg. Estava em plena revolta. Carlos Quinto, imperador da Alemanha, chamou o novador na assembleia de Worms (1521). Luthero ali defendeu seus erros, e foi entregue á vindita do imperio; mas Frederico da Saxonia o acolheu no castelo de Wartburgo. Deste retiro, que elle denominava sua ilha de Pathmos, o heresiarca derramou na Alemanha enchentes de pamfletos incendiarios e de novos erros.

A decadencia do monge é rapida; seus progressos na heresia e a negação progridem na mesma proporção. Engeitada a autoridade da Igreja, a Escritura, sagrada vem a ser para Luthero a unica norma da fé, e a interpretação individual delineia para cada um deveres e crenças. Já que o homem era justificado pela fé e não carecia da graça, o reformador devia negar os sacramentos; no entanto, por ilogismo evidente, conserva tres: o batismo, a penitencia, a Eucaristia, modificando porém em todos a doutrina catolica; agora, não passam de signaes sensiveis para despertar a nossa fé; elle suprime a confissão auricular, e a penitencia consiste apenas na fé na remissão dos pecados pelos meritos de Jesus Christo; elle nega a transubstanciação e conserva somente a presença real de Jesus Christo no pão; substitue a missa pela ceia que é uma simples ceremonia. Emfim, Lu-

thero perfaz a sua obra de destruição acoimando de idolatra o culto dos santos e o da Mãe de Deus, a veneração das reliquias e das imagens, e rejeitando o culto dos mortos. E para melhor amoldar a nova religião a todas as paixões humanas, suprime abstinencias e jejuns, autorisa o divorcio, ensina o casamento dos padres e religiosos, quebra os votos monasticos, e dá o exemplo, desposando sacrilegamente Catharina Bora, freira que elle arranca do convento; grangeia proteção dos principes devassos e do povo desordeiro, levando-os ao saque das igrejas e dos mosteiros. Foi esta a obra que Luthero chamou *reforma.*

II. *Divisões e guerras no seio do protestantismo allemão.* — Esta liberdade na fé e no pensamento devia gerar, como de facto se deu, a confusão nas ideias; o desmoronamento do principio de autoridade, e a suppressão de todo e qualquer freio devia acarretar e fatalmente acarretou a anarchia. Antes mesmo que Luthero desdobrasse, em Wittemberg, o estandarte da revolta contra a Igreja, Zwingle, parocho de Glaris, na Suissa, protestára contra as indulgencias; o primeiro, elle tinha proposto a Escritura sagrada como unica regra de fé. Estimulado pelo exito que encontrava, elle veiu, audaz, dogmatisar em Zurich. Falou contra as ceremonias exteriores do culto, negou a eficacia dos sacramentos, e engeitou o purgatorio e o culto dos santos. Zwingle combatia particularmente a presença real de Jesus Christo na Eucaristia e tornou-se o chefe da seita dos *sacramentarios.* Entre seus discipulos, contava Carlostadt, admirador e amigo de Luthero, que se separou do monge saxonio para vir a ser na Alemanha o chefe dos *sacramentarios* e dos *iconoclastas.* Esses herejes entraram a quebrar as estatuas, rasgar as telas, e derrubar as santas imagens em todas as igrejas. Na Suissa, praticaram as mesmas tropelias e perseguiram os catolicos, com tamanha

violencia que estes tiveram de pegar em armas para vingarem seus direitos conculcados. Os protestantes foram vencidos na batalha de Cappel, sendo o corpo de Zwingle achado entre os mortos.

No tempo em que Luthero ainda habitava o castelo de Wartburgo, dois outros discipulos seus, Nicolau Storch e Thomaz Münzer, se arvoraram em falsos prophetas. Dando como principio que o batismo apenas se torna eficaz pela fé, deduziam ser nulo o batismo das crianças, sendo necessario batisar de novo todos os adultos; dali o seu nome de *anabatistas*. Pretendiam ter a missão de restabelecer o reino de Christo sobre o fundamento da igualdade social. Por seus discursos fanaticos, excitaram as multidões, levando-as ao saque e inaugurando a cruenta *guerra dos camponezes*. Luthero arrastou contra elles os principes fidalgos, assustados com essa revolta. Cem mil camponezes, segundo dizem, pereceram na batalha de Frankenhausen (1525). Münzer, aprisionado, foi degolado. Alguns annos mais tarde, esta seita fez um novo esforço na Westphalia, sob o comando do padeiro João Matheus, e do sapateiro João de Leyde, que acrescentavam aos desvarios dos seus predecessores, a comunidade dos bens e das mulheres. O cerco e a tomada de Munster, onde foram mortos os dois chefes, poz termo á guerra dos anabatistas.

Porém, a divisão lavrava entre os *protestantes* : era este o nome que tinham adoptado os reformados na assembleia de Spira (1529), ao recusarem adesão ao decreto de Carlos Quinto, que ordenava de nada inovar. Para harmonisar melhor os partidos, *Melanchton*, discipulo de Luthero, redigiu a confissão de Augsburgo (1530). Foi, por algum tempo, a bandeira e o distintivo dos lutherianos.

III. *Calvino* (1532-1564) : *sua historia, seus erros.* — Calvino era originario de Noyon (1509); seus paes

eram pouco abastados; uma familia rica pagou as custas da sua educação. Ainda que não tivesse entrado nas ordens, possuia, como titular, o curato de Marteville, e mais tarde, o de Pont-l'Evêque. Partidario das novidades, elle devorava ás ocultas todas as obras dos taes reformadores. Moço, tivera de fugir da sua patria, com um signal a ferro em braza, por crime infame; o resto da sua vida se passou na devassidão. Sectario frio e rigido, mais metodico que Luthero, saberá dar uma forma á sua heresia; mais odiento ainda e mais fero, seu poder será uma tyrania. Depois de ter levado uma existencia nomada, parou em Genebra, e esta cidade se tornou o baluarte da heresia calvinista. Seus principaes auxiliares foram Viret, Farel, Theodoro de Beze. Ai daquelle que não se curvar a seu despotismo! Por suas ordens, Miguel Servet é queimado vivo; Bolzec, mandado para exilio; Gentilis, degolado por suas opiniões sobre a Trindade; Jacques Gruet, por seus versos licenciosos. Durante trinta annos, Calvino tyranisou Genebra debaixo da constituição mais absoluta, e mais draconiana.

O livro da *Instituição christã* é a syntese de toda a heresia calvinista. Como Luthero, Calvino ensina que o homem não é livre, e diz mais que a predestinação e a reprovação são absolutas e conclue com o mais rigoroso fatalismo. Elle quer que o justo fique certo da sua salvação, que a justificação não se possa perder, e que ninguem decaia do estado de graça. Luthero admitia tres sacramentos; Calvino reconhece apenas dois, o batismo e a ceia. Luthero não ousava negar a presença real na Eucaristia; Calvino, com os sacramentarios, admitte somente uma presença figurativa; é pela fé apenas que se recebem o corpo e o sangue de Jesus Christo na comunhão. Luthero não tinha rejeitado todo o culto exterior; Calvino condena os quadros e as imagens, suprime as festas, o culto dos santos e a oração pelos mortos. Emfim a confissão de

Augsburgo não destruíra toda a jerarchia da Igreja, deixava pelo menos intacto o sacerdocio ; Calvino destroe o episcopado e o sacerdocio. Na verdade, elle conserva ministros e pregadores, mas qualquer um o pode ser ou deixar de ser como entende ; basta para isso uma delegação. Já se vê que neste systema de predestinação calvinista, as bôas obras são completamente inuteis. E' a ruina de toda a moral, de toda a santidade, de toda a virtude.

IV. *Henrique VIII* (1534-1547) ; *origem do scisma da Inglaterra.* — No momento em que Luthero principiava a sua reforma na Alemanha, reinava na Inglaterra Henrique VIII. Não só ortodoxo, este principe era ainda zeloso pela verdade catolica ; escrevêra contra a heresia um livro que lhe merecera do papa, em 1521, o titulo de defensor da fé. Veiu a paixão e mudou tudo. Henrique VIII não deixou na historia sinão a lembrança da sua luxuria, da sua tyrania e das suas crueldades. Tinha desposado Catharina de Aragão ; depois de vinte e quatro annos de matrimonio, quiz despedil-a para contraír nova união com Anna de Boleyn. Irritado com as prudentes delongas de Clemente VII, o principe separou-se violentamente de Roma e se fez nomear chefe da Igreja *anglicana* (1531). O indigno arcebispo de Cantorbery, João Cranmer, [illegible]brou aos caprichos do monarca. Henrique VIII lembra os mais crueis tyranos da Roma pagã. Desposou seis mulheres, despediu duas e mandou duas outras no cadafalso : uma destas era Anna de Boleyn, origem de todo o mal. Setenta e dois mil dos seus subditos pagaram com a vida o seu apego á Igreja romana. O principe unia a avareza á crueldade, e a infeliz Inglaterra sofreu durante quatorze annos por sua demasiada docilidade.

Henrique VIII comtudo só queria livrar-se da autoridade romana : fez o scisma, mas não tencionava

thero perfaz a sua obra de destruição acoimando de idolatra o culto dos santos e o da Mãe de Deus, a veneração das reliquias e das imagens, e rejeitando o culto dos mortos. E para melhor amoldar a nova religião a todas as paixões humanas, suprime abstinencias e jejuns, autorisa o divorcio, ensina o casamento dos padres e religiosos, quebra os votos monasticos, e dá o exemplo, desposando sacrilegamente Catharina Bora, freira que elle arranca do convento; grangeia proteção dos principes devassos e do povo desordeiro, levando-os ao saque das igrejas e dos mosteiros. Foi esta a obra que Luthero chamou *reforma*.

II. *Divisões e guerras no seio do protestantismo alemão.* — Esta liberdade na fé e no pensamento devia gerar, como de facto se deu, a confusão nas ideias; o desmoronamento do principio de autoridade, e a supressão de todo e qualquer freio devia acarretar e fatalmente acarretou a anarchia. Antes mesmo que Luthero desdobrasse, em Wittemberg, o estandarte da revolta contra a Igreja, Zwingle, parocho de Glaris, na Suissa, protestára contra as indulgencias; o primeiro, elle tinha proposto a Escritura sagrada como unica regra de fé. Estimulado pelo exito que encontrava, elle veiu, audaz, dogmatisar em Zurich. Falou contra as ceremonias exteriores do culto, negou a eficacia dos sacramentos, e engeitou o purgatorio e o culto dos santos. Zwingle combatia particularmente a presença real de Jesus Christo na Eucaristia e tornou-se o chefe da seita dos *sacramentarios*. Entre seus discipulos, contava Carlostadt, admirador e amigo de Luthero, que se separou do monge saxonio para vir a ser na Alemanha o chefe dos *sacramentarios* e dos *iconoclastas*. Esses herejes entraram a quebrar as estatuas, rasgar as telas, e derrubar as santas imagens em todas as igrejas. Na Suissa, praticaram as mesmas tropelias e perseguiram os catolicos com tamanha

violencia que estes tiveram de pegar em armas para vingarem seus direitos conculcados. Os protestantes foram vencidos na batalha de Cappel, sendo o corpo de Zwingle achado entre os mortos.

No tempo em que Luthero ainda habitava o castelo de Wartburgo, dois outros discipulos seus, Nicolau Storch e Thomaz Münzer, se arvoraram em falsos prophetas. Dando como principio que o batismo apenas se torna eficaz pela fé, deduziam ser nulo o batismo das crianças, sendo necessario batisar de novo todos os adultos; dali o seu nome de *anabatistas.* Pretendiam ter a missão de restabelecer o reino de Christo sobre o fundamento da igualdade social. Por seus discursos fanaticos, excitaram as multidões, levando-as ao saque e inaugurando a cruenta *guerra dos camponezes.* Luthero arrastou contra elles os principes fidalgos, assustados com essa revolta. Cem mil camponezes, segundo dizem, pereceram na batalha de Frankenhausen (1525). Münzer, aprisionado, foi degolado. Alguns annos mais tarde, esta seita fez um novo esforço na Westphalia, sob o comando do padeiro João Matheus, e do sapateiro João de Leyde, que acrescentavam aos desvarios dos seus predecessores, a comunidade dos bens e das mulheres. O cerco e a tomada de Munster, onde foram mortos os dois chefes, poz termo á guerra dos anabatistas.

Porém, a divisão lavrava entre os *protestantes :* era este o nome que tinham adoptado os reformados na assembleia de Spira (1529), ao recusarem adesão ao decreto de Carlos Quinto, que ordenava de nada inovar. Para harmonisar melhor os partidos, *Melanchton,* discipulo de Luthero, redigiu a confissão de Augsburgo (1530). Foi, por algum tempo, a bandeira e o distintivo dos lutherianos.

III. *Calvino* (1532-1564) : *sua historia, seus erros.* — Calvino era originario de Noyon (1509); seus paes

eram pouco abastados; uma familia rica pagou as custas da sua educação. Ainda que não tivesse entrado nas ordens, possuia, como titular, o curato de Marteville, e mais tarde, o de Pont-l'Evêque. Partidario das novidades, elle devorava ás ocultas todas as obras dos taes reformadores. Moço, tivera de fugir da sua patria, com um signal a ferro em braza, por crime infame; o resto da sua vida se passou na devassidão. Sectario frio e rigido, mais metodico que Luthero, saberá dar uma forma á sua heresia; mais odiento ainda e mais fero, seu poder será uma tyrania. Depois de ter levado uma existencia nomada, parou em Genebra, e esta cidade se tornou o baluarte da heresia calvinista. Seus principaes auxiliares foram Viret, Farel, Theodoro de Beze. Ai daquelle que não se curvar a seu despotismo! Por suas ordens, Miguel Servet é queimado vivo; Bolzec, mandado para exilio; Gentilis, degolado por suas opiniões sobre a Trindade; Jacques Gruet, por seus versos licenciosos. Durante trinta annos, Calvino tyranisou Genebra debaixo da constituição mais absoluta, e mais draconiana.

O livro da *Instituição christã* é a syntese de toda a heresia calvinista. Como Luthero, Calvino ensina que o homem não é livre, e diz mais que a predestinação e a reprovação são absolutas e conclue com o mais rigoroso fatalismo. Elle quer que o justo fique certo da sua salvação, que a justificação não se possa perder, e que ninguem decaia do estado de graça. Luthero admitia tres sacramentos; Calvino reconhece apenas dois, o batismo e a ceia. Luthero não ousava negar a presença real na Eucaristia; Calvino, com os sacramentarios, admitte somente uma presença figurativa: é pela fé apenas que se recebem o corpo e o sangue de Jesus Christo na comunhão. Luthero não tinha rejeitado todo o culto exterior; Calvino condena os quadros e as imagens, suprime as festas, o culto dos santos e a oração pelos mortos. Emfim a confissão de

Augsburgo não destruíra toda a jerarchia da Igreja, deixava pelo menos intacto o sacerdocio ; Calvino destroe o episcopado e o sacerdocio. Na verdade, elle conserva ministros e pregadores, mas qualquer um o pode ser ou deixar de ser como entende ; basta para isso uma delegação. Já se vê que neste systema de predestinação calvinista, as bôas obras são completamente inuteis. E' a ruina de toda a moral, de toda a santidade, de toda a virtude.

IV. *Henrique VIII* (1534-1547) ; *origem do scisma da Inglaterra.* — No momento em que Luthero principiava a sua reforma na Alemanha, reinava na Inglaterra Henrique VIII. Não só ortodoxo, este principe era ainda zeloso pela verdade catolica ; escrevêra contra a heresia um livro que lhe merecera do papa, em 1521, o titulo de defensor da fé. Veiu a paixão e mudou tudo. Henrique VIII não deixou na historia sinão a lembrança da sua luxuria, da sua tyrania e das suas crueldades. Tinha desposado Catharina de Aragão ; depois de vinte e quatro annos de matrimonio, quiz despedil-a para contraír nova união com Anna de Boleyn. Irritado com as prudentes delongas de Clemente VII, o principe separou-se violentamente de Roma e se fez nomear chefe da Igreja *anglicana* (1531). O indigno arcebispo de Cantorbery, João Cranmer, dobrou aos caprichos do monarca. Henrique VIII lembra os mais crueis tyranos da Roma pagã. Desposou seis mulheres, despediu duas e mandou duas outras no cadafalso : uma destas era Anna de Boleyn, origem de todo o mal. Setenta e dois mil dos seus subditos pagaram com a vida o seu apego á Igreja romana. O principe unia a avareza á crueldade, e a infeliz Inglaterra sofreu durante quatorze annos por sua demasiada docilidade.

Henrique VIII comtudo só queria livrar-se da autoridade romana : fez o scisma, mas não tencionava

introduzir a heresia. Conservou os dogmas e as praticas dos catolicos. E' depois da morte de Henrique VIII que a heresia protestante veiu enxertar-se no scisma anglicano.

V. *Propagação do protestantismo na Europa.* — Não vem a proposito entrarmos em todos os pormenores da difusão do protestantismo nos diversos Estados da Europa. Examinemos apenas o que é preciso para avaliar-se o prejuizo causado á Igreja de Deus pela reforma do seculo XVI.

1º *Alemanha.* Vimos os primeiros progressos do erro lutheriano, a favor da inercia de Carlos Quinto, embebido por completo na luta travada contra Francisco I e a França. Os principes protestantes, aliados em Torgau e Smalkalde, faziam frente aos catolicos, unidos pelo pacto de Nuremberg. Da Saxonia, as ideias lutherianas passaram para a Silesia, onde o conselho de Breslau as favoreceu.

Alguns annos depois, Alberto de Brandeburgo, grão mestre dos cavaleiros teutonicos que dominavam a Prussia, abraçou a doutrina de Luthero, libertou-se dos seus compromissos e poz o remate á sua revolta casando com uma princeza da Dinamarca. Trouxe a reforma para seus estados e tornou a autoridade hereditaria na sua familia (1525).

2º *Dinamarca.* O rei Christiano II, derrubado do trôno por uma revolução, viu o sceptro passar nas mãos do seu tio Frederico de Holstein. Este principe, lutheriano de coração, declarou-se, em 1527, inimigo da Igreja romana; elle expulsou os bispos das suas sédes, saqueou os mosteiros e fez adoptar a confissão de Augsburgo.

3º *Noruega e Suecia.* O filho de Frederico, Christiano III impoz á força as ideias lutherianas á Noruega; os bispos pouco resistiram á perseguição, e a apostasia da nação foi completa já no anno de 1537.

Quanto á Succia, Gustavo Wasa, que a tinha arrancado á dominação dinamarqueza e fôra eleito rei em 1523, atirou-a na heresia para melhor subjugal-a, aviltando a nobre raça dos principes eclesiasticos. Sentenciou a confiscação de todos os bens dos bispados e mosteiros, aprisionou os dignitarios da Igreja, apoderou-se do direito de distribuir titulos e preparou assim uma apostasia nacional na assembleia de Œrebro (1529).

4º *A Suissa.* Disposta previamente á revolta por Zwingle, foi conquistada em grande parte para a heresia protestante por Calvino, com excepções dos cantões catolicos que souberam conservar sua independencia religiosa. Genebra, sob a direção do seu ministro despota, tornou-se o centro de uma propaganda activa e foi para a Europa occidental o que Wittemberg tinha sido para a Alemanha.

5º *Os Paizes Baixos.* Colocadas debaixo do jugo dos Espanhoes, estas provincias desejavam libertar-se. Em odio de Carlos Quinto e de Philippe II, que se manifestavam a favor dos catolicos, ellas se apegaram ao protestantismo de Calvino. Guilherme de Orange, sem convição religiosa de especie alguma, fez da heresia escabelo para alçar-se ao poder e pedestal para nelle se manter. Em 1561, apareceu, nos Paizes Baixos, uma confissão de fé, conhecida pelo nome de *confissão belga*, e cujos partidarios constituiram como que uma Igreja separada. A republica das sete Provincias-Unidas ficou calvinista.

7º *A França.* Muito chegada a Genebra para não sentir os efeitos da propaganda calvinista, a França foi invadida muito cedo pelos escritos e pelos delegados do heresiarca ; mas a antiga fé catolica estava alerta. Já em 1542, a universidade de Paris condenou os erros protestantes. Debaixo do reinado de Francisco I, a heresia não conseguiu formar um partido politico, mas ia minando sorrateiramente, angariando

adeptos na côrte, entre os eruditos e os sabios muito dados ás novidades. No reinado de Henrique II, veremos o calvinismo dividir a França como a Alemanha,em dois campos, provocando lutas fratricidas.

8º *A Inglaterra.* Ella curvára-se vergonhosamente ao jugo do scisma que lhe impunha Henrique VIII. Houve entretanto nobres resistencias ; a unidade catolica teve seus martyres ; na primeira plana : o antigo preceptor do rei, Fischer, bispo de Rochester, e o chanceler Thomaz Morus, os quaes, no cadafalso, protestaram com energia contra a apostasia geral. Depois da morte de Henrique VIII, com o fraco Eduardo VI, Cranmer ultimou a obra de destruição. O zwingliano Pedro Martyr e o apostata Bernardino Ochin trouxeram á Inglaterra scismatica os erros doutrinaes. Num novo catecismo, tudo quanto lembrasse a presença real foi eliminado ; outro tanto fizeram nos rituaes e livros liturgicos traduzidos em lingua vulgar ; as missas particulares foram prohibidas, as santas imagens tiradas, o matrimonio permitido aos padres : era a heresia que se consorciava com o scisma.

9º *A Escocia e a Irlanda.* As primeiras sementes da reforma haviam sido lançadas na Escocia, logo no anno de 1528 o por Patrick Hamilton ; todavia, a heresia encontrava uma oposição corajosa, devida á influencia franceza, especialmente a Maria de Guise, esposa de Jayme V. Mas, em 1546, chegou na Escocia um discipulo de Calvino, João Knox, com o talento da eloquencia popular ; elle arrebatou as massas, levou seus discipulos fanatisados ao assalto dos conventos e das igrejas, fez o parlamento votar que a missa era prohibida como acto de idolatria e editar contra os catolicos que assistissem so sacrificio, o exilio e a morte. A Escocia adoptou o symbolo de Calvino ; foi supresso o episcopado e estabelecido o *presbyterianismo*, que constava de simples ministros.

Com o seculo XVI, inicia-se para a Irlanda um mar-

tyrio secular e doloroso : desde o tempo de Henrique VIII, um parlamento imposto á ilha catolica se esforça de desligal-a de Roma, coloca-a debaixo da supremacia religiosa da Inglaterra, envia-lhe predicantes ; em balde ! o povo irlandez sofre os tormentos, mas fica inabalavel na sua fé.

VI. *Juizo sobre o protestantismo.* — Com o estudo sucinto que acabamos de fazer, ser-nos-á facil formar uma ideia de conjunto acerca da reforma e da sua obra.

1º *No ponto de vista doutrinal*, a revolta religiosa do seculo XVI não é uma novidade ; os protestantes respigaram os erros principaes de todos os seculos, e seus furores de sectarios tiveram um preludio nos excessos dos valdenses e dos hussitas. Luthero e mais reformadores atacaram a *Igreja ;* mas os gnosticos, e depois delles Marcion, mais tarde João Huss, Wiclef e Jeronymo de Praga, já tinham feito o mesmo, muito antes. O fatalismo é antigo como a historia das aberrações do genero humano : o paganismo o conhecia, e Mahomet foi esbarrar nelle. Outros antes de Luthero tinham derruido o *livre arbitrio.* Os herejes todos alvejavam a licença e a liberdade do vicio. Ora a *justificação* lutheriana e a *predestinação* calvinista vêm a ser simplesmente a amnistia concedida a todas as desordens. A unica diferença é que os outros herejes tinham conseguido deter-se diante das consequencias de taes principios : depois dos valdenses, dos hussitas, côm os *anabatistas* e os *sacramentarios*, o protestantismo não se amedronta com os peores resultados ; assim se explicam as ruinas imensas amontoadas pela reforma.

2º *O caracter proprio do protestantismo é a variação.* Depois de terem negado a Igreja e sua autoridade, depois de terem feito da Biblia, interpretada pelo livre exame, a unica bussola da fé, os sectarios do

seculo XVI julgavam assegurar o triumpho da razão humana; deram apenas numa confusão de crenças, e numa vassalagem e baixeza tão vergonhosa como insensata. Luthero o percebeu e quiz impôr suas teorias, mas Calvino, Œcolampado, Carlostadt, Melanchton, não gozavam dos mesmos direitos do que elle? Bossuet escreveu uma obra volumosa sobre as *Variações da Igreja protestante.* Capitulo impressionante podia elle hoje acrescentar a este livro. Luthero contemplou com os proprios olhos o resultado da sua obra e confessou que « o diabo tinha a mão no jogo ». Bossuet fez essa prophecia : « O cansaço das inteligencias levadas a todos os excessos, e transviadas em tantas seitas descambaria fatalmente para o scepticismo. » No mesmo anno em que Luthero morria, em 1546, Lelio e Fausto *Socin* tomaram a peito realisar a prophecia. Para os socinios, o Christianismo inteiro é uma vasta impostura; Jesus Christo não passa de um homem que veiu não para resgatar o mundo, pois não precisava de resgate, mas sim para dar-lhe a sabedoria e o exemplo : é a ultima palavra do *protestantismo*, levando directamente ao *racionalismo* que sae delle como do seu germem, trazendo comsigo as mesmas variações, a mesma confusão.

ARTIGO II

O concilio de Trento.

(1545-1563).

Papas.	*Papas.*
Paulo III (1534-1549).	Paulo IV (1556-1559).
Julio III (1549-1556).	Pio IV (1559-1566).
Marcelo II (1556).	

I. Sumario historico do concilio de *Trento*, 19° ecumenico. — II. Decretos dogmaticos : 1° sobre a Escriptura sagrada e a tradição ; 2° sobre o peccado original ; 3° sobre a justificação ; 4° sobre os sacramentos ; 5° particularmente sobre a Eucharistia e a Missa ; 6° sobre a Penitencia e a Extrema Unção ; 7° sobre a Ordem e o Matrimonio ; 8° sobre o purgatorio e as indulgencias ; 9° sobre o culto dos santos. — III. Decretos disciplinares. — IV. Promulgação do concilio de Trento.

I. *Sumario historico do concilio de Trento*, 19° *ecumenico*. — Paulo III, em meio das magoas e das angustias que passava a Igreja, julgou que o melhor remedio a tantos males seria a reunião de um concilio ecumenico. Abriu-se na cidade de Trento, em 1545.

Tudo concorreu para fazer esta assembleia uma das mais importantes que jamais viram os seculos christãos : cinco papas dirigiram os debates em circumstancias excepcionalmente graves. As materias tratadas, as decisões que delle dimanaram, e que, durante tres seculos, desde o concilio de Trento até o do Vaticano, deram á sociedade christã seu norte e seu rumo, tudo nos leva a fazer dos seus actos um estudo mais demorado.

Duas vezes interrompido pelas desgraças do tempo, desde 1547 até 1550 pela peste, que obrigou os Padres a deixar a cidade de Trento, desde 1552 até 1562 pelas dificuldades da França e da Alemanha, o concilio terminou seus trabalhos em vinte e cinco sessões, estando presentes mais de duzentos cardeaes, arcebispos e bispos, sete generaes de ordens, e muitissimos delegados de bispos ausentes. « Nunca, em as-

semblcia mais augusta, se levantou monumento mais soberbo para glorificar o ensino tradicional e a antiga disciplina da Igreja. Nem um erro siquer que pudesse achar esconderijo nesses decretos de fé formulados com uma clareza que exclue qualquer equivoco e um rigor que não dá margem a nenhum subterfugio. Não ha melhoramento fecundo que não seja incluido nesses decretos de reformação, tão sabia e generosamente elaborados, em que os principios imutaveis da disciplina da Igreja se amoldam ás necessidades da época, se adaptam ás transformações sociaes! » O concilio de facto, tinha que regular dois pontos importantes : a *crença* e os *costumes*. Ficaram concordes em elucidarem simultaneamente a *doutrina* e a *reformação*. Nós separeremos os decretos *dogmaticos* dos *disciplinares*; uns e outros foram preparados em comissões particulares, e depois discutidos nas sessões publicas onde se deu o voto, não já por nação como em Constancia, mas individualmente. O voto foi concedido aos abbades e aos generaes de ordem.

II. *Decretos dogmaticos.* — Antes de entrarem na exposição da doutrina catolica contra os erros protestantes, cumpria que determinassem os *canones* e as *regras de interpretação* da Escritura sagrada, da qual os reformadores iam fazendo o mais lastimavel abuso. Esta questão foi o objecto das primeiras definições do concilio ; começou depois o exame de todos os pontos da doutrina atacados pela heresia.

1º *Sobre a Escritura sagrada e a Tradição.* — Assim reza o decreto : « O santo concilio de Trento, ecumenico e geral, legitimamente reunido sob a direção do Espirito Santo, considerando que as verdades da fé

(1) Cantin, Récits et tableaux, p. 435. A verdadeira historia do Concilio de Trento tem sido escrita pelo cardeal *Pellavicini*. Os chefes do protestantismo recusaram comparecer ao concilio. Seis doutores da reforma falsificaram os actos nas suas *Centurias de Magdeburgo*.

e as regras de costumes são contidas nos livros escritos, ou, sem serem escritas, nas tradições que recebidas pelos apostolos da boca do proprio Jesus Christo, ou transmitidas pelos apóstolos, como o Espirito Santo as tinha dictado, chegaram, de mão em mão até nós; seguindo o exemplo dos Padres ortodoxos, o concilio, recebe todos os livros, quer do Antigo, quer do Novo Testamento, assim como as tradições que respeitam a fé e as costumes conservados por uma sucessão ininterrupta, e os abraça com igual sentimento de respeito e piedade. » Todos os livros da *Vulgata* foram depois proclamados autenticos, e a edição revista da Vulgata aprovada com sendo escrito de autoridade nas discussões e preleções publicas. Condenando a interpretação livre da sagrada Escritura, o concilio estatúa expressamente sob pena de anatema : « Ninguem, por uma confiança cega, tenha a ousadia de desviar a Escritura sagrada no seu sentido particular, nem de achar uma interpretação oposta áquella que dá a nossa santa madre Igreja, á qual unicamente assiste o direito de interpretar a verdadeira significação das Escrituras, ou ao sentimento unanime dos Padres. » (*Sess.* IV.) E' a condenação do mesmo principio do protestantismo : segue a dos seus principaes erros.

2º *Sobre o pecado original.* — Na teoria protestante, o pecado original estragou completamente a nossa natureza ; dali o duplo absurdo monstro : não ha mais em nós livre arbitrio e todas as nossas obras são más ; inutil, portanto, que nos esforcemos por praticar ações bôas. O concilio restabelece como segue a verdade catolica : « Transgredindo a lei de Deus, Adão perdeu a santidade e a justiça no qual tinha sido creado : atraiu sobre si a ira de Deus, tornou-se o escravo do demonio e sujeito á morte. Mas o primeiro homem não prejudicou somente a si proprio ; elle transmite á sua posteridade o pecado que é a morte

da alma, e com o pecado a dôr e a morte. Este pecado não pode ser apagado pelas unicas forças da natureza, mas somente pelos meritos de Jesus Christo, o unico medianeiro que nos reconciliou com Deus por seu sangue; e estes meritos de Jesus Christo são applicados, tanto aos adultos como ás crianças, pelo sacramento do batismo. O batismo é necessario a todos, segundo a palavra de Nosso Senhor. Na graça do batismo, a ofensa do pecado original é verdadeiramente remitida e apagada. O concilio reconhece todavia e confessa que a concupiscencia fica naquelles que têm sido batisados : é deixada nelles como um antagonista contra quem têm de lutar, mas não pode prejudicar áquelles que lhe resistem valentemente com a graça de Jesus Christo. » (*Sess.* v.) O concilio de Trento exprime terminantemente que neste decreto, não inclue de modo algum a Virgem Maria, mãe de Deus.

3º *Sobre a justificação.* — Luthero queria que o homem fosse justificado unicamente pela fé em Jesus Christo, e Calvino pretendeu que o homem assim santificado se tornava impecavel, e que elle não podia mais perder a graça. O concilio nos põe no caminho da verdade, do sentido exato : admite a fé como raiz, fonte e condição imprescindivel para a justificação, mas não *condição unica :* pois é preciso ainda observar os mandamentos e praticar obras bôas. — A graça cresce com as bôas obras, e contrariamente á doutrina protestante, perde-se pelo pecado : longe, portanto, de termos essa confiança imperturbavel na nossa salvação, não podemos, emquanto dura esta vida mortal, presumir da nossa predestinação para a salvação eterna, pois ninguem está certo da sua perseverança final. Verdade é que, perdida a graça santificante, pode o homem rehavel-a pelo sacramento da penitencia, que é a segunda taboa depois do naufragio : mas, para isso, se necessita a contrição,

a confissão sacramental quando possivel, e a satisfação. — Emfim, a justiça alcançada ou recuperada, póde e deve ser augmentada pela oração, pela mortificação, pelo cumprimento da lei de Deus e dos preceitos do Evangelho. Deus nada pede que seja impossivel, e seu socorro é certo para quem o implora com humildade e confiança. (*Sess.* VI.)

4º *Sobre os Sacramentos.* — No seu *Decreto aos Armenios*, depois do concilio de Florença, Eugenio IV tinha resumido admiravelmente a doutrina catolica sobre os sacramentos. O concilio de Trento limitou-se em indicar o seu numero, sua instituição divina, sua virtude santificante e eficacia independente da santidade do ministro. A respeito do batismo, vimos que os *anabatistas* prescreviam a sua renovação para os adultos, sob o pretexto de não ser capaz a criança de produzir um acto de fé ; por outra parte Luthero, para franquear mais largas as portas aos apostatas que desertavam os conventos, tinha declarado que apenas as promessas do batismo eram obrigatorias e anulavam todos os mais votos, ainda ulteriores : o concilio de Trento restabelece a verdade, proclama ser valido e legitimo o batismo das crianças, prohibe o novo batismo para os adultos, e mantem o direito e a obrigação dos votos pronunciados depois do batismo. — A confirmação fica sendo verdadeiro sacramento da nova lei com o bispo somente como ministro ordinario. (*Sess.* VII.) — Os outros sacramentos combatidos mais violentamente pelas doutrinas protestantes, foram objecto de estudo mais acurado e de definições mais extensas nas sessões ulteriores.

5º *Sobre a Eucaristia e a Missa.* — Na confusão em que remexia a reforma, vimos as divergencias profundas dos revoltosos no tocante ao dogma da Eucaristia. Escutemos o concilio tridentino formulando seus oraculos sobre cada um dos pontos atacados. Afirma solenemente a *presença real :* « Depois da con-

da alma, e com o pecado a dôr e a morte. Este pecado não pode ser apagado pelas unicas forças da natureza, mas somente pelos meritos de Jesus Christo, o unico medianeiro que nos reconciliou com Deus por seu sangue; e estes meritos de Jesus Christo são aplicados, tanto aos adultos como ás crianças, pelo sacramento do batismo. O batismo é necessario a todos, segundo a palavra de Nosso Senhor. Na graça do batismo, a ofensa do pecado original é verdadeiramente remitida e apagada. O concilio reconhece todavia e confessa que a concupiscencia fica naquelles que têm sido batisados : é deixada nelles como um antagonista contra quem têm de lutar, mas não pode prejudicar áquelles que lhe resistem valentemente com a graça de Jesus Christo. » (*Sess.* v.) O concilio de Trento exprime terminantemente que neste decreto, não inclue de modo algum a Virgem Maria, mãe de Deus.

3º *Sobre a justificação.* — Luthero queria que o homem fosse justificado unicamente pela fé em Jesus Christo, e Calvino pretendeu que o homem assim santificado se tornava impecavel, e que elle não podia mais perder a graça. O concilio nos põe no caminho da verdade, do sentido exato : admite a fé como raiz, fonte e condição imprescindivel para a justificação, mas não *condição unica :* pois é preciso ainda observar os mandamentos e praticar obras bôas. — A graça cresce com as bôas obras, e contrariamente á doutrina protestante, perde-se pelo pecado : longe, portanto, de termos essa confiança imperturbavel na nossa salvação, não podemos, emquanto dura esta vida mortal, presumir da nossa predestinação para a salvação eterna, pois ninguem está certo da sua perseverança final. Verdade é que, perdida a graça santificante, pode o homem rehavel-a pelo sacramento da penitencia, que é a segunda taboa depois do naufragio : mas, para isso, se necessita a contrição,

a confissão sacramental quando possivel, e a satisfação. — Emfim, a justiça alcançada ou recuperada, póde e deve ser augmentada pela oração, pela mortificação, pelo cumprimento da lei de Deus e dos preceitos do Evangelho. Deus nada pede que seja impossivel, e seu socorro é certo para quem o implora com humildade e confiança. (*Sess.* VI.)

4º *Sobre os Sacramentos.* — No seu *Decreto aos Armenios*, depois do concilio de Florença, Eugenio IV tinha resumido admiravelmente a doutrina catolica sobre os sacramentos. O concilio de Trento limitou-se em indicar o seu numero, sua instituição divina, sua virtude santificante e eficacia independente da santidade do ministro. A respeito do batismo, vimos que os *anabatistas* prescreviam a sua renovação para os adultos, sob o pretexto de não ser capaz a criança de produzir um acto de fé ; por outra parte Luthero, para franquear mais largas as portas aos apostatas que desertavam os conventos, tinha declarado que apenas as promessas do batismo eram obrigatorias e anulavam todos os mais votos, ainda ulteriores : o concilio de Trento restabelece a verdade, proclama ser valido e legitimo o batismo das crianças, prohibe o novo batismo para os adultos, e mantem o direito e a obrigação dos votos pronunciados depois do batismo. — A confirmação fica sendo verdadeiro sacramento da nova lei com o bispo somente como ministro ordinario. (*Sess.* VII.) — Os outros sacramentos combatidos mais violentamente pelas doutrinas protestantes, foram objecto de estudo mais acurado e de definições mais extensas nas sessões ulteriores.

5º *Sobre a Eucaristia e a Missa.* — Na confusão em que remexia a reforma, vimos as divergencias profundas dos revoltosos no tocante ao dogma da Eucaristia. Escutemos o concilio tridentino formulando seus oraculos sobre cada um dos pontos atacados. Afirma solenemente a *presença real :* « Depois da con-

sagração do pão e do vinho, Nosso Senhor Jesus Christo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, é contido verdadeira, real e substancialmente sob a aparencia destas cousas sensiveis, segundo as proprias palavras de Jesus Christo, referidas no santo Evangelho. Jesus Christo está todo inteiro debaixo da especie do pão, e debaixo de cada parte desta especie, todo inteiro debaixo da especie do vinho e debaixo de cada uma das suas partes, não somente no momento da comunhão, mas de um modo permanente. » Luthero acreditava na presença real, mas não considerava as especies como transformadas. O concilio de Trento lhe opõe a fé catolica : « Pela consagração, faz-se uma conversão de toda a substancia do pão na substancia do corpo de Nosso Senhor, e de toda a substancia do vinho no seu sangue : conversão que tem sido conveniente e propriamente chamada transubstanciação pela Igreja catolica. » Os Padres declaram em seguida que é um uso muito santo e muito piedoso, tributar á divina Eucaristia um culto solene que é o culto de adoração, pois Jesus Christo é Deus como seu Pae. (*Sess.* XIII.) O concilio mantem a doutrina de não ser a comunhão sob as duas especies necessaria para os simples fieis; afirma que a Igreja teve graves e plausiveis motivos para dar a comunhão somente debaixo da especie do pão, que o christão recebe assim a Jesus Christo inteiro, e que as crianças, antes da idade de discrição, nenhuma obrigação tinham de comungar. (*Sess.* XXI.)

Ficava por tratar a importante questão do santissimo sacrificio da Missa. O concilio lembra a sua instituição divina por Nosso Senhor, na vespera da sua morte. A Missa é um verdadeiro sacrificio : é propiciatorio tanto para os vivos como para os mortos. E' oferecido unicamente a Deus, por ser o acto de adoração por excelencia ; mas faz-se nelle memoria dos santos para agradecer a Deus pelas graças que elle lhes concedeu e assim merecer o valioso socorro

da sua intercessão junto do Todo Poderoso. As orações da Missa foram criteriosamente determinadas para estimular a piedade dos fieis; todas as ceremonias foram estabelecidas para o mesmo fim. Emfim as missas particulares, em que o sacerdote só comunga, não são, como o ensinava Luthero, uma superstição inspirada pelo demonio; são um verdadeiro sacrificio agradavel a Deus; o povo nellas comunga espiritualmente e o sacerdote sacramentalmente. O uso antigo de não rezar a Missa em lingua vulgar deve ser conservado : isto, afim de melhor symbolisar a unidade da fé pela unidade de linguagem e de culto. (*Sess.* XXII.)

6º *Sobre a Penitencia e a Extrema Unção.* — Com a Eucaristia, a Penitencia é um dos sacramentos contra os quaes mais furiosas se dirigiram as investidas do protestantismo. O concilio de Trento, por este motivo, o esclarece com plena luz : « Em todo o tempo, a penitencia tem sido necessaria para alcançar o perdão dos pecados. Jesus Christo institiu o sacramento de penitencia quando disse a seus apóstolos : Recebei o Espirito Santo, os pecados serão remitidos a quem os remitirdes... Todavia, não é possivel chegar ao perdão da penitencia sinão por obras penosas : por isso é que se denominou este sacramento um *batismo laborioso.* A forma do sacramento consiste nas palavras da absolvição : os actos do pecador, a contrição, a confissão e a satisfação são como que a materia. » — O santo concilio diferenceia a contrição *perfeita*, a qual, sendo acompanhada pelo desejo do sacramento, basta para justificar o pecador, e a contrição *imperfeita*, insuficiente por si mesma, mas suficiente quando unida á absolvição. — A confissão é instituição divina, pois o sacerdote, que é juiz, não póde perdoar os pecados sem os conhecer, para o que o culpado deve declaral-os. Este deve acusar-se na confissão de todos os pecados mortaes, com seu nu-

mero, quanto possivel, e as circumstancias que mudam a especie. A confissão auricular e secreta praticada na Igreja é fundada sobre a instituição divina e não é invenção humana : o concilio de Latran apenas determinou a sua obrigação annual... O padre, para dar validamente a absolvição, deve ter recebido do bispo um poder de jurisdicção. A Igreja reserva, com justiça e sabedoria, a remissão de certos pecados mais graves quer ao bispo, quer ao papa : são os chamados *casos reservados.* — Quanto á satisfação, é indispensavel para o perdão ; ordinariamente, fica, depois da absolvição, uma reparação por oferecer á justiça divina e ao proximo que se tinha ofendido. Cumpre reparar a injuria feita a Deus : por isso, o sacerdote impõe uma penitencia *sacramental*, á qual será preciso acrescentar obras de penitencia, etc.

« A Extrema Unção foi considerada pelos Padres como o complemento da penitencia. Na sua bondade misericordiosa, o Redemptor quiz, por este sacramento, alimentar-nos, fortalecer-nos nesses derradeiros instantes da luta em que o demonio faz o ataque mais terrivel. » O concilio mantem contra o protestantismo a instituição divina deste sacramento promulgado por são Thiago, e cujos resultados para o alivio espiritual e corporal dos doentes, o apóstolo descreveu tão claramente. Os fieis não podem portanto menosprezar, sem cometer peccado, um auxilio tão valioso. (*Sess.* (*Sess.* XIV.)

7º *Sobre a Ordem e o Matrimonio.* — Luthero e Calvino principalmente, tinham rejeitado a *Ordem* como sacramento ; consideravam-na como um rito instituindo os ministros da palavra e dos sacramentos : para os protestantes, não ha mais jerarchia ; todos os christãos são igualmente sacerdotes, e para o exercicio de suas funções, basta que tenham a eleição do magistrado e o beneplacito do povo ; os bispos não são superiores aos simples padres. Contra todas estas

negações, o concilio faz ouvir sua voz clara e solemne : « O sacrificio e o sacerdocio são tão intimamente ligados, que um não poderia existir sem o outro. Porquanto Nosso Senhor, que estabeleceu o sacrificio da Missa, fundou da mesma forma o sacerdocio catolico ; fez delle um sacramento verdadeiro para o qual o futuro padre vae se chegando pelas ordens que estão em numero de sete : as ordens inferiores de ostieiro, leitor, exorcista, acolyto, e as ordens maiores de subdiacono e de diacono, que se encontram desde os primeiros tempos da Igreja. » O concilio afirma positivamente a existencia de uma jerarchia constando de bispos, sacerdotes e ministros inferiores, a superioridade dos bispos sobre os padres, e seu poder exclusivo de administrar a confirmação e a ordem, sem intervenção do povo. A primazia do papa fôra solemnemente proclamada no concilio de Florença ; era um facto assente que não pedia novo exame. (*Sess.* XXIII.)

Um sacramento ainda estava por definir ; o *Matrimonio*. Luthero o tinha por simples compromisso civil ; não trepidára perante a polygamia e o divorcio, chegando a escandalisar seus discipulos. O concilio de Trento devolve ao matrimonio o seu lugar condigno entre os sacramentos : « A perpetuidade e a indissolubilidade do matrimonio, reza elle, nos são reveladas desde a origem do genero humano : Nosso Senhor lembrou a sua unidade e indissolubilidade primitivas, não consentindo em que o homem separasse o que Deus tinha unido, e fez delle um sacramento enriquecido com a sua graça. » Depois o concilio publica os anatemas que condemnam a polygamia e o divorcio, que vingam o celibato voluntario e a virgindade, que conservam para a Igreja catolica o direito de pôr impedimentos, de conhecer das causas matrimoniaes e de julgal-as (*Sess.* XXIV.)

8º *Sobre o purgatorio e as indulgencias.* — O purgatorio e a utilidade da oração para os mortos tinham

sido, como as indulgencias o objecto de ataques violentos por parte dos protestantes. Neste outro ponto, ha de confirmar e precisar a doutrina catolica : « A Igreja, instruida pelo Espirito Santo, sempre ensinou, segundo as sagradas Escripturas e a tradição antiga dos Padres, que ha um Purgatorio e que as almas nelle detidas podem receber alivio pelo sufragio dos fieis, e principalmente pelo sacrificio do altar. O santo concilio insta para os bispos zelarem pelo ensino desta doutrina, e encarecerem para os fieis vivos, as piedosas orações pelos mortos, o sacrificio da missa, as esmolas e mais obras pias. (*Sess.* xxv.)

Quanto ás indulgencias, o concilio ensina e preceitua « que se deve conservar na Igreja o uso das indulgencias muito proveitoso para o povo christão, e aprovado pela autoridade dos santos concilios. » Fere com o anatema todos aquelles que dizem ser ellas inuteis, ou negam á Igreja o poder de ceoncedel-as. (*Ibid.*)

9º *Sobre o culto dos santos.* — A invocação dos santos, o culto da augusta Mãe de Deus, a veneração das reliquias e das imagens, tinham sido rejeitados pelos novos reformadores como pelos antigos iconoclastas e com os mesmos furores impios destes. Ouçamos o santo concilio : « Os santos que reinam com Jesus Christo, apresentam a Deus suas orações pelos homens; é bom e proveitoso invocal-os humildemente. E' uma impiedade acoimar de idolatra um culto tão razoavel, firmado na antiga tradição, e que não prejudica de modo algum á mediação do Salvador. Quanto ás reliquias dos santos, os fieis lhes devem respeito e veneração porque são restos dos corpos que foram os membros vivos do Espirito Santo e que hão de resurgir um dia para a vida eterna. — Além disso, é preciso ter e conservar, especialmente nas igrejas, imagens de Jesus Christo, da Virgem, mãe de Deus e dos outros santos e tributar-lhes a honra e a venera-

ção que lhes são devidas : não porque acreditemos que nellas resida a divindade ou uma virtude merecedora do nosso culto, ou porque devamos pedir-lhes graças ou pôr nelles a nossa confiança, conforme faziam os pagãos cuja esperança estava nos idolos ; mas porque a honra que se lhes tributa refere-se aos prototypos que elles representam, segundo foi definido pelos concilios, e particularmente pelo segundo concilio de Nicêa contra os iconoclastas. (*Sess.* xxv.)

III. *Decretos disciplinares.* — Emquanto perseguia nos seus ultimos esconderijos a heresia protestante, e lhe opunha declarações claras, precisas, o concilio de Trento realisava a obra de reformação que necessitava a Igreja. Os decretos disciplinares não occuparam menos lugar nos trabalhos do concilio do que as decisões dogmaticas.

Sem mesmo resumir todos, basta lembrarmos que esses decretos respeitam mais especialmente a escolha dos levitas, sua educação, sua formação na sciencia como na virtude ; versam sobre a disciplina e os costumes clericaes, a eleição dos parochos, a nomeação e a escolha dos bispos, a disparição da simonia, da pluralidade dos beneficios e da sua hereditariedade. Os synodos provinciaes são restabelecidos, as visitas episcopaes recomeçam, ordens religiosas de homens e mulheres têm de regressar á estrita observancia de suas regras no tocante á clausura, á escolha dos superiores, ás dispensas, á perfeição do seu estado, etc. — Para a santificação do povo catolico, todos os abusos são apontados, põe-se um freio á luxuria, á avareza, aos vicios dos principes como aos dos subditos. — Notemos ainda, entre muitissimas outras reformas saudaveis, estas tres providencias suficientes, com a fundação dos seminarios para formação do clero, para dar ao concilio de Trento uma gloria imoredoura : o estabelecimento da con-

gregação do *Indice*, para o exame e a condenação dos máus livros, tão nocivos para a fé e os costumes; a redação do *Catecismo do concilio de Trento*, admiravel compendio da doutrina que serviu para formar todos os outros catecismos, resumos daquelle em linguagem vulgar, e emfim, a revisão da liturgia romana, — *Missal* e *Breviario*, — destinada a tornar-se a liturgia unica da Igreja.

IV. *Promulgação do concilio de Trento.* — Terminada a tarefa ingente do concilio, duzentos e cincoenta e cinco Padres, vindos de todas as regiões, assignaram as actas que o papa Pio IV confirmou, em 1564, pela bula *Benedictus Deus.* Essa bela formula, sumario doutrinal de todas as definições do concilio de Trento, veiu a ser a profissão de fé que rezam publicamente, nas circumstancias solenes, os parochos e dignitarios eclesiasticos. Não é um novo *symbolo*, mas sim a fé de Nicêa explicada e comentada pelo ultimo concilio. O protestantismo, ferido no amago do coração, procurou com ambages furtar-se ás condenações que o fulminavam; multiplicou as subtilezas e as acusações mentirosas; mas a verdade historica é esta: livre e sabiámente discutidas antes de serem tomadas por termo na sua forma definitiva, as decisões dogmaticas do concilio de Trento foram aceitas em todo o orbe catolico. Alguns decretos disciplinares, na verdade, encontraram obstaculos na França e na Alemanha; mas, póde-se dizer que, por toda a parte, graças aos numerosos concilios provinciaes que se empenharam em popularisar as reformas, o espirito do concilio ecumenico de Trento penetrou e fez germinar as obras esplendidas que em breve teremos ensejo de contemplar.

ARTIGO III

Lutas religiosas na Inglaterra e na França,

(1563-1598).

Papas.	Papas.
Pio IV (1559-1566).	Urbano VII (1590).
S. Pio V (1566-1572).	Gregorio XIV (1590-1591).
Gregorio XIII (1572-1582).	Innocencio IX (1591-1592.
Sixto Quinto (1582-1590).	Clemente VIII (1592-1605).

I. Isabel e o *Anglicanismo* (1562). — II. Perseguições contra os catholicos da Inglaterra, da Escocia e da Irlanda. — III. As guerras de religião na França. — IV. Henrique IV; o edito de Nantes (1598).

I. *Isabel e o Anglicanismo* (1562). — Pela morte de Eduardo VI, a corôa da Inglaterra passava para sua irmã Maria a Catolica, filha de Henrique VIII e de Catharina de Aragão. Consagrada segundo o *rito romano*, ella deu-se á empreza de devolver aos Inglezes a religião dos seus antepassados e á Grã Bretanha, a unidade da fé. Ella começou restaurando a antiga liturgia e conseguiu, com muito custo, fazer aceitar a supremacia da Santa Sé. O cardeal Polus, legado de Julio II, apagou os ultimos resquicios do scisma, levantando todas as censuras, validando todas as irregularidades cometidas sob os reinados de Henrique VIII e de Eduardo VI. Como em todas as épocas de perturbação, sucederam factos reprehensiveis na punição dos culpados : seria injusto porém atribuil-os quer á Igreja quer á rainha: foram o resultado das paixões desenfreadas.

Este reino reparador foi ephemero (1553-1558). Isabel, filha de Henrique VIII e de Anna de Boleyn, trouxe no trôno os costumes pecaminosos de sua mãe e o instinto cruel, sanguinario do seu pae. Ella instaurou outra vez o scisma, fez-se proclamar rainha

por direito divino, suprema governante da Igreja e do Estado. Pio V excomungou a princeza criminosa. O clero inglez deu o exemplo da apostasia vergonhosa : quatorze bispos somente resistiram ; foram substituidos por intrusos. O doutor Parker, antigo capelão de Anna de Boleyn, foi colocado á frente do novo clero scismatico ; elle foi consagrado numa loja de bebidas, segundo uma formula insuficiente, por Barlow, cuja ordenação era duvidosa, quando menos : tal foi a fonte do episcopado anglicano, faltando-lhe certamente a legitimidade. Um symbolo novo foi imposto á Inglaterra sob o nome de *acto de uniformidade*. Esta formula resume em trinta e nove artigos os principaes erros dogmaticos do protestantismo. Dois sacramentos apenas ficam em vigor : o batismo e a ceia, más esta ultima, interpretada num sentido que parece estar de permeio entre a teoria de Luthero e a de Calvino. A missa, a transubstanciação, a conservação das santas especies são eliminadas do novo symbolo que autorisa os casamentos em todos os gráus da jerarchia. O principal dogma do anglicanismo, é a subordinação da Igreja ao Estado. Mas Isabel conservou as formas aparentes da religião, um culto exterior e publico, com todos os elementos de uma jerarchia organisada.

II. *Perseguições contra os catolicos da Inglaterra, da Escocia e da Irlanda.* — Para estabelecer a sua religião, Isabel chamou em seu auxilio o terror, o ferro e o fogo. Creou uma especie de tribunal da Inquisição encarregado de descobrir e de punir os não-conformistas ; era chamado *Alta-Comissão*. Os quarenta e cinco annos que a cruel Isabel viveu no trôno, foram uma serie sem interrupção de roubos, torturas, execuções sangrentas. Os bispos fieis foram todos encarcerados e mortos ; chegaram a matar o povo em massa, e presenciaram-se de novo as scenas barbaras que

tinham assignalado as perseguições sangrentas de Nero e de Diocleciano. Principiando na Inglaterra, estas violencias imperaram depois na Escocia e na Irlanda.

Na Escocia, os puritanos fanaticos, doceis ao ensino de João Knox, percorriam o paiz, saqueando e destruindo tudo o que elles chamavam as abominações da idolatria papista. A viuva de Jayme V, Maria de Lorena, regente do reino durante a minoridade da sua filha, Maria Stuart, teve de negociar com os rebeldes. Quando morreu, o culto catolico foi prohibido pela assembleia dos Estados, e o calvinismo foi reconhecido como unica religião do reino. Breve, o odio de Isabel voltou-se, terrivel, contra Maria Stuart, agora rainha da Escocia. Constrangida a resignar a corôa, a viuva de Francisco II correu a pedir á perfida Isabel um socorro que foi uma traição, um asylo que foi o cativeiro, terminado pela morte no cadafalso. Knox, cujo poder estava no auge, emprehendeu contra os catolicos uma guerra de exterminio e organisou a Igreja da Escocia segundo o systema presbyteriano em que a autoridade religiosa dimana, não do episcopado, mas da comunidade dos fieis.

A Irlanda não escapou ás torturas : um arcebispo indigno de Dublin, Brown, tornou-se o instrumento do scisma. Influenciado pela Inglaterra, o parlamento irlandez suprimiu a primazia de Roma, reconhecendo a supremacia religiosa da Inglaterra. Durante o reinado de Isabel, os Irlandezes foram esmagados debaixo de leis draconianas : a ilha inteira foi alastrada em sangue.

III. *As guerras de religião na França.* — Com o rei Henrique II (1547-1559), o calvinismo tinha-se espalhado muito, devido á fraqueza da côrte e ás relações poderosas dos Coligny; entretanto, esses progressos davam-se antes entre a nobreza, a magistratura, e as classes cultas ; a multidão do povo permanecia sinceramente catolica. A historia politica do calvinismo

na França começa em 1560, sob o governo de Francisco II, muito moço para reinar, e cuja mãe, Catharina de Medicis, começou a desempenhar esse papel nefasto que ha de continuar com Carlos IX e Henrique III. Com receio dos Guises que chefiavam o partido catolico, a rainha-mãe convidou os huguenotes a tomar o poder e publicou editos de tolerancia a favor dos herejes. Na verdade, elles deviam deixar de praticar qualquer violencia contra os catolicos, porém tal clausula não passou de amargo sarcasmo. A primeiro de março de 1562, o duque de Guise ouvia a missa na igreja de Vassy, na Champagne. Uma rixa rebentou entre seu sequito e os huguenotes que perturbavam a ceremonia. No tumulto, o duque é ferido; seus soldados pegam nas armas, matam uns sessenta huguenotes, ferindo duzentos outros. Esta lastimavel ocorrencia, denominada pelos escritores protestantes *massacre de Vassy*, foi o signal de lutas sete vezes interrompidas num periodo de trinta e dois annos, por tratados pouco serios, e sempre quebrados; e sete vezes o combate recomeçou ensanguentando o solo da França (1562-1594).

Destas guerras intestinas que seria longo pormenorisar, desprende-se o seguinte : si as armas catolicas, capitaneadas por Guise deram tremendos golpes, os huguenotes conduzidos por Coligny e o principe de Condé, cometeram excessos horrorosos, cobrando impostos, assolando, roubando templos e mosteiros, quebrando imagens, profanando reliquias santas, trucidando sacerdotes, monges, mulheres e crianças. As negociações ou pazes de Amboise, Longjumeau e São Germano foram tratados desastrados concedendo vantagens ao partido protestante.

Em 1572, sob o reinado de Carlos IX, Catharina de Medicis assustou-se dos progressos dos huguenotes e da influencia que exerciam sobre o rei; ella cogitou dos meios de rehaver o poder que lhe escapava

A *matança da São Bartholomeu* (24 de agosto) foi a manifestação horrenda e repentina dessa politica da rainha-mãe. Carlos IX, levado por ella, ordenou o morticinio dos calvinistas. A execução começou em Paris e continuou-se nas provincias. A Igreja não tomou, nestas vinganças, parte alguma ; os resultados tristes, lastimaveis, sem duvida, foram comtudo muito exagerados pelos historiadores do partido das victimas. O numero destas atingiu para a França toda, a dois mil.

A consequencia destas scenas de sangue foram que o campo calvinista ficou exasperado : tres principes do sangue, Henrique de Navarra, Luiz de Condé, e Francisco, duque de Alenção, formaram uma aliança formidavel contra o partido catolico e contra o rei. E' então que se organisou na França catolica um verdadeiro partido nacional com a missão de defender suas instituições e sua fé contra as intrigas revolucionarias dos protestantes, que não se envergonharam de pedir socorros aos soldados da Inglaterra e da Alemanha. Em todos os pontos da França havia guerras, roubos, desordens, marchando os catolicos sob o commando dos Guises, os protestantes, sob o commando dos Borbões. Ainda que muitas vezes vencidos, estes sempre alcançavam novos favores e sempre exigiam concessões mais extraordinarias (1577 e 1580).

IV. *Henrique IV : o Edito de Nantes* (1598). — Entre os chefes protestantes figurava Henrique de Navarra. Em 1584, a morte do duque de Alenção dava-lhe direito ao trône. Pouco depois, em consequencia do assassinato cometido em Blois sobre as pessôas do duque de Guise e do seu irmão, o cardeal de Lorena, a excitação foi extrema contra o rei da França, Henrique III ; a Sorbonna o declarou indigno do trôno, Sixto Quinto o excomungou, e um fanatico, por nome Jacques Clemente, o assassinou. Com elle estava finda

a dynastia dos Valois, e Henrique de Navarra vinha a ser o herdeiro da corôa. Mas o direito publico da idade media ainda recusava a um hereje o acesso ao trôno de uma nação catolica. O pretendente alcançava victorias; a aliança entretanto continuava a resistir. Numa conferencia entre doutores catolicos e ministros protestantes, Henrique IV perguntava a estes: « Posso eu salvar-me na Igreja catolica? — Sim, responderam elles; mas na reforma, a salvação é mais facil. — E vós, indagou o principe, dirigindo-se aos doutores, que dizeis a isto? — Pensamos que não ha mais para vossa alma salvação possivel no protestantismo, já que conhecestes a Igreja catolica verdadeira. — Pois bem, terminou o rei, eu vou para o mais certo, faço-me catolico. » E elle abjurou solenemente o erro na igreja de São Dyonisio, entre as mãos do arcebispo de Burges, e recebeu a consagração em Chartres. Paris e a França abriram-lhe os braços (1589).

Henrique IV começou por expulsar os estrangeiros que a guerra civil tinha atraido; depois tratou da pacificação religiosa julgando ser uma providencia acertada o famoso *Edito de Nantes* (1598). Este acto real confirmava todos os favores outrora concedidos aos protestantes. Conservando sempre a religião catolica como religião do reino, elle garantia aos calvinistas liberdade de consciencia por toda a parte, liberdade de culto no inteiror dos castelos e em muitas cidades; camaras mixtas nos parlamentos para julgar as demandas entre catolicos e protestantes; concedia-lhes ainda oito cidades de segurança ou praças fortes e finalmente o direito de reunirem deputados todos os tres annos para apresentarem seus requerimentos ao governo: formavam dest' arte um Estado no Estado; equiparava-se o erro com a verdade concedendo a ambos as mesmas regalias; abria-se caminho a todas as protestações sob o pretexto ilusorio de unidade

religiosa. Os protestantes não deixaram de aproveitar esta falta.

Henrique IV entretanto procurava sinceramente a paz. Com o auxilio de Sully, seu ministro, soube dar a seu povo grandeza e prosperidade até o dia em que tombava assassinado pelo ferro de Ravaillac (1610).

ARTIGO IV

Verdadeira reforma realisada pela Igreja no seculo XVI.

I. Os papas. — II. As ordens religiosas : 1° os *clerigos regulares*, 2° reformas *franciscanas* ; 3° *jesuitas*, 4° ordens de beneficiencia e de ensino. — III. Os santos do seculo XVI. — IV. Os sabios. — V. As missões catolicas.

I. *Os papas.* — Impulsionando o movimento de reformação verdadeira, realisada pela Igreja, em face da suposta *reforma* protestante, está, como sempre, o papado. Admiravel sucessão de pontifices ! *Leão X*, da ilustre familia dos Medicis, amante por igual da concordia, da paz, das letras e das sciencias, estuda os primeiros passos do protestantismo, e lança contre o heresiarca os primeiros anatemas. *Adriano VI* (1522-1523) activo e piedoso, não teve outra mira sinão a extinção da heresia, a derrota dos Turcos, a reformação da Igreja. *Clemente VII* sacrifica-se em prol das christandades do novo mundo. *Paulo III* (1534-1549), teve a honra de abrir o concilio de Trento. *Julio III* proseguiu com zelo igual na condenação das heresias. *Paulo IV*, eleito aos oitenta annos (1556-1559), mostra um ardor, uma actividade incansaveis : fé, costumes, disciplina, administração, sua solicitude paterna tudo abrange. *Pio IV* (1559-1566) continua e termina o concilio de Trento ; aprova seus decretos e entra resoluto a promover corajosamente a sua execução. Admiravelmente coadjuvado por seu sobrinho, são Carlos Borromeu, arcebispo de Milão, elle vê,

antes de morrer, a jerarchia eclesiastica regularmente reconstituida; os seminarios fundam-se, o ministerio parochial é revigorado; a soberania temporal é proclamada de novo pelo concilio (*Sess.* XXII) e pela bula *In cœna Domini*, que anatematisa os usurpadores.

O grande pontifice, são *Pio V* (1566-1572) liga seu nome ao *Catecismo do concilio de Trento*, á reforma do *Missal* e do *Breviario*, á gloriosa victoria de *Lepanto*, ganha contra a armada musulmana. Gregorio XIII, administrador inteligente, sabio ilustre, é celebre pela *reforma do calendario*, dora avante denominado *gregoriano*, o qual corrigindo um erro antigo, deu a verdadeira data dos nossos anniversarios christãos. *Sixto Quinto* (1582-1590) salienta-se nesta nomenclatura dos pontifices do seculo XVI. Era simples pastor, depois, religioso franciscano, cardeal e papa, admirado por sua sciencia e sua santidade; elle manda revistar os Livros santos e dá a nova edição da *Vulgata*. Emfim, Clemente VIII (1592-1605) termina o seculo e dá ao jubileu secular de 1600 um brilho que nos mostra a pujança da Igreja resplandecente de santidade e de vida.

II. *As ordens religiosas.* — De facto, por toda a parte, homens eminentes na sciencia como na virtude, prestaram á obra de reformação, começada no seculo XVI, o auxilio valioso do seus talentos. Como cooperadores da Igreja, cumpre indicarmos as ordens religiosas, recentemente instituidas, umas, para a santificação do clero, somente reformadas outras; depois a inclita companhia dos *Jesuitas*, que occupa um lugar especial na historia dos tempos modernos; e emfim, novas fundações de beneficiencia e de caridade.

1º Com o fim de restituir ao clero a sua primitiva pureza, a Igreja estabeleceu então diversas congregações de *clerigos regulares*, cujo fim particular, com

o amor ao estudo e á regularidade, era combater a heresia e instruir os povos. Entre esses institutos, temos : os *Theatinos*, fundados em 1524, por um nobre fidalgo italiano, são *Gaetano*, e *Pedro Caraffa*, arcebispo de Theate, que veiu a ser papa sob o nome de Paulo IV. De Veneza e Napoles, estes religiosos multiplicaram-se principalmente na Alemanha, na Polonia, na Espanha e em Portugal. Os *Somascos*, que tiravam o nome da aldeia onde residiam, entre Bergame e Cremona, remontam a são *Jeronymo Emiliano*, em 1530. Propagaram-se na Italia e na Suissa ; entregavam-se á educação dos orphams e á formação dos jovens clerigos. Os *Barnabitas*, tambem chamados ás vezes *clerigos regulares de são Paulo*, foram fundados em 1530 por tres gentishomens lombardos ; consagravam-se ás missões, ao ensino, e á direção dos seminarios. Os *Oratorianos*, instituidos na Italia, no anno de 1564, por são *Philippe de Neri*, deviam unir ao ministerio das almas a cultura das sciencias sagradas e difundir entre o povo a instrução religiosa. O *Oratorio* deu sabios distintos : o cardeal Baronio, Raynald, etc. Mais tarde, introduzido na França pela cardeal de Berulle, foi ilustrado por Thomassino, Massillon, etc.

2º Reformas uteis realisadas nas antigas ordens religiosas, espalharam por toda a Europa uma nova seiva de vida christã. A ordem franciscana, reformada em 1526 por um santo religioso, *Matteu de Baschi*, deu origem aos *Capuchinhos*, assim denominados porque adoptaram o capucho comprido que os pintores davam a são Francisco. No mesmo tempo, o espanhol, João da Puebla dirigia para uma perfeição mais alta outro ramo da mesma ordem, chamado *Recolletos* ou religiosos da Estrita Observancia. Em 1586, um santo personagem, João da Barreira, estabelecia na ordem benedictina a reforma dos *Feuillants*.

3º A ordem religiosa especialmente mandada por

Deus para embargar a marcha do protestantismo e reparar os estragos ocasionados pela reforma, é a dos *Jesuitas*. Teve como fundador *Ignacio de Loyola*, nascido na Biscaia espanhola, em 1495. Este nobre fidalgo, afeito á vida dos campos e ferido no cerco de Pamplona, deparou, na leitura da vida dos santos, com a graça suprema que o havia de converter e fazel-o soldado imperterrito de Deus e da Igreja. Curada a sua ferida, elle foi no santuario de Monte Serrate, suspender, aos pés da Virgem, a sua espada de cavaleiro. Acolheu-se na gruta solitaria de Manreza, e ali compoz o maravilhoso livro dos *Exercicios espirituaes*; foi depois para a universidade de Paris a completar sua instrução religiosa. E' ali que lança os alicerces do seu instituto, em 1534, na capela subterranea de Montmartre. Paulo III, em 1540, abençôou e aprovou as constituições da *Companhia de Jesus*, solenemente reconhecida, mais tarde, no concilio de Trento (*Sess.* xxv, c. 16). Os membros desta sociedade são ligados entre si pelos votos de religião e por um quarto voto especial de obediencia absoluta ao sumo pontifice; sua missão particular é combater o erro por meio de uma vasta e profunda erudição. A obra da instrução e da educação da mocidade é um dos seus fins principaes, com a propagação da verdadeira fé nos paizes catolicos, protestantes e infieis. A ordem dos Jesuitas contou em breve inumeros membros na Italia, na França, na Alemanha, na Espanha e por toda a Europa. Alvo de todas as perseguições, segundo a prophecia do seu fundador, sempre está firme na peleja, e não deixou de ser o auxiliar mais poderoso e mais dedicado da Igreja romana.

4º Nas suas lutas contra o erro e contra o vicio, a Igreja não podia se esquecer do seu papel de *beneficencia* e de *caridade*. Para o anno de 1549, são *João de Deus* fundava na Espanha a sua ordem heroica des-

tinada a recolher, aliviar e curar a mais terrivel das molestias humanas, a loucura. Maria de Medicis levou essa ordem na França. Em 1584, são *Camillo de Lellis* instituia na Italia, sob o nome de *Padres ministros dos enfermos*, outra familia religiosa cujo empenho seria ir á cabeceira dos doentes mais desvalidos, e nas épocas de desgraças e de peste, sacrificar-se até a morte. Emfim, a instrução da infancia teve tambem o privilegio de excitar os mais nobres esforços. A bemaventurada *Angela de Brescia* fundou para as moças de todas as classes, em 1537, a ordem das *Ursulinas*. Já vimos a parte importante que tomava a instrução dos ignorantes e dos pobres nas diversas familias religiosas dos *clerigos regulares*. Em 1592, um piedoso conego, *Cesar de Bus*, fundou na Suissa, para o mesmo fim, os *Padres da doutrina christã*, restabelecidos por Pio IX, em 1850. O seculo XVI preludiava nobremente ás grandes instituições de caridade de são Vicente de Paulo e ás obras de educação do seculo XVII.

III. *Os santos do seculo XVI.* — Além dos fundadores de ordens religiosas cuja santidade se manifestou de maneira tão util, a Igreja colhia farta messe de heroes e santos em todas as condições, em todos os paizes. Mesmo sem atender aos muitos martyres a quem a perseguição abriu o céu, a Europa do seculo XVI viu a virtude florescer como nas mais brilhantes idades da fé. Mencionaremos apenas : São *Carlos Borromeu*, arcebispo de Milão na idade de vinte e tres annos, homem de sciencia, de zelo e de caridade, reformador de sua diocese, consoante as prescripções do concilio de Trento ; no solio pontifical, são Pio V, cuja humildade igualava a actividade e o zelo caridoso ; na Espanha são *Thomaz de Villanova*, de quem Carlos Quinto admirava a sciencia e a virtude ; são *Pedro de Alcantara* que introduziu na ordem francis-

cana uma modificação aprovada por Julio III; são *João d'Avila*, autor ascetico, mente ilustrada e de preclara virtude, que dirigiu nas veredas da perfeição a incomparavel santa *Thereza*, essa grande reformadora do Carmelo, heroica serva do Deus crucificado, que resumia sua vida toda nessas duas palavras : *Ou sofrer, ou morrer ;* são *João da Cruz*, prodigio de padecimentos e de alegrias, coadjutor de santa Thereza na sua obra de reformação religiosa.

A Sociedade de Jesus, apenas desabrochada, já dava abundante colheita de santos frutos : ao lado do glorioso fundador, santo *Ignacio de Loyola*, vemos hombrear seus discipulos, são *Francisco Xavier* o apóstolo das Indias e do Japão ; são *Francisco de Borja*, o qual, desprendido do mundo, tornou-se uma das mais puras glorias do instituto, e estes dois angelicos moços, modelos e protectores da mocidade estudiosa, santo *Estanislau Kostka*, falecido no noviciado, em 1568, e são *Luiz de Gonzaga* falecido em Roma, em 1591. São *Francisco de Sales* e santa *Joanna de Chantal* pertencem antes aos principios do seculo XVII.

IV. *Os sabios.* — Opulenta se nos apresenta a Igreja do seculo XVI com os seus santos, e tambem com os seus sabios. Na primeira plana, refulgem os habeis exegetas que revisaram a Biblia, compuzeram os polyglotas, ou enriqueceram os textos com preciosos e eruditos comentarios : o e cardeal *Ximenes*, a quem devemos a Biblia de *Compluto* ou de *Alcala ; Vatablio*, que moreu em 1547, depois de ter ensinado o hebraico no colegio de França ; o cardeal-jesuita *Bellarmino*, autor de sabios escriptos teologicos ; *Tirino*, *Menochio*, *Maldonato*, *Estio*, *Cornelio a Lapide*, cujos importantes trabalhos scientificos bastam para imortalisar um seculo.

A heresia lutheriana e o concilio tridentino levaram os teologos a fazer estudos mais acurados, mais pro-

fundos, dando origem aos sabios tratados dos jesuitas *Lessio* e *Molina* sobre a graça e o livre arbitrio, aos trabalhos ainda mais ilustres de *Suarez*, em que estão mitigadas as doutrinas de santo Agostinho e de santo Thomaz.

As exigencias novas da controversia catolica promoveram pesquizas patrologicas e historicas : porquanto tivemos as obras preciosas de *Melchior Cano*, *Bellarmino*, *Possevino ;* as de *Baronio*, publicadas com o titulo de *Annaes eclesiasticos*, para rebater as falsificações e as mentiras dos *centuriadores de Magdeburgo ;* as celebres controversias do cardeal Do Perrão. Emfim a hagiographia, cultivada com mais esmero, deu resultados admiraveis : *Rosweide*, na sua *Vida dos Padres do deserto*, apontava aos Bollandistas a sua imensa e esplendida tarefa.

Sob a proteção da Igreja, as sciencias humanas tambem se desenvolviam. Para o fim do seculo XVI, *Galileu* ensinava livremente em Pisa, Padua, Florença, a rotação da terra. Si alguns teologos romanos condenaram mais tarde o seu systema astronomico, é porque elle quiz intrometer nelle a teologia, baseando-o na Escritura sagrada. Sob ae gide dos papas ainda, Vesalo inaugurava em Pavia a sciencia da anatomia. No mesmo tempo, Calvino mandava queimar vivo a *Miguel Servet* que acabava de descobrir a circulação pulmonar ; os protestantes perseguiam a *Tycho-Brahé*, coagindo-o a deixar o systema de Copernico ; os teologos protestantes de Tubingue condenavam *Kepler*, por ter ensinado as novas leis do mundo planetario : os papas, pelo contrario, procuravam angarial-o para o universidade de Bolonha.

V. *As missões catolicas.* — Antes de espraiarmos as vistas pelas esplendidas conquistas longinquas da fé christã, contemplemos primeiro os esforços da Igreja para manter incolume o tesouro da verdade catolica

entre os antigos povos. Em 1581, Gregorio XIII mandou o P. Possevino na Russia, para promover a reunião da Igreja scismatica com a Igreja romana. Sem esperança por parte dos separados, os sumos pontifices volveram seus olhares para os *Gregos unidos*, cujo numero augmentou no seculo XVI, devido aos legados e missionarios que Roma mandava de continuo entre as populações catolicas.

Ficava na Europa, a visinhança sempre perigosa, dos Turcos, senhores de Constantinopla, e constantemente armados para a conquista ; os sumos pontifices resistiam, sozinhos, aos invasores. Graças ao zelo de são Pio V, a Italia e a Austria organisaram uma armada, ás ordens de dom João da Austria, ganhando, no golfo de Lepanto uma victoria decisiva, a 7 de outubro de 1571, no dia em que o mundo catolico implorava a assistencia da augusta Virgem, Mãe de Deus. Foi esta a origem da festa do *Rosario.*

No momento em que o protestantismo arrancava do seio da Igreja antigas nações catolicas, a Providencia trazia novos povos ao aprisco. Vejamos de relance, a magnifico expandir da fé no seculo XVI.

1º *Missões da India e do Japão.* — O apóstolo dessas regiões longinquas foi são Francisco Xavier. Oriundo da Espanha, convertido por santo Ignacio de Loyola, entrou na companhia de Jesus e embarcou-se, em 1541, para as Indias, onde reproduziu todas as estupendas maravilhas das primeiras eras apostolicas. Estabeleceu nas Indias igrejas e escolas e trouxe ao gremio da fé populações em grande copia. Em 1549, passou para o Japão, e depois de uma pregação de dois annos e meio, a despeito dos principes e dos bonzos açulados, elle o conquistou. Francisco Xavier ainda cogitava na evangelisação da China, quando morreu na idade de cincoenta e dois annos ; tinha batisado mais de trezentos mil infieis. Mas no anno de 1596, uma perseguição violenta destruiu a Igreja japoneza, para-

lysando, por varios seculos a obra tão felizmente iniciada.

2º *Missões da China.* — Logo nos primeiros seculos, o imenso imperio chinez tinha recebido a luz do Evangelho, e em plena idade media, missionarios corajosos tinham vindo reanimar o facho da fé quasi apagado. Entretanto, a noite baixava naquellas christandades afastadas e tantas vezes perseguidas. Os verdadeiros apóstolos da China foram os jesuitas, que fundaram, em 1550, uma missão fecunda. O P. Ricci, sabio distinto, pasmou a China com suas experiencias scientificas, e assim obteve ingresso em Pekim e na côrte do imperador. Quando faleceu, em 1610, deixava a missão florescente e promissora de belos frutos.

3º *Missões da America.* — No encalço de Christovam Colombo, vimos os discipulos de são Domingos e de são Francisco de Assis atirarem-se para a conquista do novo mundo. Fernando Cortez franqueou-lhes o Mexico e Pizarro o Perú. Os progressos do Evangelho foram rapidos, e já no meio do seculo XVI, a Igreja possuia naquellas regiões varios bispados e milhares de christãos. Ignacio de Loyola enviou, para a America, membros da companhia de Jesus que se estabeleceram em São Salvador, em numero de vinte e oito padres. Os jesuitas se espalharam no Brasil, na Florida, no Mexico e no Perú, iniciando por um exito já prodigioso as suas creações esplendidas do seculo XVII.

4º *Missões da Africa.* — Embargada continuamente naquellas regiões pelas dificuldades do clima, pela depravação dos infeis, e pelas hostilidades dos musulmanos, a fé não se desenvolvia tão rapidamente como na Asia ou no Novo Mundo. Entretanto, os dominicanos tinham residencias no Congo e nos reinados africanos de Angola e de Benguela a oeste, nos de Quiloa, Moçambique, e Monomotapa a leste. Agostinhos, capuchinhos e padres seculares evangelisavam tambem nesta ou naquella provincia.

Podemos averigual-o, o seculo XIX, para a fé catolica tem sido uma época de prosperidade inaudita; a doutrina se desenvolveu de maneira prodigiosa no concilio de Trento; uma transformação saudavel realisou-se no seio da Igreja e a difusão da verdade tomou poderoso incremento entre os povos infieis: o catolicismo é sempre a religião progressiva e conquistadora.

CAPITULO II

A Igreja e o jansenismo galicano

(1598-1715)

Vista geral. — Divisão deste capitulo.

Temos de estudar agora as consequencias do protestantismo. O primeiro periodo do seculo XVII vem ainda perturbado pelas guerras de religião. Agitam a França no governo de Luiz XIII, e unicamente a energia de Richelieu consegue esbulhar o calvinismo do seu poder e expelil-o das suas ultimas fortalezas. Ellas despedaçam a Alemanha durante a guerra dos Trinta annos, terminada com a paz de Westphalia (1648). A Europa, na verdade, recuperou o socego, mas proclamando o principio da liberdade de consciencia, este tratado causou á Religião um prejuizo enorme. Os Estados alemães repartiram entre si os despojos da Igreja e seus principados secularisados; o protestantismo teve ingresso completamente livre no governo da Europa; a politica deixou de ser catolica, e os reis não se importaram mais com o parecer da Igreja. Logo o seculo caminha de passo largo para a indiferença religiosa; em breve ha de ser o espirito de oposição contra Roma, depois a revolta philosophica, e finalmente, a revolução.

A Inglaterra, por demais fiel ao espirito de perseguição que caracterisava os primeiros chefes da sua reforma, continua derramando o sangue dos catolicos no governo de Jayme I e Cromwell. A revolução de 1688, que erguia no trôno da Inglaterra a Guilherme

de Orange, vinha simplesmente rematar a escravidão dos catolicos sob o poder do anglicanismo, unico admitido a governar e a reinar.

Entretanto, o lutherianismo e o calvinismo, por muito tempo, revoltaram a Europa com seus excessos. Eis que o erro reveste formas suavisadas, um caracter menos odiento e mais perfido. Com Baio e Jansenio, nova heresia, o *jansenismo*, ha de, durante mais de um seculo, deitar seu veneno, ilaquear a bôa fé das mais belas almas, solapar nos corações a caridade e a santidade, furtando-se, hypocrita e escorregadio, ás condenações da Igreja e insuflando por toda a parte o espirito de revolta contra a sua autoridade. E' na França especialmente que ha de grassar este erro, não sendo aliás o unico flagelo daquelle paiz.

A realeza que se tinha tornado absoluta com Luiz XIV, tencionava avassalar o clero, infelizmente pouco afeiçoado a Roma. Emquanto afagavam o espirito de independencia com o pretexto falaz das *liberdades da Igreja galicana*, os reis e os parlamentos, preparavam, na realidade, e consagravam a servidão da Igreja da França. A famosa *declaração* de 1682 nos mostrará o ponto em que pode chegar a submissão vil ao poder temporal, em odio da autoridade espiritual dos pontifices romanos. Este enfraquecimento do clero trará como consequencia o desenvolvimento dos máus germens, das más doutrinas que assustavam o proprio Bossuet, ao ouvir o rumor medonho e abafado que presagiava tempestades.

O *galicanismo*, ferido pelos anatemas de Roma, abandonado por Luiz XIV e por Bossuet, ia definhando: eis Quesnel a ressuscitar o *jansenismo*, reencetando uma luta hypocrita, que não pára mesmo com as condenações da celebre bula *Unigenitus* (1713). O *jansenismo*, que tinha recebido golpe mortal, havia de comtudo prolongar a sua agonia sob o reinado de Luiz XV ; mas a Igreja saia vencedora desta

arena onde o erro galicano se debatia nas ultimas vascas da morte. O seculo XVII, todavia, deixa após si vasta esteira luminosa : papas de alta cultura e acendrada virtude, fundadores de ordens novas, zelosos reformadores da disciplina eclesiastica e religiosa, santos e sabios que nos legaram nomes jamais esquecidos, missionarios denodados que viram os triumphos corôarem seu ardor e sua caridade : tal é o esplendido cortejo que fez deste seculo XVII, um dos mais belos e mais fecundos na historia da Igreja catolica.

Havemos de percorrer a luta e a victoria nos quatro artigos em que estudaremos : 1º *A heresia de Baio e de Jansenio*, a condenação e as intrigas perfidas dos *jansenistas*, até á *paz clementina* (1598-1668) ; 2º o *galicanismo*, outro fruto eivado que o protestantismo deu ; veremos sua origem, a formula lavrada na *assembleia* de 1682, a sua condenação e retratação; de passagem tambem, a famosa *revogação do edito de Nantes*, e o erro do *quietismo* (1668-1689) ; 3º o *jansenismo de Quesnel* com sua condenação pela bula *Unigenitus*, e as manobras ocultas da seita até a morte de Luiz XIV (1689-1715) ; 4º emfim, ao deixarmos o grande seculo, lançaremos um olhar nas cousas religiosas dessa época perturbada, fertil, porém, em obras de reforma, de santidade e de zelo catolico.

ARTIGO I

Heresia de Baio e de Jansenio.

(1598-1668).

Papas.	*Papas.*
Clemente VIII (1592-1605).	Urbano VIII (1623-1644).
Leão XI (1605).	Innocencio X (1644-1655).
Paulo V (1605-1621).	Alexandre VII (1655-1667).
Gregorio XV (1621-1623).	Clemente IX (1667-1669).

I. Consequencias das guerras de religião : 1º na França : Luiz XIII e Richelieu ; 2º na Allemanha:guerra dos Trinta annos e tratado de Westphalia (1618-1648) ; 3º na Inglaterra : perseguições religiosas. II. O prenuncio do *jansenismo :* Baio e seus erros. — III. *Jansenio* e *Duvergier de Hauranne,* abbade de São-Cyran : a doutrina jansenista. — IV. O *Augustinus :* sua condemnação (1642). — O jansenismo e Port-Royal ; a paz *clementina.*

I. *Consequencias das guerras de religião.* — Antes de considerarmos a Igreja combatendo a nova heresia do jansenismo, temos ainda de verificar na Europa um como éco demorado da rebelião protestante : durante a primeira metade do seculo XVII, as guerras de religião continuam agitando profundamente a França, a Alemanha, e sobretudo a Inglaterra.

1º *França.* — Henrique IV puzera termo ás lutas intestinas acesas pela reforma. Mas, com o edito de Nantes, os protestantes, em vez de desfrutarem socegadamente os privilegios que tinham alcançado, organisaram uma republica no Estado e perseguiram, com a intolerancia primitiva, a Igreja catolica, molestando seus membros, estorvando as ceremonias do seu culto. Quando Henrique IV caiu fulminado pelo punhal de Ravaillac (1610), ergueram a fronte, negaram-se a restituir os bens eclesiasticos que tinham roubado e desfraldaram o estandarte da guerra civil no meio dia e no oeste da França. Luiz XIII teve de marchar á frente das tropas para abafar a revolta.

Pelo tratado de Montpellier (1622), os protestantes somente conservavam duas praças de segurança : La Rochelle e Montauban.

Richelieu, bispo de Luçon, feito cardeal e eleito ministro, julgava que o meio de acabar com os protestantes francezes não era o emprego da violencia, sinão da persuasão para convertel-os. Todavia, como homem de estado e amante da unidade nacional, não podia tolerar no seio da monarchia, um partido fogoso sempre pronto a pegar em armas. Luiz XIII venceu os huguenotes revoltados no Bearnez, Richelieu desbaratou os Inglezes que sustentavam os dissidentes, e tomou La Rochelle, seu ultimo refugio (1628). Luiz XIII, e com elle o catolicismo, fez nesta cidade a sua entrada triumphante. No anno seguinte, o tratado de *Alais*, chamado *Edito de graça*, suprimiu todas as praças de segurança aos rebeldes, deixando comtudo aos protestantes o livre exercicio do seu culto : foi o fim das guerras de religião na França.

2º *Na Alemanha.* — Um impulso vigoroso manifestava-se contra a reforma, e a fé catolica vingava de novo na Baviera, nas provincias do archiduque Maximiliano, na alta e baixa Austria com o imperador Rodolpho. Os protestantes ficaram amedrontados com este rejuvenescer do catolicismo e entraram a perseguil-o por toda a parte onde estavam em numero superior. No mesmo espirito de resistencia, formaram uma aliança sob o nome de União evangelica (1608) em frente da qual, os catolicos opuzeram a aliança de *Wurtzburgo.* O jubileu secular da reforma estimulou os odios velhos contra a Igreja romana e foi o começo da *guerra dos Trinta annos* (1618-1648), na qual tomaram parte varias nações da Europa. Richelieu, que desejava humilhar a casa da Austria, custasse o que custasse, fez o seu paiz entrar naquella guerra. Inimigo do calvinismo na França, elle escudava a heresia no estrangeiro, declarou-se a favor dos protestantes

da Alemanha, levou o rei da Suecia, Gustavo Adolpho a continuar a guerra e deu-lhe o auxilio dos exercitos francezes. Estes venceram ; mas nem Luiz XIII nem o seu ministro viram o resultado destas longas lutas terminadas apenas durante a minoridade de Luiz XIV, por influencia de Mazarino.

A paz de Westphalia, firmada em 1648, poz termo ás guerras de religião que tinham por tanto tempo afligido a Alemanha ; mas sacrificou todos os interesses religiosos e sociaes a favor dos unicos interesses politicos e materiaes. A França tinha desprestigiado a casa da Austria ; mas o protestantismo colhia os maiores louros : teve, desde então, lugar oficial no Imperio. O tratado confirmou os protestantes na posse de todos os bens que tinham arrebatado aos bispados, ás abadias, com desprezo absoluto do direito canonico e sem consultar o papa. Innocencio X não podia conformar-se com este estranha menoscabo dos seus direitos, nem com o principio que subordinava a Religião á politica. O nuncio Fabio Chigi protestou, em nome do papa, contra as clausulas anticanonicas que o tratado encerrava e recusou ratifical-o. A Alemanha achou-se dividida em dois campos no ponto de vista religioso : a Alemanha septentrional que ficou hereje, e a Alemanha meridional, outra vez catolica.

3º *Na Inglaterra.* — Ali tambem, vemos a guerra civil excitada pelas paixões religiosas. Deixamos aquella terra infeliz victimada pelas incessantes crueldades da fera Isabel. Quando ella morreu (1603), o filho de Maria Stuart, Jayme VI da Escocia foi chamado ao trôno da Inglaterra, onde reinou sob o nome de Jayme I. Educado pelo protestante Buchanan, nos principios dos *puritanos*, elle abandonou suas antigas teorias, e passou a ser, por politica, anglicano tão zeloso como fôra puritano fanatico. A *conspiração da polvora*, organisada por um descontente foi logo

atribuida aos catolicos, especialmente aos jesuitas, e tornou-se o pretexto para uma perseguição sangrenta.

Sob o governo do seu filho, *Carlos I*, casado com a filha de Henrique IV, Henriqueta de França, peorou a nefanda sorte dos catolicos, depois de algumas melhoras; no mesmo tempo, o rei da Inglaterra quiz impôr seus ritos e seu culto aos puritanos da Escocia. Originou-se então uma revolta a cuja frente surge Cromwell, « homem de incrivel agudeza de espirito, tão refinado hypocrita como habil politico ». Vencido por seu rival, Carlos I foi degolado, e Cromwell, senhor absoluto e todo poderoso da Inglaterra, deu começo a um reinado sangrento de nove annos, durante o qual o proprio anglicanismo é derrubado e substituido pela anarchia politica e religiosa. Despontam inumeras seitas : *independentes*, que nada querem saber de leis nem jerarchias ; *quakers* ou *tremedores*, que pedem a abolição de qualquer culto ; *brownistas* ou *separatistas*, que não são anglicanos nem presbyterianos ; *millenarios*, que adiam para mil annos o reinado de Christo ; *antinomianos*, que arvoram os vicios em virtudes ; *anabatistas*, *libertinos*, *antiscriturianos*, *perfeiçonistas*, *scepticos*, que reeditam erros antigos, preparam o comunismo ou duvidam de tudo. Um unico ponto congrega todas estas seitas, o odio aos catolicos, que se tornam por toda a parte, na Inglaterra, na Escocia, na Irlanda, victimas dos assassinos (1649-1658).

Os Stuarts, ao tomarem outra vez posse do trôno (1660), nada mudaram na situação do catolicismo oprimido. Emfim, a revolução de 1688, que poz á frente da Inglaterra *Guilherme de Orange*, consagrou a escravidão legal dos catolicos. O novo rei, na verdade, não derramou o sangue, mas afastou-os de Londres, fechou as escolas catolicas, prohibiu, sob pena de multa, que se mandasse instruir os meninos no catolicismo nas outras nações, premiou a apostasia nas fileiras do

clero, esbulhou os que resistiam de todos os seus direitos civis : por estes meios, constrangeu seus subditos a contentar-se com sua Igreja nacional.

No decorrer dessas longas tormentas, a Grande Bretanha e a Irlanda especialmente, davam ao mundo o espectaculo de uma fé heroica. A elite da mocidade emigrava para ir buscar na França e nos centros catolicos a instruição religiosa, e trazer de lá, com o sacerdocio, uma força nova contra a tyrania, e sementes de catolicismo que resistiriam a todos os furacões.

II. *O prenuncio do jansenismo : Baio e seus erros* (1567-1589). — Ainda não acabamos com os desastrosos frutos do protestantismo. Da grande heresia do seculo XVI, brotaram todos os erros modernos, desde o *jansenismo*, filha sua primogenita até o *modernismo* contemporaneo, que perpetua a infausta linhagem. Importa que vejamos, algum tempo atraz, qual foi o prenuncio, a origem do *jansenismo* na heresia de *Baio*.

Nascido em 1513, no Hainaut, *MiguelBaio* tinha-se tornado professor na Universidade de Louvain. Aventando, sobre a graça, opiniões assaz parecidas com os erros lutherianos e calvinistas, tivera assento, como teologo, no concilio de Trento. Julgou que a magna assembleia tinha-se arredado da doutrina de santo Agostinho e elle formulou publicamente, de volta do concilio, o seu erro fundamental. Baio supõe, como ponto de partida, que a natureza do homem foi completamente viciada pelo pecado original : o homem não somente tem sido despojado dos seus dons sobrenaturaes, como tambem perdeu os dons da natureza e em particular o livre arbitrio. Assim o homem decaido não tem mais liberdade, não pode fazer bôa obra alguma. Devido, porém, á Redempção, o homem pode ser salvo, e isto, pela simples aplicação dos meritos de Jesus Christo. No seu estado de reparação,

elle recebe uma graça divina. Todavia, acha-se colocado entre duas forças, a concupiscencia e a graça; mas não pode resistir nem a uma nem a outra, e *necessariamente*, obedece á mais poderosa destas duas forças. Ora, já que a graça é preponderante apenas nos predestinados, resulta que todos os mais estão entregues á reprovação inevitavel. Por outra parte, para muitos, é impossivel a observancia de certos mandamentos. Deus, entretanto, os castiga por faltas que não podiam deixar de cometer. Tal é o systema fatalista de Baio, destructivo das bôas obras e da liberdade.

Setenta e nove proposições tiradas das obras de Baio e de Hessels, seu colaborador, foram condenadas por Pio V e por Gregorio XIII. Baio retractou seus erros, mas elles foram recolhidos por Jansenio e seus partidarios. A esta doutrina do inovador, o jesuita Lessio expoz claramente a predestinação em vista dos meritos futuros, a vontade que Deus tem de salvar a todos os homens, a universalidade da Redempção, a graça suficiente dada a todos, e o livre arbitrio permanecendo isento de toda a necessidade sob o imperio da graça : pura doutrina da Igreja, esta. Sobre este ponto da conciliação da graça com a liberdade, dois pareceres dividiram os doutores catolicos : aquelle dos *molinistas*, cujo nome se derivou de *Molina*, jesuita espanhol, e o dos *thomistas*, que se apoiavam na doutrina do Anjo da escola. A Igreja nada sentenciou acerca dessas theorias de somenos importancia.

III. *Jansenio e Duvergier de Hauranne, abbade de São Cyran : a doutrina jansenista.* — Cornelio Jansen ou *Jansenio*, nascera na Hollanda (1585); foi estudar em Louvain, abeberando-se aos erros de Baio : espirito ousado, arguto e subtil, aparentando piedade e devoção, havia de dar o nome a uma heresia tão teimosa como hypocrita. Teve como condiscipulo, na

Universidade de Louvain, um francez, *Duvergier de Hauranne*, mais conhecido pelo nome de abade de *São Cyran*. Era um homem activo, audacioso, de lhaneza extraordinaria e ardor incansavel. Os dois moços travaram amizade: igual propensão para o erro, igual zelo pela reforma os vinculava. De Hauranne, de posse de um canonicato da igreja de Poitiers e da abadia de São Cyran, atraiu Jansenio para a França; ambos, sob o disfarce da piedade e de uma grande austeridade de costumes, empregaram a sua influencia em angariar adeptos no mundo religioso, entre os membros do clero, e até nas comunidades monasticas e nas fileiras do episcopado.

O fundo do erro jansenista é sempre a supressão do livre arbitrio, não exposta claramente a modo de Calvino, é verdade, mas disfarçada e sorrateiramente. Segundo o heresiarca, duas deleitações porfiam pela posse da vontade : a deleitação divina ou a graça, e a deleitação da concupiscencia ou o pecado. A mais forte, naturalmente ganha a victoria, e assim o homem não tem mais a responsabilidade dos seus actos : a salvação é fatal, assim como a condenação. Com este erro doutrinal, o jansenismo traz varios caracteres que lhe são proprios : a astucia para ocultar-se e sumir-se, a intriga para se propalar e engambelar as almas, e mais especialmente a pretenção de formar na Igreja uma sociedade mais pura, mais celeste. Só fala em penitencias, austeridades, ascetismo e obras santas; na realidade, porém, estanca as melhores fontes da virtude, incutindo, para com os sacramentos, um temor que descamba para a abstenção, a desunião; pintando a Deus como a um mestre rigido, tremendo, e não como a um pae, apertando os braços tão abertos de Christo, para significar que sua caridade não abrange a todos. Sempre com o mesmo pretexto santo, tornou a liturgia arida e fria, abafou os impetos do coração, atirou o desprezo no culto de Nossa Senhora

e dos santos, quiz empanar as mais lidimas e puras glorias da Igreja catolica; emfim, moveu á Religião uma guerrilha oculta e perversa que aparelhava o caminho para a philosophia incredula.

IV. *O Augstinus; sua condenação.* — Jansenio preparava em Louvain, a sua grande obra sobre a graça: pretendia resumir a doutrina de santo Agostinho num volume imenso, cuja publicação elle iniciou depois de ter sido eleito bispo de Ypres, e que elle intitulou o *Augstinus*. Morreu antes que fosse acabada a impressão e declarou no seu testamento que o submetia ao juizo da Santa Sé. Todas as tendencias do livro de Jansenio se acham syntetisadas nas cinco seguintes proposições: 1º Alguns mandamentos da lei de Deus são impossiveis para os homens justos, apezar da bôa vontade e dos esforços destes. — 2º No estado de natureza caida, não se resiste nunca á graça interior. — 3º Para merecer ou desmerecer no estado de natureza caida, basta ser o homem isento de coação e de constrangimento; a vontade, aliás pode ser necessitada. — 4º E' semi-pelagiano e hereje quem pretende ser possivel, resistir á graça interior e preveniente. — 5º E' outro erro, afirmar que Jesus Christo morreu por todos os homens.

O *Augstinus* apareceu em Louvain, em 1640. O papa Urbano VIII publicou um decreto pelo qual prohibia a leitura do livro de Jansenio, condenava sua doutrina, e renovava as constituições de Pio V e Gregorio XIII contra os erros de Baio. Este juizo do sumo pontifice que o autor da obra tinha aceito, não encontrou a mesma docilidade por parte dos seus discipulos. O arcebispo de Paris, entretanto, João Francisco de Gondi, o recebeu e leu na sua diocese, e a Faculdade de teologia dessa cidade confirmou a sentença pontificia.

V. *O jansenismo e Port-Royal ; a paz clementina.* — O principal foco do jansenismo na França foi a muito decantada casa de Port-Royal, e entre seus mais ardentes discipulos, São Cyran contava os membros da familia Arnaldo de Andilly, na qual a sciencia e a virtude eram hereditarias. O pae, Antonio Arnaldo, advogado no parlamento de Paris, recebeu favoravelmente as propostas do novador. Seus filhos, Roberto e Antonio, deram toda a confiança ao melifluo e cavalheiroso abade, e franquearam-lhe a entrada do mosteiro de Port-Royal dos Campos, onde suas irmãs Angelica e Ignez Arnaldo ocupavam-se com a reforma deste convento de *Bernardinas*. São Cyran cultivou com esmero esta familia de adeptos e quando a comunidade transferiu sua séde para Paris com o nome de Filhas do Santissimo Sacramento, elle organisou em Port-Royal dos Campos uma sociedade de homens cultos, escolhidos entre os inimigos dos jesuitas e os partidarios da sua moral severa ; deixaram um nome afamado : *Solitarios de Port-Royal* e dedicaram-se juntamen[illegible]s exercicios de uma piedade austera, ao estud[illegible]logia e á educação da mocidade que elles intenta[illegible]moldar ás ideias novas. Dentre os escritos saíd[illegible] Port-Royal, o livro da ***Frequente Comunhão***, [illegible]a do grande Arnaldo, causou um mal immenso, a[illegible]ando os fieis da mesa eucaristica pela exigencia [illegible] uma perfeição impossivel. Inspirado por Nicole, o jansenista Pascal, genio transviado, escreveu as *Cartas provinciaes*, onde se externa todo o seu odio contra os jesuitas. « Este livro todo, disse Voltaire, descansa numa base falsa ; mas não se tratava de saber quem tinha razão, sinão de divertir o publico. » As Cartas provinciaes, condenadas pelo papa e pelos bispos de França, queimadas por ordem do conselho de Estado, foram, por isso mesmo, mais prezadas entre os impios.

Entretanto, após maduro exame de dois annos, In-

nocencio X tinha anatematisado solenemente as cinco proposições tiradas do *Augstinus*, as quatro primeiras como herejes; a quinta, como escandalosa e impia (1653). Os jansenistas pareciam submissos; logo, porém, abroquelaram-se com a distinção subtil entre o facto e o direito, concordando, em principio, na reprovação das proposições, mas negando que estivessem realmente contidas na referida obra. Alexandre VIII, em 1656, desmanchou o embuste, e elle proprio condenou as cinco proposições como tiradas do livro de Jansenio. A assembleia de 1657 recebeu a bula e redigiu um *formulario* que não dava margem para nenhum subterfugio. Antonio Arnaldo respondeu ao formulario do clero e á bula do papa por dois livros : o *Caso de consciencia* e as *Reflexões*. Muitos jansenistas e especialmente as religiosas de Port-Royal, mostraram uma resistencia obstinada. O arcebispo de Paris, Perefixo, teve de empregar meios de rigor para separar estas mulheres « puras como anjos, mas orgulhosas como demonios (1664) ». A pedido de Luiz XIV, o novo papa Clemente IX consentiu em escrever um *formulario*, igual ao do clero, quanto ao fundo, porem, mais explicito nos termos. Quatro bispos da França recusaram assignar o documento pontificio, e continuaram a revolta, pregando o *silencio respeitoso*. A bem da paz, o papa consentiu numas modificações que permitiam aos dissidentes assignar a acta e não alteravam a doutrina : isto foi chamado a *paz clementina*. Era apenas uma interrupção na luta (1668).

ARTIGO II

O Galicanismo

(1668-1693).

Papas.	*Papas*
Clemente X (1669-1676).	Alexandre VIII (1689-1691).
Innocencio XI (1676-1689).	Innocencio XII (1691-1700).

I. O galicanismo no parlamento. — II. Negocio da regalia (1673). — III. Assembléa de 1682 : *os quatro artigos.* — IV. A revogação do edito de Nantes (1685). — V. Negocio das *franquias;* retractação da *Declaração* (1689).

I. *O galicanismo no parlamento.* — Durante os disturbios da Fronda, a prudente politica de Mazarino tinha esbarrado muitas vezes diante de uma oposição systematica do parlamento contra a autoridade real. Este mesmo espirito de contradição turbulenta surge outra vez na controversia jansenista. Nas universidades e nos parlamentos, dormitava um antigo resto de hostilidade contra Roma, e um apego incrivel e mesquinho áquillo que se chamava as *liberdades da Igreja galicana.* Esta tendencia cresce na época de Luiz XIV, e os mais celebres deputados do seculo XVII deram-lhe, por assim dizer, uma forma juridica. O doutor *Edmundo Richer*, por exemplo, fiscal da faculdade de Paris, no seu livro *Da Republica christã*, se inspirou das doutrinas de Marco Antonio *de Dominis*, primato da Dalmacia, e vulgarisou uma nova teoria subversiva da constituição da Igreja. « Segundo elle, o principio, assim como a plenitude do poder espiritual, residia no corpo dos fieis que o comunicavam ao papa, aos bispos e mais pastores transformados em meros delegados do povo christão. » A obra foi condenada; o autor a retratou, mas teve discipulos. *João Launois*, no seu livro *Poder do rei sobre o casamento ;* os dois irmãos *Pedro e Francisco Pithou*, num escrito com-

posto em comum *Tratado das liberdades galicanas*; *Pedro Dupuy*, bibliotecario do rei, numa compilação intitulada *Provas das liberdades da Igreja galicana*, afinavam pelo mesmo diapasão, transformando em outros tantos direitos todos os atentados cometidos pelo poder civil contra a independencia e autoridade da Igreja, no decorrer da historia. A obra de Dupuy, nomeadamente foi censurada e denunciada pelo episcopado francez, « como sendo escrito detestavel, cheio das proposições mais deletereas, mascarando heresias formaes com o nome retumbante de liberdades. » O proprio Bossuet não pôde deixar de notar que « os legistas e os magistrados comprehendiam as liberdades da Igreja galicana de um modo muito diverso do sentir dos bispos : elles se consideravam Padres e doutores desta Igreja, não só contra o papa, mas tambem contra os bispos. » A semente estava jogada; mais dia, menos dia, colher-se-iam os frutos.

II. *Negocio da regalia.* — A ambição de Liuz XIV despertou entre a França e o papado uma questão que teve consequencias funestissimas. Um abuso, tolerado porém pela Santa Sé, tinha-se introduzido naquelle paiz : era terem os reis o gozo da vacancia dos bens dos bispados e mais beneficios, emquanto estivessem vagos. Chamava-se isto *direito de regalia*. Algumas provincias do sul, comtudo, não tinham sido submetidas áquella arbitrariedade. Luiz XIV, pelo edito de São Germano (1673), aplicou o costume a todos os bispados do reino. Varios prelados protestaram. Pavilhão, bispo de Aleth, e Caulet, bispo de Pamiers, opuzeram uma resistencia energica e apelaram para o papa. Innocencio XI não trepidou em dirigir severas censuras ao rei, felicitando os bispos corajosos. Luiz XIV lançou o interdito nas dioceses destes. O monarca estava exasperado. Encontrou entre os bispos presentes em Paris uma complacencia

de cortezãos : emitiram a idéa de um concilio nacional, ou de uma assembleia geral de todo o clero da França. Este ultimo parecer foi adoptado, mercê da influencia de Mauricio le Tellier, arcebispo de Reims, filho do celebre ministro de Luiz XIV.

III. *Assembleia de* 1682 : *os quatro artigos.* — A assembleia geral, chamada de 1682, abriu-se a 31 de outubro de 1681. Não era um concilio, pois não trazia nenhum dos seus caracteres. Contava apenas trinta e quatro prelados, das cento e trinta e cinco sédes episcopaes que havia então na França, e trinta e oito sacerdotes delegados do clero ; fôra convocada pelo rei ; e os arcebispos de Paris e de Reims que presidiam, nenhuma qualidade possuiam que lhes conferisse uma supremacia religiosa e canonica. Os espiritos estavam excitados em extremo ; podia se recear um scisma. O ilustre bispo de Meaux, Bossuet, pronunciou o discurso de abertura : é o seu magnifico sermão sobre a *unidade da Igreja* em que se vê o fim do orador : salientar a supremacia da séde romana, no intuito de impedir um scisma ; mas temendo cair no desagrado do monarca, tece elogios a liberdades que não passam de algemas. Movido por este duplo influxo, Bossuet elaborou e fez votar pela assembleia os celebres *quatro artigos* que constituem a *declaração do clero de França.* Segue o teor dessa formula : 1º Deus não deu poder a Pedro e a seus sucessores, sinão nas cousas espirituaes, mas nenhum, nem directo nem indirecto, sobre as cousas temporaes ou civis. 2º A assembleia aprova as sessões IV e V do concilio de Constancia, considerá-as como confirmadas pela autoridade da Santa Sé e reconhece que a sua autoridade é geral, não particular para a época do scisma ; conseguintemente, o concilio geral é superior ao papa. 3º O poder da séde apostolica deve ser regulamentado no seu exercicio pelos santos canones ; cumpre-lhe tambem acatar as

maximas e usos antigos do reino e da Igreja de França, devendo estes conservar-se imutaveis. 4º O sumo pontifice desempenha o papel principal nas questões de fé, e seus decretos respeitam todas as Igrejas : todavia, o seu juizo é valido e definitivo somente depois do consentimento da Igreja. »

Luiz XIV deu a esta declaração o apoio da sua autoridade real; elle a mandou publicar por todo o reino; prohibiu que se ensinasse qualquer doutrina contraria nas universidades, colegios e seminarios; ordenou que se exigisse a adesão de todos os mestres encarregados do ensino, de todos os novos licenciados e doutores..

Ora a *declaração* de 1682 era um verdadeiro ninho de erros. Fenelon a julgava nos seguintes termos : « O rei, na pratica, é mais chefe da Igreja do que o papa, na França: estão livres com o papa, e criados do rei. » O proprio Bossuet, nas censuras que dirige ao arcebispo de Reims, diz que são *odiosas* as quatro proposições. E de facto, quem se atreverá a considerar como ecumenicas, as sessões de Constancia contra as quaes os papas sempre protestaram? Como se hão de conciliar os decretos de Florença e de Trento com a superioridade dos canones sobre a autoridade pontifical? Já a 11 de abril de 1682, o papa Innocencio XI, depois de ter anulado tudo o que fôra feito para *a regalia*, desaprovou toda a doutrina dos *quatro artigos.* Alexandre VIII publicou uma bula na qual declara este acto *completamente nulo*, *invalido* e *ilusorio*. Pio VI, na bula *Auctorem fidei*, o qualifica de *temerario*, *escandaloso*, injurioso para a Santa Sé. Emfim, veremos o concilio ecumenico do Vaticano dizer a ultima palavra sobre o erro galicano, que hoje seria uma heresia. Mas, por-emquanto, a *declaração* de 1682, ha de tornar-se arma poderosa contra a Igreja e contra o clero da França.

IV. *A revogação do edito de Nantes* (1685). — Ainda que o tratado de Westphalia tivesse admitido como principio a liberdade de consciencia, os soberanos catolicos se esmeravam por expelir dos seus Estados toda a discordia religiosa. Luiz XIV, especialmente parecia disposto a trilhar este caminho e o parlamento o acompanhou pressuroso : começaram por limitar os largos privilegios que o edito de Nantes tinha concedido aos protestantes francezes ; afastaram, quanto possivel, os herejes dos empregos e das dignidades. Frutuosas pregações foram realisadas por missionarios catolicos no seio das povoações flageladas pelo erro : o joven Fenelon salientou-se acima de todos pelo exito maravilhoso que alcançaram seus esforços no Poitou e na Saintonge. No mesmo tempo, Bossuet preparava os espiritos ao regresso para o catolicismo, com seus admiraveis escritos, *Variações das Igrejas protestantes* e *Advertimentos aos protestantes*. As conversões foram numerosas. Entretanto os herejes se revoltavam no Languedoc e no Delphinado. Foi então que veiu á luz o edito de Luiz XIV, *revogação do edito de Nantes*, preparado por Le Tellier e Louvois. O novo edito suprimia todos os privilegios concedidos aos reformados por Henrique IV e Luiz XIII, prohibindo o exercicio da religião protestante em todo o reino, ordenando aos ministros de sair da França, num prazo de quinze dias, sem que seus partidarios os pudessem acompanhar; fechavam-se as escolas protestantes, prometiam-se favores aos herejes convertidos. O acto real não fiscalisava as crenças, limitava-se em prohibir a profissão publica de heresia e as reuniões religiosas. Esta medida rigorosa, obra de Luiz XIV, e não da Igreja, teve consequencias muito diversas ; ao par de conversões sinceras, viram-se outras muitas fingidas ; em alguns pontos, cresceu ainda mais o fanatismo entre os rebeldes. Os Cevennas, as montanhas do Vivarais ofereceram refugio aos herejes obstina-

dos ; ali, sob o nome de camisardos, resistiram ainda por longo tempo ás tropas que Louvois mandára para os domar. Villars, com seus dragões, os venceu a muito custo. Houve nesta repressão, excessos reprehensiveis e censurados pela Igreja. Emfim, as dragonadas levaram muitos calvinistas a emigrar para a Suissa e sobretudo para a Hollanda e a Alemanha.

V. *Negocio das franquias ; retractação da declaração* (1689). — Novas questões tinham surgido entre Luiz XIV e a Santa Sé. Em virtude de costumes antigos, os embaixadores em Roma gozavam de certas imunidades ou *franquias*, e particularmente, isentavam todo o arrabalde do seu hotel, de impostos e da policia do papa. Os abusos eram intoleraveis : Innocencio XI quiz remedial-os ; elle fez publico que não aceitava embaixador algum que não renunciasse a taes *franquias*. As nações catolicas anuiram. Luiz XIV somente mandou a seu representante, o marquez de Lavardino, que mantivesse os privilegios antigos, a despeito da bula pontifcia e das ameaças de excomunhão. O monarca, mais e mais irado, apelou para o futuro concilio contra tudo quanto o papa pudesse emprehender : estava resolvido a prover á nomeação dos bispos sem intervenção de Roma, e mais do que nunca, o scisma estava para recear.

Mas Innocencio XI faleceu : a situação tornou-se menos azeda entre Luiz XIV e o novo papa Alexandre VIII, o qual não deixou de protestar contra a *declaração* e negou as bulas aos que tinham assignado esta peça ilegal. Negociações pacificas proseguiram, com Innocencio XII. As desgraças particulares e publicas tinham vergado a omnipotencia do orgulhoso rei da França. O papa consentiu em conceder as bulas com duas condições : uma era que os bispos assignatarios retractariam a *declaração*, outra, que o rei haveria de suprimir o decreto. Innocencio XII se

mostrou mais generoso nas suas liberalidades do que Luiz XIV na sua submissão : estendeu a todo o reino o *direito de regalia*. A paz estava firmada. Bossuet, que tinha começado uma *Defeza da declaração*, abandonou-a logo, e pronunciou esta palavra que é uma condenação : « Agora, vá ella para onde quizer ! »

ARTIGO III

Nova phase do Jansenismo.

(1693-1715).

Papas.

Innocencio XII (1691-1700). Clemente XI (1700-1721).

I. Quesnel e o livro das *Reflexões moraes.* — II. A bula *Unigenitus* (1713). — III. Syncronismos : 1º negocio do *quietismo* ; 2º movimento catolico no seio do protestantismo ; 3º a Igreja russa de Pedro o Magno.

I. *Quesnel e o livro das Reflexões moraes.* — O P. Quesnel, nascido em Paris, fôra admitido na congregação do Oratorio. Foi della excluido em 1684, por suas opiniões philosophicas e teologicas, e tornou-se, a partir de 1694, o verdadeiro chefe do partido jansenista. Tinha começado a sua carreira por uma obra que produziu muito alvoroço, o *Novo Testamento com reflexões moraes.* Este livro appareceu pela primeira vez em 1671, com o imprimatur de Vialart, bispo de Châlons-sur-Marne ; ao depois tornára-se, com a pena do escritor um volume enorme, receptaculo de todos os erros já condenados nos tres systemas de Baio, de Jansenio e de Richer. Do primeiro tirava as falsas doutrinas sobre o livre arbitrio e a graça ; repetia as cinco proposições do livro de Jansenio, e a isto ajuntava as mais graves heresias de Richer sobre a Igreja e sua autoridade suprema. No frontispicio

dos seus enormes volumes Quesnel conservava a aprovação do bispo de Châlons, e conseguiu outra do arcebispo de Paris, chamado de Noailles, prelado piedoso mas pouco culto. Tal escrito despertou viva oposição, a maior parte dos bispos condenaram as *Reflexões moraes*; Fenelon, nomeadamente, desempenhou um papel saliente na luta contra o erro. Clemente XI, uma primeira vez censurou o livro; mas como a controversia ia continuando no partido jansenista, Luiz XIV, de acordo com o episcopado, pediu um julgamento solene e definitivo da Santa Sé.

II. *A bula Unigenitus* (1713). — Para que a sua decisão revestisse o caracter de importancia transcendente, o papa nomeou uma comissão de teologos e de cardeaes que elle proprio quiz presidir. Passados dezoito mezes, elle publicou a famosa bula *Unigenitus*, que tanta algazarra, tantos e tão renhidos pleitos ocasionou entre os jansenistas e parlamentares. A obra de Quesnel, ali vem condenada por encerrar cento e uma proposições respectivamente falsas, falazes, dubias, eivadas do erro, herejes finalmente, e renovando heresias já reprovadas. Clemente XI acrescenta : « Encontramos nella muitas outras proposições proprias a excitar á desobediencia, á revolta contra os poderes, quer eclesiasticos, quer civis. Emfim, o que é ainda mais digno de lastima, vimos ali o texto do Novo Testamento alterado de modo altamente reprehensivel, e identico, em muitos passos á tradução franceza de *Mons*, condenada desde longo tempo. »

Esta bula tão precisa trouxe o espanto no campo jansenista. Houve uma oposição muito viva na qual tomaram parte dezeseis bispos e avultado numero de eclesiasticos e religiosos. A' frente do movimento colocou-se *Soanen*, bispo de Senez. O cardeal de Noailles o favoreceu. Por uma inconsequencia palmar, os opo-

nentes condenavam as *Reflexões moraes*, apelando assim mesmo para Roma contra as decisões contidas na bula. A principal resistencia foi a dos parlamentos: depois de terem protestado contra a bula *Unigenitus* sustentaram ainda por muito tempo os sectarios contra os bispos fieis, apelando contra supostos abusos destes. Entretanto Luiz XIV fez archivar o documento pontificio pelo parlamento de Paris. Legalmente, o jansenismo deixava de existir. Veremos adiante seus ultimos vagidos como partido e como seita.

III. *Syncronismos.* — Nesta época, temos que indicar alguns factos a cujo respeito não é licito silenciar, pois si não se prendem á historia do jansenismo, muito interessam ao movimento religioso.

1º *O negocio do quietismo.* No tempo em que mais acesa corria a contenda ressuscitada por Quesnel, uma controversia celebre pelo antagonismo de Bossuet e Fenelon, empolgava tambem os espiritos. Podemos discriminar duas phases neste negocio : o *quietismo de Molinos* e o da Snra. *Guyon.*

Um sacerdote espanhol, por nome *Molinos*, talvez num pensamento de reação contra a moral austera de Jansenio, resuscitou um velho erro dos gnosticos. Num livro intitulado *o Guia espiritual*, Molinos pretendia que a alma, no *estado perfeito* é tão unida com Deus, que tudo o mais lhe fica indiferente, penas ou recompensas : que mesmo, ella não precisa de orações, nem sacramentos ; achando-se passiva e inerta, numa *quietidão* absoluta, é inacessivel ao mal e por conseguinte, as mais horriveis tentações, os actos ainda mais criminosos não se lhe podem censurar. O systema de Molinos levava ao vicio e a todas as desordens. A congregação do Santo Oficio e uma bula de Innocencio XI profligaram e condenaram estas doutrinas. Seu autor se retratou e faleceu em 1696, nas masmorras da Inquisição.

A senhora Guyon, joven viuva, alma ardente, que anhelava por uma piedade transcendente, reproduziu, na França, num livro chamado *Torrentes espirituaes*, alguns erros de Molinos, dentre os menos revoltantes, e poz em voga um *quietismo* mais agradavel, que lhe conquistou os favores da senhora de Maintenon. Na côrte, encontrou Fenelon, o qual, muito edificado com sua piedade sincera, não ousou verberar essas teorias sobre o amor de Deus sem mescla de egoismo. Entretanto, a senhora Guyon encontrou adversarios da sua doutrina. Numa instrução pastoral, sobre os *Estados de oração*, o bispo de Meaux não só atacou a doutrina quietista; mas ainda punha em duvida as intenções e a propria virtude da senhora Guyon. Como resposta, Fenelon publicou seu livro das *Maximas dos santos.* Junto com todos os teologos catholicos elle ensina o *acto de amor puro*, no qual uma alma, sem cogitar de si propria, ama a Deus por Deus; mas elle ia mais longe: apresentava este acto não só como possivel, mas ainda desejavel e podendo transformar-se em *estado.* Bossuet mostrou-se severo para com o arcebispo de Cambraia: elle o fez cair no desagrado do rei. A senhora Guyon foi encerrada em Vincennes, e o livro de Fenelon, denunciado em Roma. Bossuet apressou a condenação delle, e alcançou de Innocencio XII um breve em que vinte e tres proposições, extraidas do livro *das Maximas dos santos* vinham condenadas, sem comtudo serem acoimadas de hereticas, por emquanto. Com profunda e admiravel humildade, Fenelon escreveu ao papa uma carta de adesão, e quiz elle proprio, ler no pulpito a carta pastoral pela qual anunciava a seu povo a sua condenação e sua obediencia: perpetuou a lembrança deste facto mimoseando a sua igreja com a dadiva de uma rica custodia.

2º *Movimento catolico no seio do protestantismo.* — Os protestantes da Alemanha regressavam para ideias

maís sensatas. Com inspiração mais feliz que a da sua luta contra Fenelon, Bossuet escreveu sua bela *Historia das variações*. Um livro destes era muito adequado para desenganar as almas sinceras. E de facto, viram-se os melhores espiritos avisinharem-se da Igreja romana. A rainha Christina de Suecia voltou á fé catolica. Os duques de Brunswick e de Hanovria desejavam imital-a. O doutor Molanus, chefe das Igrejas consistoriaes da Hanovria, dirigiu um relatorio a Bossuet a respeito dos meios para reunir a Igreja protestante com a Igreja catolica. O grande bispo de Meaux publicou sua *Exposição da fé catolica* livro destinado a favorecer este movimento. Entrou em negociações com o sabio Leibnitz, que era então conselheiro aulico na côrte da Hanovria. Estes dois genios estavam feitos para se comprehenderem, como se pode inferir da sua correspondencia; motivos politicos, porém fizeram abortar a tentativa.

3º *A Igreja russa de Pedro o Magno.* O patriarca de Moscou, *Nicon*, tinha tornado a Russia independente de Constantinopla em 1667. O czar, Pedro o Magno, vencedor de Carlos XII, rei da Suecia, acabava de erigir São Petersburgo como capital do seu imenso imperio; instaram muito para que reunisse a Igreja russa com a Igreja romana. Teria sido a salvação para essas provincias em que as seitas se multiplicavam; mas o despota preferiu fundar uma Igreja que dependesse somente da autoridade imperial. Suprimiu o patriarcado de Moscou, creando em lugar, uma junta eclesiastica chamada o *Santo Synodo* e reservou para si a autoridade suprema, depois de ter dado á Russia uma liturgia na lingua nacional: foi a *Igreja russa ortodoxa*.

ARTIGO IV

Vista de conjunto sobre o seculo XVII.

I. Reformações e fundações de ordens religiosas. — II. A santidade no seculo XVII. — III. As missões catolicas. — IV. Escritores e sabios. — V. Principio do philosophismo.

I. *Reformas e fundações de ordens religiosas.* — E' facto muitas vezes averiguado no desenrolar dessa historia, que as ordens religiosas sempre foram para a Igreja auxiliares poderosos. Coube ao seculo XVII o privilegio especialissimo de beneficiar do zelo e da actividade das ordens antigas, de assistir á renovação de varias, e ver fundar-se novas congregações que ainda hoje vão proseguindo com resultados maravilhosos na sua obra de santificação, de ensino e de apostolado.

Dentre as *reformas* monasticas do seculo XVII, temos a dos *Benedictinos de São Vannes*, na Lorena, efectuada em 1600, por *Didier de la Cour*, prior da abadia, que restabeleceu naquella casa a regra de são Bento com suas austeridades e suas vigilias, seus estudos e sua reputação de alta sciencia. Desta reforma, originou-se, em 1627, a celebre congregação de *São Mauro*, cujo centro foi a abadia de São Germain des Prés, em Paris, á qual Richelieu quiz unir todas as casas benedictinas da França, e que tantos serviços prestou á Igreja, por esta sciencia que ficou sendo proverbial. — Na ordem *cisterciense*, o abade de *Rancé*, cuja posição no mundo fôra brilhante, realisou, em 1662, uma reforma celebre que foi a origem dos *Trappistas.* Era superior da Trappa, na Bretanha; o relaxamento, no qual tinha resvalado essa filha de Cîteaux, inspirou-lhe a idéa de abraçar de novo o rigor e a estrita observancia da ordem primitiva. Suas constituições severas foram adoptadas por outros mosteiros de homens e de mulheres.

As mais importantes fundações do seculo XVII são :

1º A ordem da *Visitação*, instituida em 1610, em Annecy, pelo ilustre e piedoso bispo de Genebra, são Francisco de Sales, e essa alma sublime que a Providencia enviou no seu caminho, santa *Joanna de Chantal*. A nova congregação parecia, a principio dedicar-se ás obras de caridade christã ; mas veiu a ser uma ordem regular, com votos solemnes e clausura rigorosa, cujo fim é o progresso das almas nas sendas da piedade e da perfeição evangelica.

2º A congregação das *Filhas da Caridade* : esta fundação, a mais alta expressão da dedicação christã, é obra de são *Vicente de Paulo*. O pae dos pobres, bemfeitor insigne do universo inteiro, começára por estabelecer as *confrarías de caridade*. Em 1634, elle dá constituições ás *Filhas da Caridade* ou irmãs pardas : « Tereis, diz elle, como mosteiros, as casas dos pobres ; como claustros, as ruas da cidade ; como clausura, a obediencia ; como véu, a santa modestia ; como grade, o temor de Deus. » Hoje as irmãs de São Vicente de Paulo são conhecidas em todo o mundo.

3º *Os padres da Missão ou Lazaristas* : é outra creação deste apostolo da caridade, estabelecida primeiro no priorato de São Lazaro, em 1624. O fim desta congregação é levar o Evangelho para o interior, formar os sacerdotes nos seminarios, e trabalhar na salvação dos infieis nas missões longinquas.

4º Mencionaremos ainda algumas fundações especialmente destinadas á educação e á instrução da mocidade. Em 1611, o cardeal da Berulle instituia, em Paris, a congregação do *Oratorio*, cujos membros, com os jesuitas, ministraram o ensino secundario á França. Do Oratorio sairam pregadores como Mascaron e Massillon, philosophos como Malebranche, eruditos como Thomassino. — O P. Eudes se apartou do Oratorio para fundar, em 1643, uma comunidade que se esmerasse particularmente na formação dos seminaristas.

Esta obra, muito encarecida pelo concilio de Trento, teve ainda outros iniciadores : o padre Olier,parocho de Santo Sulpicio, funda em Paris, em 1642, um instituto fervoroso para a educação do clero secular, o do *Sulpicianos ;* Adriano Bourdoise, no mesmo intuito, crêa a casa de São Nicolau do Chardonnet ; o seminario das *Missões estrangeiras* é fundado em 1663 ; o do *Espirito Santo* em 1703, para os que se destinam ás missões. — Emfim, para o ensino da infancia pobre, um conego de Reims, são *João Baptista de la Salle*, funda em 1681, o admiravel instituto dos *Irmãos das Escolas christãs* que espalha, desde dois seculo, os seus beneficios sobre o mundo inteiro. Deus lhe deu uma prosperidade extraordinaria e seus frutos lhe grangearam admiração universal.

II. *A santidade no seculo XVII.* — Os vultos de são Francisco de Sales, de santa Joanna de Chantal e de são Vicente de Paulo, personagens ilustres e distintos, seriam uma resposta victoriosa ás invectivas, aos improperios dos sectarios contra a Igreja romana. De facto, contemplamos o manso e santo bispo de Genebra com seu zelo apostolico, suas virtudes deliciosas, seus escriptos sublimes, *Introdução á vida devota, Tratado do amor de Deus;* santa Chantal, com sua familia religiosa, prototypo perfeito de piedade e de virtude, com seus escritos amorosos, suaves e sabios ao mesmo tempo ; são Vicente de Paulo com seus Padres da Missão, sua legião de filhas da Caridade, seus trinta e cinco estabelecimentos de beneficencia, creados para albergar todas as miserias ! Não temos ali uma esplendido florescer do heroismo e da santidade?

Ha mais : as ordens religiosas de São Francisco e de são Domingos deram ao mundo varios personagens que receberam as honras da beatificação e da canonisação ; os jesuitas continuavam servindo e edifi-

cando a Igreja; são *Francisco Regis*, por sua palavra ardente e tão poderosa, por seus exemplos frutiferos, santificava provincias inteiras. Na Lorena, o bemaventurado *Pedro Fourrier*, parocho de Mattaincourt, reformava os conegos regulares daquellas dioceses, fundava a congregação das religiosas de Nossa Senhora, para a instrução das moças e alcançava alto gráu de santidade. Em Paris, a bemaventurada *Maria da Incarnação* era a precursora de São Vicente de Paulo por seu zelo pelos pobres e pelos doentes. A ordem do Carmelo recebia no seu gremio as senhoras da alta sociedade. Nenhuma outra época viu brotar tantas instituições caridosas, germinar tanta generosidade : com efeito, não é possivel contar as igrejas, os conventos, os hospitaes, os estabelecimentos de beneficencia que remontam ao seculo XVII. Sem duvida, esse periodo glorioso teve suas amarguras, suas magoas, seu lado sombrio ; o seculo de Luiz XIV foi o principio de uma triste decadencia nos costumes publicos ; mas a fé ainda tinha raizes vivas e fundas nos corações, transviados e corruptos embora, e geralmente ninguem morria impenitente.

III. *As missões catolicas.* — Outra caracteristica do seculo XVII, é o ardor para as missões, quer entre as nações européas, quer nos paizes afastados. No seio dos povos protestantes penetra um sem numero de destemidos pregadores da verdade catolica. Bossuet e Fenelon, na sua mocidade, dedicavam-se a esta obra utilissima ; o celebre P. de Condren do Oratorio, o historiador Fleury, são Vicente de Paulo e os Padres da Missão, os jesuitas, os dominicanos e os franciscanos, produziram maravilhosos frutos de conversão. São Francisco de Sales, por suas praticas, converteu milhares de herejes.

As missões em terras longinquas não tiveram menos exito. Os papas Gregorio XV e Urbano VIII presta-

ram á obra da evangelisação dos infieis um socorro valioso e permanente com a fundação em Roma, em 1622, da congregação e do colegio da Propaganda. Um bispo missionario da Asia, regressando para a França, estabeleceu, no mesmo proposito, o seminario das *Missões estrangeiras*. Vejamos de um modo sucinto a situação da Igreja naquelles paizes.

1º *Na Asia :* A obra do apostolado é continuada por missionarios francezes, dominicanos, franciscanos, jesuitas, ficando os centros principaes na Persia, em Smyrna, em Babylonia e nas Indias.

A Igreja do Japão sofreu horrivelmente da perseguição, durante os primeiros annos do seculo XVII, com um principe melindroso, Xogun Lama II, que prohibiu a Religião catolica em toda a extensão do imperio (1630). A coragem dos martyres foi assombrosa, igual áquella dos tempos primitivos. E' avaliado em dois milhões o numero das victimas dessa perseguição sangrenta. Dentre os mais ilustres, contam-se os vinte e seis martyres japonezes canonisados por Pio IX. Não havia, porém, clero indigena ; fez falta, e em breve, o rebanho sem pastor tresmalhou-se, apostatou e desapareceu.

Uma controversia a respeito de ritos malabares e chinezes veiu nessa época perturbar as lides apostolicas dos missionarios da India e da China. Na India, o P. *Nobili* e seus colegas jesuitas não hesitavam em vestir o traje dos brahmanos acatados pelo povo, e em adoptar as suas praticas austeras ; angariavam dest'arte a confiança publica, e podiam difundir o Evangelho. Entretanto tal condescendencia apresentava inconvenientes : talvez favorecesse a superstição. Os outros missionarios levantaram duvidas e censuras ; a pendencia foi levada perante Gregorio XIII, que autorisou os Indios convertidos a conservarem provisoriamente seus ritos malabares, todavia com modificações importantes. — Na China, deu-se uma contro-

versia analoga em 1630, a respeito do *culto dos mortos*. Os Chinezes têm uma veneração profunda para os despojos mortaes, e tributam-lhes algumas honras. O P. *Ricci* e os missionarios jesuitas julgavam que isso se podia tolerar considerando-se taes honras acto civil e não religioso. Os dominicanos tinham outro parecer ; pensavam ser taes praticas eivadas de superstição e de idolatria. O papa Innocencio X as declarou ilicitas. Mais tarde, á vista de um novo relatorio apresentado pelos jesuitas, Alexandre VII descriminou certos usos que podiam ser tolerados, outros que deviam ser proscritos.

2º *Na America :* A primeira metade do seculo XVII é a idade aurea das celebres missões estabelecidas pelos jesuitas sob o nome de *reduções do Paraguay*. Tinham a um tempo evangelisado e colonisado essas vastas regiões da America meridional : religião, familia, governo, interesses temporaes, tudo andava no mesmo passo, com a mesma administração naquellas pequeninas republicas christãs chamadas reduções, e constando, cada, uma de cerça de cinco mil almas. A empreza dos jesuitas viveu prospera durante quasi cento e trinta annos. — O Mexico tinha sua jerarchia, e ali reuniam-se concilios. O Perú estava evangelisado pelo santo arcebispo Turiba, novo Las Casas, e Lima, a capital, estava embalsamada com o perfume das virtudes de santa Rosa, dominicana da ordem terceira. — O Canadá era outra conquista dos jesuitas. Em 1651, o abade Olier, fundador dos *sulpicianos*, mandou ali uma colonia de sacerdotes para fundarem um seminario. O papa Alexandre VII, no anno de 1658, nomeou o abade de Laval vigario apostolico de Canadá : foi a origem de uma christandade esplendida que permaneceu catolica, firme na sua fé.

3º *Na Africa :* Os jesuitas tinham na Abyssinia uma missão feliz ; mas foi aniquilada pela perseguição. O heroe e o apostolo da terra inhospita do Congo

foi o bemaventurado *Pedro Claver*, da Companhia de Jesus, cognominado, por sua dedicação sem par, o *apostolo dos negros*. Tomou a peito pôr côbro ao vergonhoso trafico que a Espanha praticava, o comercio dos escravos. Piratas barbaros, donos do litoral africano, prendiam os desgraçados christãos para reduzil-os á escravidão. Luiz XIV, querendo vingar a Religião e a humanidade mandou suas esquadras para soltar os captivos. Duquesne bombardeou Argel, Tunis e Tripoli (1681-1684), e livrou o Mediterraneo destes malfazejos corsarios.

IV. *Escritores e sabios*. — O seculo XVII, que por tantos titulos fez jus á nossa admiração, salientou-se ainda mais no ponto de vista intelectual. Todavia o que importa notar, é que a sciencia, nessa época, foi particularmente catolica. — A Igreja sempre encoraja a sciencia quando anda de mãos dadas com a verdade e o periodo, que vamos perlustrando, não constitue uma excepção a esta regra. Em Roma, o sagrado colegio torna-se uma academia universal onde as sciencias contavam gloriosos representantes. Lançam-nos em rosto o processo de *Galileu*, ilustre sabio julgado e condenado sob Urbano VIII (1623-1624). Galileu era religioso e catolico. Recebera do Santo Oficio plena liberdade para ensinar o seu systema, conforme Gassendi praticava no mesmo tempo. Mas a falta do astronomo, foi intrometer a Escritura sagrada nas suas hypoteses scientificas, e ensinar a rotação da terra como artigo de fé. Um tribunal, que não era a Igreja, pronunciou na verdade uma condenação, mas a prisão de Galileu foi suave : elle proprio o diz.

A sciencia historica teve como representantes, na Italia, *João Vignoli* e *Ughelli ;* na Belgica, os jesuitas ajuntavam os documentos relativos á *Vida dos santos*, coleção imensa á qual o P. *Bollandus* ligou o nome, como sucedera com o P. *Labbe* para a coleção dos con-

cilios. Os celebres benedictinos D. *Mabillon*, D. *Ruinardo*, D. *Marteno*, nos deram trabalhos eruditos, sobresaindo ainda talvez a *Gallia christiana*, obra de *Dionysio de Santa Martha*. O historiador *Fleury*, nascido em Paris, em 1640, falecido quando prior de Argenteuil, escreve a sua *Historia ecclesiastica*, obra notavel, em que se manifestam infelizmente, assim como nas *Memorias* de Tillemont, tendencias galicanas.

A controversia religiosa vê na sua frente o insigne Bossuet cujos escritos todos são obras primas de theologia, de historia, de Escritura sagrada. Ainda que jansenista de Port Royal, *Nicole* defendeu, com inexcedivel brilho, o dogma da presença real, na sua grande obra : *Perpetuidade da fé*.

Emfim, assomaram no pulpito catolico estes luzeiros, outras tantas estrelas de primeira grandeza e jamais apagadas : *Bossuet*, a aguia de Meaux, genio poderoso cuja elevação de pensamento, cujo prestigio da eloquencia pairam em alturas nunca atingidas ; *Fenelon*, o bondoso, o lhano arcebispo de Cambraia, modelo dos bispos por sua piedade amena e sua sciencia religiosa ; o P. *Bourdaloue*, cujos sermões se distinguem por uma firmeza, uma logica incomparavel ; delle falava Bossuet : « Esse homem, em tudo, ha de ser eternamente o nosso mestre. » O mesmo seculo que ouviu *Fléchier*, bispo de Nîmes, pronunciando suas magnificas orações funebres, ha de conhecer a *Massillon*, oratoriano celebre, cuja palavra harmoniosa conquistou a admiração de Luiz XIV, e ficará como que um éco prolongado do grande seculo.

V. *O principio do philosophismo*. — Era natural : a revolta protestante havia de gerar o *philosophismo*. No mesmo seio do catolicismo, uma propensão se pode perceber : conservando a fé ainda, os espiritos tornam-se racionalistas e scepticos. *Bacon de Verulam*, grande chanceler da Inglaterra (1560-1616), mostra esta tendencia no seu *Novum organum*, em que

elle aparta a propria *razão* para substituir-lhe a *experiencia*. O philosopho matematico *Gassendi* (1592-1656), conego de Digne e lente da universidade de Aix, desenvolve o systema de Bacon permanecendo comtudo na ortodoxia. Mas com o philosopho inglez *Hobbes* (1588-1679), é o materialismo que prevalece. O judeu-hollandez *Spinosa* (1632-1677), por sua vez, dá origem ao ateismo.

Ao ver a propria razão a cambalear, um philosopho catolico, *René Descartes*, nascido na Touraine, resolveu assental-a sobre alicerces firmes que a duvida nunca pudesse abalar. Em 1637, publicou seu *Discurso do metodo*. Partindo deste principio : « Penso, logo existo », elle estabelece com as unicas forças da razão, a existencia de Deus, a espiritualidade da alma e as verdades fundamentaes da philosophia. Descartes prescindia das verdades da fé ; não intentava discutil-as e proclamava que não queria, por qualquer cousa deste mundo escrever nem uma palavra siquer que fosse desaprovada pela Igreja. Os discipulos haviam de ser mais ousados que o mestre. Levando ao exagero o principio do philosopho, sairam da duvida metodica para apregoarem a independencia da razão humana. Dali brotaram, em philosophia, os systemas mais contraditorios. *Huet*, bispo de Avranches, profligando o principio de Descartes, esbulha a razão de todos os seus direitos ; o P. *Malebranche*, do Oratorio, que foi apelidado o Platão catolico, não quer outro esteio que não seja a revelação e crê que o espirito vê tudo em Deus ; *Bayle*, philosopho protestante, em sentido totalmente oposto, não consegue sinão architectar duvidas terminando na incredulidade.

Os catolicos comoveram-se, á vista de tantos perigos oriundos do systema de Descartes. Em 1663, o *Indice* prohibiu a leitura dos seus livros até serem emendados ; a Sorbona levantou-se contra o cartesianismo. Bossuet vaticinou todos os males que delle

manariam : « Eu vejo, escrevia elle, uma peleja renhida a preparar-se contra a Igreja, sob o nome de philosophia cartesiana ; no seu seio, nos seus principios mal entendidos, segundo meu ver, eu percebo mais de uma heresia em germem ; descortino as consequencias que dessa philosophia se hão de deduzir contra os dogmas que nossos paes acreditavam ; taes consequencias a tornarão odiosa, fazendo perder todo o fruto que a Igreja podia della esperar. » O genio prophetico de Bossuet não se iludia.

CAPITULO III

A Igreja e o Philosophismo.

(De 1715 até 1789)

Vista geral. — Divisão deste capitulo.

Todas as épocas da historia eclesiastica que já temos percorrido, nos apresentaram um combate respectivo, uma luta principal. O espirito do mundo e o espirito de Deus, sempre frente á frente, continuam o pleito renhido travado desde as origens da humanidade. Entretanto, em nenhum periodo, foram as investidas mais numerosas, os abalos mais violentos do que no seculo XVIII. Ali vemos a Igreja resistindo ao embate medonho do *philosophismo* ou da incredulidade. A heresia negava este ou aquelle ponto da doutrina christã; o mesmo protestantismo, derrubando o principio da fé e da autoridade, conservava algumas crenças. A incredulidade negará a um tempo todos os dogmas da fé; tomará a peito aniquilar, si possivel fosse, a Igreja e o Christianismo, empregando para isto todo e qualquer meio. Valer-se-á da desordem levada nas consciencias pela heresia jansenista; ella ha de chamar em seu auxilio a sciencia e o espirito; revestir-se-á do poder dos parlamentos e dos trônos, e em nome da philosophia e da razão humana, depois de ter semeado a duvida e a impiedade, ha de incendiar todas as paixões e concupiscencias, preparando assim o tremendo cataclysmo que assignala o fim do seculo e se chama a *revolução.*

Estudamos neste capitulo a dupla influencia deleteria da heresia jansenista primeiro, e depois da philosophia voltairiana.

Quesnel reviveu o systema de Jansenio; a bula *Unigenitus* havia de encerrar os debates, mas o espirito irrequieto do mestre passa nos discipulos: a heresia jansenista prosegue nas suas intrigas, lança mão de meios mesquinhos, de pretensos milagres; vae lisongeando o poder e procura convencer aos soberanos que elles podem curvar a seu jugo a propria Igreja e os negocios religiosos: é a preparação do scisma que rebenta com a revolução. E' esta marcha perfida e tenebrosa que rastearemos num primeiro artigo: *a reação jansenista.* Durante o periodo da regencia, sob o ministerio de Dubois e durante a primeira parte do reinado de Luiz XV (1715-1756), é quasi o triumpho da heresia: a bula de Bento XIV, em 1756, vem lhe tolher o passo.

Desde então, o proprio jansenismo arreia bandeiras perante o *philosophismo* que prestes toma-lhe a dianteira. Com Voltaire, João Jacques Rousseau e os *encyoclpedistas*, escudados na *maçonaria*, sociedade secreta com influencia enorme nas côrtes da Europa, a philosophia incredula levanta a fronte soberba contra a Igreja e começa a luta por uma perseguição geral contra os *jesuitas.* E' o crescimento e o ataque da incredulidade que contemplamos no segundo artigo: o *imperio do philosophismo*, abrangendo de 1756 até 1789: a guerra dos *Sete annos*, o fim do triste reinado de Luiz XV e os principios de Luiz XVI até o berço da revolução.

A ação da Igreja, porem, não arrefeceu neste periodo, e num terceiro artigo: *Um olhar sobre a sociedade do seculo* XVIII, veremos que si para ella, ha tristeza no espectaculo deste descambar rapido, iniludivel presagio de catastrophe espantosa, ha tambem motivos de consolo nos esforços titanicos dos denodados defensores da fé, na invencivel sobranceria da verdade e do bem, desafiando a raiva impotente do erro e da maldade.

ARTIGO I

Reação jansenista.

(1715-1756).

Papas.	*Papas*
Innocencio XIII (1721-1724).	Clemente XIII (1730-1740).
Bento XIII (1724-1730).	Bento XIV (1740-1758).

I. Os apelantes da Bula *Unigenitus.* — II. Intrigas da seita : 1º o scisma de Utrecht ; 2º o diacono Pâris e os convulsionarios de São Medard ; 3º os excessos dos parlamentos ; 4º revolução liturgica na França. — III. A bula de Bento XIV ; derradeiros esforços do jansenismo.

I. *Os apelantes da bula Unigenitus.* — Morto Luiz XIV, o duque de Orleans, por voto do parlamento, assumiu a regencia durante a minoria de Luiz XV. Exornado com brilhantes predicados, o principe entretanto não tinha fé nem costumes. O jansenismo entrou a vicejar de novo, então deu-se a seu favor um movimento que, por muito tempo, magôou a Igreja. Contra a bula *Unigenitus* quatro bispos apelaram para o papa melhor informado ou para o futuro concilio. Este partido, com o apoio do cardeal de Noailles, angariou adeptos e foi chamado partido dos *apelantes.* Teve até dezeseis bispos, tres universidades, mais de dois mil sacerdotes ou religiosos francezes. As grandes ordens dos *dominicanos*, dos *franciscanos*, dos *agostinhos*, dos *premonstratenses*, os *benedictinos* de São Vannes e de São Mauro, a congregação do *Oratorio*, a sociedade dos *genovefanos*, antigos conegos regulares, reformados em 1626, os proprios *lazaristas*, não obstante o seu fundador, tinham-se mais ou menos deixado influenciar pelo jansenismo e favoreciam a seita por seus escritos, seus sermões, a direção das consciencias. Clemente XI, em 1717, na sua constituição *Pastoralis officii*, pronuncia a excomunhão contra todos aquelles que recusarem obedecer á bula. O episcopado, na grande maioria, con-

formou-se com a sentença. Todavia, a oposição permanecia, procurando paliativos ou derivativos que o papa não podia aceitar. Bento XIII reuniu em Roma um concilio que confirmou a bula *Unigenitus*. Desta feita, já não se podia pretextar o apelo e urgia submeter-se ou deixar de ser catolico. Isto entenderam muitos jansenistas. *Soanen*, bispo de Senez, teimoso chefe da oposição, foi julgado e suspenso de ordens no concilio de Embrun, sua metropole, e morreu impenitente, no mosteiro da Chaise-Dieu, perto de Clermont. O arcebispo de Paris, o cardeal de Noailles, assignou a bula antes de morrer. Com Vintimilla, seu sucessor, quasi todos os apelantes da Sorbona, do clero e das congregações religiosas submeteram-se. Em todo o lugar, deram-se conversões consoladoras. Alguns obstinados, porém, acolheram-se na Hollanda, indo levar um reforço á Igreja scismatica de Utrecht; outros na França eram amparados por alguns bispos e pelo parlamento de Paris.

11. *As intrigas da seita.* — O partido jansenista agora só podia viver disfarçado: não se envergonhou de afivelar a mascara. Apenas indicaremos os principaes actos do seu procedimento hypocrito e desleal nesta guerra traiçoeira.

1º *Igreja scismatica de Utrecht.* — Depois da morte do arcebispo desta cidade, a heresia jansenista, cujo embuste consistia em negar a propria existencia, organisou-se finalmente em igreja particular no seio da Igreja universal. O cabido elegeu um bispo seu partidario que foi consagrado por outro bispo jansenista das missões estrangeiras (1724). Bento XIII declarou ser nula a promoção de Cornelio Steenoven. Este não fez caso e continuou na heresia e no desempenho ilicito das suas funções: assim começou a Igreja scismatica de Utrecht perdurando até nossos dias.

2º *O diacono Pâris e os convulsionarios de São Medard.* — Para prestigiar seu nome, a seita experimentava a necessidade de estear-se sobre factos milagrosos : desejava alardear prodigios divinos para grangear adeptos. Ora, a primeiro de maio de 1727 falecia um jansenista desconhecido, o diacono Pâris, e foi enterrado no cemiterio de São Medard. Tres annos mais tarde, lembraram-se de fazer delle um santo e um taumaturgo. Sobre o seu tumulo, reuniam-se os sectarios, gente baixa, mulheres de vida airosa. Fingiam doenças, invocavam o *santo*, e pretendiam ser curados. Em breve, aos falsos milagres, ajuntaram-se convulsões. Os individuos ali congregados sofriam crises estranhas. O cemiterio de São Medard passou a ser o teatro de scenas estramboticas e não raro imoraes. Uma ordem da Côrte fechou o cemiterio e um trocista escreveu na porta :

O rei é quem manda.
A Deus prohibe
Nestes lugares
Fazer milagres.

Estas manifestações ridiculas eram pagas por verbas secretas fornecidas pelo partido : é esse tesouro que foi chamado a *caixinha de Perette.* O mesmo dinheiro alimentava uma revista periodica, as *Noticias eclesiasticas*, a qual relatava semanalmente os acontecimentos referentes á seita, e derramava ás enxurradas o motejo e a injuria sobre a Côrte e a Igreja.

3º *Os excessos dos parlamentos.* — A bula *Unigenitus* constituia uma norma de fé, uma lei da Igreja : a sanção, para os padres apelantes, importava na perda de toda a jurisdição e para os leigos na privação dos sacramentos. Qualquer sacerdote catolico devia portanto negar o viatico aos rebeldes. O arcebispo de Paris, e a maior parte dos bispos com elle, publicaram instruções mandando que se exigisse o *bilhete de confissão* antes de serem aos jansenistas ministrados os

ultimos sacramentos. O parlamento de Paris, por um criminoso abuso de autoridade, ou antes por uma usurpação sacrilega, quiz anular as prescripções episcopaes, e impôr aos parocos catolicos a obrigação de dar aos jansenistas os socorros religiosos sob pena de prisão, multa ou exilio. Debalde Luiz XV tentou fazer oposição : o parlamento de Paris, como os de provincia, desrespeitaram a autoridade real paralysada perante estes estranhos defensores das liberdades galicanas.

4º *Revolução liturgica na França.* — Tem sido o empenho dos herejes de todos os seculos, modificar a liturgia da Igreja para poderem assim instilar nella o seu veneno. Os jansenistas não deixariam de empregar tambem este ardil que lhes sabia ao paladar, e sem pejo nem respeito, deram-se á tarefa deshonrosa. Contrariamente aos decretos do concilio de Trento, e fóra de qualquer autorisação da Santa Sé, suprimiram a bela liturgia romana, pondo em lugar della outras particulares e arbitrarias. Paris dava o exemplo ; as mais dioceses o imitaram. Cousa assombrosa ! as grandes ordens religiosas de São Bento e de Premonstrato cairam no logro extravagante, e bispos que permaneciam catolicos, deram na mesma falta. Ha quem pretenda que estas liturgias novas eram esplendidas pela variedade e a poesia. Muito embora ! tinham a pecha de estarem repassadas de espirito galicano e jansenista, de ofenderem o principio da autoridade dos pontifices romanos e de quebrarem o admiravel vinculo que é a unidade da prece publica proclamada tão importante pelo concilio tridentino, e restabelecida a tanto custo na idade actual.

III. *A bula de Bento XIV ; derradeiros esforços do jansenismo.* — Entretanto, era preciso acabar com isto. Os bispos francezes, entregues ao capricho dos parlamentos, apelaram para Roma, onde reinava o

sabio Bento XIV, successor de Clemente XII. O papa ergueu a voz e publicou um decreto cheio de firmeza (1756). Depois de ter desafogado a magoa profunda que curtia com tantas desordens, elle declara que « a constituição *Unigenitus* é uma regra de fé certa, formal, irrefragavel, á qual ninguem se pode furtar sem perder a salvação eterna. Donde resulta que se deve recusar o viatico aos rebeldes. » O parlamento destruiu o breve pontifical. Luiz XV mandou archivar um edito que ordenava obediencia á decisão de Roma. Por este acto de vigor e de justiça, o rei ia quasi perder a vida, victima de um punhal homicida.

A seita comtudo perdeu de vez o seu prestigio. Movia-se ainda, é verdade ; mas, considerada como erro, estava morta. O mal causado era imenso ; repercutiu-se até a época nossa contemporanea ; a piedade e o amor tinham sido estancados nas suas fontes, pela severidade e o orgulho, e até hoje não recuperaram por completo o viço, o ardor dos antigos dias. Da Hollanda onde se refugiára, o jansenismo procurou invadir a Austria e a Italia : breve veremos mais uma vez a sua ação dissolvente junto com a do *Josephismo*, e Pio VI pronunciará contra esta heresia a ultima sentença.

ARTIGO II

O imperio do Philosophismo.

(1756-1789).

Papas.	*Papas*
Bento XIV (1740-1758).	Clemente XIV (1769-1775).
Clemente XIII (1758-1769).	Pio VI (1775-1799).

I. A maçonaria, poderoso auxiliar da incredulidade. — II. As diferentes phases do philosophismo : Voltaire, os encyclopedistas, João Jacques Rousseau. — III. A perseguição contra os jesuitas. — IV. Entrada do jansenismo na Austria ; o *josephismo.* — V. A bulla *Autorem fidei.*

I. *A maçonaria, poderoso auxiliar da incredulidade.* — O odio contra a fé e contra a Igreja personifica-se, no seculo XVIII, na obra tenebrosa e infernal da maçonaria que preparou e realisou a revolução e cujo poder, hoje em dia, é terrivel. Essa instituição prende-se ás sociedades gnosticas e manicheenses dos seculos primitivos ; os albigenses, os templarios, os puritanos da Inglaterra, os socinianos da Alemanha, parecem ser os seus antepassados. A organisação da maçonaria, como existe actualmente, foi resolvida em Londres em 1717 e realisada em 1721. A contar dessa época, a temerosa potencia oculta se espalhou da Inglaterra e da Escocia por todos os principaes Estados da Europa e pelo Novo Mundo.

Indiquemos qual é seu *fim* e quaes são seus meios de ação. — Quem quizesse fiar nas suas declarações julgaria que seu unico escopo é a *philantropia :* seus adeptos formaram uma imensa associação para se auxiliarem entre si e para debelar o erro, a ignorancia e a superstição. Na realidade, a primeira meta desta instituição é o aniquilamento do Christianismo, para estabelecer uma republica universal, sem religião e sem Deus : revelações dos segredos da maçonaria, e mesmo as publicaçõse ostensivas da seita, com as re-

petidas condenações dos papas não deixam a este respeito duvida alguma. A principio, professava a crença em Deus, creador, grande architecto do universo, e votava odio a Jesus Christo : hoje as sociedades secretas promovem o ateismo. Outro alvo da maçonaria, para abrir caminho, é o transtorno da ordem social e o derrubamento da autoridade monarchica. E de facto, desde a sua origem, essa sociedade nefasta andou metida em todas as revoluções, procurando com zelo igual a ruina completa de todo o governo e de toda a religião.

Quanto aos *meios de ação* da maçonaria, consistem primeiro em engodar os adeptos com a força mysteriosa do sigilo, por meio de promoções sucessivas, sendo cada uma dellas acompanhada de juramentos horriveis : desejar subir, nada revelar, levar tudo a efeito, é a propria constituição das sociedades maçonicas. Acresce dizer que apenas os primeiros chefes sabem dos verdadeiros intuitos ; os outros não passam de executores cegos ou são burlados. O segundo meio de ação é a corrupção dos costumes, arvorada á altura de principio e apresentada como um dever : por isso ha banquetes, *divertimentos mysteriosos*, e a admissão das mulheres na *maçonaria de adopção*, ou *sociedade androgynea*, facto que revela a imoralidade da seita. Emfim, para ter certo o seu triumpho no porvir, a maçonaria quer antes de tudo assenhorear as jovens gerações : é por isto que a educação da juventude e da mocidade interessa tanto as lojas ; dali saiu a *aliança do ensino* e esta luta desabrida e acerrima para a *laicisação das escolas*. Agora, basta saber que esta associação estende sua rede por toda a parte, agremiou milhões de discipulos, possue milhares de lojas, e pode-se fazer ideia do perigo constituido pela hydra monstruosa.

A Igreja logo deu com a séde do mal. Já no anno de 1738, Clemente XII denunciava as manobras occultas

da maçonaria e condenava as sociedades secretas. O efeito produzido pela bula foi imenso : o mundo catolico recebia um aviso solene, o odio dos sectarios transformou-se em furor diabolico. Em 1751, o papa Bento XIV pronunciou novos anatemas contra a seita dos maçons, reprovando seus mysteriosos compromissos e seus juramentos impios. Desde então, a instituição não se arredou dos seus principios, e os papas nunca deixaram de erguer a sua voz vingadora para combatel-a e condemnal-a.

II. *As diversas phases do philosophismo.* — Os germens do philosophismo apareceram na Alemanha e na Inglaterra : a Alemanha deu o *livre exame* e a Inglaterra o *scepticismo*, a incredulidade. Os philosophos inglezes *Locke*, *Clarke*, *Collins*, *Tindal*, todos deistas ou racionalistas, por suas investidas contra a religião revelada e o Christianismo, tinham preparado o movimento de odio que teve como apóstolos ardentes, propagandistas incansaveis por toda a Europa, *Voltaire*, os *encyclopedistas* e *João Jacques Rousseau.*

1º *Voltaire*, nascido em 1694, aluno dos jesuitas, foi o corypheu do philosophismo, o porta-estandarte da impiedade. Filho de jansenista, já perverso quand moço ainda, dotado de espirito genial, mas de um coração vil e cobarde, poz ao serviço da mentira, da hypocrisia e do odio seus talentos e sua vida. Escritor deshonesto, conspurca a um tempo a religião, a moral e o patriotismo no poema infame a *Pucella.* Constrangido a exilar-se na Inglaterra, traz de volta o odio á fé catolica, ao clero e ás ordens religiosas, e exhala-o nas suas *Cartas philosophicas.* Francez por nascimento, torna-se prussiano com o rei Frederico, russo com Catharina II, e não se peja de felicital-os por suas victorias contra a França e a Polonia. Tão escandaloso na vida intima como nos seus escritos, elle ridicularisava a Religião, cumprindo hypocrita-

mente os deveres de um catolico. Toda a philosophia de Voltaire é syntetisada nestas duas palavras : « Menti, meus amigos, menti ; sempre haverá algum resultado ! » e seu grito de guerra : « Esmaguemos o infame ! » Assim chamava elle a Jesus Christo. Foi este, com efeito, o fim que continuamente procurou alcançar o corypheu da incredulidade. Em todos os seus escritos, procura destruir a Deus ; em nome da sciencia, nega a fé ; sob o véu de uma erudição falsa, semeia ás mãos cheias as mentiras historicas ; a tudo responde pela gargalhada sceptica e alvar. Tal é o philosopho que chegou a dominar e avassalar a França, a Europa, o seculo XVIII e as gerações daquelle tempo !

2º *Os encyclopedistas.* — Voltaire não podia sozinho levar a cabo a ignobil tarefa : formou aliados. O hotel do barão de *Holbach* tornou-se um centro de espiritos fortes ; é ali que se elaboravam os panfletos, os folhetos e os livros que deviam inundar o mundo, levando por toda a parte o sarcasmo e a impiedade. Assentaram todos que haviam de coligar seus esforços numa obra imensa em que as sciencias todas arremetessem contra a fé. Foi a origem da *encyclopedia*, dicionario volumoso em que a teologia e a philosophia, a moral e a historia, as sciencias e a literatura, a medicina e as artes se reunem para formar um vasto repositorio de todos os conhecimentos humanos : era o proposito aparente ; na realidade, a *encyclopedia* era uma arma de guerra destinada a solapar os alicerces da crença religiosa. Os principaes colaboradores desta obra de odio e de mentira foram *Diderot*, o mais fogoso e mais espirituoso destes impios, e d'*Alembert*, um pseudo sabio universal, sem profundeza que se retrata perfeitamente a si proprio nesta palavra : « Eu dou escarros na Religião emquanto estou fingindo curvar-lhe o joelho. »

Clemente XIII condenou a obra « como sendo perniciosa por igual á Religião e aos costumes » 1759.

mas já se fôra o tempo em que a voz da Igreja podia fazer-se obedecer. Apinhados em redor de Voltaire, uma legião de cumplices e de discipulos apregoava, como o patriarca, oraculos avidamente recebidos. *Montesquieu*, nas suas *Cartas persas* e no seu *Espirito das Leis*, atacava a fé e os papas ; o marquez de *Argens* ostentava um cynismo mais revoltante ; *la Metterie*, *de Maillet*, *Helvecio* resvalavam num materialismo que espantava o proprio Voltaire ; d'*Argenson*, *Boulanger*, *Raynal*, que era um máu padre, falsificavam, com a raiva da impiedade, a historia do direito, do Christianismo e das Indias. Isto foi apelidado o triumpho da sciencia e do espirito philosophico contra a Religião e contra a fé.

3º *João Jacques Rousseau.* — Voltaire e seus aliados tinham derrubado a fé e expelido da sociedade todo o elemento divino : era necessario encher este vacuo e reconstituir sobre uma base qualquer o individuo, a familia e a sociedade. João Jacques Rousseau poz hombros a esta tarefa, e o alicerce que tencionava lançar, elle quiz que fosse completa e unicamente *natural.* E' pois a este philosopho que devemos o monstruoso absurdo do individuo, da familia, da sociedade sem Deus. Pode-se afirmar que o erro revolucionario é o fruto desta utopia. Nascido em Genebra, em 1712, de um pae relojoeiro protestante, esse reformador estranho alimentou seu espirito na leitura de romances, abjurou o calvinismo e a elle voltou mais tarde. Depois de uma vida de aventuras, malogra em Paris, une-se aos philosophos, dá o escandalo publico de costumes devassos e morre em Ermenonville, pelo suicidio provavelmente, em 1778. Suas teorias vêm expandidas nas suas duas obras : o *Contrato social* e o *Emilio* ; seu corolario encontra-se na *Nova Heloisa* e nas *Confissões*, apologia cynica das mais vergonhosas paixões. No seu *Contrato social*, Rousseau prega essa doutrina estranha que o homem nasce bom,

sem concupiscencia nem vicios, que a autoridade é a consequencia de um compromisso primitivo entre a nação e o poder, e que o principio verdadeiro do direito é a soberania do povo. No *Emilio*, especie de tratado de educação, expõe a tese que o homem, naturalmente recto, adquire todos seus defeitos no convivio com a sociedade que o perverte; elle quer que a natureza humana cresça e se desenvolva espontaneamente e sem cultura. Ter-se-ia então uma sociedade perfeita, uma humanidade regenerada. Taes utopias, sob a pena amestrada do eminente escritor, revestem-se de todos os ouropeis, de todos os encantos do estylo ; aqui e ali, aparecem belas lições sobre Deus e sobre a moral ; mas o livro, no seu conjunto, é máu e o parlamento condenou o *Contrato social* e o *Emilio*. No entanto, a ideia vingou.

Voltaire e Rousseau, no seu systema deista, ainda respeitavam duas grandes verdades : a existencia de Deus e a espiritualidade da alma. Seus discipulos foram mais longe. *Helvecio* no seu livro do *Espirito*, negou a alma e não quiz para a moral outra base que não fosse o egoismo ou o interesse pessoal. O barão de *Holbach*, no seu *Systema da natureza*, impugnou directamente a existencia de Deus : desta vez vinham aportar ao *ateismo* puro e ao *materialismo* absoluto.

III. *A perseguição contra os jesuitas* (1759-1773). — Por toda a parte, avolumava-se a onda ameaçadora que intentava tragar a Religião e a Igreja. Mas, tambem, por toda a parte, avistavam-se as ordens religiosas, sempre prontas a vingar a verdade e a profligar o erro. Entre ellas, os jesuitas eram considerados como o baluarte mais firme do catolicismo. Encontravam-se na frente de todas as pelejas : nas controversias teologicas ou philosophicas, nos pulpitos catolicos, nas missões, e, especialmente, na educação da mocidade. Era natural portanto que aparassem os

primeiros golpes e fossem o primeiro alvo do odio e do rancor dos jansenistas e dos philosophos. « Uma vez que tivermos aniquilado a ordem dos jesuitas, escrevia Voltaire a Helvecio, ser-nos-á facil desbaratarmos o Infame. » As principaes côrtes da Europa eram influenciadas pelo philosophismo voltairiano : ellas formaram uma verdadeira conspiração contra o celebre instituto, e, a favor do *pacto de familia*, o ministro da França, *Choiseul*, congraçou todas as côrtes dos Borbões para um assalto commum.

Rebentou o ataque em *Portugal*. Reinava então na metropole José I, principe relaxado, escravo do seu ministro, o famigerado marquez de Pombal, que conseguiu incutir no animo do rei o odio que votava aos jesuitas. Obteve de Bento XIV um inquerito cujo resultado foi uma ordem do patriarca de Lisbôa, que declarava suspensos todos os jesuitas de Portugal. A pretexto de conspirações secretamente organisadas contra o rei, foram incriminados de revolta e traição : Pombal fechou os collegios delles, roubou-lhes os bens, expulsou-os do reino (1759).

Na *França*, o marquez de Choiseul e a senhora de Pompadour dirigiram a luta contra a sociedade de Jesus. O processo do padre Lavalette, procurador da missão das Antilhas, a respeito de emprezas comerciaes, particulares delle pessoalmente, foi o ponto de partida. O parlamento de Paris sentenciou que a Companhia toda era responsavel. Por tres decretos consecutivos, aprovados por um edito real, o parlamento reprovou as constituições dos jesuitas, mandou fechar seus colegios, e ordenou a todos os membros que abandonassem suas casas, podendo comtudo permanecer na sua patria, como simples individuos, sob a jurisdição dos bispos, conformando-se com as leis do reino (1764). A assembleia do clero, no anno seguinte, protestou contra este procedimento indigno.

Na *Espanha*, o rei Carlos III, sinceramente catolico,

deixou-se iludir por seu ministro, o conde d'*Aranda*. Por meio de calumnias forjadas com malicia infernal, o ministro, vendido aos philosophos, alcançou do principe uma *pragmatica sanção* ordenando a expulsão imediata dos jesuitas de todo o territorio da Espanha e das suas colonias (1767). No meio da noite, todos os religiosos da Companhia foram presos, arrancados das suas casas, e embarcados brutalmente, em numero de dois a tres mil sobre navios que os deviam levar nos Estados do papa.

Os Borbões de *Napoles* imitaram os da Espanha e da França : seduzido pelas instancias do seu ministro *Tanucci*, o rei Fernando IV cometeu a mesma barbaria. As ordens foram executadas como na Espanha, com uma selvageria incrivel, quer em Napoles, quer no reino das Duas Sicilias (1767). No anno seguinte o duque de *Parmo* tomou identica providencia nos seus Estados. Depois o grande mestre de *Malta*, feudatario de Napoles, *Emmanuel Pinto*, participou ao crime comum e expulsou os jesuitas de todo o seu territorio. « Viu-se então esse espectaculo curioso : todas as côrtes catolicas, presas pela vertigem revolucionaria, acabavam de repelir os jesuitas, seus mais fieis e mais poderosos protectores, emquanto dois Estados protestantes ou scismaticos, a Prussia e a Russia, reconheciam o valor dos expulsos e recebiam suas ruinas ! »

Entretanto, tal não bastava para saciar o odio dos philosophos, dos ministros e dos principes : ter exilado os jesuitas era pouco ; queriam a *supressão* da Ordem. Clemente XIII não só resistia á violencia iniqua, como defendia generosamente os inculpados pela bula *Apostolicum* (1765). A França e Napoles desforraram-se arrebatando, uma, o condado de Avinhão, a outra o ducado de Benevento. Com o advento de Clemente XIV, as côrtes dos Borbões, multiplicaram as instancias e as violencias junto do novo papa ; amea-

çaram-no de quebrar com Roma e fazer scisma. Clemente XIV, para evitar desgraças maiores, publicou o breve *Dominus ac Redemptor.* « Levado, diz elle, pela obrigação de restabelecer a concordia na Igreja, convencido que a sociedade de Jesus não pode mais prestar os serviços que motivaram a sua fundação, e determinado, por outras razões de prudencia e tino governamental, que conservamos ocultas em nossa alma, suprimimos e destruimos a sociedade de Jesus, suas funções, suas casas, suas instituições. » O papa fazia em prol da paz um sacrificio doloroso. Mas, segundo nota santo Affonso de Ligorio, desaparecidos os jesuitas, o papa e a Igreja haviam de deparar com os mesmos obstaculos, os mesmos ataques. Clemente XIV o entendeu e faleceu de dôr, emquanto os jansenistas e os philosophos festejavam como um triumpho a queda do celeberrimo instituto de Ignacio de Loyola.

IV. *O jansenismo invade a Austria ; o josephismo.* — A Austria, com a imperatriz catolica Maria Theresa, não tomára parte na perseguição. Mas seu filho José II deixou-se arrastar para os principios jansenistas e philosophicos. Levou miseravelmente a vida toda embargando a verdade catolica, movendo contra o clero uma guerra mesquinha que se chamou *josephismo.*

Dois medicos hollandezes tinham trazido para a côrte as doutrinas jansenistas da Igreja de Utrecht. Nesses entrementes, o coadjutor de Treves, João Nicolau de *Hontheim*, com o pseudonymo de *Febronio*, publicou um livro intitulado : *Do Estado da Igreja e do poder legitimo do sumo pontifice.* Nesta obra repisava todos os erros de Richer sobre a constituição da Igreja, que elle transformava numa democracia pura; segundo elle a autoridade residia inteira nas mãos do povo que a comunicava ao clero. A estas teorias subversivas, acrescentára as doutrinas erroneas de *Marco Antonio de Do-*

minis, ex-jesuita italiano, que negava atrevidamente a primazia de são Pedro e derrubava o poder supremo da Santa Sé, deixando-lhe apenas uma primazia de honra. De Hontheim, concedendo desta maneira um poder absoluto a cada bispo, lisongeava as ideias em voga. Seu livro achou cabal refutação no escrito do padre Zaccaria, jesuita italiano, escrito intitulado o *Anti-Febronio*. Alem disso, o papa Clemente XIII censurou o livro do bispo jansenista que se submeteu. Mas o erro teve partidarios ardentes na Alemanha, e principalmente na Austria. José II, pondo em pratica as teorias de Febronio, começou a nomear para varias cadeiras de teologia, professores jansenistas; defendeu a causa dos bispos contra o papa; suprimiu, por autoridade propria, grande numero de conventos; prohibiu aos religiosos que recebessem noviços e obedecessem a superiores estrangeiros; não deixou que se recorresse a Roma para dispensas de matrimonio; exigiu que as bulas do papa fossem carimbadas com o beneplacito imperial para serem obrigatorias; emfim, quiz impôr um regulamento aos seminarios, determinar a ordem das ceremonias, prescrever o que se referia aos oficios religiosos, etc., a ponto do rei da Prussia Frederico II, não o chamar mais sinão « meu irmão o *sacristão* ». José II se empenhava pois em desligar seu imperio da obediencia á Santa Sé, e em fundar um Estado scismatico.

Porém, o papa Pio VI foi em Vienna em 1782 para experimentar uma tentativa de reconciliação : somente colheu afrontas e promessas ilusorias. O *josephismo* triumphava na Austria, mas na côrte de Napoles onde reinava Fernando, encontrava tambem adeptos, e no ducado de Toscana cujo soberano, o archiduque Leopoldo, irmão de José II, sofria a influencia jansenista de Ricci, bispo de Pistoia. Este prelado introduziu na sua diocese todas as pretensas reformas que deviam resultar das doutrinas novas. A pretexto

de restituir á Igreja a sua pureza primitiva, elle despojou o culto de toda a sua pompa, escreveu contra as indulgencias, atacou com violencia a devoção ao Sagrado Coração. Ora o Salvador em pessôa, a 16 de junho de 1675, tinha revelado á bemaventurada Margarida Maria, religiosa da Visitação, no convento de Paray le Monial, este meio de honral-o; a Igreja tinha-o consagrado pela instituição de uma festa. Numa palavra, Ricci sacrificou os direitos da Igreja para curval-a ao jugo da autoridade civil, e quiz arvorar estes erros todos em principios e em doutrina num concilio reunido em Pistoia, em 1786.

V. *A bula « Auctorem fidei. »* — Pio VI nomeou uma comissão de bispos e cardeaes para examinar os actos e decretos deste synodo scismatico. Depois de estudal-os detidamente, o sumo pontifice os condenou solemnemente na bula *Auctorem fidei* (1794), sentença doutrinal que enumera oitenta e cinco proposições tiradas das actas do concilio e anatematisadas pelo papa com a qualificação respectiva. Entre outras, consideradas como heresias, ha as seguintes : « A autoridade eclesiastica exercida pelos pastores, resulta da comunidade dos fieis. — O papa tem os seus poderes não de Jesus Christo, mas da Igreja. — A Igreja abusa do seu poder ao organisar a sua disciplina exterior e quando impõe penas coercitivas aos rebeldes a seus decretos. »

A bula *Auctorem fidei* foi o ultimo golpe desferido ao polvo do *jansenismo;* matou o *richerismo* e o *josephismo* como doutrinas. Em breve, porém, seus falsos principios hão de reaparecer na *Constituição civil do clero :* mas o piloto alerta no barco de Pedro não deixará que vençam contra a verdade e os sagrados direitos da Igreja. — José II morreu antes de ver seus desvarios condenados pela bula *Auctorem fidei.* Seu irmão, Leopoldo, grande duque de Toscana, que lhe sucedeu,

tinha-se aproximado de Roma, e envidava os maiores esforços para reparar todo o mal que o josephismo fizera á Igreja.

ARTIGO III

Olhar sobre a sociedade do seculo XVIII

I. Provas e magoas da Igreja : 1° decadencia da sociedade ; 2° perseguições na Polonia e na Inglaterra ; 3° estado lamentavel das Missões. — II. Consolações e glorias : 1° o papado ; 2° os santos e as obras ; 3° os defensores da fé.

I. *Provas e magoas da Igreja.* — No momento em que a sociedade está para abysmar-se no sorvedouro sangrento da revolução, é bom que lancemos as vistas no estado geral dos espiritos e dos corações. Realisou-se um trabalho enorme de impiedade e de decompoSição : as crenças frouxas estão cambaleantes, o philosophismo sugou toda a seiva de vida religiosa na Europa ; a devassidão, a licença infrene com o riso voltairiano, grangearam fôros de cidade nos costumes privados e publicos. A Igreja sente por isso uma tristeza imensa a confranger-lhe a alma.

1° *Decadencia da sociedade.* — Mergulhando seu olhar investigador nessa sociedade do seculo XVIII, o P. Lacordaire escreveu : « A Igreja parece empalidecer. Bossuet não dá mais oraculos ; Fenelon dorme na sua memoria harmoniosa ; Pascal partiu, á beira do tumulo, a sua penna geometrica; Bourdaloue não ora mais na presença dos reis ; Massillon atirou aos ventos do seculo os ultimos écos da eloquencia catolica. Espanha, Italia, França, por todo o orbe catolico, dou ouvidos : nenhuma voz retumbante para responder aos gemidos de Christo ultrajado. Avulta dia a dia o numero dos seus inimigos ; os trônos entram nas conspirações. » Depois, volvendo os olhares para a França onde reina Luiz XV, onde João Jacques Rousseau

acaba de morrer, após a publicação das suas *Confissões*, onde Voltaire, aos oitenta annos, é victoriado em plena academia, triumpho este que não passa da apoteose da impiedade e preludio de uma morte vergonhosa na reprovação de Deus, o insigne orador da catedral de Notre Dame continua : « No quarto em que são Luiz dormira, repousava Sardanapalo deitado. Mulheres arrancadas dos lamaçaes mais putridos do mundo, faziam um joguete da corôa da França ; filhos dos cruzados prodigalisavam suas adulações fementidas nas alcovas deshonradas, e davam, ao passarem, um beijo no vestido reinante de uma barregã, trazendo do trôno para os seus lares os vicios que tinham adorado, o desprezo das santas leis do matrimonio, a imitação das saturnaes de Roma, apimentadas com uma impiedade que os validos de Nero apenas conheceram. Em lugar de empunhar o arado ou a espada, uma mocidade imunda não sabia manejar sinão o odio contra Deus e o descaramento para com o homem. Abaixo della rastejava a sociedade, seguindo mais ou menos o exemplo funesto da corrupção real !... » (1)

2º *Perseguições na Polonia e na Inglaterra.* — E não só com a filha primogenita da Igreja ; em outras terras tambem sobejavam provas cruciantes a dilacerarem o oração desta mãe estremosa. O seculo XVIII presenciou na Europa uma injustiça iniqua cuja macula indelevel ainda hoje fica estampada como ferrete de vergonha na fronte do velho mundo : falamos do desmembramento da Polonia. Iniciado em 1772, esta obra foi terminada em 1795. Por ocasião da primeira divisão, Catharina II da Russia, tinha jurado respeito para a religião dos seus novos subditos. Os Ruthenos, pertencentes ao rito grego-unido, dominavam nas provincias anexadas ao imperio russo. Catharina II logo se empenhou por todos os

(1) *Conferencias de Notre-Dame*, anno de 1844.

modos em separal-os da Igreja e arrebanhal-os no scisma. Para isso, ella suprimiu os bispados catolicos, mandou que os pópas fizessem uma propaganda desenfreada, espalhando calumnias contra a Igreja romana. Emfim foi introduzido na Polonia catolica o systema de perseguição que vigora ainda hoje : espancamento, confiscação dos bens, prisão, desterro para Siberia. Os bispos e os monges basilienses permaneceram firmes na sua fé ; entre o clero inferior e o povo, porém, varios milhões de Ruthenos bandearam-se para o scisma.

Na Inglaterra uma ultima e violenta perseguição vinha presagiar uma era de pacificação e de tolerancia religiosa. Debaixo do reinado de Jorge II, por ocasião da guerra dos Sete annos, a malsinada Irlanda teve os poucos conventos que lhe restavam destruidos, seus bispos e sacerdotes atirados ao calabouço, e os catolicos excluidos das funções publicas. Mais terrivel ainda na Escocia, sob o governo de Jorge III, após a derrota do principe Eduardo. Como nos dias mais aziagos do puritanismo, as igrejas foram desmoronadas, e os catolicos, postos fóra da lei, tiveram que sofrer toda a sorte de vexames. O terror durou dez annos e as victimas foram numerosas, especialmente entre o clero e as ordens religiosas.

3º *Estado lamentavel das missões.* — Com a questão dos ritos chinezes e malabares, tinha arrefecido a prosperidade da obra tão importante das missões catolicas nas christandades do Extremo Oriente e das Indias. A supressão da ordem dos jesuitas foi outro factor de ruina e desfechou um golpe mortifero na evangelisação dos dois mundos, arrebatando-lhes os seus melhores apóstolos. Emfim as lutas porfiadas entre a Hollanda, a França e a Inglaterra, para se apoderarem das Indias, vieram ainda afrouxar a marcha progressiva da fé. Naquellas terras esperançosas, a decadencia foi completa e destruiu, de 1760 até

1790, os frutos de tres seculos de esforços. Mesma decadencia nas missões da China. A perseguição acesa com a condenação dos ritos discutidos lançada por Bento XIV, não se apagou naquellas vastas regiões sinão em 1770 e os dois terços dos christãos estavam perdidos. Esta guerra longa e cruel abrangeu a Cochinchina, o Tonkino e a Coréa evangelisada por um joven fidalgo daquelle paiz. Nesta época, as missões da Africa parecem estereis. Na America, com a expulsão dos jesuitas, foram aniquiladas as *reduções do Paraguay* e todas as missões que o instituto mantinha nas colonias então dependentes da Espanha e de Portugal. Na America do Norte, a guerra da independencia, (1775-1783) paralysou este movimento catolico tão prospero no seculo anterior. O Canadá passára para o dominio inglez. Todavia o rei Jorge III tinha concedido aos colonos francezes, com a liberdade religiosa, o ingresso aos empregos publicos e á administração deste paiz. A fidelidade dos Canadenses catolicos veiu a ser um motivo para abrandar a severidade para com os catolicos da Inglaterra : um bill do governo substituiu as antigas formulas de juramento, eivadas de heresia e de scisma, por um simples juramento de fidelidade, e revogou a maior parte das penalidades odiosas que ainda pesavam sobre os subditos fieis da Igreja romana.

II. *Consolações e glorias.* — A Igreja porém, nunca trilha um caminho semeado de espinhos, magoas e revezes, sem encontrar tambem algum consolo e alguns triumphos. O seculo XVIII, cuja decadencia real e profunda se nos manifestou evidente, teve suas virtudes, seus heroismos, sua santidade e sua gloria.

1º *O papado.* — Ilustres personagens sentaram no solio pontifical neste periodo tempestuoso. Ao papa Clemente XI, á sua energia mascula, deve o mundo catolico esta famosa bula *Unigenitus* que abafou a

nova erupção do jansenismo. Innocencio XIII, seu sucessor, teve como panegyrista o povo romano em peso. Os philosophos, e Lalande particularmente, não puderam deixar de cantar suas virtudes : « Innocencio é o melhor soberano de quem fala o povo, hoje em dia. » A bondade de Clemente XII não obstou a que lançasse contra a *maçonaria* nascente a primeira condenação. Mas o grande papa cuja memoria domina essa época, é certamente *Bento XIV*. Sabio de primeiro quilate, habil canonista, diplomata fino e benevolo, como guarda fiel dos verdadeiros principios, faz frente a todas as dificuldades. Poucos papas deixaram tantas bulas importantes. Foi no direito canonico o que santo Thomaz tinha sido na teologia. Seu tratado da *Beatificação e da canonisação dos santos* serviu sempre de regra á Igreja, e seu livro do *Synodo diocesano* tornou-se o manual do clero. Clemente XIII foi o defensor dos jesuitas contra todas as paixões desencadeadas. Si Clemente XIV, vergando ao vendaval, assignou a supressão dos jesuitas, escutemos Affonso de Ligorio que tem somente para elle palavras de compaixão : « Pobre papa, exclama o santo, que podia elle fazer numa ocorrencia tão dificil? » Pio VI parece ter recebido vocação para as provas e o martyrio ; mas o furacão revolucionario não lhe fechará a boca quando ha de pronunciar, pela bula *Auctorem fidei*, a condenação de todos os erros que provocaram o cataclysmo.

2º *Os santos e suas obras.* — Temos nomeado santo Affonso de Ligorio. Nascido em Napoles em 1696, falecido em 1787, tinha uma piedade angelica e uma sciencia profunda ; missionario incansavel, parece enviado por Deus para combater os rigores jansenistas. Sua *Theologia moral* é o monumento da sua sciencia, como suas *Visitas ao santissimo Sacramento* são a manifestação da sua terna devoção. E' fundador da congregação do Santo Redemptor, sociedade de mis-

sionarios destinados especialmente á evangelisação das provincias. A Italia ainda dava á Igreja o B. *Leonardo de Porto Mauricio*, missionario apostolico da ordem dos Menores, e são *Paulo da Cruz*, fundador dos clerigos descalços de Santa-Cruz e da Paixão.

O seculo XVIII tão corrupto e desmoralisado, viu a vida austera e mortificada de são Benedicto José Labre, nascido na França, em 1740, morto em Roma, depois de trinta annos de heroismo e de pobreza ; presenciou a dedicação de Mnr. de Belzunce, bispo de Marselha, durante a peste horrenda que assolou esta cidade (1720-1721), admirou os esplendidos exemplos de muitissimos bispos e sacerdotes, adorno e diadema da Igreja naquella época. A côrte tão relaxada de Luiz XV podia contemplar as virtudes excelsas do pae e do filho do rei, a vida angelica da piedosa rainha Maria Leczinska e a ilustre Senhora Luiza de França, filha de Luiz XV, que troca os esplendores da côrte pelos rigores terriveis do Carmelo. Dois homens apostolicos, o abade Desplaces e o B. Grignon de Montfort, fundavam, o primeiro, o seminario do Espirito Santo, o segundo as Filhas da Sabedoria, duas instituições consagradas á obra das missões estrangeiras.

3º *Os defensores da fé.* — A Igreja não deixou de ter soldados valentes que fizeram frente ao exercito da impiedade. No anno de 1772, a assembleia do clero da França publicava um *Aviso aos fieis sobre os perigos da incredulidade.* Os membros mais distintos do episcopado, o cardeal de Polinhac ; de Beaumont, arcebispo de Paris ; de la Mothe, bispo de Amiens; Lefranco de Pompignan, arcebispo de Vienna, vingaram a fé catolica nas suas cartas episcopaes ou em apologias eloquentes. O sabio Bergier conquistava a fama brilhante de egregio defensor da fé por seu *Tratado historico e dogmatico da verdadeira religião*, e por seu *Dicionario teologico.* Dois outros sacerdotes deram bôa resposta ao impio Voltaire : um delles

o *P. Nonotte* refutou vivamente os erros do philosopho, o outro, o vigario *Guénée*, conego de Amiens, escreveu com muito espirito as *Cartas de alguns Judeus ao Snr. de Voltaire.*

Não trovejava mais no pulpito catolico a voz pujante dos celebres oradores do seculo XVII que foi morrendo com os acentos do P. Lejeune, do P. de la Colombière e de Mascarão ; a verdade catolica tinha entretanto interpretes abalisados na pessôa dos padres Brydaine e Duplessis, cujas praticas são ainda lembradas. Todas as sciencias religiosas tiveram tambem naquella época seus nobres representantes. Temos na exegese, *Bernardino de Picquigny*, o P. *Carreira*, e especialmente *Dom Calmeto ;* na teologia,*Tournely*, *Pontas-Concinato*, *Collet* e *Billuart*, o excellente comentador de santo Thomaz ; na historia, *Natal Alexandre*, erudito apezar de pouco seguro na doutrina ; o historiador das Missões, o padre jesuita *Charlevoix ;* o cardeal *Orsi*, autor de notavel historia da Igreja ; os dois *Assemani*, que fizeram acurados estudos sobre a Igreja oriental, *Mansi*, *Berault-Bercastel*, com um merito especial a cada um ; *Lhomond*, que popularisou a historia da Religião e da Igreja. Um exercito de valentes amestrados faz frente ao inimigo e prepara-se para baldar o choque mais terrivel da revolução.

CAPITULO IV

A Igreja e a Revolução.

(Desde 1789 até os tempos actuaes.)

Vista geral. — Divisão deste capitulo.

O seculo que tinha semeado os ventos não podia deixar de colher as tempestades. Debalde a Igreja tratára de opôr um dique á torrente avassaladora : os homens que seguravam o leme, falhos de fé e de ideal, não tiveram animo bastante para resistir com denodo, e as consequencias foram medonhas. A revolução tyranica quiz meter na Igreja a mão sacrilega : os templos foram fechados, os sacerdotes, expulsos, os carceres se encheram de victimas inocentes, o cadafalso foi inundado em sangue. O voto de Voltaire parecia realisar-se : do Christianismo inteiro ficava apenas na França um simulacro irrisorio nesta Igreja constitucional em breve substituida, ella propria, pelo culto insensato da deusa *Razão*. A Providencia, porém, velava ; deixou que se cumprisse toda a justiça e depois, um soldado arrojado, filho da revolução, foi o instrumento para a gloriosa resurreição da Igreja, saindo mais forte, mais pura do seio do seu tumulo. Graças á concordata firmada por Napoleão Bonaparte e o papa Pio VII, o sentimento religioso desperta vivo, incomprimivel e irradia de novo sobre o mundo.

Entretanto, a revolução não estava acorrentada : o pacifico conquistador transforma-se em tyrano por sua vez ; deixa apenas á Europa o legado da desordem e da miseria, com um exemplo frisante do pouco

valor, da ephemera duração das cousas humanas. Caido o imperio, houve imenso impulso de fé e de zelo catolico : é nessa época que a Igreja negoceia concordatas com as nações catolicas, vê a emancipação dos catolicos inglezes, dá ás missões a seiva evangelica que tempos ominosos tinham deixado estarrecer.

O espirito revolucionario, este, permaneceu sempre altaneiro, soberbo, insubmisso. Depois da perseguição sangrenta, hão de vir, ainda no seculo XIX, todos os ataques do *racionalismo* e do *scepticismo* ; do principio falso que a razão humana ha de ser soberana e mestra, dimanarão todos os erros modernos gerados pela revolução. Deram a volta á Europa com os nomes de *positivismo*, *liberalismo*, *socialismo*, *nihilismo*, sempre caracterisados pela hostilidade contra a revelação, e contra a fé catolica, e pela séde de perseguição contra a Igreja e suas instituições. Prosegue a revolução, ora rastejando oculta, ora desferindo o bote, no seu intento maçonico, no anhelo nunca realisado do impio Voltaire : esmagar o Christianismo. E' a revolução ainda, que atira entre os povos utopias perigosissimas, pomposamente chamadas *ideias modernas*. E' a hydra contra a qual teve que arcar a Igreja no seculo findo, e no começo deste.

Havemos de contemplar esta ultima phase da longa luta desde muito empenhada entre o bem e o mal; nella, sobresae, como sempre, o papel benefico do papado e da Igreja. São os pontifices romanos que desmascaram os erros nascentes e que os condenam. Depois, a convite de Pio IX, o *concilio do Vaticano* reune-se e pronuncia definições e anatemas que iluminam o presente e delineiam as normas a seguir para as estradas do porvir. Leão XIII marchou nessa esteira de luz e de verdade ensinando aos individuos, aos soberanos e ás nações, esforçando-se por atrair a sociedade moderna para o regaço da Igreja que é sua bemfeitora e sua mãe. Esta nobre linhagem é di

gnamente continuada por Pio X, o autor da encyclica *Pascendi dominici gregis*, o papa da Eucharistia, cuja mão bondosa e firme, beija, grato e reverente, o universo catolico.

Conforme temos feito, assentemos os marcos pelos quaes nortearemos nosso estudo. Cinco artigos hão de perfazer este capitulo ; os titulos serão os seguintes : 1º *Os atentados da revolução* (1789-1800) : lembramos aqui os ataques combinados da incredulidade e da maçonaria, dando como resultado a ruina do culto e a *constituição civil do clero*, depois a perseguição sangrenta exercida em nome da razão e da liberdade e trazendo o regimem do *Terror*, a religião do *ateismo*; 2º *Periodo napoleoniano* (1801-1815) ; a *Concordata* restitue a paz, breve perturbada pelos *artigos organicos*, e depois pelos atentados repetidos de Bonaparte contra a Santa Sé e os direitos intangiveis da Igreja ; 3º *A Igreja em face dos erros modernos oriundos da revolução :* desde a queda de Napoleão até o advento de Pio IX (1815-1846), vemos a genese e a condenação do *racionalismo* e do *positivismo* alemão e francez, do *liberalismo* e do *socialismo*, outra forma da revolução ; 4º o *grande pontificado de Pio IX* (1846-1878) : patenteia-se ali a ação vgilante do imortal papa, de que modo sobranceiro elle faz frente á revolução, denuncia e anatematisa todos os erros contemporaneos na encyclica *Quanta cura* e o *Syllabus* e publica, triumphante, o dogma da *Immaculada Conceição* e as definições do *concilio do Vaticano*, derramando nova e intensa luz no mundo catolico ; 5º *Vista geral sobre o seculo XIX ;* neste olhar rapido, mencionamos o rejuvenescimento que caracterisa o seculo XIX, as glorias da Igreja nos tempos presentes, suas conquistas, suas obras cheias de esperança. Depois, no artigo : o *papa Leão XIII*, contemplaremos este grande pontificado, fazendo depois algumas reflexões sobre o governo do papa Pio X e suas obras.

ARTIGO I

Atentados da Revolução.

(1789-1800).

Papa.

Pio VI (1775-1799).

I. Ataques combinados da incredulidade e da maçonaria ; *estados geraes.* — II. Marcha progressiva da revolução antireligiosa. — III. A constituição civil do clero (1790). — IV. A perseguição sangrenta : reino do *Terror.* — V. O culto da deuza *Razão* : festa do Ente supremo. — VI. Extensão na Europa do principio revolucionario.

I. *Ataques combinados da incredulidade e da maçonaria ; estados geraes.* — A perversão, na França, já estava completa. A nobreza, a classe media, o povo, o proprio clero por alguns dos seus membros — os padres philosophos, colaboradores da encyclopedia, — estavam roidos pelo verme da incredulidade voltairiana. Submissão para com a autoridade religiosa, respeito para com a autoridade civil, não havia mais. Um rei joven, dotado de uma fé sincera e movido pelo desejo real e generoso de dar a felicidade a seu povo, Luiz XVI, tinha infelizmente como ministros Turgot e Necker, do club dos *economistas*, dessa escola de reformadores impios cuja educação tinha sido bafejada pelo halito envenenado do hotel do barão de Holbach. Com a incredulidade, as ideias republicanas, favorecidas pela guerra da Independencia, tinham feito caminho. E para reforçar, arregimentar, e atiçar todos estes elementos de perturbação, ali estava a influencia oculta e cada vez mais poderosa da maçonaria. O numero das *lojas* subíra na França a duzentas oitenta e duas com séde nas principaes cidades, sendo oitenta e uma na capital, e todas recebendo a direção do centro comum, do *Grande Oriente* da França cujo grão mestre era então Philippe de Orleans, mais tarde, Philippe Igualdade. Um congresso

geral maçonico reuniu-se em Paris em 1785. Nelle podiam-se ver todos os principaes personagens que desempenharam um papel na revolução, e ali, sem duvida, foram elaborados os projectos que a incredulidade e a maçonaria afagavam desde longo tempo.

Um mal estar anormal, estranho, amofinava todas as classes da sociedade. A miseria, que foi enorme em 1788, tinha excitado o povo, já minado pelas teorias do *Contrato social.* Nestas occurrencias, reuniram-se em Versailles, a 5 de maio de 1789, os *Estados geraes*, sob a presidencia de Luiz XVI. E' nesta data que se deve marcar o começo da grande revolução : teve seu principio com a separação do terceiro estado e o juramento do Jogo de péla ; o primeiro resultado foi a insurreição do povo e a tomada da Bastilha (14 de julho).

II. *Marcha progressiva da revolução antireligiosa.* — Não é proposito nosso, estudarmos o movimento politico-social inaugurado na Assembleia constituinte. Limitamo-nos em seguir o andar tão rapido e tão desastrado da *revolução antireligiosa.*

1º A sua manifestação inicial e basica é a tão falada *Declaração dos direitos do homem*, novo credo revolucionario, em cujo cabeçalho ainda divisamos o Ente supremo, porém sem uma palavra siquer atinente aos direitos delle. Apregôa-se a liberdade, a igualdade, os pretensos direitos do homem — e nada acerca dos seus deveres. Na realidade, este codigo é a emancipação de todo o freio, de toda a lei ; é a apostasia social da nação pela supressão da religião, e isto tudo com o pretexto ilusorio da *liberdade.*

2º Ficando assente o principio da igualdade, a Assembleia constituinte suprimiu os privilegios eclesiasticos que davam ao clero dignidade e independencia ; este teve então que pagar o imposto comum e não respondia mais perante a justiça eclesiastica.

3º Era preciso saldar as dividas dos cofres do Estado : para isso, o clero sacrificava generosamente parte de seus bens ; a revolução preferiu tirar á Igreja a sua alta posição e transformar seus membros em *funccionarios assalariados* do governo. Por proposição de Talleyrand de Perigord, bispo de Autun, foi votada a lei que decretava a confiscação dos bens do clero e das ordens religiosas e os declarava bens nacionaes, autorisando sua venda em beneficio do Estado. Por outro lado, a nação comprometia-se em prover de maneira conveniente aos gastos do culto, ao alivio dos pobres, ao ordenado dos ministros da religião : é a origem da indenisação paga ao clero secular até a separação da Igreja e do Estado, separação que terminou o roubo iniciado com a revolução.

4º Havia muito tempo que os philosophos andavam pintando os mosteiros como si fossem masmorras em que se guardavam emparedados homens e mulheres, victimas dos preconceitos do seu seculo ; tinham protestado contra os votos de religião, acoimando-os de infensos ao direito natural ; tinham impugnado as regras e constituições monasticas como sendo uma tyrania odiosa. Uma lei do 13 de fevereiro de 1790 destruiu todas as ordens religiosas, pronunciou a abolição dos votos, e devolveu á vida do mundo, mediante parco ordenado, esses cidadãos que tinham feito o mais nobre uso da sua liberdade, consagrando-se ao serviço de Deus, dos doentes, dos ignorantes e dos pobres. Acolhido com jubilo por alguns membros sem vocação, este decreto encontrou a maior parte fieis a seus compromissos, continuando no seculo a vida do claustro ou constituindo comunidades em casas particulares.

III. *A constituição civil do clero* (1790). — A' revolução não bastava empobrecer a Igreja ; depois de tel-a despojado, queria subjugal-a e aviltal-a. A 2 de

julho, a Assembleia nacional votou a *constituição civil do clero*. Este edito, obra de jansenistas e parlamentares, aplicava os principios de Richer, despedaçava a organisação inteira da Igreja, negava seus direitos, e a colocava debaixo do dominio da autoridade civil. Ordenava que dora avante, os bispos fossem nomeados pelos eleitores e investidos pelo metropolitano, escolhido da mesma forma; apenas poderiam escrever ao papa para lhe dar parte da sua promoção. O mesmo decreto estabelecia oitenta e tres dioceses correspondentes aos departamentos, em lugar dos cento trinta e cinco bispados preexistentes. Suprimia os cabidos, creando vigarios episcopaes, conselheiros obrigados do bispo. Os parocos ou quaesquer outros dignitarios eclesiasticos eram nomeados pelos eleitores do distrito, fosse qual fosse o culto. Emfim, quando tomavam posse, todos tinham de fazer o juramento de fidelidade á *constituição civil do clero*.

Luiz XVI, depois de tergiversar um instante, acabou assignando o decreto scismatico. O papa Pio VI, a quem a côrte pedia com instancia a confirmação deste atentado, quiz primeiro ter o parecer dos bispos. Cento e trinta delles deram como resposta uma *Exposição de principios sobre a constituição civil do clero*, brilhante condenação da nova lei. O sumo pontifice confirmou esta sentença doutrinal. Mas a Assembleia constituinte, proseguindo no mesmo caminho, ordenou a deposição de todos os bispos e sacerdotes que, num prazo de oito dias, não tivessem assignado a constituição. Dentre os trezentos eclesiasticos que tinham assento na assembleia, setenta submeteram-se. Na França toda, houve quatro bispos sobre cento trinta e cinco e dez mil sacerdotes sobre sessenta mil, que prestaram o juramento requerido : a maioria do clero permanecia fiel no dia da provação.

Estes muitissimos bispos e estes padres *refractarios*,

— foi o apelido que lhes deram — foram substituidos por bispos e padres constitucionaes. Talleyrand consagrou os dois bispos do Aisne e do Finisterra, vindo a ser assim o digno pae da Igreja constitucional. Em dois breves, um dirigido aos prelados da Assembleia, o outro ao clero e aos fieis da França, Pio VI invalidou e anulou toda a constituição scismatica, declarou sem valor as eleições e actos de jurisdição do novo clero, e ameaçou, com a excomunhão, os recemnomeados que não se retratassem. Recusou igualmente de aceitar a demissão espontanea dos bispos fieis. A Assembleia constituinte cuidou que ficava vingada votando a anexação á França do condado de Avinhão, que fazia parte dos Estados pontificios.

IV. *A perseguição sangrenta : reino do Terror.* — A Constituinte retirou-se, cedendo o lugar á *Assembleia legislativa* (1791). O paiz estava entregue ao capricho dos demagogos e aos excessos dos clubs : o dos *Jacobinos* onde imperava Robespierre, e o dos *Cordeliers*, chefiado por Danton. Por odio á Religião e á Igreja a Legislativa promulgou tres decretos successivos : um tirava aos padres que não tivessem prestado o juramento, seu mesquinho ordenado ; o outro prohibia o uso das roupas talares ou do habito religioso ; o terceiro sentenciava o desterro para todos os refractarios. Luiz XVI negou o seu beneplacito a este ultimo decreto que se executou assim mesmo com extremo rigor.

Desde então começou a perseguição em Paris e em todas as provincias. Os carceres se enchiam de bispos, sacerdotes, religiosos, nobres, tudo quanto trazia algum signal de catolicismo ou simplesmente despertava suspeitas. Nestes entrementes soube-se da entrada dos Prussianos na França. A pretexto de patriotismo, a Communa mandou tirar das igrejas os vasos sagrados para transportal-os na Moeda ; apos-

saram-se dos sinos para fundirem canhões; depois, a modo de desafio ao estrangeiro, ordenaram a matança dos presos; as antigas abadias faziam de cadeia: os assassinos ensanguentaram primeiro a abadia de São Germano, depois a casa dos Carmos onde varios bispos, Monsr Dulau, arcebispo de Arles, os senhores de la Rochefoucauld, um delles bispo de Beauvais, o outro de Saintes, e mais cento e oitenta padres estavam prisioneiros sendo apenas de quarenta o numero dos rescapados. O morticinio continuou, do dia 2 até o dia 6 de setembro, em Santo Firmino, na Força, na Salpetrière, nas prisões do Châletet, da Conciergerie e de Bicêtre. Alcançou as provincias: Versailles, Meaux, Reims, Châlons, Orleans, Rennes, Leão tiveram tambem seus martyres. Orça por mil e quinhentos o numero das victimas dessas odiosas carnificinas.

A 21 de setembro de 1792, a *Convenção* recolhia a sucessão da Legislativa, iniciando definitivamente o reino do *Terror*. Luiz XVI, encerrado na prisão do Templo, sofreu um simulacro de julgamento, e levou no cadafalso a sua cabeça inocente (21 de janeiro de 1793). O rei martyr, volvendo-se para o povo, tinha exclamado: « Francezes, morro inocente dos crimes que me atribuem. Perdôo aos autores da minha morte. » A rainha, Maria Antonieta, a irmã do rei, Madame Isabel tiveram igual sorte; o joven Luiz XVII faleceu no calabouço. — Uma perseguição terrivel contra os padres desencadeou-se por toda a França: ajuntados em numerosos grupos para serem exilados, foram levados em tropas nos portos maritimos, morrendo ali os dois terços, de fome e de miseria. Houve os afogados de Nantes precipitados na agua por ordem do infame Carrier; em Lyão, Collot-d'Herbois mandava fusilar as victimas; em todas as cidades, à guilhotina permanente devorava sacerdotes, nobres e burguezes. Foi preciso emigrar. A Allemanha, a Italia, a

Espanha, os Paizes Baixos e a propria Russia hospedaram os fugitivos; a Inglaterra agasalhou mais de sete mil padres catolicos que deitaram naquelle solo, tantas vezes regado pelo sangue dos martyres, novos germens da verdadeira fé. O medonho regimem do Terror durou os tristes annos de 1793 e 1794.

V. *O culto da deusa Razão ; festa do Ente supremo.* — Depois da morte de Luiz XVII, os revolucionarios entraram a molestar a propria Igreja constitucional. De nada valeu para os padres apostatas o terem pisado sua consciencia e conspurcado sua fé : o clero scismatico teve de renunciar á sua religião ou partilhar a sorte dos sacerdotes ortodoxos; incorrera no desprezo ; ainda caiu um grau mais baixo. A Convenção tinha autorisado o casamento dos padres : a maior parte aproveitaram-se da nefasta liberdade e houve bispos constitucionaes para abençoar taes uniões sacrilegas, dando, elles mesmos, o exemplo funestissimo. Talleyrand foi o primeiro que atirou com o escandalo da sua apostasia ; Gobel, bispo do Senae deputado, compareceu na tribuna da Convenção, para declarar publicamente que renunciava ás suas funções episcopaes, para depôr seu anel e sua cruz sobre o altar da patria e tomar o boné vermelho. Estes renegados tiveram imitadores nas fileiras de um clero educado nos seus moldes.

Para completar a apostasia da nação e apagar qualquer vestigio de Christianismo, a Convenção decretou uma era nova que substituisse a era christã. Começaram-na com a data de 22 de setembro de 1792, dia em que a republica fôra proclamada. O calendario republicano tomou o lugar do calendario da Igreja : as antigas festas religiosas deviam desaparecer, assim como o domingo. Cada decimo dia ou *decadi* era dia de descanso. Os nomes dos santos eram substituidos por aquelles dos animaes ou das plantas.

Formava-se um anno completo de 12 mezes com trinta dias cada um e cinco dias de festas chamadas nacionaes. E emfim, já que a revolução atéa e materialista carecia de symbolo e manifestações, a Comuna de Paris decretou que a igreja de Notre Dame seria afectada ao culto da deusa *Razão*. A Convenção não teve pejo de se apresentar oficialmente : tributar suas homenagens a um idolo vergonhoso, e viu-se uma multidão delirante a oferecer incenso e adorações a uma mulher com boné vermelho, em pé no altar e symbolisando a *razão pura*. Taes aberrações horrorosas foram reproduzidas nos departamentos : foi o reinado da impiedade. A torrente desenfreada da irreligião e do vandalismo ia assolando tudo : a picareta revolucionaria derrubou as igrejas, o martelo sacrilego fez em estilhaços as obras primas dos seculos, Os iconoclastas modernos estragavam os objectos de arte, as estatuas, os quadros, os vasos sagrados, e tudo quanto tinha um caracter religioso.

O proprio Robespierre ficou assustado com essas saturnaes de impiedade. Elle fez a Convenção votar este decreto : « O povo francez reconhece a existencia de Deus e a imortalidade da alma. » Esta profissão de fé deista, foi lavrada no frontispicio dos templos que tinham ficado em pé. Robespierre presidiu pessoalmente a primeira festa instituida em honra do *Ente supremo*. Mas todos os atentados cometidos contra Deus e a Religião pediam um castigo que chegou em breve. A revolução, que tragára tudo, entrou a devorar os proprios filhos ; os mais ferozes, sem exceptuar o chefe, cairam ao peso da indignação publica, e victimados pelos algozes. A Convenção, « que amontôou mais crimes em quatorze mezes do que haviam sido perpetrados em quatorze seculos, » pereceu por sua vez ; sucedeu-lhe o *Directorio*.

VI. *Extensão do principio revolucionario na Europa.* — Não era a bonança ainda. O Directorio continuou a perseguição, ferindo primeiro que tudo o clero catolico. Um novo decreto de exilio mandou multidões de padres fieis em crueis desertos, no seio da miseria : a pequena ilha de Ré viu até mil e duzentos destes infelizes. Depois, chegou a vez da burguezia : a detestavel lei dos refens arrebatou a segurança a todos os individuos, expondo todos os bens á confiscação. — Entretanto, a Igreja constitucional, debalde procurava organisar-se ; quiz reunir um concilio que se abriu em Paris a 15 de agosto de 1797 : não passou de parodia absurda. — Um utopista, por nome *La Réveillère-Lépaux*, membro do Directorio, pretendeu instituir sobre as ruinas da Igreja catolica a nova religião da *teophilantropia* : suas ceremonias e seu culto cedo foram desprezados, cairam no olvido, á mingoa de adeptos.

A França é de alguma maneira o coração do mundo e certamente da Europa. A revolução que abalára aquelle paiz, havia de levar ás outras nações suas doutrinas malfazejas e os respectivos frutos. As desgraças de Luiz XVI e de seu povo não comoveram os Estados europeus e quando os do Norte se aliaram, foi para marchar contra a nação assolada e não para lhe trazer alivio. Entretanto a revolução vence os exercitos inimigos ; no encalço das tropas triumphantes, penetram os principios subversivos por toda a parte. Um soldado acabava de atirar com seu nome nas auras da fama : chamava-se Bonaparte. Realisava, no norte da Italia, façanhas militares que evidenciavam um engenho prodigioso e o aureolavam do nimbo da gloria ; mas em todo o lugar, fundava *republicas.*

Pio VI somente pedia a paz : o Directorio exigiu do pontifice que retirasse seus breves contra a constituição civil do clero. Como recusasse, o exercito francez apossou-se das tres legações de Bolonha, Ferrara

e Ravenna. O tratado de Tolentino (1797) aceitou esta spoliação, com o abandono a favor da França do condado de Avinhão. Para o fim do mesmo anno, o general Duphot, membro da embaixada da França, tendo sido morto em Roma, num conflito, o Directorio ordenou a seus exercitos que invadissem os Estados da Igreja, e a republica foi proclamada na capital do mundo catolico. Comunicaram ao papa que o seu dominio temporal deixava de existir. Os cardaes tiveram de separar-se. Pio VI, apezar de ter oitenta annos, foi constrangido a tomar o caminho do exilio ; levaram-no, como um prisioneiro, em Pisa, em Florença, e depois em Valença no Delphinado onde faleceu (1799) tendo recebido na sua passagem as homenagens e as ovações entusiastas do povo fiel. — A impiedade afagou sem duvida a perspectiva de ver perdida a Igreja, aniquilada a Religião. O sagrado colegio estava longe de Roma e os seus membros dispersados ; a christandade não tinha mais chefe nem metropole. Ali estava a Providencia. Os exercitos coligados da Austria e da Russia arrancavam a Italia das garras da revolução. Trinta e quatro cardaes conseguiram reunir-se em conclave em Veneza, e a 14 de maio de 1800, o cardeal Chiaramonte estava eleito papa sob o nome de Pio VII. Alguns mezes mais tarde entrava triumphante em Roma, e principes catolicos, amparados pelas armas da Inglaterra heretica, da scismatica Russia e dos Turcos infieis, restituiam-lhe seus Estados. A este grande pontifice cabia a pesada e ardua tarefa de reconciliar a Igreja com a sociedade nova, oriunda da revolução.

ARTIGO II

Periodo napoleonico.

(1800-1815).

Papa

Pio VII (1800-1823).

I. A Concordata. — II. Os artigos organicos. — III. Restabelecimento do culto catolico na França : a Pequena Igreja. — IV. — Napoleão perseguidor : varios atentados contra os direitos da Igreja. — V. Lições da Providencia.

I. *A Concordata.* — De volta da sua expedição do Egypto, Napoleão Bonaparte, membro do Directorio, via augmentar sua fortuna e seu poder. Filho da revolução, esta lhe tinha alimentado o espirito com suas ideias ; elle, entretanto, pretendia senhoreal-a e domal-a. O golpe de Estado do 18 de brumario, 9 de novembro de 1799, derrubou o Directorio : Napoleão se fez nomear *consul* com dois colegas seus, depois por dez annos e finalmente para a vida. Para arrancar sua nação do baratro e reparar os males incalculaveis que tinha sofrido, Bonaparte entendia que precisava assentar a ordem social numa base e que esta base só podia ser a Religião ; procurou restabelecer a religião catolica, e entabolou para isso negociações com a côrte de Roma. Pio VII mandou na França seu secretario de Estado, o cardeal Consalvi, incumbido de tratar com o consul. Removidos todos os obices, foi assignada a *Concordata* entre a Santa Sé e a França a 16 de julho de 1801, sendo confirmada pelo papa e promulgada a 8 de abril de 1802.

Este acto solene, firmado pelas duas potencias, encerrava importantes concessões feitas pela Igreja em gratidão pelo beneficio da paz religiosa. Aqui seguem os principaes artigos :

« A Religião catolica, apostolica, romana gozará de livre exercicio na França. — A Santa Sé, de acordo com o governo fará uma nova divisão das dioceses. — Sua Santidade participará aos titulares dos antigos bispados que espera delles com toda a confiança, a bem da paz e da unidade todos os sacrificios, e mesmo a resignação da sua séde. Em caso de recusa, nomear-se-ão novos titulares para a nova divisão. — O primeiro consul proverá aos bispados vagos, sendo a instituição canonica conferida pela Santa Sé. — Os bispos escolherão os parocos entre pessôas acceitas pelo governo. — Sua Santidade, a bem da paz e pará o feliz restabelecimento da Religião catolica, declara que nem ella,nem os seus sucessores perturbarão jamais, de maneira alguma, aquelles que tiverem adquirido bens alienados e que portanto, a propriedade destes mesmos bens, os direitos e rendimentos a elles ligados, permanecerão na posse dos actuaes proprietarios. — O governo, do seu lado, compromete-se a pagar uma quantia conveniente aos bispos e aos padres. — Sua Santidade concede ao consul os mesmos direitos e prerogativas de que gozava junto de Roma o antigo governo. »

Essa concordata de 1802, muitas vezes serviu de modelo aos tratados analogos entre a Santa Sé e as potencias catolicas no decorrer do seculo XIX.

II. *Os artigos organicos.* — Rezava o artigo 1º da Concordata que o culto, na França seria « livre e publico, devendo comtudo conformar-se com os regulamentos de policia julgados oportunos para a tranquilidade ». Os taes regulamentos não demoraram em chegar ; vieram á luz no mesmo momento que a Concordata, com o titulo de *artigos organicos :* obra de Napoleão, elles procuram, no seu fim e no seu teor, a subordinação da Igreja ao Estado, e nunca se tinha falado nelles nas negociações preliminares.

Estes artigos, elaborados sem participação alguma de Consalvi ou do papa, anulam a essencia da Concordata; é impossivel aceital-os. Por exemplo, segundo os *artigos organicos*, qualquer acto de Roma, bula, decreto, é aceito e pode ser publicado somente com o previo beneplacito do Estado; nenhum decreto de concilio pode ser publicado, nenhum concilio reunir-se sem a mesma licença; os bispos, no caso de *abuso*, respondem perante o conselho de estado. Ora todas essas providencias vêm aluir a liberdade da Igreja. Ainda mais : os professores dos seminarios terão de assignar os quatro artigos de 1682, e tomar o compromisso de ensinal-os; entretanto a tal doutrina da declaração tinha sido censurada pela Igreja.

Ha portanto uma diferença essencial entre a *Concordata* e *os artigos organicos* : a Concordata é um tratado normal, legitimo, com o consentimento de ambas as partes, e logo, valido e obrigatorio; os artigos organicos são o trabalho sorrateiro de Napoleão, prejudicando os direitos e a perfeita independencia da Igreja. Pio VII desde o anno de 1803, não deixou de protestar contra o abuso; muitas vezes renovou a sua desaprovação e finalmente, na Concordata de 1817, mandou encerrar esta clausula : « Os artigos organicos insertos sem a Sua Santidade o saber e publicados sem o seu consentimento, são revogados em tudo quanto contêm que seja oposto á doutrina e ás leis da Igreja ». Apezar disso, os *artigos organicos* ficaram sendo uma arma perfida nas mãos de Napoleão e dos governos que lhe sucederam : estes não deixaram de apoiar-se nelles para disfarçar ou escudar suas tentativas contra a Igreja e seus ministros.

III. *Restabelecimento do culto catolico na França : a pequena Igreja.*— Para alcançar a execução da Concordata, e o restabelecimento do culto, importava antes de tudo, dar ás dioceses pastores legitimos. Junto com

a bula pontifical *Ecclesia Dei* (15 de agosto de 1801), um breve era dirigido aos titulares dos cento trinta e cinco trônos episcopaes então existentes e pedia-lhes que mandassem, a bem da paz e da unidade da Igreja, a sua demissão e renunciassem ás suas sédes, sinão o papa estaria obrigado a tratal-os como filhos desobedientes. Trinta e seis bispos negaram-se terminantemente a obedecer. Pio VII, usando a plenitude do seu poder, não fez caso, suprimiu todas as antigas Igrejas episcopaes, criando, em lugar dellas, sessenta novas sédes com dez metropoles.

Era necessario nomear titulares : a pedido do primeiro consul, o papa consentiu em receber doze antigos bispos constitucionaes, mediante retratação por elles assignada. Os bispos novamente promovidos tiveram, por sua vez, de prover á vacancia das parochias, sendo alguns escolhidos entre os padres constitucionaes arrependidos e submissos. — O cardeal Caprara tinha sido mandado na França com o titulo de legado, para presidir a esta reconstituição dificilima. Um indulto apostolico reduzia a quatro o numero das festas obrigatorias para aquella nação e os paizes dependentes della. O legado publicou a grande indulgencia do jubileu, e as portas da patria se abriram para os exilados, sacerdotes e proscritos : já varias congregações renasciam das suas ruinas. Depois de dez annos de perseguições, os templos abriram-se para o culto catolico com grande jubilo do povo que não abandonára sua religião. No dia da Pascoa de 1802, a 18 de abril, o primeiro consul, escoltado pelos corpos do Estado, foi á catedral de Notre Dame assistir a um *Te Deum* de ações de graças, sob a presidencia do cardeal-legado : o catolicismo, com sua fé e suas alegrias puras e santas, ressuscitava num solo purificado pelo sangue dos martyres.

Entretanto alguns bispos dentre os insubmissos, e varios padres com elles, queixaram-se amargamente

contra a Concordata, pretextando que nunca a Santa Sé tinha empregado tão excessiva autoridade. Formaram uma especie de seita ou scisma *anticoncordatario*, que se chamou a *Pequena Igreja*. A submissão successiva da maior parte dos dissidentes tirou á seita todo o prestigio, e ella desappareceu ha pouco na diocese de Poitiers.

IV. *Napoleão perseguidor : varios atentados contra os direitos da Igreja.* — O genio brilhante que tinha restituido á Religião catolica seus templos e seus altares, tinha voado para novos triumphos e o povo, embriagado com as suas victorias, tinha-lhe outorgado um poder absoluto. Em 1804, tomou o titulo de imperador e quiz restabelecer em seu proveito o vasto imperio do Occidente fundado por Carlos Magno ; por isso, fez pronunciar a hereditariedade na sua familia e desejou que o papa o ungisse. Pio VII, anuindo ao convite, foi a Paris e consagrou o imperador em meio de todos os esplendores, homenageado por toda a parte com manifestações de fé, de respeito e fidelidade. Porém, ao deixar a França, o soberano pontifice já podia adivinhar as proximas tempestades.

1º *Symptomas assustadores.* — Napoleão não era apenas um guerreiro, um conquistador : administrador genial, elle lançava as bases de novas e poderosas instituições ; porém, consultava antes a sua ambição do que o respeito devido á Igreja e ás suas leis. O Codigo Napoleão encerrava, por exemplo, algumas disposições contrarias á moral christã, particularmente a lei do divorcio, a separação do matrimonio civil e do matrimonio religioso. Criando a Universidade imperial, á qual todavia elle dava como assento imprescindivel a Religião, o imperador desprezava os direitos e os serviços das antigas universidades e supprimia as Congregações de ensino. Era o exordio de atentados mais culpados.

2º *Guerra ao papado.* — Senhor da Europa, Napoleão estava melindrado por vêr acima delle um poder maior, a Igreja, uma dominação que sombreava a sua gloria : a do papa. Avassalar a Igreja, ter o papa em Paris, ás suas ordens, tal era o sonho que afagava. Pio VII, pae de todos os fieis, não pôde associar-se ao bloqueio continental. A mandado do imperador, Roma foi invadida, os cardeaes expulsos ; os Estados romanos entraram a fazer parte do territorio francez. Era a 10 de junho de 1809 : no dia seguinte, lia-se, nos muros da cidade, a bula que excomungava os autores, fautores e executores das injustiças cometidas contra a Santa Sé. Napoleão aparou o golpe: « No que estará pensando o papa? exclamou elle. Acaso acreditará que a sua excomunhão ha de fazer cair as armas das mãos dos meus soldados? » Depois mandou arrancar Pio VII do seu palacio, e em meio das populações de luto, uma escolta o levou em Savona, onde passou tres annos sem comunicação alguma com os cardeaes e a Igreja.

No mesmo tempo, o imperador enviava todos os cardeaes para Paris, e nomeava uma comissão que teria de substituir o papa e prover á instituição canonica dos bispos promovidos. Faziam parte della os cardeaes Fesch, tio do imperador, e Maury, arcebispo de Paris, varios bispos e o abade Emery, superior de São Sulpicio. Este digno ecclesiastico foi o unico que teve a coragem de dizer a Napoleão, citando-lhe o *Catecismo do imperio* e o parecer de Bossuet, que não era possivel viver sem o papa.

3º *Divorcio e matrimonio.* — A questão do matrimonio de Napoleão veiu ainda emmaranhar a situação. Na vespera da sua consagração, o imperador tinha desposado, perante o cardeal Fesch e duas testemunhas, Josephina da Pageria, viuva de Beauharnais. Movido pelo desejo de ter um herdeiro, quiz fazer anular esta união para casar com Maria Luisa,

filha do imperador da Austria. Baseavam-se na ausencia de testemunhas para invalidar o matrimonio : deviam recorrer ao papa. A comissão de cortezãos declarou que isto era impossivel, pronunciou a nulidade e o cardeal Fesch uniu o imperador com Maria Luisa. Os cardeaes presentes em Paris, em numero de treze, que tinham recusado comparecer na ceremonia, foram disgraciados e privados da sua batina vermelha : chamaram-nos *cardeaes pretos*. A 28 de março o herdeiro do imperador recebia ao nascer o titulo de *rei de Roma*.

4º *Concilio de Paris*. — Não tivera solução ainda a pendencia da instituição dos bispos : Napoleão hesitava para meter-se em novo scisma. Julgou que um concilio nacional o auxiliaria muito e convocou-o. Reuniu-se em Paris, a 17 de junho de 1811, sob a presidencia do cardeal Fesch. Havia seis outros cardeaes, nove arcebispos, oitenta bispos, e nove eclesiasticos nomeados para bispados. Essa assembleia respeitavel não queria dobrar-se aos caprichos do tyrano. Este, descontente, dissolveu o concilio, mandou aprisionar os bispos mais energicos na resistencia, e enviou os outros oponentes nas suas respectivas dioceses. Ordenou depois que o concilio proseguisse e alcançou delle um projecto em seis artigos. Dizia que si o papa não concedesse a instituição canonica aos recem-eleitos nos seis mezes imediatos á nomeação pelo imperador, essa instituição seria feita pelo metropolitano, ou, na falta delle, pelo mais antigo bispo da provincia, ao qual caberia igualmente a instituição do metropolitano. Era preciso alcançar do papa a sanção deste decreto. Uma comissão foi mandada para Savona e Pio VII consentiu em confirmar a decisão supra.

5º *Ultimos ultrajes*. — Mas isto não bastava ao imperador : queria a abdicação do papa e, para conseguil-a, ordenou que o trouxessem secretamente de Savona para Fontainebleau (1812). A poder de ins-

tancias e ameaças, Napoleão extorquiu do papa uma convenção que serviria de base a uma nova Concordata. Esse projecto incluia o abandono da soberania de Roma e a residencia do papa quer em Paris, quer em outra cidade onde aprouvesse ao imperador, que lhe concedia um ordenado de dois milhões de francos. Influenciado traiçoeiramente, e alquebrado pela dôr, elle assignou. Logo manifestou seu pezar. Mas Napoleão já divulgava em pleno senado o acordo que era provisorio e devia permanecer secreto. Foi então que Pio VII numa carta escrita inteira com o proprio punho retratou nobremente a firma que tinha dado por temor e por fraqueza. O imperador ficou com a carta do pontifice e não deixou de promulgar como lei do imperio o que elle denominava a *Concordata de Fontainebleau.*

V. *As lições da Providencia.* — Soára a hora da Providencia. Mal estava cumprida a obra scismatica de Napoleão que a expedição da Russia e a derrota de Moscou vinham mostrar o resultado da excomunhão do papa. « As armas cairam das mãos dos soldados francezes », e destes 450.000 homens que formavam o famoso exercito, alguns destroços apenas puderam regressar a seus lares (1812). Agora, Napoleão tinha de defender o solo da sua patria contra a invasão estrangeira e para tratar deste negocio mais urgente, deu a liberdade ao papa. A 24 de maio de 1814, o sumo pontifice era recebido entre ovações e aplausos, na cidade eterna. Entretanto, a França continuava a sofrer o merecido castigo. O genio de Napoleão embaciava-se sob o olhar jubiloso da Europa. Apezar dos seus heroicos esforços na campanha de França, o imperador teve de assignar em Fontainebleau mesmo a propria abdicação e aceitar, com a soberania da ilha de Elba, essa pensão de dois milhões que elle, um dia, tinha oferecido ao pontifice. Depois da façanha

dos *Cem dias*, e do desastre de Waterloo (1815), Napoleão tomou o rumo de Santa Helena onde morreu, catolico e arrependido (1821). O congresso de Vienna, em 1815, restabeleceu o papa nos seus dominios e sua independencia foi colocada sob o protectorado das grandes potencias da Europa.

ARTIGO III

A Igreja em face do erros modernos oriundos da Revolução.

(1815-1848).

Papas.	*Papas.*
Pio VII (1800-1823).	Pio VIII (1829-1831).
Leão XII (1823-1829).	Gregorio XIV (1831-1846).

I. A continuação do espirito revolucionario. — II. Erros especulativos : 1° o racionalismo allemão ; 2° o racionalismo francez 3° o positivismo ; 4° o liberalismo : Lamennais, o padre Bautain. — III. Erros praticos : 1° as falsas Igrejas ; 2° a maçonaria ; 3° o socialismo. — IV. Espirito geral de hostilidade e de perseguição nos Estados europeus.

I. *A continuação do espirito revolucionario.* — Passára o tufão da revolução violenta, deixando um sulco rubro e destroços sem conta na França primeiro onde esboroára todas as instituições sociaes e derramára rios de sangue ; na Europa depois onde tinha semeado os seus principios ; germinando estes, o vendaval tinha-se desencadeado. O trovejar retumbante das batalhas do periodo napoleoniano pôde dar um instante a ilusão de ter, o medonho reboar dos canhões e da guerra, abafado a corrente das ideias; nada disso : a revolução assentou campo. Instilou-se nos costumes, engastou-se nas leis, arraigou-se nas massas e até hoje assistimos ao espectaculo deste monstro ora com esta, ora com aquella mascara, sempre labutando para conseguir o seu detestavel escopo : a destruição da fé e o transtorno da sociedade.

Comoções violentas ou mau estar latente, imperio tyranico ou republica opressora, tudo obedece a esta mola oculta, a maçonaria, que maneja sempre a mesma alavanca, a revolução. Reis e povos andam como que ebrios com a peçonha dos seus falsos principios. Esse espirito de revolta entretanto invadiu mais especialmente as inteligencias : veremos a Igreja do seculo XIX a braços com os diversos erros, filhos deste espirito, veremos esta luta corpo a corpo que dura desde tantos annos, enas bellas e imaculadas victorias que ganhou o catolicismo, saudaremos a aurora do triumpho supremo.

Taes erros repartem-se em duas categorias : uns, puramente *especulativos*, semeiam a desordem nas ideias, os outros, *praticos*, derrubam as instituições e as sociedades humanas e procuram substituir o reino da verdade e do bem pelo reino do mal e da mentira.

Dentre os erros especulativos, divisamos, nos philosophos, o *racionalismo* alemão e francez e o *positivismo*, sua consequencia logica ; entre os proprios catolicos, surgiu o *liberalismo*. Da teoria para a execução, o passo tem sido facil : a *maçonaria*, potencia hypocrita, nefanda, activa, mãe da revolução, não largou as redeas do seculo que tinha gerado no crime e no sangue ; o *socialismo*, por sua vez, ergue a cabeça e paira sobre a Europa como uma ameaça perene e assustadora. E' neste duplo terreno das ideias e dos actos que, dora em diante, se ha de travar a luta. Leão XII e Gregorio XVI hão de resistir aos primeiros ataques ; Pio IX e Leão XIII, no mais renhido da peleja, terão de arcar com o gigante e trazel-o vencido aos pés da Igreja : este inimigo no seculo XIX tem o nome de *racionalismo*.

II. *Erros especulativos*. — Originam-se no philosophismo revolucionario, como o proprio philosophismo tinha nascido da reforma e do livre exame. Si o

homem fôr apto a crear uma religião, porque não podia tambem crear uma philosophia com o auxilio da sua razão? Misera razão, porém, como é fraca, titubeante, em contradição comsigo mesma ?! Quem quizer se convencer desta verdade lance um olhar no unico rol dos systemas innumeros que brotaram nesse ultimo seculo.

1º *O racionalismo alemão.* — A philosophia materialista tinha negado a existencia da alma e do mundo invisivel. *Emmanuel Kant*, nascido na Prussia em 1724 passou além : chegou a negar a certidão do mundo material e visivel. Para elle, tudo é apenas subjectivo ; o objecto, quasi que não é nada ; a religião, como tudo o mais, nas passa de *mytho* ou *ideal.* Com este principio, a conclusão obrigada e rapida é o scepticismo. Outro Alemão, *Fichte*, falecido em 1814, em Berlim, reitor da universidade, levou mais longe a doutrina de Kant. « O *eu*, fala elle, é a unica cousa real e existente ; todos os phenomenos que percebemos, o universo e tudo quanto nos rodeia, isto tudo é uma fição, uma imaginação á qual nós unicamente damos a realidade ; o mundo é uma forma da nossa actividade propria. » — Mas porque não se atacaria tambem este mesmo *eu? Schelling*, nascido em 1775, desmoronou mais esta fortaleza ; acabou rejeitando por igual o *sujeito* e o *objecto*, até que confundiu tudo numa existencia unica, imutavel, eterna. — Com *Hegel* (1770-1831), tudo se torna escuridão, mistura, caos. Admite a *identidade* de todos os seres, Deus e mundo, inteligencia e materia ; a identidade dos contrarios, erro e verdade, bem e mal ; tudo se perde no ideal, ou, no dizer delle, no *werden* (tornar-se, vir a ser) e este *werden* não é mais nem menos que a humanidade. Com taes guias e tal rumo, o espirito humano despenhava-se forçosamente num destes dois abysmos : no *nada*, negação de tudo, ou no *panteismo* antigo, que deturpava a idéa divina encerrando tudo

nella, ou ainda num panteismo novo que comprehende Deus no *eu humano*, unica divindade do presente e do porvir. E' esta a primeira phase do *racionalismo*, ou, por outra, do *scepticismo* alemão.

O *hermesianismo* seria a sua segunda phase. Nascido em Munster, elevado ao sacerdocio e consagrado ao ensino, Hermes morreu em 1831. Não atingiu os extremos dos philosophos citados acima, Seu systema consiste em reconstruir todo o edificio dos conhecimentos humanos e particularmente o corpo do Christianismo inteiro com as unicas deducções da razão pura. Hermes cuidava que este seu metodo havia de encaminhar os espiritos para a fé catolica ; o facto é que elle dá em toda a sorte de erros contra os dogmas revelados e contra as crenças tradicionaes. A Alemanha toda achou-se infestada de *hermesianismo*, universidades e seminarios, clerigos e leigos. Gregorio XVI comoveu-se com a ousadia do novel apologista e pelo breve *Ad augendas*, condenou, em 1835, suas obras e suas doutrinas. Pio IX, em 1847, renovou essa condenação.

Do racionalismo alemão saiu outro erro não menos nocivo. Abalada a certidão philosophica, o doutor Strauss impugnou a *certidão historica* dos livros santos. Em 1835, publicava uma *Vida de Jesus* na qual o systema dos *mythos* vem arvorado em principio. Para elle, Jesus Christo é um *mytho*, isto é, um ente imaginario, e o Evangelho, um conjunto de *mythos*, isto é, de narrações lendarias e de factos rendilhados pelo estro dos poetas, pelo entusiasmo dos povos, até se tornarem os *milagres*. E' neste livro que Renan bebeu o seu metodo ; é ali que tomou o systema de interpretação vulgarisado na nova *Vida de Jesus* condenada pelo *Indice* em 1864.

2º *O racionalismo francez.* — Os systemas philosophicos da Alemanha estavam cercados de muitas nuvens para que podessem agradar aos espiritos la-

tinos. Era preciso, quando menos, projectar nelles alguma luz : isto quiz fazer *Cousin*, (1792-1867) fundador da escola *eclectica*, que propalou uma forma mitigada do *racionalismo*. O systema deste philosopho é um panteismo abstracto no qual « Deus é, a um tempo, Deus, natureza, humanidade ». O autor fica vago e embrulhado na sua doutrina sobre a imortalidade da alma; nega a revelação no sentido catolico e crê apenas nos dictames da razão humana : logo, não mais mysterios, não mais prophecias, não mais milagres. Cousin desfigura os mysterios da fé reduzindo-os a verdades racionaes ; elle pensa que a razão ha de expelir a fé e que a philosophia substituirá todas as religiões ; elle rejeita em particular a Trindade, a Incarnação, a Redempção e a graça. Seu metodo é o do exame privado ; para elle, é a razão que deve ser proclamada infalivel e não a Igreja. São essas doutrinas falsas, denominadas *eclectismo*, que têm alimentado e transviado, por meio seculo, a mocidade das escolas superiores ; os propagandistas foram Theodoro *Jouffroy* (1796-1842), *Damiron* (1794-1862), e os lentes das universidades ; por toda a parte espalharam o scepticismo, o desanimo, e a impotencia. O *Indice* condenou, em 1845, o *Curso da historia da philosophia* de Cousin. A maior parte dos seus erros, anatematisados pelo concilio do Vaticano, (1870) hoje são heresias.

3º *O positivismo.* — Assignalamos no fim do seculo XVIII o *materialismo* grosseiro de Holbach e de Helvecio. Este systema, transformado em doutrina, tem sido professado por *Cabanis*, *Broussais*, *de Tracy*. Para essa escola, nossas ideias são simplesmente um producto do cerebro ; a moral é uma convenção sem alicerces mais solidos ; o bem e o mal, palavras ôcas, sem realidade. Ora as teorias materialistas e o uso, por demais exclusivo do *metodo experimental* aplicado ás sciencias physicas e naturaes, geraram o *positivismo*.

Dá-se tal nome ao systema philosophico que consiste em aceitar como verdade somente o que fica no dominio da experiencia scientifica. Inaugurado por *Augusto Comte* (1798-1857) endossado e difundido em nome da razão e da sciencia por Littré, Taine, Renan, Sainte-Beuve, apresentou-se como sendo a expressão rigorosa da verdade contemporanea, como o gráu mais elevado do progresso intelectual e social, como o dogma definitivo do futuro. O *positivismo* não é unicamente a negação do invisivel e do intangivel, é tambem a negação da alma, e portanto, do mundo espiritual e moral : vem a dar no *ateismo* e no *materialismo*. Introduzidas nas escolas sob o nome de progressos da sciencia, as doutrinas positivistas estão reprovadas pelo *Syllabus* e pelo concilio do Vaticano.

4º O *liberalismo*. — Já não pertence ao rol dos desvarios grosseiros e manifestos nascidos fóra da Igreja : é no mesmo seio do catolicismo que se originou. Seu fim não era rebelar-se contra a fé, mas encaminhar um congraçamento entre a fé e razão, a Igreja e a sociedade moderna : todavia o *liberalismo* era irmão gemeo do *racionalismo* ; era uma aplicação dos seus falsos principios, um galho da arvore da revolução. Desde 1820, desponta esta tendencia ; em 1830 está no apogeu ; desde 1848 não deslumbra mais os espiritos até que apareça outra vez no principio do nosso seculo sob o nome de *modernismo*. Condenado pelos sumos pontifices Gregorio XVI (Encyclica *Mirari*, 1832) e Pio IX (Encyclica *Quanto cura* e *Syllabus*, 1864), moderou suas teorias conservando germens sempre daninhos : *semi-liberalismo* varias vezes reprovado, mesmo com o titulo de *catolicismo liberal*.

O principal instigador do liberalismo foi um sacerdote da Bretanha, o padre *de Lamennais* (1782-1854). Genio pujante, alma entusiasta porém orgulhosa, descortinou claramente os extravios que a audacia da razão individual acarretaria na Europa. Para levan-

tar um dique, quiz dar a esta razão um *criterio* de certidão : pensou acertar escolhendo o *consenso universal* ou a *razão geral.* Era o menoscabo excessivo da razão individual e a creação de uma infalibilidade philosophica em frente da infalibilidade dogmatica da Igreja. Este erro o arrastou em outro : o *liberalismo* propriamente dito, systema que exagera a liberdade em prejuizo da verdade, a liberdade humana em prejuizo da autoridade divina, a autoridade do povo em prejuizo da autoridade do governo. Além disso, elle apregoava altamente, em tempo inoportuno, a liberdade da consciencia, a liberdade dos cultos, a da palavra e da imprensa, a das reuniões e associações. Com taes principios, resulta em religião uma tolerancia igual para o erro e a verdade, e na pratica o aniquilamento do reino de Christo e da sua Igreja no seio dos povos e nas instituições, a pretexto de estabelecer liberdades publicas. O *Avenir*, jornal em que Lamennais expandia suas ideias, foi censurado por varios bispos: Roma condenou suas doutrinas (1832). Dois de seus discipulos fervorosos, Lacordaire e de Montalembert, tiveram o senso de separar-se do mestre. Ferido no seu orgulho, o fogoso escritor perdeu toda a compostura ; desforrou-se nas *Palavras de um crente*, obra que lhe valeu nova condenação. Lamennais morreu obstinado (1854).

Reagindo como Lammenais contra o *racionalismo*, o padre *Bautain*, professor em Strasburgo, deu em outro escolho : nos seus livros e no seu ensino, recusava á razão o poder de alcançar a certidão de nenhuma verdade ; era rebaixar demais esta faculdade, deturpada embora pelo pecado. O bispo de Strasburgo pronunciou contra este erro uma primeira sentença ratificada por Gregorio XVI em 1834. O padre Bautain conformou-se nobremente com esta decisão.

III. *Erros praticos.* — E' dificil que as inteligencias andem extraviadas sem que nos actos resultem funestas consequencias, ou quando, menos, tentativas perigosas. O seculo XIX prova mais uma vez esta lei : Depois da *Igreja constitucional* e da *Pequena Igreja* temos :

1º *As falsas Igrejas.* — Um sacerdote francez, o padre Châtel, nascido no Allier para o fim do seculo XVIII, procurou estear no governo a sua nova religião : queria que se desse tudo a Cesar e nada a Deus. Negava a infalibilidade, fazia dimanar do povo qualquer poder espiritual e temporal e achava bom que cada um se architectasse a propria crença. Engeitava a instituição divina da confissão, celebrava a missa em lingua vulgar e não reconhecia o celibato ecclesiastico. Sua *Igreja catolica franceza* não teve grande exito. Châtel foi preso em 1842 ; revolucionario em 1848, terminou sua carreira na miseria. O padre Auzou, sacerdote de Versailles, tinha-se tornado discipulo delle. Quiz tambem inovar por sua vez e fundar a *Igreja catolica reformada* que não medrou muito melhor. Este, pelo menos, arrependeu-se. Miguel *Vintras* simples operario deu-se como reformador. O visionario anunciava que, depois do reino do Padre ou do temor, do reino do Filho ou da harmonia, da concordia, elle trazia o reino do Espirito Santo ou do amor. Elle logrou alguma gente no oeste da França, até sêr preso pela policia, em 1841, por gatunagem e isto foi o fim da sua missão.

2º *A maçonaria.* — Vimos seu começo. Para o fim do seculo XVIII, tinha herdado toda a audacia e toda a influencia dos *Iluminados*, sociedade maçonica fundada na Allemanha por *Weishaupt* (1748-1822) e espalhada pela Europa inteira. Estimulada pelas ruinas que amontôou com a revolução, a maçonaria pretende agora reger os governos, dirigir os povos ; é ella que organisa os ministerios, preside ás

eleições, e impera nas Camaras : a imprensa está, ás suas ordens, os trônos desabam a um aceno seu.

Luiz XVIII, Carlos X, Luiz Philippe foram victimas della. A revolução franceza de 1848 é sua obra. E' natural portanto que a Igreja, guarda solicita da ordem social como da verdade catolica, tenha tantas vezes soltado o grito de alarma contra a inimiga irreconciliavel. Pio VII, na sua constituição *Ecclesiam* (1821), condenou seus juramentos, sua impiedade, seus crimes ; Leão XII, na sua bula *Quo graviora* (1826), renovou todas as condenações anteriores ; Pio VIII, no seu curto pontificado, publicou a encyclica *Traditi* e mostrou-se justamente severo para com as sociedades ocultas (1829) ; Gregorio XVI, na sua encyclica *Mirari* (1832), que ataca erros modernos, a condena ainda, e a faz responsavel por todos os flagelos que assolam a sociedade contemporanea. Pio IX e Leão XIII continuaram a desmascaral-a.

3º *O socialismo.* — Emquanto a maçonaria investia contra a autoridade civil e religiosa, outra utopia, filha do philosophismo do seculo XVIII cogitava em reconstituir a sociedade sobre bases diferentes, condições novas, adequadas ao ideal de João Jacques Rousseau. O conde de *São Simão* foi o primeiro que fez a experiencia (1760-1825). Seu plano social era pôr tudo em comum e dividir os rendimentos. *Comte*, um seu partidario, encarregou-se do lado material ; *Infantino* e *Bazard* regularam a parte religiosa. Os dogmas da Igreja são simoniana eram a negação do pecado original, a deificação da volupia e a veneração da memoria de São Simão. A seita se estabeleceu em 1832 em Menilmontant ; a policia comoveu-se e separou os membros. Entretanto estava assente o principio do *comunismo : Fourrier* (1768-1837) o aplicou ao *phalansterio*, reunião mais ou menos numerosa compondo a familia nova. A Inglaterra teve tambem com

Owen (1771-1858) seu reformador da sociedade. Todavia, isto tudo não passava de abortos ridiculos. Outro inimigo mais importante, mais temivel havia de nascer do *comunismo* : é o *socialismo* moderno. Luthero incitando os povos á revolta contra a autoridade, e ao saque dos bens da Igreja, tinha lançado a semente ; o philosophismo, aluindo a fé e o respeito, tinha preparado o terreno ; a revolução ultimou a obra atiçando todas as cobiças. Era de esperar o grito de *Proudhon* (1809-1864) : « Deus, é o mal ! A propriedade, é o roubo ! » Agora, só restava pôr a teoria em pratica. *Luiz Cabet* (1788-1856) deu as regras do *socialismo ; Luiz Blanc* (1811-1882) procurou realisar na França, em 1848, a grande utopia. Malograram desastradamente nas *oficinas nacionaes ;* mas desde aquella época, amadureceram as ideias, organisou-se a resistencia, as exigencias multiplicaram-se e o mais perigoso inimigo da sociedade hodierna é sem duvida o *socialismo.*

IV. *Espirito geral de hostilidade e de perseguição nos Estados europeus.* — Tantas teorias falsas e envenenadas a que aludimos, deram como resultado, na primeira metade do seculo XIX, uma vasta conspiração dos governos contra a Religião e contra a Igreja ; mencionaremos apenas alguns factos.

1º *Na França.* — Luiz XVIII, educado nas ideias philosophicas, não tinha bastante autoridade para combater o erro, amordaçar a maçonaria, e tolher o passo ao *partido liberal*, isto é, á revolução, sempre a avultar. Com Carlos X, cujas intenções eram muito bôas, os ataques alvejavam especialmente os Jesuitas restabelecidos sob o governo anterior. A revolução de 1830 é hostil á Igreja : o clero, por toda a parte, é objeto de motejo, é apoquentado, molestado ; em Paris, o povo saqueia a igreja São Germano e o arcebispado. Com Luiz Philippe, é o reinado de um liberalismo into-

lerante ; a maçonaria e o são simonismo monopolisam a liberdade.

2º *Na Italia*, prepara-se igualmente o triumpho da maçonaria. Só se conversa em regeneração, mas uma regeneração que deve ser levada a efeito pelo povo : a *joven Italia* agita-se. Em Roma e nos mesmos Estados pontificaes, os jornaes tanto falaram no governo retrograda dos papas, que se desejam mudanças revolucionarias.

3º A *Espanha* catolica deixou-se arrebatar suas ordens religiosas : ella cae, com Fernando VII, sob o jugo do liberalismo voltairiano. O reinado de Isabel (1834) é caracterisado por revoltas, saque de conventos, matança dos jesuitas, venda dos bens religiosas, perseguição contra o clero secular. No ministerio de Espartero, as relações com Roma são cortadas e o scisma ia surgir; mas, em 1844, a chegada de Isabel II ao poder trouxe a paz.

4º *Portugal* sofre tambem a invasão da revolução. O povo, na verdade, permanece fiel á sua fé ; mas a maçonaria domina na altas espheras ; nos annos de 1833 e 1834, os conventos são arrombados, os religiosos expulsos, os colegios e hospicios dos regulares, supressos.

5º *A Inglaterra* faz excepção ; ali vê-se um movimento favoravel ao catolicismo : o anglicanismo, como que envergonhado de si proprio, experimenta a necessidade de transformar-se. O doutor *Pusey*, e, com elle, as universidades de Oxford e de Edimburgo aproximam-se da Igreja romana. Mas a Irlanda, a despeito do prestigio e da dedicação de *O' Connell*, ainda soffre a tortura e a tyrania.

6º Nos *Paizes-Baixos*, Estado novo, reconhecido em 1815, os erros josephistas prevalecem ; as funções publicas estão nas mãos dos inimigos da Igreja, o clero secular sofre a perseguição ; vê-se o venerando bispo de Gand, Mnr de Broglie, arrastado diante dos tribu-

naes, os alunos dos seminarios atirados aos quarteis; as ordens religiosas são dissolvidas e perdem seus noviciados. O anno de 1825 especialmente foi assignalado por vexames sem conta que levaram a Belgica a sacudir o jugo dos Paizes Baixos, em 1830.

7º A *Prussia*, dividida entre o catolicismo e o protestantismo, viu sugir, em 1825, a questão dos *casamentos mixtos*. Um decreto do governo ordenava que os filhos de um casal *mixto* seguissem a religião do pae. Esta solução não era a de Pio VII e da Igreja, que entendiam melhor salvaguardar os interesses catolicos, autorisando a presença passiva do sacerdote catolico a estes matrimonios. Apezar dos protestos do clero, Guilherme III quiz que vigorasse a sua decisão. Dali resultou uma luta infeliz, da qual muito sofreu o clero fiel, até que Guilherme IV, em 1840, entrou no caminho da paz e da concordia com Roma.

8º A *Austria*, privilegiada, auferia um socego excepcional e muito prezado, graças a seus soberanos catolicos.

9º A *Suissa*, entregue á influencia prussiana, apresenta, pelo contrario, o espectaculo da mais teimosa tyrania contra o clero e os catolicos. Em 1834, os quatorze artigos da *Conferencia de Bade*, procuram estabelecer uma Igreja nacional separada de Roma; fundam seminarios de Estado, suprimem conventos, etc. Depois das molestações mesquinhas, veiu a prisão e a guerra. Os cantões catolicos pegaram em armas: foi o *Sonderbund* ou aliança. A victoria não os favoreceu, e resultou apenas um acrescimo de sofrimentos para as populações catolicas.

10º Emfim a *Russia* scismatica continua oprimindo as consciencias. Com seu *Santo Synodo*, assembleia ás suas ordens, o governo persegue os gregos-unidos, e alcança a apostasia dos pastores e do rebanho, depois, volta-se contra a Igreja latina russa e contra a catolica Polonia, levando avante essa perseguição odiosa

que, desde um seculo não deixou de povoar a Siberia de desterrados e martyres, apezar da voz dos pontifices romanos, fazer-se ouvir tantas vezes, voz de um pae aflicto que vê sofrer seus filhos.

ARTIGO IV

O grande pontificado de Pio IX.

(1846-1878).

Papa.

Pio IX (1846-1878).

I. Pio IX e a revolução. — II. O dogma da *Imaculada Conceição* (1854). — III. A Encyclica *Quanta cura* e o *Syllabus* (1864). — IV. O concilio do *Vaticano*, 20° ecumenico (1870). — V. As consequencias do concilio : o *velho catolicismo*.

I. *Pio IX e a revolução.* — O conde *Mastai Ferretti*, proclamado papa a 26 de junho de 1846, sob o nome de *Pio IX*, anunciava-se como o salvador e o pae da Italia ; seus primeiros actos, repassados de clemencia e de bondade confiante, lhe ganhavam todos os corações. A revolução somente explorou seus beneficios para lhe armar ciladas e aparelhar a sua ruina. A maçonaria, que acabava de derrubar na França o trôno de Luiz Philippe, julgou o momento azado para revolucionar tambem a Italia. A insurreição expulsou Pio IX do seu palacio e dos seus Estados ; fugitivo, teve de alcançar o porto de Gaeta. A França estremeceu ; lembrou-se da missão secular que, desde Carlos Magno, a constituia guarda do sumo pontifice e da sua independencia. Pio IX entrou em Roma e foi restabelecido no seu trôno pelas armas francezas : era tempo, pois a Italia estava victimada por orgias sangrentas, saques, matanças e sacrilegios organisados pelos bandos revolucionarios e pela maçonaria. Desde

naes, os alunos dos seminarios atirados aos quarteis; as ordens religiosas são dissolvidas e perdem seus noviciados. O anno de 1825 especialmente foi assignalado por vexames sem conta que levaram a Belgica a sacudir o jugo dos Paizes Baixos, em 1830.

7º A *Prussia*, dividida entre o catolicismo e o protestantismo, viu sugir, em 1825, a questão dos *casamentos mixtos*. Um decreto do governo ordenava que os filhos de um casal *mixto* seguissem a religião do pae. Esta solução não era a de Pio VII e da Igreja, que entendiam melhor salvaguardar os interesses catolicos, autorisando a presença passiva do sacerdote catolico a estes matrimonios. Apezar dos protestos do clero, Guilherme III quiz que vigorasse a sua decisão. Dali resultou uma luta infeliz, da qual muito sofreu o clero fiel, até que Guilherme IV, em 1840, entrou no caminho da paz e da concordia com Roma.

8º A *Austria*, privilegiada, auferia um socego excepcional e muito prezado, graças a seus soberanos catolicos.

9º A *Suissa*, entregue á influencia prussiana, apresenta, pelo contrario, o espectaculo da mais teimosa tyrania contra o clero e os catolicos. Em 1834, os quatorze artigos da *Conferencia de Bade*, procuram estabelecer uma Igreja nacional separada de Roma; fundam seminarios de Estado, suprimem conventos, etc. Depois das molestações mesquinhas, veiu a prisão e a guerra. Os cantões catolicos pegaram em armas: foi o *Sonderbund* ou aliança. A victoria não os favoreceu, e resultou apenas um acrescimo de sofrimentos para as populações catolicas.

10º Emfim a *Russia* scismatica continua oprimindo as consciencias. Com seu *Santo Synodo*, assembleia ás suas ordens, o governo persegue os gregos-unidos, e alcança a apostasia dos pastores e do rebanho, depois, volta-se contra a Igreja latina russa e contra a catolica Polonia, levando avante essa perseguição odiosa

que, desde um seculo não deixou de povoar a Siberia de desterrados e martyres, apezar da voz dos pontifices romanos, fazer-se ouvir tantas vezes, voz de um pae aflicto que vê sofrer seus filhos.

ARTIGO IV

O grande pontificado de Pio IX.

(1846-1878).

Papa.

Pio IX (1846-1878).

I. Pio IX e a revolução. — II. O dogma da *Imaculada Conceição* (1854). — III. A Encyclica *Quanta cura* e o *Syllabus* (1864). — IV. O concilio do *Vaticano*, 20° ecumenico (1870). — V. As consequencias do concilio : o *velho catolicismo*.

I. *Pio IX e a revolução.* — O conde *Mastai Ferretti*, proclamado papa a 26 de junho de 1846, sob o nome de *Pio IX*, anunciava-se como o salvador e o pae da Italia ; seus primeiros actos, repassados de clemencia e de bondade confiante, lhe ganhavam todos os corações. A revolução somente explorou seus beneficios para lhe armar ciladas e aparelhar a sua ruina. A maçonaria, que acabava de derrubar na França o trône de Luiz Philippe, julgou o momento azado para revolucionar tambem a Italia. A insurreição expulsou Pio IX do seu palacio e dos seus Estados ; fugitivo, teve de alcançar o porto de Gaeta. A França estremeceu ; lembrou-se da missão secular que, desde Carlos Magno, a constituia guarda do sumo pontifice e da sua independencia. Pio IX entrou em Roma e foi restabelecido no seu trône pelas armas francezas : era tempo, pois a Italia estava victimada por orgias sangrentas, saques, matanças e sacrilegios organisados pelos bandos revolucionarios e pela maçonaria. Desde

1849 até 1857, o reinado de Pio IX corre socegado e glorioso. Porém, a revolução, que anhelava pela destruição das soberanias, tinha a peito aniquilar o papado e formar com a Italia e depois, com todos os outros Estados, uma democracia universal. O Piemonte tornou-se o executor servil deste desideratum das sociedades secretas. Desde o anno de 1857, aventava a *questão romana ;* no *congresso de Paris*, já se pronunciavam as palavras de *secularisação*, de votos espontaneos das populações.

A *guerra da Italia*, em 1859, foi obra desta politica revolucionaria, e, sem embargo das clausulas do tratado de Zurich, da bula de excomunhão lançada por Pio IX, a 26 de março de 1860, « contra todos os usurpadores dos bens da Igreja, » o Piemonte, com a cumplicidade de Napoleão III, apossou-se da Toscana, dos ducados de Modena e de Parma, e emfim das Romanhas, que faziam parte do dominio da Igreja. A revolução triumphante cubiçava mais o resto dos Estados pontificaes e o reino de Napoles. Cialdini, um bandido a serviço de Victor Emmanuel, lançou um exercito piemontez sobre o territorio do sumo pontifice : a invasão foi detida por alguns mezes pelo general Lamoricière e os *zuavos pontificaes*; mas, para o fim de 1860, Ancona, as Marchas e a Ombria foram perdidas para a Santa Sé.

A *convenção do* 15 *de setembro de* 1864, firmada pela França e a Italia, dizia que o Piemonte respeitaria, quando menos, o que ainda sobrava do dominio pontifical. Mas a França teve que retirar de Roma parte das suas tropas ; por outro lado, a imprensa e os oradores das camaras propalavam teorias de *não intervenção*, de aceitação dos *factos consumados*, de respeito aos *votos dos povos*. Pio IX, do seu lado, não deixava de erguer a voz contra a injustiça e a usurpação. Defensor da verdade e da unidade catolicas, protestou contra todos os atentados, denunciou todos os erros,

depois convocou o concilio do Vaticano. Todos estes actos de energia haviam de apirraçar o odio e provocar as vinganças da revolução. Logo depois do concilio, quando a França, invadida pelos exercitos alemães, teve retirado seus ultimos soldados, o rei da Italia, escravo das seitas, apoderou-se de Roma que transformou em capital dos seus Estados. Pio IX protestou e lançou nova excomunhão contra o usurpador (1870). Desde aquella época, Roma ficou sob o dominio do rei da Italia, entregue ao poder da revolução e da maçonaria que se esforçam em corromper as almas. O papa é prisioneiro no Vaticano ; mas não deixa de governar a Igreja com um fulgor e uma pericia nunca conhecidos nas idades precedentes.

II. *O dogma da Imaculada Conceição* (1854). — Em meio de todas as tempestades, de todas as investidas impotentes do imperio das trevas, o grande Pio IX, calmo e majestoso, derramava a luz no orbe catolico. Dentre todos os actos que abrilhantaram o seu longo e glorioso pontificado, tres ha que ocupam um lugar saliente na historia do dogma e da verdade religiosa : a definição da *Imaculada Conceição* da Santissima Virgem, a Encyclica *Quanta cura* com o *Syllabus* e emfim a reunião do concilio ecumenico do Vaticano.

Já nos primeiros tempos do catolicismo, uma tradição constante saudára Maria como herdeira das promessas eternas. Era crença geral que, por um privilegio de Deus, aquella que fôra predestinada a ser a mãe do Salvador tinha sido preservada da mancha original. Desde muito tempo, a Igreja tinha sancionado esta crença estabelecendo uma festa fixada por Sixto IV a 8 de dezembro. Aquillo ainda não satisfazia a piedade christã. Pontifices, reis, ordens religiosas, nações inteiras, amiudadas vezes, tinham pedido ao sumo pontifice que proclamasse essa verdade tão universalmente aceita, como dogma de fé.

Antes de anuir a este desejo, Pio IX quiz consultar o sentir do universo catolico. De Gaeta onde se acolhera, elle indagou das tradições de todas as Igrejas particulares. Foram unanimes em reconhecer a verdade da *Imaculada Conceição*. Emfim, a 8 de dezembro de 1854, na presença de duzentos bispos vindos de todos os pontos do mundo, Pio IX promulgou, como doutrina revelada por Deus e verdade de fé catolica, ter sido « a bemaventurada Virgem Maria, por uma graça singular do Deus todo poderoso, e em vista dos meritos de Jesus Christo, salvador do genero humano, preservada e inteiramente isenta de toda a mancha do pecado original, desde o primeiro instante da sua conceição. » Depois da promulgação deste dogma pela bula *Ineffabilis*, não é mais possivel rejeitar a *Imaculada Conceição* sem cair na heresia. Em bôa hora foi pronunciada esta definição, a pedir a Maria uma bençam especial para o mundo perturbado. O universo catolico viu este acto de alta sabedoria com um jubilo imenso e como uma esperança que Lourdes realisou maravilhosamente.

III. *A encyclica Quanta cura e o Syllabus* (1864). — Dez annos mais tarde, por volta desta mesma festividade de 8 de dezembro, Pio IX depois de ter ponderado varios annos este belo designio, resolveu pronunciar uma condenação geral de todos os falsos principios, de todas as maximas falsas, dos erros de toda especie, amontoados desde o começo do seculo e muitas vezes censurados por elle ou seus predecessores. Na sua carta encyclica *Quanta cura*, o soberano pontifice chama a atenção do mundo christão sobre tres pontos magnos donde jorram todos os males que perturbam a Igreja : as *pretenções cesarianas*, ou esta propensão dos governos e dos principes a curvar, debaixo do seu jugo autoritario, as pessôas e as cousas religiosas sem atenderem ao

direito divino e eclesiastico ; o *liberalismo*, que não se peja de ensinar que a sociedade humana deve ser constituida e governada sem fazer caso da religião, a bem do aperfeiçoamento e do progresso ; emfim, a *revolução*, a pretender que a vontade do povo deve substituir todo direito e constitue a lei suprema e universal.

Com a encyclica de Pio IX, vem junto o *Syllabus*. E' uma nomenclatura de oitenta proposições, todas eivadas de erro, julgadas e condenadas pelo orgam infalivel da verdade. Estão classificadas em dez paragraphos, segundo o seu objecto especial. Dezoito dellas se referem ao *panteismo*, ao *naturalismo*, ao *racionalismo*, absoluto ou moderado, e ao *indiferentismo ;* vinte são relativas á *Igreja* e a seus *direitos ;* dezesete á *sociedade civil* considerada quer em si mesma, quer nas suas relações com a Igreja ; vinte e uma respeitam a *moral* natural e christã, o *matrimonio catolico* e o *principado civil* do pontifice romano ; emfim as quatro ultimas são *atinentes* ao liberalismo contemporaneo.

O mal estava cabalmente desmascarado : a imprensa revolucionaria em peso soltou logo seus rugidos. Na França, que era na questão a nação mais interessada, viu-se esse espectaculo curioso : o governo, tratando de pôr peias a este gesto soberbo, prohibindo, em virtude dos *artigos organicos*, a promulgação da bula ; os verdadeiros catolicos, jubilosos e consolados por verem a Igreja destemida e firme a apontar o caminho recto da verdade em negocios espinhosos ; uma fração de catolicos militantes, mais ou menos metidos no liberalismo, procurando fugir aos golpes que os esmagavam. Entretanto, o erro estava fulminado, e o *Syllabus*, como alguem já disse, será a arca de aliança em que refugiar-se-ão aquelles que não quizerem perecer.

IV. *O concilio do* VATICANO, *vigesimo ecumenicó* (1870). — Na hora dos perigos iminentes, o recurso supremo da Igreja sempre tem sido a reunião dos bispos em concilio geral. Desde tres seculos, porém, o mundo não presenciava mais essas assembleias solenes donde a verdade sae mais luminosa, mais fecunda. Pio IX, na sua sabedoria, julgou que estava chegado o momento de recomeçar essas conferencias celebres do episcopado unido a seu chefe. As circumstancias, na verdade, pareciam decisivas : a revolução tinha espalhado por toda a parte seus erros e suas influencias nocivas ; transtornos politicos e sociaes estavam para suceder, e nunca talvez, a sociedade catolica tinha experimentado tanta necessidade de luz e de direção.

A 29 de junho de 1868, foi publicada a bula *Æterni Patris*, indicando a reunião do concilio na basilica do *Vaticano*. Contrariamente ao que sucedera nos concilios anteriores, os soberanos não foram convidados : é porque o Estado, leigo e ateu agora, já não podia mais ter lugar reservado na assembleia conciliar. Pio IX, na sua carta *Arcano divinae*, dirigiu-se aos bispos scismaticos do Oriente, mas elles não atenderam ao chamado. Outra carta apostolica *Jam vos omnes* convidava os dissidentes, protestantes de varias seitas, a expôr suas dificuldades perante uma comissão conciliar.

O concilio abriu-se a 8 de dezembro de 1869. Nunca assembleia alguma foi mais realmente ecumenica. Houve até sete centos quarenta e tres membros presentes, sendo quarenta e oito cardeaes, cento trinta e quatro patriarcas ou arcebispos, quinhentos e treze bispos, quarenta e oito abades ou geraes de ordens. A India, a China, a America, a Oceania estavam representadas por seus bispos. As assembleias geraes foram presididas pelo papa em pessôa ; quatro *congregações :* — fé, disciplina, estado religioso, culto oriental, — pre-

paravam as materias que foram definitivamente votadas em duas grandes sessões publicas.

A 24 de abril de 1870, foi promulgada a celebre constituição *Dei Filius*, sancionada por Pio IX. Nella, dá-se por causa ultima de todos os erros modernos a rebelião contra a autoridade da Igreja : dali saiu o racionalismo com todas as suas consequencias que minaram os alicerces da sociedade humana e desfiguraram a verdade mesmo nas consciencias catolicas. O concilio restabelece a verdade pura e integral sobre Deus, o homem, a creação, e fere com o anatema o *ateismo*, o *panteismo*, o *naturalismo*. (Cap. I. *De Deo Creatore*, *can.* 1-5.) Elle torna precisa a doutrina verdadeira sobre a revelação, a ação de Deus na humanidade pela luz e pela graça : ali estão profligados os erros dos *tradicionalistas*, que dizem não ser possivel conhecer seja o que fôr pela razão, e dos racionalistas, os quaes, pelo contrario querem saber tudo, entender tudo com as unicas forças da razão humana ; ali está afirmado o facto da revelação, assim como a ortodoxia e a inspiração dos livros que a contêm. (*Cap.* II. *De Revelatione*, *can.* 1-4.) A fé christã, sua necessidade, seus alicerces, seus meios, são o objecto de um estudo acurado do qual resulta a condenação desse racionalismo orgulhoso que pretende conhecer tudo pela sciencia, que rejeita os milagres de direito ou de facto, apodando-os de *mythos* ou de fabulas, que sustenta ter o homem a faculdade de submeter ao proprio juizo até mesmo as afirmações doutrinaes da Igreja. (*Cap.* III. *De Fide*, *can.* 1-6.) Emfim as relações da fé e da razão, seu acordo perfeito, seus objectivos diversos, seus metodos diferentes estão elucidados e os anatemas do concilio vêm ainda ferretear as pretensões dos racionalistas, que desejariam devassar os mesmos mysterios profundal-os com os mesmos methodos que servem para as sciencias humanas, ou interpretal-as no sentido dos mythos.

(*Cap.* IV. *De Fide et Ratione, can.* 1-3.) A constituição *Pastor aeternus* resume os trabalhos do concilio sobre as importantes questões da *primazia* e da *infalibilidade* do pontifice romano. Logo com o primeiro boato do futuro concilio do Vaticano, o universo catolico tinha externado o vivo desejo de ver a autoridade da Igreja e do seu chefe corroborada por uma nova decisão. Num seculo cheio de orgulho, sedento de independencia, era mister assentar a fé e obediencia numa base inamolgavel : o respeito á autoridade. Não só oportuna, não só util, mas necessaria tinha-se tornado, pela força das circumstancias, a solução da questão magna. Na França especialmente, a peleja travava-se renhida acerca da infalibilidade pontifical. Entretanto o assunto não era novo : esta verdade não era dogma, mas sim uma crença tão geral, uma pratica de uso tão constante, um ensino tão universalmente transmitido pelos doutores do Oriente e do Occidente — a Igreja gallicana a parte — que lhe faltava apenas a luz da definição para ella vir a ser um dogma catolico. Alguns dentre os Padres do concilio discutiam comtudo, a proposito da *oportunidade* da promulgação. Os debates foram calorosos e livres por igual. Destas longas discussões saíra um fulgor mais puro, mais deslumbrante. A 18 de julho de 1870, foi proclamada por Pio IX, a *definição conciliar.* Ella explanava a primazia de Pedro, primeiro conferida ao principe dos apóstolos, depois transmitida a seus sucessores ; a natureza e o caracter dessa primazia : é um poder que o papa recebe directamente de Deus e que se exerce sobre todo o corpo piscopal e sobre todos os fieis ; donde se infere que o papa é o juiz supremo e sem apelo, que sua autoridade é independente dos poderes humanos como do corpo episcopal. (*Cap.* I-III.) Estas preliminares eram necessarias para concluir com a definição dogmatica da *infalibilidade pontifical*, resumida nestes termos : « O

pontifice romano, quando fala *ex-cathedra*, isto é, quando, desempenhando seu cargo de pastor e de doutor de todos os christãos, em virtude da sua suprema autoridade apostolica, elle define que uma doutrina relativa á fé ou aos costumes, deve ser seguida pela Igreja universal, goza plenamente, pela assistencia divina a elle prometida na pessôa do bemaventurado Pedro, desta infalibilidade com que o Salvador quiz dotar a sua Igreja a respeito da fé e dos costumes ; por conseguinte, taes doutrinas são imutaveis em si mesmas e não por causa do consentimento da Igreja. Si alguem, — queira Deus que tal não suceda, — tivesse o atrevimento de contradizer esta nossa definição, seja anatematisado. » (*Cap.* IV.)

Todos os bispos presentes, com excepção de dois, tinham dado a sua adhesão. A obra de Deus estava cumprida ; a definição, aclamada pelos Padres do concilio, ecôou pelo universo catolico inteiro.

V. *As consequencias do concilio : o velho catolicismo.* — No dia seguinte depois da definição (19 de julho) a França enviava á Prussia uma declaração de guerra: por muitos mezes, correu o sangue de milhares de homens, e á invasão estrangeira, sucedeu para a França a mais horrenda guerra civil. Com o primeiro tinir das espadas, os bispos da Alemanha e da França tinham regressado nas suas dioceses, o concilio interrompera seus trabalhos, e a Europa inteira estava numa expectativa anciosa. A Providencia deixava a tempestade desabar sobre o mundo : seu primeiro resultado foi abafar o ruido insolito de tantos pleitos da opinião e da imprensa acerca de um dogma fóra das raias da sua competencia e ultimamente definido pela autoridade suprema. Depois, emquanto a França agoniava, humilhada aos pés da Alemanha, a revolução podia realisar seus intuitos contra o papa e contra a Igreja. Victor Emmanuel, rei da Italia, se apoderou

de Roma que elle fez capital do seu reino ; o plano, desde muito elaborado no seio da maçonaria, estava agora efectuado : o programa cumpria-se á risca : o papa era prisioneiro.

Com a definição da infalibilidade e os debates porfiados que a tinham acompanhado, os scismas eram de recear. Entretanto, nas fileiras do episcopado catolico, não houve uma unica discordancia. Os proprios oponentes enviaram, pressurosos, ao sumo pontifice sua adesão completa e espontanea. Na França, os ultimos defensores das pretensas *liberdades galicanas* jaziam por terra. O trôno imperial estava desmoronado, Napoleão III, prisioneiro, os chefes do governo dispersos, e os bispos da oposição tinham-se curvado respeitosos perante a decisão da Igreja. Mal se pôde notar a rebelião de alguns sacerdotes transviados a cuja frente estava o ex-padre Jacintho Loyson : seu culto nacional caiu no desprezo.

Todavia a definição do concilio deu origem ao scisma aliás de pouca monta, dos *velhos catolicos* que tomaram este nome como signal de odio ao dogma novamente proclamado. A seita tem adeptos na Allemanha, na Suissa e no Oriente.

1º Na Alemanha, os principaes chefes foram os *hermesianos :* infensos á infalibilidade antes do concilio, não se conformaram com a definição. São salientes entre os seus membros Doellinger, Reusch, Reinkens, que se fez sagrar bispo da seita pelo bispo jansenista de Utrecht, e um certo numero de sacerdotes, de costumes relaxados muitas vezes. O scisma, na Alemanha, tinha apoio no principe de Bismarck, que tencionava manejar essa arma contra a Igreja. A empreza, enfeitada com o nome de *Kulturkampf*, luta em prol da civilisação, resuscitou os mais ominosos tempos da perseguição com as famosas *leis de maio :* ordens religiosas destruidas, seminarios fechados, ordenados supressos aos pastores legitimos

e outorgados aos intrusos, multas, prisões, vacancias de sédes episcopaes e parochiaes, tal foi o celebre assalto que deixou provada a vitalidade do catolicismo na Alemanha e a eterna impotencia da impiedade, constrangida, com seu grande chanceler, a tomar o caminho de Canossa (1887). As leis foram abrogadas, a paz religiosa voltou no imperio e apagaram-se os ultimos vestigios do velho catolicismo.

2º Na *Suissa*, o Conselho federal, instigado pelo antigo partido protestante, expulsou de Genova Mnr. Mermillod, a pretexto de ter o sumo pontifice creado uma nova diocese com tal nomeação, e isto, de encontro a algum artigo da Constituição. Na verdade porém, a ciumenta cidade de Calvino estremecia de medo ao presenciar o triumpho assombroso e sempre maior do eloquente e incansavel administrador. A Conferencia leiga da diocese de Basileia foi além; era formada pelos representantes dos cantões concordatarios; ella ousou pronunciar a destituição de Mnr. Lachat, bispo legitimo, que teve de deixar seu palacio episcopal de Soleure e acolher-se a Lucerna. Como complemento, o governo de Berna suspendeu das suas funções setenta e nove sacerdotes bernenses, reduziu o numero das freguezias a vinte e oito e nomeou pastores intrusos arranjados a poder de dinheiro na França, na Italia e na Alemanha. Regeitados pelo povo insensivel ás ameaças como ás promessas, e emquanto o culto catolico procurava asylo nas choças ou debaixo dos alpendres, os intrusos, donos das igrejas, celebravam nellas um culto novo em lingua vulgar, simulacro dos nossos sagrados mysterios. Hoje em dia, uma era de paz parece reinar na Suissa catolica; aos poucos, os padres indignos tiveram de afastar-se do povo que os despreza. Entretanto, as leis de opressão, forjadas então, sempre subsistem, espada de Damocles na cabeça dos sacerdotes ortodoxos e do rebanho fiel.

3º O *Oriente* teve tambem o seu scima de *velhos catolicos*. Durante o concilio, os monges armenios de um mosteiro existente em Roma, pretextando a futura definição da infalibilidade, deixaram ás ocultas a cidade eterna e quebraram com o centro da unidade. Depois da proclamação do dogma, angariaram no Oriente alguns partidarios, e elegeram seu chefe *Kupelian* como patriarca scismatico. Intrigando, elles conseguiram organisar a perseguição contra Mnr. Hassoun e seus cem mil catolicos. Os bispos e os pastores fieis foram desterrados e seus bens dados aos scismaticos. Negociações habeis entaboladas pelos pontifices Pio IX e Leão XIII produziram muitas conversões e uma verdadeira paz.

Agora, morreu por toda a parte o *velho catolicismo*. Pio IX, ao terminar o seu longo pontificado (7 de fevereiro de 1878), o constatava : esse scisma pouco prejudicou á Igreja ; apenas livrou-a de alguns padres de vida escandalosa. Além disso, a perseguição avigorou a fé entibiada dos povos, e o concilio do Vaticano deu aos catolicos fortes esperanças já realisadas em parte ; elle abriu uma era nova de resurreição para as nações, de triumphos para a Igreja.

ARTIGO V

Considerações geraes sobre o seculo XIX.

I. Novo impulso e movimento catolico do seculo XIX : concordatas. — II, Os defensores da verdade. — III. As obras de fé e de zelo. — As missões catolicas.

I. *Novo impulso e movimento catolico do seculo XIX.* — Deixamos patente o movimento revolucionario que arrasta a época actual : entretanto, enganar-se-ia quem aferisse desse periodo proceloso por este unico criterio. Ao lado do erro e do mal, outra corrente nasceu com o alvorecer do seculo XIX, avolumando-

se a partir de 1815, corrente catolica e generosa da qual resta-nos a estudar o caracter e as obras. A França fôra o berço das idéas revolucionarias; tambem ella teve a iniciativa desse despertar da fé christã. A *Carta* de 1815 reparava já alguns desvarios da revolução; a Religião era chamada *Religião do Estado*: era quebrar com o ateismo. Luiz XVIII fez revigorar as leis antigas a respeito da observação dos domingos e das festas; no orçamento, uma verba generosa foi votada para o alivio do clero nas suas multiplos precisões; augmentou o numero dos seminarios menores e tornaram-se independentes das universidades. Editos reaes restabeleceram a obra das *missões da França*, e apostolos ardentes, avivaram, por sua eloquencia e seu zelo, a fé catolica nas cidades e nas provincias. Os Sulpicianos, os Lazaristas, os Padres do Espirito Santo empenharam-se de novo na obra da formação do clero. De Bonald conseguiu que fosse revogada a lei nefasta do divorcio. A Universidade, fundada fóra do influxo da Igreja, era um perigo para a mocidade: Luiz XVIII fez os bispos diocesanos entrar nos conselhos universitarios para fiscalisarem o ensino. Os jesuitas foram restabelecidos na Russia em 1801, no reino de Napoles em 1804, e no mundo christão por um breve de 1814. Elles puderam reencetar a obra das pregações e da educação catolica. Em 1817 entabolaram-se negociações entre Roma e a França para uma nova concordata; foram terminadas cinco annos mais tarde. O numero das sédes episcopaes foi fixado a oitenta divididas em quatorze provincias eclesiasticas tendo cada uma como chefe um arcebispo où metropolitano.

O movimento partido da França ecôou por toda a Europa. Depois dos tratados de 1815, a emancipação dos catolicos na Inglaterra prendia vivamente a atenção dos espiritos. Em 1819, falava-se em suprimir o juramento do *test*, imaginado para arredar os fieis

romanos dos empregos e dignidades publicas. Dez annos mais tarde esse voto estava cumprido : o bill de emancipação de 1829 foi, para a Grande Bretanha, a ocasião de numerosas e importantes conversões.

Uma prova irrefragavel das relações amistosas entretidas pela Igreja e as nações catolicas, são as concordatas assignadas no começo do seculo : em 1817, com o rei da Baviera, Maximiliano-José, e o rei do Piemonte, Victor Emmanuel I ; no anno seguinte, com o rei das Duas-Sicilias, Ferdinando I ; em 1829, Pio VIII negoceia com os Paizes Baixos outro tratado que põe termo a uma legislação tyranica ; em 1843, um compromisso entre Gregorio XVI e Portugal traz o remedio a uma situação anormal, violenta ; em 1850, é a Espanha que alcança de Pio IX uma concordata, base da sua paz religiosa. A Austria, em 1855, recebe do seu joven imperador Francisco José e do mesmo pontifice, uma nova consagração dos vinculos que unem a Igreja e o imperio.

II. *Os defensores da verdade.* — De encontro ás doutrinas racionalistas, cujos estragos deixamos mencionados, a verdade catolica teve arautos imperterritos, apóstolos intrepidos. No começo do seculo fulgem os nomes de *José de Maistre*, philosopho profundo, politico habil, o mais temivel vingador da fé e da verdade contra os erros modernos ; seus escritos e principalmente o livro *Do Papa* mudaram completamente as velhas ideias galicanas ; de *Bonald*, economista e philosopho christão, que ocupa por suas obras um lugar distinto entre os pensadores e escritores.

Chateaubriand, menos profundo, mas com inexcedivel brilho de estylo, procurava no *Genio do Christianismo*, reconciliar a sociedade voltairiana e revolucionaria com a Religião e a Igreja.

No pulpito catolico, *Frayssinous*, inaugurava, em 1801, em São Sulpicio, e depois em Notre Dame, as

celebres conferencias, que continuou até 1822. Oradores ilustres proseguiram na sua obra : o P. de Ravignan, a sciencia e a santidade ; o P. Lacordaire, tão eloquente e tão amado ; o P. Felix, o P. Monsabré, Mnr. d'Hulst cujos dotes empolgavam o auditorio. Nas catedras do ensino, nas sédes episcopaes, no seio das assembleias politicas, o seculo ouviu vozes ou leu escritos de talentos sem par : luzeiros nas sciencias, principes na fé : o cardeal da Luzerne, bispo de Langres, Monsr Gerbet, bispo de Perpinhão ; Monsr Plantier de Nimes ; Monsr Pie de Poitiers ; Monsr Dupanloup de Orleans ; Monsr Freppel de Angers, e outros. Temos o *Ensaio sobre a indifferença* de Lammenais ; *Santa Isabel* e os *Monges do Occidente* do orador de todas as grandes causas, do estrenuo defensor da liberdade do ensino, Montalembert, obras estas admiraveis. Impossivel silenciar sobre o papel saliente do grande e imortal Luiz Veuillot ; catolico de rija tempera, o inclito jornalista do seculo XIX empunhou, o primeiro, essa arma terrivel, essencialmente moderna, a imprensa, e, firme e humilde, ao lado de Roma e do papa, envidou suas forças herculeas, seu incomparavel talento literario, a degladiar o erro racionalista sob qualquer forma que se lhe deparasse.

Uma phalange de atletas denodados atiraram-se na esteira traçada pelo mestre, no rumo que apontavam os papas, e, hoje em dia, em todos os paizes do mundo, inumeras penas amestradas rebatem nos diarios e revistas catolicas, a aluvião dos erros, e popularisam a apologetica christã.

Merece menção especial o nome de *Dom Gueranger*, o sabio autor das *Instituições liturgicas*, que tanto se empenhou para as dioceses francezas regressarem á liturgia romana. Na historia, Rohrbacher, Audino, Alzog, etc. ; na teologia, Perrone, Gury, Carrière; na philosophia, Jacques Balmes ; na controversia historica, os sabios Hurter, Moelher, Vogt, Dœllinger ;

na sciencia teologica e mystica, Monsr Wiseman, o P. Newman, etc. : eis alguns dos astros que refulgem no firmamento da Igreja catolica do seculo XIX.

III. *As obras de fé e de zelo.* — O amor, a caridade são as unicas forças que vencem os corações, que abrem o caminho das almas para nellas derramarem a instrução, o conhecimento de Jesus Christo e o entusiasmo por sua causa. E mercê de Deus, não escasseiam as obras de zelo e de caridade. E' bom que se repare nascerem ellas todas lá na França, como si aquella nação, a despeito dos seus desvarios tremendos, quizesse outra vez fazer jus ao titulo de *filha primogenita da Igreja.* Temos :

1º A obra da *Propagação da fé*, fundada em Lyão, em 1822 ; seu fim é auxiliar pela oração e pela esmola os missionarios que levam aos infieis o archote da fé.

2º A obra da *Santa Infancia*, estabelecida em 1843, pelo eloquente pregador, mais tarde bispo de Nancy, Monsr de Forbin-Janson ; seu objecto é o resgate das criancinhas abandonadas pelos pagãos e sua educação catolica.

3º As *Conferencias de São Vicente de Paulo* : tiveram seu inicio modesto em 1833. Auxiliar os necessitados, ministrar a esmola que alivia o corpo, e melhor ainda aquella que fortifica a alma ; colocar a virtude dos socios sob a egide da caridade christã, tal é a mira que alvejava Frederico Ozanam, congregando, em redor de si, a mocidade das escolas de Paris.

4º A congregação das *Irmãzinhas dos Pobres*, fundada em 1840, dedicou-se a recolher a velhice mais desamparada ; vae mendigando o pão quotidiano para dal-o a sua familia de adopção, os pobres. Seus estabelecimentos cobrem o mundo.

5º A obra do *Obulo de São Pedro*; renasceu em 1849, quando Pio IX, despojado dos seus Estados só podia contar com os dons dos seus filhos.

6º A obra de *São Francisco de Sales*; surgiu em 1857 como resposta a um desejo expresso por Pio IX. Por meio da esmola e da oração, trabalha na defeza da fé catolica ameaçada pela heresia, a incredulidade, os livros maus ; ella opôe ao mal o remedio poderoso das missões, das escolas christãs e dos bons escritos.

7º A obra dos *Centros catolicos*; appareceu logo após a guerra de 1871. Procura agremiar patrões e operarios para advogarem os interesses religiosos, e melhorarem o estado moral e social das classes laboriosas.

Essa ingente obra de santificação foi, no seu berço, colocada sob a proteção do *Sagrado Coração de Jesus* : o templo do *Voto nacional francez* levanta-se em Paris emquanto o *Apostolado da oração* vincula todos os corações na mesma fé, chamando o auxilio divino para os combatentes que militam na santa cruzada do bem e da verdade.

8º As *universidades catolicas e as escolas livres*. — O mal profundo que lavrava na França, solapando os alicerces da fé, era o ensino universitario, repassado de racionalismo, de scepticismo e de incredulidade. O partido catolico reagiu : em 1833, conquistava a liberdade do ensino primario ; em 1850 a do ensino secundario e emfim, em 1875, a do ensino superior ; as grandes cidades, em breve, se ufanaram de possuir universidades catolicas. O Estado, entretanto, procurava sophismar essa liberdade, esses direitos ; entrou a secularisar a escola primaria, ao que os catolicos responderam com a creação de escolas livres. Varias congregações, adrede fundadas, assumiram a sua direção ; entre estas cumpre distinguirmos o *Instituto dos Irmãos Maristas* creado em principios do seculo (1817) e que, por um incremento rapido, espalhou-se no universo catolico, semeando em todo o lugar, á luz do Evangelho, o beneficio da educação religiosa.

V. *As missões catolicas.* — Antes de recordarmos o que fez a Igreja do seculo XIX a favor das missões longinquas, lancemos um olhar nos esforços feitos em prol da difusão da religião na mesma Europa. Em 1850, Pio IX restabelecia a jerarchia catolica na Inglaterra com uma metropole e doze bispados. Pouco depois, contava dezesete bispados, constituindo com os da Escocia e da Irlanda, para as Ilhas Britanicas, uma poderosa jerarchia de oito metropoles e quarenta e seis bispados, ou cincoenta e quatro sédes episcopaes.

Em 1853, a Hollanda heretica recebia o mesmo favor : foi creada uma provincia eclesiastica com uma metropole e cinco sédes episcopaes ; era a morte definitiva do jansenismo. As missões da Bulgaria e da Valachia, da Moldavia e da Bosnia, da Servia e da Albania, graças aos reforços que receberam, têm alcançado um exito maravilhoso. Os *Armenios* catolicos de Constantinopla acham-se, desde 1866, sob a autoridade do patriarca de Cilicia, cuja jurisdição abrange todos os Armenios-Unidos da Europa e da Asia, perfazendo uma população catolica de mais de cem mil fieis. Muitos milhares de Armenios scismaticos entraram no gremio da fé. — Missões catolicas foram emprehendidas na Suecia, na Noruega e na Islandia, e vão produzindo frutos de salvação.

Emquanto trabalha lutando na Europa, a Igreja derrama os prodigios do seu apostolado nas outras cinco partes do mundo : a Asia, a Africa, a America viram as sédes episcopaes brotar no seu solo como as espigas na primavera, e, por toda a parte, os Annaes da Propagação da fé acusam inumeras e consoladoras conquistas.

1º Na *Asia ;* Pio IX erigiu em metropole, para o rito latino, a cidade de *Bagdad ;* essa Igreja consta de oitenta mil catolicos estabelecidos na Mesopotamia, na Armenia e no Kurdistan. *Jerusalem* teve o seu patriarcado latino reinstaurado em 1847 ; ali residem

os Franciscanos. A capital da antiga Judéa, lugar escolhido por Nosso Senhor para a instituição da sua santissima Eucharistia, teve em 1893 os esplendores de um *congresso eucaristico*, presidido pelo cardeal Langenieux, arcebispo de Reims, com o titulo de *legado do papa*. O Oriente catolico e mesmo scismatico foi comovido com as finezas e os desvelos do pontifice de Roma e do seu representante. Esse convite para a reunião das duas Igrejas teve bom acolhimento e os resultados continuam com a creação de uma *comissão de cardeaes*, chamada das *igrejas orientaes*, e presidida pelo proprio papa.

As missões das *Indias*, do *Thibet*, do *Tonkim*, do Cochinchina, e da China, não obstante dificuldades de toda especie, não obstante as perseguições frequentissimas, estão em constante progredir, pedindo apenas mais operarios evangelicos e maiores recursos pecuniarios dos christãos do Occidente.

2º Na *Africa* : Pio VIII, em 1830, instituiu o bispado de *Argel*; hoje essa séde tornou-se metropole com dois sufraganeos. Em 1884, a antiga Carthago tomou de novo seu titulo de metropole da Africa e o nome de *primado*, com a respectiva jurisdição, foi concedido ao intrepido arcebispo de Argel, o cardeal Lavigerie, o qual não se contentou com a evangelisação das colonias, sinão que procurou levar até a Africa central o beneficio da fé. Os *missionarios de Argel*, fundados pelo sabio e piedoso cardeal, já ocupavam, quando este morreu, em 1892, á beira dos grandes lagos do interior, quatro residencias que, depois de terem padecido muito com perseguições sangrentas, dão á Igreja imensas esperanças e preciosos frutos. Hoje, os *Padres brancos* multiplicam as residencias apostolicas.

O *Congo*, a *Guinéa*, a *Senegambia* estão prosperas com os religiosos do Espirito Santo ; São Dyonisio da Reunião forma uma diocese desde 1850. A ilha de

Madagascar, a qual, em 1885, recebeu seu primeiro bispo, jesuita como os missionarios que a evangelisavam, possue, desde 1896 varios bispados apresentando um vasto campo ao apostolado.

3º Na *America*, farta messe colheu o zelo apostolico de numerosos operarios ; foi para a Igreja o teatro dos mais esplendidos triumphos. Gregorio XVI, em 1844, tinha reunido todas as dioceses do *alto* e do *baixo Canadá* numa só provincia eclesiastica, com Quebec como metropole, e constando de dez dioceses. No fim do século, o *Canadá* com a *Nova Escocia* contava vinte e sete sédes episcopaes, sendo sete metropolitanos.

As conquistas do Evangelho nos *Estados Unidos* foram maravilhosas. No começo do seculo havia apenas dezoito mil fieis catolicos. A população catolica excede hoje doze milhões com noventa e duas sédes episcopaes, das quaes quatorze metropoles, com seiscentas e noventa Academias para moços e oitenta e quatro seminarios.

O *Mexico*, separado da Espanha em 1824, e subdividido em republicas, tem sido o teatro de lutas e de acontecimentos politicos nada favoreveis á extensão da fé : o catolicismo somente o poude salvar ; tem actualmente cinco metropoles e vinte e tres bispados.

A *America central*, confiada aos desvelos dos Jesuitas, começou, com esse seculo, nova era de prosperidade religiosa. As ilhas do archipelago americano, as *Antilhas*, *São Domingos*, a *Martinica*, a *Guadalupa* possuem suas sédes episcopaes, seu clero, suas igrejas, suas christandades organisadas e prosperas.

Na *America meridional*, a republica do *Equador* oferecia aos olhares do universo maravilhado o espectaculo de um governo democratico essencialmente catolico, com o presidente Garcia Moreno, vilmente assassinado em odio da fé e da religião pelo punhal da maçonaria ; a *Guyana*, a *Colombia*, e os Estados do

centro conservam vigorosa a seiva catolica. A parte meridional do Novo Mundo, o *Perú*, o *Chili*, a *Republica Argentina* muito sofreram com as guerras e as lutas politicas. O *Brazil*, depois de ter sido particularmente victima da perseguição religiosa, saiu do seu letargo e entrou numa era de paz e de prosperidade promissora dos melhores frutos.

4º Na *Oceania*, apezar dos esforços do protestantismo rival, os missionarios catolicos fundam, por toda a parte, christandades florescentes. Bispados foram estabelecidos no grupo das Philippinas ; a *Nova Zelandia* possue centros importantes ; nas ilhas *Marquezas* e *Sandwich*, na *Melanesia* e na *Micronesia*, em *Taiti*, no archipelago dos *Navegantes*, encontram-se missionarios. A grande ilha da Australia tinha uma residencia apostolica desde 1835 ; forma agora uma grande Igreja com cinco metropoles, quatorze sédes episcopaes, tres residencias apostolicas e uma população catolica de mais de quatro milhões de almas. Muitas outras provincias eclesiasticas têm sido creadas no começo deste seculo, sendo todas confiadas aos padres missionarios do Sagrado Coração de Issoudun, que conseguem, por seu zelo prodigioso, admiraveis resultados.

Vemos portanto o numero dos fieis crescer sempre e a Igreja do seculo XIX conheceu melhor do que nunca a verdade da palavra do seu divino Fundador : « Ide, ensinai todas as nações... Estou comvosco todos os dias, até a consumação dos seculos. »

ARTIGO VI

Leão XIII e Pio X.

I. Pontificado de Leão XIII. (1878-1903). Pio X e o seculo XX. — II. Pontificado de Pio X.

I. *O pontificado de Leão XIII.* — A 20 de fevereiro de 1878, o mundo catolico recebia, com transportes de

jubilo, a faustosa noticia da eleição do cardeal *Pecci*, bispo de Perusa, que tomava o nome de Leão XIII. Faleceu a 20 de julho de 1903 depois de ter *visto e passado* os annos de Pedro, como Pio IX. As obras do seu pontificado pertencem agora ao dominio da historia; no ligeiro apanhado que vamos dar desse longo pontificado, veremos claramente manifestada a sua missão providencial.

A 21 de abril de 1878, Leão XIII dirigia ao universo atento essa primeira carta encyclica *Inscrutabili Dei consilio* que patenteia todo o seu genio, toda a sua caridade, todo seu programa. « Mal promovido por um designio impenetravel de Deus ao cume da dignidade apostolica, » já devassou as chagas da nossa época, descortinou as causas, apontou para os remedios. A civilisação actual carece de base firme : é por ter ella deixado de se estear nos eternos principios da verdade, e por ter-se apartado da Religião e dos saudaveis ensinos da Igreja. E' portanto o edificio inteiro do Christianismo que cumpre erguer de novo; a tarefa é ingente; a ella não ha de falhar o egregio pontifice.

Leão XIII, segurando com mão adestrada o leme da Igreja, pugna, de animo resoluto, para conduzir ao porto da salvação, a sociedade catolica confiada a seus desvelos. Suas imorredouras *cartas encyclicas* ali estão para atestar que nenhum detalhe fica esquecido por sua alta sabedoria. As seitas *socialistas, comunistas, nihilistas*, minaram as gerações contemporaneas conspurcando a autoridade, a propriedade, a familia : Leão XIII verbera todos estes atentados na encyclica *Quod apostolici numeris* de 28 de dezembro de 1878; o mal porém tem sua origem no *racionalismo;* o remedio está no Evangelho, manancial da verdade; a Igreja e suas instituições é que podem dar cabal solução aos problemas magnos que se impõem á nossa época.

O mundo catolico necessita de socorros: tres vezes o

papa Leão XIII abriu-lhe a preciosa fonte de graças do *Jubileu ;* por sete vezes, tambem, chamou a sua atenção para os beneficios alcançados em ocorrencias dificeis por intercessão de Maria e pela recitação do *Rosario.* — O *matrimonio*, alicerce da familia, foi descuidado e desmantelado por uma legislação que expulsou a Deus : o pontifice, na carta apostolica *Arcanum divinae* (10 de fevereiro de 1880), lembra as condições do matrimonio catolico, sua indissolubilidade, sua honra, seus deveres. — A *maçonaria*, tantas vezes condenada pelos sumos pontifices, multiplica seus ataques : chegada ao poder, edita leis de opressão, procura arrebatar Deus á escola, ao santuario da justiça, aos hospitaes, ao exercito. Leão XIII na encyclica *Humanum genus* (20 de abril de 1884), desmascara as sociedades secretas, seu fim, seus atentados ; convida todos os bispos a unirem seus esforços contra o maior perigo da época, revelando-o, instruindo os povos, zelando pela educação da infancia e da mocidade. — A sociedade é cambaleante porque os governos deixaram de ser catolicos : a encyclica, *Immortale Dei*, do 1º de novembro de 1885, receita, como meio de cura, a *constituição christã* dos Estados ; seja qual fôr a forma politica, é preciso que o acordo e a harmonia entre o poder espiritual e o poder temporal se firmem na base da verdade, da justiça e do respeito ; é preciso que os catolicos cumpram os preceitos do Decalogo e as santas leis da Igreja na vida publica como na vida intima.

Todas as nações sucessivamente ouviram a voz paternal do grande Pontifice. As cartas apostolicas aos bispos de Portugal, da Hungria, da Espanha, da Polonia, da Austria, da Italia, da Belgica ; as mais recentes, aos bispos do Perú, do Brazil, do Mexico, dos Estados Unidos da America hão de ficar como um monumento da sua perfeita comprehensão das situações e da sua solicitude universal.

Os ultimos annos de Leão XIII indicam um zelo, uma actividade sem frouxidão, sem esmorecimento. Seu olhar abrange todos os interesses catolicos. Por um lado, endereça ao universo encyclicas cheias de doutrina e de piedade : sobre a *Unidade da Igreja* (1896), sobre o *Rosario* (1896-1898), sobre a acção do *Espirito Santo* (1897), sobre o *Jubileu secular* e sobre a *Consagração do genero humano ao Sagrado Coração* (1899), sobre *Jesus Christo Redemptor* a quem elle consagra o seculo futuro (1900), sobre a *Eucaristia* da qual espera a salvação, sobre o seu proprio *Jubileu pontifical* (1902) que ha de encerrar seu reinado e sua missão. — Por outro lado, manda a miudo comunicações paternas aos bispos da França. A Hollanda, a Austria, as Igrejas do Oriente, a Republica dos Estados Unidos, os bispos da America do Sul, recebem sucessivamente os ensinos adequados.

Não só aos catolicos Leão XIII distribuiu a luz e os sabios conselhos. A protestante Inglaterra ouviu os tenros apelos da sua caridade (1895) ; a Igreja do Oriente, depois de ter presenciado, em 1893, esse maravilhoso *Congresso eucaristico de Jerusalem*, passo importante no caminho da união, ficou comovida com os convites delicados de um papa tão respeitoso das suas antigas tradições e liturgias. A Igreja *copta* do Egypto teve a sua jerarchia reconstituida, sendo-lhe mais facil agora estender a mão a seus irmãos dissidentes (1895).

A instrução e a educação da mocidade foram viciadas na Europa pelos falsos principios e as falsas doutrinas. Leão XIII, pela encyclica *Aeterni Patris* (1879), convidava os bispos a promover a philosophia escolastica, segundo o metodo de santo Thomaz. Em 1883, na sua carta apostolica *Saepe numero*, delineou o rumo que se havia de seguir no estudo da historia. Por toda a parte excitou o zelo, promoveu a creação de escolas, de seminarios, de colegios, de Universidades ca-

tolicas. Mas a verdadeira fonte do ensino christão, é a Escritura sagrada e especialmente o Evangelho, a propria doutrina e a propria verdade Para nortear este estudo, o papa deu ao mundo a encyclica *Providentissimus Deus* (1893) e creou em Roma uma Comissão *biblica* com a missão de dar os principios e a direção ao ensino. Por estes apelos repetidos e ardentes, por essas instituições numerosas e oportunas, o pontifice incansavel abriu, para as gerações vindouras, as fontes cristalinas e abundantes da verdadeira sciencia, da moral verdadeira.

Atenda o universo a essa voz tão eloquente e persuasiva, tão firme e tão bondosa no mesmo tempo ! Então o mundo christão recomeçará uma vida nova, e as nações infieis hão de trilhar outras sendas.

Emquanto vivo, Leão XIII já poude contemplar os abençoados frutos do seu zelo apostolico ; viu a sua doce e paterna autoridade aceita e reconhecida pelas nações da Europa. A Alemanha heretica curvou-se perante essa transcendente soberania e tomou-a como arbitro ; a scismatica Russia recebeu os conselhos do papa, e adquire a convição que os unicos ensinos dimanados dos seus labios a poderão salvar da anarchia ; a Inglaterra procura reatar as relações diplomaticas com Roma.

De acordo com Portugal, Leão XIII, restabeleceu nas Indias a jerarchia catolica ; o Japão franqueou suas portas á civilisação christã ; a China ufanar-se-ia por ter um representante do papa no seu vasto imperio. A pedido dos bispos da America, Leão XIII formou a primeira Universidade catolica no Novo Mundo. A Grecia, a Illyria, Jerusalem possuem seminarios e colegios fundados por este grande papa afim de dar ás Igrejas orientaes padres e bispos preparados ao apostolado por um ensino bebido nas mais puras fontes das doutrinas romanas.

Nos seus vinte e cinco annos de pontificado,

Leão XIII erigiu dois patriarcados novos, trinta e cinco arcebispados, cento e dezoito novos bispados, tres abadias, sessenta e seis vigariados apostolicos e trinta e nove prefeituras, a dizerem bem alto o feliz incremento da jerarchia catolica (*Estatistica de* 1904).

E' com tal sequito de obras gloriosas e santas, em meio do entusiasmo do mundo christão, cumulado com as homenagens das nações herejes, scismaticas e infieis, que nosso glorioso pae e pontifice podia celebrar, a 7 de fevereiro de 1903, o vigesimo quinto anniversario da sua elevação ao sumo pontificado. A 20 de julho do mesmo anno, após longas semanas de agonia que patentearam admiravelmente a paz, a grandeza e a energia da sua alma, faleceu o grande papa cujo lema á risca fôra realisado : *Lumen in cœlo !* Tinha sido a luz jorrando profusa sobre o mundo.

A 4 de agosto, o cardeal Sarto, patriarca de Veneza, providencialmente eleito, tomava assento na cadeira de são Pedro, com o nome de Pio X. Seu reinado, já longo e fecundo, mostra-nos que o Christo Jesus não desampara a sua Igreja. O actual pontifice continua, melhor do que nunca, a ser a luz do universo, o guia e o salvador dos povos : *Ignis ardens*, o apóstolo da caridade ardente, a querer abrazar todas as almas. Paginas sublimes se hão de escrever sobre os grandes feitos daquelle que traçava como synthese do seu programma : *Omnia restaurare in Christo.*

II. *Pontificado de Pio X.* — Si a obra de Leão XIII tem sido importante, a de Pio X não lhe fica inferior nem no alcance, nem na grandeza.

O seculo do naturalismo e do racionalismo, docil á impulsão das lojas maçonicas, ia instilando seu veneno subtil nos meios catolicos. Essa fraqueza manifestava-se em todos os dominios. No dominio theologico, os dogmas se inclinavam diante da razão ; no dominio literario, elogiava-se em excesso a cultura

puramente humana com desprezo da religião para a formação christã ; no dominio social, escondiam cuidadosamente a bandeira religiosa para facilitar compromissos e alianças com protestantes e livres pensadores ; no dominio da educação, onde o principio mentiroso da neutralidade aniquila o christianismo nas escolas.

E' este systema de capitulação religiosa que Pio X denominou *modernismo*. Elle o atacou valorosamente.

No terreno theologico, em primeiro lugar, separem-se franca e insophismavelmente os verdadeiros crentes dos naturalistas. Os limites foram assentes pela Encyclica *Pascendi*.

A mesma Encyclica condena o modernismo literario mais particularmente estigmatisado ainda em cartas posteriores. Em lugar de obedecerem a uma religiosidade vaga, indecisa, humana, cinjam-se os escritores catolicos aos principios christãos, á fé imutavel e unica salvadora.

Pio X profliga igualmente o modernismo social. O erro tinha encontrado guarida numa pleiade de moços generosos e bons. O *Sillon* era uma associação poderosa que se submeteu á voz do Summo Pontifice, extirpando de vez o cancro do modernismo. O Papa exige tambem que todas nossas obras sociaes, associações de paes ou mães de familia, caixas ruraes, etc. sejam confissionaes.

No dominio da educação, Pio X declara que os filhos de familias catolicas não se podem e não se devem formar nas escolas neutras. Prohibe aos jovens ecclesiasticos que frequentem as universidades do Estado leigo.

Os futuros ministros do altar deverão afastar-se do mundo por sua vida, suas ideias, seus estudos. Os mestres a quem couber o encargo de instruil-os terão de prestar um juramento que exclue qualquer ves-

tigio de modernismo. Os educandos hão de aprender a filosofia escolastica, e as questões actuaes serão sempre tratadas á luz dos principios tradicionaes. Para elles, nem revistas nem jornaes. Quem houver sido eliminado não poderá ser aceito em outro seminario ou noviciado religioso algum.

Pio X reorganisou a Curia romana, firmando assim a ordem no centro do commando. Está revisando agora as leis da Igreja e preparando uma nova codificação do direito canonico.

Logo no inicio do seu pontificado, elle editava seu *Motu proprio* sobre o canto gregoriano. Anima fieis e pastores á frequentação assidua dos sacramentos, especialmente da santissima Eucaristia. Pede mesmo a comunhão de todos os dias ás almas de intenção recta e bôa vontade. E ainda ha pouco, abriu as portas do Tabernaculo ás crianças, ordenando que comungassem logo ao chegarem na idade de razão. Elle fundou em Roma um Instituto biblico para servir de guia e modelo a todas as mais Universidades do mundo.

A christandade mostrou-se docil ás ordens de seu augusto Chefe. Na hora em que o Papado indignamente calumniado e atacado em diversos paizes da Europa : em Portugal onde a revolução triumphante espesinha, brutal e cobarde, os direitos da consciencia catolica ; na França dominada e tyranisada por um punhado de maçons e judeus ou de utopistas atheus que expulsam os religiosos e forjicam um cipoal de leis satanicas para apagar as estrellas do céu e abafar o reino de Jesus Christo nas almas ; na Espanha, onde os inimigos do trôno e do altar investem furiosos contra o baluarte inexpugnavel do catolicismo, nessa mesma hora em que as lojas do Antigo e do Novo Mundo procuram eleger um chefe commum que dirija a luta contra a Igreja, é bem de ver que o Papa recolhe as maiores e mais universaes ovações que tiveram jamais todos seus predecessores.

Deixemos de lado os milhares de associações da mocidade catolica, essas multiplas obras sociaes, essa união perfeita do clero na resistencia energica á perseguição official ; deixemos de lado o incremento passmoso da religião nos Estados Unidos, na Inglaterra e na Alemanha, sua benefica influencia na Belgica, na Austria e nas Republicas da America do Sul, para atentarmos somente nas grandiosas cruzadas modernas chamadas *Congressos eucharisticos.* Jerusalem, Londres, Metz, Colonia, Montreal, Vienna, Malta, presenciaram inauditos triumphos de Jesus Christo e de seu Representante na terra.

Ali aparecem delegados dos dois continentes gritando seu amor indefectivel ao Papa e sua fé profunda na realeza de Jesus Christo. No congresso de Montreal, mais de 20.000 moços de todas as partes do globo acclamavam o Pontifice-rei ; 30.000 meninos desfilavam diante de seu legado, 80.000 homens faziam escolta ao Deus da Eucharistia na procissão onde todas as autoridades civis estavam presentes.

Após essas considerações que emprestamos a Mnr. Guibert, ao P. Bailly, podemos concluir que a palavra e os actos de Pio X forem comprehendidos e correspondidos. Todos os bons christãos veneram o Santo Padre. Seja Pio ou Leão, o nome delle, glorioso ou perseguido, filho de principe ou filho de pastores, — e digamos tudo : proceda elle como santo ou como peccador, esse homem, Alexandre VI como Pio X, representa Jesus Christo. Mesmo no herdeiro indigno, essa dignidade altissima não pode falhar. Atraz do pastor visivel, nossa homenagem consciente sobe para aquelle que Pedro chamava « o Pastor e o Bispo das nossas almas ».

Entretanto não é menos verdade que a obediencia, o amor torna-se facil quando deparamos no Vigario

legitimo de Christo na terra a santidade da vida, o espirito de fé, a grandeza e a generosidade das vistas, o zelo activo e prudente.

Agradeçamos a Providencia que não nos desampara nos tempos ominosos que atravessamos e nos dá Papas como Pio IX, Leão XIII, Pio X.

Sigamos a norma que nos traçam, embora isso custe sacrificios. « Uma força mysteriosa ha de ter sempre o sacrificio. Seja qual fôr a forma sob a qual elle se mostra, assim que o avistamos, estamos commovidos. Com seu sangue fecundo, regenera eternamente o mundo. E caia por acaso uma só gota deste sangue em nosso coração, ainda no inverno, ainda debaixo de um céu de gelo , logo desabrocha uma flôr ardente. »

Ao terminar contemplemos o rosto bondoso e expressivo de Pio X, seu olhar firme e claro, sua fronte resoluta, seu sorriso um tanto triste. Eis, segundo a interpretação de um autor o que nos diz a todos essa physionomia paternal :

« Deixai, filhos meus, dispersos debaixo de todos os céus, genios portentosos ou neophytos libertados de ha pouco da canga da idolatria, deixai os grandes doutores catedraticos agitarem-se, deixai que disputem os docentes do erro e da mentira ; deixai aquelles que se vão ; ai ! deixai-os partir. Quizeram ser mestres ; as sublimes lições do Filho unico, cuidavam elles no seu desvario monstruoso, não eram mais adequadas á cultura de sua mente ilustrada.

« Eil-os fóra do aprisco, e passam mal ; andam maltrapilhos, despidos e sentem frio. Escutai-os : não sabem mais donde vêm, nem si ha um Pae que proteja sua vida, nem mesmo si esta vida tem algum sentido, algum fim.

« O' filhos muito amados, ficai unidos com vosso Pastor ; conservai amorosamente o tesouro que alimentou vossos antepassados, conservai as esperan-

ças daquelles que hão de vir, a fonte das alegrias eternas. Estabelecei vossa vida nesses alicerces fóra dos quaes não se construirá cousa alguma que dure e permaneça. »

III. *Conclusão geral.* — Está completo o quadro das phases diversas que atravessou a Igreja desde dezenove seculos. Temos visto esta Igreja, guarda da verdade sobre a terra, conservar sempre incolume, ileso, o precioso deposito, desenvolver a doutrina somente de acordo com as precisões dos tempos e dos povos, resguardal-a contra todos os ataques, opôr decisões claras e precisas ás falsas interpretações da heresia, e ás elucubrações fantasistas do racionalismo moderno. Mãe da civilisação, protectora das sciencias, bemfeitora do genero humano, a Igreja catolica continuou a obra do seu divino fundador, derramando a luz por toda a parte, por toda a parte semeando os beneficios da sua caridade.

Ao terminar a nossa peregrinação pelos campos da historia, saudemos com respeito e amor nossa mãe estremecida, a santa Igreja. Por dezenove seculos ouvimos-lhe a voz sempre carinhosa ; admiramos seus oraculos divinos ; a cada passo vimos o seu papel benefico e civilisador ! O apostolo são Paulo escreveu esta palavra prophetica : « O Christo era hontem ; elle é hoje, ha de ser na eternidade. » (*Hebr.*, I, 11). O mesmo se dá com a Igreja e a verdade que ella anuncia. Sim, o que Jesus Christo afirmava, afirma-o a Igreja ; o que Jesus Christo negava, nega-o a Igreja ; o que Jesus Christo revelava, ella, por sua vez, o revela : é a mesma verdade que rebôa, igualmente viva, pelo mundo inteiro, verdade incorruptivel, verdade imutavel. Entretanto não é a imobilidade do tumulo, esta : o symbolo catolico opera seu esplendido desabrochar atravez dos seculos ; aumenta, como seu divino Fundador ia crescendo em idade e sabedoria. A doutrina

de Jesus Christo, completa, logo que esteve acabada a pregação, mostra sempre novas riquezas ocultas outrora, e não deixará de se desenvolver « até o dia em que chegamos todos á unidade de uma mesma fé » ou antes á contemplação definitiva da verdade eterna e absoluta.

A Deus só honra e gloria!

INDICE

PRIMEIRA PARTE

HISTORIA DA RELIGIÃO

LIÇÃO PRELIMINAR

I

A religião primitiva

OU LEI DA NATUREZA

NOÇÕES PRELIMINARES

CAPITULO I

A CREAÇÃO ATÉ O DILUVIO

CAPITULO II

DO DILUVIO ATÉ A VOCAÇÃO DE ABRAHÃO

CAPITULO III

DESDE A VOCAÇÃO DE ABRAHÃO ATÉ MOYSÉS OU A LEI ESCRIPTA

II

A religião mosaica

OU LEI ESCRIPTA

NOÇÕES PRELIMINARES

CAPITULO I

A LEI DO SINAI

ARTIGO I

AS CRENÇAS OU DOGMAS DA RELIGIÃO MOSAICA

ARTIGO II

A MORAL NA RELIGIÃO MOSAICA

ARTIGO III

O CULTO NA LEI MOSAICA

CAPITULO II

DESDE A PROMULGAÇÃO DA LEI ATÉ A CONSAGRAÇÃO DO TEMPLO DE SALOMÃO

ARTIGO I

MOYSÉS E A ESTADA DO ISRAELITAS NO DESERTO

CAPITULO I

DESDE O NASCIMENTO DE JESUS CHRISTO ATÉ O SEU MINISTERIO PUBLICO.

CAPITULO II

A VIDA PUBLICA DE JESUS CHRISTO

CAPITULO III

A LEI EVANGELICA

ARTIGO I

O DOGMA CHRISTÃO

ARTIGO II

A MORAL CHRISTÃ

ARTIGO III

A GRAÇA E OS SACRAMENTOS

ARTIGO IV

O CULTO CHRISTÃO

CAPITULO IV

OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS DA VIDA MORTAL DE JESUS CHRISTO

ARTIGO I

A PAIXÃO E A MORTE DE JESUS CHRISTO

ARTIGO II

A VIDA GLORIOSA DE JESUS CHRISTO

APENDICE

FIM DA NACIONALIDADE JUDAICA

SEGUNDA PARTE

HISTORIA DA IGREJA

LIÇÃO PRELIMINAR

I

A Igreja primitiva

LUTA E TRIUMPHO

NOÇÕES PRELIMINARES

CAPITULO I

A IGREJA E SUAS PRIMEIRAS CONQUISTAS SOBRE O JUDAISMO E O PAGANISMO

ARTIGO I

ESTABELECIMENTO DA IGREJA

ARTIGO II

DIFUSÃO DA IGREJA

ARTIGO III

OS ENSINAMENTOS APOSTOLICOS

CAPITULO II

A IGREJA E AS PERSEGUIÇÕES

ARTIGO I

A LUTA SANGRENTA CONTRA AS PERSEGUIÇÕES

ARTIGO II

LUTA VICTORIOSA CONTRA A HERESIA E O PHILOSOPHISMO PAGÃO

ARTIGO III

ESCRIPTORES APOLOGISTAS DOS SECULOS II E III

ARTIGO IV

A IGREJA TRIUMPHANTE DEBAIXO DE CONSTANTINO

CAPITULO III

A IGREJA VICTORIOSA DAS HERESIAS

ARTIGO I

O ARIANISMO

ARTIGO II

O PELAGIANISMO

CAPITULO IV

PHYSIONOMIA GERAL DA IGREJA DURANTE OS PRIMEIROS SECULOS

II

A Igreja na Idade Media

FORMAÇÃO E GOVERNO DOS ESTADOS CHRISTÃOS

NOÇÕES PRELIMINARES

CAPITULO I

A IGREJA E A BARBARIA

ARTIGO I

ACÇÃO DA IGREJA SOBRE OS QUATRO PRINCIPAES REINOS BARBAROS DO OCCIDENTE. — A ORDEM BENEDICTINA

ARTIGO II

QUESTÕES RELIGIOSAS NO ORIENTE

ARTIGO III

CONVERSÃO DOS NOVOS POVOS DO OCCIDENTE

ARTIGO IV

PHYSIONOMIA DA NOVA SOCIEDADE

CAPITULO II

A IGREJA E O MAHOMETISMO

ARTIGO I

O MAHOMETISMO

ARTIGO II

O MONOTHELISMO

ARTIGO II

A PRIMEIRA METADE DO SECULO X

ARTIGO III

O NOVO IMPERIO DO OCCIDENTE

ARTIGO IV

RENASCIMENTO CHRISTÃO

ARTIGO V

CONSUMAÇÃO DO SCISMA GREGO

CAPITULO V

A IGREJA E O IMPERIO

ARTIGO I

AS INVESTIDURAS. — PRIMEIRA LUTA DO PAPADO CONTRA O IMPERIO

ARTIGO II

SÃO BERNARDO E SUA EPOCA

ARTIGO III

SEGUNDA LUTA DO PAPADO CONTRA O IMPERIO ALEMÃO

ARTIGO IV

APOGEU DO REINADO DA IGREJA

ARTIGO V

TERCEIRA LUTA DO PAPADO CONTRA O CESARISMO ALEMÃO

ARTIGO VI

ESPLENDORES DE UM REINADO CHRISTÃO

ARTIGO VII

O FIM DO SECULO XIII

CAPITULO VI

A IGREJA E O GRANDE SCISMA DO OCCIDENTE

ARTIGO I

PERMANENCIA DOS PAPAS EM AVINHÃO

ARTIGO IV

VISTA DE CONJUNTO SOBRE O SECULO XVII

CAPITULO III

A IGREJA E O PHILOSOPHISMO

ARTIGO I

REAÇÃO JANSENISTA

ARTIGO II

O IMPERIO DO PHILOSOPHISMO

ARTIGO III

CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIEDADE DO SECULO XVIII

CAPITULO IV

A IGREJA E A REVOLUÇÃO

ARTIGO I

ATENTADOS DA REVOLUÇÃO

ARTIGO II

PERIODO NAPOLEONICO

ARTIGO III

A IGREJA EM FACE DOS ERROS MODERNOS ORIUNDOS DA REVOLUÇÃO

ARTIGO IV

O GRANDE PONTIFICADO DE PIO IX

ARTIGO V

CONSIDERAÇÕES GERAES SOBRE O SECULO XIX

ARTIGO VI

Lyon, — Imp. Emmanuel Vitte, rue de la Quarantaine.

NA MESMA COLLECÇÃO:

CATECISMOS, BROCHURAS PARA RETIROS

Maria ensinada á mocidade; catecismo desenvolvido sôbre Nossa Senhora; fala da suas promessas, da sua vida, devoção e culto.

O Sagrado Coração ensinado á mocidade; catecismo sôbre o amoroso Coração de Jesus.

O Mínimo de Catecismo, para a Primeira Communhão precoce.

O Anjo Intructor da Primeira Communhão. — E' uma brochura illustrada, para os que se preparam a receber Nosso Senhor pela primeira vez; contém uma série de instrucções, exemplos, conselhos práticos e vem precedida do Decreto de Pio X sôbre a communhão precoce das crianças.

Os Novíssimos; — brochura illustrada; fala das verdades eternas: a morte, o juizo particular e universal, o inferno e céu; combate a leviandade do espírito e frivolidade do coração.

Preciso evitar o inferno. — Outra brochura que dá excellentes pensamentos sôbre o ponto importantíssimo de salvar a alma e evitar a desgraça irremediável de perdê-la para sempre.

Reflexões sôbre a eternidade. — Trata de mostrar a duração illimitada da eternidade por meio de engenhosas comparações e tira a conclusão que devemos arranjar uma eternidade bôa e evitar, custe o que custar, de perder a alma por toda a eternidade.

Arsenal de Convicções cathólicas. — E' um opúsculo do saudoso Padre Desurmont; de modo conciso, apresenta a maior parte dos artigos da fé cathólica, sobretudo os que são mais práticos para guiar nossa vida diaria.

A Meditação facilitada, ou Catecismo da oração mental, pelo P. Achilles Desurmont. — São páginas de doutrina segura, cheias de clareza e de simplicidade, que encantam as almas ávidas de amar a Deus. E' difficil expôr de modo mais claro e ameno o méthodo de meditar com fructo sôbre qualquer assumpto.

Méthodo para conversar com Deus. — E' uma nova edição de um opúsculo muito estimado do P.e Boutault, que se poderia intitular: *Collóquios íntimos com Deus*. Guia e facilita a oração mental; apresenta numerosos conselhos práticos a êste respeito.

Culto aos Santíssimos Nomes de Jesus, Maria, José. — São poucas páginas com o fim de despertar o amor desta trindade terrestre: Jesus, Maria e José, e suscitar frequentes e amorosas invocações a estes bemditos nomes.

MEZES DE DEVOÇÃO

Mez de Maria, *por C. Laurent,* 232 páginas; serve para escolas, catecismos, igrejas, famílias; para cada dia, apresenta uma leitura, um exemplo e uma oração.

Maio nos Collégios e nas Escolas, 175 páginas; é feito especialmente para a mocidade escolar; os exemplos; as leituras e as práticas de cada dia são de jovens santos e destinam-se á juventude.

A' Gruta de Massabielle, *com a Virgem de Lourdes durante o mez de Maio;* 203 páginas; é toda a história de Lourdes, narrada de modo captivante, durante os 31 dias do mez de Nossa Senhora.

Mez do Sagrado Coração de Jesus. — 32 páginas. Curtas leituras para cada dia do mez de Junho.

Mez de São José, *por Masson;* illustrado, 44 páginas; uma leitura e um exemplo edificante para cada dia do mez de março.

Para outros livros, pedir o catálogo. — 2.ª — XI—35.